

# FRONTEIRAS

## da Globalização

O espaço geográfico  
globalizado

MANUAL DO PROFESSOR

# Geografia

Ensino Médio



Lúcia Marina

Tércio

ea

editora ática



# FRONTEIRAS da Globalização

O espaço geográfico globalizado

# 2

## Geografia

Ensino Médio

**MANUAL DO PROFESSOR**

### Lúcia Marina Alves de Almeida

Bacharela e licenciada em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, da PUC-SP  
Professora de Geografia no Ensino Fundamental e no Ensino Médio das redes pública e particular do estado de São Paulo

### Tércio Barbosa Rigolin

Bacharel e licenciado em História pela USP  
Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Unesp, *campus* de Araraquara  
Professor de Geografia no Ensino Fundamental e no Ensino Médio das redes pública e particular do estado de São Paulo

3ª edição  
São Paulo, 2016

**ea**

editora ática



**editora ática**

**Diretoria editorial**  
Lidiane Vivaldini Olo

**Gerência editorial**  
Luiz Tonolli

**Editoria de Ciências Humanas**  
Heloisa Pimentel

**Edição**  
Francisca Edilania de Brito Rodrigues e Aroldo Gomes Araujo

**Gerência de produção editorial**  
Ricardo de Gan Braga

**Arte**  
Andréa Dellamagna (coord. de criação),  
Adilson Casarotti (progr. visual de capa e miolo),  
Claudio Faustino (coord. e edição)  
e Arte Ação (diagram.)

**Revisão**  
Hélia de Jesus Gonsaga (ger.),  
Rosângela Muricy (coord.), Célia da Silva Carvalho,  
Luís Maurício Boa Nova, Heloísa Schiavo,  
Paula Teixeira de Jesus e Patrícia Travanca;  
Brenda Morais e Gabriela Miragaia (estagiárias)

**Iconografia**  
Sílvio Kligin (superv.), Denise Durand Kremer (coord.),  
Ana Vidotti (pesquisa), Cesar Wolf e Fernanda  
Crevin (tratamento de imagem)

**Ilustrações**  
Alex Argozino, Ingeborg Asbach, Luis Moura  
e Antônio Robson

**Cartografia**  
Eric Fuzii, Julio Dian, Márcio Souza, Portal de Mapas  
e Juliana Medeiros de Albuquerque

**Foto da capa:** Trânsito em cidade chinesa.  
Song Image Library/Getty Images

**Protótipos**  
Magali Prado

---

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.  
Avenida das Nações Unidas, 7221, 3ª andar, Setor A  
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902  
Tel.: 4003-3061  
[www.atica.com.br](http://www.atica.com.br) / [editora@atica.com.br](mailto:editora@atica.com.br)

---

**2016**

ISBN 97885 08 17975 6 (AL)  
ISBN 97885 08 17976 3 (PR)  
Cód. da obra CL 713365  
CAE 566 163 (AL) / 566 164 (PR)

3ª edição  
1ª impressão

Impressão e acabamento



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Almeida, Lúcia Marina Alves de  
Fronteiras da globalização / Lúcia Marina Alves  
de Almeida, Tércio Barbosa Rigolin. -- 3. ed. --  
São Paulo : Ática, 2016.

Obra em 3 v.  
Conteúdo: V.1. O mundo natural e o espaço  
humanizado -- v.2. O espaço geográfico globalizado  
-- v.3. O espaço brasileiro : natureza e trabalho.  
Bibliografia.

1. Geografia (Ensino médio) I. Rigolin, Tércio  
Barbosa. II. Título.

16-02164

CDD-910.712

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Geografia : Ensino médio 910.712



# Apresentação

Geografia assumiu um papel muito importante nesta época em que as informações são transmitidas pelos meios de comunicação com muita rapidez e em grande volume.

É impossível acompanhar e entender as mudanças e os fatos ou fenômenos que ocorrem no mundo sem ter conhecimentos geográficos.

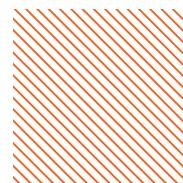
É no espaço geográfico — conceito fundamental da Geografia — que se dão as manifestações da natureza e as atividades humanas. Compreender a organização e as transformações ocorridas nesse espaço é essencial para a formação do cidadão consciente e crítico dos problemas do mundo em que vive. O papel do professor de Geografia, nesse caso, é pensar no aluno como agente atuante e modificador do espaço geográfico, formado dentro de uma proposta educacional que requer responsabilidade de todos, visando construir um mundo mais ético e menos desigual.

Organizamos uma obra com os conteúdos integrados, na qual estão intimamente relacionados o físico e o humano, o local e o global. Procuramos propor atividades que privilegiam a reflexão, a atualidade das informações e a construção da cidadania. Acreditando que a busca do conhecimento é um processo único e que a Geografia faz parte desse processo, incluímos atividades interdisciplinares em todos os volumes.

Os dois primeiros volumes da coleção abordam os contrastes que marcam o espaço geográfico: naturais, políticos, humanos, tecnológicos, econômicos e supranacionais. Com isso pretendemos mostrar que, mesmo em um mundo globalizado, encontramos inúmeras contradições e desigualdades. O terceiro volume apresenta um retrato do Brasil, país vasto e com paisagens muito variadas.

Agora é com você. Descubra uma nova forma de estudar Geografia e prepare-se para contribuir para a construção de uma sociedade mais tolerante, mais humana e mais solidária.

Os autores









# Sumário

## UNIDADE 1

### O CAPITALISMO E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GLOBALIZADO ..... 9

#### CAPÍTULO 1

##### Do capitalismo comercial à revolução do conhecimento ..... 10

- O desenvolvimento do capitalismo ..... 10
- Capitalismo comercial ou pré-capitalismo ..... 11
- Capitalismo industrial ..... 12
- Capitalismo financeiro ou monopolista ..... 13
- Capitalismo informacional ..... 17
- As crises do capitalismo na globalização ..... 19
- Refletindo sobre o conteúdo* ..... 21

#### CAPÍTULO 2

##### A Guerra Fria e o mundo bipolar ..... 22

- Um novo capitalismo e a criação da ONU ..... 22
- Capitalismo x socialismo ..... 23
- O conflito Leste-Oeste: a ordem geopolítica pós-guerra ..... 27
- O fim da Guerra Fria ..... 30
- Refletindo sobre o conteúdo* ..... 30

#### CAPÍTULO 3

##### A globalização e a economia-mundo ..... 31

- A multipolaridade e o conflito Norte-Sul ..... 31
- A globalização e a economia-mundo ..... 33
- O outro lado da globalização ..... 37
- Refletindo sobre o conteúdo* ..... 39

#### CAPÍTULO 4

##### O mundo no século XXI: economia e geopolítica ..... 40

- Um mundo em transformação ..... 40
- Brics: emergentes diferenciados ..... 43
- Refletindo sobre o conteúdo* ..... 47

##### CONCLUINDO A UNIDADE 1 ..... 48

- Testes e questões ..... 48
- Outras fontes de reflexão e pesquisa ..... 56

## UNIDADE 2

### DESENVOLVIMENTO HUMANO E ECONÔMICO: DESIGUALDADES NO MUNDO GLOBALIZADO ..... 57

#### CAPÍTULO 5

##### Pobreza e fome no mundo globalizado ..... 58

- A Declaração do Milênio ..... 58
- Pobreza: como definir e avaliar ..... 59
- Pobreza e fome ..... 62
- Refletindo sobre o conteúdo* ..... 64

#### CAPÍTULO 6

##### Desigualdades entre os gêneros e entre as etnias ..... 65

- Um mundo globalizado, mas muito desigual ..... 65
- Diálogos - Racismo: África do Sul e Brasil* ..... 70
- Refletindo sobre o conteúdo* ..... 72

#### CAPÍTULO 7

##### Desigualdades no mundo não desenvolvido ..... 73

- De terceiro mundo a mundo em desenvolvimento ..... 73
- Diversidade dos países não desenvolvidos ..... 75
- Problemas do mundo não desenvolvido ..... 77
- Refletindo sobre o conteúdo* ..... 80

#### CAPÍTULO 8

##### África subsaariana e América Latina ..... 81

- Duas regiões não desenvolvidas ..... 81
- África subsaariana ..... 81



Roberto Machado Noal/LightRocket/Getty Images

América Latina.....	91
Refletindo sobre o conteúdo.....	94
<b>CONCLUINDO A UNIDADE 2</b> .....	<b>95</b>
Testes e questões.....	96
Outras fontes de reflexão e pesquisa.....	101

### UNIDADE 3

## ATIVIDADES PRIMÁRIAS NA GLOBALIZAÇÃO.....102

<b>CAPÍTULO 9</b>	
<b>A agropecuária: agrossistemas, produção e comércio internacional</b> .....	<b>103</b>
A agropecuária: uma atividade muito antiga.....	103
Refletindo sobre o conteúdo.....	112

<b>CAPÍTULO 10</b>	
<b>Os recursos minerais e as fontes de energia</b> .....	<b>113</b>
Recursos minerais.....	113
Fontes de energia.....	115
Refletindo sobre o conteúdo.....	123

<b>CONCLUINDO A UNIDADE 3</b> .....	<b>124</b>
Testes e questões.....	125
Outras fontes de reflexão e pesquisa.....	128

### UNIDADE 4

## A INDÚSTRIA NO MUNDO GLOBALIZADO.....129

<b>CAPÍTULO 11</b>	
<b>A atividade industrial: evolução e distribuição</b> .....	<b>130</b>
A Revolução Industrial.....	130
Tipos de indústria.....	133
Localização industrial: concentração e dispersão.....	134
Industrialização clássica e industrialização tardia ou recente.....	135
Refletindo sobre o conteúdo.....	139

<b>CAPÍTULO 12</b>	
<b>Reino Unido e França: pioneiros na industrialização</b> .....	<b>140</b>
Reino Unido.....	140
O Reino Unido no século XXI.....	144
França.....	145
Refletindo sobre o conteúdo.....	148

<b>CAPÍTULO 13</b>	
<b>Estados Unidos: pioneiro industrial das Américas</b> .....	<b>149</b>
Estados Unidos.....	149
<i>Diálogos - Relações Estados Unidos-Cuba (1898-2015)</i> .....	158
Refletindo sobre o conteúdo.....	160

<b>CAPÍTULO 14</b>	
<b>Japão e Alemanha: países de industrialização clássica tardia</b> .....	<b>161</b>
Alemanha.....	161
Japão.....	167
Refletindo sobre o conteúdo.....	172

<b>CAPÍTULO 15</b>	
<b>Rússia: de potência a país emergente</b> .....	<b>173</b>
A herança soviética.....	173
A Rússia no século XXI.....	177
Refletindo sobre o conteúdo.....	183

<b>CAPÍTULO 16</b>	
<b>China: a segunda economia do mundo</b> .....	<b>184</b>
China.....	184
A China na globalização.....	191
Refletindo sobre o conteúdo.....	196



nathief/Shutterstock



Guillaume Pinon/NurPhoto/Corbis/Fotostorena

**CAPÍTULO 17**  
**Novos países industrializados** ..... 197  
 Industrialização tardia ..... 197  
 Refletindo sobre o conteúdo ..... 209

**CAPÍTULO 18**  
**Índia, o novo “escritório” do mundo globalizado?** ..... 211  
 Evolução da economia ..... 211  
 População e urbanização: diversidade, pobreza e desigualdade ..... 217  
 A Índia no contexto global ..... 218  
 Refletindo sobre o conteúdo ..... 219

**CONCLUINDO A UNIDADE 4** ..... 220  
 Testes e questões ..... 220  
 Outras fontes de reflexão e pesquisa ..... 224

**UNIDADE 5**  
**AS ATIVIDADES TERCIÁRIAS E AS FRONTEIRAS SUPRANACIONAIS** ..... 225

**CAPÍTULO 19**  
**Os transportes, as telecomunicações e o turismo** ..... 226  
 Os sistemas de transporte ..... 226  
 As redes de comunicação e de informação ..... 234  
 A atividade turística ..... 236  
 Diálogos – Turismo: olhar além da paisagem ..... 238  
 Refletindo sobre o conteúdo ..... 240

**CAPÍTULO 20**  
**O comércio multilateral e os blocos regionais** ..... 241  
 A Organização Mundial do Comércio ..... 241  
 O mundo em blocos ..... 246  
 Refletindo sobre o conteúdo ..... 250

**CAPÍTULO 21**  
**Europa: o continente dos blocos econômicos** ..... 251  
 União Europeia ..... 251  
 O Espaço Econômico Europeu ..... 257  
 Diálogos – O desafio da imigração na Europa: problema enorme para soluções pequenas ..... 258  
 Refletindo sobre o conteúdo ..... 260

**CAPÍTULO 22**  
**CEI: Comunidade dos Estados Independentes** ..... 261  
 O que é a CEI ..... 261  
 Os países da CEI ..... 263  
 Refletindo sobre o conteúdo ..... 271

**CAPÍTULO 23**  
**Organismos internacionais, transnacionais e organizações não governamentais** ..... 272  
 Os organismos financeiros internacionais ..... 272  
 As empresas transnacionais ..... 276  
 Organizações não governamentais (ONGs) ..... 278  
 Refletindo sobre o conteúdo ..... 279

**CONCLUINDO A UNIDADE 5** ..... 280  
 Testes e questões ..... 281  
 Outras fontes de reflexão e pesquisa ..... 285

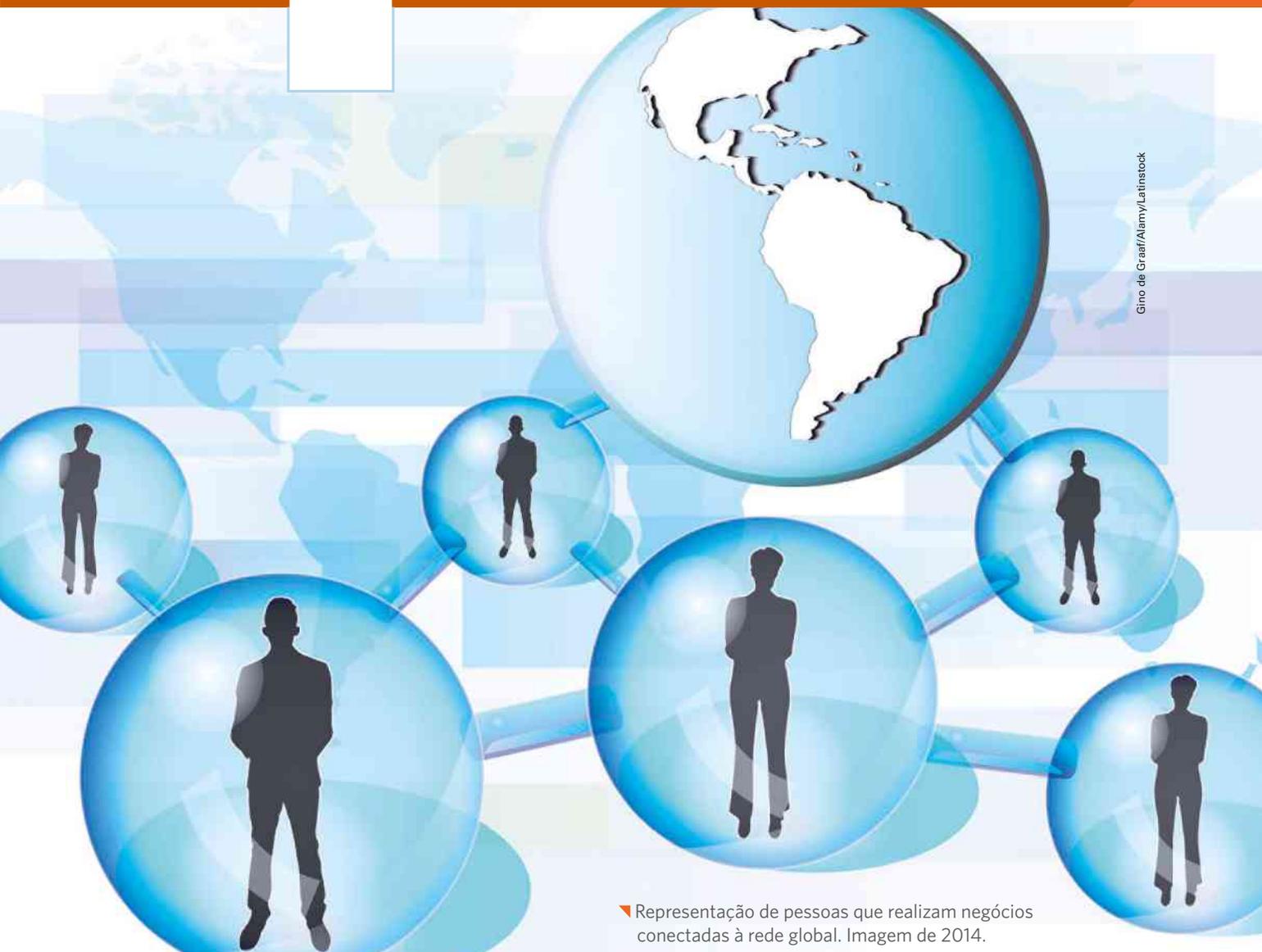
**SIGNIFICADO DAS SIGLAS** ..... 286  
**BIBLIOGRAFIA** ..... 287

By: Riche Chan



## O capitalismo e a organização do espaço globalizado

Gino de Graaf/Alamy/Latinstock



▼ Representação de pessoas que realizam negócios conectadas à rede global. Imagem de 2014.



*Uma nova economia surgiu em escala global nas duas últimas décadas. Chamo-a de informacional e global [...].*

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2009. p. 119. (Adaptado.)

A globalização e a sociedade da informação caracterizam a economia mundial. Até atingir esse estágio, o mundo viveu um longo processo de surgimento e mudanças de teorias e sistemas econômicos e, principalmente, de novas tecnologias, como veremos nesta Unidade.

# Do capitalismo comercial à revolução do conhecimento

KTSDESIGN/SPL RF/Latinstock



▼ Estabelecimentos bancários, cartões de crédito, talões de cheques, aplicações financeiras, **mercado de capitais**, cotação das Bolsas de Valores, do dólar e do ouro — termos estreitamente relacionadas ao dinheiro e tão familiares no cotidiano das pessoas — compõem o mecanismo que faz funcionar o sistema econômico e social que rege o mundo de hoje: o capitalismo. Na imagem de 2015, moedas e notas junto a um globo de metal.

## 0 desenvolvimento do capitalismo

O capitalismo teve origem na Europa, entre os séculos XIII e XIV, com o renascimento urbano e comercial e o surgimento de uma nova classe social: a **burguesia**, que se dedicava ao comércio e a atividades financeiras.

A partir do século XV, com as Grandes Navegações, expandiu-se para outros lugares do mundo (Ásia, África, América, Oceania), que foram integrados à economia mundial como colônias.

Os principais mecanismos do capitalismo se alteraram ao longo do tempo para se adaptarem às novas formas de relações políticas e econômicas

estabelecidas entre as nações. Para entender melhor sua evolução, vamos considerar quatro fases principais nesse processo: *capitalismo comercial ou pré-capitalismo*; *capitalismo industrial*; *capitalismo financeiro ou monopolista*; e *capitalismo informacional*.

**Mercado de capitais:** é um sistema que reúne atividades ligadas ao capital financeiro. É representado por bancos comerciais e de investimentos, Bolsas de Valores e sociedades corretoras. Esses agentes negociam ações, títulos públicos e privados, moedas (câmbio) e *commodities* (produtos agrícolas e minerais).

**Burguesia:** classe social do regime capitalista, composta de banqueiros, industriais, comerciantes (de roupas, joias e especiarias), etc. O termo *burguesia* surgiu na Idade Média e recebeu esse nome porque os indivíduos que pertenciam a essa classe social viviam nos burgos, ou seja, cidades afastadas e protegidas por um muro.

## Capitalismo comercial ou pré-capitalismo

Corresponde ao período das Grandes Navegações e do **colonialismo**, quando novas terras, principalmente do continente americano, ou Novo Mundo, tornaram-se conhecidas, como se pode ver no mapa abaixo.

Nessa época, países da Europa ocidental (Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Holanda) conquistaram vastas áreas na América e fizeram dos territórios recém-conquistados suas colônias.

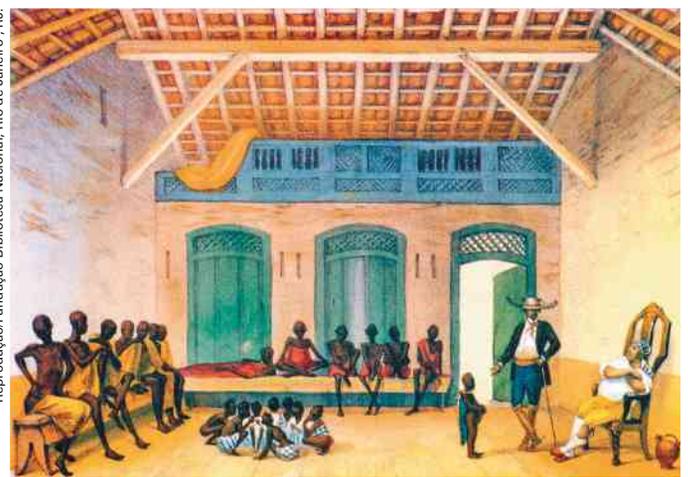
A descoberta de novas rotas marítimas criou condições para que as potências europeias da época se lançassem ao mar em busca da expansão comercial, financiadas pelas companhias de comércio, instituições financeiras e monarquias absolutas.

As monarquias apoiavam o comércio segundo a doutrina mercantilista — um conjunto de práticas econômicas que vigorou na Europa entre o século XV e o final do século XVIII. Para garantir a prosperidade da nação, as políticas mercantilistas defendiam a forte intervenção do Estado na economia e pregavam a ideia de que a riqueza e a importância de um país eram medidas pela quantidade de metais

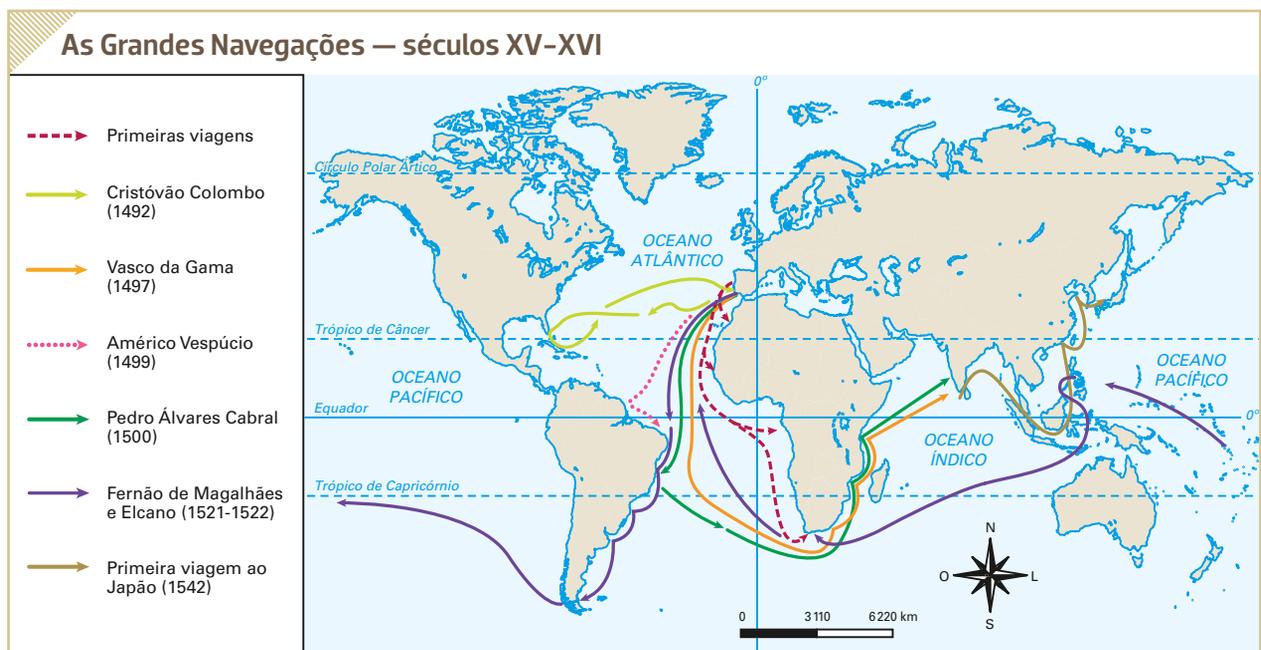
**Colonialismo:** conjunto de práticas políticas, econômicas e militares que visa à aquisição de territórios por meio da conquista e estabelecimento de colonos.

preciosos acumulados (metalismo). Assim, a política adotada deveria favorecer as exportações e diminuir as importações para criar uma *balança comercial favorável*.

O mercantilismo adotava também a política de protecionismo, uma série de medidas para proteger as manufaturas nacionais, obrigando as colônias a seguirem o pacto colonial — elas poderiam fazer comércio apenas com sua respectiva metrópole, fornecendo matérias-primas e comprando seus produtos manufaturados.



▶ O lucro com o comércio de escravizados permitiu significativa “acumulação primitiva de capitais”, que era remetido integralmente à metrópole. Na imagem, *Mercado da rua do Valongo*, litografia de Jean-Baptiste Debret (1834-1839).



Adaptado de: DUBY, Georges. *Atlas Historique Mondial*. Paris: Larousse, 2007. p. 40.

▶ As potências europeias, principalmente Portugal e Espanha, enriqueceram-se e fortaleceram-se com a atividade comercial e o colonialismo desse período.

Os lucros obtidos com o comércio colonial eram muito altos e essa rentabilidade permitiu o acúmulo de capitais, que muitos estudiosos chamam “acumulação primitiva de capitais”. Mais tarde, esse capital acumulado financiou a Revolução Industrial. Por esse motivo, o período comercial do capitalismo pode ser chamado *pré-capitalismo*, pois permitiu o desenvolvimento do que muitos consideram o início do verdadeiro capitalismo: a sua fase industrial.

## Capitalismo industrial

Na segunda metade do século XVIII, quando a atividade produtiva era caracterizada pelo **artesanato** e pela **manufatura**, na Grã-Bretanha ocorreram várias mudanças tecnológicas, sociais e econômicas que ficaram conhecidas como Revolução Industrial, cuja primeira etapa durou de 1780 a 1860.

O surgimento e a expansão de invenções e do uso de novas fontes de energia, como a máquina a vapor movida a carvão, transformaram a produção de mercadorias e multiplicaram a produtividade do trabalho.

Assim, a manufatura tornava-se indústria, a sociedade e o capitalismo passavam a ser industriais, e a Grã-Bretanha tornou-se o centro financeiro e a grande “fábrica” do mundo.

Com a Revolução Industrial, houve também uma revolução nos meios de transporte: a criação do trem e do barco a vapor favoreceram a circulação de pessoas e de produtos industrializados.

Nessa etapa do capitalismo, desenvolveu-se a divisão entre *capital* e *trabalho*. Os *meios de produção* (fábricas, comércios, propriedades rurais, minas, etc.) e a *propriedade privada* se concentravam nas mãos de poucas pessoas: a burguesia, enquanto a maioria da população possuía apenas sua *força de trabalho*, que podia ser vendida mediante um salário.

A produção industrial tornou-se a maior fonte de lucro, e o trabalho assalariado passou a ser a relação típica do capitalismo: quem recebia salário acabava consumindo os produtos que ajudava a fabricar. No entanto, o lucro do capitalista não era proveniente apenas dessa relação.

Segundo Karl Marx (1818-1883), um dos maiores críticos do capitalismo, o lucro dos proprietários dos meios de produção advinha da prática da *mais-valia*. Na sociedade capitalista, o empregado produz mais lucro para o patrão do que o salário que lhe é pago. Por exemplo: o trabalhador tem uma jornada de seis horas diárias; entretanto, em cinco horas, ele produz um valor equivalente ao salário de seis horas, sendo o valor da outra hora apropriado pelo capitalista. Em resumo, o que é produzido nessa sexta hora é a *mais-valia*: o trabalho não pago ao operário e que é

**Artesanato:** arte e técnica do trabalho manual não industrializado, realizado por artesão, e que não é produzido em série.

**Manufatura:** caracteriza-se por um estágio intermediário entre o artesanato e a indústria que se desenvolveu a partir do século XVI na Europa. Baseava-se em atividades realizadas manualmente ou em máquina caseira.

▼ A Revolução Industrial facilitou a expansão dos transportes na Grã-Bretanha e em outros países europeus, como França, Alemanha, Itália e Rússia.



Adaptado de: LEBRUN, François (Dir.). *Atlas Historique*. Paris: Hachette, 2000. p. 38.

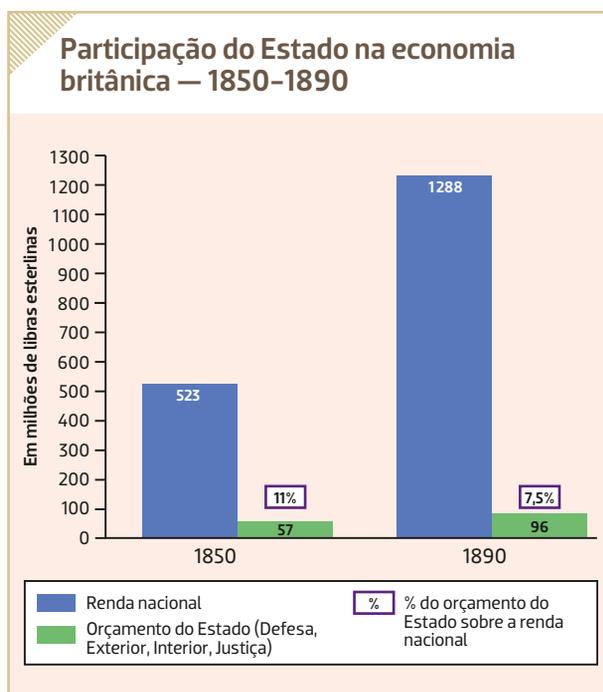
transformado em lucro pelo proprietário dos meios de produção ou capitalista.

Diferentemente do período mercantilista, durante o qual o Estado intervinha na economia, essa etapa do capitalismo se caracterizou pela intervenção cada vez menor do Estado, provocando mudanças que contribuíram para a consolidação do capitalismo como sistema econômico e para o surgimento de uma nova doutrina econômica: o liberalismo.

A teoria do *liberalismo econômico* foi defendida pelo economista e filósofo Adam Smith (1723-1790), em seu livro *A riqueza das nações*, publicado em 1776. Para ele, ao Estado caberia apenas zelar pela propriedade e pela ordem.

Segundo os princípios liberais, o capitalismo é um sistema de livre-iniciativa, cujo objetivo é o *maior lucro possível*. Trata-se de uma *economia de mercado* regulada pela lei da oferta e da procura, em que a concorrência estimula os empresários a reduzir custos e a investir em constantes inovações técnicas e tecnológicas.

Nesse período, as ideias liberais da burguesia passaram a dominar nos países europeus, atingindo principalmente a economia. Os economistas eram favoráveis à liberdade total do mercado, pois, segundo eles, a concorrência de preços promoveria o equilíbrio. Veja no gráfico abaixo como era pequena a participação estatal na economia com a política do liberalismo econômico.



Adaptado de: SÁNCHEZ, J. A. et al. *Atalaya: Historia del mundo contemporáneo*. Barcelona: Vicens Vives, 2008, p. 29.

No fim do século XIX, uma Segunda Revolução Industrial transformou outra vez a economia e a sociedade das potências europeias. A utilização de importantes descobertas científicas (automóvel, telefone) e de novas fontes de energia (petróleo e eletricidade), além do surgimento de uma nova organização de trabalho (especialização do trabalhador em uma etapa de produção), permitiram um grande desenvolvimento à produção industrial, ao comércio e aos transportes. Como consequência, as trocas comerciais se intensificaram, e alguns países fora da Europa se industrializaram: Estados Unidos, Canadá, Japão.

Ao mesmo tempo, as empresas experimentavam novas fórmulas financeiras e empresariais. O capitalismo industrial tornava-se também financeiro e, mais tarde, monopolista, quando bancos, corretoras de valores e grandes empresas iniciaram o processo de concentração de capital.



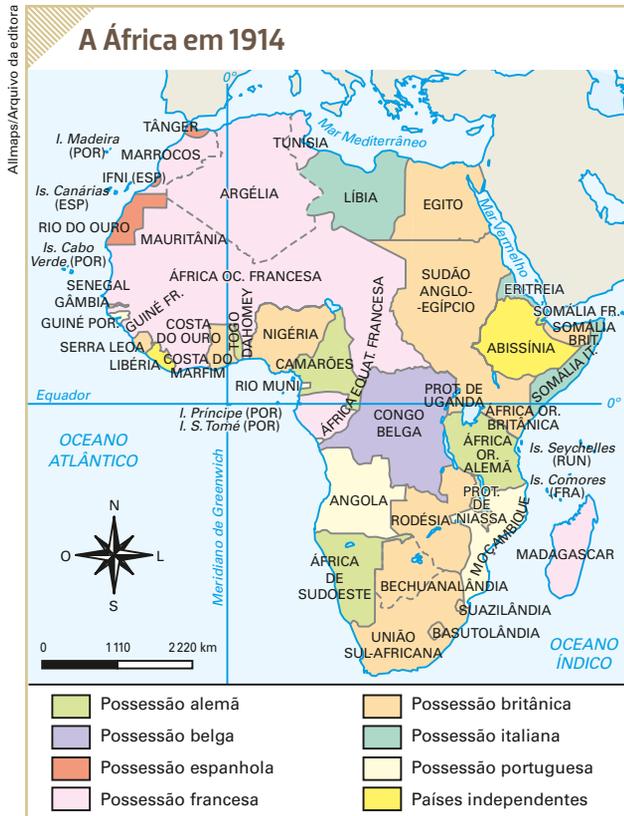
Everett Collection/Easypix.com.br

▼ Mulheres trabalhando em moinho de algodão que fornecia fios para tecelagem. Málaga, Espanha, em 1898.

## Capitalismo financeiro ou monopolista

O crescente aumento da produção e a expansão da indústria para outros países, no final do século XIX, desencadearam disputas por novos mercados consumidores e também por fornecedores de matérias-primas entre os países industrializados da Europa. Como nessa época muitas das antigas colônias na América já haviam conseguido sua independência, as potências europeias estenderam seus domínios para outros pontos do globo e partiram

em busca de novas colônias na África e na Ásia, dando início à partilha desses dois continentes, período que ficou conhecido como *imperialismo*, como se pode ver no mapa a seguir.



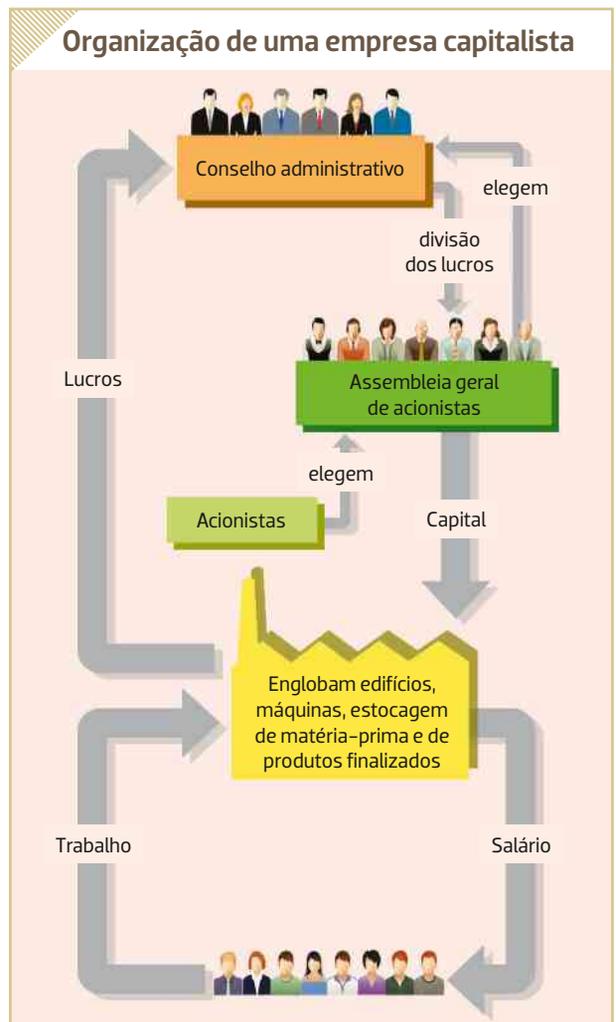
Adaptado de: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. *Atlas histórico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro: MEC/Fename, 1979. p. 152.

▼ A partilha imperialista da África reforçou o relacionamento que havia entre metrópoles e colônias no período do capitalismo comercial, consolidando uma **Divisão Internacional do Trabalho (DIT)**, na qual, agora, as metrópoles continuavam recebendo matérias-primas das colônias, mas enviavam para estas produtos industrializados no lugar dos manufaturados do colonialismo.

Nesse cenário, a atividade industrial e a economia passaram a ter um crescimento acelerado, e o funcionamento das empresas se tornou mais complexo, o que possibilitou aos bancos assumirem um novo papel. Assim, o capital tornou-se essencial para o funcionamento das empresas. Para atrair recursos, muitas empresas se tornaram *Sociedades Anônimas* (S.A.) e passaram a emitir **ações**. Nessas empresas, o capital é dividido em partes, as ações são distribuídas entre os sócios ou vendidas ao público.

**Divisão Internacional do Trabalho (DIT):** especialização dos países nas relações comerciais, que gera uma divisão produtiva entre países ou regiões.  
**Ação:** parcela em que se divide o capital de uma sociedade anônima.

Veja o esquema a seguir para entender melhor como se organiza uma empresa capitalista.



Adaptado de: SÁNCHEZ, J. A. et al. *Atalaya: Historia del mundo contemporáneo*. Barcelona: Vicens Vives, 2008. p. 27.

▼ O dono das ações (acionista) possui uma fração correspondente ao número de ações que detém e recebe uma parte proporcional dos lucros (dividendos). As ações são negociadas nas Bolsas de Valores, que funcionam como um mercado de capitais.

A união do capital industrial com o capital de financiamento (bancário) deu origem ao capital financeiro e fortaleceu os bancos como outro tipo de instituição financeira: os bancos de investimentos especializados em empréstimos a longo prazo, que participavam do capital das empresas. Desenvolveram-se as corretoras de valores e os grandes grupos empresariais, iniciando o processo de concentração de capital.

Com as fusões de empresas e os acordos entre bancos e indústrias, surgiram grandes corporações que passaram a controlar o mercado e a impor seus preços, tornando a livre concorrência bastante limitada.

A concentração de capital nas mãos de poucas pessoas ou empresas trouxe, como consequência, a *monopolização* e, depois, a *oligopolização* de vários setores da economia, que passaram a ser dominados por grandes grupos econômicos (veja o boxe a seguir).

Embora a formação de oligopólios limitasse a concorrência, o domínio do mercado pelas grandes corporações, em suas diferentes formas, contribuiu para levar o capitalismo a uma etapa ainda mais competitiva e, consequentemente, a uma grande concentração de capitais.

Nesse panorama, o liberalismo continuava a ser a política econômica, mas o Estado já dava os primeiros sinais de intervenção na economia. Essa intervenção ocorreu, sobretudo, quando a liberdade excessiva dos mercados, somada ao cenário mundial do período entreguerras, resultou na crise de 1929, em razão da quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Essa crise abalou o sistema capitalista e causou falências, diminuição da produção e desemprego generalizado. Diante disso, o papel econômico do Estado aumentou para evitar a repetição de uma crise de tão grande magnitude e para reestruturar a economia.

## Os monopólios e os oligopólios

Ocorre monopólio quando uma empresa domina a oferta de determinado produto ou serviço. Uma forma mais aprimorada de monopólio é o oligopólio, situação em que um grupo de empresas domina o mercado de determinado produto ou serviço.

As primeiras formas de concentração empresarial ocorreram no século XIX, principalmente nos setores ferroviário, têxtil, siderúrgico e petrolífero. Eram os *trustes*: forma de oligopólio que se desenvolve quando há um acordo entre empresas que abrem mão de sua independência legal e se unem para constituir uma única organização. Essas empresas se unem objetivando o controle total dos mercados e o fim da livre concorrência. Os trustes podem ser:

- *Horizontais*: constituídos por diversas empresas que trabalham com o mesmo ramo de produtos.
- *Verticais*: formados por empresas que cuidam de todo o processo de produção: desde a matéria-prima até o produto acabado. Por exemplo, uma empresa que controla a plantação de cana-de-açúcar e também a produção industrial de açúcar e álcool.

Quando empresas independentes ou trustes fazem produtos semelhantes e têm acordos entre si

para dominar o mercado desses produtos, estabelecendo valores comuns, divisão de mercados e eliminação da concorrência, tem-se a formação de *cartéis*. É o que ocorre, por exemplo, com as montadoras de veículos, empresas de tabaco, de exploração de petróleo, etc.

Por isso, em muitos países há leis que proíbem a formação de cartéis, uma vez que estes inibem a concorrência na área em que atuam e prejudicam o consumidor.



- ▼ No Brasil, a formação de cartel é crime, previsto na Nova Lei Antitruste (NLAB), aprovada em 2011. O órgão responsável pela fiscalização das empresas é o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), que faz parte do Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência (SBDC).

## Estado: empresário e planejador

O Estado reforçou seu duplo papel como agente econômico: o de *empresário*, como proprietário de empresas (estatais), e o de *planejador*. Assim, passou a intervir diretamente na economia.

O principal teórico e defensor da intervenção estatal na economia oligopolizada foi o inglês John

Maynard Keynes (1883-1946), em sua obra *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. Suas ideias ficaram conhecidas como *teoria keynesiana*, ou *keynesianismo*.

O keynesianismo deu início a uma época de importantes programas de intervenção pública, ação social e reativação de indústrias nacionais com políticas protecionistas.

O Estado do Bem-Estar Social (*Welfare State*) deveria suprir as necessidades básicas da população, preocupando-se com as condições de saúde e de trabalho, com a educação e o sistema previdenciário.

Em 1933, o democrata Franklin Delano Roosevelt, então presidente dos Estados Unidos, decidiu intervir na economia com um plano que se orientava pelas ideias de John Maynard Keynes. Esse plano ficou conhecido como *New Deal*, ou “Novo Acordo”, e foi fundamental para a recuperação da economia norte-americana. Entre as ações adotadas por Roosevelt destacam-se a geração de empregos em obras públicas, a criação do seguro-desemprego, o controle dos preços de produtos industrializados e agrícolas, o apoio aos pequenos empresários e agricultores, entre outras medidas.

No Brasil, a intervenção estatal na economia foi a marca da Era Vargas (1930-1945).



Apio/Hulton Archive/Getty Images

▼ Durante a década de 1930, pondo em prática a política do *New Deal*, o governo dos Estados Unidos criou empregos em “frentes de trabalho” que atuaram na recuperação de estradas, aeroportos e parques nacionais. Na foto, trabalhadores recuperam floresta de um parque nacional.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), novos acontecimentos mudaram a dinâmica do capitalismo, como veremos a seguir.

## Capitalismo financeiro depois da Segunda Guerra Mundial

Um dos grandes acontecimentos do século XX foi o fim dos impérios coloniais entre 1945 e 1975. As novas nações independentes, em sua maioria localizadas na África e na Ásia, passaram a fazer parte do grande bloco de países subdesenvolvidos, então chamados Terceiro Mundo, do qual também

faziam parte as antigas colônias da América, com exceção dos Estados Unidos e do Canadá.

Nesse contexto, estabeleceu-se a Divisão Internacional do Trabalho (DIT), denominação clássica que caracterizava as relações entre os países desenvolvidos e os países subdesenvolvidos não industrializados, como se pode ver no esquema a seguir.



Com a independência política do então Terceiro Mundo e a oligopolização dos mercados, as *empresas multinacionais*, hoje chamadas, mais apropriadamente, *transnacionais*, mantiveram a sede em seu país de origem e abriram unidades de produção em países subdesenvolvidos para conseguir menores custos de matéria-prima, mão de obra, incentivos fiscais e mercado consumidor. Isso criou condições para que esses países se industrializassem. Foi o que aconteceu com Brasil, México, Argentina, Índia e África do Sul, em uma primeira etapa, e, mais tarde, com Cingapura, Taiwan, Coreia do Sul e Hong Kong, os chamados Tigres Asiáticos.

Com a industrialização de alguns países subdesenvolvidos e a crescente movimentação de capitais na economia mundial, outra Divisão Internacional do Trabalho passou a vigorar com a DIT clássica, expressando as relações entre os países desenvolvidos e os países subdesenvolvidos industrializados.

Essa nova DIT é muito mais complexa, pois envolve o fluxo de mercadorias e de capital, de ambos os lados, isto é, os novos países industrializados deixaram de ser unicamente fornecedores de matéria-prima para os países desenvolvidos. Observe, no esquema abaixo, como se estabeleceram essas novas relações.



Em meados do século XX, com a superação da crise, a economia retomou seu crescimento, fazendo com que a concentração empresarial se tornasse mais complexa. Foi quando surgiram os conglomerados, constituídos por empresas que diversificam sua produção para dominar a oferta de determinados produtos ou serviços. Geralmente, os conglomerados são administrados por uma **holding**, que pode ser definida como o estágio mais avançado do capitalismo monopolista.

**Holding:** empresa criada para administrar outras. A holding detém a maioria das ações.

Rubens Chaves/Arquivo da editora/  
Citação das marcas apenas para fins didáticos.



▼ Em 2008 foi criada no Brasil a maior **holding** financeira do hemisfério sul com a fusão dos bancos Itaú e Unibanco. A Itaú Unibanco Holdings S.A., como foi denominada, faz parte de um conglomerado que atua também nos ramos de louças e metais sanitários, papel e celulose, informática e produtos químicos, administrado por uma **holding** maior, a Itaúsa. Sede da Itaúsa em São Paulo (SP). Foto de 2016.

Exemplos de conglomerados são a japonesa Mitsubishi, que fabrica desde automóveis até eletrônicos e canetas; a coreana LG, que em sua produção diversificada atua nos setores químico, de energia, de eletrônicos, de finanças e serviços, de telecomunicações e outros. Dentro dos conglomerados, pode-se também encontrar trustes verticais e horizontais.

Também nesse período surgiram novas invenções, como os primeiros computadores (1946), o **transistor** e os satélites artificiais, e novos materiais, como diversos tipos de plástico (desenvolvidos pela indústria petroquímica), fertilizantes agrícolas e inúmeros outros produtos que envolvem tecnologia de ponta e vultosos investimentos controlados por grandes corporações empresariais.

**Transistor:** componente eletrônico que desde 1950 é utilizado como amplificador e interruptor de sinais elétricos.

Como consequência da utilização das novas tecnologias, o capitalismo foi se tornando informacional e incorporou cada vez mais o conhecimento à atividade produtiva, levando a economia a iniciar sua jornada rumo à globalização.

## Capitalismo informacional

Após a segunda metade do século XX, os computadores e as tecnologias de comunicação se aperfeiçoaram e permitiram o armazenamento de dados e a transmissão de informação com velocidade cada vez maior. Isso tornou possível a reestruturação do modo de produção capitalista, fazendo com que esse sistema entrasse na era informacional. O processo industrial baseado em pesquisas que levaram ao desenvolvimento e aprimoramento das tecnologias de informação caracteriza a Terceira Revolução Industrial, ou Revolução Técnico-Científica-Informacional.

Segundo o sociólogo espanhol Manuel Castells (1942-), desde as décadas de 1960 e 1970, é possível falar em capitalismo informacional. A partir desse período, o conhecimento tornou-se tão importante que empresas passaram a investir bilhões de dólares em pesquisa e desenvolvimento (P&D). Nessa nova etapa do capitalismo, os avanços tecnológicos podem agregar mais valor aos produtos fabricados ou serviços oferecidos e proporcionar melhorias na produção por meio do processamento de informações e da expansão das atividades que fazem parte do setor terciário, como as atividades financeiras, os transportes e os serviços em geral.

Surge, assim, uma sociedade pós-industrial, chamada **sociedade da informação**, que se torna parte de uma economia global, devido às novas tecnologias de comunicação e de transporte. Os principais componentes dessa economia, como consumo, circulação, trabalho, matéria-prima, tecnologia e mercado funcionam em escala mundial, daí chamarmos globalização esse processo de fortalecimento do capitalismo desde a última década do século passado.

**Sociedade da informação:** termo característico da globalização; é usado para designar um estado ou condição da sociedade, em que as atividades de produção e distribuição da informação costumam exercer um papel importantíssimo na produção da riqueza e na melhoria do nível de vida.

Dessa forma, segundo o sociólogo, a dependência econômica dos fluxos informacionais garante poder a quem domina e controla suas tecnologias,

tornando as regiões excluídas cada vez menos importantes no cenário da economia global e consolidando uma nova Divisão Internacional do Trabalho, na qual é possível distinguir:

- *Produtores de alto valor, que mantêm seus negócios com base no trabalho informacional:* centros industriais de alta tecnologia (informática, biotecnologia, robótica, telecomunicações, aeroespaciais, etc.), como Bangalore (Índia), Campinas e São José dos Campos (Brasil), Vale do Silício (Califórnia, Estados Unidos).
- *Produtores de grandes volumes, com trabalho de menor custo:* países e regiões que obtêm grande produção com mão de obra não qualificada (de baixo custo), como México, Argentina, Brasil, China.
- *Produtores de matérias-primas que são recursos naturais:* a maioria dos países da África, da América Latina e da Ásia, que são produtores e exportadores de minérios e de produtos agrícolas. Esse grupo enfrenta também o fato de as matérias-primas estarem desvalorizadas em relação aos produtos de alta tecnologia.
- *Produtores cujo trabalho perde valor nesse sistema:* regiões nas quais o desemprego é expressivo e crescem o trabalho informal e o subemprego.

Como você pode perceber, a nova DIT não segue as fronteiras nacionais. As diversas categorias podem ser encontradas em um mesmo país, seja ele desenvolvido, seja em desenvolvimento. Por exemplo, no Brasil existem centros de alta tecnologia, como Campinas e São José dos Campos; regiões com agroindústrias, como o planalto ocidental paulista, onde se encontram as cidades de Araçatuba, Presidente Prudente, Catanduva, entre outras; e centros produtores de matérias-primas minerais e agrícolas, como o Complexo de Carajás, no Pará.

Três fatores conjugados dão aos lugares a classificação de excelência: o conhecimento de altas tecnologias, o nível educacional da população e a mão de obra qualificada.

## ● Neoliberalismo

Nas décadas de 1970 e 1980 houve uma redefinição das práticas do liberalismo econômico clássico. Para reestruturar as economias, surgiu uma nova doutrina econômica: o *neoliberalismo*, que cresceu e praticamente dominou a economia mundial na década de 1990 e na primeira década do século XXI.

A teoria neoliberal nasceu na Europa e na América do Norte como uma reação ao Estado intervencionista e ao Estado do Bem-Estar Social (*Welfare State*). O economista e sociólogo alemão Alexander Rüstow (1885-1963) foi o criador do termo neoliberalismo, que teve entre seus principais defensores o economista estadunidense Milton Friedman (1912-2006).

O governo de Margaret Thatcher, no Reino Unido (1979-1990), foi o primeiro, entre os países desenvolvidos, a adotar o programa neoliberal, no final da década de 1970. Logo depois, na década de 1980, Ronald Reagan fez o mesmo em seu governo nos Estados Unidos (1981-1989). Entre os países não desenvolvidos, o Chile foi o neoliberal pioneiro, durante a ditadura do general Pinochet, nos anos 1970.

Para os neoliberais, o objetivo do capitalismo estava ameaçado pelas reivindicações trabalhistas (sindicatos) e pelos gastos sociais. Cortar os gastos e manter uma taxa de desemprego que diminuísse o poder dos sindicatos foram algumas soluções apontadas para resolver o problema.

Entre as medidas propostas pelo neoliberalismo destacavam-se as recomendações direcionadas especificamente aos países pobres, incentivando redução de impostos, abertura econômica para importações, entrada livre de capital estrangeiro, privatizações e desregulamentação da economia. Todas essas medidas reduziam as barreiras ao fluxo de mercadorias e capitais, favorecendo os países desenvolvidos.

- ▶ Há alguns anos o Brasil tem intensificado seus investimentos em alta tecnologia. Na imagem, acelerador de partículas Sirius, no Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS), Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), em Campinas (SP). Foto de 2013.



## A Terceira Via

O neoliberalismo, entretanto, não era uma unanimidade mundial.

Entre os que tentaram questionar essa teoria estão os representantes da política social-democrata europeia, que prometia promover a justiça social denominada Terceira Via. Seus principais idealizadores foram: Tony Blair, no Reino Unido (1997-2007), Lionel Jospin, na França (1997-2002) e Gerhard Schröder na Alemanha (1998-2005). A Terceira Via perdeu força por falta de propostas concretas e imediatas e pela impossibilidade de convivência com o neoliberalismo, que dominou a economia mundial nesse período.

## As crises do capitalismo na globalização

O capitalismo, por suas próprias características, não é imune a crises econômicas e monetárias. Já vimos o que aconteceu em 1929, com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Nessa nova fase do capitalismo financeiro, denominada globalização, esses eventos continuaram a ocorrer.

Moa/Acervo do cartunista



▼ Charge do cartunista Moa, que ironiza os reflexos da crise imobiliária de 2008 nos Estados Unidos, que repercutiu em todo o planeta.

De modo geral, essas crises variam conforme as peculiaridades das economias atingidas e têm como consequências: desvalorização das moedas nacionais; queda no preço de títulos de dívida e retirada de capital estrangeiro; queda do Produto Interno Bruto (PIB), da produção, do consumo, das Bolsas de Valores e aumento do desemprego. Todos esses problemas exigem a intervenção dos governos na política econômica e põem o neoliberalismo em xeque.

A novidade é que nesta época de mercados globalizados e da Terceira Revolução Industrial as economias estão cada vez mais interligadas e os efeitos causados pelas crises se espalham rapidamente atingindo a economia mundial como um todo, com uma velocidade nunca antes experimentada.

Foi o que aconteceu com a primeira crise dessa nova fase do capitalismo globalizado: iniciou-se em 1997, na Tailândia, e afetou países como Indonésia, Malásia, Coreia do Sul, Filipinas e Japão, principal economia da **Bacia do Pacífico**. Ficou conhecida como “a crise que deu a volta ao mundo”, por ter começado na Ásia e atingido outras economias emergentes, em outras partes do globo, como México, Rússia, Brasil e Argentina.

A maior crise financeira dos mercados globalizados ocorreu mais tarde, na década de 2000, atingindo os países desenvolvidos. Por sua intensidade e duração é denominada *Grande Depressão do século XXI*.

**Bacia do Pacífico:** bloco econômico informal, isto é, sem tratado assinado, formado por países que na década de 1990 tinham suas economias muito ligadas ao Japão, como os Tigres Asiáticos.

## A Grande Depressão do século XXI

Esse momento negativo da recente história financeira global envolveu dois marcantes eventos interligados: a crise dos **subprimes** nos Estados Unidos e a crise da dívida pública na União Europeia.

**Subprime:** o mesmo que crédito de “segunda linha”, ou seja, são empréstimos de alto risco para pessoas com histórico de inadimplência e que não oferecem garantias suficientes para obter um crédito de “primeira linha”. Nesse tipo de empréstimo, o risco de calote é grande, por isso a taxa de juros cobrada é elevada.

## Crise dos subprimes

Para muitos economistas, a Grande Depressão do século XXI foi consequência de um processo que se iniciou com o chamado “estouro da bolha” da internet. Entre 1995 e 2001, as ações das empresas criadas

após o fenômeno da internet foram superestimadas pelo mercado e tiveram uma valorização irreal. Foi criada até mesmo uma bolsa de valores dedicada exclusivamente à área de alta tecnologia: a Nasdaq.

Passada a euforia, veio “o estouro da bolha”, o momento em que muitas empresas fecharam, a Nasdaq despencou e investidores perderam enormes quantidades de dinheiro.

Para compensar esses investidores, o governo dos EUA resolveu encaminhá-los para o setor imobiliário. Com as facilidades oferecidas nesse mercado, criou-se uma nova “bolha” que estourou em 2008, na maior crise econômica ocorrida no país depois de 1929, a chamada crise dos *subprime*.

No entanto, o crescimento do setor imobiliário, da forma como foi conduzido, também se mostrou insustentável. Durante um tempo esse setor cresceu, movido pelas compras de famílias que tinham, naquela ocasião, condições de pagar seus empréstimos. Quando esse segmento se esgotou, os bancos recorreram a uma clientela que não tinha comprovação de renda e com histórico negativo de crédito, criando as **hipotecas subprime**.

O público-alvo desses empréstimos era pejorativamente denominado NINJA (*no income, no job, no assets*; em português: sem renda, sem emprego, sem patrimônio). Esse público foi atraído pelo fato de não serem cobrados juros na vigência inicial das hipotecas, mas que se tornaram altíssimos com o passar do tempo. Sem poder arcar com os juros das dívidas, esses clientes solicitavam uma nova hipoteca, confiantes na valorização de seus imóveis. Na prática, eles se endividavam para honrar seus compromissos. Quando os imóveis foram postos à venda, seus valores haviam despencado, pois o seu grande número tornou a oferta maior que a procura.

Assim estourou a bolha imobiliária que causou a falência de bancos no mundo todo. O caso mais emblemático foi o do banco **Lehman Brothers**, nos Estados Unidos.



Nicholas Roberts/Agência France-Presse. A imagem reproduz a marca apenas para fins didáticos.

▼ Fachada da sede do banco Lehman Brothers, em Nova York, Estados Unidos, em 2008. Esse banco foi uma das grandes instituições financeiras que pediu falência durante a crise.

### ● A crise da dívida pública

A crise dos *subprimes* não só abalou a economia dos Estados Unidos, mas também atingiu bancos europeus, que perderam investimentos e capital. Em uma tentativa de ajudar esses bancos a amenizar a crise, alguns países da União Europeia passaram a gastar mais do que arrecadavam, aumentando muito suas **dívidas públicas**. Ainda assim, o bloco enfrentou, em 2009-2010, uma turbulência que ficou conhecida como crise da dívida pública da *Zona do Euro*. Leia mais a respeito no Capítulo 21.

**Hipoteca:** contrato no qual um imóvel ou qualquer outro bem patrimonial é utilizado como garantia de pagamento de uma dívida contraída. Caso essa dívida não seja paga, o credor pode executar a hipoteca, ou seja, pode tomar posse do imóvel.

**Lehman Brothers:** banco de investimento de ação global, sediado em Nova York; pediu falência em 2008, agravando a crise.

**Dívida pública:** termo usado para designar a dívida de um governo, seja de um país, seja de qualquer divisão administrativa.

## Ampliando o conhecimento

### Estamos entrando na era pós-capitalista

O jornalista britânico Paul Mason lançou em 2015 um livro no qual reflete sobre o fim do capitalismo como o conhecemos. O pós-capitalismo seria uma sociedade sem mercado, na qual as pessoas trabalhariam menos, e em que matérias-primas, energia e alimentos não seriam abundantes.

Para Paul Mason, “no coração da nova mudança o que se vê é a tecnologia da informação, novas formas de

trabalho e da partilha da economia. Os antigos caminhos vão levar um longo tempo para desaparecer, mas é hora de ser utópico”. [...]

Ele deixa claro que o capitalismo não será abolido por técnicas de marcha forçada ou protestos dos velhos sonhos da esquerda. O processo de tecnologia criou uma nova rota para além, que os remanescentes da velha esquerda — e todas as outras forças influenciadas por ela — terão de abraçar ou morrer. O capitalismo, segundo o autor, vai ser abolido com a remodelação da economia

em torno de novos valores e comportamentos. Eu chamo isso de “pós-capitalismo”, diz ele. [...]

Na opinião do economista, essas mudanças e esses valores que vão caracterizar o pós-capitalismo serão possíveis por causa de três grandes mudanças trazidas pela tecnologia da informação nos últimos 25 anos. Primeiro, reduziu a necessidade de trabalho, aparou as arestas entre trabalho e tempo livre e afrouxou a relação entre trabalho e salários. A próxima onda de automação, atualmente num impasse, porque a nossa infraestrutura social não pode arcar com as consequências, vai diminuir a enorme quantidade de trabalho necessário — não apenas para subsistir, mas para proporcionar uma vida digna para todos.

Em segundo lugar, a informação está corroendo a capacidade do mercado para formar preços corretamente. Isso é porque os mercados são baseados em escassez, enquanto a informação é abundante. O mecanismo de defesa do sistema é formar monopólios — as empresas gigantes de tecnologia — em uma escala não vista nos últimos 200 anos, mas eles não podem durar. Por meio da construção de modelos de negócio e partes das avaliações baseadas na captura e privatização de todas as informações socialmente produzidas, essas empresas estão construindo um edifício corporativo frágil em desacordo com a necessidade mais básica da humanidade, que é a utilização de ideias livremente.

Em terceiro lugar, estamos vendo o surgimento espontâneo da produção colaborativa: bens, serviços e organizações estão parecendo já não responder aos ditames do mercado e da hierarquia gerencial. [...]

Segundo a análise de Mason, a crise de 2008 reduziu 13% da produção global e 20% do comércio global. O crescimento mundial tornou-se negativo — em uma escala em que qualquer coisa abaixo de mais de 3% é contada como uma recessão. Produziu, no Ocidente, uma fase de depressão maior do que a de 1929-1933, e mesmo agora, em meio a uma recuperação pálida, deixou economistas aterrorizados com a perspectiva de estagnação de longo prazo. Os tremores secundários na Europa estão rasgando o continente distante.

As soluções têm sido austeridade monetária excessiva. Mas isso não está funcionando. Nos países mais atingidos, o sistema de pensões foi destruído, a idade de aposentadoria subiu para 70, e a educação está sendo privatizada de modo que os formandos enfrentam agora uma vida de alto custo. Os serviços estão sendo desmantelados e projetos de infraestrutura colocados em espera. [...]

Enquanto isso, na ausência de qualquer modelo alternativo, as condições para uma nova crise estão sendo montadas. Os salários reais caíram ou permaneceram estagnados no Japão, no sul da Zona do Euro, nos EUA e no Reino Unido. A sombra do sistema bancário foi remontada, e é agora maior do que era em 2008. As novas regras exigem que os bancos segurem mais reservas que foram diluídas ou atrasadas. Enquanto isso, a lavagem de dinheiro é livre, e o dinheiro se concentra em 1% dos mais ricos. [...]

JORNAL do Brasil, 6 dez. 2015. Disponível em: <[www.jb.com.br/economia/noticias/2015/08/04/the-guardian-o-fim-do-capitalismo-ja-comecou/](http://www.jb.com.br/economia/noticias/2015/08/04/the-guardian-o-fim-do-capitalismo-ja-comecou/)>. Acesso em: 6 dez. 2015. (Adaptado.)

## Refletindo sobre o conteúdo



1. **Geografia e História** Leia o texto de um historiador, estudioso das obras de Karl Marx.

*Enquanto o capitalismo mundial estiver passando por sua maior crise desde o começo da década de 1930, será improvável que Marx saia de cena.*

HOBBSAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 16.

- a) Relacione as ideias de Marx com o que estudamos neste capítulo.
  - b) Cite duas características da atual crise capitalista.
2. **Geografia, História e Sociologia** Leia o texto a seguir e depois faça as atividades.

*O desenvolvimento do capitalismo no pós-Segunda Guerra Mundial deve ser entendido como o processo de*

*consolidação dos oligopólios internacionais que deu origem às empresas multinacionais, sejam elas cartéis, trusts ou monopólios industriais e/ou financeiros [...] As multinacionais são, portanto, a expressão mais avançada de um capitalismo que, a partir da crise interimperialista, moldou novas formas de organização interna e de relações de trabalho, que por sua vez permitiram superar as contradições geradas pela disputa de mercados e fontes de matérias-primas entre as empresas nacionais [...]*

ROSS, Jurandyr L. Sanches (Org.). *Geografia do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012. p. 242, 245-246.

- a) Cite duas características das empresas multinacionais ou transnacionais.
- b) Identifique cinco dessas empresas, o país onde está a sede de cada uma delas e descreva o ramo em que atuam.

# A Guerra Fria e o mundo bipolar

Corbis/Latinstock



▼ John F. Kennedy (1917-1963), presidente dos Estados Unidos da América entre 1961 e 1963.

▼ Nikita Krushev (1894-1971), secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética entre 1953 e 1964.



Bettmann/Corbis/Latinstock

## Um novo capitalismo e a criação da ONU

A Segunda Guerra Mundial de 1939-1945 mudou a economia e a geopolítica do mundo. Arrasados pela guerra, os impérios coloniais desmoronaram e, no lugar deles, surgiram duas superpotências: os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Estabeleceu-se, então, uma nova ordem mundial, tanto do ponto de vista político quanto econômico.

A reordenação econômica teve início com a Conferência de Bretton Woods, em 1944, quando os Estados Unidos se reuniram com 44 países aliados e vencedores da Segunda Guerra, na cidade de Bretton Woods, no estado de New Hampshire, para

lançar um plano de reconstrução e estabilidade da economia mundial. As decisões tomadas nessa conferência constituíram o Sistema de Bretton Woods, um conjunto de regras de gerenciamento econômico internacional que deveria nortear as relações comerciais e financeiras entre os países mais industrializados do mundo.

O acordo definiu que cada país seria obrigado a adotar uma política monetária que mantivesse a taxa de câmbio de suas moedas dentro de determinado valor indexado ao dólar — aproximadamente um por cento — cujo valor, por sua vez, estaria ligado ao ouro em uma base fixa de 35 dólares por **onça Troy**.

**Onça Troy:** medida inglesa de massa usada para medir metais preciosos, gemas e medicamentos. Vale 31,103478 gramas.

Na Conferência de Bretton Woods foram criados ainda o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (Bird), que hoje faz parte do Grupo Banco Mundial.

A reordenação política começou com a Conferência de São Francisco, realizada em junho de 1945, quando foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU), com o objetivo de preservar a paz e a segurança mundiais e de promover a cooperação internacional para a resolução de problemas econômicos, sociais, culturais e humanitários.

## Capitalismo x socialismo

Durante quase meio século duas superpotências dividiram o mundo em dois sistemas econômicos opostos. Nesse longo tempo, a humanidade viveu um dos conflitos mais preocupantes da história da humanidade. Sem que houvesse nenhum confronto militar direto entre as duas nações oponentes, esse período de constante tensão ficou conhecido como Guerra Fria.

Para entendê-la, é preciso considerar que o capitalismo foi profundamente criticado, principalmente

a partir do século XIX, quando alguns pensadores propuseram um modo de produção totalmente diferente do sistema capitalista. Chamados *socialistas científicos* por alguns autores e *materialistas históricos* por outros, eles se opunham ao regime político e econômico da sociedade capitalista e propunham um novo sistema, que ficou conhecido como *socialismo*. Entre esses pensadores, destacam-se Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), que em 1848 publicaram sua primeira obra: *O manifesto comunista*. Mais tarde, Marx fez uma abrangente e profunda análise do capitalismo em sua obra mais importante: *O capital* (1867).

Essas ideias inspiraram a primeira revolução socialista da história: a Revolução Russa de 1917. Como consequência dessa revolução, foi criado, em 1922, o primeiro país socialista do mundo, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que compreendia, a princípio, áreas que pertenciam ao antigo Império Russo. Desde sua formação até a década de 1940, a União Soviética anexou outras áreas ao seu território, tornando-se o país mais extenso do mundo, com mais de 22 400 000 km<sup>2</sup>. Observe o mapa abaixo.



Adaptado de: ATLANTE storico 2013. Bologna: Zanichelli, 2013. p. 250-251; 262-263.

Após a revolução, instalou-se na União Soviética um **governo totalitário**, administrado pelo único partido legalizado no país, o Partido Comunista (PCUS), chamado por muitos autores **socialismo real** e que acabou por tomar um rumo diferente dos ideais teóricos do socialismo científico. O Estado passou a ser o dono das terras, das minas de ouro e carvão, e de todos os meios de produção. A propriedade privada deixou de existir, assim

como a livre concorrência de mercado e a lei da oferta e da procura. A economia se tornou *planificada*. Veja o boxe a seguir.

**Governo totalitário:** quando todos os aspectos da vida individual estão subordinados à autoridade de um governo.

**Socialismo real:** nome que recebeu o socialismo instaurado na União Soviética e nos países satélites. Foi chamado real porque era bastante diferente do socialismo científico defendido por Marx.

## A economia planificada

Nesse tipo de economia, a produção e o consumo eram planejados. Não havia livre aplicação de capital nem busca de lucro. Tudo era rigorosamente planejado pelos **burocratas**, que visavam controlar o mercado.

**Burocrata:** nome dado aos dirigentes do Partido Comunista, na antiga União Soviética.

Ao Estado cabia garantir os meios essenciais para uma sobrevivência decente — educação, saúde, aposentadoria, emprego. Essas garantias eram entendidas como uma forma de redistribuição da renda.

Havia um órgão central de planejamento que estabelecia as principais diretrizes econômicas do país por cinco anos — o Gosplan. A atuação desse comitê foi mais centralizadora até meados da década de 1950, quando havia um planejamento em escala nacional, em cada república e em cada região das repúblicas. A execução desses planos ficava a cargo dos ministérios.

A produção industrial era controlada pelas Direções Gerais das Indústrias, que dividiam a produção em dois grupos: os *trustes*, grupos de integração de indústrias similares em determinada região; e os *combinados*, formados por indústrias que com-

plementavam a produção umas das outras. Havia combinados químicos, metalúrgicos, entre outros.

Após a reforma agrária inicial do país, foram adotados dois modelos coletivos de exploração agrária: os *kolkhozes* e os *sovkhozes*. Os *kolkhozes* eram cooperativas rurais onde os camponeses trabalhavam a terra. A produção dessas cooperativas era desenvolvida em terras de propriedade estatal cedidas para usufruto perpétuo e gratuito, com máquinas do Estado. Os *sovkhozes* eram fazendas agrícolas onde os camponeses trabalhavam para o Estado.



Roger-Viollet/Topfoto/Keystone

Trabalho coletivo em plantação de batatas num *kolkhoz* localizado na região de Stalingrado (atual Volgogrado), Rússia, na antiga União Soviética. Foto de 1930.

Já estudamos como funciona o sistema capitalista, e pudemos observar que a maneira de pensar dos socialistas se opõe às principais estruturas sociais e econômicas do capitalismo, como a sociedade de classes, a propriedade privada e o lucro — principal objetivo desse sistema. Portanto, as ideologias dessas duas nações eram completamente antagônicas, e seus interesses não podiam ser conciliados.

## O mundo socialista e os conflitos da Guerra Fria

O socialismo não ficou restrito à União Soviética. Outras nações adotaram esse sistema, como você pode observar no mapa na página seguinte.

A Europa foi o primeiro continente a sentir os duros efeitos da Guerra Fria ao ser dividida

em dois blocos distintos: Europa oriental e Europa ocidental.

Desde os últimos anos da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética vinha ampliando sua influência sobre os países vizinhos. Com o fim dos combates, impôs o regime socialista e sua supremacia aos países do Leste Europeu (Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Bulgária, Romênia e Albânia).

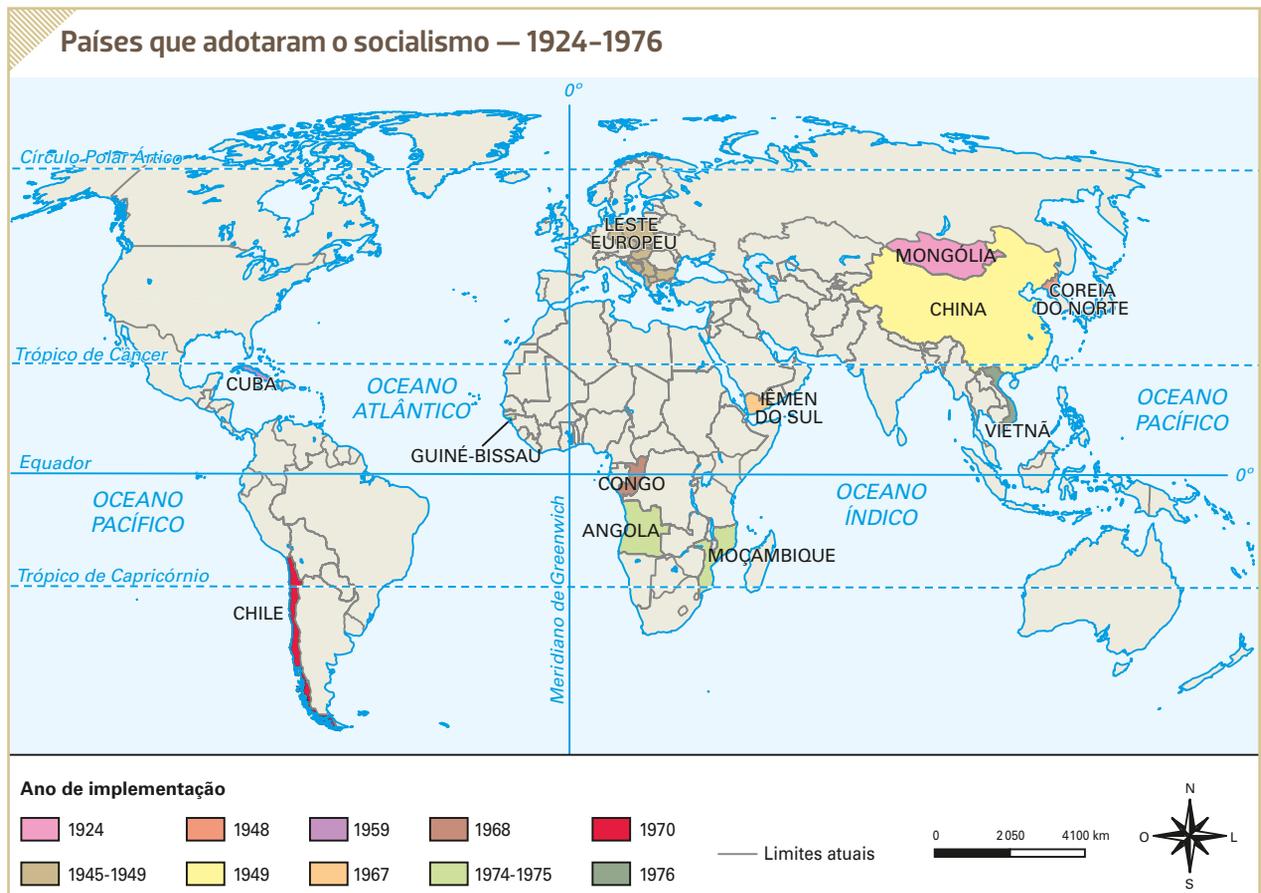
A Iugoslávia foi uma exceção, porque a tomada do poder pelo Partido Comunista não dependeu da União Soviética. Os nazistas foram expulsos do país, em 1944, pelo marechal Josip Broz Tito, que instaurou, no ano seguinte, um governo forte com o apoio popular.

Na Conferência de Potsdam, realizada em 1945, foi decidido o futuro da Alemanha, que passou a ser dividida em quatro setores controlados pelos países vencedores: Inglaterra, França, Estados Unidos e União Soviética. Em 1949, após divergências entre norte-americanos e soviéticos, a Alemanha foi transformada em dois países — um único

povo, mas com sistemas econômicos completamente diferentes (veja o primeiro mapa da página 26).

- *Alemanha Ocidental*: oficialmente República Federal da Alemanha, capital Bonn. Capitalista, compreendia os setores de domínio inglês, francês e norte-americano.
- *Alemanha Oriental*: oficialmente República Democrática Alemã, capital Berlim — também dividida, embora estivesse localizada no setor soviético.

Depois que o socialismo se instalou na China, com a Revolução de 1949, os Estados Unidos preocuparam-se e passaram a agir com mais rigor para deter sua expansão. Essa estratégia passou a fazer parte do contexto da Guerra Fria. Consequentemente, houve muitos conflitos, sempre com a participação das duas grandes potências, embora elas nunca tenham se enfrentado diretamente. Entre esses conflitos, destacam-se a Guerra da Coreia (1950-1953) e a Guerra do Vietnã (1964-1975), da qual os Estados Unidos saíram derrotados.



Allmaps/Arquivo da editora

Adaptado de: ATLANTE storico del mondo De Agostini. Novara: Istituto geografico De Agostini, 2013. p. 176-178; ATLANTE storico 2013. Bologna: Zanichelli, 2013. p. 295.



Adaptado de: ATLANTE storico del mondo De Agostini. Novara: Istituto geografico De Agostini, 2013. p. 177.

Além de realizarem intervenções armadas, as duas potências firmaram uma série de alianças e interferiram na política de várias partes do mundo. Um exemplo disso é o “cordão sanitário”, um pacto militar que envolveu países da Ásia e da Oceania para criar um cinturão de isolamento em torno da superpotência rival e evitar a expansão dos ideais socialistas. Entre os principais tratados estão a Anzus, firmado por Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos, e a Otase (Organização do Tratado do Sudeste da Ásia), que, além dos integrantes da Anzus, reuniu França, Reino Unido, Paquistão, Filipinas e Tailândia. Veja o mapa ao lado.

Com o fim dos impérios coloniais, novos países surgiram no panorama mundial e foram alvo da disputa entre as duas grandes potências. No contexto da Guerra Fria, esses novos países, com as nações latino-americanas, passaram a ser chamados *Terceiro Mundo*, já que os países capitalistas desenvolvidos compunham o Primeiro Mundo e os socialistas faziam parte do Segundo Mundo.

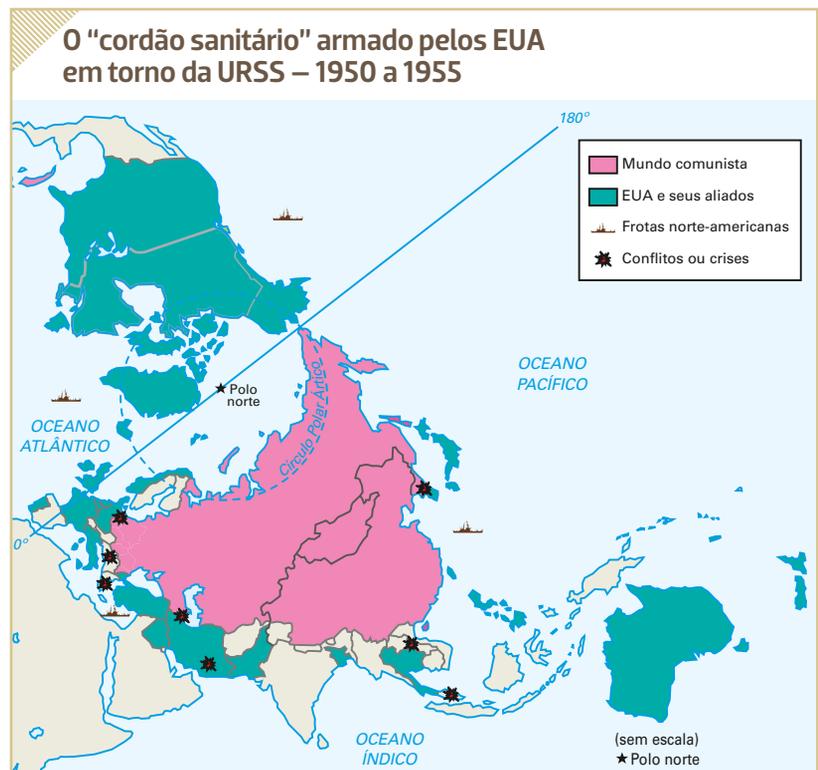
Todos os continentes, exceto a Oceania, foram atingidos pela disputa de poder entre capitalistas e socialistas. Moscou apoiava os movimentos de independência nas colônias da África. E, para impedir a expansão soviética no continente, os Estados Unidos obrigaram seus aliados a conceder independência a essas colônias.

A demora de Portugal em conceder a independência a Angola, Moçambique, Cabo Verde (1975) e Guiné-Bissau (1974) facilitou a influência soviética sobre as novas nações.

A América Latina continuava sob a influência dos Estados Unidos, apesar do duro golpe que os americanos sofreram com a instauração do socialismo em Cuba, com a vitória da Revolução Cubana de 1959 e da aproximação do país com a União Soviética, em 1961. Situada a poucos quilômetros da Flórida, a ilha tivera, durante muito tempo, sua economia controlada pelos norte-americanos.

Outra ameaça na América Central foi a Revolução Sandinista, que tentou, em 1979, instalar um governo socialista na Nicarágua.

Nas décadas de 1960 e 1970, a CIA (Agência Central de Inteligência Americana) ajudou a estabelecer ditaduras militares em países da América do Sul (Brasil, Argentina e Chile) para mantê-los “livres” da influência da União Soviética.



Adaptado de: ATLANTE storico del mondo De Agostini. Novara: Istituto geografico De Agostini, 2013. p. 177.

## Um caso especial

Durante a expansão do socialismo no mundo, houve apenas um país socialista sul-americano: o Chile, que em 1970 elegeu, por voto popular, o primeiro governo socialista da América do Sul. Foi uma breve experiência. Três anos depois de eleito, o presidente Salvador Allende foi deposto, após o que, supostamente, teria cometido suicídio. Uma junta militar, chefiada por Augusto Pinochet e apoiada pelos Estados Unidos, iniciaria então uma das mais sangrentas ditaduras da América Latina, que teria fim em 1989 com a eleição direta do presidente democrata-cristão Patricio Aylwin.

## ■ O conflito Leste-Oeste: a ordem geopolítica pós-guerra

A partir do momento em que a União Soviética passou a existir como potência mundial e outras nações adotaram o socialismo, o capitalismo deixou de ser o único sistema econômico do mundo. Pela primeira vez, o mundo estava dividido entre dois sistemas econômicos opostos: o capitalismo, representado pelos Estados Unidos (Oeste), *versus* o socialismo, representado pela URSS (Leste). Durante esse longo período de disputas entre as duas superpotências, foram criados arsenais bélicos e nucleares que a qualquer momento poderiam destruir a humanidade. Para entender o mundo hoje, é importante conhecer esse período muito especial da História, marcado pelo conflito Leste-Oeste.

Tudo começou com a derrota dos países do Eixo (Itália, Japão e Alemanha) e as conferências de Yalta e Potsdam, realizadas no pós-guerra (1945) pelas potências vencedoras (Estados Unidos, França, Reino Unido e União Soviética) para decidir o destino dos países que haviam perdido a guerra. Nessas reuniões ficou claro que as relações entre União Soviética e Estados Unidos, aliados durante a guerra, não seriam cordiais em tempos de paz. À União Soviética caberia expandir a área sob a influência socialista; e aos Estados Unidos, impedir que essa influência se expandisse. Na ocasião, o primeiro-ministro britânico Winston Churchill (1874-1965) usou pela primeira vez a

expressão *cortina de ferro*, que seria citada frequentemente durante a Guerra Fria para designar a separação entre o mundo socialista e o mundo capitalista, numa alusão ao regime extremamente fechado, adotado pelos soviéticos.

Os dois lados trataram de garantir alianças e formar organizações para defender o seu modo de produção e, principalmente, sua ideologia.

Veja o mapa na página seguinte.

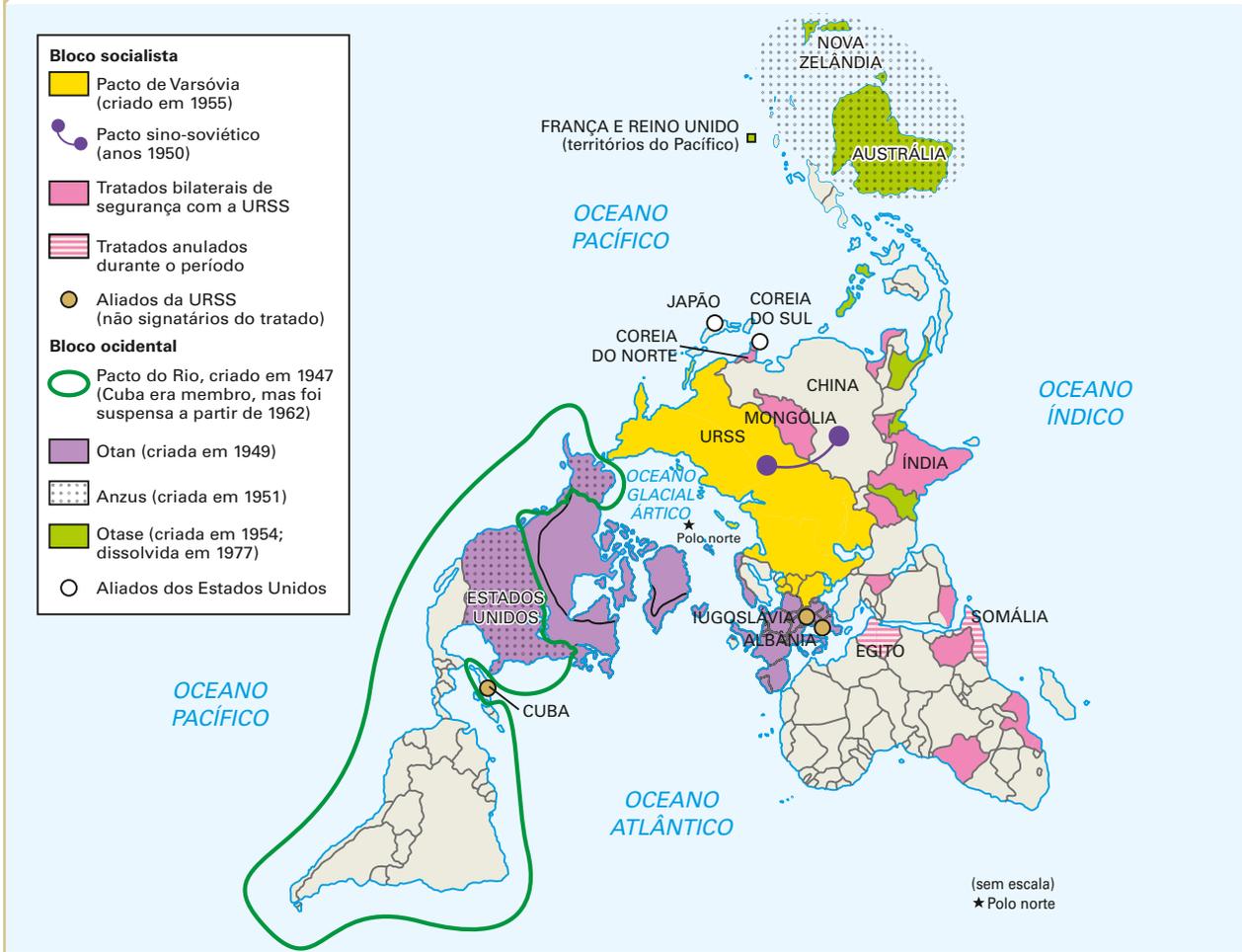
Em 1947, o presidente norte-americano Harry Truman (1884-1972) declarou em seu discurso no Congresso que os “Estados Unidos deveriam apoiar os povos livres que resistiam à tentativa de servidão por minorias armadas ou pressões externas”. Essa declaração ficou conhecida como Doutrina Truman e norteou toda a política norte-americana de contenção do socialismo durante a Guerra Fria.

Uma das primeiras medidas dos Estados Unidos, dentro do espírito dessa política, foi o plano de recuperação econômica dos países da Europa ocidental, destruídos pelos anos de operação de guerra em seus territórios. Essa ajuda, que afastaria a provável influência soviética nessa parte do continente, ficou conhecida como *Plano Marshall*, uma referência a seu idealizador, o general George Marshall (1880-1959).

Em 1949, foi criada a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) — aliança militar que pretendia garantir a segurança mútua contra uma expansão maior do socialismo na Europa. Os países fundadores dessa organização foram Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, França, Itália, Países Baixos, Bélgica, Luxemburgo, Dinamarca, Islândia, Noruega e Portugal. Durante a Guerra Fria ingressaram na Otan Grécia e Turquia (1952), República Federal Alemã (1955) e Espanha (1982). Em 1990, com a unificação das duas Alemanhas, a parte oriental também passou a fazer parte dessa organização.

Com o fim do mundo bipolar, os objetivos da Otan mudaram, pois já não havia o inimigo soviético para ser combatido. A organização passou a ter como objetivo a segurança dos 28 países-membros, entre os quais foram incluídas nações do antigo Leste Europeu: Hungria, República Tcheca e Polônia (1999), Romênia, Bulgária, Eslovênia, Estônia, Letônia, Lituânia e Eslováquia (2004), Croácia e Albânia (2009). Em 2015, a Otan era composta de 28 países-membros e 22 parceiros estratégicos, entre os quais destaca-se a Rússia.

## Alianças militares da Guerra Fria — 1948-1989



Adaptado de: ATLANTE storico 2013. Bologna: Zanichelli, 2013. p. 289 e 295; SciencesPo. *Atelier de cartographie*. Disponível em: <<http://cartographie.sciences-po.fr/en/guerre-froide-alliances-militaires-1948-1989>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

A resposta da União Soviética à criação da Otan foi o Pacto de Varsóvia (1955) — aliança militar entre a potência soviética e os países socialistas do Leste Europeu. Extinto em 1991, esse Pacto, na realidade, funcionou mais como um instrumento de manutenção do regime nos países satélites do que como um meio de defesa contra o capitalismo.

Para fortalecer sua atuação em nível global, países capitalistas e socialistas europeus também procuraram se organizar em blocos econômicos.

Em 1949, a União Soviética reuniu os países socialistas no Conselho para Assistência Econômica Mútua, o Comecon, com o objetivo de garantir a integração e cooperação econômica entre a União Soviética e os países do Leste Europeu, incluindo mais tarde nações que adotaram esse sistema em outros continentes. Faziam parte do Comecon: União Soviética, Albânia (que se desligou em 1962), Bulgária, Hungria, Polônia, República Democrática Alemã (1950-1990), Romênia

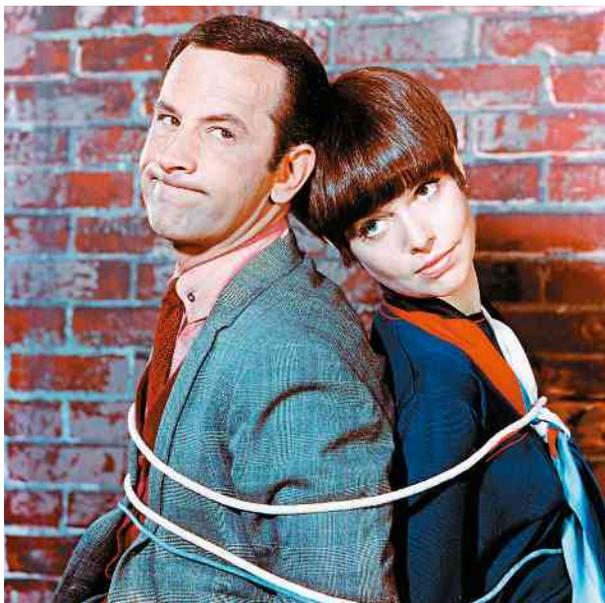
e Tchecoslováquia. Posteriormente aderiram ao sistema Mongólia (1962), Cuba (1972) e Vietnã (1978). Um exemplo do funcionamento do bloco está nas relações comerciais entre União Soviética e Cuba. A potência comprava a altos preços o açúcar cubano e fornecia petróleo a preços baixos, auxiliando a economia do país socialista americano. O Comecon foi oficialmente extinto em 28 de junho de 1991.

Do outro lado, Bélgica, Holanda e Luxemburgo já haviam se unido em 1947 com o objetivo de obter melhor resultado no comércio com seus vizinhos. Esse foi o germe da criação, alguns anos mais tarde (1957), do Mercado Comum Europeu, formado pelos três primeiros países mais Alemanha Ocidental, França e Itália, com a finalidade de garantir a livre circulação de mercadorias, serviços e pessoas entre seus membros. O Mercado Comum Europeu evoluiu para a formação da União Europeia, que você vai estudar no Capítulo 21.

## ● A disputa pelo poder: a corrida armamentista

No mundo bipolar, o padrão de poder não era a supremacia econômica, mas a supremacia bélica, representada pelo desenvolvimento de armas. Daí falarmos em corrida armamentista e corrida espacial. As potências disputavam passo a passo qual delas conseguia produzir a bomba mais potente ou ir mais longe na exploração do espaço. Para não ficar para trás, era preciso saber todos os segredos e todos os passos do inimigo. Nessa missão ficaram famosas a CIA e a KGB (os serviços secretos dos Estados Unidos e da União Soviética, respectivamente).

CBS-TV/Nbc/Talent Assoc/The Kobal Collection/Agence France-Presse



▼ A série televisiva *Agente 86* (*Get Smart*), produzida nos anos 1960, satirizava os agentes secretos da Guerra Fria. Na foto, o casal protagonista, vivido por Don Adams e Barbara Feldon, em uma cena do seriado.

A corrida armamentista foi a questão central do período da Guerra Fria, que envolveu diretamente os Estados Unidos e a União Soviética na corrida atômica e na conquista espacial. Estava implícito que a nação que aprimorasse a tecnologia nuclear e conquistasse o espaço seria considerada a mais avançada cientificamente.

As duas potências produziram metralhadoras, fuzis, tanques, aviões e submarinos, mas os grandes destaques eram as chamadas armas nucleares.

Na década de 1960, os Estados Unidos e a União Soviética anunciavam que possuíam arsenais atômicos para explodir o mundo e, assim, criavam uma tensão mundial em torno de uma possível guerra nuclear.

Essa situação deu à Guerra Fria sua característica mais peculiar: segundo o sociólogo francês Raymond Aron (1905-1983), “guerra improvável, paz impossível”. A paz seria impossível por diferenças irreconciliáveis; a guerra improvável, porque um só ataque poderia acabar com a vida na Terra.

A corrida armamentista entre as duas superpotências da Guerra Fria termina de fato com a assinatura dos Tratados de Redução de Armas Estratégicas (Start), na década de 1990.



Fotos: Bettmann/Corbis/Latinstock



▼ As imagens, que mostram um abrigo antibomba, refletem a tensão mundial provocada pela corrida armamentista no período da Guerra Fria. O abrigo das fotos, com gerador movido a gasolina, podia abrigar uma família por até cinco dias. Foto de 1955.

## ● A corrida espacial

Os soviéticos saíram na frente na corrida espacial com o lançamento do Sputnik I, o primeiro satélite artificial a ser posto em órbita, em 4 de outubro de 1957. Em 3 de novembro do mesmo ano, eles lançaram o Sputnik II, com a cachorra Laika, o primeiro ser vivo lançado no espaço. Em 12 de abril de 1961, foi a vez do astronauta Yuri Gagarin comandar a nave Vostok.

Entretanto, a vitória foi dos Estados Unidos. O dia 20 de julho de 1969 marcou a chegada do homem à Lua. Os norte-americanos Neil Armstrong, Edwin Aldrin Jr. e Michael Collins, a bordo da Apollo 11, foram os primeiros a conquistar esse feito e a colocar os Estados Unidos na dianteira da corrida espacial.



▼ *Tudo que você fizer, eu posso fazer melhor.* A charge de Vick, 1957, remete à corrida espacial. Ela mostra o presidente russo Nikita Krushev vestido de cowboy e vangloriando-se perante o secretário de Estado norte-americano John Foster Dulles. Na charge podemos ver dois satélites russos em órbita e a falha no lançamento dos Estados Unidos.

Em 1971, os soviéticos lançaram o Projeto Salyut, que previa a construção de uma estação espacial. Em 1973, os Estados Unidos lançaram o Skylab, estação experimental que acabou se desintegrando em contato com a atmosfera, quando a Nasa perdeu o controle de sua órbita.

Embora a corrida espacial tenha terminado oficialmente em 17 de julho de 1975, Estados Unidos e União Soviética continuaram a desenvolver

seus programas espaciais. Nada, porém, foi mais brilhante do que a Iniciativa de Defesa Estratégica do presidente norte-americano Ronald Reagan (1981-1989), que ficou conhecida como “Guerra nas Estrelas”. Sua ideia era construir um grande escudo espacial para defender o território dos Estados Unidos contra mísseis vindos de qualquer lugar da Terra e, até mesmo, do espaço.

A última realização dos soviéticos foi colocar em órbita, em 1985, a estação espacial MIR, que retornou à Terra em março de 2001, após o fracasso da missão. Os Estados Unidos continuaram seu programa espacial, mesmo sem a competição da potência socialista.

## ■ O fim da Guerra Fria

O mundo bipolar começou a ruir com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e desmoronou totalmente com o fim da União Soviética, em 1991. Com o desmantelamento dos velhos rivais, os Estados Unidos não tinham mais com quem combater. Estava desmontada uma ordem mundial que durou quase cinquenta anos.

O mundo pós-Guerra Fria é uma consequência desse período: os arsenais atômicos e militares da época não foram desativados totalmente, e as tensões geopolíticas do momento atual estão relacionadas à existência de armas atômicas em mãos de países como Paquistão, Israel e Coreia do Norte. O Oriente Médio, um dos focos da Guerra Fria, continua a ser, no século XXI, um desafio geopolítico.

## Refletindo sobre o conteúdo

1. A Guerra Fria é um conflito que veio a reboque da Segunda Guerra Mundial, mas cujos protagonistas souberam controlar, antes que se tornasse uma Terceira Grande Guerra: daí a denominação Guerra Fria — um conflito congelado.

FERRO, Marc. *O século XX explicado aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2010. p. 63. (Adaptado.)

- Identifique os protagonistas da Guerra Fria e explique o que cada um representava.
- Por que havia risco de o conflito evoluir para uma guerra nuclear?
- Que acontecimentos marcaram o fim desse conflito?

2. A Guerra Fria se manifestou em todos os setores da vida e da cultura. Nenhum país poderia ser, ao mesmo tempo, capitalista e comunista.

ARBEX JR., José. *Guerra fria: terror de Estado, política e cultura*. São Paulo: Moderna, 2005. p. 11.

- Explique a afirmação acima.
- Indique três características do bloco socialista no período da Guerra Fria.

3. **Geografia e História** Justifique a denominação *Guerra Fria* para o período que vai do fim da Segunda Guerra Mundial até o fim da década de 1980.

# A globalização e a economia-mundo



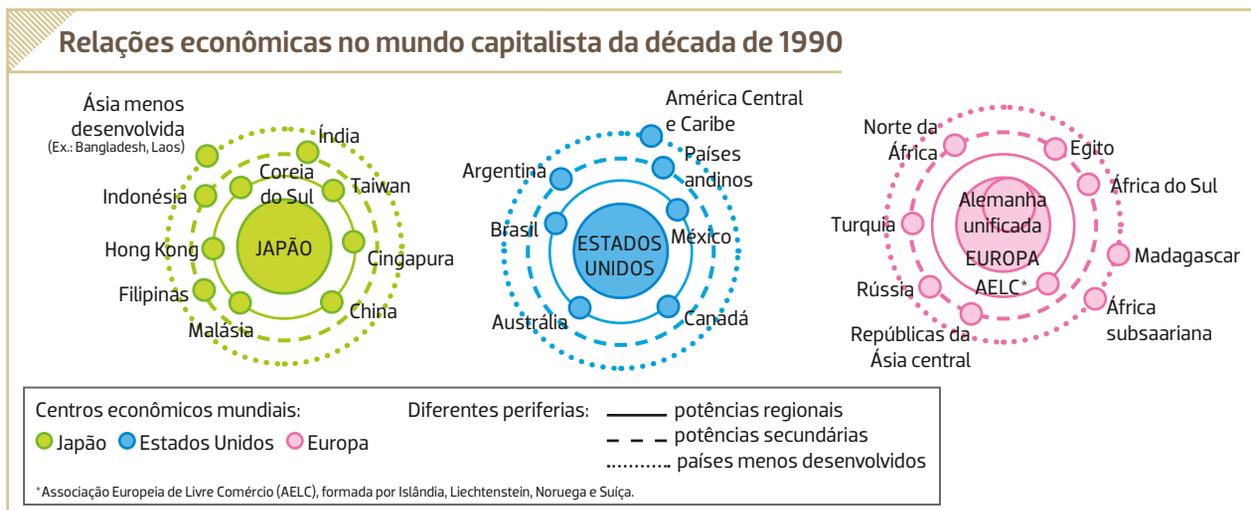
lightwise/123RF/EasyPix Brasil

▼ A economia-mundo possibilitou a internacionalização do capital. Imagem de 2013.

## ■ A multipolaridade e o conflito Norte-Sul

Nesse novo contexto, conforme foi visto no capítulo anterior, os Estados Unidos assumiram o papel de grande potência mundial. Entretanto,

apesar do indiscutível poderio norte-americano, o Japão e a Alemanha (reunificada e país integrante da União Europeia) já despontavam como novos polos da economia mundial, que se tornou, então, multipolar. E cada um desses polos tinha sua área de influência, como se pode observar neste esquema.



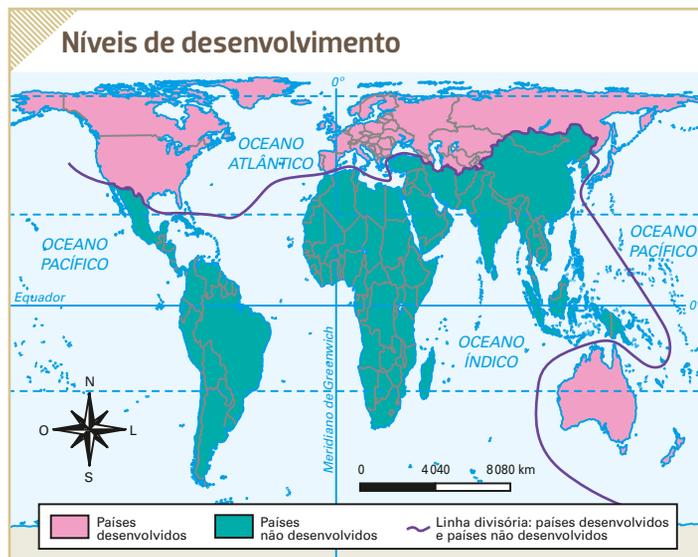
Banco de imagens/Arquivo da editora

Adaptado de: SÁNCHEZ, J. Aróstegui et al. *Historia del mundo contemporáneo*. Barcelona: Vicens Vives, 2008. p. 317.

No mundo pós-Guerra Fria, o conflito Leste-Oeste foi substituído pelo conflito Norte-Sul, marcado por grandes desigualdades: de um lado, a riqueza, a tecnologia e o alto nível de vida; de outro, a pobreza, a exclusão das inovações tecnológicas e científicas e os baixos níveis de vida. Em resumo: uma nítida fronteira econômica entre países desenvolvidos e ricos e países mais pobres, não desenvolvidos nem industrializados (veja o mapa ao lado).

Nessa nova divisão, própria da década de 1990, podem se reconhecer algumas características do bloco formado pelos países do Sul:

- Com exceção de Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, grande número de ex-colônias asiáticas, africanas, americanas e da Oceania forma o bloco dos países do Sul. Apesar de terem características comuns, esses países apresentam profundas diferenças entre si.
- Alguns países se destacam pelas oportunidades de investimento que representam para as empresas transnacionais. São países não desenvolvidos industrializados ou em fase de industrialização.



Adaptado de: ATLANTE geografico metodico De Agostini 2014-2015. Novara: Istituto geografico De Agostini, 2014. p. E-56.

Apesar das vantagens oferecidas, como o mercado consumidor e os incentivos fiscais, esses países representam grande risco em razão de sua constante instabilidade econômica ou política. São os chamados países emergentes, entre eles, o Brasil.

- Os antigos países socialistas adotaram o sistema capitalista. Apenas Cuba, Laos, Coreia do Norte e Vietnã ainda se declaram socialistas.

## Outra visão

Não escreva no livro

### A mistura de comunismo e capitalismo no Vietnã

Quarenta anos depois de expulsar os americanos do país, os vietnamitas se americanizam — e o país se torna vitrine da redução da desigualdade.

Há 40 anos, em 30 de abril de 1975, tropas comunistas vindas do norte do Vietnã invadiram a cidade de Saigon, a capital do sul do país, e colocaram um fim oficial ao pior conflito da segunda metade do século XX. A Guerra do Vietnã deixou mais de 2 milhões de vítimas e até hoje assombra o ego militar americano. Quatro décadas depois, Saigon já não é mais Saigon. Desde 1976, a metrópole se chama Cidade de Ho Chi Minh, uma homenagem ao ex-líder comunista do Vietnã que conseguiu o feito de derrotar os americanos e instaurar o comunismo no país. Se estivesse vivo, o homenageado talvez não se orgulhasse tanto da deferência. A sede do Partido Comunista na cidade fica em frente ao segundo maior shopping center do país. A Cidade de Ho Chi Minh se tornou o símbolo da abertura do Vietnã para o capitalismo e para o livre

mercado. Tomada por arranha-céus, lojas de grife e carros de luxo, a ex-Saigon é a capital financeira do Vietnã, uma das 100 cidades mais caras do mundo.

A Cidade de Ho Chi Minh é a representação da mudança extraordinária pela qual o Vietnã passou nas últimas décadas: um país que está superando seus colegas asiáticos em crescimento, onde a vida das pessoas melhorou por causa dos avanços econômicos, e que respira a dicotomia do liberalismo econômico combinado ao autoritarismo político. O Vietnã é uma das cinco últimas nações comunistas do mundo. As outras são China, Cuba, Laos e Coreia do Norte. Ao mesmo tempo que a riqueza desfila pelas ruas, por todo lado há bandeiras com a foice e o martelo e cartazes exaltando os feitos dos trabalhadores e camponeses.

O sucesso do Vietnã é de fazer inveja aos outros emergentes. Desde 2005, o país cresce, em média, 6% ao ano, e o PIB do país saltou de US\$ 57 bilhões em 2005 para US\$ 185 bilhões em 2014. O Fundo Monetário Internacional (FMI) estima que o Vietnã será uma das 25 maiores economias do mundo nos próximos dez anos. [...]

A lista de feitos capitalistas do Vietnã faria corar o alto secretariado do Partido Comunista. O maior paradoxo é que foi a liberalização da economia, e não as ideias socialistas, que reduziu a desigualdade econômica. Em 1993, mais de 60% da população vivia abaixo da linha de pobreza (com menos de US\$ 1 por dia). Em 2004, esse número caiu para 20%. Hoje, são 10%. O Índice de Desenvolvimento Humano (que vai de 0 a 1) saltou de 0,439 em 1990 para 0,617 em 2013. A renda per capita, de US\$ 100 em 1995, hoje é de US\$ 1 650. O Vietnã cumpriu todos os objetivos desenvolvidos em parceria com as Nações Unidas para reduzir a pobreza. [...]

Antes de descobrir o que a liberalização da economia podia fazer pela situação social do país, o Vietnã foi um laboratório comunista. Pouco depois do fim da guerra e da invasão de Saigon, nasceu a República Socialista do Vietnã, em julho de 1976. Nos dez anos seguintes, o país viveu o período da “economia subsidiada” (Bao Cap), marcado pela coletivização da agricultura, pelos campos de reeducação forçada e pela carestia generalizada. Nesse período, mais de 800 mil vietnamitas deixaram o país [...].

Em 1986, o país estava falido, passava por uma crise alimentar sem precedentes, e com uma inflação que batia os 700% ao ano. Foi quando se iniciou o período chamado de “renovação” (Doi Moi), a substituição da coletivização das terras e controle estatal generalizado pela paulatina abertura econômica do país, com reformas liberalizantes, privatizações e atração de investimentos externos — uma economia de mercado com orientação socialista, seguindo o exemplo da China. A economia deu um salto, e em 20 anos o país se tornou um dos grandes exportadores agrícolas do mundo de pimenta, café, arroz e castanhas. [...]

A bem-sucedida abertura econômica do Vietnã foi a forma que o Partido Comunista encontrou para se autopreservar. “O PC vietnamita tem como objetivo criar 1 milhão de empregos ao ano e manter a população feliz”, afirma Ben Kiernam, professor de História da Universidade Yale e autor de três livros sobre o país. “Além disso, o país vive um babyboom só comparável ao dos Estados Unidos no final da Segunda Guerra.”

O padrão de vida das pessoas melhorou, seus horizontes se alargaram e sua ambição cresceu. Esse é o perigo

para o Partido Comunista. O casamento entre o controle do Estado e a liberalização econômica, entre o Partido e os interesses privados, causa uma distorção. Os casos de corrupção dispararam, e a população percebe isso. A situação é ainda mais grave porque os corruptos não foram eleitos pelo povo e não podem sair do poder pelo voto. Em 2014, o Vietnã ficou em 119º lugar no ranking de percepção de corrupção da Transparência Internacional (a Rússia ficou em 136º lugar; o Brasil, em 69º). [...]

O Vietnã de hoje é um país em que metade da população de 91 milhões de habitantes tem menos de 30 anos, não viveu os horrores da guerra e não se lembra do pior período do comunismo. Satisfeita com os avanços econômicos, a população, mais bem-educada, pode se levantar contra o autoritarismo e a corrupção. [...]

TURRER, Rodrigo. Revista Época. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/05/mistura-de-comunismo-e-capitalismo-no-vietna.html>>. Acesso em: 15 jan. 2016.



De Visu/Shutterstock

▼ Vista da cidade de Ho-Chi-Min, no Vietnã, em 2016.

⊕ **Com base nas informações do texto e em seus conhecimentos, faça as atividades propostas.**

1. Responda por que a cidade de Ho Chi Minh, ex-Saigon, reflete a mudança econômica ocorrida no Vietnã.
2. Explique a frase abaixo tendo como referência as informações do texto, sobre a realidade vietnamita.

“O casamento entre o controle do Estado e a liberalização econômica, entre o Partido e os interesses privados, causa uma distorção.”

## ■ A globalização e a economia-mundo

A grande novidade da nova ordem mundial foi a “revolução” nos meios de transporte e nas comunicações — fator fundamental para que se estabelecesse uma economia globalizada.

Hoje, qualquer acontecimento em qualquer parte do mundo é transmitido em tempo real ao mundo inteiro: uma corrida de Fórmula 1, um jogo da Copa do Mundo, as cenas de um terremoto no Japão ou de conflitos no Oriente Médio ou na África. É possível comprar produtos fabricados em vários países tanto em luxuosos *shopping centers*

como na lojinha do bairro ou até mesmo na barracquinha do ambulante da esquina.

Esse fenômeno de mundialização econômica, que tem ao mesmo tempo uma dimensão política, social e cultural, é chamado *globalização*.

A globalização estritamente econômica pode ser entendida como a aceleração da interdependência das economias de todos os povos, provocada por mudanças tecnológicas e pela redução das barreiras à circulação de mercadorias, capitais e pessoas. Esses movimentos, que se complementam com o fluxo de informação, constituem as chamadas **redes**, tanto materiais (transportes) quanto virtuais (internet). A integração de economias, culturas, línguas, produção e consumo, que se ampliou com a evolução dos meios de comunicação, transformou o mundo em uma aldeia global.

Com a facilidade e a rapidez dos fluxos de capitais do mundo globalizado, os países se tornaram extremamente dependentes uns dos outros, apesar da concorrência entre eles. Como exemplo dessa dependência, podemos citar a crise econômica de 2008, deflagrada no setor imobiliário dos Estados Unidos, a maior economia do mundo. Essa crise espalhou-se por outros setores do país e também por outros países, atingindo a economia mundial. Em 2009, seus efeitos eram sentidos em todo o planeta: aumento do desemprego, queda da produção industrial, diminuição na venda de produtos, falência de indústrias e de estabelecimentos comerciais, adiamento de obras da construção civil, maior desigualdade econômico-social, entre outros problemas.

**Rede:** na definição de Milton Santos, “rede é toda infraestrutura que, permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação, se inscreve sobre um território”.

A globalização econômica deu origem a uma globalização de ideias.

Para se estabelecer mundialmente, a grande empresa precisa da globalização cultural. O lazer, as formas de se vestir, as revistas, os jornais, as formas de consumo precisam ser parecidas em qualquer lugar do mundo, isto é, devem ser padronizadas.

O rádio e a televisão exercem papel importante na formação dessa cultura, pois, ao mesmo tempo que divulgam músicas, filmes e informações, sugerem um padrão ideal de vida e de consumo que deve ser seguido para “alcançar a felicidade”. Daí a importância de preservar e valorizar a cultura e a identidade próprias de cada país, ameaçadas de desaparecer.

A globalização possibilitou que certas questões, como problemas ambientais, aumento da pobreza, crises econômicas, direitos humanos, tráfico de drogas e ações terroristas, sejam discutidas e resolvidas em conjunto, por grupos de países.

### Globalização regionalizada

Na economia-mundo há uma grande ampliação das trocas comerciais internacionais. Por causa dessa forte interação, alguns países procuram agrupar-se para enfrentar melhor a concorrência no mercado mundial.

A formação de blocos econômicos é uma regionalização dentro do espaço mundial, mas também uma forma de aumentar as relações em escala global, pois, ao participar de um bloco, um país tem acesso a vários mercados consumidores, dentro e fora do bloco. Os principais blocos regionais são: União Europeia, Mercosul (Mercado Comum do Sul), Nafta (Acordo de Livre Comércio da América do Norte) e Apec (Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico).

### ● A internacionalização do capital

O fluxo comercial de capitais nas diferentes regiões do mundo não é uma situação nova. Durante o mercantilismo (séculos XV-XVII) houve a internacionalização do capital comercial. No imperialismo (séculos XIX e XX), ocorreu a internacionalização do capital industrial. Após a Segunda Guerra (1939-1945), o capital produtivo também se internacionalizou, quando as transnacionais se instalaram nos países não desenvolvidos. Mais recentemente, a década de 1990 foi marcada pela internacionalização do capital especulativo (*smart money*).



▼ Protestos durante a Conferência do clima em Paris, a COP-21. França, foto de 2015.

## ● Fluxo de capitais produtivos: as empresas globais

A economia-mundo teve início quando as empresas transnacionais passaram a cruzar as fronteiras dos Estados nacionais, deslocando seu capital para atender a interesses econômicos, sempre que um lugar apresentasse maiores vantagens. Essas empresas, com filiais espalhadas pelo mundo todo, fazem aplicações, movimentam recursos, decidem sobre a produção e o comércio de seus produtos, independentemente dos governos nacionais dos países onde se instalam.

Após a Segunda Guerra, as grandes empresas dos países desenvolvidos “invadiram” os países não desenvolvidos para fabricar seus produtos e aumentar ainda mais seus mercados consumidores. Desse modo, não só fugiam dos pesados impostos e das severas leis trabalhistas de seu país, como também aproveitavam as vantagens da mão de obra barata dos países onde instalavam as novas unidades. Foi o que ocorreu com as montadoras automobilísticas e com as indústrias de eletrodomésticos que se instalaram no Brasil, na segunda metade do século XX.

Como as etapas da produção eram realizadas em vários países, essas empresas ficaram conhecidas na época como *multinacionais*. Hoje são chamadas *transnacionais*, pois não são empresas de vários países, como a antiga terminologia poderia sugerir, mas de um só país, cuja ação ultrapassa fronteiras.

Com as facilidades do espaço mundializado, surge a empresa global, que pode se originar de uma empresa transnacional ou, simplesmente, já nascer global. Na empresa global, os processos de produção são mundializados, isto é, possuem unidades de produção complementares em vários países. Ela pode, por exemplo, fazer seu projeto nos Estados Unidos, fabricar os componentes em Taiwan e montar o produto na Argentina. Pode ter seu sistema de produção em um país onde seus produtos não são consumidos. Por outro lado, seu mercado mais importante pode estar em um lugar onde ela não possui nenhuma unidade de produção.

Por esse motivo, os especialistas costumam dizer que a empresa global “não tem pátria”. Seu objetivo é cristalizar uma marca que não está relacionada com nenhuma cultura nacional. Geralmente, a empresa global procura se ligar à imagem de pessoas que tenham destaque na mídia, como esportistas, artistas de cinema, cantores, líderes políticos ou de movimentos sociais, etc.

## ● Fluxos de capitais especulativos

O alto nível tecnológico alcançado pelos meios de comunicação permite que o capital especulativo, aplicado a curto prazo, circule com rapidez por vários mercados com o fim de gerar lucro. Os principais atrativos que esses mercados podem oferecer são juros altos e segurança. Como esse capital pode ser transferido de uma hora para outra, ao menor sinal de insegurança do mercado, ele é retirado por seus aplicadores, o que gera graves crises nas economias onde havia sido aplicado. Quando diminui a confiança, o capital especulativo faz um movimento conhecido como “fuga de qualidade”, em busca de investimentos mais seguros.

## ● As Bolsas de Valores

As Bolsas de Valores são instituições financeiras nas quais se negociam ações, isto é, papéis ou títulos de propriedade de empresas de capital aberto, que são constituídas de um acionista majoritário e outros acionistas com menor participação, que compram ações nas Bolsas.

As Bolsas de Valores refletem a situação econômica do momento. Em épocas de crise, os investidores querem vender suas ações com medo do mau desempenho das empresas. Quando isso acontece, as ações desvalorizam e as Bolsas “caem”. A situação mais grave é a quebra da Bolsa (*crash*), como aconteceu em Nova York, em 1929. Nesse caso, a queda no preço das ações é muito grande. O principal motivo da quebra



▲ A obra do escultor alemão Reinhard Dauchlauer, *Bull and Bear*, em frente à Bolsa de Valores de Frankfurt, Alemanha, é uma metáfora do movimento das Bolsas de Valores. O touro (*bull*) representa a alta das ações porque costuma jogar a vítima para cima em seus ataques; o urso (*bear*) demonstra a queda das ações, porque empurra sua vítima para baixo. Foto de 2015.

é o fato de todos os investidores quererem vender suas ações e ninguém querer comprar. No mundo globalizado, com mercados interligados, a crise na Bolsa de um país afeta todas as outras.

O movimento das Bolsas de Valores na atual fase do capitalismo retrata as transformações pelas quais o sistema financeiro tem passado: de um lado, estão as empresas tradicionais, medidas pelo índice Dow Jones da Bolsa de Nova York. Do outro, a Nasdaq, da mesma instituição e dedicada exclusivamente a empresas de computadores, informática e telefonia. O índice Dow Jones mede as ações da Velha Economia e o Nasdaq, as da Nova Economia.

Como Velha Economia entendemos o mercado das empresas tradicionais: indústrias automobilísticas, de tabaco, companhias de petróleo, entre outras. Mas a grande novidade da globalização é a Nova

Economia, que de certa forma alterou profundamente o mundo dos negócios e o mercado de trabalho. Reunindo empresas de computadores, a internet e a telefonia, ela é a responsável pelo processo de internacionalização dos mercados, uma vez que forneceu as facilidades tecnológicas para que isso ocorresse. Na Nova Economia, o dinheiro é transferido de um lugar para outro ao simples teclar de um computador. A internet é a grande “estrela” desse sistema. Ela pode significar maior contato entre as pessoas ou maior mercado para as empresas.

No Brasil, a única Bolsa de Valores é a Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros (BM&FBovespa), que foi criada em 2008, com a fusão da Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo) e da BM&F (Bolsa de Mercadorias e Futuros). Funciona na cidade de São Paulo, e seu índice é o Ibovespa.

## Relacionando os assuntos

✎ Não escreva no livro

### A crise de 1929

*A crise que começou com a quebra da Bolsa de Nova York, nos Estados Unidos, em 1929, propagou-se por toda a economia estadunidense e, com as operações do comércio exterior e a movimentação do capital nos mercados globais, acabou atingindo a economia mundial, provocando uma grave e duradoura recessão.*

*Dois fatores foram fundamentais para a recessão que se seguiu à quebra da Bolsa de Nova York, nos Estados Unidos: a falta de recursos monetários para os países arcarem com o pagamento das dívidas, a chamada crise de liquidez; e a diminuição do consumo em consequência do desemprego e dos baixos salários, o que gerou uma superprodução. A recessão mundial, por sua vez, pode ser explicada pela estreita relação entre as diversas economias nesse período.*

*O combate às sequelas sociais deixadas pela crise levou o Estado a colocar em prática medidas que contrariavam o liberalismo econômico. A partir de então, o papel econômico do Estado se fortaleceu para evitar a ocorrência de outras crises da mesma magnitude. Nos Estados Unidos, a política estatal implementada pelo presidente Franklin Delano Roosevelt para amenizar os efeitos da recessão foi chamada de New Deal.*

*O programa econômico do novo presidente apresentava grandes contradições, já que propunha aumentar a intervenção estatal e ao mesmo tempo pretendia reduzir o deficit público, cortando gastos. Uma boa parte dos empresários foi contra essas propostas porque elas interferiam nos preços de mercado.*

SÁNCHEZ, J. Aróstegui et al. *Historia del mundo contemporáneo*. Barcelona: Vicens Vives, 2005. p. 154. (Adaptado.)

American Stock/Getty Images



⊕ **Refleta sobre o que você acabou de ler. Depois, relacionando esse texto com o que você já estudou, responda às questões propostas.**

1. Qual foi a teoria econômica adotada pelos Estados Unidos depois da crise de 1929?
2. Por que podemos dizer que a crise de 1929 abalou os fundamentos do capitalismo?
3. Compare as crises econômicas de 1929 e de 2008.

▼ Desempregados recebem alimento durante a Grande Depressão, em Los Angeles, Califórnia. Foto de 1930.

## ■ O outro lado da globalização

Apesar das vantagens que oferece, a globalização tem sido bastante criticada por ter aumentado a desigualdade social e econômica, o desemprego e facilitado a atuação das entidades do crime organizado.

A parte cruel da atual fase do capitalismo informacional é a globalização da pobreza. Apesar do aumento da riqueza global, há uma diferença cada vez maior entre ricos e pobres, e isso ocorre com pessoas, regiões ou países. Há um gradual empobrecimento da população, mesmo nos países desenvolvidos.

O “fantasma” do desemprego sempre rondou os países em tempos de crise econômica. É o chamado *desemprego conjuntural*, decorrente do mau desempenho da economia local. A globalização trouxe outros tipos de desemprego, causados pelas modernas formas de administração, que têm como objetivo a redução dos custos (desemprego estrutural) e substituição do ser humano pela máquina (desemprego tecnológico).

Pode-se dizer que a tecnologia que trouxe conforto e melhoria de vida às pessoas, ao mesmo tempo, reduziu os postos de trabalho. Enquanto a demanda por mão de obra qualificada aumentou, a oferta para trabalhadores sem o preparo necessário diminuiu.

Antonio Cicero/Fotoarena



▼ Cobrança automática em pedágio na rodovia Presidente Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro. Foto de 2015.

Uma estratégia muito utilizada pelas empresas, mas que também rouba postos de trabalho e prejudica o trabalhador, é a *terceirização*. Com o advento das transnacionais, que buscam vantagens nos países não desenvolvidos, e das empresas globais, que encomendam seus produtos em países emergentes, em vários setores há uma indústria “sem fábrica”.

A terceirização é mais uma forma que as empresas encontraram para reduzir os custos. Essa prática

consiste em contratar outras empresas para fabricar produtos ou fornecer serviços. Apesar das vantagens financeiras, quem terceiriza sua produção corre riscos. Além da quebra de sigilo, a empresa contratada pode repassar o serviço e, com isso, comprometer a qualidade do produto.

As atividades do crime organizado também se beneficiaram das facilidades tecnológicas das comunicações do mundo globalizado. O tráfico de drogas, de mulheres e crianças, de órgãos humanos e também as máfias de várias nacionalidades (chinesa, japonesa, coreana, romena, nigeriana, russa e italiana) encontram mais facilidades para expandir suas ações criminosas. O terrorismo espalha mais rapidamente suas células de ação pelo mundo em razão dessas facilidades e dos inúmeros **paraísos fiscais**, ou financeiros.

**Paraíso fiscal:** país ou território onde existe uma legislação que favorece a aplicação de capitais externos, na medida em que não cobra impostos — ou, quando cobra, os impostos são muito baixos — e garante o sigilo bancário, protegendo as atividades criminosas.

Em 1989, foi criado o Financial Action Task Force (FATF) ou Grupo de Ação Financeira (Gafi), organismo intergovernamental cujo objetivo é combater a lavagem de dinheiro em nível global por meio da cooperação entre países. Em outubro de 2001, o Gafi incluiu em sua missão o combate ao financiamento do terrorismo. Em 2015, esse organismo era formado por 36 países-membros, além de diversas organizações internacionais observadoras.

## ● Os grupos antiglobalização e antineoliberalismo

A política neoliberal, as empresas transnacionais e as desigualdades econômicas criadas pela globalização têm sido alvo de protestos em vários países do mundo.

O termo *antiglobalização* designa os diversos grupos que protestam contra várias características da atual fase do capitalismo, como o neoliberalismo, o aumento indiscriminado da pobreza, a globalização das ideias e do consumo, a formação de blocos econômicos e os danos ao meio ambiente.

Os primeiros protestos começaram com o movimento Ação Global dos Povos (AGP), que pretende ser um instrumento de comunicação e coordenação para todos os que lutam contra a destruição do planeta causada pelo capitalismo globalizado.

A AGP está pautada na rejeição ao capitalismo, ao imperialismo, ao racismo, a todo fundamentalismo religioso, ao capital transnacional, a todo acordo comercial e a instituições e governos que promovem uma globalização destrutiva. Além disso, apoiam a ação direta e a desobediência civil na luta contra o capitalismo global.

Outro grupo que procura conter a globalização é o que organiza o Fórum Social Mundial (FSM). Seu objetivo é buscar alternativas para as políticas neoliberais, fundamentado na pluralidade e na diversidade. O Fórum Social Mundial não é uma entidade, nem uma organização governamental ou partidária. Trata-se de um evento anual, organizado por representantes de entidades sociais de vários pontos do mundo, que tem como lema a frase “Um outro mundo é possível”. É sempre realizado em países não desenvolvidos e emergentes e se opõe ao Fórum Econômico Mundial (FEM), realizado em Davos, na Suíça, que defende os mecanismos da atual globalização.

A décima edição do Fórum Social Mundial foi realizada na Grande Porto Alegre, em 2010, e discutiu temas de justiça econômica e ambiental, como críticas ao desenvolvimento econômico a qualquer preço. Nesse encontro, foram destacados temas como a fome e a pobreza extrema, os impactos ambientais e o desemprego. Também foram sugeridas alternativas de geração de renda para populações carentes, por meio de associações e cooperativas de trabalhadores.

Em 2012, foi realizado em Porto Alegre, São Leopoldo, Canoas e Novo Hamburgo, no estado do Rio Grande do Sul, o Fórum Social Temático (FST), ligado ao Fórum Social Mundial, para discutir a crise financeira e as injustiças social e ambiental.

O Fórum Social Temático serviu de preparação para a reunião da Cúpula dos Povos que aconteceu, em contraponto à Rio+20, em junho de 2012, no Rio de Janeiro, para discutir temas variados, como o desenvolvimento sustentável, a descriminalização da maconha, a situação de comunidades indígenas e quilombolas, a energia nuclear e a cidadania. Participaram do evento grupos indígenas, religiosos, ambientalistas, trabalhadores sociais e ativistas de várias partes do Brasil e do exterior. A principal tônica da Cúpula é a diversidade étnica, religiosa e cultural, a luta por justiça social e a preocupação com o meio ambiente.

Após as crises financeiras e econômicas da primeira década do século XXI, alguns movimentos

Felipe Dana/Associated Press



▶ Pessoas de várias nacionalidades se reúnem em protesto que defende a agricultura sustentável em pequena escala, durante a realização da Rio+20, no Rio de Janeiro (RJ), em junho de 2012.

têm protestado contra a “ditadura” do mercado financeiro e suas sequelas, como o aumento da pobreza, a corrupção, o desemprego, a desigualdade social e econômica. Entre eles, destaca-se o movimento Ocupe Wall Street (*Occupy Wall Street*, em inglês), iniciado em 17 de setembro de 2011, no distrito financeiro de Manhattan, na cidade de Nova York.

Há também grupos mais extremistas como os Black Blocs, movimento anticapitalista de viés anarquista, em que manifestantes mascarados e vestidos de preto utilizam a estratégia de destruir propriedades, como a depredação de fachadas de lojas e escritórios pertencentes a grandes redes transnacionais, que é uma forma de se opor às corporações, às vantagens e aos apoios que elas recebem dos governos ocidentais.

Mike Kemp/In Pictures/Getty Images



▶ Black Blocs participam de manifestação em Londres, Reino Unido, em 1º de maio de 2016. Eles protestam contra a divisão de classes e as desigualdades entre ricos e pobres.



1. Leia o texto a seguir sobre a Revolução Técnico-Científica-Informacional:

[...] a informática invadiu o setor financeiro, os sistemas de administração pública e privada; os serviços de transporte, saúde e educação. Os novos bens de consumo (computadores pessoais, celulares, produtos de multimídia) reorganizaram mercados e geraram uma imensa demanda [...] Essa revolução confirmou a liderança dos EUA, pois as empresas símbolos da nova era são, em geral, norte-americanas, sendo a Microsoft, a empresa do Vale do Silício (Califórnia) mais conhecida do mundo.

MORAES, Marco Antonio de; FRANCO, Paulo Sérgio Silva. *Geografia humana: o homem — origem, jornada e evolução tecnocientífica*. Campinas: Átomo, 2011. p. 118-119.

- Comprove o que está citado no texto anterior com três exemplos cotidianos.
2. Diferencie as noções de poder da ordem bipolar e da ordem multipolar.
  3.  **Geografia e História** Leia o texto para responder às questões.

*Historicamente, a África é a região mais explorada pela globalização: durante os anos de colonialismo, o mundo tomou seus recursos, mas deu muito pouco em troca. Em anos recentes, a América Latina e a Rússia também ficaram desapontadas com a globalização. Elas abriram seus mercados, mas a globalização não cumpriu suas promessas, especialmente para os pobres.*

STIGLITZ, Joseph E. *Globalização: como dar certo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 71-72.

- a) Para esse autor norte-americano, ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 2001, a globalização ocorre desde o colonialismo. Para outros autores, a globalização é um fenômeno recente, da última metade do século XX, só efetivada após os progressos tecnológicos alcançados. O que você pensa sobre o conceito de globalização? Justifique sua resposta.
  - b) Relacione globalização e pobreza.
4.  **Geografia, Filosofia e Sociologia** Entre 2013 e 2015, manifestantes do grupo Black Bloc tomaram as ruas de várias cidades brasileiras. Leia o texto a seguir sobre esse grupo antiglobalização.

*“O Black Bloc no Brasil veio para ficar”, afirma Pablo Ortellado, professor da USP.[...] Para entendê-los é preciso voltar no tempo. A denominação surgiu na Alemanha nos anos [19]80, com uma pauta (ecologia radical) e uma função específica: isolar manifestantes e polícia, evitando cassetetes e agitadores infiltrados. Em 1999, manifestaram-se com violência em Seattle (EUA), quando a Organização Mundial do Comércio ali se reuniu. Protestos terminaram com pichações e depredação de empresas como Starbucks. “É quando o anarquismo dominou e o Black Bloc ficou associado ao uso da violência como ação direta, passando a ter caráter mais estético, espetacular, de intervenção urbana”. Por aqui, ambos os momentos ocorreram. “No Brasil, eles cumpriram as duas tarefas”, diz Ortellado. Num primeiro ato, protegeram os manifestantes da repressão policial, tradição alemã. Depois, sobrou o modelo americano de ataque simbólico a grandes corporações, de espetáculo midiático.*

LOCATELLI, Piero; VIEIRA, Willian. O Black Bloc está na rua. *Carta Capital*. Disponível em: <[www.cartacapital.com.br/revista/760/o-black-bloc-esta-na-rua-7083.html](http://www.cartacapital.com.br/revista/760/o-black-bloc-esta-na-rua-7083.html)>. Acesso em: 15 jan. 2016.

- O professor vai dividir os alunos em grupos para discutir a ação do grupo Black Bloc nas manifestações de rua pelas cidades brasileiras. As questões abaixo deverão ser discutidas pelos grupos. Para isso, podem pesquisar em sites, livros e revistas sobre o tema sugerido e enriquecer seus argumentos.
  - a) Quais são os objetivos dos Black Blocs?
  - b) Quem integra esses grupos?
  - c) Como o seu grupo avalia a atuação dessas pessoas?
  - d) Em que tipo de manifestações eles interferem?
  - e) Vocês fariam parte desses grupos? Justifiquem sua resposta.
  - f) Podem também acrescentar informações que vocês acharem interessantes para discutir com os colegas.

Após o trabalho em grupo, o professor pedirá que as respostas sejam lidas para a classe e discutidas para que todos possam conhecer as diferentes opiniões.

# O mundo no século XXI: economia e geopolítica



Ivan Sekretarev/Agência France-Press

▼ O Brics, grupo que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, desponta como nova força econômica mundial na primeira década do século XXI. Na imagem, representantes do Brics reunidos em Ufa, na Rússia, durante fórum que discutia questões regionais e globais, como o conflito na Síria. Foto de 2015.

## Um mundo em transformação

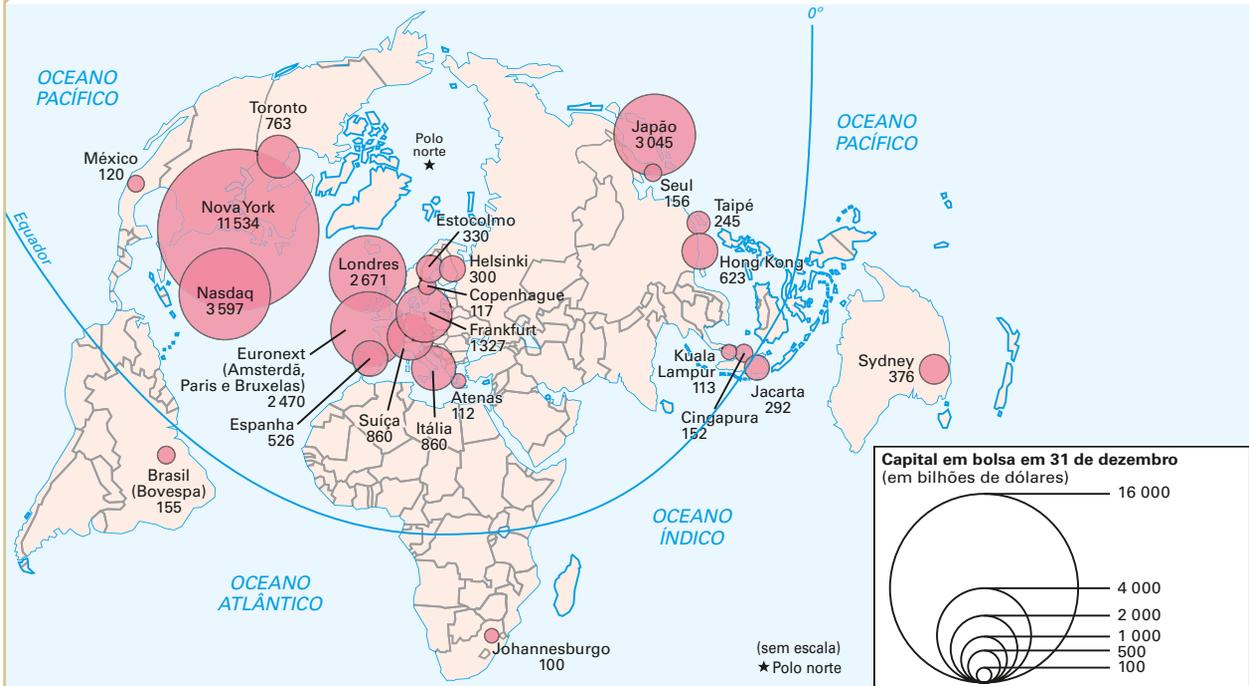
A primeira década do século XXI (2001-2010) foi marcada por importantes mudanças no sistema de relações econômicas e geopolíticas do mundo globalizado. Embora uma nova ordem mundial não tenha se consolidado, a situação que se verificava na década de 1990 e no conflito Norte-Sul se alterou.

Houve o fortalecimento de outras regiões mundiais, situadas à margem dos países desenvolvidos e do chamado Norte econômico, que passaram a ser conhecidas como países emergentes.

O poder econômico da Tríade (Estados Unidos, União Europeia e Japão) diminuiu e novas potências regionais surgiram, como é o caso da China, da Índia, do Brasil e da Rússia. Com a consolidação das relações entre países emergentes (relações Sul-Sul), essas novas forças econômicas passaram a questionar o domínio dos países desenvolvidos sobre as instituições que regulam as relações políticas e foram criadas logo após a Segunda Guerra Mundial (ONU, FMI, Banco Mundial).

O mercado financeiro, que antes estava muito concentrado na Europa e na América do Norte, se expandiu e se deslocou para o continente asiático, como você pode observar nos mapas a seguir.

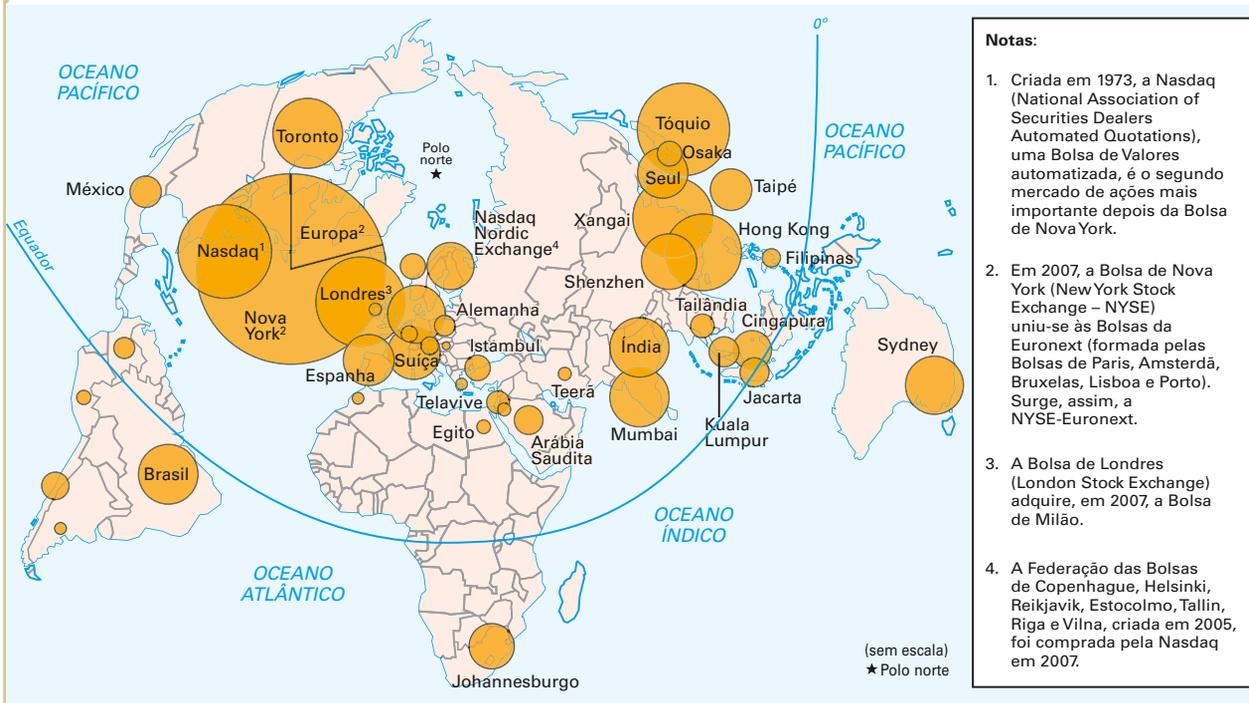
### Crescimento do mercado financeiro mundial — 2000



**Capital em bolsa em 31 de dezembro**  
(em bilhões de dólares)

Os círculos são proporcionais ao valor dos intercâmbios. Estão representadas apenas as Bolsas cuja capitalização supera os cem bilhões de dólares.

### Crescimento do mercado financeiro mundial — 2010



- Notas:**
1. Criada em 1973, a Nasdaq (National Association of Securities Dealers Automated Quotations), uma Bolsa de Valores automatizada, é o segundo mercado de ações mais importante depois da Bolsa de Nova York.
  2. Em 2007, a Bolsa de Nova York (New York Stock Exchange – NYSE) uniu-se às Bolsas da Euronext (formada pelas Bolsas de Paris, Amsterdã, Bruxelas, Lisboa e Porto). Surge, assim, a NYSE-Euronext.
  3. A Bolsa de Londres (London Stock Exchange) adquire, em 2007, a Bolsa de Milão.
  4. A Federação das Bolsas de Copenhague, Helsinki, Reikjavik, Estocolmo, Tallin, Riga e Vilna, criada em 2005, foi comprada pela Nasdaq em 2007.

Mapas adaptados de: MONDES émergents. Paris: Le Monde Diplomatique, 2012. p. 16.

A supremacia dos Estados Unidos passou a ser contestada, ameaçada pelo terrorismo e pelas crises que abalaram a economia do país.

Todas essas mudanças foram influenciadas por dois fatos marcantes que aconteceram no começo do século XXI: os atentados terroristas de 11 de

setembro de 2001, que ocorreram nos Estados Unidos, e seus impactos na geopolítica e na economia do sistema mundial; e a ascensão das economias emergentes, acentuada pelas graves crises que atingiram os países desenvolvidos, principalmente a partir de 2008.

## ● Atentados terroristas de 2001: impactos geopolíticos e econômicos



▼ Memorial 11/9, espaço que relembra os atentados de 11 de setembro de 2001, em Manhattan, Nova York, Estados Unidos. Foto de 2015.

Do ponto de vista geopolítico, em decorrência dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos elegeram um novo inimigo: o terrorismo islâmico. Consequentemente, o país definiu políticas que atingiram as relações internacionais, com duas medidas fundamentais:

- a *Doutrina Bush*: dá ao país “o direito de atacar preventivamente qualquer força que seja entendida como ameaça à sua segurança”. Exemplos dessa medida são as invasões do Afeganistão, em 2001, e a invasão do Iraque, em 2003;
- o *Ato Patriótico*: entre as medidas impostas pela lei, estão a invasão de lares, espionagem de cidadãos, interrogatórios e torturas de possíveis suspeitos de espionagem ou terrorismo, sem direito a defesa ou julgamento. Essas prisões, por vezes de cidadãos inocentes de outros países, causaram incidentes internacionais. Um exemplo disso é o que ocorreu na baía de Guantánamo, em Cuba, onde os Estados Unidos mantêm uma prisão. As condições degradantes a que os prisioneiros eram submetidos foram

motivo de indignação internacional e alvo de duras críticas, tanto por parte de governos como de organizações humanitárias internacionais.

Do ponto de vista econômico, os mercados norte-americanos e mundiais foram duramente atingidos pelos ataques terroristas de 2001. A Bolsa de Nova York e a Nasdaq fecharam por alguns dias. Quando os mercados reabriram em 17 de setembro de 2001, o índice Dow Jones caiu 684 pontos, até 8 920, em sua maior queda em um só dia. No fim da semana, o Dow Jones havia perdido 1 369,7 pontos, sua maior queda em uma semana. Além disso, houve a destruição física de prédios e equipamentos de bancos e empresas situadas nesse local.

Outro efeito econômico dos ataques terroristas de 2001 foram os gastos militares que os Estados Unidos e seus aliados, todos países desenvolvidos (Reino Unido, Canadá, Austrália, França, Itália, Espanha e outros), empregaram na invasão do Afeganistão e do Iraque.

## ● A ascensão dos países emergentes

No século XXI, a economia mundial está dividida em países desenvolvidos, países emergentes e grande quantidade de países pobres, agora denominados *países menos desenvolvidos* pela Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (Unctad). Entretanto, não há consenso entre os especialistas sobre quais países seriam chamados emergentes, pois existe uma vasta gama de países com características muito diversas, mas alguns se enquadram em quase todas, como Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (Brics), além de México, Turquia e Coreia do Sul. Entre outros países classificados como emergentes estão Tailândia, Vietnã, Nigéria e Taiwan.

O conceito de país *emergente* está relacionado com o tamanho e o crescimento da economia. Por isso não pode ser confundido com o conceito de *sub-desenvolvimento*, que é socioeconômico — uma situação muito mais complexa, que será discutida no Capítulo 7.

A nova ordenação econômica, portanto, é baseada no tamanho dos mercados, e não nas diferenças sociais e econômicas que se expressam na qualidade de vida das populações, como o conflito Norte-Sul.



Mapa elaborado com informações de: ATLANTE geográfico De Agostini 2015. Novara: Instituto geográfico De Agostini, 2015; BEYOND The Brics: a Look at the Next 11. Disponível em: <[www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/archive-pdfs/brics-book/brics-chap-13.pdf](http://www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/archive-pdfs/brics-book/brics-chap-13.pdf)>; DREAMING With Brics: The Path to 2050. Disponível em: <[www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/archive-pdfs/brics-dream.pdf](http://www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/archive-pdfs/brics-dream.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2016. Mapa sem data na fonte original.

## ■ Brics: emergentes diferenciados

Na primeira década do século XXI, alguns países emergentes assumiram um papel importante no mundo globalizado, seja por sua população, seja por seu crescimento econômico, ou ainda por sua participação no comércio internacional. Entre eles, destacam-se Brasil, Rússia, Índia e China: o chamado Bric, acrônimo formado pelas iniciais dos nomes desses países.

A sigla **Bric** foi idealizada pelo economista inglês Jim O'Neill em um estudo de 2001 intitulado "Building Better Global Economic BRIC" (Construindo melhor a economia global: BRIC). Em 2003, os países do Bric foram objeto de estudo do Banco Goldman Sachs, grupo de investimentos globais com sede em Nova York, que analisou o desempenho dessas economias a partir desse ano e comparou-as com as economias do G-6 (Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França e Itália).

Nesse estudo, o Banco utilizou as últimas projeções demográficas, um modelo de crescimento da produtividade, o PIB (Produto Interno Bruto), a renda *per capita* e as variações cambiais de cada país para fazer uma projeção para 2050.

O documento que apresenta as conclusões desse trabalho foi denominado "Sonhando com o Bric — O caminho até 2050", no qual se afirma que, muito provavelmente, em 2050, das economias do atual G-6, apenas Estados Unidos e Japão estarão entre as maiores do mundo. Além disso, no conjunto serão ultrapassadas pelo Bric.

Em 2011, o grupo convidou a África do Sul para juntar-se a eles, formando o **Brics** ("s" de South Africa, em inglês). Esse país não fez parte do estudo do banco de investimentos, mas possui características comuns com os outros quatro participantes.

## ■ De Bric a Brics

O estudo do Banco Goldman Sachs não pretendia formar um bloco econômico oficial, nem uma associação de comércio, mas os países integrantes do Brics querem transformar seu poder econômico em influência geopolítica no mundo globalizado e realizar acordos comerciais bilaterais. Com esse objetivo, tentando fortalecer seu poder, em 2015, o grupo fundou o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), com sede em Xangai, apresentado como alternativa ao Banco Mundial e ao Fundo Monetário Internacional.

No Brics há três novos países industrializados (Índia, Brasil e África do Sul), uma antiga potência socialista (Rússia) e um país socialista com economia de mercado (China). Existem também dois países com uma população etnicamente homogênea (China e Brasil) e três países com grande diversidade étnica (Índia, Rússia e África do Sul), mas todos apresentam características comuns: têm grande extensão territorial; têm grandes populações e são ricos em recursos naturais e importantes exportadores de matérias-primas no mercado mundial; apresentam grandes desigualdades econômicas entre as várias regiões do país.

Outro ponto em comum são os problemas que esses países precisam solucionar. Se, por um lado, grandes populações podem permitir grandes mercados de consumo, por outro geram necessidade de maiores investimentos, como melhorar o abastecimento de água e o saneamento básico, melhorar a produção e a distribuição de alimentos, investir mais na saúde e no combate ao desemprego. E grande parte da população do Brics está excluída do acesso a bens e serviços, sejam eles essenciais ou não.

Existem ainda enormes diferenças entre os indicadores socioeconômicos desses países e os dos países desenvolvidos, como se pode ver nas tabelas a seguir.

**Brics: indicadores socioeconômicos selecionados – 2015**

	<b>Brasil</b>	<b>China</b>	<b>Índia</b>	<b>Rússia</b>	<b>África do Sul</b>
Renda <i>per capita</i> (PPC em US\$)	15 800	14 300	6 300	23 700	13 400
População abaixo da linha de pobreza (%)	21,4	6,1	29,8	11	35,9
Urbanização (%)	85,4	55,6	32,7	74	62,3
Mortalidade infantil (‰)	14,4	12,4	41,8	7	33
Expectativa de vida (em anos)	75,1	75,4	68,1	70,4	62,3
Crescimento populacional (%)	0,8	0,4	1,2	-0,3	1,33
População alfabetizada	92,6	96,4	71	99,7	94,3
IDH*	0,755	0,727	0,609	0,798	0,666
Ranking do IDH*	75º	90º	130º	50º	50º
Média de anos de estudo	7	7,5	5,4	9,2	7,5

**G-6: Indicadores socioeconômicos selecionados – 2015**

	<b>Estados Unidos</b>	<b>Japão</b>	<b>Alemanha</b>	<b>Reino Unido</b>	<b>França</b>	<b>Itália</b>
Renda <i>per capita</i> (PPC em US\$)	56 300	38 200	47 400	41 200	41 400	35 800
População abaixo da linha de pobreza (%)	15,1	16	15,5	15	8,1	29,2
Urbanização (%)	82	93	75,3	82,6	85	68,8
Mortalidade infantil (‰)	5,9	2	3,5	4,3	3,2	3,3
Expectativa de vida (em anos)	79,6	84,7	80,5	80,5	81,7	82,1
Crescimento populacional (%)	0,7	-0,13	-0,1	0,5	0,4	0,3
População alfabetizada	99	99	99	99	99	99
IDH*	0,915	0,891	0,916	0,907	0,888	0,873
Ranking do IDH*	8º	20º	6º	14º	22º	27º
Média de anos de estudo	12,6	11,5	13,1	13,1	14,1	10,1

\*Dados de 2014.

Fontes das tabelas: ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<http://report.hdr.undp.org/>>; CIA. *The World Factbook 2015*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/)>; IBGE. *Projeção da População 2013-2020*. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rr&tema=projecao2013](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rr&tema=projecao2013)>; IBGE. *Síntese dos Indicadores Sociais 2015*. Disponível em: <[www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf](http://www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2016.

## ● O Brics em 2015

Em 2015, as condições econômicas de alguns dos países do Brics não eram tão promissoras e começavam a ameaçar o crescimento da economia global. Além da desaceleração da economia chinesa, importações têm diminuído no Brasil, na Índia e especialmente na Rússia. Estima-se que esses países sejam responsáveis por uma queda de 1,3% no comércio mundial nessa ocasião. Além disso, a China, grande compradora de matérias-primas, ocasionou uma queda no preço das *commodities*, prejudicando grandes produtores como Brasil, Austrália e Rússia.

As economias do grupo com as maiores taxas de crescimento nesse ano foram Índia (7,4%) e China (6,9%) e as menores eram da Rússia (-3,7%) e do Brasil (-3,8%), que apresentaram resultados negativos.

O Brics também convive ainda com importantes dificuldades a serem superadas. Entre elas, os países do grupo precisam melhorar as condições de vida das populações, estender e manter os benefícios da crescente riqueza a todos. Outro grande desafio é conseguir crescer com sustentabilidade. É bom lembrar que a China já é o maior emissor de CO<sub>2</sub>, um dos responsáveis pelo efeito estufa, seguido de perto por Rússia e Índia e, um pouco mais longe, pelo Brasil.

## ● A força dos emergentes

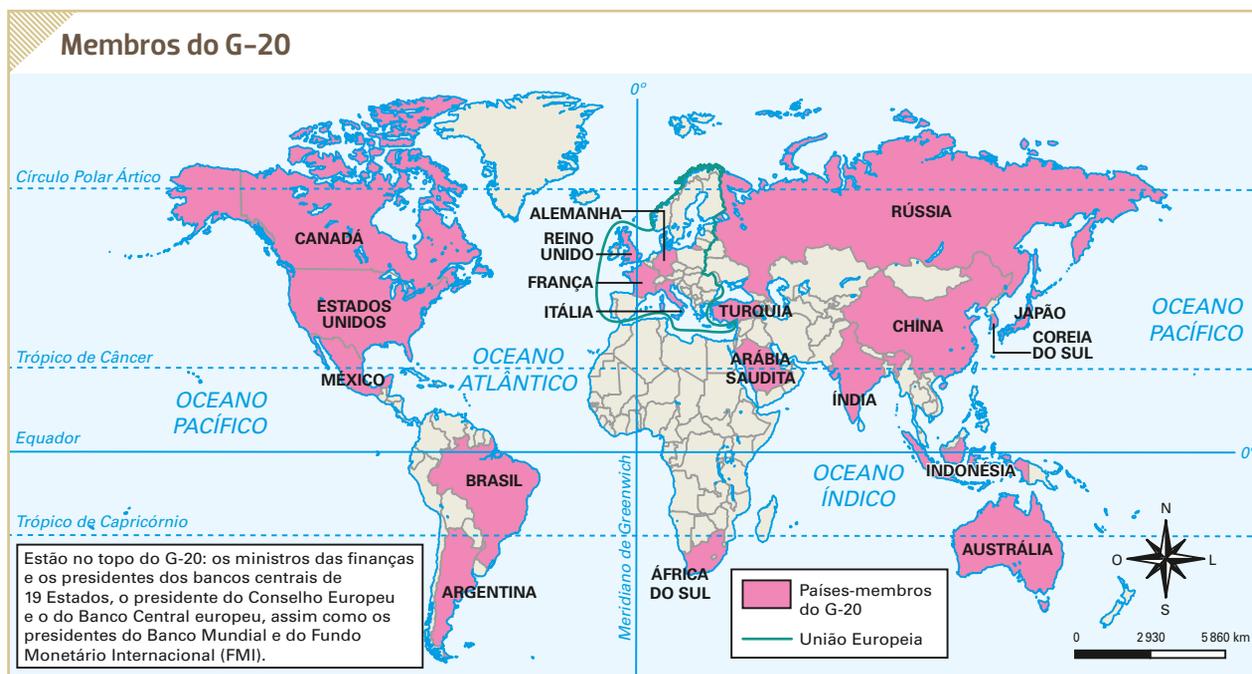
O século XX fechou com a crise nas economias emergentes, que começou na Ásia e atingiu outros



ChinaFotoPress/Getty Images

▼ Soldados usam máscaras na Praça Tianamen, em Pequim, China, em dia de forte poluição. Foto de 2015.

países, como México, Rússia, Brasil e Argentina, e afetou a economia mundial como um todo. Pela primeira vez, os países desenvolvidos se deram conta da importância dos emergentes que ameaçaram a estabilidade dos mercados. Esses países que se intitularam *Grupo dos Sete* (Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, França, Itália, Alemanha e Japão), mais a Rússia, convidada graças a seu passado como União Soviética, potência socialista, já realizavam reuniões econômicas desde a década de 1970. A partir de 1999, os países não desenvolvidos foram também convidados a participar e, dessas conversas, surgiu o G-20, também chamado G-20 financeiro, para diferenciar de outro grupo com o mesmo nome, que trata de problemas comerciais. Veja o mapa abaixo.



Portal de Mapas/Arquivo da editora

Adaptado de: SCIENCE PO. Disponível em: <<http://cartographie.sciences-po.fr>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

O G-20 financeiro foi, portanto, o primeiro sinal de que a relevância dos países emergentes seria considerada pelos países desenvolvidos.

O Grupo dos 20 é constituído pelo G-8 (Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Reino Unido e Rússia) e mais onze países emergentes (Brasil, Argentina, México, China, Índia, Austrália, Indonésia, Arábia Saudita, África do Sul, Coreia do Sul e Turquia). O vigésimo membro é a União Europeia como bloco. O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, assim como os Comitês Monetário e Financeiro Internacional e de Desenvolvimento, por meio de seus representantes, também participam das reuniões. O G-20 é um fórum, no qual “é particularmente importante que o número de países envolvidos seja restrito e fixado para assegurar a eficácia e a continuidade de suas atividades”, segundo o *site* da instituição. Por isso, sua formação é a mesma desde a fundação.

Mas os emergentes buscam também se fortalecer unindo-se entre si e a países menos desenvolvidos. É o caso do outro G-20, um grupo que se preocupa principalmente com as relações comerciais entre países ricos e países emergentes, chamado G-20 comercial, embora atualmente seja formado por mais de vinte países emergentes. Esse grupo nasceu em 2003, em uma reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC), realizada em Cancún, no México. Liderado pelo Brasil, o grupo procura defender os

interesses agrícolas dos países em desenvolvimento perante as nações ricas, que fazem uso de subsídios para sustentar sua produção. Composto de países de três continentes (África do Sul, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, China, Cuba, Egito, Equador, Filipinas, Guatemala, Índia, Indonésia, México, Nigéria, Paquistão, Peru, Paraguai, Tailândia, Tanzânia, Uruguai, Venezuela e Zimbábue), o agrupamento representa cerca de 60% da população rural, 21% da produção agrícola, 26% das exportações e 18% das importações mundiais.

Outro exemplo dessa cooperação Sul-Sul é o fórum Ibas ou Ibsa (em inglês), um mecanismo de cooperação entre três países emergentes: Índia, Brasil e África do Sul. A Declaração de Brasília, de 6 de junho de 2003, é o marco inicial do Fórum de Diálogo Ibas, que tem por finalidade promover a cooperação Sul-Sul no comércio, em assuntos de tecnologia, agricultura, energia, saúde, turismo e transporte, além de lutar pela redução da pobreza e defender posições comuns em assuntos de importância internacional.



▼ Primeira reunião de cúpula do Fórum de Diálogo da Índia, Brasil e África do Sul (Ibas), realizada em Brasília (DF), em 2006.

## Contexto e aplicação

Não escreva no livro

### Começa cúpula dos líderes do G-20 na Austrália

Economia, mudanças climáticas, ebola devem ser alguns dos temas

*Os líderes dos 19 países mais poderosos do mundo e da União Europeia iniciaram [...] na Austrália, a Cúpula do G-20 para tratar de temas como o crescimento econômico, a geração de empregos, as mudanças climáticas, o ebola e a crise na Ucrânia.*

*O primeiro-ministro do país anfitrião, Tony Abbott, recebeu os chefes de estado e de governo de países como Brasil, Estados Unidos, Rússia, China e México no*

*Centro de Convenções de Brisbane, no litoral oeste do país.*

*"Todos estamos lutando para equilibrar a tensão inerente entre política e políticas. Precisamos ter uma visão clara sobre para onde queremos ir e construir um consenso", declarou Abbott em comunicado anterior à abertura da cúpula.*

*O primeiro-ministro australiano defendeu uma agenda reformista que favoreça o mercado de trabalho, as infraestruturas e o pragmatismo acima das ideologias. "Precisamos criar condições para que seja mais fácil fazer negócios. A coordenação dos membros do G-20 é um tema crítico porque nossas economias estão interligadas", afirmou.*

[...]

Algumas medidas ainda estão pendentes na luta contra a evasão tributária das grandes empresas multinacionais e na regulação do mercado financeiro.

[...]

Apesar de a reunião estar focada em assuntos econômicos, também serão tratados temas como a crise do ebola, os impactos das mudanças climáticas, a ameaça do terrorismo jihadista e o conflito na Ucrânia.

[...]

Os países-membros do G-20 representam 85% do PIB mundial, 80% do comércio global e concentram dois terços da população do planeta.

O bloco é formado pela União Europeia, pelo G-7 (EUA, Canadá, Japão, Alemanha, Reino Unido, Itália e França), e por Brasil, Coreia do Sul, Argentina, Austrália, China, Índia, Indonésia, México, Arábia Saudita, África do Sul, Turquia e Rússia.

Além disso, a Austrália convidou a vizinha Nova Zelândia para o encontro e a Espanha assiste às reuniões, como convidado, desde 2010.

EFE. *G1 Mundo*, 15 nov. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/11/comeca-cupula-dos-lideres-do-g20-na-australia.html>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

Saeed Khan/Agência France-Press



Reunião do G-20, em Brisbane, na Austrália. Foto de 2014.

⊕ **Com base nas informações do texto, faça o que se pede.**

1. As nações participantes do G-20 apresentam significativas diferenças socioeconômicas. Caracterize essa afirmação.
2. Entre os temas tratados no encontro realizado na Austrália, qual você considera o mais significativo? Justifique sua resposta.

## Refletindo sobre o conteúdo



1.  **Geografia e História** Leia um texto escrito por dois professores brasileiros:

*O mundo todo assistiu ao vivo às inacreditáveis cenas que se seguiram aos impactos. De repente, uma das torres atingidas desabou: logo em seguida, a outra. Os edifícios, símbolos de Nova York, com mais de 500 metros de altura, desabaram, deixando milhares de mortos sob seus escombros e provocando uma nuvem de cimento e fuligem que cobriu a cidade.*

SETTI, Paulo; RICARDO, Sílvia. *As diversas faces do terrorismo*. São Paulo: Harbra, 2003. p. 104.

- a) As cenas descritas no parágrafo anterior se referem a que fato histórico?
  - b) De que forma esse fato histórico modificou o contexto geopolítico?
2. Observe a notícia publicada em 14 de abril de 2015.

*Os países emergentes continuam a perder o fôlego em 2015, pelo quinto ano consecutivo, devido aos sobressaltos nos mercados de câmbio e de petróleo e à desace-*

*leração econômica da China, indicou nesta terça-feira (14/4) o Fundo Monetário Internacional (FMI).*

[...]

*No grupo “Brics”, o clube das grandes economias emergentes, a Índia se distingue por seu dinamismo. O FMI prevê para o país um crescimento de 7,5%, tanto para 2015 como para 2016.*

*O Fundo prevê uma contração de 1% do PIB do Brasil, antes de uma retomada de mesma proporção no ano que vem. A Rússia deve continuar em terreno negativo, com uma contração do PIB de 3,8% em 2015 e de 1,1% em 2016. A África do Sul crescerá 2% neste ano e 2,1% no ano seguinte.*

FRANCE Presse. Disponível em: <[www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2015/04/14/internas\\_economia,479388/paises-emergentes-continuam-perdendo-o-folego-em-2015-aponta-o-fmi.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2015/04/14/internas_economia,479388/paises-emergentes-continuam-perdendo-o-folego-em-2015-aponta-o-fmi.shtml)>.

FRANCE Presse. Disponível em: <[www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2015/04/14/internas\\_economia,479388/paises-emergentes-continuam-perdendo-o-folego-em-2015-aponta-o-fmi.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2015/04/14/internas_economia,479388/paises-emergentes-continuam-perdendo-o-folego-em-2015-aponta-o-fmi.shtml)>. Acesso em: 15 jan. 2016.

- a) Por que a China aparece citada de forma tão acentuada no trecho da reportagem?
- b) Analise a situação econômica (PIBs) dos países que formam o Brics durante o ano de 2015.

# Concluindo a Unidade 1

Leia o texto, reflita e responda às questões propostas.

## Países desenvolvidos injetam otimismo à economia mundial em 2015, projeta FMI

Em conjunto, emergentes terão o quinto ano de desaceleração, a um ritmo de 4,3%, em relação aos 4,6% de 2014 [...]

O Fundo Monetário Internacional (FMI) manteve [...] a previsão de crescimento econômico global para 2015 em 3,5%, com a recuperação dos países desenvolvidos em um contexto favorável de queda dos preços do petróleo.

Após registrar crescimento de 3,4% em 2013 e 2014 para a média mundial, o FMI delineou um panorama de pequena aceleração. Como fez em janeiro, o Fundo estima que a economia global crescerá 3,5% em 2015, e 3,8% em 2016, essa última com uma pequena melhora (+0,1%) em relação ao relatório de três meses atrás. Nesse cenário, as economias avançadas têm um peso importante, que crescerão 2,4% neste ano, em relação aos 1,8% de 2014, apontou o organismo.

"O crescimento mundial em 2015 será conduzido por uma retomada nas economias avançadas, apoiada pela queda dos preços do petróleo", ressaltou o FMI em seu relatório sobre as perspectivas mundiais. A queda dos preços do petróleo, contudo, reduzirá fortemente as perspectivas dos países exportadores, especialmente aqueles com problemas internos, como Venezuela e Rússia. Em conjunto, os países emergentes terão em 2015 seu quinto ano de desaceleração, a um ritmo de 4,3%, em relação aos 4,6% de 2014.

Na América Latina o fim do boom das matérias-primas vivido na última década soma-se a uma queda da confiança no setor privado. Segundo as projeções, neste ano a região terá crescimento medíocre, de 0,9%. O caso do Brasil é ainda mais alarmante, já que o organismo prevê recuo de 1%. Para a China, que nos últimos anos apresentou crescimentos de dois dígitos, o relatório do FMI aponta avanço de 6,8% neste ano e de 6,3% em 2016.

A Índia tem crescimento de 7,5% previsto para 2015 e 2016. O Fundo, contudo, acredita que a melhora nos indicadores internos e o alívio das tensões geopolíticas no médio prazo permitirão que países emergentes se recuperem e ajudem a impulsionar o crescimento mundial em 2016.

O organismo estima que, em conjunto, os riscos que afetam o desempenho mundial são mais balanceados. E, contudo, "as tensões geopolíticas, as modificações nos preços dos ativos nos mercados financeiros e, nas economias avançadas, os riscos de estagnação e inflação persistem", afirmou o organismo.

O economista-chefe do FMI, Olivier Blanchard, disse que "uma crise grega não pode ser descartada" e que isso "desestabilizaria os mercados financeiros".

O FMI projeta ainda crescimento para os Estados Unidos de 3,1% neste ano, 0,5 ponto a menos do que o previsto em janeiro, assim como em 2016 (-0,2 ponto). Mas ainda assim a economia americana terá "um papel importante" no impulso mundial, segundo o organismo. Para compensar, a zona do euro, que suscitou medos de recessão durante a última assembleia do FMI em outubro, parece se recuperar, ainda que lentamente. A instituição financeira revisou em 0,3 ponto em relação a janeiro sua estimativa para esse ano de 1,5%, e em 0,2 ponto para 1,6% em 2016. "Os preços baixos do petróleo, as taxas baixas de juros, e a desvalorização do euro devem estimular a atividade econômica nos países europeus", segundo o FMI.

Terceira potência mundial, o Japão dá tímidos sinais de melhora: o FMI revisou em 0,4 ponto a estimativa tanto para 2015 (1%) como para 2016 (1,2%).

ZERO Hora. 14 abr. 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/economia/noticia/2015/04/paises-desenvolvidos-injetam-otimismo-a-economia-mundial-em-2015-projeta-fmi-4739814.html>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

- Que comparação pode ser feita entre o crescimento econômico das nações desenvolvidas e das nações emergentes, a partir do texto apresentado?

## Testes e questões

 Não escreva no livro

### Enem

**1** Do ponto de vista geopolítico, a Guerra Fria dividiu a Europa em dois blocos. Essa divisão propiciou a formação de alianças antagônicas de caráter militar, como a Otan, que aglutinava os países do bloco ocidental, e o Pacto de Varsóvia, que concentrava os países do bloco oriental.

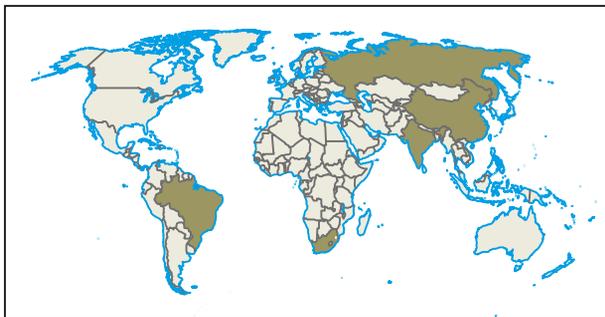
É importante destacar que, na formação da Otan, além dos países do oeste europeu, estão presentes Estados Unidos e Canadá. Essa divisão histórica atingiu igualmente os âmbitos político e econômico que se refletiam na opção entre os modelos capitalista e socialista.

Essa divisão europeia ficou conhecida como:

- a) Cortina de Ferro.
- b) Muro de Berlim.
- c) União Europeia.
- d) Convenção de Ramsar.
- e) Conferência de Estocolmo.

2

Banco de imagens/Arquivo da editora



Disponível em: <www.ipea.gov.br>. Acesso em: 2 ago. 2013.

Na imagem, é ressaltado, em tom mais escuro, um grupo de países que na atualidade possuem características político-econômicas comuns, no sentido de

- a) adotarem o liberalismo político na dinâmica dos seus setores públicos.
- b) constituírem modelos de ações decisórias vinculadas à social-democracia.
- c) instituírem fóruns de discussão sobre intercâmbio multilateral de economias emergentes.
- d) promoverem a integração representativa dos diversos povos integrantes de seus territórios.
- e) apresentarem uma frente de desalinhamento político aos polos dominantes do sistema-mundo.

3

Populações inteiras, nas cidades e na zona rural, dispõem da parafernália digital global como fonte de educação e de formação cultural. Essa simultaneidade de cultura e informação eletrônica com as formas tradicionais e orais é um desafio que necessita ser discutido. A exposição, via mídia eletrônica, com estilos e valores culturais de outras sociedades, pode inspirar apreço, mas também distorções e ressentimentos. Tanto quanto há necessidade de uma cultura tradicional de posse da educação letrada, também é necessário criar estratégias de alfabetização eletrônica, que passam a ser o grande canal de informação das culturas segmentadas no interior dos grandes centros urbanos e das zonas rurais. Um novo modelo de educação.

BRIGAGÃO, C. E.; RODRIGUES, G. *A globalização a olho nu: o mundo conectado*. São Paulo: Moderna, 1998. (Adaptado.)

Com base no texto e considerando os impactos culturais da difusão das tecnologias de informação no marco da globalização, depreende-se que:

- a) a ampla difusão das tecnologias de informação nos centros urbanos e no meio rural suscita o contato entre diferentes culturas e, ao mesmo tempo, traz a necessidade de reformular as concepções tradicionais de educação.

- b) a apropriação, por parte de um grupo social, de valores e ideias de outras culturas para benefício próprio é fonte de conflitos e ressentimentos.
- c) as mudanças sociais e culturais que acompanham o processo de globalização, ao mesmo tempo em que refletem a preponderância da cultura urbana, tornam obsoletas as formas de educação tradicionais próprias do meio rural.
- d) as populações nos grandes centros urbanos e no meio rural recorrem aos instrumentos e tecnologias de informação basicamente como meio de comunicação mútua, e não os veem como fontes de educação e cultura.
- e) a intensificação do fluxo de comunicação por meios eletrônicos, característica do processo de globalização, está dissociada do desenvolvimento social e cultural que ocorre no meio rural.

- 4 Os 45 anos que vão do lançamento das bombas atômicas até o fim da União Soviética não foram um período homogêneo único na história do mundo. [...] dividem-se em duas metades, tendo como divisor de águas o início da década de 1970. Apesar disso, a história desse período foi reunida sob um padrão único pela situação internacional peculiar que o dominou até a queda da União Soviética.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

O período citado no texto e conhecido por “Guerra Fria” pode ser definido como aquele momento histórico em que houve:

- a) corrida armamentista entre as potências imperialistas europeias ocasionando a Primeira Guerra Mundial.
- b) domínio dos países socialistas do Sul do globo pelos países capitalistas do Norte.
- c) choque ideológico entre a Alemanha nazista e a União Soviética stalinista, durante os anos 1930.
- d) disputa pela supremacia da economia mundial entre o Ocidente e as potências orientais, como a China e o Japão.
- e) constante confronto entre as duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial.

- 5 Você está fazendo uma pesquisa sobre a globalização e lê a seguinte passagem, em um livro:

#### A sociedade global

*As pessoas se alimentam, se vestem, moram, se comunicam, se divertem, por meio de bens e serviços mundiais, utilizando mercadorias produzidas pelo capitalismo mundial, globalizado.*

*Suponhamos que você vá com seus amigos comer Big Mac e tomar Coca-Cola no Mc Donald’s. Em seguida, assiste a um filme de Steven Spielberg e volta para casa num ônibus de marca Mercedes.*

*Ao chegar em casa, liga seu aparelho de TV Philips para ver o videoclipe de Michael Jackson e, em seguida,*

deve ouvir um CD do grupo *Simply Red*, gravado pela BMG Ariola Discos, em seu equipamento AIWA.

Veja quantas empresas transnacionais estiveram presentes nesse seu curto programa de algumas horas.

Adap. Praxedes et alli, 1997. O MERCOSUL. SP, Ed. Ática, 1997.

Com base no texto e em seus conhecimentos de Geografia e História, escolha a resposta correta.

- a) O capitalismo globalizado está eliminando as particularidades culturais dos povos da Terra.
- b) A cultura, transmitida por empresas transnacionais, tornou-se um fenômeno criador das novas nações.
- c) A globalização do capitalismo neutralizou o surgimento de movimentos nacionalistas de forte cunho cultural e divisionista.
- d) O capitalismo globalizado atinge apenas a Europa e a América do Norte.
- e) Empresas transnacionais pertencem a países de uma mesma cultura.

**6** A leitura do texto da questão 5 ajuda você a compreender que:

- I. A globalização é um processo ideal para garantir o acesso a bens e serviços para toda a população.
- II. A globalização é um fenômeno econômico e, ao mesmo tempo, cultural.
- III. A globalização favorece a manutenção da diversidade de costumes.
- IV. Filmes, programas de TV e música são mercadorias como quaisquer outras.
- V. As sedes das empresas transnacionais mencionadas são Estados Unidos, Europa ocidental e Japão.

Dessas afirmativas estão corretas:

- a) I, II e IV, apenas.
- b) II, IV e V, apenas.
- c) II, III e IV, apenas.
- d) I, III e IV, apenas.
- e) III, IV e V, apenas.

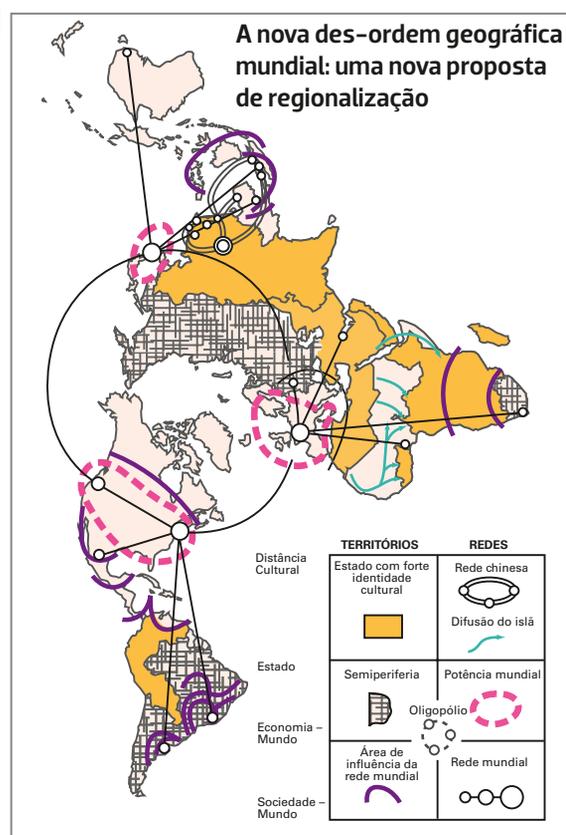
**7** Um certo carro esporte é desenhado na Califórnia, financiado por Tóquio, o protótipo é criado em Worthing (Inglaterra) e a montagem é feita nos Estados Unidos e México, com componentes eletrônicos inventados em Nova Jersey (Estados Unidos) e fabricados no Japão. [...] Já a indústria de confecção norte-americana, quando inscreve em seus produtos 'made in USA', esquece de mencionar que eles foram produzidos no México, Caribe ou Filipinas.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*.

O texto ilustra como em certos países produz-se tanto um carro esporte caro e sofisticado quanto roupas que sequer levam uma etiqueta identificando o país produtor. De fato, tais roupas costumam ser feitas em fábricas — chamadas “maquiladoras” — situadas em zonas francas, onde os trabalhadores nem sempre têm direitos trabalhistas garantidos. A produção nessas condições indicaria um processo de globalização que

- a) fortalece os Estados nacionais e diminui as disparidades econômicas entre eles pela aproximação entre um centro rico e uma periferia pobre.
- b) garante a soberania dos Estados nacionais por meio da identificação da origem de produção dos bens e mercadorias.
- c) fortalece igualmente os Estados nacionais por meio da circulação de bens e capitais e do intercâmbio de tecnologia.
- d) compensa as disparidades econômicas pela socialização de novas tecnologias e pela circulação globalizada da mão de obra.
- e) reafirma as diferenças entre um centro rico e uma periferia pobre, tanto dentro como fora das fronteiras dos Estados nacionais.

**8**



Fonte: LÉVY et al. (1992), atualizado.

O espaço mundial sob a “nova des-ordem” é um emaranhado de zonas, redes e “aglomerados”, espaços hegemônicos e contra-hegemônicos que se cruzam de forma complexa na face da Terra. Fica clara, de saída, a polêmica que envolve uma nova regionalização mundial. Como regionalizar um espaço tão heterogêneo e, em parte, fluido, como é o espaço mundial contemporâneo?

HAESBAERT, R. Porto-Gonçalves. C. W. *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: Unesp, 2006.

O mapa procura representar a lógica espacial do mundo contemporâneo pós-União Soviética, no contexto de avanço da globalização e do neoliberalismo,

Banco de Imagens/Arquivo da editora

quando a divisão entre países socialistas e capitalistas se desfez e as categorias de “primeiro” e “terceiro” mundo perderam sua validade explicativa.

Considerando esse objetivo interpretativo, tal distribuição espacial aponta para:

- a) a estagnação dos Estados com forte identidade cultural.
- b) o alcance da racionalidade anticapitalista.
- c) a influência das grandes potências econômicas.
- d) a dissolução de blocos políticos regionais.
- e) o alargamento da força econômica dos países islâmicos.

**9** *Estamos testemunhando o reverso da tendência histórica da assalarição do trabalho e socialização da produção, que foi a característica predominante da era industrial. A nova organização social e econômica baseada nas tecnologias da informação visa a administração descentralizadora, trabalho individualizante e mercados personalizados. As novas tecnologias da informação possibilitam, ao mesmo tempo, a descentralização das tarefas e sua coordenação em rede interativa de comunicação em tempo real, seja entre continentes, seja entre os andares do mesmo edifício.*  
CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (Adaptado.)

No contexto descrito, as sociedades vivenciam mudanças constantes nas ferramentas de comunicação que afetam os processos produtivos nas empresas. Na esfera do trabalho, tais mudanças têm provocado:

- a) o aprofundamento dos vínculos dos operários com as linhas de montagem sob influência dos modelos orientais de gestão.
- b) o aumento das formas de teletrabalho como solução de larga escala para o problema do desemprego crônico.
- c) o avanço do trabalho flexível e da terceirização como respostas às demandas por inovação e com vistas à mobilidade dos investimentos.
- d) a autonomização crescente das máquinas e computadores em substituição ao trabalho dos especialistas técnicos e gestores.
- e) o fortalecimento do diálogo entre operários, gerentes, executivos e clientes com a garantia de harmonização das relações de trabalho.

**10** *A Inglaterra pedia lucros e recebia lucros, tudo se transformava em lucro. As cidades tinham sua sujeira lucrativa, suas favelas lucrativas, sua fumaça lucrativa, sua desordem lucrativa, sua ignorância lucrativa, seu desespero lucrativo. As novas fábricas e os novos altos-fornos eram como as pirâmides, mostrando mais a escravização do homem que seu poder.*

DEANE, P. A. *Revolução Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (Adaptado.)

Qual relação é estabelecida no texto entre os avanços tecnológicos ocorridos no contexto da Revolução

Industrial inglesa e as características das cidades industriais no início do século XIX?

- a) A facilidade em se estabelecerem relações lucrativas transformava as cidades em espaços privilegiados para a livre iniciativa, característica da nova sociedade capitalista.
- b) O desenvolvimento de métodos de planejamento urbano aumentava a eficiência do trabalho industrial.
- c) A construção de núcleos urbanos integrados por meios de transporte facilitava o deslocamento dos trabalhadores das periferias até as fábricas.
- d) A grandiosidade dos prédios onde se localizavam as fábricas revelava os avanços da engenharia e da arquitetura do período, transformando as cidades em locais de experimentação estética e artística.
- e) O alto nível de exploração dos trabalhadores industriais ocasionava o surgimento de aglomerados urbanos marcados por péssimas condições de moradia, saúde e higiene.

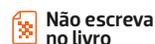
**11** *A introdução de novas tecnologias desencadeou uma série de efeitos sociais que afetaram os trabalhadores e sua organização. O uso de novas tecnologias trouxe a diminuição do trabalho necessário que se traduz na economia líquida do tempo de trabalho, uma vez que, com a presença da automação microeletrônica, começou a ocorrer a diminuição dos coletivos operários e uma mudança na organização dos processos de trabalho.*

*Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.*  
Universidad de Barcelona. n. 170(9). 1ª ago. 2004.

A utilização de novas tecnologias tem causado inúmeras alterações no mundo do trabalho. Essas mudanças são observadas em um modelo de produção caracterizado:

- a) pelo uso intensivo do trabalho manual para desenvolver produtos autênticos e personalizados.
- b) pelo ingresso tardio das mulheres no mercado de trabalho no setor industrial.
- c) pela participação ativa das empresas e dos próprios trabalhadores no processo de qualificação laboral.
- d) pelo aumento na oferta de vagas para trabalhadores especializados em funções repetitivas.
- e) pela manutenção de estoques de larga escala em função da alta produtividade.

## Testes de vestibular



Não escreva no livro

**1** (Mack-SP) Em relação à Teoria Keynesiana (escola Keynesiana ou Keynesianismo), assinale a alternativa **incorreta**.

- a) Se funda no princípio de que o ciclo econômico não é autorregulado e, por isto, gera, entre outras consequências, o desemprego.

- b) Defende a participação indispensável do Estado no controle e na regulação da economia.
- c) Tem como marco inaugural, no início da década de 1930, a política intervencionista proposta por Roosevelt, denominada *New Deal*.
- d) Keynes defendia que o intervencionismo do estado poderia, em situações extremas, alcançar a plena estatização da economia.
- e) O Keynesianismo defendia a prática de políticas estatais que assegurassem direitos mínimos básicos à população, sendo denominado o "Estado do bem-estar social".

**2 (Fuvest-SP)** *O local e o global determinam-se reciprocamente, umas vezes de modo congruente e conseqüente, outras de modo desigual e desencontrado. Mesclam-se e tensionam-se singularidades, particularidades e universalidades. Conforme Anthony Giddens, "A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam. A transformação local é, assim, uma parte da globalização".*

Ottavio Ianni, *Estudos Avançados*. USP. São Paulo, 1994. (Adaptado.)

Neste texto, escrito no final do século XX, o autor refere-se a um processo que persiste no século atual. A partir desse texto, pode-se inferir que esse processo leva à

- a) padronização da vida cotidiana.
- b) melhor distribuição de renda no planeta.
- c) intensificação do convívio e das relações afetivas presenciais.
- d) maior troca de saberes entre gerações.
- e) retração do ambientalismo como reação à sociedade de consumo.

**3 (UEG-GO)** *A globalização é o fenômeno mais recente da economia capitalista mundial. O mundo globalizado definiu uma nova organização do espaço geográfico, com impacto em todas as regiões do mundo, ampliando as diferenças entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos e entre as classes sociais no interior de cada um deles. Hoje, mais do que nunca, o mercado é controlado pelas grandes corporações multinacionais aglutinadas em diferentes blocos econômicos. A respeito desse assunto, é correto afirmar:*

- a) A globalização cultural é caracterizada pela automação, disseminação do uso da informática, biotecnologia e pelos diversos meios de comunicação eletrônica, produto da intensificação das transformações tecnológicas e sua expansão por várias regiões do globo.

- b) A globalização econômica se faz presente através da difusão de hábitos de consumo e do modo de vida dos países desenvolvidos por meio de marcas mundialmente conhecidas, supermercados, redes de *fast-food*, etc.
- c) Um dos aspectos da globalização é a concepção neoliberal do Estado que se caracteriza pela ampliação das obrigações ligadas aos aspectos sociais e trabalhistas, além de promover políticas de financiamento e apoio à iniciativa privada.
- d) Com o objetivo de minimizar os custos e maximizar os lucros vem ocorrendo, nos últimos vinte anos, a integração de vários países com a formação de blocos econômicos. Entre eles, destacam-se: APEC (Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico), ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático), SADC (Comunidade da África Meridional para o Desenvolvimento).

**4 (UEL-PR)** *A globalização não apaga nem as desigualdades nem as contradições que constituem uma parte importante do tecido da vida social nacional e mundial. Ao contrário, desenvolve umas e outras, recriando-se em outros níveis, com novos ingredientes. As mesmas condições que alimentam a interdependência e a integração alimentam as desigualdades e contradições, em âmbito tribal, regional, nacional, continental e global.*

IANNI, O. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 127.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema globalização, é **correto** afirmar:

- a) A importação do cinema norte-americano e da literatura europeia configura-se em um dos aspectos da globalização que afeta positivamente o Terceiro Mundo.
- b) A revolução tecnológica constitui-se na grande conquista da era da globalização, pois ela garante o estabelecimento de regimes democráticos no mundo.
- c) Num mundo globalizado, a desigualdade, que é parte integrante das sociedades, desaparece em função do desenvolvimento igualitário da relação de produção material e cultural.
- d) A globalização constitui-se em um fenômeno de abertura das economias rumo a uma integração mundial e é, ao mesmo tempo, seletiva, pois não envolve todas as regiões, atividades e segmentos sociais.
- e) A globalização caracteriza-se pela valorização das culturas locais visando à criação e à implantação de democracias multiculturais nas Américas e na Ásia.

**5 (UFJF-MG)** *Leia o texto a seguir.*

*Num importante trabalho, Manuel Castells (2003) lembra que, embora enraizada na tradição acadêmica da abertura com relação aos achados da pesquisa, um dos fatores principais da explosão no uso da Internet é o fato*

de que as corporações globais viram nela a oportunidade de transformar radicalmente suas práticas de relacionamento com fornecedores e clientes, sua administração e sua lógica de produção. A produção em rede permitiu, por exemplo, à Zara espanhola do setor de confecções levar um novo produto às lojas do mundo todo em duas semanas, contra um ciclo de desenho-produção-distribuição de seis semanas na Benetton dos anos 1980, ou de mais de 24 semanas nos anos 1960.

DUPAS, Gilberto. *Atores e poderes na nova ordem global: assimetria, instabilidades e imperativos de legitimação*. São Paulo: UNESP, 2005. p. 200.

**A característica da transformação provocada pela Internet na produção é:**

- a) a abrangência e a intensidade do uso da Internet extingue o *apartheid* digital atual.
- b) a proibição do aproveitamento dos bolsões de mão de obra barata dos países pobres.
- c) a qualificação do trabalhador é cada vez menos importante na sociedade *on-line*.
- d) o sistema global tende a ser cada vez mais independente de lugares e pessoas.
- e) o suporte tecnológico da Era da Informação foi criado pelas exigências da economia.

**6 (FGV-SP) Leia os textos:**

**I.** *Não existe um espaço global, mas, apenas, espaços da globalização... O mundo, porém, é um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares. Esse dado é, hoje, fundamental, já que o imperativo da competitividade exige que os lugares da ação sejam global e previamente escolhidos entre aqueles capazes de atribuir a uma dada produção uma produtividade maior. Nesse sentido, o exercício desta ou daquela ação passa a depender da existência, neste ou naquele lugar, das condições locais que garantam eficácia aos respectivos processos.*

SANTOS, Milton, trecho de *A natureza do espaço*.

**II.** *O futebol sintetiza muito bem a dialética entre identidade nacional, globalização e xenofobia dos dias de hoje. Os clubes transformaram-se em entidades transnacionais, empreendimentos globais. Mas, paradoxalmente, o que faz o futebol popular ainda é, antes de tudo, a fidelidade local de um grupo de torcedores para com uma equipe. E o que faz dos campeonatos mundiais algo interessante é o fato de que podemos ver países em competição. Por isso acho que o futebol carrega o conflito essencial da globalização.*

HOBBSAWM, Eric, entrevista à *Folha de S.Paulo*, 30 set. 2007.

**A análise dos dois textos permite concluir que:**

- a) os enfoques são semelhantes, porém o texto II critica a globalização, ao contrário do texto I.

- b) o texto I fala da exclusão encadeada pela globalização, enquanto o texto II comenta a oportunidade oferecida pelo atual estágio do capitalismo.
- c) embora o tema central seja o mesmo nos dois textos, Santos caracteriza o espaço econômico, e Hobsbawm, o espaço cultural.
- d) a globalização é a partida dos dois textos e, mesmo exemplificando temas diferentes, a crítica é muito semelhante.
- e) Santos e Hobsbawm criticam veementemente a globalização, mas são flexíveis às oportunidades dos países mais pobres.

**7 (UFU-MG) Leia os fragmentos dos textos 1 e 2:**

**Texto 1**

*O capitalismo é o primeiro regime social que produz uma ideologia segundo a qual ele mesmo seria 'racional'. A legitimação dos outros tipos de instituição da sociedade era mítica, religiosa ou tradicional. [...] Sem dúvida, esse critério, ser racional (e não consagrado pela experiência ou pela tradição, dado pelos heróis ou pelos deuses, etc.), foi propriamente instituído pelo capitalismo.*

CASTORIADIS, Cornelius. *Figuras do pensável: as encruzilhadas do labirinto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. VI, p. 90-91.

**Texto 2**

*[...] o fato de o Brasil se apresentar atualmente do ponto de vista internacional com um novo significado no que tange à divisão internacional do trabalho, [...] fundamentalmente averiguam-se novos e velhos atores em cena, os quais após destruir/consumir parte considerável de suas reservas naturais, [...] vê nas potencialidades econômicas da cana-de-açúcar que se configura essencialmente como uma nova forma de garantir o progresso do desenvolvimento econômico a partir de uma velha forma de acumular capital, a situação parece mais grave na medida em que o território em disputa [...] está [...] nas mãos [...] de várias [...] corporações que possuem imensurável peso nos rumos de países ainda hoje dependentes de políticas externas de financiamento...*

AZEVEDO, José Roberto Nunes. *Expansão da agroindústria canavieira no Mato Grosso do Sul*. Dourados: UFGD, 2008. p. 70.

**Tendo em vista as informações apresentadas, assinale a alternativa incorreta:**

- a) A lógica do sistema capitalista define e redefine os territórios nacionais a partir do arranjo e rearranjo espacial subordinado às necessidades econômicas das grandes corporações.
- b) A ideologia capitalista reforça o cenário de ajustamento territorial equilibrado, no qual cada país executa suas funções econômicas sem interferência de outros, já que existe o predomínio do livre comércio absoluto e da livre concorrência.
- c) A lógica das grandes corporações capitalistas influencia o cotidiano de inúmeras pessoas, por

meio dos investimentos em novas zonas de produção que subordinam a especificidade de um lugar aos interesses das corporações.

- d) Os territórios nacionais, tal como o Brasil, sofrem interferências internacionais econômicas conforme a presença ou a ausência de investimentos por parte das corporações multinacionais.

**8 (Vunesp-SP) Leia o texto.**

*As bases materiais e políticas do mundo atual têm permitido uma revolução nas formas de circulação de dinheiro, criando assim novos modos de acumulação [...].*

*Novos instrumentos financeiros são incorporados ao território na forma de depósitos e de créditos ao consumo. A sociedade, assim, é chamada a consumir produtos financeiros, como poupanças de diversas espécies e mercadorias adquiridas com dinheiro antecipado. Com isso o sistema financeiro ganha duas vezes, pois dispõe de um dinheiro social nos bancos e lucra emprestando, como próprio, esse dinheiro social para o consumo.*

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 2001.

**São exemplos do processo de expansão do sistema financeiro no território brasileiro:**

- a) a troca pessoal de produtos usados, a oferta de crédito consignado e a proliferação dos sistemas bancários de autoatendimento.
- b) a oferta de crédito consignado, a venda por cartão de crédito e a proliferação dos sistemas bancários de autoatendimento.
- c) a troca pessoal de produtos usados, a realização de compra por moeda corrente e a venda por cartão de crédito.
- d) o escambo, a realização de compra por moeda corrente e a restrição de crédito ao consumo pessoal.
- e) o escambo, a doação de bens e dinheiro para programas sociais e a restrição no ato da compra ao uso de moeda corrente.

**9 (Uepa)**

**Texto XIV**

*A globalização configura-se um processo que tem uma base histórica e está diretamente relacionada às mudanças na estruturação da produção na sociedade capitalista. Seus aspectos se associam às transformações das técnicas e formas de produção, localização, circulação e acumulação dentro do capitalismo.*

**A partir da leitura do Texto XIV e de seus conhecimentos geográficos sobre as transformações geradas pelo processo de globalização, é correto afirmar que:**

- a) atualmente, tem ocorrido uma redução das instalações de multinacionais em países emergentes como a China devido à abundância de mão de obra

especializada e maiores custos de matéria-prima associado aos altos salários, possibilitando que esse país tenha custos de produção inferiores aos de outros países e maiores margens de lucro.

- b) a partir do novo padrão tecnológico, existe uma desigual distribuição espacial da produção de alto valor agregado, ou seja, aqueles produtos que necessitam de um intenso uso de tecnologia de ponta em sua produção, se concentram especialmente, nos países economicamente desenvolvidos.
- c) no atual contexto de globalização, países emergentes assumem o papel de fornecedores de matéria-prima e de produtos industrializados que necessitam de baixa tecnologia, em razão de suas economias concentrarem-se em pequenos avanços na informática, nas telecomunicações e nas tecnologias de ponta, a exemplo do que ocorre na Índia.
- d) as multinacionais, atualmente, concentram suas filiais em países economicamente desenvolvidos na busca de mercados consumidores em expansão com o objetivo de investir na produção de bens para além de suas fronteiras nacionais.
- e) na atual fase da globalização, empresas multinacionais subcontratam outras, desenvolvem centros gestores e uma estrutura de produção e organização concentrada. É nesse momento que as redes passam a ter menor relevância na circulação de informações, capitais e mercadorias nos países economicamente desenvolvidos.

**10 (UFPA) O período da globalização é marcado por ações políticas entre nações para implantação de sistemas técnicos e condições territoriais que possibilitaram circulação de mercadorias, bens e serviços com maior fluidez e sem grandes obstáculos. Sobre esse período é correto afirmar:**

- a) As condições políticas para globalização foram criadas com a predominância de orientações neoliberais nos países da Europa, da América e da Ásia, que reestruturaram o Estado, fortalecendo empresas estatais, ampliando direitos trabalhistas e protegendo mercados e setores da economia de investidores internacionais.
- b) Acordos políticos na Europa, sobretudo após a queda do socialismo no Leste Europeu, permitiram a formação da Federação dos Estados Europeus, a construção do Parlamento Europeu e de uma cidadania europeia constitucionalmente definida. Isso tudo revela que, no período da globalização, o estado nacional cede espaço ao plurinacional.
- c) Caminhamos para a realização da unicidade normativa, isto é, cada vez mais as nações latino-americanas se adaptam de forma irrestrita às legislações impostas por centros europeus e norte-americanos que decidem sobre a economia

e a política mundiais. Assim, serviços como educação, saúde, comunicação e transportes, além de políticas como a previdenciária, são regulados segundo determinações exógenas ao país.

- d) A economia europeia fortaleceu-se no período da globalização. Alicerçada na moeda única, na produção industrial e na dinâmica agrícola, a economia grega é uma das que mais cresce e se destaca por ter passado incólume pela crise financeira que assolou o mundo a partir de 2008.
- e) A técnica, a ciência e a pesquisa aplicada tornaram-se grandes forças produtivas do mundo globalizado, capazes de produzir objetos técnicos de vida útil reduzida. Patrocinadas pela iniciativa pública e privada, elas envolvem o planeta e criam condições para produção e disseminação da sociedade de consumo.

**11** (UFV-MG) Leia o texto a seguir:

*A reorganização de tempo e espaço, os mecanismos de desencanação e a reflexividade da modernidade supõem propriedades universalizantes que explicam a natureza fulgurante e expansionista da vida social moderna em seus encontros com práticas tradicionalmente estabelecidas. A globalização da atividade social que a modernidade ajudou a produzir é de certa maneira um processo de desenvolvimento de laços genuinamente mundiais – como aqueles envolvidos no sistema global de estados-nações ou na divisão internacional do trabalho. Entretanto, de modo geral, o conceito de globalização é melhor compreendido como expressando aspectos fundamentais do distanciamento entre tempo e espaço.*

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 27.

Com base no texto e em conhecimentos sobre o tema, é **correto** afirmar que o processo de globalização:

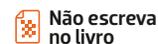
- a) integrou harmoniosamente as realidades tradicionais locais e as necessidades dos fluxos econômicos internacionais.
- b) acirrou o conflito entre as realidades tradicionais locais e as necessidades dos fluxos econômicos internacionais.
- c) desintegrou completamente as realidades tradicionais locais frente aos interesses dos fluxos econômicos internacionais.
- d) domesticou os interesses dos fluxos econômicos internacionais frente aos interesses das realidades tradicionais locais.

**12** (Unama-PA) No início da década de 2001, uma nova sigla surge no mundo econômico, o Bric, denominação dada a um grupo de países gigantes, de economia emergente e grande população absoluta: Brasil, Rússia, Índia e China, cujo crescimento econômico poderá incomodar no futuro os países ricos.

Sobre estes países, é correto afirmar que:

- a) um interesse comum os une – a busca por uma posição relevante na Nova Ordem Global, que reflita o peso ganho pelas economias emergentes nos últimos anos e o que elas devem ganhar.
- b) há semelhanças entre eles – o elevado crescimento econômico e as vastas áreas disponíveis para a expansão agrícola, principalmente na China e na Rússia, cujos territórios possuem vastos espaços com clima apropriado e a base da economia é a agricultura.
- c) o nível de desenvolvimento tecnológico e econômico é o mesmo nesses países, inexistindo “bolsoes de miséria” em seus interiores, principalmente na Índia, que possui uma harmonia na distribuição das atividades produtivas no seu território e, também, na qualidade de vida de suas populações.
- d) há semelhança entre eles — o regime político-econômico, economia capitalista e democracia plena, sem intervenção do Estado na economia. Estes países são polos econômicos nos seus respectivos continentes.

**Questão de vestibular**



• (UFF-RJ) Analise as citações:

*À porta do galinheiro, como se sabe, é a raposa que reivindica a derrubada dos obstáculos à livre circulação. Defrontada com o caçador, no entanto, ela abraça de uma hora para outra a causa da proteção dos parques naturais. Sempre foi assim.*

PASSET, R. *Elogio da globalização*, 2003.

*Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido [...]. De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades [...].*

*Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana.*

SANTOS, M. *Por uma outra globalização*, 2000.

*A globalização pode ser vista como um conjunto de estratégias para realizar a hegemonia de conglomerados industriais, corporações financeiras [...], para apropriar-se dos recursos naturais e culturais, do trabalho e do ócio e do dinheiro dos países pobres.*

GARCÍA CANCLINI, N. *A globalização imaginada*, 2003.

*Nas plataformas de convocação das manifestações de protestos contra as cúpulas internacionais, define-se o inimigo como “globalização econômica e livre-comércio”, “capitalismo global”, ao qual se deve contrapor uma “resistência global” para uma “justiça global” [...].*

PORTA, D. *O movimento por uma nova globalização*, 2007.

Considerando a visão crítica sobre o processo de globalização, contida nas citações, indique e comente **dois** problemas sociais que justifiquem a frase “a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades”.

### Filmes

Sempre que você for assistir a um filme na sala de aula ou em casa, por recomendação do professor, lembre-se de alguns passos importantes:

- Leia o texto do capítulo ou suas anotações sobre o assunto em questão antes de assistir ao filme.
- Concentre-se e preste muita atenção. Se possível, anote os principais acontecimentos.
- Caso o professor tenha sugerido um roteiro para você acompanhar a projeção do filme, procure segui-lo e identificar os pontos principais.
- Anote os trechos que você não entendeu para esclarecer com o professor.
- Tire suas próprias conclusões e forme sua opinião sobre o que assistiu.

Apresentamos a seguir algumas sugestões de filmes que abordam o conteúdo tratado nesta Unidade.

#### + A última hora

Direção: Leila Conners Petersen, Nadia Conners. Estados Unidos, 2007, 95 minutos.

Documentário narrado por Leonardo DiCaprio no qual líderes e cientistas abordam temas atuais e relevantes sobre o modo de vida das sociedades.

#### + Capitalismo: uma história de amor

Direção: Michael Moore. Estados Unidos, 2010, 127 minutos.

O cineasta tenta responder, por meio desse impressionante documentário, qual é o preço que os Estados Unidos pagam por seu capitalismo.

#### + Hiroshima: a humanidade e o horror

Documentário. Inglaterra, 2009, 92 minutos.

A tragédia da bomba atômica lançada sobre a cidade japonesa de Hiroshima, na manhã de 6 de agosto de 1945, é narrada em seu contexto histórico e político.

#### + Wall Street: poder e cobiça

Direção: Oliver Stone. Estados Unidos, 1987, 126 minutos.

O filme narra como são os bastidores do mercado financeiro nos Estados Unidos, nos anos 1980.

#### + Wall Street 2: o dinheiro nunca dorme

Direção: Oliver Stone, Estados Unidos, 2010, 127 minutos.

Continuação de *Wall Street: poder e cobiça*, agora no tumultuado mercado financeiro do século XXI.

### Livros

Estes livros poderão ampliar o assunto estudado.

- + **Breve introdução à economia mundial contemporânea: acumulação do capital e suas crises**  
Gilson Dantas. Brasília: Editora do Autor, 2012.

O autor parte da crise econômica atual para fazer um exame da história da economia capitalista mundial, além de oferecer uma breve visão da dinâmica do capitalismo no século XX.

#### + Capitalismo

Claude Jessua. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009. O autor faz uma análise histórica do capitalismo e ainda traça um paralelo com a democracia e o socialismo.

#### + Guerra Fria

José Arbex Jr. São Paulo: Moderna, 2010.

Uma análise das principais características do mundo da Guerra Fria: terrorismo, corrida armamentista, corrida espacial, Terceiro Mundo, a espionagem, o Leste Europeu socialista, o fim da Guerra Fria.

#### + O capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica

Paul Singer. São Paulo: Moderna, 2000.

Neste livro, que mostra a evolução do capitalismo e suas contradições, o autor faz uma análise do confronto entre capital e trabalho.

#### + Para entender *O Capital*.

David Harvey. São Paulo: Boitempo. 2013.

O geógrafo David Harvey discute o primeiro volume de *O Capital*, de Marx, de forma didática e esclarecedora.

#### + Por trás da máscara: do Passe Livre aos Black Blocs que tomaram as ruas do Brasil

Flavio Morgestern. Rio de Janeiro: Record. 2015.

O autor analisa detalhadamente as manifestações que tomaram as ruas brasileiras em 2013.

### Sites

Os sites indicados a seguir constituem uma boa fonte de pesquisa.

#### + <[www.imf.org/external/index.htm](http://www.imf.org/external/index.htm)>

Site do Fundo Monetário Internacional com estatísticas e informações sobre a economia mundial. Em inglês e espanhol.

#### + <[http://educaterra.terra.com.br/voltaire/index\\_atualidade.htm](http://educaterra.terra.com.br/voltaire/index_atualidade.htm)>

Artigo sobre o Partido Trabalhista Britânico e a terceira via.

#### + <[www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/guerrafria](http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/guerrafria)>

Site da TV Cultura de São Paulo, no qual se pode encontrar um panorama completo do período da Guerra Fria: aspectos culturais, espionagem, corrida espacial, corrida armamentista, etc.

# 2

## Desenvolvimento humano e econômico: desigualdades no mundo globalizado



maxstockphoto/Shutterstock

▼ A imagem mostra um modo simbólico de representar a paz e a diversidade cultural e étnica ao redor do mundo.



A composição da Organização das Nações Unidas (ONU) é o retrato das desigualdades e diversidades que existem nos vários países do mundo. Nesta Unidade, vamos abordar alguns dos problemas que preocupam a comunidade internacional: as desigualdades de desenvolvimento humano e econômico entre os países, entre homens e mulheres e entre os diversos grupos étnicos.

# Pobreza e fome no mundo globalizado

Edmar Barros/Futura Press



▼ Criança carregando água para beber durante seca do rio Negro, que secou lagoas em Manaus. Foto de 2015.

## ■ A Declaração do Milênio

O processo de globalização evidenciou uma grande desigualdade socioeconômica, que se manifesta de várias formas, seja em zonas rurais, seja em zonas urbanas. Isto acontece porque também são desiguais os acessos ao capital, aos recursos naturais, à tecnologia, à educação de qualidade, à água potável, aos serviços de saúde e ao saneamento básico. Por essa razão, precisamos considerar as desigualdades socioeconômicas como algo que vai muito além da distribuição de bens materiais e que se manifesta nas várias formas de pobreza e em sua principal consequência: a fome.

Para atenuar essas diferenças e melhorar a vida das pessoas no século XXI, a Organização das Nações Unidas (ONU) elaborou a Declaração do Milênio.

As resoluções da Declaração do Milênio foram aprovadas pela Assembleia Geral das Nações Unidas, na Cúpula do Milênio, realizada em Nova York entre 6 e 8 de setembro de 2000. Nesse encontro, foram estabelecidas as Metas do Desenvolvimento do Milênio (MDM) ou Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) para assegurar a redução da pobreza extrema e o desenvolvimento sustentável em países não desenvolvidos até 2015. Esse compromisso está resumido em oito objetivos.

## Metas do Desenvolvimento do Milênio



Erradicar a fome e a pobreza extrema.



Estabelecer a educação universal.



Promover a igualdade entre os gêneros e a autonomia das mulheres.



Melhorar a saúde materna.



Reduzir a mortalidade infantil.



Combater a Aids e outras doenças.



Garantir a sustentabilidade do meio ambiente.



Incentivar um sistema comercial e financeiro não discriminatório e atender às necessidades dos países menos desenvolvidos.

Adaptado de: ONU. Pnud. Disponível em: <[www.pnud.org.br/ODM.aspx](http://www.pnud.org.br/ODM.aspx)>. Acesso em: 12 jan. 2016.

Segundo o Banco Mundial, cerca de 1 bilhão de pessoas saíram da situação de extrema pobreza entre 1995 e 2015. No entanto, os avanços para atingir os ODM têm sido muito desiguais nas diferentes regiões do mundo: existem grandes áreas na África subsaariana e no Sul da Ásia onde dificilmente os Objetivos serão alcançados. São diferenças que podem ser constatadas na leitura das tabelas desta página e nas que aparecem nas páginas 61 e 62.

## ■ Pobreza: como definir e avaliar

Em 1990, 46% da população mundial vivia em condições de pobreza absoluta; em 2015, eram 10%. Em todas as regiões do mundo não desenvolvido, o percentual de pessoas que vivia com menos de 1,25 dólar por dia caiu, mas pouco menos de 1 bilhão de pessoas, nesse mesmo ano, ainda vivia na pobreza.

Acabar com a pobreza extrema e a fome é a primeira de oito metas estabelecidas pela ONU, no

início do século XXI. Porém, as crises econômicas mundiais de 2008 e de 2012 e o aumento do preço dos alimentos tornaram a luta contra essa situação mais difícil.

A pobreza pode ser considerada como o não suprimento das necessidades básicas (alimentação, habitação, saúde e educação), fatores necessários para garantir a integridade física e psicológica das pessoas. Contudo, não há um conceito rígido para definir essa condição.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (Pnud) estabeleceu, no Relatório do Desenvolvimento Humano 1990, que a situação de pobreza atinge as pessoas que vivem com menos de 1,25 dólar por dia. O Banco Mundial considera a faixa de menos de 2 dólares por dia para definir a população pobre e menos de 1 dólar por dia para definir a pobreza extrema.

Outro critério é medir a renda dos domicílios. Nessa análise consideram-se:

- a linha de pobreza, ou seja, a renda que os moradores de um domicílio precisam obter para satisfazer suas necessidades e ter uma vida digna;
- a linha de indigência, isto é, a renda necessária para custear uma cesta de alimentos que satisfaça um nível mínimo de necessidades energéticas e de proteínas para as pessoas sobreviverem.

O mais importante, porém, é detectar a pobreza para diminuí-la e combatê-la em várias regiões do mundo, principalmente nos lugares onde ela é crônica e mais aguda, como em países da África, da América Latina e da Ásia.

### Porcentagem de população em condições de pobreza (por região) — 2015

Região	Pop. com menos de US\$ 1,25 por dia (%)
América Latina e Caribe	3,2
Europa e Ásia central	0,2
Leste da Ásia e Oceania	10,3
Oriente Médio e norte da África	0,9
Sul da Ásia	37,2
África subsaariana	48,3

Fonte: BANCO MUNDIAL. *Informe sobre o Desenvolvimento - 2015*. p. 35. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/sites/default/files/wdi-2015-ch1.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

## ● Analisando a pobreza

Existem várias maneiras de avaliar e medir a pobreza no mundo. A análise dos principais indicadores socioeconômicos de um país é uma delas.

### ● Principais indicadores socioeconômicos

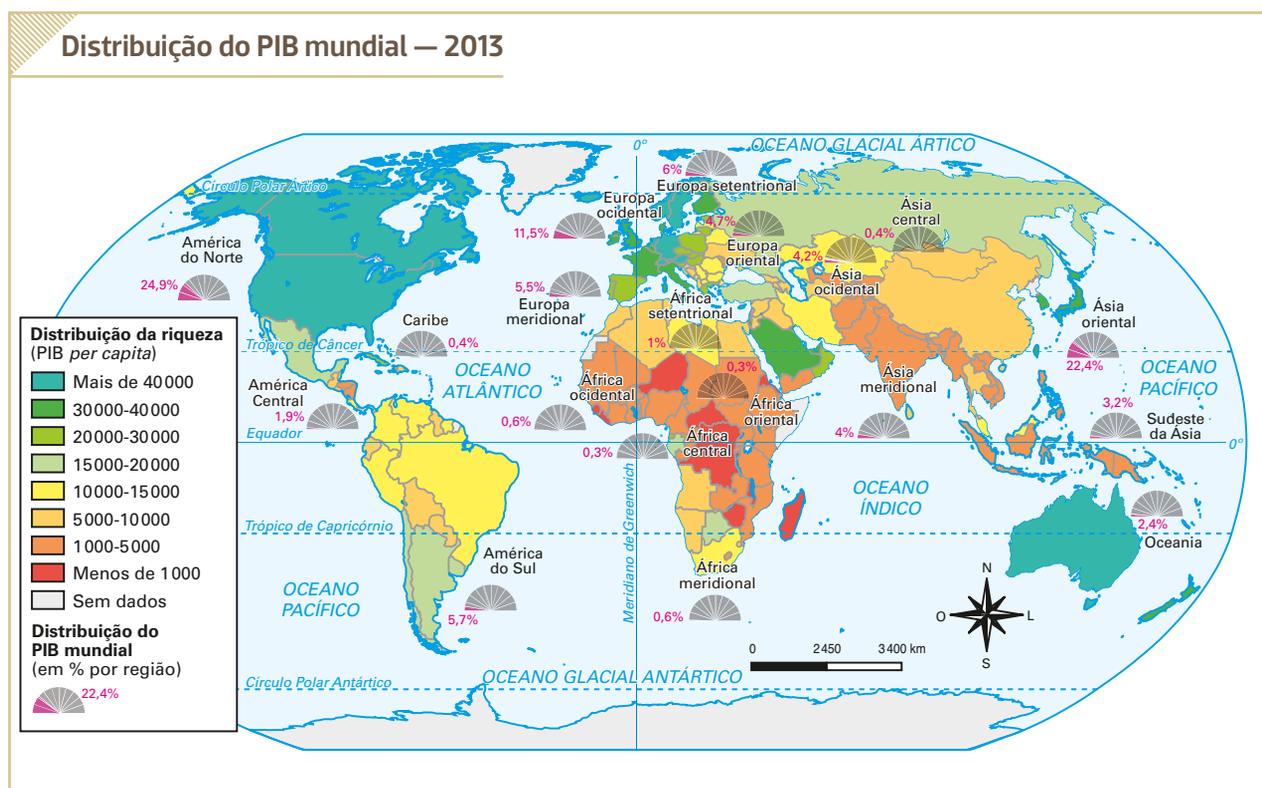
- **Produto Interno Bruto (PIB).** É a soma de bens e serviços produzidos por uma nação no decorrer de um ano. Esse índice não considera rendas eventualmente enviadas para fora do país ou recebidas do exterior, por isso é denominado *interno*. Ajuda a medir a capacidade de produção: quanto maior o PIB, mais rica é a nação. Não é, porém, uma certeza de boa qualidade de vida, pois muitas vezes o PIB do país é alto, mas a riqueza não é convertida em bem-estar para seus habitantes, como é o caso dos países produtores de petróleo, com altos PIBs e PIBs *per capita* e péssima distribuição de renda. O crescimento econômico mundial no século XX foi marcado por duas características: o ritmo acelerado e a distribuição desigual da riqueza entre os vários países do mundo. Embora tenha aumentado 112 vezes entre 1750 e 2010, o PIB mundial

concentra-se em alguns países ou regiões, como você pode observar no mapa desta página.

- **Produto Nacional Bruto (PNB).** É a soma de bens e serviços produzidos por uma nação no decorrer de um ano. Entretanto, nesse cálculo considera-se ainda a renda obtida pelo capital nacional que está no exterior, subtraída do capital que foi enviado para fora do país nesse período (lucros de transnacionais, por exemplo). Como o cálculo leva em conta o capital nacional que está fora do país e não considera a renda do capital internacional, usa-se o qualificativo nacional. Portanto:

$$\text{PIB} + \text{renda recebida do exterior} - \text{renda enviada para o exterior} = \text{PNB}$$

Países desenvolvidos que recebem os lucros de suas transnacionais, como os Estados Unidos, têm um PNB maior que o PIB. Já os países não desenvolvidos têm um PIB maior que o PNB, pois empresas transnacionais que neles atuam enviam os lucros para a matriz localizada em outro país.



Adaptado de: ATLANTE geográfico De Agostini 2015.  
Novara: Istituto De Agostini, 2015. p. 54.

- *Paridade do Poder Aquisitivo (PPA)* ou *Paridade do Poder de Compra (PPC)*. Constitui-se em um fator de conversão do poder aquisitivo, no qual se verifica quanto em moeda do país é necessário para obter o mesmo que um dólar americano pode comprar nos Estados Unidos. Esse índice é utilizado para o cálculo do PIB *per capita* na composição do IDH (veja mais detalhes abaixo).
- *Renda per capita*. É o PIB de um país dividido pelo número de seus habitantes. Não configura a realidade porque é uma estimativa média da renda anual de cada habitante, sem levar em conta as desigualdades de distribuição de renda.
- *Expectativa de vida*. É a estimativa do tempo de vida que os habitantes de um país deverão ter. Quanto melhor forem as condições sociais, maior será a expectativa de vida.
- *Escolaridade*. Mede o grau de instrução da população. Quanto mais anos de estudo, melhores são os indicadores sociais do país.
- *Índice de Gini*. Mede a concentração de renda em certos setores da população de um país. Varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior é a concentração de renda. O Brasil está entre os dez países de maior concentração de renda no mundo.

#### Indicadores especiais: IDH e IDH-D.

Existem outros índices que permitem avaliar com mais precisão as condições de vida de um país, como veremos a seguir.

### Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

Criado pela ONU na década de 1990 para avaliar e comparar o padrão de vida das nações, o IDH é considerado o indicador socioeconômico mais amplo e mais completo porque leva em consideração três aspectos importantes: a expectativa de vida ou longevidade (saúde), o grau de escolaridade (educação) e a renda *per capita* (PPC – distribuição de renda).

O IDH é a média comparativa dos valores correspondentes a esses três aspectos. Varia de 0,0 (nenhum desenvolvimento total) a 1,0 (desenvolvimento humano pleno). Quanto mais próximo de 1, melhor é o desempenho de uma nação. Com base nos valores obtidos no IDH, a ONU classifica os países segundo alguns níveis de desenvolvimento.

Esses níveis são: baixo (de 0,0 até 0,499), médio (de 0,500 a 0,699), elevado (de 0,700 a 0,900) e muito elevado (acima de 0,900). Veja, na tabela a seguir, os mais altos e os mais baixos IDHs em 2015.

#### Mais altos IDHs — 2015\*

Países	IDH
1º Noruega	0,944
2º Austrália	0,935
3º Suíça	0,930
4º Dinamarca	0,923
5º Países Baixos	0,922
6º Alemanha	0,916
7º Irlanda	0,916
8º Estados Unidos	0,915
9º Canadá	0,913
10º Nova Zelândia	0,913

#### Mais baixos IDHs — 2015\*

Países	IDH
188º Níger	0,348
187º República Centro-Africana	0,350
186º Eritreia	0,391
185º Chade	0,392
184º Burundi	0,400
183º Burkina Fasso	0,402
182º Guiné	0,411
181º Serra Leoa	0,413
180º Moçambique	0,416
179º Mali	0,419

\* Dados de 2014.

Fonte das tabelas: ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <[www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport\\_EN.pdf](http://www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport_EN.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2016.

### Índice de Desenvolvimento Humano ajustado à Desigualdade – IDH-D

Esse índice utiliza os mesmos indicadores usados para medir o IDH: saúde, educação e renda. A diferença é que, nesse caso, considera-se o grau de desigualdade desses indicadores na sociedade para caracterizar melhor a situação de desenvolvimento humano do país ou da região. Quanto mais desigual for o país, maior é a diferença entre o IDH e o IDH-D.

Veja nas tabelas a seguir os países com menor e com maior variação do IDH-D.

#### IDH-D: menores perdas em relação ao IDH — 2015\*

Países	IDH	IDH-D	Perda global (%)
Noruega	0,944	0,893	5,4
República Tcheca	0,870	0,823	5,4
Finlândia	0,883	0,834	5,5
Eslovênia	0,861	0,782	5,9
Islândia	0,894	0,846	5,9

#### IDH-D: maiores perdas em relação ao IDH — 2015\*

Países	IDH	IDH-D	Perda global (%)
Comores	0,503	0,268	43,7
Namíbia	0,628	0,359	43,6
Guiné-Bissau	0,420	-0,240	39,4
Haiti	0,483	0,216	38,8
Costa do Marfim	0,462	0,287	38

\* Dados de 2014.

Fonte das tabelas: ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <[www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport\\_EN.pdf](http://www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport_EN.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2016.

Agora, veja a posição do Brasil de acordo com esses indicadores.

#### Brasil

IDH	Ranking	IDH-D	Perda global (%)
0,755	75º	0,557	26,3

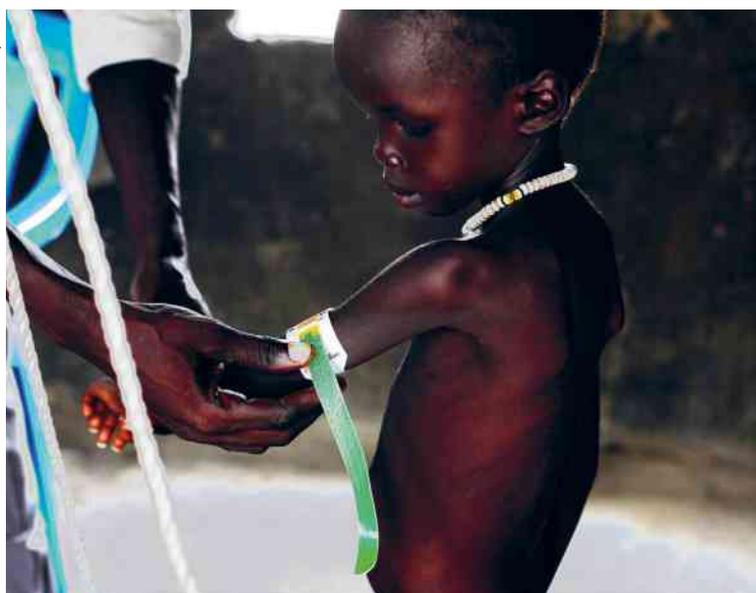
Fonte: ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <[www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport\\_EN.pdf](http://www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport_EN.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2016.

## ■ Pobreza e fome

A fome é uma das principais consequências da extrema pobreza, e envolve também questões relacionadas à **insegurança alimentar** e à saúde. A fome e a desnutrição são consideradas o principal risco para a saúde. Mais do que a Aids, a tuberculose e a malária juntas. Erradicar a fome é tão importante que esse é o primeiro objetivo da Declaração do Milênio, elaborada pela ONU.

**Insegurança alimentar:** é a carência e a dificuldade de acesso de pessoas aos alimentos.

REUTERS/Andreea Campeanu



▼ Criança em severo estado de desnutrição é atendida pelos Médicos Sem Fronteiras, em Leer, estado de Unity, no Sudão do Sul. Foto de 2014.

O WFP, sigla em inglês do Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas, define fome como a falta de alimentos no estômago e especifica que ela pode se manifestar de três maneiras distintas.

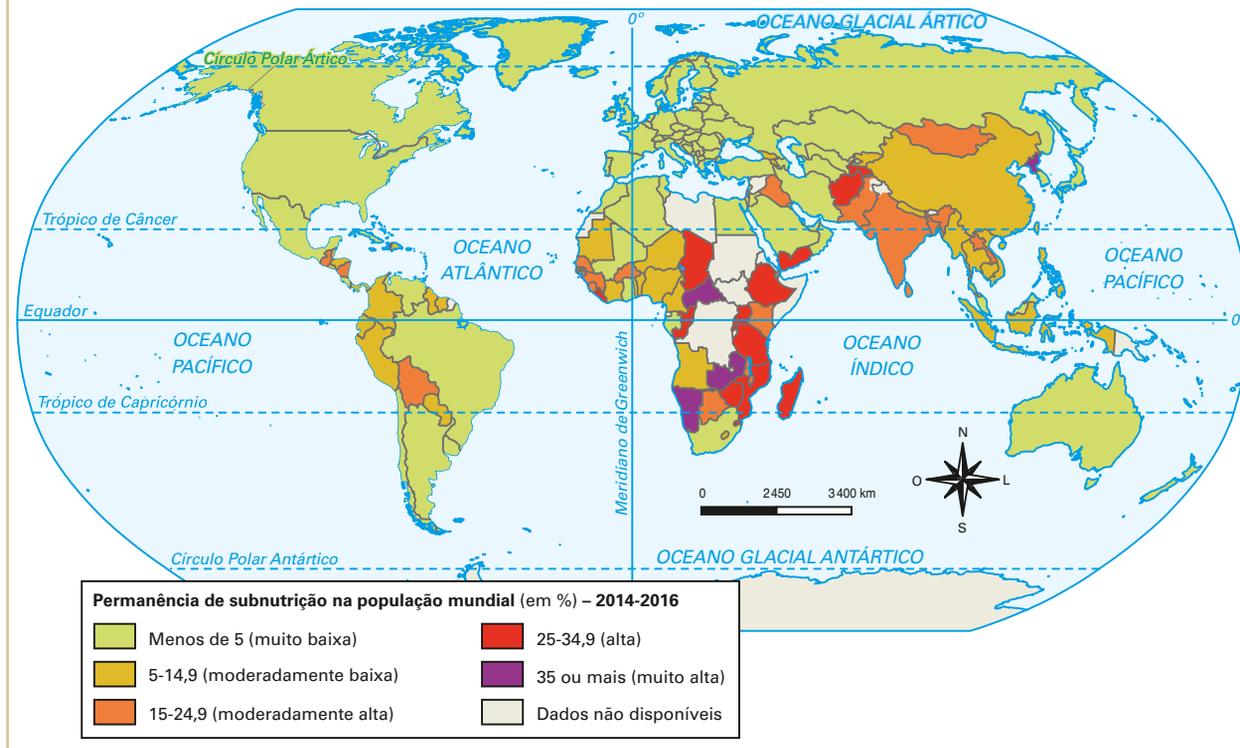
- **Subnutrição:** termo usado para descrever a situação das pessoas cuja ingestão de energia alimentar não é suficiente para levar uma vida ativa.
- **Desnutrição:** caracteriza-se pela falta de ingestão de proteínas, calorias e nutrientes, o que facilita a ocorrência de várias doenças. É avaliada por medidas antropométricas, como o peso e a altura, de acordo com a idade.
- **Emaciação:** caracteriza-se por perda substancial de peso e reflete desnutrição aguda.

Segundo a Food and Agriculture Organization (FAO), em 2015 havia cerca de 795 milhões de pessoas vivendo em condições de insegurança alimentar no mundo, apesar de não haver escassez de alimentos. A maior parte dessas pessoas vive em países não desenvolvidos, como se pode constatar no mapa da página seguinte, elaborado com dados do Programa Mundial da Fome.

Entre as principais causas da fome, além da pobreza, estão o preço dos alimentos, os desastres naturais, as guerras, os conflitos e uma deficiente estrutura agrícola.

O preço dos alimentos é responsável por graves crises alimentares mundiais, como as do período de 2007 a 2008 e de 2010 a 2011.

## O mapa da fome — 2015



Adaptado de: WORLD FOOD PROGRAM. Disponível em: <[www.wfp.org/content/hunger-map-2015](http://www.wfp.org/content/hunger-map-2015)>. Acesso em: 22 jan. 2016.

## Ampliando o conhecimento

Não escreva no livro

### Índice Global da Fome

O Instituto Internacional de Pesquisa de Políticas Alimentares (IFPRI, sigla em inglês) utiliza um índice para avaliar a situação de insegurança alimentar no mundo. É o Índice Global da Fome (GHI – Global Hunger Index) que combina quatro indicadores:

- **Subnutrição (PSN)** — Proporção de pessoas subalimentados em relação à população.
- **Baixo Peso Infantil (PBP)** — Porcentagem de crianças menores de 5 anos abaixo do peso.
- **Desnutrição Infantil (DI)** — Proporção de crianças menores de 5 anos que sofrem de nanismo (baixa altura para a idade, com desnutrição crônica).
- **Mortalidade Infantil (MI)** — Taxa de mortalidade de crianças menores de 5 anos.

O índice classifica os países em uma escala de 100 pontos, na qual zero (risco baixo) é a melhor qualificação e 100 (risco máximo) é a pior. Uma pontuação maior do que 20 revela níveis alarmantes de fome e maior do que 30, altamente alarmantes.

Os piores GHI, classificados como altamente alarmantes, estão no continente africano. Veja a tabela abaixo.

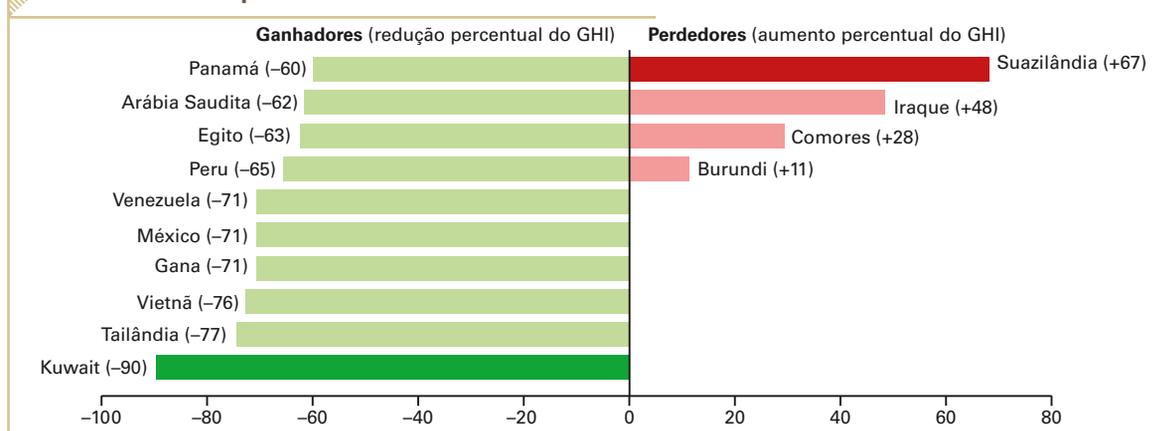
#### Piores GHI — 2015

Países	IDH
101º — Timor-Leste	40,7
102º — Zâmbia	41,1
103º — Chade	46,4
104º — República Centro-Africana	46,9

Fonte: INTERNACIONAL FOOD POLICY RESEARCH INSTITUTE. Índice Global da Fome 2015. Disponível em: <<http://ebrary.ifpri.org/utils/getfile/collection/p15738coll2/id/129681/filename/129892.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

Um aumento no GHI significa uma piora nas condições de fome no país, assim como sua diminuição indica que o país melhorou nesse quesito. Veja no gráfico a seguir os países que têm melhorado e piorado desde 1990.

### Ganhadores e perdedores do GHI — 1990–2014



Adaptado de: INTERNATIONAL FOOD POLICY RESEARCH INSTITUTE. *Índice Global da Fome 2014*. Disponível em: <[www.ifpri.org/publication/2014-global-hunger-index](http://www.ifpri.org/publication/2014-global-hunger-index)>. Acesso em: 25 jan. 2016.

#### ⊕ Responda às questões com base no texto que você leu.

1. Explique por que países africanos como Chade e República Centro-Africana ocupam as piores colocações no ranking do GHI.
2. Por que os países desenvolvidos não aparecem na tabela?

## Refletindo sobre o conteúdo

1. **Geografia e Língua Portuguesa** Leia as palavras do Secretário-Geral da ONU desde 2007.

*“Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio têm sido o impulso global antipobreza mais bem-sucedido da história”, disse Ban Ki-moon.*

Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/objetivos-do-milenio-avancam-mais-do-que-o-previsto-e-mais-metas-devem-ser-alcancadas-ate-2015-diz-onu/>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

- a) Com base no que foi estudado, caracterize os objetivos de Desenvolvimento do Milênio.
  - b) Na sua opinião, qual é o principal objetivo do Milênio? Elabore um texto que reflita sua opinião sobre o objetivo escolhido. Escreva por que você escolheu esse objetivo e sugira algumas ações que podem ser feitas para atingi-lo.
2. Sobre os principais indicadores socioeconômicos, responda:
    - a) Diferencie PIB de PNB.
    - b) Qual é o indicador mais completo para analisar um país? Justifique.

3. O professor vai dividir sala em grupos e cada grupo vai realizar uma pesquisa sobre o seguinte tema: **Combater a Aids é uma das Metas do Desenvolvimento do Milênio.**

Após a conclusão da pesquisa, o professor vai sortear as questões a seguir entre os grupos e cada grupo deverá explicar aos demais alunos suas respostas e conclusões.

- a) Qual é a causa da Aids? Relacione a fome com o aumento do número de mortes causadas por essa doença.
- b) De que maneira ela pode ser contraída? Analise como regras de higiene podem estar relacionadas ao aumento do número de casos de Aids.
- c) Quais são as formas de prevenção contra a Aids?
- d) Relacione o analfabetismo à Aids.
- e) Por que é difícil encontrar o remédio para combater essa doença?
- f) Qual é a diferença entre ser soropositivo e ter Aids?

# Desigualdades entre os gêneros e entre as etnias



Luiz Rampelotto/Lightfoccker/Getty Images

▼ Malala Yousafzai desde muito jovem contava em um *blog* as dificuldades das meninas em receber educação no lugar onde morava, no Paquistão. Em 2012, aos 15 anos, ela sofreu um atentado a caminho da escola. Levada para a Inglaterra, sobreviveu. Malala é estudante e ativista na luta pelos direitos humanos das mulheres e pela educação. Em 2014, aos 17 anos, ganhou o prêmio Nobel da Paz, tornando-se a pessoa mais jovem a ser congratulada pelo prêmio. Na foto, Malala discursa na sede da ONU, em Nova York, Estados Unidos, em 2015.

## Um mundo globalizado, mas muito desigual

A dinâmica social, política e econômica da atualidade é caracterizada por grandes desigualdades que preocupam a comunidade internacional. Como você viu no capítulo anterior, a Organização das Nações Unidas (ONU) elaborou a Declaração do Milênio com o propósito de atenuar essas diferenças.

Entre os diversos objetivos estabelecidos, além da diminuição da pobreza, que é uma condição fun-

damental, duas metas são extremamente importantes: diminuir as desigualdades entre os gêneros e entre as etnias e, ao mesmo tempo, erradicar o preconceito contra as minorias.

## Desigualdades de gênero

A equidade de gêneros, na maioria dos países, ainda é uma meta difícil de ser alcançada, embora já se verifiquem avanços na escolaridade e na autonomia financeira das mulheres, cuja participação no mercado de trabalho é cada vez mais expressiva.

A palavra-chave para explicar os objetivos de organizações que lutam pelo direito das mulheres é o *empoderamento*. Segundo a ONU Mulheres, isso significa que as pessoas — tanto mulheres como homens — podem assumir o controle da própria vida: trabalhar, receber salários dignos e exercer sua cidadania.

Muitas mulheres se destacaram na política, na ciência, nos negócios, como líderes comunitárias, religiosas e ativistas em defesa de várias causas, em diferentes épocas. Entre elas, podemos citar: Madre Teresa de Calcutá (1910-1997), missionária católica, prêmio Nobel da Paz em 1979; Indira Gandhi (1917-1984), primeira-ministra da Índia no período de 1966 a 1977 e de 1980 a 1984; Golda Meir (1898-1978), primeira-ministra de Israel de 1969 a 1974; Margaret Thatcher (1925-2013), primeira-ministra britânica de 1979 a 1990; Marie Curie (1867-1934), vencedora do prêmio Nobel de Química de 1911, pela descoberta dos elementos químicos rádio e polônio; Florence Nightingale (1820-1910), enfermeira pioneira em tratamento de feridos de guerra; Simone de Beauvoir (1908-1986), escritora, filósofa e feminista francesa, e muitas outras. Mais recentemente, outra geração de mulheres tem se destacado em várias atividades de grande influência: Ângela Merkel, primeira-ministra da Alemanha, a economista mais forte da União Europeia; Dilma Rousseff, primeira mulher eleita presidente do Brasil, um dos países mais influentes da América Latina; Cristina Kirchner, duas vezes presidente da Argentina; Michelle Bachelet, duas vezes presidente do Chile;



▼ Livia Maria Ledo Pio de Abreu, primeira mulher a se candidatar à Presidência da República no Brasil, nas eleições de 1989.

Doris Lessing e Svetlana Alexievich, ganhadoras do prêmio Nobel de Literatura; You You Tu, ganhadora do prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia; Ellen Johnson Sirleaf, presidente da Libéria e ganhadora do prêmio Nobel da Paz, entre outras.

A participação das mulheres, no entanto, ainda é muito pequena em um universo de atividades predominantemente masculino. De 1901 a 2015 os prêmios Nobel foram entregues 573 vezes, mas apenas 49 mulheres foram contempladas. No Brasil, elas passaram a se candidatar à Presidência na década de 1980, quando o país voltou a ter eleições diretas. Mas somente em 2010 uma mulher foi eleita pela primeira vez para esse cargo, Dilma Rousseff, que foi reeleita em 2014.

### ● O difícil caminho para a igualdade

É preciso criar condições para que as mulheres participem efetivamente de todos os setores da vida econômica e política, pois só assim será possível construir sociedades mais justas e igualitárias. Para isso, são necessárias políticas de equidade de gêneros, igualdade de oportunidades e inclusão social, que devem contemplar o acesso à educação e à saúde, além de promover o fim da discriminação, da opressão e da violência contra as mulheres.

No Brasil, existe a Secretaria de Políticas para Mulheres, que elabora políticas de igualdade de gêneros e trabalha com o gabinete da Presidência da República. Faz parte dessa secretaria, desde 2003, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Criado em 1985, esse órgão é formado por membros do governo e da sociedade civil e tem como objetivo a fiscalização de políticas públicas de igualdade de gênero.

Como a equidade de gêneros é um dos Objetivos do Milênio, existe uma grande preocupação internacional a esse respeito.

Em junho de 2010, a Organização das Nações Unidas criou a ONU Mulheres, Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres, que entrou em funcionamento em janeiro de 2011, sob a coordenação de Michelle Bachelet, médica e política, eleita duas vezes presidente do Chile.

A ONU Mulheres surgiu da fusão de quatro organizações da ONU: Divisão da ONU pelo Avanço das Mulheres, Instituto Internacional de Pesquisa e Treinamento pelo Avanço das Mulheres, Escritório da Assessora Especial para Questões de Gênero e o Avanço das Mulheres e Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para as Mulheres.

## A dura luta pelos direitos das mulheres

Ao longo dos séculos, as mulheres foram excluídas de uma participação mais ativa na sociedade. Durante esses anos, o sentimento mais comum, e que ainda existe em certas partes do mundo, foi o machismo ou chauvinismo, que consiste na crença da inferioridade do sexo feminino.

As primeiras reivindicações femininas organizadas ocorreram no século XIX, nos Estados Unidos e no Reino Unido. Essas primeiras lutas tinham como foco a obtenção de direitos de propriedade e o fim de casamentos arranjados. No fim desse século e início do século XX, as ações, que agora já podem ser chamadas de feministas, tornaram-se mais efetivas, e as mulheres passaram a pleitear os direitos políticos por meio do voto ou sufrágio.

O feminismo, cuja meta é alcançar a igualdade dos gêneros, começou a se fortalecer nessa época, e as maiores vitórias do movimento ocorreram após as décadas de 1960 e 1970.

A luta pelo voto feminino foi difícil e demorada, pois a participação de mulheres nas eleições foi liberada sempre com restrições de idade, de estado civil ou de critérios econômicos, até a conquista do voto para todas as mulheres. Ainda assim, apenas em alguns países: na Nova Zelândia em 1893, na Dinamarca e na Islândia em 1915, na Noruega em 1913, na Holanda e na Alemanha em 1918. O Reino Unido adotou o voto feminino gradualmente, tornando-o geral em 1928. Nos Estados Unidos, todas as mulheres puderam votar em 1920.

Archive Pics/Alamy/Glow Images



No Brasil, o voto foi permitido em 1932 apenas para as mulheres casadas, viúvas e solteiras que tivessem renda própria. As restrições caíram em 1934, mas o voto feminino só se tornou obrigatório em 1946. Dentre as ativistas que lutaram pelo voto no Brasil, destacam-se Bertha Lutz, zoóloga (1894-1976), Carlota Pereira de Queiroz, médica e congressista (1892-1982), Leolinda Daltro, professora (1860-1935), além de muitas outras.

Entre as muitas conquistas das mulheres obtidas no último século, o direito de voto é apenas uma delas, que incluem o movimento feminista, a luta pelo direito de propriedade, o direito de escolher seu destino, de ter ou não filhos, de constituir ou não uma família. E o mais importante: garantir oportunidades iguais no trabalho, na educação e na remuneração.

Infelizmente, ainda há muito para ser feito. É preciso garantir a **saúde reprodutiva**, as boas condições de trabalho, a liberação dos costumes antigos, como a circuncisão feminina, comum em países africanos, ou de casamentos arranjados e realizados ainda na infância, além de combater a violência doméstica, uma das principais causas de mortalidade feminina em todo o mundo.

### Saúde reprodutiva:

cuidados que envolvem o aparelho reprodutor da mulher, como direito à assistência durante o pré-natal e no parto, acesso a métodos anticoncepcionais e outros cuidados com a gravidez.

Enquanto muitas mulheres podem viver a vida que escolherem, outras são reféns da situação de pobreza, penalizadas com a dupla jornada de trabalho, pois acumulam os trabalhos domésticos e vivem, na prática, com poucos direitos. Outras, ainda, são cerceadas do direito de ir e vir, de dirigir automóveis e de tomar decisões sem o consentimento de pai, marido ou irmãos.

▼ Protesto de sufragistas inglesas pelo direito ao voto feminino. Londres, foto de cerca de 1912.

## Índice de Desigualdade de Gênero (IDG)

Para que as políticas que beneficiam as mulheres sejam efetivamente aplicadas, é necessário fazer um diagnóstico da situação nos vários países. Em seu Relatório de Desenvolvimento Humano, o Pnud analisa as desigualdades entre os gêneros utilizando o Índice de Desigualdade

de Gênero (IDG). Esse índice leva em conta três itens: os cuidados com a saúde reprodutiva da mulher, o empoderamento ou a autonomia do sexo feminino na sociedade, por meio da educação e da política, e a participação desse gênero na força de trabalho, levando-se em conta diferenças salariais.

O IDG varia de zero a um e, quanto mais alto for seu valor, maior será a desigualdade entre mulheres e homens. Em uma lista de 188 países, no IDH-2015, o Brasil ficou na 97ª posição. As menores desigualdades estão na Europa, notadamente nos países nórdicos, e as maiores, nos continentes africano e asiático. Veja a tabela.

IDG: melhores e piores e o Brasil – 2015\*

Ranking	País	IDG
1º	Eslovênia	0,016
2º	Suíça	0,028
3º	Alemanha	0,041
4º	Dinamarca	0,048
5º	Áustria	0,053
97º	Brasil	0,457
150º	Mali	0,677
151º	Costa do Marfim	0,679
152º	Afganistão	0,693
153º	Chade	0,706
154º	Níger	0,713
155º	Iêmen	0,744

\* Dados de 2014.

Fonte: ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <[www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport\\_EN.pdf](http://www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport_EN.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2016.

## Desigualdades na etnia: racismo e preconceito

Existe uma grande diversidade étnica, religiosa e cultural entre os povos da Terra. No entanto, a intolerância propicia inúmeras situações de violência e a opressão de certos grupos sobre outros.

Essa intolerância muitas vezes está fundamentada no *racismo*, na crença ou na presunção de certos indivíduos de se considerarem superiores aos representantes de outras etnias.

O racismo pode se manifestar de várias formas: pelo *preconceito*, uma ideia ou opinião preconcebida, um sentimento desfavorável; pela *discriminação* ou pelo tratamento diferenciado; pela *segregação* expressa na separação física; pelo molestamento, por meio de ataques físicos ou verbais; e pelo *genocídio*, que implica a dizimação de grupos étnicos.

O preconceito étnico também se manifesta com base na cor da pele, pela discriminação de “não brancos”. Os negros foram o grupo mais atingido por esse sentimento.

Entre os países onde as manifestações do preconceito contra negros foram mais radicais e violentas, podemos citar principalmente os Estados Unidos e a África do Sul. Mas no Brasil esse tipo de racismo também foi significativo e deixou suas marcas.

Nos Estados Unidos, violentos choques entre brancos e negros marcaram as décadas de 1950 e 1960. Os brancos organizavam-se em grupos extremistas, como a Ku Klux Klan, que realizavam ações violentas contra a comunidade negra, sempre procurando manter o anonimato, vestindo longas vestes brancas com capuz que cobriam seus rostos.

Em muitos estados a segregação dos negros era completa: tinham as próprias escolas, igrejas, seus veículos de transporte público e seu ingresso em muitos estabelecimentos comerciais, lojas, lanchonetes e restaurantes era proibido. O preconceito era tão forte que atingia até mesmo pessoas com características da etnia branca que tivessem algum antepassado negro. Era o chamado preconceito de origem.

A longa luta para acabar com essa situação de segregação e de agressões preconceituosas foi chamada *Movimento dos Direitos Civis*. Seu marco inicial aconteceu em 1955, quando a jovem negra Rosa Parks negou-se a ceder o seu lugar em um ônibus para um branco, na cidade de Montgomery, estado do Alabama. Ela foi presa, julgada e condenada e, de certa forma, sua prisão deu início à luta pelos direitos civis, com um boicote ao transporte público.



▼ Rosa Parks ocupando lugar em ônibus exclusivo para brancos, em Montgomery, no Alabama, Estados Unidos. Foto de 1956.

Em seguida, vários estudantes negros procuravam assegurar seus lugares em universidades destinadas a jovens brancos. São conhecidos os casos da cidade de Little Rock (Arkansas) e de James Meredith, na universidade do Mississippi. Ao mesmo tempo, a população negra, muitas vezes apoiada por jovens brancos, começou a frequentar os lugares públicos onde sua presença não era permitida.

Em 1963, a pressão exercida por grande parte da população pela igualdade de direitos civis e pelo fim da segregação racial cresceu. Em 1964, três estudantes voluntários da defesa dos direitos civis foram assassinados por membros da Ku Klux Klan, no estado do Mississippi. Esse fato acabou precipitando a assinatura da Lei dos Direitos Civis, pelo presidente Lyndon Johnson, em 2 de julho do mesmo ano.

Na luta pelos direitos dos negros, mesmo após a assinatura da Lei dos Direitos Civis, destacaram-se líderes como Martin Luther King Jr., pastor nascido no estado da Geórgia. Ele liderou passeatas que exigiam o direito de voto para os negros, principalmente na cidade de Selma, no Alabama. A Lei do Direito de Voto veio em 1965, mas o pastor foi assassinado em 1968. Outro importante líder negro da época foi Malcom X, muçulmano afro-americano que fundou, em 1964, a Organização da Unidade Afro-Americana. Ele foi assassinado em 21 de fevereiro de 1965, quando discursava no Harlem, bairro nova-iorquino com forte presença de negros.

Atualmente, os norte-americanos procuram integrar cada vez mais o negro em sua sociedade. A eleição e reeleição do presidente Barack Obama pode ser considerada uma atitude positiva no combate ao racismo e à discriminação de cor. Mas os Estados Unidos ainda testemunham fatos que chocam o mundo por sua violência, como a morte de quatro jovens negros, entre eles Michael Brown (18 anos) e Tamir Rice (12 anos), assassinados por policiais em 2014, que gerou uma onda de protestos por vários estados do país, pedindo justiça e alertando para o aumento de ocorrências envolvendo casos de racismo no país. Os sangrentos conflitos e a segregação podem até ser considerados coisas do passado, mas o preconceito continua existindo, mesmo que de forma velada.

O intenso fluxo de migrações internacionais ocorrido na década de 1990 agravou outro tipo de intolerância: a *xenofobia*, ou seja, a aversão a outras culturas ou etnias. Essa intolerância e hostilidade a grupos de imigrantes estrangeiros pode, muitas vezes, chegar

à agressão física. Os latinos são notadamente discriminados nos Estados Unidos e na União Europeia, onde também são discriminados imigrantes africanos, turcos, do Leste europeu e Leste da Ásia. A partir de 2015, passaram a fazer parte desse grupo os refugiados de países em guerra no Oriente Médio, principalmente sírios. Outra forma de discriminação, que muitas vezes está associada ao racismo e à xenofobia, é a *homofobia* ou aversão a homossexuais.



Boris Roessler/DPA/Agência France-Press

▶ Pessoas protestam contra o racismo e a xenofobia na Alemanha, em 2016. No cartaz está escrito: "Somos todos iguais".

Racismo, xenofobia ou homofobia, seja qual for o nome que a intolerância, o ódio e o preconceito recebam, são inadmissíveis em qualquer época, principalmente na sociedade do século XXI.

## ● Convivendo com a diversidade

Desigualdades e diferenças sociais, econômicas, de gênero, de etnia, de orientação sexual e de religiões, tão presentes na sociedade global, nos levam ao conceito de tolerância, essencial para que o mundo se torne um lugar melhor.

Todos os anos, a intolerância causa conflitos e tragédias que tiram milhares de vidas em vários países. Por isso é importante que o respeito à diversidade seja exercitado em todos os lugares, desde as pequenas comunidades, para atingir o mundo como um todo.

Em 1995, a Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura (Unesco) redigiu a Declaração de Princípios sobre a Tolerância para despertar e valorizar esse sentimento nas sociedades.

Vale lembrar que as diferenças são fundamentais para o pluralismo e o enriquecimento do patrimônio cultural dos povos.

## Racismo – África do Sul e Brasil



Africa Studio/Shutterstock

▼ Brancos e negros em gesto que simboliza a amizade inter-racial.

### A África do Sul e o *apartheid*

A África do Sul teve, durante muitos anos (1948-1994), o racismo regulamentado por lei. Era a época do *apartheid*: severo regime de segregação racial que provocou a indignação do mundo contra o país, que chegou a sofrer sanções da ONU.

Esse regime de ódio e discriminação criado pela elite branca sul-africana para manter o *status quo* e subjugar

a maioria negra tornou-se oficial em junho de 1948, embora a discriminação tenha começado bem antes. Remonta à chegada dos holandeses e franceses ao território, no século XVII, e ao domínio inglês, no século XIX. Mas a forma de segregação que se iniciou em 1948 chocou o mundo e lançou no isolamento a África do Sul, o país mais rico do continente.

Os principais pontos das leis do *apartheid* eram:

- Brancos e negros não podiam frequentar os mesmos lugares públicos, como escolas, lojas, hospitais, banheiros, etc.
- Os brancos, que constituíam uma pequena parte da população (cerca de 14%), tinham direitos reservados sobre a maior parte do país (mais ou menos 87%).
- Os dois grupos — brancos e negros — deviam viver separados.
- Os negros deveriam ser segregados em territórios especiais chamados bantustões. Eram dez bantustões, divididos conforme a etnia.
- Ao nascer, todos os sul-africanos eram classificados como brancos, negros, asiáticos ou mestiços.

Essa política começou a ser questionada a partir da década de 1980, após muitos confrontos com a população negra, pressões internacionais e impulsionada pelas mudanças que o país sofria na transição para a industrialização.



Cedric Weber/Shutterstock

▼ Soweto é uma cidade próxima a Johannesburg, criada a partir da junção de vários bairros negros. Em 1976, quando era um subúrbio da grande cidade, foi palco de um sangrento choque entre a polícia e os estudantes negros, que ficou conhecido como Massacre de Soweto. Foto de 2015.

O maior opositor ao regime do *apartheid* e mais importante líder negro da África do Sul foi Nelson Mandela (1918-2013), que passou 27 anos (1963-1990) preso por suas convicções políticas contrárias ao *apartheid*.

O regime teve fim em 1994 e Nelson Mandela foi eleito presidente pelo partido Congresso Nacional Africano (CNA).

Passados mais de vinte anos do fim dessa política, os negros sul-africanos ainda enfrentam dificuldades na sua integração total à sociedade.

### Brasil: o racismo e o Estatuto da Igualdade Racial

Como em outras sociedades, no Brasil também existe racismo, preconceito e intolerância. Mas a situação das minorias discriminadas (negros, índios, estrangeiros, brasileiros que moram fora de sua região de origem, homossexuais, deficientes físicos, etc.) tem se modificado, graças a leis mais rigorosas, às chamadas ações afirmativas e às campanhas educativas voltadas à população.

Pela Constituição de 1988, racismo é crime inafiançável e que não prescreve, sujeito à pena de prisão. Mas a luta dos negros pela igualdade vem de longe, através da militância de organizações que receberam o nome geral de Movimento Negro (MN). A participação de uma nova geração orgulhosa de sua origem e de seus caracteres físicos tem sido importante para realizar muitas conquistas. A Consciência Negra dessa nova geração foi a grande responsável pelas conquistas de sua etnia. Em 2014, segundo o IBGE, 53,6% das pessoas se

declaravam de cor ou raça preta ou parda e aquelas que se assumiam como brancas foi 45,5%. Uma grande mudança em relação aos resultados de 2004, quando 51,2% se declaravam brancos e a presença de pretos ou pardos era de 48,2%.

Os negros passaram a ocupar cargos públicos importantes, como ministro do Supremo Tribunal Federal, deputados e ministros de Estado.

O resultado mais expressivo da luta contra o preconceito e a discriminação de cor foi a criação, em 2003, da Secretaria Especial da Promoção da Igualdade Racial, que visa acabar com as desigualdades entre etnias, com ênfase nos problemas da população negra. O Estatuto da Igualdade Racial, de julho de 2010, diz em seu Art. 1º: “Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”. Mesmo antes dessa redação final, no Estatuto já eram propostas as denominadas “ações afirmativas”, que visam compensar ou reparar os efeitos de anos de discriminação e oportunidades desiguais, principalmente entre brancos e negros. Um ponto polêmico e objeto de muitas discussões é a questão da reserva de cotas nas universidades públicas e privadas para negros ou indígenas. Entretanto, em 2012, o Supremo Tribunal Federal decidiu que o sistema de cotas é constitucional e, portanto, perfeitamente legal.



Ubirajara Machado/Fotobrasília

▼ Marcha das Mulheres Negras, em comemoração ao dia da Consciência Negra, em Brasília (DF). Foto de 2015.

**Com base nas informações do texto e nos seus conhecimentos, responda às questões a seguir.**

1. **Geografia, História e Sociologia** Relacione a África do Sul com o *apartheid* e com Nelson Mandela.
2. **Geografia e Língua Portuguesa** Entre os pontos destacados no texto, que abordam as leis do *apartheid*, qual deles mais chamou a sua atenção? Por quê? Justifique.
3. Em sua opinião, o Brasil é um país racista? Cite pelo menos dois argumentos que justifiquem sua resposta.



### 1. Leia o texto e a notícia a seguir.

*Tolerância é respeito, aceitação e estima pela rica diversidade das culturas do nosso mundo, formas de expressão e formas de ser humano. Ela baseia-se no conhecimento, abertura, comunicação e liberdade de pensamento, consciência e crença. Tolerância é harmonia na diferença. É não só um dever moral, mas também um requisito político e legal. Tolerância é a virtude que torna a paz possível, que contribui para a substituição de uma cultura de guerra por uma cultura de paz.*

UNESCO. *Declaração de Princípios sobre a Tolerância.*

Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001315/131524porb.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

### Brasil amarga o preço da intolerância

[...] Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB), que registra os casos de assassinatos da população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros), a partir de informações publicadas em jornais e enviadas por organizações não governamentais, um homossexual é morto a cada 28 horas no Brasil. Ano passado, foram 312 gays, travestis e lésbicas assassinados. Uma pequena redução em relação a 2012, quando foram registradas 338 mortes. Nas duas últimas semanas, já são 13 casos. O Brasil também lidera o ranking do assassinato de transexuais. Segundo relatório da ONG Internacional Transgender Europe, o Brasil, entre janeiro de 2008 e abril de 2013, teve 486 mortes de transexuais. [...]

MELLO, Alessandra. *Estado de Minas*. Disponível em: <[www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/09/22/interna\\_nacional,571621/brasil-amarga-o-preco-da-intolerancia-e-lidera-ranking-de-violencia-contr-homossexuais.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/09/22/interna_nacional,571621/brasil-amarga-o-preco-da-intolerancia-e-lidera-ranking-de-violencia-contr-homossexuais.shtml)>. Acesso em: 25 jan. 2016.

- Relacione a notícia com o texto sobre tolerância.
- ### 2. Leia um trecho de uma entrevista do geógrafo Milton Santos (1926-2001), concedida a um jornal brasileiro em 1995.

*[...] Na medida em que uma comunidade é secularmente posta à margem, a nação tem que se ocupar dela. Os negros não são integrados no Brasil. Isso é um risco para a unidade nacional.*

TURRA, Cleusa; VENTURI, Gustavo (Org.). *Racismo cordial*. São Paulo: Ática, 1995. p. 61.

Com base no que estudamos, faça o que se pede.

- Houve avanços na sociedade brasileira em relação à preocupante questão apontada pelo geógrafo Milton Santos? Justifique sua resposta.
- Explique uma situação brasileira ou mundial em que o preconceito esteve ou está presente.

### 3. **Geografia e Sociologia** Leia o texto sobre o papel das mulheres no contexto da globalização.

*As mulheres trabalhadoras estão concentradas nos setores da produção internacionalizados, como a área agrícola dos países produtores de frutas e de determinadas commodities [...] Na indústria mexicana, as maquiladoras incorporam a mão de obra feminina, em particular de jovens que trabalham em péssimas condições, submetidas a controle e assédio, além de serem vítimas de **feminicídio**.*

**Feminicídio:** assassinato de mulheres por homens.

FARIA, Nalu; POULIN, Richard. *Desafios do livre mercado para o feminismo*. São Paulo: SOF, 2005. p. 21-22. (Adaptado.)

- Caracterize o tipo de trabalho realizado pelas mulheres do texto.
- Por que o feminicídio é mais uma forma de violência contra a mulher?

### 4. **Geografia, História e Sociologia** Observe a foto e leia o texto sobre as mulheres iranianas.



Bernd von Jutrczenka/DPA/Agência France-Presse

- ▶ Estudantes muçulmanas na Universidade de Teerã, capital do Irã, em 2015.

*[...] Milhões de jovens frequentam a universidade. E apesar de as mulheres ainda serem discriminadas — as leis limitam os direitos delas de divórcio e custódia dos filhos, além de também estipularem que já podem ser processadas a partir dos 9 anos, em comparação a 15 anos para os meninos — elas vivem com mais liberdade aqui do que em muitos países da região. Com a ajuda de antenas parabólicas ilegais, mas fáceis de instalar, que podem ser encontradas em toda parte, eles também têm acesso aos programas de notícias ocidentais.*

[...]

FOLLATH, Erich. *O Irã é muito mais moderno do que você pensa*. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/derspiegel/2015/04/08/o-ira-e-muito-mais-moderno-do-que-voce-pensa.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

- Por que a foto e o texto acima podem ser considerados exceções no mundo muçulmano?

# Desigualdades no mundo não desenvolvido



Christophe Simon/Agência France-Press

▼ As palafitas remetem-nos às péssimas condições de moradia, uma das principais características de muitos países no chamado mundo não desenvolvido. Na foto, comunidade às margens do rio Negro, em Manaus, Amazonas. Foto de 2015.

## De Terceiro Mundo a mundo em desenvolvimento

Após a Segunda Guerra Mundial, iniciou-se o processo de descolonização de países da África e da Ásia (1946-1975), os quais, com os países da América Latina, que já eram independentes desde o século XIX, formaram um conjunto chamado por muitos anos de *Terceiro Mundo*.

A expressão Terceiro Mundo foi criada durante a Guerra Fria, em 1952, pelo demógrafo francês Alfred Sauvy (1898-1990), para se referir aos países que estavam à margem do cenário político-econômico internacional naquele período histórico.

Em um artigo publicado no semanário francês *France Observateur*, Alfred Sauvy usou a expressão Terceiro Mundo pela primeira vez ao comparar os problemas dos países subdesenvolvidos, ou não desenvolvidos, com aqueles vividos até a Revolução Francesa pelo Terceiro Estado, composto de grande parte da população, que não possuía os mesmos privilégios do Primeiro e do Segundo Estado, constituídos, respectivamente, pelo clero e pela nobreza.

No contexto da Guerra Fria, o mundo foi dividido em três grupos:

- *Primeiro Mundo*, o dos países capitalistas centrais;
- *Segundo Mundo*, o das nações socialistas (ricas e pobres);

- *Terceiro Mundo*, o dos países capitalistas periféricos.

Com o fim do socialismo, no início da década de 1990, essa classificação deixou de ser usada e o grupo de países conhecidos como Terceiro Mundo passou a ser chamado *mundo subdesenvolvido*.

Atualmente, os organismos internacionais nomeiam esse conjunto de países de *mundo em desenvolvimento*, no qual se distingue uma grande diversidade de países. Entretanto, preferimos chamar esse grupo de *mundo não desenvolvido*, pois a expressão “em desenvolvimento” pode passar a ideia de que esses países estão perto de atingir o mesmo estágio dos países desenvolvidos, o que não é exato. De fato, os países que compõem esse grupo passaram por situações e processos históricos diferentes, que resultaram em realidades muito distintas.

## ● O movimento dos países não alinhados

O processo de descolonização deixou claro que as antigas colônias não competiriam em igualdade de condições com os países que já haviam realizado sua revolução industrial e atuado como potências coloniais durante o período do colonialismo e do imperialismo.

As novas nações independentes surgiam em um período marcado pela Guerra Fria, quando socialistas (URSS) e capitalistas (EUA) disputavam avidamente o controle de cada nova nação e os países ricos queriam manter baixos os preços das matérias-primas no mercado mundial.

Foi nesse contexto que alguns líderes de países africanos e asiáticos defenderam o direito de manter uma postura de equidistância geopolítica das superpotências, isto é, de não se alinhar com nenhuma delas. Ao mesmo tempo, exigiam uma postura diferente dos países ricos no mercado mundial e, por essa razão, em 1955 reuniram-se na Conferência de Bandung, na Indonésia, governada por Ahmed Sukarno, para reivindicar seus direitos e pôr em evidência as desigualdades entre países ricos e pobres, ou seja, o conflito Norte-Sul, deixando de lado o então acirrado conflito Leste-Oeste. Veja o mapa abaixo.

A conferência, organizada por Índia, Paquistão, Birmânia (atual Mianmar), Ceilão (atual Sri Lanka) e Indonésia, reuniu 29 países africanos e asiáticos. Nenhum país europeu ou americano esteve presente em Bandung. Os países latino-americanos não foram chamados porque economicamente estavam sob o domínio dos Estados Unidos. O líder iugoslavo Josip Tito teria, mais tarde, importante participação na formação do bloco dos países não alinhados.

Os principais líderes desse movimento foram Gamal Abdel Nasser, do Egito, Jawaharlal Nerhu, da Índia, e Josip Tito, da Iugoslávia, que, em 1956, reunidos na ilha de Brioni, no mar Adriático, seguindo as orientações de Bandung, tentaram fortalecer essa “terceira força”, que deveria ter papel mais atuante na Assembleia Geral da ONU, representando uma alternativa entre o capitalismo dos Estados Unidos e o socialismo da União Soviética.

Com o fim da Guerra Fria, o MNA prossegue sendo um movimento de países não desenvolvidos que pretende não se alinhar com grandes potências.



Adaptado de: SÁNCHEZ, J. Aróstegui et al. *Atalaya: Historia del mundo contemporáneo*. Barcelona: Vicens Vives, 2008. p. 241.

Em 2015, o movimento reunia 122 países, a maioria localizada na África e na Ásia. Da Europa, o único membro é Malta. Da América Latina participam Bolívia, Chile, Equador, Colômbia, Guiana e Venezuela. Não há nenhum participante da América do Norte. O Brasil é observador.



▼ Conferência sobre Tecnologia e Inovação do Movimento dos Países não Alinhados, em Teerã, capital do Irã. Foto de 2015.

## ■ Diversidade dos países não desenvolvidos

Classificar os países não desenvolvidos é um assunto complexo, pois sua diversidade não permite uma classificação única e padronizada.

Apesar das características comuns, não existe homogeneidade nesses países, tal como é possível observar no mundo desenvolvido. Embora haja uma grande variedade de países, a maioria manteve o *status* da época colonial, como exportadores de matérias-primas vegetais e minerais. Além disso, apresentam inúmeros problemas sociais e econômicos.

Os organismos internacionais, como as agências da ONU e os órgãos a elas ligados, procuram nomear os países não desenvolvidos segundo alguns critérios, mas deixam claro que as denominações são utilizadas para fins estatísticos, sem intenção de elaborar uma classificação desses países. O Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (Unctad) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) são alguns desses órgãos. Segundo a ONU, as designações

“desenvolvido” e “em desenvolvimento” são usadas por conveniência estatística, portanto, não expressam nenhum juízo sobre o estágio alcançado por determinado país ou região no processo de desenvolvimento.

O Banco Mundial prefere utilizar como critério, inclusive para direcionar seus projetos contra a pobreza, a renda *per capita* anual do país, dividindo-os em quatro grupos:

1. De baixa renda: menos de 1005 dólares *per capita*.
2. De renda média-baixa: entre 1006 dólares e 3975 dólares.
3. De renda média-alta: entre 3976 dólares e 12 275 dólares.
4. De renda alta: com mais de 12 275 dólares.

Veja, na tabela a seguir, como essa classificação pode gerar distorções. Observe que, no grupo de países de renda alta, estão incluídas nações que não são consideradas desenvolvidas.

Classificação do Banco Mundial – 2014

Renda alta	Renda média-alta	Renda média-baixa	Renda baixa
Bermuda	Brasil	Timor Leste	Madagascar
Estados Unidos	Romênia	Mianmar	Togo
França	Montenegro	Guiana	Malauí
Reino Unido	Casaquistão	Honduras	Eritreia
Catar	Costa Rica	Quirguistão	Níger
Coreia do Sul	Turquia	Laos	Rep. Dem. do Congo
Brunei	Egito	Iêmen	Serra Leoa
Bahrein	África do Sul	Quênia	Guiné
Itália	Jordânia	Nigéria	Burundi
Suécia	Rússia	Lesoto	Libéria

Fonte: BANCO MUNDIAL. *Indicadores do Desenvolvimento Mundial 2015*. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/table/1.1>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

Já a Unctad trabalha com outra classificação: *países desenvolvidos*, como Estados Unidos, Japão, Alemanha e outros; *países emergentes*, como Brasil, China, Índia, Argentina, México, África do Sul e outros; os chamados *países menos desenvolvidos*, cuja maioria está localizada na África e na Ásia, com exceção do Haiti; e as *economias em transição*, alguns dos ex-países socialistas, como os do Leste Europeu.

Para o Pnud, existem *países de desenvolvimento humano muito elevado*, acima de 0,793 (Noruega, Austrália, Estados Unidos, Países Baixos, Japão, Suíça, Suécia e outros); *desenvolvimento humano elevado*, de 0,698 a 0,793 (Brasil, México, Arábia Saudita, Rússia, Seychelles e outros); *desenvolvi-*

*mento humano médio*, de 0,522 a 0,698 (Botsuana, Turcomenistão, África do Sul, Indonésia e outros); e *desenvolvimento humano baixo*, menos de 0,522 (Níger, República Democrática do Congo, Serra Leoa, Afeganistão, Chade, Paquistão, Bangladesh e outros).

## Leitura e reflexão

### Modi conseguirá alterar a trajetória econômica da Índia?

Com medidas liberais, o primeiro-ministro Narendra Modi pretende transformar a Índia em um país desenvolvido



▼ Narendra Modi, primeiro-ministro indiano, discursa em um evento em Guwahati, capital do estado de Assam, na Índia. Foto de 2016.

A política econômica da Índia nas últimas décadas tem sido caracterizada por protecionismo e subsídios, o que determinou o crescimento do país com base no setor de serviços em vez do manufatureiro. Esse cenário está prestes a mudar com as reformas econômicas pró-mercado do primeiro-ministro Narendra Modi, que visam renovar a confiança do mercado, aumentando o investimento direto estrangeiro no país. De acordo com o relatório *World Economic Outlook* de 2015, produzido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), a Índia deve crescer 6,4% — uma melhora encorajadora em relação à alta de 5,6% registrada no ano anterior. Mas a abertura ao mercado vai impulsionar o desenvolvimento econômico da Índia?

Considerando os fatores macroeconômicos envolvidos na economia do país em 2015, a resposta é sim. O momento para a reforma estrutural é ideal: o crescimento do PIB está reduzindo a inflação, que o Reserve Bank of India (RBI, na sigla em inglês) — o Banco Central do país — estabeleceu em 6% para janeiro de 2016, com planos de manter a redução a longo prazo. Caso a inflação seja reduzida, os preços vão aumentar menos. Isso significa que o governo está “atingindo as metas orçamentárias” de reduzir os custos de vida. Para impulsionar o ritmo de

crescimento, o RBI cortou a taxa de juros antes do previsto, abaixando a taxa de juros de 8 para 7,75% pela primeira vez em quase dois anos. Eu deixaria aqui igual ao valor: “taxa de juros”.

Esse movimento pode estimular empresas e empresários a aumentar os investimentos no país uma vez que eles terão caixa “extra” e poderão obter empréstimos mais baratos. No Twitter, Nirmala Sitharaman, ministra de Estado, Comércio e Indústria, defendeu que a decisão adiantada do Banco Central na política monetária será “altamente encorajadora para a indústria e a economia”.

A Índia também vai se beneficiar da atual queda no preço do petróleo. Analistas de mercado preveem que algumas indústrias, como automobilística, plástica e química, serão as mais beneficiadas a curto prazo. Elas impactarão diretamente as contas do país, reduzindo o débito corrente para 0,5% do PIB e, conseqüentemente, o déficit fiscal em cerca de 0,1%, devido a despesas menores com a importação de petróleo. Logo, a queda nos preços da commodity ajudará a Índia a aumentar suas reservas de moeda estrangeira.

A longo prazo, entretanto, o país precisa ter muito cuidado com essa tendência uma vez que, se os preços continuarem a cair, a economia global provavelmente irá desacelerar e a Índia sentirá o efeito colateral com uma redução na demanda por suas exportações. Por outro lado, é possível também argumentar que o petróleo mais barato pode ter o efeito oposto nas economias altamente industrializadas, levando a menores custos de negócios, crescimento mais forte e mais investimentos nestes países, mesmo que a queda nos preços do petróleo indique uma desaceleração nas economias de China e Japão, por exemplo.

O cenário macroeconômico, de fato, dá confiança para a Índia seguir em frente em suas reformas estruturais. As intenções de Modi são claras: ele acredita ser o momento de tirar centenas de milhares de indianos da pobreza promovendo o setor manufatureiro e atraindo investimento estrangeiro para expandir a infraestrutura do país. Para fornecer um exemplo das mudanças pretendidas, a Índia permite atualmente que companhias de seguro tenham investidores estrangeiros com participação máxima de 26% no capital total. Caso as reformas

sejam aprovadas pelo Congresso, a participação estrangeira permitida no setor subirá para 49%. Essa entrada de capital no país vai aumentar a capacidade fiscal do Estado, que será reinvestida na expansão de ferrovias, estradas, sistema de energia e redes digitais.

Além do aumento do investimento direto estrangeiro, os planos de Modi também incluem mais independência às instituições financeiras indianas, que, de acordo com o jornal inglês Financial Times, têm uma “herança de preguiça bancária”, agindo como financiadores adversos a riscos. Isso significa que Nova Deli está melhorando seus padrões de governança ao não ter mais uma política intervencionista, estimulando uma maior competição no sistema financeiro sem corrupção e favoritismo político.

Apesar das mudanças estruturais propostas para liberalizar a economia e colocar a Índia no caminho para se tornar uma nação desenvolvida, o crescimento do PIB indiano ainda é muito dependente do setor de serviços, que representou 57% da economia do país em 2013, de acordo com o Banco Mundial. O setor de manufaturas responde por apenas 15% da economia e, segundo Jayant Sinha, ministro das Finanças, para uma economia balanceada, o setor precisa representar até 30% do PIB. Para atingir crescimento industrial, ele acrescenta que a Índia deve aumentar a demanda doméstica se especializando em segmentos nos quais possui vantagem competitiva, como painéis solares, sistemas domésticos e produção de pequenos carros. A Índia deve, portanto, garantir uma transição setorial de serviços para manufaturados a fim de manter

integralmente as mudanças estruturais propostas por Modi e se tornar uma nação desenvolvida.

O crescimento da manufatura também aumenta a competitividade, gerando mais empregos e oportunidades para a crescente população do país. Esses lucros precisam ser reinvestidos na economia e a tecnologia deve ser constantemente renovada para que a Índia possa ser competitiva em relação às nações desenvolvidas e, logo, aumentar não apenas o seu PIB, mas melhorar a qualidade de vida da população assim como Modi pretende. As reformas do premier vão, de fato, gerar crescimento econômico. Mas este é apenas o primeiro passo do caminho para transformar a Índia em um país desenvolvido. As medidas anunciadas vão aumentar a capacidade do Estado, mas o investimento público deve diminuir e o governo precisa manter uma política monetária concisa e previsível que trará segurança e confiança para os investidores estrangeiros a longo prazo.

ROCHA, Priscila Azevedo. 25 jan. 2015.

Disponível em: <<http://politike.cartacapital.com.br/?p=133>>.

Acesso em: 28 jan. 2016.

⊕ **Com base nas informações do texto, faça o que se pede.**

1. Relacione o preço do petróleo ao crescimento econômico da Índia.
2. Segundo o texto, que aspectos relacionados à infraestrutura indiana precisam ser modernizados?
3. Identifique os segmentos que poderão produzir um crescimento industrial maior da Índia.

## Problemas do mundo não desenvolvido

Embora as organizações internacionais não usem a denominação “países subdesenvolvidos”, as mazelas que caracterizam quase todos esses países continuam as mesmas e traduzem as dificuldades dessas nações para suprir as necessidades básicas de abastecimento de água, segurança alimentar, moradias adequadas, atendimento de saúde, acesso a educação, trabalho e saneamento básico. Tudo isso agravado pela pobreza de grande parcela da população.

Os problemas que esses países enfrentam atualmente tiveram origem em uma conjuntura que se iniciou nos tempos coloniais e estendeu-se pelo caminho dessas nações como países independentes.

Ao estudar a evolução do capitalismo no Capítulo 1, vimos que a desigualdade das relações entre

os países criou condições para que as riquezas se concentrassem especialmente em algumas nações, enquanto a pobreza se generalizava em grande parte do mundo. Isso significa que as desigualdades de desenvolvimento estão associadas com o longo período de dominação política e econômica e com o tipo de relação que se estabeleceu entre as colônias e as metrópoles, no período dos grandes impérios coloniais.

Quando se tornaram independentes, além dos problemas decorrentes de sua antiga relação com as metrópoles, as ex-colônias tiveram de lidar com a própria incapacidade de administrar seus destinos. E novos problemas, como governos ditatoriais, submissão aos interesses de empresas transnacionais e organismos internacionais, desigualdades sociais, balança comercial desfavorável, corrupção, conflitos étnicos e dívida externa, só agravaram a situação de pobreza que já existia nessas novas nações.

Veja a seguir alguns dos fatores que traduzem as principais características da maior parte dos países em desenvolvimento e menos desenvolvidos:

- *Desigualdades sociais, econômicas e regionais* causadas pela concentração e pela injusta distribuição de renda. As péssimas condições de habitação e saneamento básico, desnutrição, miséria e fome são reflexos dessa desigual distribuição de renda.
- *Dependência financeira e tecnológica*: com mercados dominados pelas empresas transnacionais e por organismos financeiros internacionais. Essa dependência é agravada pelo processo de descapitalização da economia, ou seja, pela saída de capital que volta como lucro ou pelo pagamento de *royalties* às sedes das transnacionais, situadas nos países de origem.
- *Dívida externa*: pagamentos a empresas de países desenvolvidos e ao FMI comprometem boa parte da renda, que poderia ser utilizada em benefício da população local, permitindo que ela tivesse acesso a um maior número de benefícios, como escolas, creches e hospitais.
- *Balança comercial desfavorável*: as importações quase sempre superam as exportações na maioria desses países, cuja base da economia são os produtos primários.
- *Indicadores de desenvolvimento socioeconômico desfavoráveis*: altas taxas de mortalidade infantil, baixa expectativa de vida e baixa renda *per capita* são marcas características do subdesenvolvimento. Compare, por exemplo, os indicadores selecionados nas tabelas a seguir.

**Royalty**: montante cobrado pelo detentor da patente de um produto, de uma marca ou de um processo de produção, para autorizar seu uso ou comercialização.

#### Indicadores socioeconômicos: países desenvolvidos selecionados – 2015

Países	Mortalidade infantil (%)	Expectativa de vida (em anos)	Renda per capita (PPC, em US\$)
Noruega	3	81,7	68 400
Austrália	4,3	82,4	65 400
Suíça	3,6	82,5	59 300
Japão	2	84,7	38 200

Fonte: ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <[www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport\\_EN.pdf](http://www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport_EN.pdf)>; CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/)>. Acesso em: 29 jan. 2016.



S. Caillier/BSIP/Agência France-Press

▼ Criança africana recebe vacina em centro de saúde, em Lomé, Togo. Foto de 2015.

#### Indicadores socioeconômicos: países não desenvolvidos selecionados – 2015

Países	Mortalidade infantil (%)	Expectativa de vida (em anos)	Renda per capita (PPC, em US\$)
Rep. Centro-Africana	90,6	51,8	600
Burundi	61,8	60	900
Serra Leoa	71,6	57,7	1600
Rep. Dem. do Congo	71,4	56,9	800

Fonte: ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <[www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport\\_EN.pdf](http://www.pnud.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/HDR%202015/HumanDevelopmentReport_EN.pdf)>; CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/)>. Acesso em: 29 jan. 2016.

Embora sejam bons os indicadores nos países desenvolvidos, é preciso lembrar que, nos últimos anos, a pobreza tem aumentado bastante neles, principalmente por causa das sucessivas crises econômicas. O número de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza também aumentou, embora continue menor do que nos países não desenvolvidos, nos quais, em virtude das desigualdades socioeconômicas, existe uma elite que vive em excelentes condições de vida, em contraste com o restante da população.

- *Atividades ligadas ao crime organizado*: embora não sejam exclusividade dos países não desenvolvidos, o tráfico de drogas e o crime organizado encontram mais facilidades para agir nesses países. O narcotráfico é produzido em escala global, desde o cultivo, que ocorre notadamente em países não desenvolvidos, até o consumo — principalmente nos países ocidentais —, onde o produto final atinge um alto valor no mercado negro. A ilegalidade da droga origina o crime organizado, que acarreta graves consequências sociais como a violência, a corrupção, a marginalidade, a prostituição, o jogo clandestino e o tráfico de pessoas. Muitas vezes os chefes do tráfico se tornaram tão poderosos a ponto de seus cartéis compartilharem com o Estado o controle de um país.

## ● Desvirtuamento da função do Estado

Muitos dos países não desenvolvidos têm seus problemas sociais e econômicos agravados por circunstâncias que não são exclusivas desses países, mas, certamente, neles essas questões são bastante preocupantes. Além disso, são responsáveis pelo desvio da função do Estado em sua administração.

Podemos citar o fato de esses países terem sido governados por regimes ditatoriais, que privilegiaram determinada família ou classe social, em detrimento do restante da população, como ocorreu na República Democrática do Congo, governada desde 1997 pela família Kabila; no Haiti, governado pela família Duvalier de 1957 a 1986; na Nicarágua, pela família Somoza, de 1937 a 1979, e no Azerbaijão, pela família Aliyev, que está no poder desde 1993. Além disso, não há respeito nas relações entre governo e dinheiro público, o que resulta na corrupção, que é agravada pela falta de transparência e pela impunidade.

Pelos ralos da corrupção escoam muitos recursos que deveriam ser aproveitados em obras de infraestrutura ou para melhorar a vida da população. Muitas vezes a corrupção acaba favorecendo atividades ilegais, como o narcotráfico, o tráfico de pessoas e também a lavagem de dinheiro, realizada geralmente em paraísos fiscais, nos quais o anonimato e a não cobrança de impostos protegem e beneficiam os criminosos.

A Transparência Internacional (TI) é uma organização não governamental com sede na Alemanha e tem como objetivo a luta contra a corrupção. A TI definiu cinco prioridades globais na luta contra a corrupção: a) corrupção política; b) corrupção em contratos internacionais; c) corrupção no setor privado; d) convenções internacionais para prevenir a corrupção; e) pobreza e desenvolvimento.

No relatório anual publicado pela TI, os países são classificados de acordo com o grau de percepção de corrupção em seu setor público. Para isso, usa o Índice de Percepção de Corrupção (IPC), um índice composto, ou seja, uma combinação de quesitos retirada de dados coletados sobre a corrupção por várias instituições respeitadas. Esse índice reflete os pontos de vista de observadores de todo o mundo, incluindo especialistas que vivem e trabalham nos países avaliados. O IPC analisa apenas a percepção, e não a corrupção. Isso porque a corrupção envolve atividades ilegais que só vêm a tona por meio de escândalos, investigações ou processos,

tornando difícil a comprovação ou a avaliação dos seus números. O índice reflete quão eficazes são os ministérios públicos, os tribunais ou a mídia na investigação e exposição da corrupção. O IPC vai de 0 a 100: quanto mais perto de 100, menor é a percepção da corrupção. Veja na tabela a seguir os países onde esse índice é maior ou menor. O Brasil ocupava em 2015 o 76º lugar, entre 168 países, e obteve pontuação 38 na escala de 0 a 100.

“Estado Falido” é um termo que designa países em que o Estado perdeu o controle sobre o território e sobre as instituições políticas e econômicas, quase sempre em decorrência de conflitos e guerras civis. Como o Estado não é uma empresa, ele não vai falir como uma delas, mas apresenta falência porque deixa de funcionar normalmente.

### Países menos corruptos – 2015

Ranking	País	IPC
1	Dinamarca	91
2	Finlândia	90
3	Suécia	89
4	Nova Zelândia	88
5	Países Baixos	87

### Países mais corruptos – 2015

Ranking	País	IPC
1	Somália	8
2	Coreia do Norte	8
3	Afganistão	11
4	Sudão	12
5	Sudão do Sul	15

Fonte das tabelas: TRANSPARÊNCIA INTERNACIONAL. *Índice de Percepção da Corrupção 2015*. Disponível em: <[www.transparency.org/cpi2015](http://www.transparency.org/cpi2015)>. Acesso em: 29 jan. 2016.

A organização Fundo para a Paz elaborou um *ranking* dos países segundo o grau de falência denominado Fragile States Index (Índice dos Estados Frágeis), anteriormente chamado Failed States Index (Índice dos Estados Falidos). Para isso, considerou várias situações, como pressões demográficas, refugiados e deslocados internos, direitos humanos, acesso a serviços públicos, segurança, desigualdades e pobreza. Em 2015, os cinco países em pior situação nesse *ranking* eram Sudão do Sul, Somália, República Centro-Africana, Sudão e República Democrática do Congo.



1. **Geografia, História e Sociologia** Leia o texto a seguir. Depois, reflita sobre como o autor define a origem do subdesenvolvimento e explique com suas palavras.

*A origem do subdesenvolvimento dos países periféricos pode ser localizada exatamente nas relações econômicas e políticas desses países com as nações centrais ao longo da História.*

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2005. p. 204.

2. **Geografia e História** Leia o que foi noticiado recentemente.

### O abismo entre ricos e pobres cresce

[...]

*Com raras exceções, a desigualdade tem aumentado em todos os países do mundo. Caso particularmente emblemático, a Oxfam\* calcula que até na África do Sul a desigualdade é hoje maior do que no período do Apartheid. Com base em dados de 2013, 7 de cada 10 habitantes do mundo vivem em países em que a desigualdade econômica é maior do que há 30 anos.*

*O enriquecimento desmedido de um número restrito de indivíduos, a depender dos países, encolheu ou limitou o crescimento da classe média, comprometendo a sua capacidade de gasto e, em última análise, o motor do crescimento mundial. Desde 1990, a participação do trabalho na composição do PIB mundial é constantemente decrescente. O ataque ao valor e à dignidade do trabalho é particularmente acentuado nos países mais pobres, mas também ocorre nas nações ricas. Por consequência, o PIB mundial é composto por uma porcentagem crescente do capital, que se autoalimenta cada vez mais da especulação financeira.*

[...]

BERNABUCCI, Claudio. *Carta Capital*, caderno de Economia. Disponível em: <[www.cartacapital.com.br/revista/825/desiguais-ate-na-crise-6331.html](http://www.cartacapital.com.br/revista/825/desiguais-ate-na-crise-6331.html)>. Acesso em: 28 jan. 2016.

\* Oxford Committee for Famine Relief (Comitê de Oxford para Alívio da Fome).

- a) Pesquise sobre o *apartheid* e responda por que o autor do texto acima fez referência a esse período.
  - b) Segundo o texto, as desigualdades socioeconômicas estão restritas ao mundo menos desenvolvido? Essas desigualdades, atualmente, são maiores ou menores do que eram no passado? Justifique sua resposta com base no seu conhecimento e nas informações do texto.
3. Leia a notícia a seguir.

*Começa nesta sexta-feira (25), em Nova York, a Cúpula das Nações Unidas para o Desenvolvimento*

*Sustentável. A expectativa é que o encontro reúna um número recorde de 150 chefes de Estado, que formalizarão uma agenda mundial para melhorar as condições de vida de todas as pessoas do planeta, até 2030.*

*O documento Transformando Nosso Mundo é resultado de um processo inclusivo de negociação nos últimos dois anos com o envolvimento de governos, entidades sociais e empresas. A finalidade é promover universalmente o desenvolvimento social, a proteção ambiental e a prosperidade econômica. A agenda apresenta 17 objetivos e 169 metas a serem adotados de forma voluntária por todos os países-membros a partir de 2016.*

*Os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) são uma continuidade dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), agenda acordada em 2000 pelos países-membros da Organização das Nações Unidas e que tem metas de desenvolvimento até o final de 2015.*



Reprodução/ONU Brasil

DINIZ, Maiana. Líderes mundiais se reúnem na ONU para formalizar metas de desenvolvimento. *Agência Brasil*, 25 set. 2015.

Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-09/lideres-mundiais-se-reunem-na-onu-para-formalizar-metas-de-desenvolvimento>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

- a) Por que os países em desenvolvimento apresentam maiores problemas socioeconômicos e ambientais do que as nações ricas? Justifique sua resposta.
- b) Dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) apresentados anteriormente, aponte três que, na sua opinião, seriam prioritários no Brasil.

# África subsaariana e América Latina

Felix Lipov/Shutterstock



▼ Johannesburg, na África do Sul. Foto de 2015.



▼ Trabalhadores no campo, em Alaga, na Etiópia. Foto de 2015.

Franck Fife/Agência France-Presse



▼ Buenos Aires, na Argentina. Foto de 2015.



▼ Trabalhador em plantação em Florida, na Colômbia. Foto de 2015.

Thomas Imo/Photothek/Getty Images

Mariana Greif Etchebere/Bloomberg/Getty Images

▼ África subsaariana e América Latina são regiões não desenvolvidas que apresentam grandes contrastes em razão das desigualdades sociais, econômicas e regionais, como podemos ver nestas fotografias.

## ■ Duas regiões não desenvolvidas

Do mundo não desenvolvido, optamos por estudar duas regiões que têm forte ligação histórica com o Brasil: a África subsaariana e a América Latina. A primeira porque é o lugar de origem de importante parcela da população brasileira, e a segunda por ser a região geográfica da qual o Brasil é parte integrante.

Somados os 47 países da África subsaariana com os 21 latino-americanos, são 68 nações independentes que, juntas, tinham mais de 1,5 bilhão de habitantes em 2014 (cerca de 20% da população mundial).

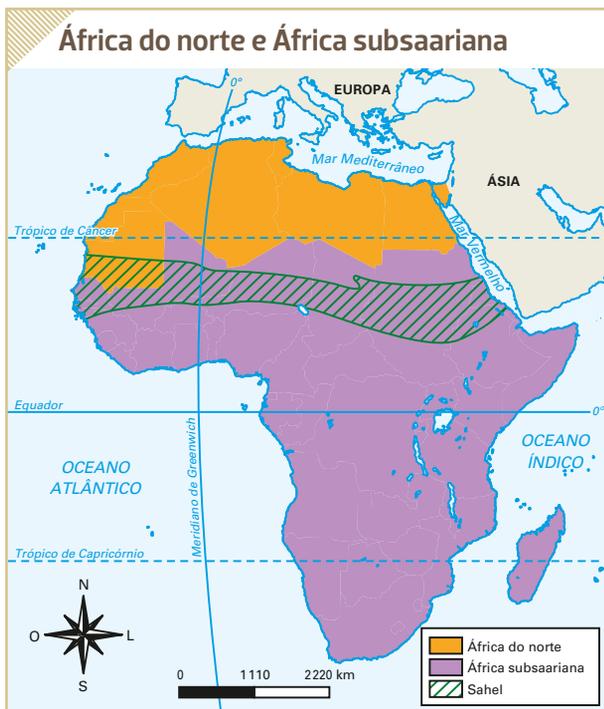
Mesmo sendo ricas em recursos naturais, fontes de energia, terras cultiváveis, água, mão de obra, cultura e biodiversidade, essas são as duas das três regiões mais pobres e desiguais do planeta. A terceira é o Sudeste Asiático.

## ■ África subsaariana

A própria natureza encarregou-se de separar, dentro do continente africano, duas porções com características bem distintas.

Com 9 000 000 km<sup>2</sup>, o Saara, o maior deserto do planeta, isola a África do norte da África subsaariana, embora ocupe áreas de ambas as partes. Tem como limite meridional uma extensa área atingida por intenso processo de desertificação — o Sahel — que forma uma faixa contínua desde o oceano Atlântico até o mar Vermelho.

Trata-se de uma região de transição entre o deserto e as áreas mais úmidas do centro-sul do continente africano, onde predomina a vegetação de estepe e o clima semiárido. Em consequência do mau uso do solo, o Sahel vem aumentando sua extensão nos últimos anos.



Mapa elaborado com base em: JOURNAL Seek — Luventicus. Disponível em: <[www.luventicus.org/mapaspt/afrika/sahel.html](http://www.luventicus.org/mapaspt/afrika/sahel.html)>. Acesso em: 3 fev. 2016.

A África subsaariana estende-se do sul do Saara ao extremo sul do continente africano, compreendendo 47 países. Veja o mapa da próxima página.

## ● Problemas da África subsaariana e colonização europeia

Nesta região estão localizados os países com os 25 piores IDHs no *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*, da ONU — com exceção do Afeganistão e quinze dos Estados falidos que estudamos no capítulo anterior. Todos eles enfrentam problemas graves, como pobreza extrema, fome crônica, populações atingidas por doenças como Aids, ebola, tuberculose, malária, doença do sono e outras. Grande parte desses países vive em constantes guerras civis e conflitos étnicos.

Todas essas mazelas da África subsaariana causam uma situação de exclusão social, tecnológica e econômica da região no mundo globalizado. De certa forma, podemos afirmar que elas estão ligadas à presença da colonização europeia. A maneira como os colonizadores europeus se apropriaram do continente deu origem ou agravou os problemas dessa região da África.

Observando o mapa político da África subsaariana, na página ao lado, verificamos que o traçado

das fronteiras dos países africanos é quase sempre reto, formando figuras geométricas. Esse é o resultado do modo encontrado pelas potências coloniais europeias (França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha e outras) para “partilhar” a África entre si no período do imperialismo.

A administração adotada pelos colonizadores, de exploração dos recursos minerais, afastamento da população nativa das funções administrativas e, principalmente, de desrespeito à separação dos territórios tribais, trouxe sérias consequências para o continente, como os sangrentos conflitos étnicos e as guerras civis. Além disso, durante a Guerra Fria, houve inúmeros conflitos originados pela disputa entre capitalistas e socialistas por novos países que se libertavam do domínio colonial.

Em consequência desse passado de dominação e exploração, e de sua própria dificuldade de gerir seus países após a independência política, a África subsaariana chegou ao século XXI como a região mais pobre do planeta.

Como podemos ver nos dados das tabelas a seguir, a grande maioria dos africanos não se beneficia dos progressos da tecnologia e da medicina, que melhoram a qualidade e a expectativa de vida das sociedades de outros países.

Se a região apresentou bons resultados no aumento do uso de telefones celulares e internet banda larga entre 2010 e 2015, alguns dos indicadores das condições de vida de seus habitantes ainda precisam melhorar bastante.

**Usuários de internet banda larga e de telefones celulares em cada 100 habitantes, por região – 2010–2015**

Regiões	Internet banda larga		Telefones celulares	
	2010	2015	2010	2015
Europa	188	433	709	757
Américas	230	657	881	1066
Ásia e Oceania	286	1201	2614	3737
CEI*	62	133	377	391
Países Árabes	18	134	310	412
<b>África</b>	<b>14</b>	<b>117</b>	<b>366</b>	<b>685</b>

\* CEI - Comunidade dos Estados Independentes.

Tabela elaborada com dados de: UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (ITU). *ITU Statistics Aggregate Data 2015* — Chronological Time Series 2005-2015. Disponível em: <[www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/stat/default.aspx](http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/stat/default.aspx)>. Acesso em: 3 fev. 2016.

## Expectativa de vida e cobertura de alguns serviços de saúde, por região – 2014

Regiões	Expectativa de vida (anos)	Partos atendidos por profissional de saúde qualificado (%)	Nascimentos por cesariana (%)	Dentistas pessoais (para cada 10 000 habitantes)	Vacinação de recém-nascidos contra tétano (%)	Hospitais (para cada 10 000 habitantes)
África	58	51	4	0,5	75	3,4
Américas	77	96	38	6,9	87	22,9
Sudeste da Ásia e Leste da Ásia	68	68	10	1,0	87	2,4
Europa	76	98	25	5,7	90	52,4
Mediterrâneo oriental	68	67	22	1,9	79	7,0
Pacífico ocidental	76	96	25	sem dados	85	42
<b>Mundo</b>	<b>71</b>	<b>74</b>	<b>17</b>	<b>2,8</b>	<b>82</b>	<b>22,9</b>

Elaborada com dados de: WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World Health Statistics 2015*. Disponível em: <[www.who.int/gho/publications/world\\_health\\_statistics/EN\\_WHS2015\\_Part2.pdf](http://www.who.int/gho/publications/world_health_statistics/EN_WHS2015_Part2.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2016.

Os países da África subsaariana não representam importante mercado de consumo e, de modo geral, fornecem produtos primários com baixos preços no mercado mundial, com exceção do petróleo. Reféns do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, em consequência do endividamento ocorrido nos anos 1980, os países africanos passaram da dependência das potências que os colonizaram para o domínio dos organismos financeiros internacionais. Veja mapa ao lado.

Como vimos no capítulo anterior, quinze dos Estados falidos estão na África e sofrem com conflitos e guerras civis.



Mapa elaborado com base em: ATLANTE geográfico De Agostini. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2015. p. 192-193.

## ● O drama da Aids

A disseminação do vírus HIV, agente causador da Aids, é outro problema grave, que vem alterando a estrutura da população de países da África subsaariana e interferindo em sua economia, já que a população economicamente ativa está diminuindo. É grande o impacto da Aids na demografia de um país, pois há uma mudança nas estruturas etárias. Geralmente, as taxas de mortalidade são mais elevadas entre crianças mais novas e adultos idosos, mas, hoje, no sul da África, a mortalidade é maior entre as pessoas que se encontram na faixa dos 30 anos. Em um contexto diferente, essas pessoas estariam em plena idade de trabalhar.

A expectativa de vida no continente africano tem sido afetada por essa epidemia. A média da expectativa de vida na África subsaariana, em dados de 2015, era de 58,5 anos, quando poderia ser bem mais alta, se essa epidemia fosse controlada. Sem a doença, devido às altas taxas de natalidade, haveria uma explosão demográfica que poderia elevar sua população a 1,7 bilhão em 2050.

Outro fato preocupante é o número de mulheres infectadas com o vírus HIV, o que significa que a expectativa de vida feminina está caindo muito depressa. O **Unaid**s calcula que, na África subsaariana, a probabilidade de as mulheres jovens com idade entre 15 e 24 anos contraírem o vírus HIV é duas a seis

**Unaid**s:  
Programa  
Conjunto das  
Nações Unidas  
sobre HIV/Aids.

vezes maior do que em homens da mesma idade. Desde o início da epidemia até 2014, aproximadamente 15 milhões de crianças na África subsaariana perderam um dos pais ou ambos.

Segundo o **Unaid**s Report on the Global Aids Epidemic 2015, dos 35 milhões de pessoas que vivem com o vírus da Aids no mundo, cerca de 70% (25,8 milhões) estão na África subsaariana e a maior parte são mulheres. Esse é o lugar do planeta onde a doença se espalhou mais rápido, embora recentemente alguns avanços já sejam notados na prevenção da doença.

A parte mais atingida foi o sul da região: Namíbia, África do Sul, Zâmbia e Zimbábue, onde 15% a 20% dos adultos estão infectados com HIV, enquanto em Botsuana, Lesoto e Suazilândia a taxa de infecção supera os 22%.

Devido à alta incidência de Aids, os serviços de saúde na região, em sua maioria, estão à beira do colapso, por falta de pessoal e recursos. Nos hospitais públicos da África do Sul, grande parte dos leitos é ocupada por pessoas com Aids.

Apesar de alguns países terem adotado a educação sexual e incentivado o uso de preservativos, só uma política de prevenção mais incisiva e de formas de tratamento pode minorar o problema.

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) calcula que, em 2020, outros 16 milhões de africanos poderão morrer em virtude da Aids.



▼ Posto da Agência de Controle da Aids oferece teste de HIV gratuitamente, em Lagos, na Nigéria. Foto de 2015.

## Aids é principal causa de morte de adolescentes na África

Nairóbi, Quênia — A Aids se transformou na principal causa de mortes de adolescentes na África e a segunda maior causa de morte de jovens nesta faixa etária em todo o mundo, informaram organizações internacionais de saúde [...].

Cerca de 120 mil pessoas entre 10 e 19 anos morreram de doenças relacionadas à Aids em 2013, afirmaram oito organizações internacionais durante o lançamento de uma campanha global no Quênia com o objetivo de conter a propagação da doença entre adolescentes.

A coordenadora do U.S. Global Aids, Deborah Bix, disse que o futuro da região se baseia na saúde e no bem-estar dos jovens.

As adolescentes da África subsaariana são as mais afetadas, disseram as organizações. Na África do Sul, em 2013, mais de 860 meninas se infectaram pelo HIV a cada semana, contra 170 meninos.

A campanha, chamada "All In", buscará corrigir o desequilíbrio encorajando mudanças estratégicas de políticas e envolvendo mais jovens nesses esforços.



Junior D. Kamnah/Agência France-Presse. A imagem reproduz a marca apenas para fins didáticos.

▼ Homem mostra remédios usados no tratamento da Aids, em farmácia na República Democrática do Congo. Foto de 2015.

O Unaid, o fundo da Organização das Nações Unidas para a doença, informou que o objetivo da campanha é reduzir as infecções por HIV em adolescentes em 75% e as mortes por doenças relacionadas à Aids em 65% até 2020.

REVISTA Exame, 17 fev. 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/aids-e-principal-cao-de-morte-de-adolescentes-na-africa>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

### + Sobre o texto, faça o que se pede.

1. Qual o objetivo da campanha global lançada no Quênia, no continente africano?
2. Relacione o continente africano com a Aids.
3. **Geografia, História e Biologia** Faça uma pesquisa em grupo sobre a Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis para responder às questões a seguir. Você e os colegas podem consultar livros, revistas, sites e também conversar com os professores.
  - a) Descreva a situação da Aids no continente africano.
  - b) Aponte as principais formas de contaminação pelo vírus HIV, causador da Aids.
  - c) Que medidas deveriam ser adotadas para conter a Aids e as demais doenças sexualmente transmissíveis em todo o mundo?
  - d) Como o seu grupo vê a importância da instituição escolar no processo de redução das doenças sexualmente transmissíveis?
  - e) O seu grupo se sente bem informado sobre as formas de prevenção dessas infecções?

O professor vai definir uma data para que os grupos apresentem o resultado de suas pesquisas em uma roda de conversa, a fim de que todos conheçam as diferentes informações encontradas e também as opiniões dos colegas.

## As riquezas naturais

A natureza deu à África subsaariana uma grande riqueza mineral e muitas fontes de energia, como se pode ver na tabela da página seguinte. A maioria dessas riquezas, porém, não é usufruída pelos africanos, porque é explorada por transnacionais de países ricos e emergentes, como a China, a Índia e o Brasil.

A exploração de petróleo e gás natural tem assumido papel cada vez mais importante na economia subsaariana. A região já conta com dois membros (Angola e Nigéria) na Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep). Esse recurso é explorado também no Gabão, em Guiné-Bissau, no Senegal, no Sudão e em Moçambique.



George Osodi/Bloomberg/Getty Images

▼ Plataforma de petróleo no litoral da Nigéria. Foto de 2015.

### África subsaariana: recursos minerais e fontes de energia

<b>País</b>	<b>Produção e reservas não exploradas</b>
Guiné	Bauxita, diamante, urânio
Costa do Marfim	Petróleo, diamante, bauxita, cobre
Gana	Ouro, bauxita, manganês
Nigéria	Petróleo, ferro, gás natural, zinco
Camarões	Petróleo
Guiné Equatorial	Titânio, urânio, manganês, petróleo, gás natural
Gabão	Manganês, urânio, petróleo
Congo	Petróleo
Rep. Dem. do Congo	Diamante, ouro, ferro, urânio, cobalto, cobre, tungstênio, tântalo e estanho
Angola	Petróleo, ouro, diamante, ferro, urânio, bauxita
Zâmbia	Cobre
Moçambique	Petróleo, carvão, cobre, bauxita
Namíbia	Diamante, cobre, zinco, gás natural, ouro, urânio, estanho, lítio
Senegal	Petróleo
África do Sul	Diamante, ouro, níquel, amianto, vanádio, urânio
Zimbábue	Amianto, cromo, níquel, cobre, carvão, vanádio
Botsuana	Diamante, cobre, níquel

Fonte: GEOGRAPHICA. *Atlas mundial ilustrado*. HF Ullman, 2011/2012, p. 318-355.

## "Minérios de conflito"

Muitos países ricos em recursos naturais na África subsaariana conhecem o lado negativo da exploração de minérios.

Grupos armados aproveitam essa riqueza e fazem negócios com companhias transnacionais. Os recursos obtidos sustentam guerras civis em um fenômeno denominado a "maldição dos recursos". Os recursos naturais são explorados para além do nível sustentável e, conseqüentemente, destroem *habitats* naturais, deslocam comunidades locais e afetam a vida das pessoas. O aproveitamento de minérios está relacionado com a origem de conflitos armados e violência.

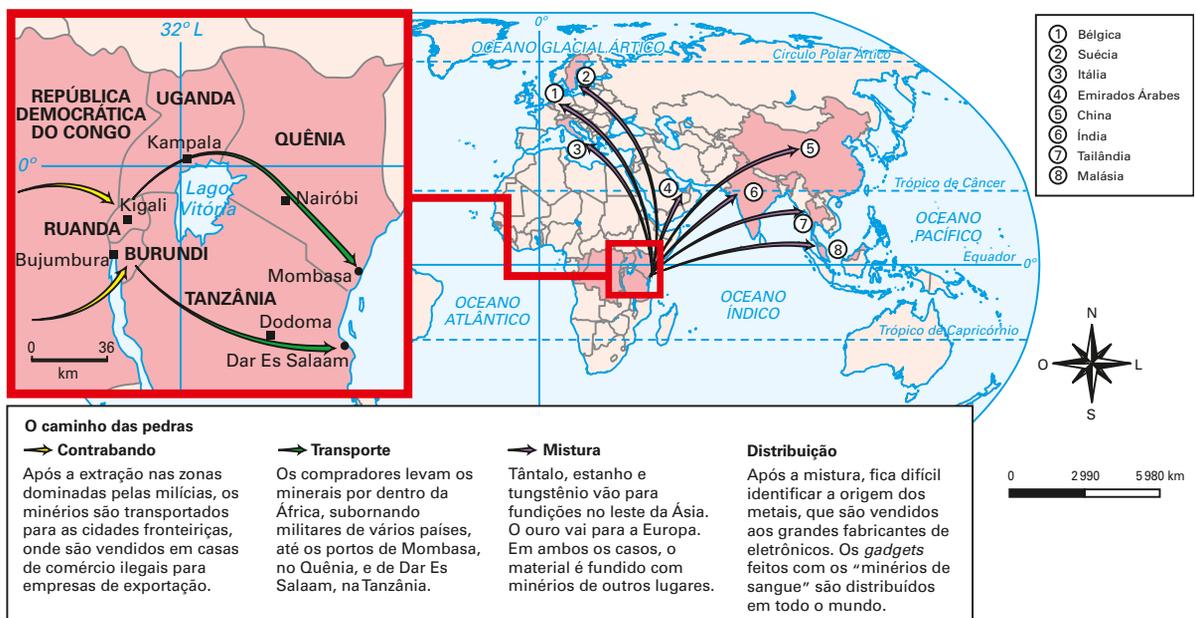
A extração ilegal dos chamados "minerais de conflito", como o cobalto, o coltan, o tântalo, o tungstênio, o estanho e o ouro, utilizados na indústria de equipamentos de eletrônica, como computadores portáteis e celulares, é uma constante na região oriental da República Democrática do Congo e na Região dos Grandes Lagos (Burundi, Ruanda, Uganda, etc.). Esses minérios são enviados principalmente para a Europa e o Sudeste Asiático. Veja o mapa abaixo.

A República Democrática do Congo é a mais beneficiada com os "minérios de conflito". Na região leste do país, são explorados quatro desses minérios: o tântalo, o tungstênio, o estanho e, em menor quantidade, o ouro. O tântalo serve para armazenar energia em *smartphones* e computadores. Esse minério é extraído do coltan, abreviatura da columbita-

-tantalita. O tungstênio é usado para fazer os celulares vibrarem, e o estanho entra na solda de circuitos. O ouro melhora a conectividade na fiação desses equipamentos.

Os lucros obtidos são utilizados no financiamento de conflitos locais, sinônimo de violações de direitos humanos, coerção e exploração do trabalho infantil. Os minérios da República Democrática do Congo custam de 30% a 50% menos que a média do mercado, o que pode ser explicado pela mão de obra barata e as péssimas condições de trabalho, sem a menor preocupação com equipamentos de segurança. Além disso, nos lugares em que o trabalho não é escravo, crianças garimpeiras ganham entre US\$ 1 e US\$ 5 por dia, segundo o relatório do Banco Mundial. Nos países africanos, as mineradoras usam crianças para garimpar espaços subterrâneos apertados nos quais adultos não cabem, ainda que o trabalho infantil seja ilegal. Nas cidades mineiras desses países africanos é alta a incidência de homicídios e outras manifestações de violência, além do aumento da transmissão do vírus HIV, por causa do comércio sexual.

Alguns grupos de ativistas já solicitaram aos fabricantes de produtos eletrônicos que não comprem esses minerais. Algumas dessas empresas procuram determinar a origem dos minerais que adquirem, na tentativa de assegurarem que não contribuem de forma alguma para o financiamento da guerra. Mas isso nem sempre é regra.



Allmaps/Arquivo da editora

## ● Agricultura comercial e de subsistência

A atividade agrícola ocupa boa parte da população subsaariana, principalmente mulheres. Segundo dados do documento World Development Indicators 2015, publicado pelo Banco Mundial, a agropecuária ainda é muito importante na economia de alguns países, embora tenha diminuído sua participação no PIB da região, passando de 17%, em 2000, para 15%, em 2014. Entre esses países, estão Mali (40%), Chade (53%), República Centro-Africana (58%), Malauí (33%), Serra Leoa (56%), Burundi (31%) e Etiópia (42%).

A agricultura subsaariana enfrenta muitos problemas naturais: regiões áridas, semiáridas e em processo de desertificação, secas e enchentes periódicas. Carece também de investimentos e de técnicas avançadas de cultivo e de criação de gado.

Podemos reconhecer dois setores na agricultura subsaariana:

- A *agricultura de subsistência*, cujos principais cultivos são o milho, o sorgo, a mandioca, o arroz e o inhame. Nesse tipo de agricultura, praticado com técnicas rudimentares, o sistema de **agricultura itinerante** é bastante utilizado. Muitos países, apesar de terem na agricultura de subsistência a base de sua economia, precisam importar alimentos ou até mesmo receber ajuda internacional.
- A *agricultura comercial*, representada pelo **sistema de plantation**, que utiliza técnicas mais modernas e cultiva produtos para a exportação, quase sempre industrializados por empresas nacionais ou estrangeiras.

**Agricultura itinerante:** sistema agrário que utiliza técnicas rudimentares e caracteriza-se por abandonar o solo, depois de esgotá-lo, e buscar nova área de cultivo.

**Sistema de plantation:** sistema agrário caracterizado por grandes propriedades (latifúndios), cultivo de um só produto (monocultura) e uso de mão de obra desqualificada e barata. Sua produção é destinada à exportação.

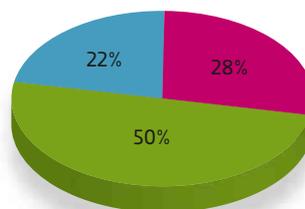
## ● Indústria e serviços

O único país industrializado da região é a África do Sul, que será abordado no Capítulo 17. Porém, vários países possuem agroindústrias ou indústrias ligadas a atividades mineradoras e de extração de petróleo. Em alguns países, os setores secundário e

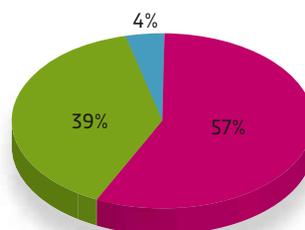
terciário têm importante participação no PIB nacional. Veja os gráficos a seguir.

### Participação no PIB: países selecionados — 2014

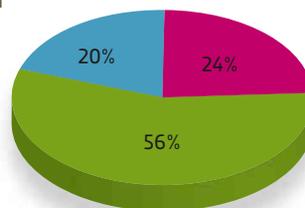
#### Gana



#### Gabão



#### Nigéria



Indústrias    Serviços    Agricultura

Gráficos elaborados com base em dados de: THE WOLD BANK. *World Development Indicators 2015*. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/table/4.2>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

O turismo, atividade do setor terciário, vem crescendo muito na porção subsaariana da África. Em 2014, recebeu 35,9 milhões de turistas internacionais e teve um faturamento de 25,9 bilhões de dólares, segundo o documento UNWTO Tourism Highlights 2015, publicado pela Organização Mundial de Turismo.

O principal destino é a África do Sul, com seus parques e reservas onde vivem animais exóticos, como o Parque Nacional Kruger e o Complexo Turístico de Sun City. O país possui também cidades com diversas paisagens atrativas, como Johannesburgo, Cidade do Cabo e Durban. Veja a foto na página ao lado.



▼ Rinocerontes à beira do rio, no Parque Nacional Kruger, na África do Sul. Foto de 2016.



▼ Vista aérea do delta do rio Okavango, o maior delta fluvial do mundo. Botsuana, 2016. O local é um concorrido destino de ecoturismo.

Outros países — como Moçambique, Maurício e Seychelles — têm recebido turistas, atraídos por suas belas praias e por “santuários” de vida selvagem, como o delta do rio Okavango, que abrange terras de Angola, Namíbia e Botsuana (veja foto acima). Destacam-se também as cataratas de Vitória, situadas no rio Zambeze, entre Zâmbia e Zimbábue.

## ● A população da África subsaariana

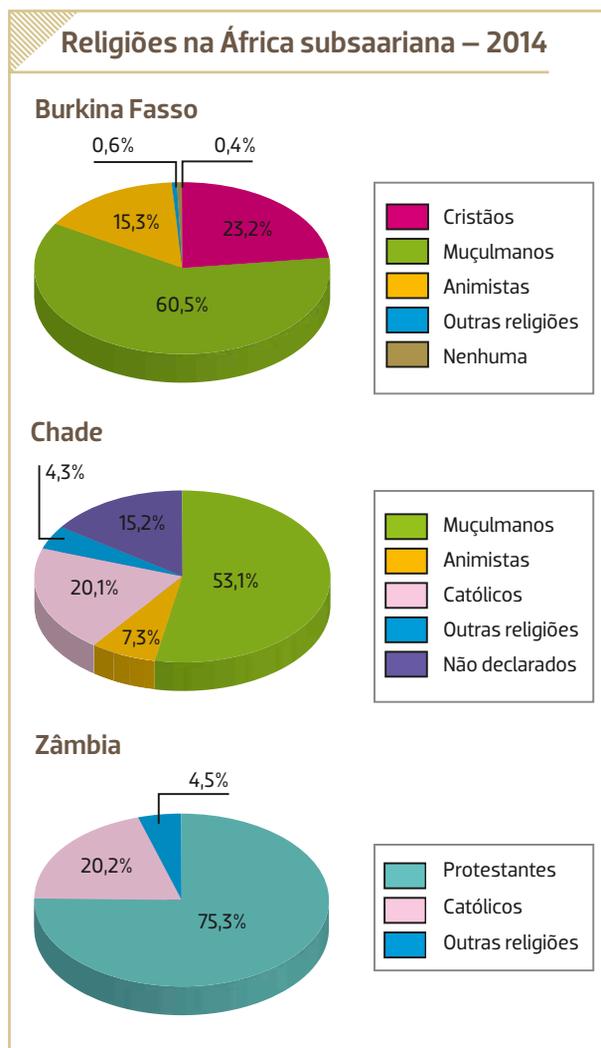
Segundo dados do documento World Development Indicators 2014, publicado pelo Banco Mundial, em 2012, a África subsaariana possuía, no total, 911,5 milhões de habitantes. A previsão é de que essa população chegue a 1,0842 bilhão em 2020. Veja a seguir algumas características dessa população.

- *Predomínio de grupos negroides, que se dividem em várias etnias:* bantos, sudaneses, hutus, tútsis, nilóticos, pigmeus e muitos outros. Esses grupos se diferenciam pelo aspecto físico, pela língua e pela cultura. Quase sempre há muita rivalidade entre eles, o que é motivo de muitos conflitos no continente. Há uma minoria branca, principalmente de descendentes dos colonizadores. A África oriental recebeu muitos indianos durante a ocupação inglesa, além de imigrantes chineses. Grande parcela dos escravizados africanos trazidos ao Brasil, desde o século XVI até 1850, integrava os grupos étnicos compostos principalmente de bantos e sudaneses oriundos de terras que atualmente pertencem a Angola, Benin, Camarões, Costa de Marfim, Gana, Moçambique, Nigéria, República do Congo, República Democrática do Congo, Senegal, Tanzânia e Togo.
- *Variedade de religiões.* De modo geral, há uma grande expansão do islamismo nas últimas

décadas. Também são encontradas **religiões animistas** e cristãs. Essas últimas são herança da colonização europeia. Veja alguns exemplos nos gráficos ao lado.

**Religião animista:** fundamentada na divinização das forças da natureza. Antropologicamente, o termo é pouco usado atualmente.

- *Desigual distribuição da população*, por causa dos grandes espaços ocupados por florestas pluviais e desertos. As áreas de concentração populacional localizam-se próximo ao golfo da Guiné, no litoral Atlântico, ao redor do lago Vitória e em alguns pontos do litoral Índico.
- *Predomínio da população rural sobre a população urbana*, segundo o documento World Development Indicators de 2014, publicado pelo Banco Mundial, a população rural diminuiu de 72% (1990) para 63% (2012) nessa região. A principal causa dessa diminuição foi o êxodo rural, que causou o surgimento de favelas na periferia das grandes cidades. O mesmo documento mostra que os países com maior porcentagem de população rural são Burundi (89%), Uganda (84%) e Níger (82%). Os países com as maiores taxas de população urbana são Gabão (86%), República do Congo (64%) e África do Sul (62%).
- *Condições de vida e indicadores pouco satisfatórios*. Veja na tabela abaixo a situação da África subsaariana em comparação com outras regiões do mundo.



Adaptado de: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/)>. Acesso em: 31 jan. 2016.

### Regiões não desenvolvidas do mundo: indicadores selecionados – 2015

Regiões	População total (em milhões de hab.)	Crescimento populacional (%) 2010-2015	Expectativa de vida (em anos)	Taxa de fecundidade
Europa oriental e Ásia central	265	0,8	72	2,0
América Latina e Caribe	629	1,1	70,5	2,2
Países árabes	329	2	65,5	3,5
Ásia e Pacífico	3 865	1	70	2,2
África meridional e oriental	547	2,7	59,5	4,8
África ocidental e central	403	2,7	55	5,5

Fonte: ONU. UNFPA. *State of World Population 2015*. Disponível em: <[www.unfpa.org/es/swop](http://www.unfpa.org/es/swop)>. Acesso em: 4 fev. 2016.

## África subsaariana: indicadores de países selecionados – 2015

Países	População (em milhões de hab.)	Mortalidade infantil (‰)	Expectativa de vida (em anos)	População abaixo da linha de pobreza	Alfabetização (%)
Somália	10,6	98,3	51,9	sem dados	sem dados
Angola	19,6	78,2	56,6	40,5	71,1
Chade	11,6	88,6	49,8	46,7	40,2
Mali	16,9	55,3	55,3	36,1	38,7
Serra Leoa	5,8	71,6	57,7	70,2	48,1
Senegal	13,9	51,4	61,3	46,7	57,7
Moçambique	25,3	70,2	52,9	52	58,8
Gabão	1,7	46	52	sem dados	83,2

Fonte: CIA. *The World Factbook* 2016. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook)>. Acesso em: 4 fev. 2016.

## América Latina

A América Latina é a porção do continente americano que se estende do rio Grande do Norte (no México) até a ilha da Terra do Fogo. Abriga países que se industrializaram depois da Segunda Guerra Mundial e exportadores de matérias-primas minerais e agrícolas. Esse conjunto de países de realidades muito variadas, no entanto, compartilha uma herança cultural e alguns problemas que o distingue dentro do mundo não desenvolvido.

## O conceito de América Latina

O conceito de América Latina surgiu com o propósito de diferenciar essa parte do continente americano da América Anglo-Saxônica, formada por

Estados Unidos e Canadá. É a porção menos desenvolvida e mais pobre do continente americano, marcada por países com diferentes níveis de desenvolvimento, em contraposição à rica e desenvolvida América Anglo-Saxônica.

Dentro da América Latina podem ser identificados conjuntos menores, como mostram os mapas a seguir.

Constituída por nações em que predominam os idiomas espanhol e português e a religião católica, a América Latina ocupa porções da América do Norte (México), Caribe, América Central e América do Sul.

O limite da América Latina é muito semelhante ao espaço ocupado pela América Ibérica, colonizada por povos oriundos da península Ibérica — Espanha e Portugal —, com exceção das Guianas e de algumas ilhas do mar do Caribe.



Adaptado de: BERTONCELLO, Rodolfo; SALLERAS, Andrea B. *América: sociedade, natureza y diversidad*. Buenos Aires: Santillana, 2009. p. 9-10.

A América Hispânica compreende os países de língua espanhola. O Caribe, localizado na porção central da América, é constituído por diversas ilhas situadas no mar do Caribe, no oceano Atlântico.

Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), “dividir os países latino-americanos é uma tarefa complexa, considerando diferentes aspectos políticos, econômicos e culturais, bem como seu tamanho e sua população”. Por isso, a comissão propõe uma divisão com base em critérios geográficos. Veja no mapa ao lado.

## ● Problemas dos países latino-americanos

Os países latino-americanos possuem em comum algumas características socioeconômicas que precisam ser superadas para melhorar o nível de vida da população.

- *Enormes desigualdades sociais:* enquanto uma minoria mora bem, a maioria sobrevive em péssimas condições. As favelas (também chamadas comunidades) são comuns nas grandes cidades latino-americanas, que geralmente são circundadas por bairros periféricos.
- *Grandes desigualdades de renda e de oportunidades:* enquanto poucos recebem altos salários, a maioria ganha salários que não garantem uma sobrevivência digna. Observe a tabela ao lado.
- *Dependência financeira de organismos internacionais (Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional – FMI) e de países ricos:* muitos projetos sociais são realizados a partir de financiamentos de governos e bancos estrangeiros, como a despoluição de rios, a construção de pontes e hospitais, o financiamento de orquestras, entre outros, o que origina grandes dívidas externas. Os países com as maiores dívidas externas da América Latina, em 2014, eram Brasil, México, Chile, Colômbia e Argentina.
- *Dependência tecnológica de nações desenvolvidas:* aparelhos hospitalares, máquinas industriais, aviões e produtos químicos ainda são importados e contribuem para o aumento do *deficit* das balanças comerciais da maioria dessas nações.



Adaptado de: ONU-HABITAT. *Estado de las ciudades de América Latina y el Caribe 2012. Rumbo a una nueva transición urbana*. p. 19. Disponível em: <[www.onuhabitat.org/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid+362&Itemid=18](http://www.onuhabitat.org/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid+362&Itemid=18)>. Acesso em: 31 jan. 2016. Mapa sem data na fonte original.

### América Latina: concentração de renda (países selecionados) – 2013

País	Coefficiente de Gini
Colômbia	0,536
Bolívia	0,472
Paraguai	0,522
Nicarágua	0,478*
Panamá	0,527
Chile	0,509
Equador	0,477
Argentina	0,475**
México	0,492***
Peru	0,444
<b>Brasil</b>	<b>0,553</b>
Costa Rica	0,512
Uruguai	0,382
Venezuela	0,407

\* Dados de 2009. \*\* Dados de 2012 — áreas urbanas. \*\*\* Dados de 2012.

Fonte: ONU. Cepal. *Anuário Estatístico da América Latina e Caribe 2014*. Disponível em: <[http://interwp.cepal.org/anuario\\_estadistico/anuario\\_2014/PDF/AnuarioEstadisticoALC-2014.pdf](http://interwp.cepal.org/anuario_estadistico/anuario_2014/PDF/AnuarioEstadisticoALC-2014.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2016.

## ● O tráfico de drogas

O narcotráfico é um grave destabilizador da estrutura econômica e social dos países latino-americanos — não só afeta a qualidade de vida das pessoas, ao aumentar a violência e a insegurança, como abala as instituições governamentais que procuram contê-lo.

A América Latina concentra quase toda a produção mundial de coca, a base para obter a cocaína. As áreas de maior produção estão na Colômbia, no Peru e na Bolívia. Essas mesmas áreas também fornecem maconha para consumo interno e para o tráfico mundial. A economia do narcotráfico envolve desde os grandes cartéis, como os colombianos de Cali e Medellín, até os microtraficantes que negociam diretamente com o consumidor local.



Luis Robayo/Agência France-Press

▼ Soldado do Exército colombiano vigia pacotes de cocaína apreendidos perto do município de Nuquí, na Colômbia, em 2015.

Embora as drogas lícitas, como o álcool e o tabaco, sejam as mais consumidas na América Latina, há grande consumo entre as ilícitas, como a maconha, a cocaína e o *crack*. Essas drogas geram grandes problemas sociais e afetam pessoas de todos os níveis socioeconômicos.



Allmaps/Arquivo da editora

Adaptado de: LE MONDE Diplomatique. Disponível em: <[www.monde-diplomatique.fr/cartes/amerlatdrogue](http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/amerlatdrogue)>. Acesso em: 2 fev. 2016. Mapa sem data na fonte original.

O tráfico de drogas criou uma perigosa economia paralela, com empregos diretos e indiretos em atividades usadas como “lavagem” de dinheiro do narcotráfico. Em escala local, o número de mulheres e jovens de baixa renda que trabalham diretamente com o usuário tem aumentado muito. A atividade também favorece a corrupção de funcionários do governo, muitas vezes encarregados de coibi-la.

Calcula-se que o narcotráfico movimenta cerca de 500 milhões de dólares por ano. A metade da produção de drogas da América do Sul passa pelo Caribe, com destino aos Estados Unidos (35%) e à Europa (65%).

A Colômbia possui litoral tanto no Atlântico como no Pacífico, o que facilita a conexão das rotas do narcotráfico com os países europeus, africanos, asiáticos e da Oceania.

Para agilizar a distribuição, porém, existem rotas que passam por vários países da América do Sul, como Argentina, Brasil, Chile e Venezuela. O Brasil aparece como o mais importante no que diz respeito à quantidade de drogas exportadas para as diversas partes do mundo.

Fora da América do Sul, um país onde o narcotráfico tem aumentado bastante é o México, cujo território é controlado pelos cartéis das drogas.

## Refletindo sobre o conteúdo

1. Reflita sobre a entrevista concedida por Elizabeth Tinoco, diretora da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para América Latina e Caribe, em dezembro de 2014.

[...]

**Pergunta.** Entre 2000 e 2013 mais de 50 milhões de latino-americanos saíram da condição de pobreza. Essa conquista será afetada pela estagnação econômica?

**Resposta.** Sem dúvida nenhuma. Os níveis de pobreza foram reduzidos graças também a um contexto de crescimento. Hoje contamos com 168 milhões de pobres, dos quais mais de 90% estão em condição de pobreza extrema. A América Latina vem reduzindo a pobreza sustentavelmente, mas não reduziu a desigualdade. E um dos motores fundamentais para diminuí-la deve ser através do mercado de trabalho.

[...]

**Pergunta.** Quais são os maiores desafios que a região enfrenta?

**Resposta.** Crescer mais, investir mais em infraestrutura, em educação, em transformação produtiva. Que o emprego e sua criação sejam um dos caminhos fundamentais para conseguir um desenvolvimento sustentável.

[...]

FEMMINE, Laura Delle. América Latina não cresce a um ritmo desejável para gerar emprego. *El País*. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/13/economia/1418427242\\_233300.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/13/economia/1418427242_233300.html)>. Acesso em: 31 jan. 2016.

- a) Qual é o principal problema socioeconômico, de acordo com o texto, que impede a América Latina de ter maior e melhor desenvolvimento social? Justifique sua resposta.

- b) Relacione a educação do povo com o desenvolvimento geral de um país ou de uma região.

2. Leia o texto de um antropólogo argentino sobre a América Latina.

[...] as nações já não são o que eram, nem têm fronteiras ou alfândegas fechadas que contenham o que se produz em seu interior e filtrem o que vem de fora. Somos milhões os que deixamos nossos países, os que continuamos a ser mexicanos ou cubanos nos EUA, bolivianos ou uruguaios na Argentina, latino-americanos em Madri, Paris ou Chicago. O significado da latino-americanidade não pode ser definido apenas observando o que acontece dentro do território historicamente delimitado como América Latina. As respostas sobre os modos de ser latino-americano vêm também de fora da região, assim como as remessas dos emigrados [...].

CANCLINI, Néstor Garcia. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras, 2008. p. 33.

- a) Que contexto foi salientado anteriormente?
- b) Caracterize o território delimitado como América Latina.
- c) O que são as remessas dos emigrados?

3. Leia o texto de um professor universitário congolês, residente no Brasil.

As consequências da descolonização da África são muitas, considerando, sobretudo, a questão das fronteiras, classificadas como ‘artificiais’, por, às vezes, separar povos de mesma língua ou da mesma tribo.

BIZAWU, Sébastien Kiwonghi. *O Conselho de Segurança da ONU e os conflitos nos Grandes Lagos*. Barueri: Minha Editora, 2008. p. 57.

- Procure relacionar as fronteiras artificiais da África com a Conferência de Berlim.

# Concluindo a Unidade 2

Leia o texto, reflita e depois responda às questões propostas.

## Rumo à Europa, imigrantes enfrentam racismo, tortura e afogamento

As pessoas são divididas com base em critérios raciais e de gênero. Brancos viajam no convés, negros na parte interior dos barcos. Mulheres e crianças são presas nos porões

Há um sentimento comum entre os milhares de imigrantes que se sujeitam às condições subumanas e se amontoam em embarcações obsoletas para chegar ao continente europeu através do mar Mediterrâneo. Poucos estariam ali se essa não fosse a última alternativa. Além da miséria crônica dos países subsaarianos, os conflitos que se espalharam por Síria, Líbia e Iêmen nos últimos anos esfacelaram governos e amplificaram perseguições raciais e religiosas no norte da África e no Oriente Médio. Dados da Anistia Internacional mostram que metade dos imigrantes ilegais que realizaram a travessia era composta de refugiados de guerra. Os demais tinham objetivo de se asilar na Europa ou arrumar um emprego para fornecer uma vida melhor para suas famílias. Com relação à nacionalidade, 46% dos imigrantes eram provenientes da Síria e da Eritreia. Malianos, líbios, nigerianos, etíopes e somalis também são flagrados com frequência na região.

A Líbia se transformou no maior 'hub' de embarque clandestino. O país está destroçado por uma guerra civil desde o fim da revolta que liquidou o ditador Muamar Kadafi, em 2011. Milícias fundamentalistas ganharam terreno [em 2014] e conquistaram o controle de importantes cidades, incluindo a capital Trípoli e Bengasi. O governo que conta com o respaldo da comunidade internacional encontra-se

acuado no leste do país e, sem poder, chegou a buscar refúgio em uma embarcação ancorada em Tobruk. Como o Exército nacional foi dizimado e os postos de controle das fronteiras encontram-se abandonados, o fluxo de imigrantes é intenso no país. É neste cenário que redes de traficantes de humanos, muitas vezes aliadas a grupos armados, conseguem coagir pessoas a abrir mão de suas últimas economias em troca de uma viagem só de ida para a Europa.

Em relato ao jornal britânico The Guardian, um imigrante nigeriano contou que, ao chegar a uma praia da Líbia, se deparou com centenas de pessoas acampadas e aguardando a ordem dos traficantes para viajar. Uma vez dentro do barco, os criminosos permitem que milícias armadas subam a bordo para roubar os últimos pertences dos imigrantes. As pessoas, então, são divididas com base em critérios raciais e de gênero. Por terem a pele mais clara e condições de pagar maiores quantias em dinheiro (a 'passagem' custa entre 600 e 2000 euros ou 1800 e 6000 reais), os sírios são autorizados a ficar no convés das embarcações, onde teoricamente seria mais seguro. Refugiados de pele mais escura vindos da África subsaariana são trancados nos porões dos barcos, assim como mulheres e crianças — consideradas 'barulhentas demais'. Qualquer ação que os traficantes venham a considerar uma desobediência é passível de torturas, castigos físicos e até morte, empurrando as pessoas ao mar.

As viagens, que deveriam durar de três a quatro dias, transformam-se num pesadelo pela precariedade das embarcações. Os pescadores clandestinos não têm estrutura necessária para permanecer estabilizados no oceano e são atirados para diferentes direções conforme a força das ondas. Os próprios traficantes costumam guiar os barcos e, por não terem experiência suficiente, se perdem com frequência nas águas do Mediterrâneo. A comida e a água potável disponível

Italian Navy/Reuters/Latinstock



▶ Migrantes africanos são salvos no mar Mediterrâneo pela Marinha Italiana depois que o barco em que viajavam virou e afundou ao largo da costa da Líbia, em 2015.

também não demoram a acabar, o que provoca agitações entre os imigrantes. O desespero é tamanho que os naufrágios na região costumam ocorrer devido ao excesso de pessoas que se aglomeram em uma única área do pesqueiro após um barco estrangeiro ser avistado ao horizonte. A grande maioria dos imigrantes não sabe nadar e se afoga imediatamente após cair na água.

Caso sejam resgatados com vida ou consigam cumprir a viagem até águas controladas por países europeus, os imigrantes enfrentam um burocrático processo até serem autorizados a reconstruir suas vidas. Muitas vezes eles permanecem por tempo indeterminado em centros de acolhimento superlotados. "De acordo com as regulamentações da União Europeia, os imigrantes precisam ser identificados no primeiro país ao qual eles chegam e, se quiserem pedir asilo, devem fazer isso no primeiro país em que aportam. Como muitos querem se deslocar para outros lugares da Europa, eles permanecem em situação ilegal. Isso torna impossível o encaminhamento de solicitações para trabalhar. E muitos acabam apelando para os empregos irregulares", explica a pesquisadora Elisa De Pieri, da organização Anistia Internacional.

A procuradoria da cidade portuária italiana de Catânia, na região da Sicília, divulgou detalhes de uma investigação que prova a participação de mafiosos na exploração de imigrantes mantidos em centros de acolhimento. A mera presença dos refugiados nestas instituições rendia subsídios do governo e lucros milionários para as redes criminosas. Para a pesquisadora Elisa, "os governos europeus têm a obrigação de proteger essas pessoas, e não tentar mantê-las em países onde elas não estão seguras". "Frente aos milhares de

imigrantes trabalhando ilegalmente e sendo explorados, os governos europeus devem considerar se suas políticas de imigração estão de acordo com as demandas do mercado de trabalho", diz.

Roderick Parkes, analista de políticas europeias do Instituto Alemão de Relações Internacionais, vai mais além e cobra da União Europeia uma mudança radical com relação ao acolhimento dos imigrantes. "A União Europeia estava ciente de todos esses problemas, e mesmo assim falhou na hora de encará-los de frente. Nós somos muito arrogantes e acreditamos cegamente que todo o mundo deseja vir para a Europa. Somos muito tecnocratas para perceber os efeitos políticos das nossas políticas. Não mostramos disposição nenhuma para nos colocarmos no lugar de outros Estados. Muitas das tensões geopolíticas registradas hoje entre os países que circundam a União Europeia foram causadas por estes erros na política migratória."

GHIROTTI, Edoardo; BRAGA NORTE, Diego. *Veja Mundo*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/rumo-a-europa-imigrantes-enfrentam-racismo-tortura-e-afogamento/>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

- 1 O texto cita alguns fatores responsáveis pela migração rumo à Europa. Identifique e aponte esses fatores.
- 2 Identifique o país de onde sai a maior quantidade de emigrantes e o continente onde ele está localizado. Justifique a causa dessa saída.
- 3 Identifique no texto o relato de situações de racismo sofrido por esses imigrantes durante as viagens com destino ao continente europeu.

## Testes e questões

 Não escreva no livro

### Enem

- 1 Parecer CNE/CP nº 3/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

*Procura-se oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas. Propõe a divulgação e a produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial — descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos — para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos igualmente tenham seus direitos garantidos.*

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Disponível em: <[www.imesp.org.br](http://www.imesp.org.br)>. Acesso em: 21 nov. 2013. (adaptado).

A orientação adotada por esse parecer fundamenta uma política pública e associa o princípio da inclusão social a

- a) práticas de valorização identitária.
- b) medidas de compensação econômica.
- c) dispositivos de liberdade de expressão.
- d) estratégias de qualificação profissional.
- e) instrumentos de modernização jurídica.

- 2 Estatuto da Frente Negra Brasileira (FNB)

*Art. 1º – Fica fundada nesta cidade de São Paulo, para se irradiar por todo o Brasil, a Frente Negra Brasileira, união política e social da Gente Negra Nacional, para a afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos, atuais, na Comunhão Brasileira.*

*Diário Oficial do Estado de São Paulo. 4 nov. 1931.*

Quando foi fechada pela ditadura do Estado Novo, em 1937, a FNB caracterizava-se como uma organização

- a) política, engajada na luta por direitos sociais para a população negra no Brasil.
- b) beneficente, dedicada ao auxílio dos negros pobres brasileiros depois da abolição.
- c) paramilitar, voltada para o alistamento de negros na luta contra as oligarquias regionais.
- d) democrático-liberal, envolvida na Revolução Constitucionalista conduzida a partir de São Paulo.
- e) internacionalista, ligada à exaltação da identidade das populações africanas em situação de diáspora.

**3** Um professor apresentou os mapas abaixo numa aula sobre as implicações da formação das fronteiras no continente africano:

### As fronteiras étnicas e políticas da África



Fonte: Atualidades/Vestibular 2005, 1ª sem.,  
Abril, p. 68.

Com base na aula e na observação dos mapas, os alunos fizeram três afirmativas:

- I. A brutal diferença entre as fronteiras políticas e as fronteiras étnicas no continente africano aponta para a artificialidade em uma divisão com objetivo de atender apenas aos interesses da maior potência capitalista na época da descolonização.
- II. As fronteiras políticas jogaram a África em uma situação de constante tensão ao desprezar a diversidade étnica e cultural, acirrando conflitos entre tribos rivais.

III. As fronteiras artificiais criadas no contexto do colonialismo, após os processos de independência, fizeram da África um continente marcado por guerras civis, golpes de Estado e conflitos étnicos e religiosos.

É verdadeiro apenas o que se afirma em:

- a) I
- b) II
- c) III
- d) I e II
- e) II e III

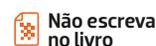
**4** Antes de o sol começar a esquentar as terras da faixa ao sul do Saara conhecida como Sahel, duas dezenas de mulheres da aldeia de Widou, no norte do Senegal, regam a horta cujas frutas e verduras alimentam a população local. É um pequeno terreno que, visto do céu, forma uma mancha verde — um dos primeiros pedaços da “Grande Muralha Verde”, barreira vegetal que se estenderá por 7000 km do Senegal ao Djibuti, e é parte de um plano conjunto de vinte países africanos.

GIORGI, J. Muralha verde. *Folha de S.Paulo*, 20 maio 2013 (adaptado).

O projeto ambiental descrito proporciona a seguinte consequência regional imediata:

- a) Facilita as trocas comerciais.
- b) Soluciona os conflitos fundiários.
- c) Restringe a diversidade biológica.
- d) Fomenta a atividade de pastoreio.
- e) Evita a expansão da desertificação.

### Testes de vestibular



**1** (Uerj)

*Falamos a todo momento em dois mundos, em sua possível guerra, esquecendo quase sempre que existe um terceiro. É o conjunto daqueles que são chamados, no estilo Nações Unidas, de países subdesenvolvidos. Pois esse Terceiro Mundo ignorado, explorado, desprezado como o Terceiro Estado, deseja também ser alguma coisa.*

ALFRED SAUVY. Adaptado de France-Observateur, 14/8/1952.

Com essas palavras, o demógrafo e economista francês Alfred Sauvy caracterizou, na década de 1950, a expressão Terceiro Mundo.

No contexto das relações internacionais a que se refere o texto, esse conceito foi utilizado para a crítica da:

- a) luta pela descolonização.
- b) expansão do comunismo.
- c) bipolaridade da Guerra Fria.
- d) política da Coexistência Pacífica.

## 2 (Unesp-SP)

A África só começou a ser ocupada pelas potências europeias exatamente quando a América se tornou independente, quando o antigo sistema colonial ruiu, dando lugar a outras formas de enriquecimento e desenvolvimento das economias mais dinâmicas, que se industrializavam e ampliavam seus mercados consumidores. Nesse momento foi criado um novo tipo de colonialismo, implantado na África a partir do final do século XIX [...].

Marina de Mello e Souza. *África e Brasil africano*, 2007.

A partilha da África entre os países europeus, no final do século XIX,

- a) buscou conciliar os interesses de colonizadores e colonizados, valorizando o diálogo e a negociação política.
- b) respeitou as divisões políticas e as diferenças étnicas então existentes no continente africano.
- c) ignorou os laços comerciais, políticos e culturais até então existentes no continente africano.
- d) privilegiou, com a atribuição de maiores áreas coloniais, os países que haviam perdido colônias em outras partes do mundo.
- e) afetou apenas as áreas litorâneas, sem interferir no Centro e no Sul do continente africano.

## 3 (PUC-RJ)

### "O continente condenado" "África em chamas"

As manchetes que atualmente são publicadas sobre a África, como as apresentadas acima, expressam o trágico quadro socioeconômico desse continente. Assinale a opção que **não** inclui um aspecto desse quadro.

- a) A baixa expectativa de vida de grande parte da população.
- b) O número significativo de africanos contaminados com a Aids.
- c) Os conflitos e guerras tribais envolvendo nações africanas.
- d) As guerras civis estimuladas pelas potências imperialistas europeias.
- e) O contingente de africanos fora de seus países de origem, em busca de trabalho.

## 4 (PUC-MG) Na divulgação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — 2014, o PNUD — Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, mostrou que o Brasil subiu uma posição e superou a média da América Latina e Caribe. Com isso, o país ocupa o 79º lugar no ranking mundial com 187 países. O índice brasileiro é 0,744, sendo que a média da região é de 0,74. No levantamento, a média mundial ficou em 0,702.

A escala do IDH varia de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, melhores são as condições de desenvolvimento humano do país. Com esse resultado, o país continua fazendo parte do grupo de países de:

- a) baixo desenvolvimento humano.
- b) alto desenvolvimento humano.
- c) médio desenvolvimento humano.
- d) desenvolvimento humano muito alto.

## 5 (Vunesp-SP) Leia o trecho da música "Nois é jeca mais é joia" de Juraildes da Cruz e Xangai:

*Se farinha fosse americana  
mandioca importada  
banquete de bacana  
era farinhada  
Andam falando que nós é caipora  
qui nós tem qui aprender ingrês  
qui nós tem qui fazê xuxéxu fóra  
deixe de bestáge  
nóis nem sabe o português  
nóis somo é caipira pop  
nóis entra na chuva e nem moia  
meu ailóviú  
nóis é jeca mais é joia  
Tiro bicho de pé com canivete  
mais já tô na internet  
nóis é jeca mais é joia.*

Considerando a letra da música e o processo de formação econômica e social dos países subdesenvolvidos, é possível afirmar que

- a) as formas culturais produzidas nos países subdesenvolvidos tornaram-se elementos valorizados no cotidiano das elites dos países desenvolvidos ao longo de seu processo de formação.
- b) a internalização, especialmente pela elite dos países subdesenvolvidos, de hábitos de consumo e formas culturais produzidos no exterior é uma característica marcante ao longo do processo de formação desses países.
- c) os hábitos de consumo e as formas culturais produzidas nos países desenvolvidos não tiveram impactos significativos no processo de formação social e cultural dos países subdesenvolvidos.
- d) as formas culturais e os hábitos de consumo produzidos nos países subdesenvolvidos foram responsáveis por moldar o comportamento cultural das elites dos próprios países subdesenvolvidos.
- e) a intensificação dos intercâmbios comerciais entre os países permitiu que produtos alimentares, como é o caso da mandioca, se caracterizassem como a base da alimentação de sociedades localizadas em todo o mundo.

**6** (UFMG) Recentemente, aspectos de ordem política e humano-econômica da América Latina têm contribuído para modificar a participação desse subcontinente no cenário mundial. Considerando-se esses aspectos, é **incorreto** afirmar que o subcontinente latino-americano:

- é um dos grandes exportadores mundiais de combustíveis fósseis e oferece outras possibilidades energéticas em diversidade e volume que permitem sua utilização em outras partes do mundo.
- exerce grande poder de atração sobre empresas multinacionais, por abrigar considerável mercado potencial, formado por população numerosa e, ainda, com grande parte de suas necessidades não atendidas.
- registra, hoje, graças ao emprego de tecnologias nele geradas, ritmo de desenvolvimento industrial que supera aquele verificado em outras regiões do mundo, que também abrigam países em desenvolvimento.
- tem gerado dúvidas sobre a segurança dos investimentos externos na região, devido às recentes nacionalizações de unidades industriais estrangeiras localizadas em alguns dos países que o constituem.

**7** (UFMS) De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o conceito de Desenvolvimento Humano é a base do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que, de acordo com Amartya Sen (Nobel de Economia em 1998), pretende ser uma medida sintética do desenvolvimento humano, mas não indica “o melhor lugar do mundo pra se viver”. O IDH pressupõe que o desenvolvimento de uma população não deve ser visto apenas pela dimensão econômica. Assim, no cálculo do IDH, três são as dimensões consideradas: educação, longevidade e renda.

Em qual das alternativas a seguir há **APENAS** indicadores usados no cálculo do IDH de um país?

- Proporção da população atendida com água encanada e esgoto, esperança de vida ao nascer, produção industrial e PIB *per capita*.
- Taxa de alfabetização de pessoas acima de 15 anos, esperança de vida ao nascer, crescimento vegetativo e pobreza por insuficiência de renda.
- Proporção da população com acesso à água potável, taxa bruta de frequência à escola, renda *per capita* e taxa de alfabetização.
- Taxa de matrícula escolar, PIB *per capita*, esperança de vida ao nascer e taxa de alfabetização.
- Produção industrial, número de estabelecimentos escolares, taxa bruta de frequência à escola e taxa de mortalidade infantil.

**8** (UFPI) Os países são classificados em desenvolvidos e em subdesenvolvidos a partir da utilização de seus “indicadores sociais e econômicos”, publicados por instituições internacionais.

Sobre essa questão, dê a sequência correta das afirmações, classificando-as como falsas ou verdadeiras:

- São indicadores sociais e econômicos: a renda *per capita*, a expectativa de vida ao nascer, a taxa de mortalidade infantil e o índice de analfabetismo.
- O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é um indicador que mede o progresso dos países em termos de qualidade de vida de sua população.
- Países subdesenvolvidos e industrializados, como o Brasil, México e África do Sul, apresentam renda média que, se fosse melhor distribuída, elevaria os indicadores sociais da população.
- Em qualquer país do mundo, a riqueza não é distribuída de maneira igual entre todos os habitantes, havendo ricos e pobres. Nos países desenvolvidos, ao contrário daqueles subdesenvolvidos, o número de pobres é pequeno e a maioria da população tem um padrão de vida médio.

**9** (Fatec-SP) Entre os graves problemas sociais apresentados pelo continente africano, destaca(m)-se, principalmente:

- o drama dos refugiados e de pessoas que se deslocam no interior de seus países, tanto por motivos políticos quanto ambientais.
- a fome, em consequência de todos os seus países serem pobres, subdesenvolvidos e apresentarem na classificação do IDH o índice BAIXO (menor que 0,49).
- a dominação exercida pelos povos orientais e norte-americanos, desde o século XV, com o processo de expansão do capitalismo concorrencial.
- as doenças tropicais, como a malária, causadora de epidemias e mortes, sobretudo na África do Norte.
- a alta taxa de mortalidade infantil nos países localizados no extremo Sul, que também apresentam as maiores densidades demográficas.

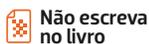
**10** (UFPE) A esperança de vida ao nascer, o Produto Interno Bruto e o nível de instrução da população são três indicadores socioeconômicos utilizados para o cálculo:

- do Índice de Globalização.
- do Crescimento Vegetativo Populacional.

- c) do Produto Nacional Bruto.
- d) do Índice de Desenvolvimento Humano.
- e) da Renda *per capita*.

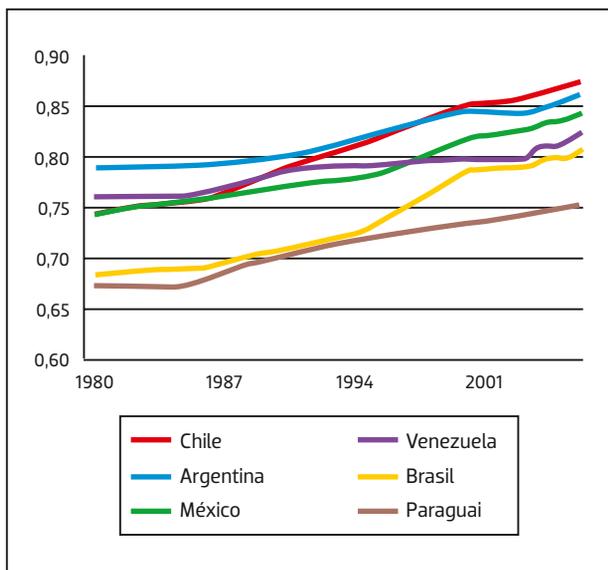
- 11** (IFC-SC) Ao longo do século XX, as mulheres intensificaram seu papel nos movimentos sociais e, como resultado, conquistaram o direito ao voto, a uma vida menos opressiva e passaram a ocupar espaços que antes eram apenas destinados aos homens. Não faz parte dos objetivos de luta do movimento feminista:
- a) Equiparação salarial e igualdade de condições de trabalho entre homens e mulheres.
  - b) Crítica ao patriarcalismo.
  - c) O direito à liberdade de uso do corpo.
  - d) A instituição da heterossexualidade como norma.
  - e) Respeito à diversidade humana.

### Questões de vestibular



- 1** (Uerj — adaptada) O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para a classificação de países de acordo com indicadores sociais e econômicos.

#### Evolução do IDH

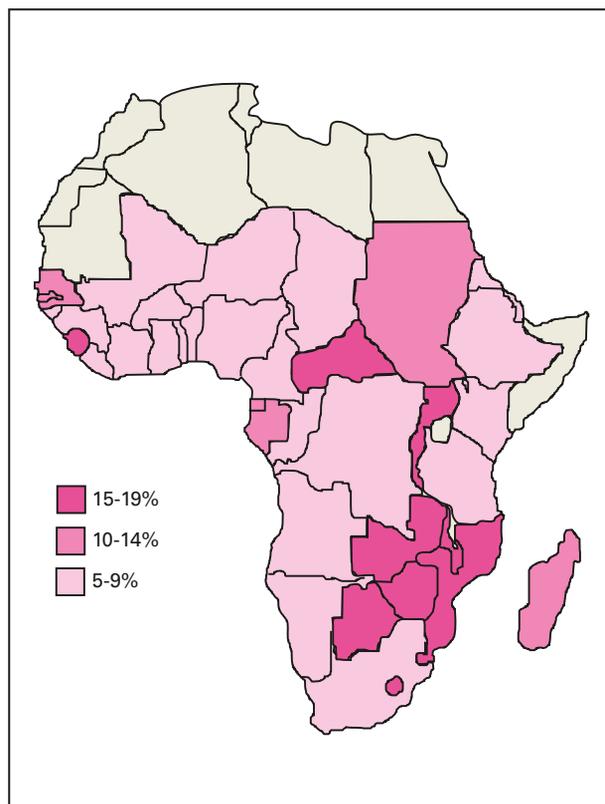


Fonte: <www.pnud.org>.

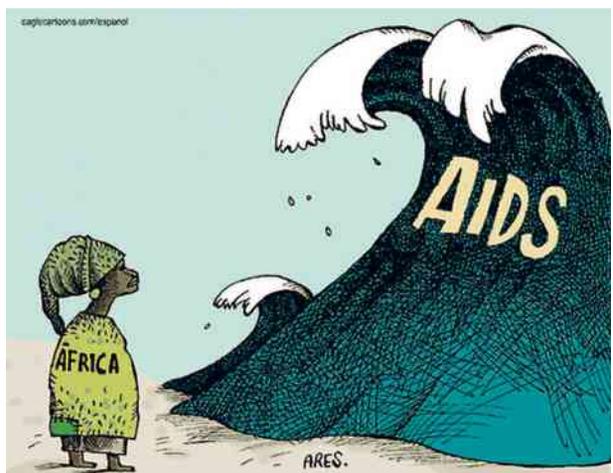
Aponte dois indicadores demográficos que compõem o IDH.

- 2** (PUC-RJ) O ano de 2004 encerrou-se com o impacto das catástrofes causadas pelos “tsunamis”, principalmente na Ásia, que acarretaram mais de 300 mil mortes. Porém, como o mapa e a charge a seguir indicam, existem outros “tsunamis” que estão arrasando o continente africano, há muito mais tempo.

**Mapa: “34 milhões de crianças órfãs na África subsaariana (porcentagem estimada de crianças órfãs, no total de crianças dos países africanos, 2001)”.**



Fonte: *Children on the Brink*, 2002.



<www.politicalcartoons.com>

Utilizando como referência as imagens apresentadas, faça o que se pede:

- a) Identifique e explique duas outras causas que ampliam a devastação da população no continente africano, além da epidemia de Aids.
- b) Comente dois possíveis impactos nas estruturas produtivas dos países africanos resultantes da desorganização demográfica causada pela epidemia de Aids.

### Filmes

Sempre que você for assistir a um filme na sala de aula ou em casa, por recomendação do professor, lembre-se de alguns passos importantes:

- Leia o texto do capítulo ou suas anotações sobre o assunto em questão antes de assistir ao filme.
- Concentre-se e preste muita atenção. Se possível, anote os principais acontecimentos.
- Caso o professor tenha sugerido um roteiro para você acompanhar a projeção do filme, procure segui-lo e identificar os pontos principais.
- Anote os trechos que você não entendeu para esclarecer com o professor.
- Tire suas próprias conclusões e forme sua opinião sobre o que assistiu.

Apresentamos a seguir algumas sugestões de filmes que abordam o conteúdo tratado nesta Unidade.

#### + As horas

Direção: Stepehn Daldry. Estados Unidos, 2002, 114 minutos.

Esse premiado filme retrata a vida de três mulheres, em períodos diferentes. Na história de uma das personagens é abordada a questão da Aids.

#### + Diários de motocicleta

Direção: Walter Salles. Alemanha/Argentina/Chile/Estados Unidos, 2004, 126 minutos.

Baseado na história de Ernesto "Che" Guevara e Alberto Granado, que viajam pela América do Sul em uma motocicleta que acaba quebrando. A partir desse momento eles prosseguem a viagem caminhando ou pegando carona.

#### + Histórias cruzadas

Direção: Tate Taylor. Estados Unidos, 2012, 146 minutos.

O filme retrata as relações entre patrões brancos e empregados afrodescendentes em uma cidade dos Estados Unidos, na década de 1960.

#### + O jardineiro fiel

Direção: Fernando Meirelles. Estados Unidos/Reino Unido, 2005, 129 minutos.

O filme discute questões ligadas às empresas farmacêuticas na África, deixando claro a devastadora situação do continente.

### Livros

Estes livros poderão elucidar e ampliar o assunto estudado.

#### + África: terra, sociedades e conflitos

Nelson Bacic Olic e Beatriz Canepa. São Paulo: Moderna, 2012.

O livro apresenta uma visão panorâmica do continente, destacando os problemas da África subsaariana, como os conflitos por minérios, as guerras civis e a Aids.

#### + Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos

André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz (Org.). São Paulo: Claro Enigma, 2012.

São discutidos importantes temas relacionados à cidadania e aos direitos civis e políticos no Brasil.

#### + História da América Latina

Maria Ligia Prado e Gabriela Pellegrino. São Paulo: Contexto, 2014.

Escrito por duas professoras que resgatam as principais características da história da América Latina.

#### + Imagens da África: da Antiguidade ao século XIX

Alberto da Costa e Silva (Org.). São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2012.

Mais de 80 textos sobre o continente africano e suas numerosas civilizações.

#### + Rosa Parks: não à discriminação racial

Nimrod. São Paulo: Edições SM, 2009.

Símbolo da luta feminista e antirracista nos Estados Unidos, esta biografia ficcionada de Rosa Parks relata a discriminação racial em determinado momento nos Estados Unidos. Ela inicia um movimento que mais tarde põe fim às leis que mantinham essas desigualdades.

### Sites

Os sites indicados a seguir constituem uma boa fonte de pesquisa.

#### + <[www.eclac.org/brasil](http://www.eclac.org/brasil)>

Site da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) com informações e estatísticas sobre a região.

#### + <[www.pnud.org.br](http://www.pnud.org.br)>

Site do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Brasil, no qual é possível encontrar informações sobre o IDH e Relatórios do Desenvolvimento Humano de vários anos, em português.

#### + <[www.socialwatch.org](http://www.socialwatch.org)>

Site da organização Social Watch, no qual encontram-se notícias, informações e estatísticas sobre a erradicação da pobreza e a igualdade de gênero. Apresenta alguns documentos em português.

# 3

## Atividades primárias na globalização

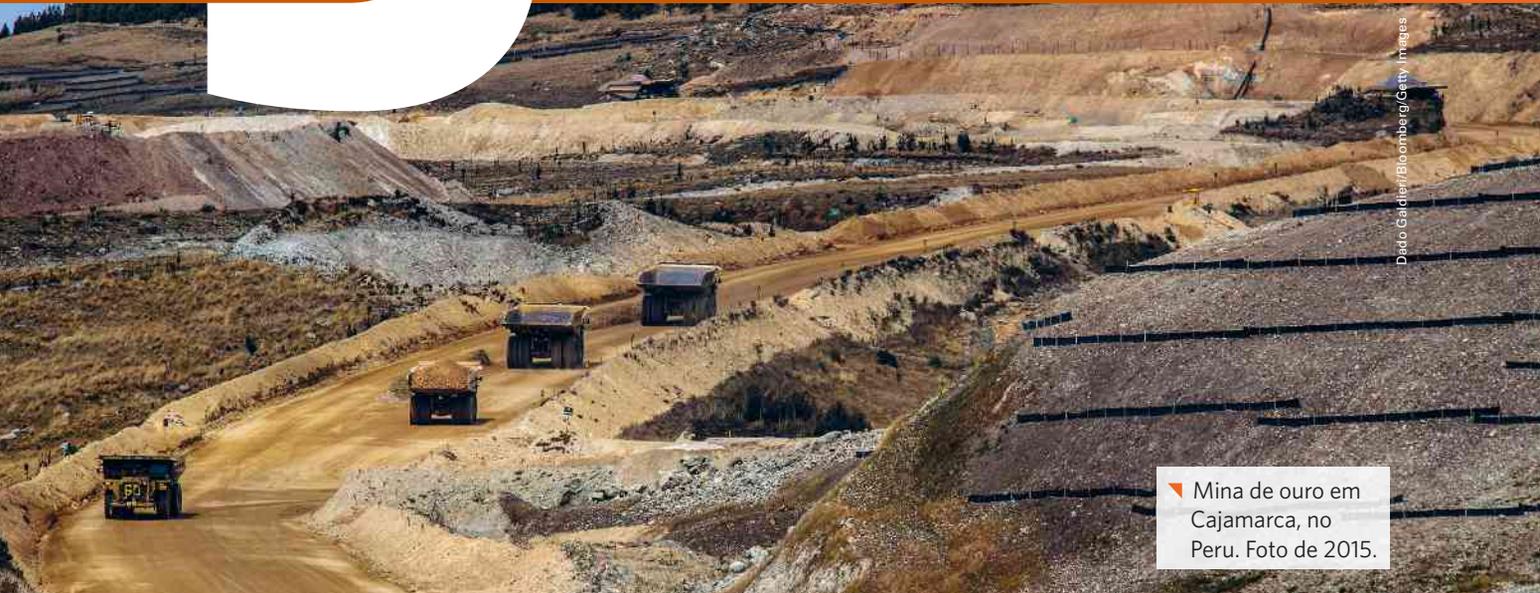


Foto: Getty Images/Bloomberg/Gadler

▼ Mina de ouro em Cajamarca, no Peru. Foto de 2015.



▼ Lavoura de soja em São Miguel Arcanjo (SP). Foto de 2015.

Foto: Arquivo do fotógrafo/Colombini



As atividades primárias são aquelas cuja produção é resultante da exploração de recursos da natureza. O papel dessas atividades é fundamental para a economia dos países. Entre elas, destacam-se a agropecuária e a extração mineral. A agropecuária fornece alimentos para a humanidade e matérias-primas para a indústria. Os minerais são importantes matérias-primas industriais. Ambas as atividades fornecem fontes de energia, que constituem o motor da vida moderna.

# A agropecuária: agrossistemas, produção e comércio internacional



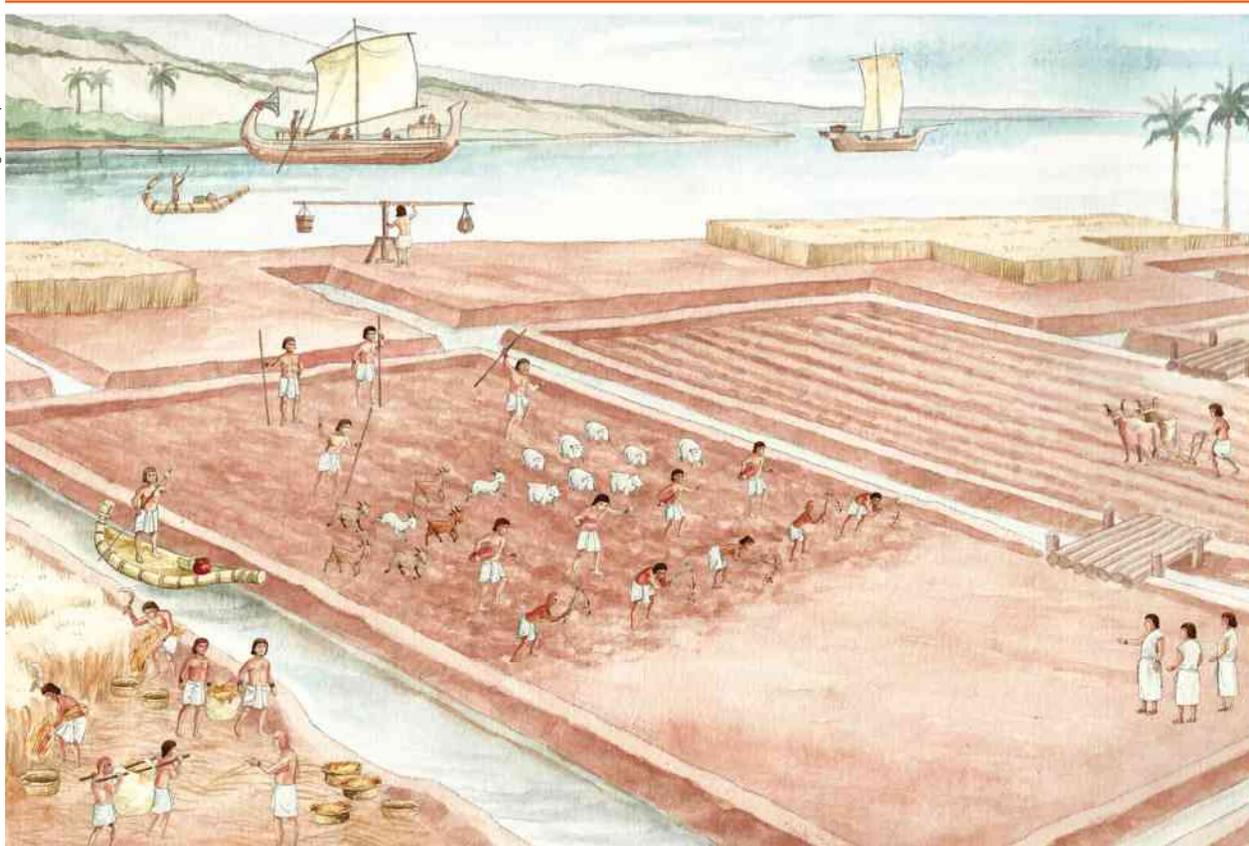
▼ Grãos de soja despejados por colheitadeira, em São Miguel do Oeste (SC). Foto de 2015.

## ■ A agropecuária: uma atividade muito antiga

Agropecuária é o termo que se usa para designar o conjunto de atividades características da zona rural: a agricultura e a pecuária ou criação de gado.

No mercado mundial, os produtos agropecuários são denominados *commodities* (do inglês *commodity*, que significa ‘mercadoria’). Eles movimentam muito dinheiro no mercado internacional e fazem parte da pauta de exportação e importação de muitos países, incluindo o Brasil.

A agropecuária é uma das mais antigas atividades humanas. Desde a Pré-História até os dias de hoje, essa atividade vem passando por profundas transformações: do estágio de caça e coleta, a humanidade chegou ao plantio no final do Período Neolítico (8000 a.C.-5000 a.C.). A partir desse período, a agricultura foi desenvolvida inicialmente nas margens dos rios Nilo (Egito), Ganges (Índia), Tigre e Eufrates (Mesopotâmia) e Yang Tsé-kiang (China). Finalmente, com a agricultura e as primeiras domesticações de animais, teve início a transformação do espaço natural em espaço geográfico.

Adaptada de: SALARIYA, David. *Como seria sua vida no antigo Egito?* São Paulo: Scipione, 2005. p. 26.

## ● A subordinação do campo à cidade

A Revolução Industrial, que começou no século XVIII, e a conseqüente revolução urbana, causada pela nova atividade econômica, foram as grandes responsáveis pelas transformações radicais ocorridas nas relações entre o campo e a cidade e que se acentuaram no século XX. Um dos principais acontecimentos que contribuíram para essas mudanças foi a saída de grandes massas de trabalhadores do campo em busca de melhores condições de vida nas cidades, o chamado *êxodo rural*, que acabou acelerando a urbanização da humanidade.

A inserção da agropecuária na economia industrial, que subordinou essa atividade à cidade, foi um aspecto fundamental dessas transformações. Nesse processo, o campo passou a ser o fornecedor de matérias-primas para a indústria e de alimentos para a população urbana. Ao mesmo tempo, tornou-se

grande consumidor de produtos industrializados, como máquinas agrícolas, pesticidas, vacinas e rações para animais.

As indústrias também deixaram de ser exclusividade das cidades. Elas passaram a ser instaladas também no campo, localizando-se, muitas vezes, em propriedades agrárias. São as chamadas *agroindústrias*, como as usinas de açúcar e de álcool combustível, o etanol.



▼ Caminhões carregados com cana-de-açúcar em usina, em Sertãozinho (SP). Foto de 2015.

O *agronegócio* ou *agrobusiness*, conjunto de operações comerciais e industriais que envolvem a produção agropecuária, passou a dominar grande parte dessas atividades. A produção em grande escala tem como principal objetivo a exportação de produtos agropecuários. E as *commodities* são negociadas em Bolsas de Mercadorias e Futuros

(BMF) situadas em grandes centros urbanos. A BMF mais importante e tradicional é a Bolsa de Chicago ou Chicago Board of Trade (Cbot), que determina cotações que servem de referência para os negócios com soja em grão, café, trigo, algodão, entre outros. As demais Bolsas acompanham seus negócios durante todo o dia.



Scott Olson/Getty Images

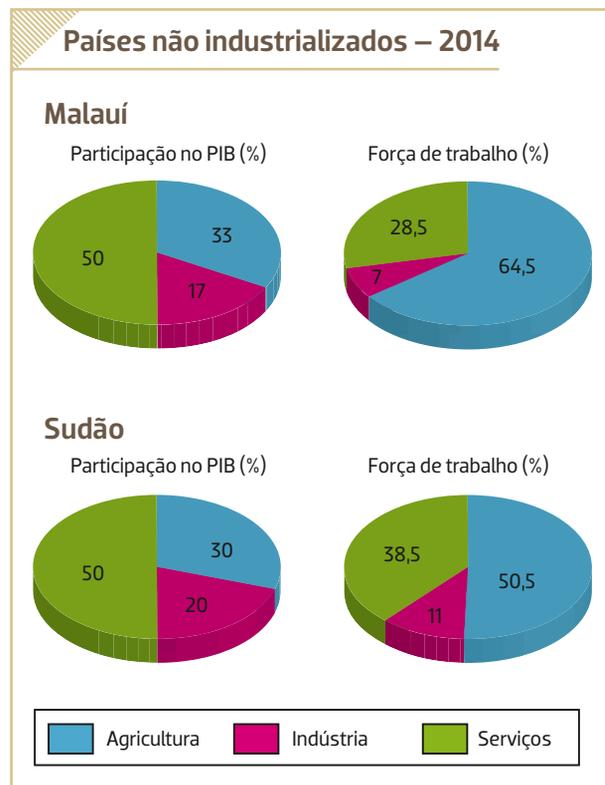
▼ Corretores em ação, na Bolsa de Chicago, nos Estados Unidos. Foto de 2015.

## Participação no PIB e na força de trabalho

Alguns países ainda vivem basicamente da agricultura, que representa uma porção importante do Produto Interno Bruto (PIB), e mantêm uma significativa população ativa no setor, embora, na sua grande maioria, esses países não façam uso de técnicas modernas. São, de modo geral, países não desenvolvidos e não industrializados. Veja alguns exemplos nos gráficos ao lado.

Em países de industrialização mais antiga, pode-se dizer que a agropecuária diminuiu sua participação no PIB, e a mecanização agrícola reduziu a mão de obra utilizada nesse setor. Entretanto, a produtividade e a variedade foram garantidas por técnicas modernas de cultivo e colheita, o que ainda faz a agropecuária ser um importante setor na economia desses países.

Gráficos elaborados com base em: THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2015*. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/table/2.3>>; <<http://wdiworldbank.org/table/4.2>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

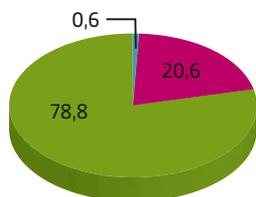


Arte Ação/Arquivo da editora

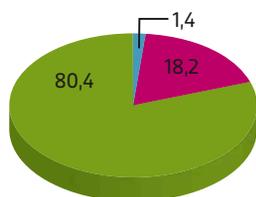
## Países industrializados – 2014

### Reino Unido

Participação no PIB (%)

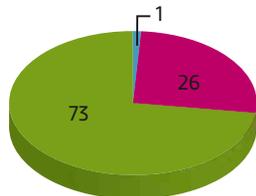


Força de trabalho (%)

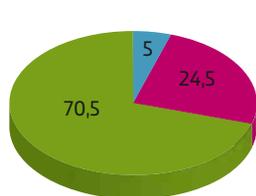


### Japão

Participação no PIB (%)



Força de trabalho (%)



Gráficos elaborados com base em: THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2015*. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/table/2.3>>; <<http://wdiworldbank.org/table/4.2>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

Nos países de **industrialização tardia**, a pseudomodernização do campo resultou em um êxodo rural que engrossou as estatísticas de desempregados e miseráveis nas cidades.

Existem dois casos bem peculiares: a China e a Índia são países de industrialização tardia, com grande número de pessoas que vivem na zona rural. As porcentagens dos gráficos acima são muito significativas, já que ambos são países com grandes populações e com expressiva participação da agricultura na composição do PIB, principalmente na Índia.

Mas o que distingue a agropecuária dos países industrializados é o acesso a modernas técnicas de cultivos, que procuram amenizar a dependência desse setor em relação aos fatores naturais, como o clima, o tempo meteorológico, os tipos de solo, o relevo e as condições de acesso à água.

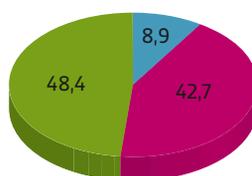
Em parte, o grau de dependência da agropecuária em relação a esses fatores está atrelado à disponibilidade de sofisticados métodos de cultivo. O progresso e a descoberta de técnicas modernas criou condições para que áreas inóspitas pudessem ser

**industrialização tardia:** processo de industrialização de alguns países, realizado depois da Segunda Guerra Mundial.

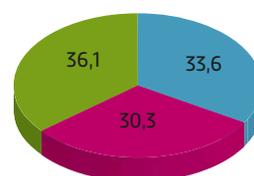
## Países de industrialização tardia – 2014

### China

Participação no PIB (%)

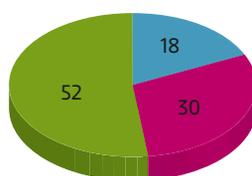


Força de trabalho (%)

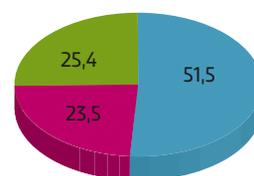


### Índia

Participação no PIB (%)



Força de trabalho (%)



Gráficos elaborados com base em: THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2015*. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/table/2.3>>; <<http://wdiworldbank.org/table/4.2>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

aproveitadas, como as regiões desérticas em Israel e na Califórnia (Estados Unidos), que apresentam excelentes resultados nesse setor. Entretanto, em muitos lugares do mundo, a agropecuária é praticada com poucos recursos e de forma tradicional, como veremos mais adiante.

## Agrossistemas ou sistemas agrários

Agrossistema ou sistema agrário é o tipo ou o modo de produção agropecuária que leva em consideração vários critérios para a organização do espaço agrário, embora todos eles estejam associados a três fatores básicos. Veja o quadro a seguir.

O capital	A terra	O trabalho
É o fator que define se o sistema agrícola é atrasado ou moderno, intensivo ou extensivo.	É o local de fixação das sementes e define o tamanho das propriedades.	Utiliza grande ou pequena quantidade de mão de obra, qualificada ou não qualificada, familiar ou contratada.

Os principais critérios utilizados para definir os agrossistemas são a densidade da produção no espaço, a **estrutura fundiária**, a finalidade da produção, as relações de trabalho e as técnicas utilizadas.

**Estrutura fundiária:** maneira como as propriedades agrárias são distribuídas.

A *agropecuária extensiva* se caracteriza pela pequena concentração de atividades nas propriedades e menor produtividade por hectare. A *agropecuária intensiva* aproveita ao máximo o espaço físico, com atividades concentradas e altos rendimentos por hectare. Embora não seja regra geral, o sistema intensivo utiliza mais frequentemente propriedades menores, e o sistema extensivo, propriedades maiores.

De acordo com o tamanho ou a estrutura fundiária, as propriedades podem ser classificadas em *latifúndios* (grandes propriedades), *médias propriedades* e *minifúndios* (pequenas propriedades). No Brasil, onde o problema da posse da terra é delicado, os latifúndios são considerados segundo dois critérios: o *latifúndio por extensão*, que leva em conta o tamanho das propriedades; e os *latifúndios por exploração*, que embora não sejam propriedades muito extensas são mantidas improdutivas para fins de especulação imobiliária.

Quando a produção agropecuária é destinada aos mercados interno ou externo e utiliza mão de

obra contratada (fixa ou temporária), recebe o nome de *agropecuária comercial* ou *patronal*. Se a produção é destinada ao mercado e quem trabalha na propriedade é o núcleo familiar, é denominada *agricultura familiar*. Caso a produção atenda apenas às necessidades de consumo do agricultor e de sua família, é chamada *agricultura de subsistência*.

Quanto às técnicas empregadas, os sistemas agrários podem ser classificados em *tradicionais* (itinerante, jardinagem e *plantation*), *modernos* (agricultura de precisão ou moderna) e de *técnicas alternativas* (agricultura orgânica e hidroponia).

### ● Agricultura itinerante

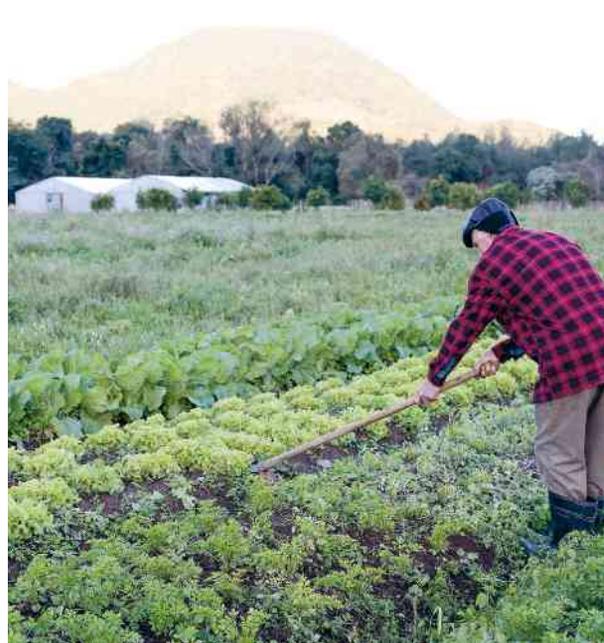
Esse tipo de agricultura é praticado geralmente em pequenas e médias propriedades (ou em parcelas de latifúndios), por famílias ou comunidades com poucos recursos e que não têm capital para melhorar sua produção. Conta com mão de obra familiar, às vezes numerosa e sem qualificação, e utiliza técnicas rudimentares, como o uso de enxadas e a realização de queimadas. Essas práticas, aliadas à falta de recursos, provoca muitas vezes o desgaste dos solos, obrigando a família a se mudar para novas áreas. O termo *itinerante* deriva dessas mudanças frequentes geradas pelo esgotamento do solo. Atualmente a agricultura itinerante é praticada principalmente em áreas da América Latina, da África e do Sul e Sudeste Asiático.

Maurício Simonetti/Pulsar Imagens



▼ Agricultores trabalhando com máquina em plantação, no município de Porto Nacional (TO). Foto de 2015.

Gerson Gerloff/Pulsar Imagens



▼ Agricultor trabalhando em plantação de hortaliças, no município de Santa Maria (RS). Foto de 2015.

## ● Agricultura de jardinagem

É praticada na Ásia, principalmente no Japão, na Indonésia e na Tailândia, onde o arroz é cultivado em planícies inundáveis e até em áreas montanhosas em que se constroem terraços. As principais características da jardinagem são a escassez de espaço para o plantio, a utilização de numerosa mão de obra manual, a pequena propriedade agrícola, a elevada produtividade, o uso de adubos e a irrigação. Embora a agricultura de jardinagem seja uma área policultora, nesse tipo de cultivo predominam os grandes arrozais. Entre os maiores produtores mundiais de arroz estão os países que praticam esse tipo de agricultura.



▼ Agricultura de jardinagem realizada em terraços no distrito rural de Mu Cang Chai, em Yen Bai, no Vietnã. Foto de 2015.

## ● Plantation

É o sistema agrícola típico dos países não desenvolvidos, utilizado amplamente durante a colonização europeia na África, na América e na Ásia. As características atuais da *plantation* são o latifúndio (grande extensão rural), a monocultura (cultivo de um só produto) e a mão de obra barata e não qualificada, tendo como objetivo a exportação. No Caribe continental, extensas áreas agrícolas de países pobres pertencem a grandes grupos transnacionais. A *plantation* ocupa áreas do Brasil, da Colômbia, da América Central continental e insular, da África e da Ásia.

## ● Agricultura moderna ou de precisão

É a agricultura típica de países desenvolvidos, como os Estados Unidos e os países da Europa ocidental. Também é praticada no Canadá, no Japão, na Austrália, na Nova Zelândia e em países emergentes, como a Rússia, o Brasil e a Argentina. Caracteriza-se pelo uso de sementes selecionadas, pequena mão de obra, uso intensivo de máquinas, técnicas modernas e caráter empresarial.

A agricultura dos Estados Unidos, a mais desenvolvida do mundo, organiza sua produção em grandes faixas ou cinturões agrícolas (*belts*) especializados no cultivo de determinados produtos (trigo, milho, algodão e produtos subtropicais), como veremos no Capítulo 13. Grandes propriedades, mão de

obra familiar e alta mecanização caracterizam os cinturões agrícolas norte-americanos.

O agronegócio ou *agrobusiness* é uma característica da agricultura moderna, que recebe investimentos intensivos de capitais e tecnologia. Compreende todas as operações de produção agrícola: o preparo da terra, a colheita, o armazenamento e a distribuição desses produtos e seus derivados.

*Agricultura de precisão*, que utiliza sistemas de sensoriamento remoto, *centro de pesquisas em biotecnologia* e *tecnologia da informação* são expressões muito usadas na agricultura moderna.

Com a agricultura de precisão é possível mapear a área plantada e determinar onde é preciso corrigir o solo. Essa técnica é realizada com o uso de sensores conectados a satélites e tratores equipados com GPS, sistema que envia e recebe sinais dos satélites, o que permite fazer um levantamento da situação da lavoura.

A existência de uma boa rede de telecomunicações é fundamental para a tecnologia da informação. Um polo de informática produz *softwares* para uso dos agricultores. Esses métodos modernos de processamento de produção, armazenamento e distribuição de produtos são essenciais para o *agrobusiness*.

**Biotecnologia:** refere-se ao conjunto de técnicas e conhecimentos que permite o uso de agentes biológicos para obter bens ou assegurar serviços.  
**Software:** o termo refere-se a qualquer programa de computador.

Todas essas técnicas modernas, no entanto, não resolvem alguns problemas crônicos da agropecuária de alguns países: a necessidade de reforma agrária, a erradicação da mão de obra escrava e a predominância de relações perversas de trabalho. Além disso, com a utilização da biotecnologia agrí-

cola, que pretende apenas aumentar a produtividade e os lucros dessa atividade, o acesso a essas técnicas vai aumentar ainda mais as diferenças entre os agricultores de países ricos e os de países pobres, já que as patentes técnicas encontram-se nas mãos de grandes transnacionais.

## Produtos transgênicos

A maior novidade da agricultura moderna são os centros de pesquisa de modificação genética e molecular de sementes para aumentar a produtividade e torná-las mais resistentes a pragas. É nesses centros que são criados os transgênicos.

Os transgênicos são organismos geneticamente modificados (OGM), porque possuem genes de outras espécies inseridos artificialmente em seu código genético.

A engenharia genética é a parte da biotecnologia responsável pelos organismos geneticamente modificados que tantas polêmicas e protestos têm causado.

As principais espécies transgênicas cultivadas são a soja, o milho, o algodão e a canola. E a área global do

cultivo de transgênicos em 2014 foi de 181,5 milhões de hectares, em 28 países. Destacam-se nesse setor cinco países: Estados Unidos, Brasil, Argentina, Índia e Canadá, como você pode observar na tabela abaixo.

### Área global de transgênicos – 2014

Países	Área (em milhões de ha)	Principais espécies modificadas
Estados Unidos	73,1	Milho, soja, beterraba de açúcar e canola
Brasil	42,2	Soja, milho e algodão
Argentina	24,3	Soja, milho e algodão
Índia	11,6	Algodão
Canadá	11,6	Soja e beterraba de açúcar

Elaborada com base em dados de: INTERNATIONAL SERVICE FOR THE ACQUISITION OF AGRI-BIOTECH APPLICATIONS (ISAAA). 2014 *Biotech Crop Report*. Disponível em: <[www.isaaa.org/resources/publications/briefs/49/infographic/pdf/B49-HighlightsInfographic-English.pdf](http://www.isaaa.org/resources/publications/briefs/49/infographic/pdf/B49-HighlightsInfographic-English.pdf)>. Acesso em: 8 fev. 2016.



Stephane Gautier/Alamy/Latinstock

▼ Exemplo do uso da tecnologia no campo: veículo equipado com GPS, computador e comandos inteligentes em Yvelines, na França. Foto de 2015.

## ● Agricultura orgânica e hidroponia

Se os transgênicos causam polêmica e são rejeitados, outro tipo de produto agrícola está em alta: os orgânicos. O cultivo desses produtos leva em conta os cuidados com o meio ambiente e com a saúde. Sua produção é mais cara e, portanto, destina-se a um grupo específico de consumidores.

O Programa Nacional Orgânico (NOP), organismo que controla esse tipo de produto nos Estados Unidos, só concede o selo “Certificado Orgânico” aos produtos que tiverem 95% de conteúdo orgânico.

Os produtos “naturais” diferem dos “orgânicos” porque, para serem classificados dessa forma, basta que eles não contenham aditivos. Isso significa que a carne de frango sem corantes ou conservantes é considerada “natural”, apesar de proceder de animais criados com hormônios e alimentados com grãos cultivados com fertilizantes químicos.

A *hidroponia* é uma técnica de agricultura sem o uso do solo. No modo mais comum de hidroponia, as raízes ficam imersas em uma solução de água com todos os nutrientes necessários para o crescimento das plantas. Pode ser praticada em escala doméstica ou comercial.

## ● Principais produtos agropecuários

A agricultura fornece tanto produtos essenciais à alimentação quanto matérias-primas para vários tipos de indústria. Além das facilidades tecnológicas de que um país dispõe, o clima, o tipo de solo e a água favorecem a produção agrícola.



▼ Colheita do trigo em Qingzhou, província de Shandong, na China. Foto de 2015.

Veja nas tabelas abaixo os principais produtos agrícolas do mundo e seus maiores produtores.

### Cana-de-açúcar: maiores produtores – 2013

Países	Produção (em milhões de toneladas)
Brasil	768 090 444
Índia	341 200 000
China	128 200 912

### Trigo: maiores produtores – 2013

Países	Produção (em milhões de toneladas)
China	121 926 400
Índia	93 510 000
Estados Unidos	57 966 656

### Arroz: maiores produtores – 2013

Países	Produção (em milhões de toneladas)
China	203 612 192
Índia	159 200 000
Indonésia	71 279 712

### Soja: maiores produtores – 2013

Países	Produção (em milhões de toneladas)
Estados Unidos	91 389 350
Brasil	81 724 477
Argentina	49 306 201

### Laranja: maiores produtores – 2013

Países	Produção (em milhões de toneladas)
Brasil	17 549 536
Estados Unidos	7 574 094
China	7 304 840

Tabelas elaboradas com base nos dados de: FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAOSTAT). *Food and Agriculture Data*. Disponível em: <[http://faostat3.fao.org/browse/rankings/countries\\_by\\_commodity/E](http://faostat3.fao.org/browse/rankings/countries_by_commodity/E)>. Acesso em: 10 fev. 2016.

Assim como a agricultura, a pecuária também fornece alimentos (leite, carne, ovos) e matérias-primas (lã e peles) para a indústria. Os principais rebanhos do mundo são constituídos de gado bovino, suíno e ovino.

A pecuária mundial se apresenta de diferentes formas, que refletem o nível tecnológico dos países, os tipos de clima a que eles estão sujeitos, os mercados consumidores, entre outros aspectos.

A pecuária moderna (utilização de tratores, aplicação de fertilizantes, confinamento de gado, acompanhamento de agrônomos e zootécnicos, realização de pesquisas, manipulação genética e uso da biotecnologia) predomina nos países desenvolvidos — nordeste dos Estados Unidos, Europa ocidental, Austrália, Nova Zelândia — e em algumas áreas de países de industrialização tardia, como o centro-sul do Brasil. Nessas áreas, cada vez mais as transnacionais incorporam a pecuária ao espaço das chamadas empresas agrícolas.

Em outras regiões do mundo, como a América Latina, a Ásia e a África, a pecuária não dispõe de todos esses avanços tecnológicos. O gado geralmente é criado solto nos pastos, sem maiores cuidados.

#### Bovinos: maiores criadores – 2013

Países	Cabeças
Brasil	189 000 000
Índia	211 764 292
China	113 644 709

#### Suínos: maiores criadores – 2013

Países	Cabeças
China	428 348 000
Estados Unidos	69 777 500
Brasil	36 743 593

#### Ovinos: maiores criadores – 2013

Países	Cabeças
China	175 000 240
Austrália	75 547 846
Índia	63 500 000

Tabelas elaboradas com base nos dados de: FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAOSTAT). *Food and Agriculture Data*. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/browse/Q/QA/S>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

## O comércio mundial dos produtos agrícolas

É no comércio dos produtos agrícolas no exterior que os países desenvolvidos levam vantagem sobre os países emergentes e os não desenvolvidos.

A competição não envolve apenas a capacidade técnica e científica. Os mais ricos, reunidos em blocos econômicos, têm como grande arma o protecionismo de seus setores agrícolas (subsídios, dificuldades para as importações e facilidades para as exportações) e, assim, aumentam seu poder de competição no mercado internacional. A política desses países sempre privilegiou a agricultura, enquanto no interior dos blocos econômicos o discurso é o da “livre circulação de mercadorias”. Essa política aumenta mais ainda a desigualdade econômica entre os países do Norte e do Sul. Sem falar nos preços mais baixos, no mercado mundial, das principais *commodities* (geralmente produzidas em países não desenvolvidos).

Na União Europeia, essa prática é chamada de *Política Agrícola Comum (PAC)* e tem como objetivos dar preferência de compra aos produtos europeus, fixar uma tarifa comum para as exportações destinadas a países fora do bloco, adotar a unificação do mercado agrícola europeu e estabelecer um preço único por produtor.

Nos Estados Unidos, a *Lei Agrícola (Farm Bill)*, de 2002, apoia os produtos rurais para sustentar a renda da agropecuária. Os países não desenvolvidos (da Ásia, América Latina e África) não têm como enfrentar esse protecionismo ou imitá-lo com os mesmos subsídios, por falta de recursos. Por isso, é preciso que os órgãos que regulamentam o comércio internacional tentem reverter urgentemente essa situação para dar oportunidades iguais a todos no mercado externo.



▼ Sede da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Genebra, na Suíça, em 2014. Criada em 1º de janeiro de 1995, a OMC tem como principais objetivos mediar e resolver conflitos comerciais entre os países-membros.

### O G-20 comercial e a Rodada Doha

Em 2001, representantes da Organização Mundial do Comércio (OMC) decidiram, em reunião realizada na cidade de Doha (Catar), lançar uma nova rodada de negociações para a liberalização do comércio mundial. Em pauta estava o fim dos **subsídios** agrícolas praticados pelos países desenvolvidos, pois os países emergentes e menos desenvolvidos, que são os maiores fornecedores de produtos agropecuários, se sentem prejudicados porque não podem competir em igualdade de condições com os agricultores subsidiados.

**Subsídio:** apoio financeiro concedido a alguma atividade para estimular seu desempenho.

A nova rodada de negociações, chamada “Agenda de Doha” para o Desenvolvimento, também conhecida como Rodada Doha, tinha previsão para terminar em 2006. Várias reuniões se sucederam à Conferência de Doha: Cancun, no México (2003); Genebra, na Suíça (2004); Paris, na França (2005); Hong Kong, na China (2005); Potsdam, na Alemanha (2007); e Bali, na Indonésia (2013). Porém, desa-

cordos sobre questões no setor agrícola levaram a um impasse: de um lado, países ricos, que querem maior acesso aos mercados de bens e serviços dos países em desenvolvimento; de outro, estes últimos, que em troca querem mais espaço para seus produtos agrícolas nos mercados dos países ricos. Com poucas resoluções, o prazo da Rodada Doha terminou, e o diretor-geral da OMC [até agosto de 2013], Pascal Lamy, suspendeu as negociações devido ao impasse que encerrou um encontro entre os representantes dos principais países envolvidos na rodada — Brasil, Austrália, União Europeia (UE), Índia, Japão e Estados Unidos. A OMC tenta há mais de 15 anos concluir as negociações para liberalizar o comércio internacional. Até 2016, no entanto, não houve resultados em razão da divergência nas posições de países desenvolvidos e não desenvolvidos.

#### + Depois de ler o texto, faça o que se pede.

- Os países emergentes e os países não desenvolvidos, apesar de serem grandes produtores e exportadores de alimentos, ainda são dependentes dos mercados das nações desenvolvidas. Explique o motivo dessa histórica dependência.

## Refletindo sobre o conteúdo

- Acompanhe o relato de dois especialistas sobre temas agrícolas mundiais.

*O caso mais extremo de desigualdade na repartição da terra é aquele do **latiminfundismo**, uma estrutura social agrária muito difundida nos campos da América Latina. Nessa região, imensas propriedades agrícolas com vários milhares, ou até mesmo dezenas de milhares, de hectares — frequentemente subexplorados — monopolizam a maioria das terras agrícolas, enquanto o campesinato pobre se encontra confinado nos minifúndios que, de tão pequenos, não produzem nem o suficiente para cobrir as necessidades alimentares mínimas de suas famílias.*

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*.

Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário; São Paulo: Ed. da Unesp, 2010. p. 515.

- O que é latiminfundismo?
- Por que a situação citada no texto pode ser encarada como “O caso mais extremo de desigualdade na repartição da terra” na América Latina?

- Leia a seguir um texto sobre a questão agrária.

*[...] a nova geopolítica ligada ao comércio e ao acesso privilegiado a recursos produtivos essenciais evidencia a intensificação da espoliação praticada por velhos e novos atores: grandes corporações multinacionais, novas “corporações imperiais” fruto de fusões ao mais alto nível, governos como o chinês entrando no controle das reservas de vários produtos-chave, governos e corporações comprando terras em outros países para a produção de alimentos, empresas nacionais disputando seu quinhão dos recursos e das terras do próprio país.*

MONTENEGRO, Jorge. In: SAQUET, Marcos Aurélio e SANTOS, Roseli Alves dos (Org.). *Geografia agrária, território e desenvolvimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 14.

- Dê exemplos de um recurso essencial e de uma corporação transnacional que atue no setor agrícola.
- Relacione o texto ao que foi discutido até aqui sobre o capitalismo.

# Os recursos minerais e as fontes de energia



Mario Friedlander/Pulsar Imagens

▼ Vista aérea de garimpo de ouro no município de Poconé (MT), em 2015.

## Recursos minerais

As rochas que compõem a crosta terrestre são formadas por minerais. Os minerais, por sua vez, são constituídos por elementos químicos.

Quando os minerais são compostos de elementos químicos que têm valor econômico, são chamados *minérios*. E os minérios que possuem metal em sua composição são chamados *minérios metálicos*, como os minérios de ferro, alumínio, manganês, entre outros. Os minérios que não possuem metal são chamados *minérios não metálicos*, como o calcário e o sal de cozinha.

Dizemos que os minérios possuem valor econômico quando são utilizados em atividades econômicas, têm valor de mercado e são de fácil extração.

Os minerais são importantes matérias-primas usadas principalmente pela indústria siderúrgica, indústria da construção ou metalurgia em geral. Também são empregados na área de saúde, nos tratamentos de câncer e de reposição de sais minerais.

Os recursos minerais, assim como os produtos agrícolas, são chamados *commodities* no mercado mundial, sendo a London Metal Exchange (LME), no Reino Unido, o principal centro de negócios de minerais.

Por causa das diferenças de estrutura geológica que existem na crosta terrestre, esses recursos estão desigualmente distribuídos pelo mundo. Os minérios são encontrados em escudos cristalinos ou crátons, que são as formações mais antigas da crosta terrestre, datadas do **Pré-Cambriano**. Os escudos mais antigos, do **Éon Arqueano**, são ricos em minérios não metálicos, como a ardósia. Nos terrenos do **Éon Proterozoico**, são encontrados minérios metálicos, como o ferro, o manganês, o ouro, a prata, entre outros. Os principais escudos cristalinos são o canadense, o guianense, o brasileiro, o australiano ocidental, o africano, o báltico (Escandinávia), o do Decã (Índia) e os de Angara e Kolima (Rússia).

Por esse motivo, nem sempre os países industrializados, que são os maiores consumidores de minérios, dispõem dessas riquezas em seus territórios. É o caso do Japão e dos Novos Países Industrializados da Ásia (Tigres Asiáticos), como Cingapura, Hong Kong e Taiwan.

Os recursos minerais, na maioria das vezes, são encontrados em países não desenvolvidos, onde a mão de obra barata torna os custos da exploração de minérios mais baixos. Os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália e os países emergentes, como a China, o Brasil e a Rússia, e também o continente africano, foram favorecidos pela natureza nesse aspecto. Veja o mapa a seguir.

**Pré-Cambriano:** divisão temporal que se estende desde a formação da Terra até o início da era Paleozoica (mais ou menos 570 milhões de anos). Recebe esse nome porque ocorreu antes da primeira divisão da era Paleozoica, denominada Cambriano.

**Éon:** mais longa subdivisão na escala do tempo geológico.

**Arqueano:** Éon do Pré-Cambriano, que se estende de 3,85 bilhões de anos até 2,5 bilhões de anos atrás.

**Proterozoico:** Éon mais recente do Pré-Cambriano e se estende de 2,5 bilhões de anos a 570 bilhões de anos atrás.

A extração e o beneficiamento de produtos minerais são atividades que demandam grandes investimentos. Por esse motivo, muitos países criam empresas estatais para esse tipo de atividade. Existem também empresas transnacionais que operam nesse setor. A Vale (antiga Companhia Vale do Rio Doce), empresa da qual o Brasil detém a maior parte do capital, é um exemplo dessas companhias.

Nos últimos anos, muitas dessas empresas se uniram – como a anglo-suíça Xstrata e a suíça Glenore, atuante também no setor de alimentos, que realizaram uma grande fusão em 2012. Por esse motivo há uma grande concentração no setor. Os principais países que atuam na exploração mineral são o Reino Unido, a Austrália, o Brasil, o Canadá, os Estados Unidos, a China, a África do Sul e a Índia.

Veja, na tabela na página seguinte, as cinco principais empresas mineradoras em faturamento no ano de 2015.



Adaptado de: ATLANTE geográfico De Agostini 2015. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2015. p. 74.

## Maiores companhias mineradoras, por faturamento – 2015

Empresas (países)	Faturamento (em bilhões de US\$)
Glenore Xstrata (Reino Unido e Suíça)	209,2
BPH — Billinton (Reino Unido e Austrália)	69,4
Rio Tinto (Reino Unido e Austrália)	45,6
China Sheshua Energy (China)	40
Vale (Brasil)	33,2

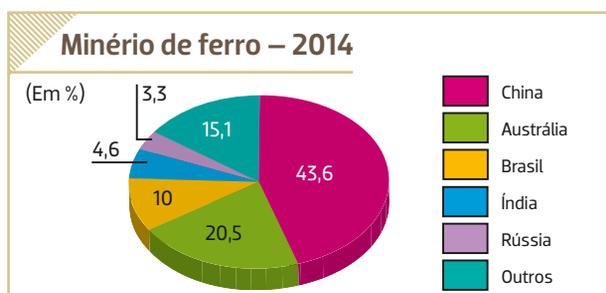
Fonte: STATISTA. 2015 ranking of the global top mining companies based on revenue (in billion U.S. dollars). Disponível em: <[www.statista.com/statistics/272707/ranking-of-top-10-mining-companies-based-on-revenue/](http://www.statista.com/statistics/272707/ranking-of-top-10-mining-companies-based-on-revenue/)>. Acesso em: 10 fev. 2016.

Essas empresas precisam obter a **concessão** dos governos dos países onde vão atuar. No Brasil, por exemplo, nenhum tipo de exploração pode ser feita sem a aprovação do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Como geralmente essas concessões levam muitos anos para ser obtidas, as empresas procuram investir em países com estabilidade política e econômica. Além disso, buscam incentivos fiscais, boa infraestrutura de transportes, facilidades para importar máquinas, etc.

**Concessão:** transferência à iniciativa privada da administração de um serviço prestado tradicionalmente pelo Estado.

## Principais recursos minerais

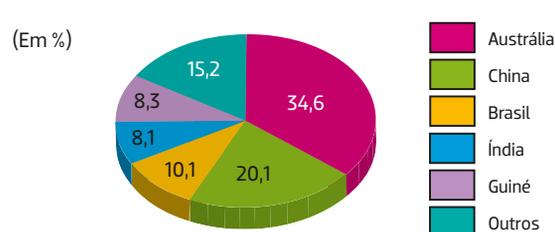
De acordo com o volume extraído, o mais importante minério é o ferro, que alimenta a indústria siderúrgica. Outros minerais metálicos explorados são: a bauxita (alumínio), o manganês, o cobre, o chumbo, a cassiterita, o nióbio, o ouro e o zinco. Veja, nos gráficos a seguir, os principais produtores de alguns desses minerais.



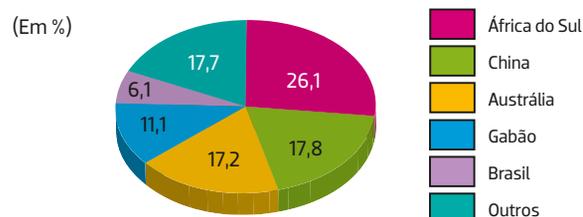
Elaborado com percentuais obtidos de: U.S. GEOLOGICAL SURVEY. *Mineral Commodities Summary, 2015*, p. 85. Disponível em: <<http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/mcs/2015/mcs2015.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

Os números apresentados no documento são arredondados, e, como os percentuais são calculados a partir deles, o total da produção não fecha 100%.

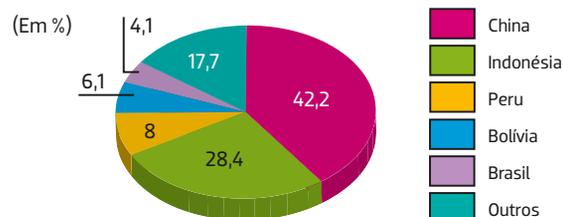
### Bauxita (minério de alumínio) – 2014



### Manganês – 2014



### Cassiterita (minério de estanho) – 2014



Gráficos elaborados com percentuais obtidos de: U.S. GEOLOGICAL SURVEY. *Mineral Commodities Summary, 2015*, p. 104. Disponível em: <<http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/mcs/2015/mcs2015.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

Os números apresentados no documento são arredondados, e, como os percentuais são calculados a partir deles, o total da produção não fecha 100%.

## Fontes de energia

Você já tentou imaginar o que a redução do consumo de energia pode significar para a economia de um país?

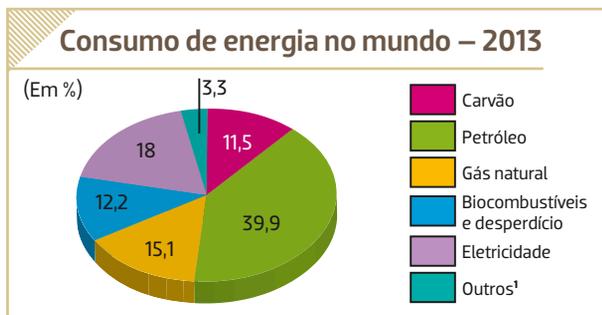
Os transtornos que isso causaria em sua casa são muito pequenos perto da sensação de catástrofe que pode rondar a economia de um país ameaçado pelo corte de energia. O prejuízo para a indústria, para o comércio e para todos os setores da economia seria enorme, sem falar nos transtornos que ocasionariam nos aeroportos, no trânsito das metrópoles, nos hospitais e nas escolas. Isso demonstra nossa total dependência da eletricidade e do uso das fontes de energia em geral.

Desde que o ser humano passou a usar outros tipos de energia, que não a dos animais e da força humana, os combustíveis fósseis e outras fontes mais modernas tornaram-se imprescindíveis e hoje são responsáveis pelo progresso da economia e pelo bem-estar da humanidade. Por essa razão, países favorecidos pela natureza com esses recursos passaram a ser privilegiados na economia industrial e pós-industrial.

## Classificação das fontes de energia

Energia é a capacidade de realizar trabalho. As fontes de energia naturais, também chamadas fontes de energia primária, são classificadas em dois tipos:

- *Fontes de energia renováveis* são as que não se esgotam, como a energia solar, dos vegetais (biomassa), da correnteza dos rios (hidráulica), dos ventos (eólica), do calor interno do planeta Terra (geotérmica), entre outras. As fontes de energia renováveis são consideradas também fontes alternativas porque diminuem a dependência de fontes não renováveis, como o petróleo.
- *Fontes de energia não renováveis* são as que vão se esgotar e não serão repostas, como o petróleo, o gás natural, o urânio, o carvão mineral, entre outras. O petróleo é a fonte de energia mais consumida no mundo. Observe o gráfico abaixo.



Adaptado de: INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. *Key World Energy Statistics 2015*. Disponível em: <[www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorld\\_Statistics\\_2015.pdf](http://www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorld_Statistics_2015.pdf)>. p. 28. Acesso em: 10 fev. 2016.  
<sup>1</sup>Inclui energia solar, geotérmica, eólica e outras.

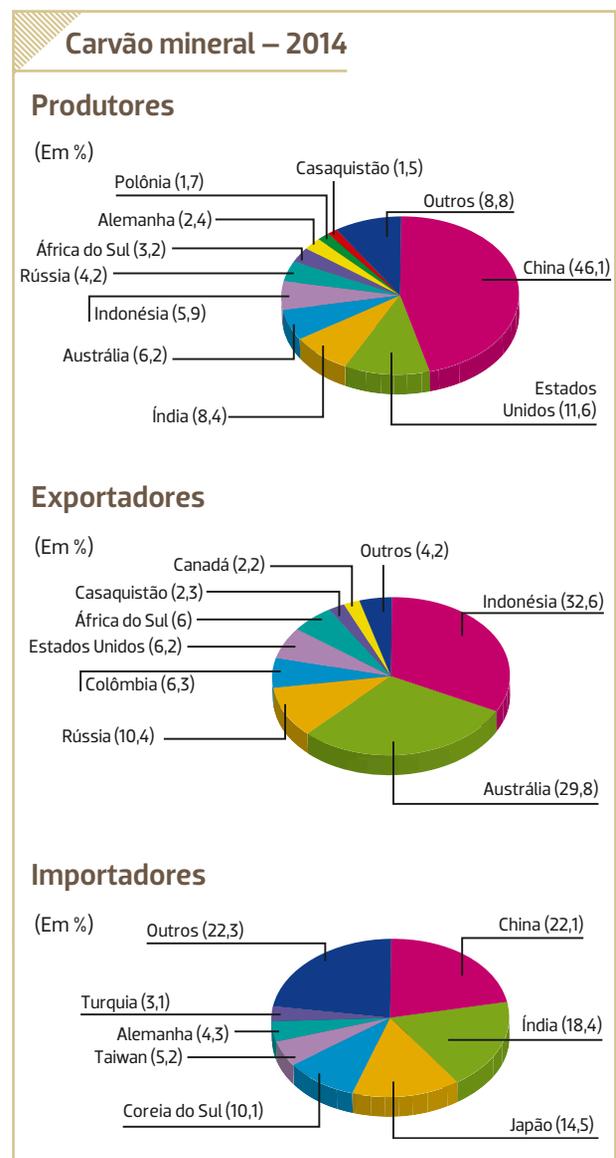
## Carvão mineral

O carvão mineral foi a principal fonte de energia utilizada na Revolução Industrial e durante os séculos XVIII e XIX. A partir de 1870, começaram a ser usadas novas formas de energia, como o petróleo e a eletricidade. A indústria automobilística consolidou a supremacia do petróleo no século XX.

Atualmente, a segunda fonte de energia mais empregada no mundo é o carvão mineral, que possui três utilizações importantes:

- Como matéria-prima na produção de aço nas usinas siderúrgicas – carvão siderúrgico.
- Na geração de energia elétrica a partir do aquecimento das caldeiras em usinas termelétricas – carvão energético.
- Como matéria-prima do setor carboquímico na produção de inseticidas, tintas, corantes, entre outros.

Mais de 80% das jazidas de carvão mineral estão no hemisfério norte. Veja, nos gráficos a seguir, os maiores produtores, exportadores e importadores de carvão mineral.



Gráficos elaborados com percentuais calculados com base em: INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. *Key World Energy Statistics 2015*. Disponível em: <[www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorld\\_Statistics\\_2015.pdf](http://www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorld_Statistics_2015.pdf)>. p. 15. Acesso em: 10 fev. 2016.

## ● A formação do carvão

O carvão mineral é formado em terrenos sedimentares da decomposição de restos de vegetais que ocorre ao longo de milhões de anos.

O período geológico em que os depósitos de carvão da Terra começaram a se formar foi denominado Carbonífero (**Era Paleozoica**).

São necessárias três condições para que o carvão se forme. São elas:

- Vegetação continental, que permita o acúmulo de substâncias vegetais.
- Cobertura imediata da massa vegetal pela água, para que não haja decomposição total.
- Sepultamento, contínuo e prolongado, por sedimentos.

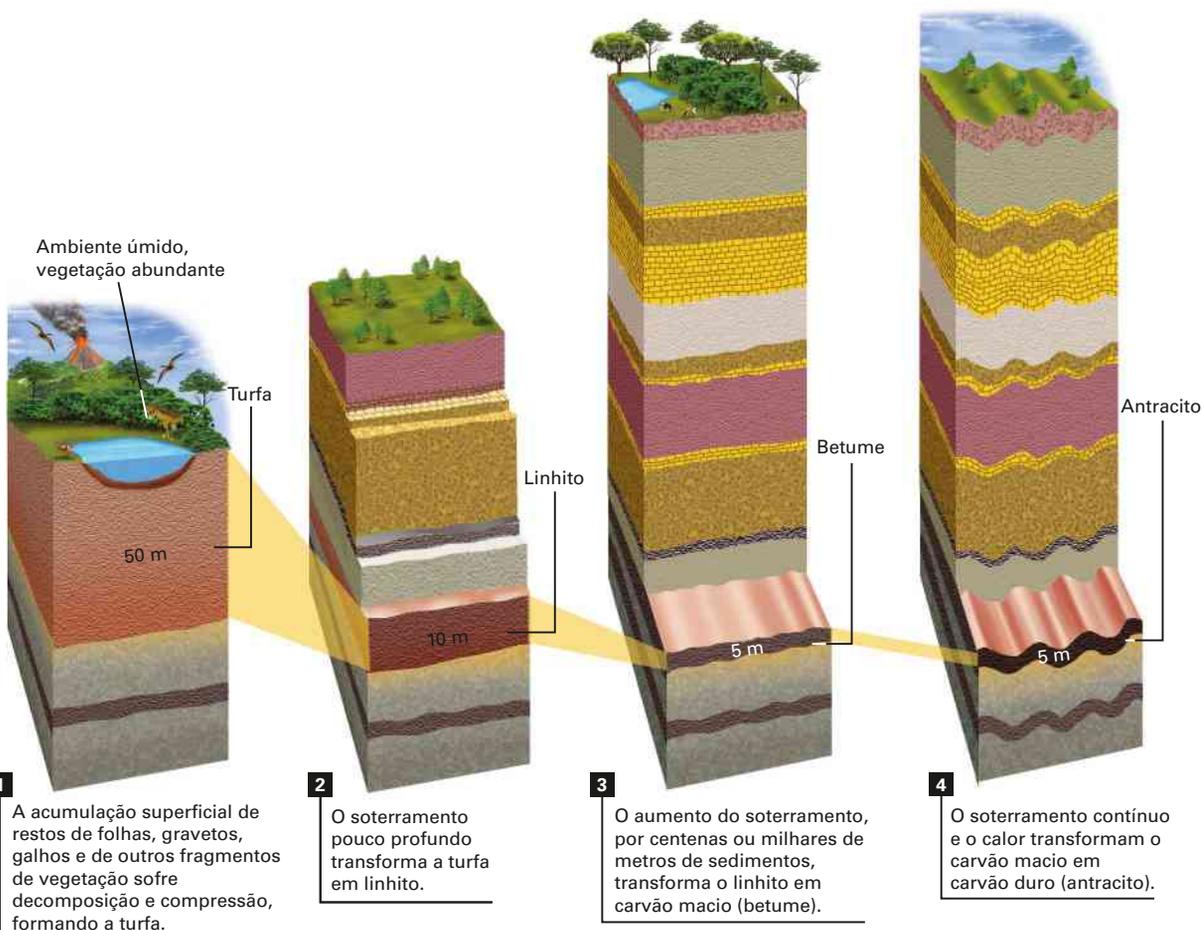
**Era Paleozoica:** situada entre as eras Pré-Cambriana e Mesozoica, ocorreu entre 540 milhões e 245 milhões de anos.

De acordo com o tempo decorrido para a sua formação, o carvão apresenta maior ou menor teor de carbono e maior ou menor poder calorífero.

Quanto mais antigo for o carvão, maior será o seu teor de carbono e poder calorífero. Veja:

- **Turfa.** É o primeiro estágio da formação do carvão. É leve, com alto teor de umidade e pouco poder calorífero.
- **Linheiro.** Menos antigo que a hulha, queima-se com facilidade e possui uma cor que vai do castanho ao preto.
- **Hulha.** O mais consumido. Contém betume e cerca de 60% a 80% de carbono.
- **Betume.** É uma substância mineral rica em carbono e hidrogênio, com grande poder de combustão.
- **Antracito.** É o mais antigo e mais raro. Possui 95% ou mais de teor de carbono.

### Processo de formação do carvão



Luís Moura/Arquivo da editora

Adaptado de: PRESS, Frank et al. *Para entender a Terra*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. p. 558.

## Petróleo

É a fonte de energia mais utilizada no mundo. A Segunda Revolução Industrial (século XIX) marca o início de seu crescente consumo. Sem a sua utilização, seria praticamente impossível sobreviver em uma sociedade industrial, que depende dos produtos fabricados com o petróleo e seus derivados, como a gasolina, o plástico, a tinta, o adubo, o asfalto, a **borracha sintética**, o óleo, a roupa, o sapato, a resina, entre outros exemplos. Os setores que mais consomem petróleo são o de transporte e a indústria.

**Borracha sintética:** obtida pela transformação química de hidrocarbonetos.

As maiores reservas e a maior produção mundial de petróleo, assim como o carvão mineral, estão localizadas no hemisfério norte.

Veja, nos gráficos ao lado, os maiores produtores, exportadores e importadores de petróleo.

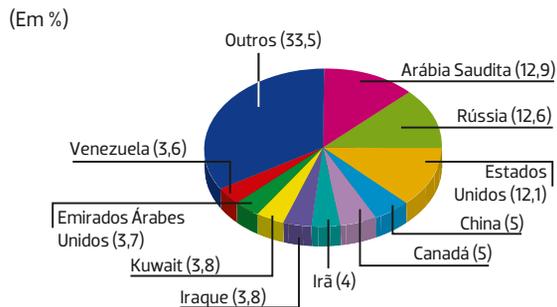
O Oriente Médio e a Venezuela possuem as maiores reservas de petróleo que se conhece. Seis dos atuais países que compõem a principal organização petrolífera mundial – a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) – estão localizados no Oriente Médio.

Criada na década de 1960 pela Venezuela, com sede em Viena, na Áustria, a Opep centraliza a produção, a oferta e os preços do petróleo. Alguns dos países-membros da Opep estão entre os maiores produtores e exportadores do mundo: Arábia Saudita, Argélia, Catar, Emirados Árabes Unidos, Irã, Iraque, Kuwait, Líbia, Nigéria, Venezuela, Angola e Equador.

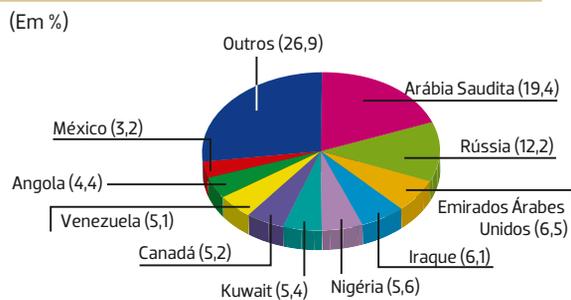


▼ Reunião da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), em Viena, na Áustria, em 2015.

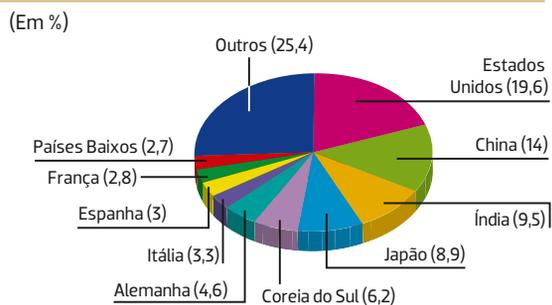
### Petróleo: maiores produtores – 2014



### Petróleo: maiores exportadores – 2013



### Petróleo: maiores importadores – 2013

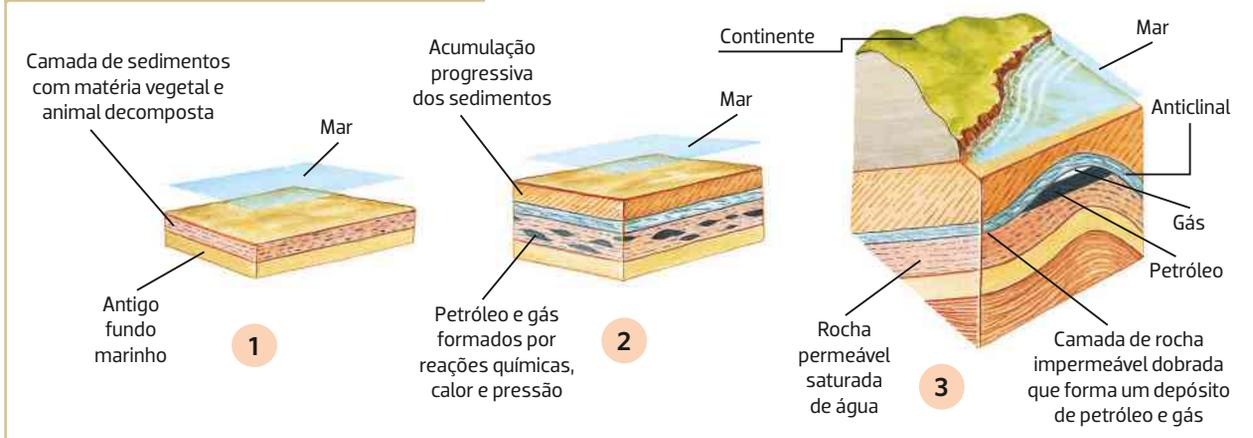


Gráficos elaborados com percentuais calculados com base em: INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. *Key World Energy Statistics 2015*. Disponível em: <[www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorld\\_Statistics\\_2015.pdf](http://www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorld_Statistics_2015.pdf)>. p. 11. Acesso em: 10 fev. 2016.

## A formação do petróleo

O petróleo é uma substância com aspecto característico e cuja cor varia do preto ao marrom-escuro. Apesar das muitas e diferentes teorias sobre a origem do petróleo (entre elas a da formação estritamente mineral), hoje acredita-se que ele tenha se originado da decomposição de seres que vivem suspensos nas camadas superficiais de águas doces ou salgadas (protozoários, celenterados e outros). É a teoria da origem orgânica, portanto, que prevalece.

## Estágios da formação do petróleo



Adaptado de: LEINZ, Viktor; AMARAL, Sérgio E. do. *Geologia geral*. São Paulo: Nacional, 1998. p. 222.

A ação de bactérias e a pouca oxigenação teriam formado, no fundo dos mares, uma mistura de lama e areia. Com os movimentos da crosta terrestre, essa mistura seria transformada em petróleo ou gás natural. A rocha em que o petróleo é formado chama-se rocha matriz. Desse “berço”, o petróleo migra para terrenos onde possa se alojar: rochas porosas, como o arenito ou o calcário. Esses locais são as bacias sedimentares, onde se encontram as jazidas petrolíferas. Nas partes mais altas, fica o gás natural e, nas mais profundas, o petróleo.

## Gás natural

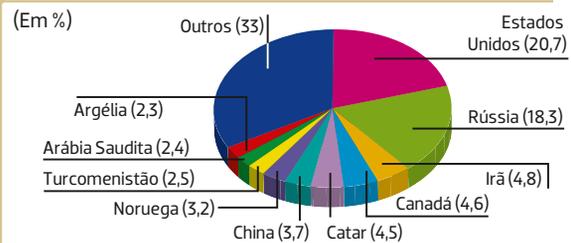
É a terceira principal fonte de energia utilizada no mundo e a que apresenta o maior crescimento de consumo. Os setores termelétricos domésticos (fogões e chuveiros) são os que mais utilizam o gás natural.

O gás natural é um combustível fóssil que se encontra em estruturas geológicas sedimentares e está associado ao petróleo. Portanto, é uma fonte de energia esgotável.

Assim como ocorre com o petróleo e o carvão mineral, as principais reservas e os maiores produtores de gás natural estão localizados no hemisfério norte. Veja, no gráfico ao lado (mais acima), os principais produtores de gás natural.

Esse combustível pode ser utilizado em residências (cozinha e aquecimento de água), na indústria (fornecimento de calor, geração de energia, matéria-prima nos setores químico, petroquímico, de fertilizantes e redutor siderúrgico), nos transportes (ônibus, automóveis, substituindo o álcool e a gasolina) e em usinas termelétricas, como a usina de Araucária, no Paraná.

## Gás natural: maiores produtores – 2014



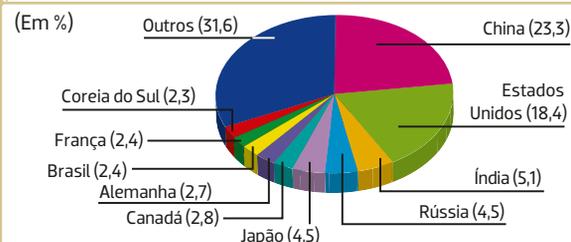
Elaborado com percentuais calculados com base em: INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. *Key World Energy Statistics 2015*. Disponível em: <[www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorld\\_Statistics\\_2015.pdf](http://www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorld_Statistics_2015.pdf)>. p. 13. Acesso em: 10 fev. 2016.

## Energia elétrica

A eletricidade pode ser obtida pela força da água (hidráulica), pelo vapor da queima de combustíveis fósseis (termelétricas) e pelo calor produzido pela fissão do urânio no núcleo do reator.

Existem, portanto, três tipos de usinas que geram eletricidade: as usinas hidrelétricas, as termelétricas e as termonucleares ou atômicas. Veja, no gráfico abaixo, os principais países geradores de energia elétrica.

## Energia elétrica: maiores produtores – 2014



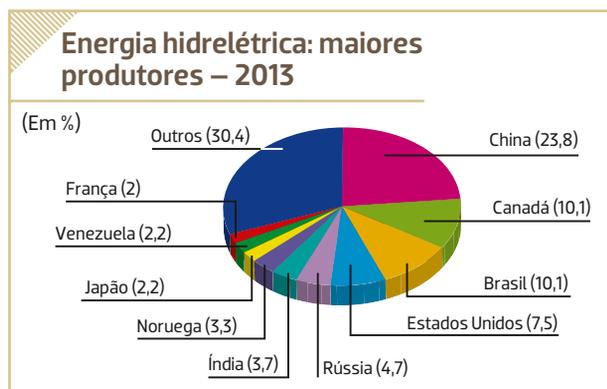
Elaborado com percentuais calculados com base em: INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. *Key World Energy Statistics 2015*. Disponível em: <[www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorld\\_Statistics\\_2015.pdf](http://www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorld_Statistics_2015.pdf)>. p. 27. Acesso em: 10 fev. 2016.

## Usinas hidrelétricas

A força da água é a fonte de energia de uma usina hidrelétrica. Embora a água seja renovável, o excesso de consumo desse recurso pode levar à escassez.

A energia liberada pela correnteza de um rio movimenta as turbinas que vão gerar energia elétrica. Para isso, é preciso que o rio percorra um terreno acidentado, com desníveis que permitam construir barragens para a instalação de uma usina. Esse processo demanda a aplicação de grandes investimentos, mas, em compensação, produz uma das energias mais baratas entre as que utilizamos.

A produção desse tipo de energia não é poluente, mas a construção de usinas pode causar profundos impactos ambientais na região. Veja, no gráfico a seguir, os maiores produtores de energia hidrelétrica.



Elaborado com percentuais calculados com base em: INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. *Key World Energy Statistics 2015*. Disponível em: <[www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorldStatistics\\_2015.pdf](http://www.iea.org/publications/freepublications/publication/KeyWorldStatistics_2015.pdf)>. p. 13. Acesso em: 10 fev. 2016.

## Usinas termelétricas

Se na usina hidrelétrica a força das águas dos rios movimenta as turbinas, na termelétrica essa força será realizada pelo vapor de água produzido por uma caldeira, que é aquecida pela queima do carvão, do petróleo e do gás natural.

Essa fonte de energia é bastante poluidora, porque contribui com grande parte da emissão de CO<sub>2</sub> na atmosfera, a principal causa do aquecimento global. Além disso, esse tipo de usina depende de combustíveis fósseis. Uma das vantagens das usinas termelétricas é a possibilidade de serem construídas próximas aos centros consumidores.

Conforme o *Key World Energy Statistics 2015*, relatório elaborado pela Internacional Energy Agency, em 2013 a China e os Estados Unidos eram os maiores geradores de energia termelétrica produzida com carvão; o Japão e a Arábia Saudita, com petróleo; os Estados Unidos e a Rússia, com gás natural; e os maiores produtores de energia termelétrica com energia nuclear eram os Estados Unidos e a França.

## Usinas nucleares

Apesar de poderem ficar próximas dos centros consumidores, as usinas nucleares representam grande perigo para a população em razão do risco de vazamento nuclear. Os acidentes mais sérios ocorreram em 1979, em Three Miles Island (Estados Unidos), e em 1986, na cidade de Chernobyl, na Ucrânia (então parte da União Soviética).

▼ Vista da usina hidrelétrica de Três Gargantas, na China, a maior do mundo em tamanho e produção de energia. Foto de 2014.



Outro grave acidente ocorreu, em 2011, na usina nuclear na cidade de Fukushima, situada a cerca de 250 quilômetros ao norte de Tóquio, no Japão. O acidente foi uma das terríveis consequências do terremoto e do *tsunami* que atingiram esse país situado no limite de placas tectônicas.

Além dos riscos de vazamento, outro problema grave é o destino do lixo atômico, uma séria ameaça ao meio ambiente. Esses resíduos geram radiações prejudiciais, que ainda não podem ser interrompidas de nenhuma forma. Na usina nuclear, o vapor de água, proveniente do aquecimento provocado pela fissão de átomos de urânio no reator, é o que movimenta a turbina.

The Asahi Shimbun/Getty Images

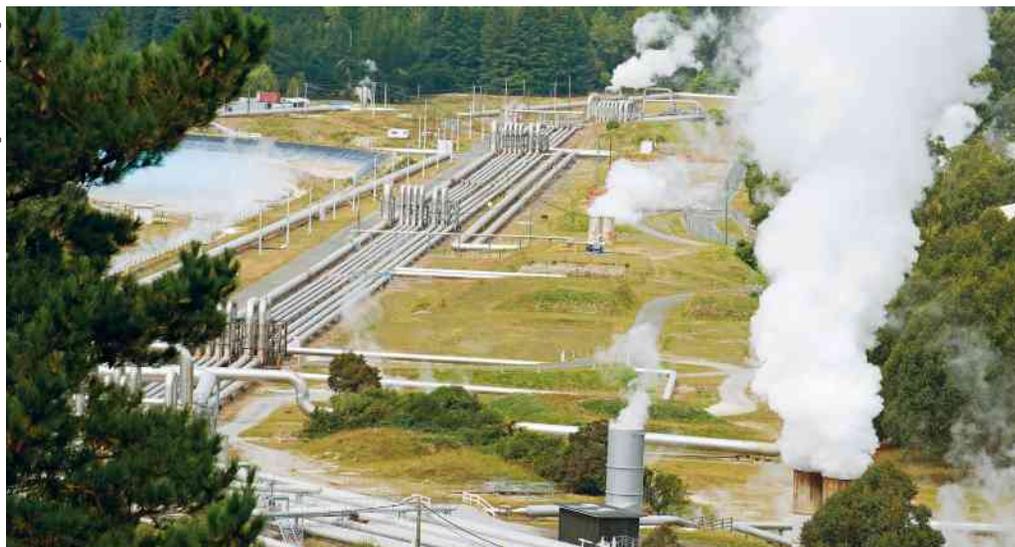


▼ Vista de parte da usina nuclear de Fukushima, no Japão, em 2015.

## Fontes de energia alternativas

A busca de fontes de energia menos poluidoras, que sejam renováveis e substituam o carvão e o petróleo, tem incentivado inúmeras pesquisas.

Education Images/UIG/Getty Images



▼ O calor que existe no interior da Terra é responsável pela energia geotérmica. Os vulcões, os gêiseres e as fontes termais são formas dessa fonte energética. Na foto, central de energia geotérmica em Taupo, na Nova Zelândia. Foto de 2014.

A preocupação ambiental e a crise que atinge as fontes de energia convencionais dão grande destaque às energias alternativas, como o biodiesel, a biomassa, a energia eólica e a energia solar. Outras fontes menos usadas, mas que significam novas alternativas, são a maremotriz e a energia geotérmica.

## O biodiesel

Alguns vegetais produzem óleos que podem ser utilizados como combustíveis para motores de ignição-combustão. O biodiesel tem características semelhantes ao *diesel* e é considerado um recurso renovável.

O amendoim, a soja, as sementes de girassol, a mamona e o dendê são fontes de óleos vegetais, dos quais se pode obter biodiesel.

Entretanto, sua utilização esbarra na necessidade de pesquisas e regulamentação, além de enfrentar a concorrência do forte mercado de derivados de petróleo.



Shutterstock/Glow Images

▼ A montagem acima mostra sementes de mamona, amendoim, de dendê e de girassol, usadas como matéria-prima na produção de biodiesel.

## Biomassa, a bioenergia

Todo o rejeito de origem vegetal ou animal pode ser transformado em biomassa e gerar energia. O lixo residencial (orgânico), o lixo industrial, o bagaço de cana, a madeira, a casca de arroz e outros resíduos podem ser utilizados para esse fim. Entre as formas de obtenção da bioenergia estão a combustão, a gaseificação, a fermentação e a produção de substâncias líquidas.

Nas usinas termelétricas, a queima da biomassa aquece um fluido e o vapor gerado aciona as turbinas. Nesse caso, a biomassa pode também ser empregada como complemento do carvão na combustão que gera energia. Como combustível líquido, a biomassa gera

o hidrogênio e o monóxido de carbono. Por fermentação, o lixo orgânico pode ser transformado em gás metano. E, dessa forma, além de ajudar a solucionar a crise energética, a biomassa resolve o problema do lixo orgânico das grandes e pequenas cidades.

Quando se trata de usar a madeira para a geração de energia, a biomassa não é considerada renovável, porque o reflorestamento exigiria um investimento muito grande. Nesse caso, o uso do lixo é mais viável.

Como substâncias líquidas, a biomassa destaca-se na produção do etanol (álcool etílico) a partir do bagaço da cana-de-açúcar.

### Produção de bioenergia: do campo ao tanque



Infográfico adaptado de: FATOS diários. *Empresa de biotecnologia vai gerar etanol com palha da cana em Alagoas*. Disponível em: <[www.fatosdiarios.com.br/index.php/noticias/maceio-e-interior/659-empresa-de-biotecnologia-vai-gerar-etanol-com-palha-da-cana-em-alagoas.html](http://www.fatosdiarios.com.br/index.php/noticias/maceio-e-interior/659-empresa-de-biotecnologia-vai-gerar-etanol-com-palha-da-cana-em-alagoas.html)>. Acesso em: 10 fev. 2016.

## Energia eólica

A força do vento também produz uma forma renovável de energia, que já é bastante usada em países como a Espanha e a Dinamarca. No Brasil, o Ceará e a ilha de Fernando de Noronha, em Pernambuco, são os pioneiros na produção de energia eólica. As turbinas acionadas pela força dos ventos funcionam com um motor composto de um cilindro e de pás verticais e horizontais.

- Complexo eólico de Caetés, no agreste pernambucano. Faz parte do maior complexo eólico do estado: Ventos de Santa Brígida. Foto de 2015.

Rubens Chaves/Pulsar Imagens



## ● Energia solar

Além de gerar eletricidade (energia fotovoltaica), o Sol pode ser usado como aquecedor de água e de casas em países de clima frio (energia térmica). No Brasil, a energia solar também pode ser uma opção para as comunidades isoladas, pois parte do país é beneficiada pelo sol equatorial.

A Alemanha é o país que tem a maior capacidade instalada de energia solar: cerca de 10% da energia consumida no país é gerada dessa forma.



João Prudente/Pulsar Imagens

▼ Painéis de energia solar em propriedade rural, em Santa Bárbara (MG). Foto de 2014.

## Refletindo sobre o conteúdo



1. **Geografia, História e Sociologia** Leia a notícia abaixo.

### Queda da receita com petróleo coloca dívida venezuelana em xeque

*O recuo nos preços do petróleo está castigando severamente a Venezuela, levando investidores a questionar a capacidade do país de pagar suas dívidas e gerando preocupações sobre a saúde econômica de outras nações em desenvolvimento.*

[...]

*O país é um exemplo extremo do impacto que o colapso dos preços do petróleo e de outras commodities teve nos mercados emergentes, onde ações, títulos de dívida e moedas recuaram, da Rússia à África do Sul.*

[...]

*Os problemas da Venezuela mostram como os tempos de bonança que atraíram investidores para certas economias em desenvolvimento podem evaporar rapidamente quando os preços das commodities caem. Durante anos os investidores se mostraram dispostos a ignorar disparidades orçamentárias e inflação em alta enquanto buscavam retornos maiores do que poderiam obter em países desenvolvidos. Mas agora que os preços das commodities vêm caindo, abalando as perspectivas econômicas de muitos países, os gestores de recursos estão cada vez mais cautelosos na hora de escolher em quais mercados emergentes investir. [...]*

RESENHA eletrônica do Ministério da Fazenda.

Disponível em: <[www1.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?cod=101089](http://www1.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?cod=101089)>. Acesso em: 10 fev. 2016.

- a) Converse com os professores de Geografia, História e Sociologia e também pesquise em sites, revistas e livros sobre a importância que o petróleo desempenha na economia venezuelana.
- b) O preço do barril do petróleo vem apresentando fortes quedas no mercado internacional. Em 8 de fevereiro de 2016, o barril custava menos de 30 dólares. O que significa afirmar que o petróleo é uma commodity?
- c) Relacione a Venezuela com a queda dos preços do petróleo.

2. Leia o texto com atenção.

*Ao longo da década de 2000, a África tem se destacado como supridora de recursos minerais, notadamente petróleo, para as potências industriais, devido à grande quantidade desses recursos existentes no continente. Isso tem suscitado um novo despertar para a África no sentido de uma corrida desenfreada, por parte das potências mundiais, para explorar esses recursos.*

PENHA, Eli Alves. *Relações Brasil-África e geopolítica do Atlântico Sul*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 199.

- a) Indique os países africanos que pertencem à Opep. Quais dessas nações são banhadas pelo Atlântico Sul? Consulte um atlas geográfico.
- b) O fato de os países citados no texto terem grandes reservas de petróleo garante um alto IDH? Justifique sua resposta.

# Concluindo a Unidade 3

Leia o texto, reflita e depois faça o que se pede.

## O sol é para todos

Placas feitas de material orgânico, maleáveis, leves e delgadas, podem finalmente popularizar uma fonte de energia ainda muito cara, mas destinada a substituir a era dos combustíveis fósseis

*Se toda a radiação que atinge a Terra em um único dia, vinda do Sol, virasse **eletricidade**, seria possível sustentar o consumo da humanidade ao longo de 27 anos. A **energia solar**, limpa e renovável, funcionaria como perfeito substituto do petróleo, finito e refém da gangorra dos preços. Representaria ainda o mais magnífico processo de troca de matriz energética, no avesso da poluição provocada pela queima de combustíveis fósseis, o mais rápido e danoso atalho para o **aquecimento global**.*

*E, no entanto, por que a energia solar ainda é pouco usada, quase sempre mais promessa que realidade? As placas de silício necessárias para captá-la por meio de painéis são caras, pesadas e grossas. Apesar de úteis em grandes espaços, como campos, são inúteis para substituir o petróleo na vida urbana. Nos últimos cinco anos, porém, surgiu uma nova tecnologia afeita a vencer esses desafios. Construídas com material não tóxico, as placas OPV (sigla em inglês para **painéis fotovoltaicos orgânicos**) têm a finura de uma cartolina e a flexibilidade do plástico. Podem ser coladas no teto de um carro, nas janelas de prédios ou mesmo em mochilas.*

*A inovação pode ser o empurrão que faltava para a adesão maciça à energia solar. As placas delgadas de OPV funcionam de modo ligeiramente diferente das de silício, as mais populares — no caso das OPV, o revestimento feito de tinta orgânica reage quimicamente ao contato com a radiação, liberando os elétrons que formam a corrente elétrica*

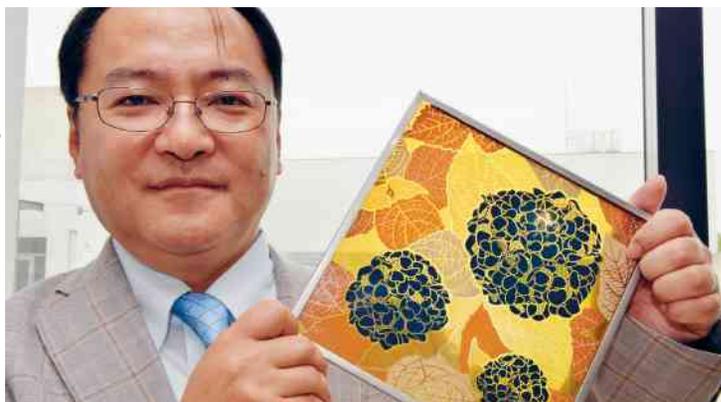
*(veja explicação mais abaixo). Nos painéis tradicionais, o calor associado à luz ativa os circuitos de silício, em um processo mais complexo.*

*O Sol sempre foi, é natural, a principal fonte de energia para a Terra, e o homem se aproveita disso há muito tempo. Já na Grécia antiga, casas eram construídas voltadas para o sul para ser mais bem iluminadas e aquecidas pela luz. Mas as placas solares tais como as conhecemos só começaram a ser concebidas na segunda metade do século XIX, quando o matemático francês Augustin Mouchot notou que o ritmo de consumo de carvão após a Revolução Industrial não era sustentável a longo prazo e foi buscar alternativas. Mouchot utilizou um espelho côncavo para canalizar a luz, aquecer a água e construir o primeiro motor movido a energia solar. As pesquisas evoluíram a passos curtos até os anos 50, quando a empresa americana Western Electric começou a comercializar tecnologias fotovoltaicas de silício que impulsionaram essa indústria. Foi, porém, apenas na década de 80 que os painéis de silício ganharam o mercado e, de imediato, começaram a ser exaltados por conservacionistas como a **alternativa ecologicamente adequada** ao petróleo e ao carvão.*

*Apesar de cumprir a missão de transformar luz solar em energia, a primeira geração de painéis solares não era versátil. Além de as placas serem trambolhões, emitiam grandes quantidades de gases poluentes em sua fabricação. A segunda geração, que surgiu nos anos 1990 e é de cobre e gálio, não foi para a frente em decorrência de as substâncias químicas usadas em sua construção terem valores inviáveis. A terceira, representada pela OPV, surgiu no início dos anos 2000 com um cipoal de vantagens. O filamento tem 5% do peso do de silício; as placas dependem menos da exposição ao sol para gerar energia; em dois meses compensam os poluentes emitidos em sua produção (com as de silício, são necessários doze anos para alcançar essa contrapartida); e, por serem maleáveis, podem adotar a forma que for, aptas a instalação em qualquer lugar. A única desvantagem ainda é o preço. Uma família brasileira de consumo mediano teria de investir 12 mil reais para comprar os 12 metros quadrados de placas necessários para suprir sua demanda cotidiana. É, contudo, um empecilho temporário. Como acontece com toda tecnologia recém-nascida, o tempo tratará de barateá-la. [...]*

*A OPV é um alento para um mundo excessivamente dependente de fontes energéticas insustentáveis a longo prazo. Por exemplo, se continuássemos a consumir petróleo no mesmo ritmo de hoje, esse recurso acabaria em todo o planeta ainda neste século. É um cenário improvável, porém. Como anotou o xeique Ahmed Zaki*

Yoshikazu Tsuno/Agência France-Presse



▼ Cientista apresenta protótipo de uma célula de energia solar orgânica, em Tóquio, Japão, em 2014. As células orgânicas convertem a energia da luz solar em eletricidade, tornando a tecnologia mais fácil e mais barata de fabricar e distribuir do que os painéis solares inorgânicos convencionais.

Yamani, ex-ministro de Energia da Arábia Saudita, na década de 70: "A idade da pedra não acabou pela falta de pedra, e a idade do petróleo acabará muito antes que o mundo fique sem petróleo".

BEER, Raquel. Planeta sustentável. *Veja*, 1ª mar. 2015. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/energia/o-sol-e-para-todos-854900.shtml>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

- 1 Caracterize a nova tecnologia que poderá contribuir para a substituição do petróleo e conter os efeitos do aquecimento global.
- 2 Aponte uma vantagem que o Brasil apresenta em relação a essa nova tecnologia.
- 3 Aponte uma desvantagem para as famílias brasileiras na utilização dessa nova tecnologia.

## Testes e questões

 Não escreva no livro

### Enem

1 Um problema ainda não resolvido da geração nuclear de eletricidade é a destinação dos rejeitos radioativos, o chamado "lixo atômico". Os rejeitos mais ativos ficam por um período em piscinas de aço inoxidável nas próprias usinas antes de ser, como os demais rejeitos, acondicionados em tambores que são dispostos em áreas cercadas ou encerrados em depósitos subterrâneos secos, como antigas minas de sal. A complexidade do problema do lixo atômico, comparativamente a outros lixos com substâncias tóxicas, se deve ao fato de:

- a) emitir radiações nocivas, por milhares de anos, em um processo que não tem como ser interrompido artificialmente.
- b) acumular-se em quantidades bem maiores do que o lixo industrial convencional, faltando assim locais para reunir tanto material.
- c) ser constituído de materiais orgânicos que podem contaminar muitas espécies vivas, incluindo os próprios seres humanos.
- d) exalar continuamente gases venenosos, que tornariam o ar irrespirável por milhares de anos.
- e) emitir radiações e gases que podem destruir a camada de ozônio e agravar o efeito estufa.

2 Deseja-se instalar uma estação de geração de energia elétrica em um município localizado no interior de um pequeno vale cercado de altas montanhas de difícil acesso. A cidade é cruzada por um rio, que é fonte de água para consumo, irrigação das lavouras de subsistência e pesca. Na região, que possui pequena extensão territorial, a incidência solar é alta o ano todo. A estação em questão irá abastecer apenas o município apresentado.

Qual forma de obtenção de energia, entre as apresentadas, é a mais indicada para ser implantada nesse município de modo a causar o menor impacto ambiental?

- a) Termelétrica, pois é possível utilizar a água do rio no sistema de refrigeração.

- b) Eólica, pois a geografia do local é própria para a captação desse tipo de energia.
- c) Nuclear, pois o modo de resfriamento de seus sistemas não afetaria a população.
- d) Fotovoltaica, pois é possível aproveitar a energia solar que chega à superfície do local.
- e) Hidrelétrica, pois o rio que corta o município é suficiente para abastecer a usina construída.

3 *Um dos insumos energéticos que volta a ser considerado como opção para o fornecimento de petróleo é o aproveitamento das reservas de folhelhos pirobetuminosos, mais conhecidos como xistos pirobetuminosos. As ações iniciais para a exploração de xistos pirobetuminosos são anteriores à exploração de petróleo, porém as dificuldades inerentes aos diversos processos, notadamente os altos custos de mineração e de recuperação de solos minerados, contribuíram para impedir que essa atividade se expandisse.*

*O Brasil detém a segunda maior reserva mundial de xisto. O xisto é mais leve que os óleos derivados de petróleo, seu uso não implica investimento na troca de equipamentos e ainda reduz a emissão de particulados pesados, que causam fumaça e fuligem. Por ser fluido em temperatura ambiente, é mais facilmente manuseado e armazenado.*

<[www2.petrobras.com.br](http://www2.petrobras.com.br)>, com adaptações.

A substituição de alguns óleos derivados de petróleo pelo óleo derivado do xisto pode ser conveniente por motivos:

- a) ambientais — a exploração do xisto ocasiona pouca interferência no solo e no subsolo.
- b) técnicos — a fluidez do xisto facilita o processo de produção de óleo, embora seu uso demande troca de equipamentos.
- c) econômicos — é baixo o custo da mineração e da produção de xisto.
- d) políticos — a importação de xisto, para atender o mercado interno, ampliará alianças com outros países.
- e) estratégicos — a entrada do xisto no mercado é oportuna diante da possibilidade de aumento dos preços do petróleo.

- 4 Os transgênicos vêm ocupando parte da imprensa com opiniões ora favoráveis, ora desfavoráveis. Um organismo, ao receber material genético de outra espécie, ou modificado da mesma espécie, passa a apresentar novas características. Assim, por exemplo, já temos bactérias fabricando hormônios humanos, algodão colorido e cabras que produzem fatores de coagulação sanguínea humana.

O belga René Magritte (1896-1967), um dos pintores surrealistas mais importantes, deixou obras enigmáticas. Caso você fosse escolher uma ilustração para um artigo sobre os transgênicos, qual das obras de Magritte, a seguir, estaria mais de acordo com esse tema tão polêmico?



- 5 Empresa vai fornecer 230 turbinas para o segundo complexo de energia à base de ventos, no sudeste da Bahia. O Complexo Eólico Alto Sertão, em 2014, terá capacidade para gerar 375 MW (megawatts), total suficiente para abastecer uma cidade de 3 milhões de habitantes.

MATOS, C. GE busca bons ventos e fecha contrato de R\$ 820 mi na Bahia. *Folha de S.Paulo*, 2 dez. 2012.

A opção tecnológica retratada na notícia proporciona a seguinte consequência para o sistema energético brasileiro:

- Redução da utilização elétrica.
- Ampliação do uso bioenergético.
- Expansão das fontes renováveis.
- Contenção da demanda urbano-industrial.
- Intensificação da dependência geotérmica.

## Testes de vestibular

 Não escreva no livro

- 1 (UEL-PR) Sobre sementes transgênicas no mundo contemporâneo, é correto afirmar:

- Têm constituído a base da agricultura familiar em expansão, razão pela qual o atual governo do Paraná vem defendendo seu uso.
- A atuação de empresas que fabricam sementes transgênicas diminui a possibilidade de criação de monopólios no setor de alimentos.
- O uso de sementes transgênicas se expande, mesmo não havendo consenso científico sobre os seus efeitos no corpo humano pelo seu consumo em longo prazo.
- O uso de sementes transgênicas tem resultado na diminuição dos subsídios agrícolas dos países centrais a seus produtores rurais locais.
- A utilização de transgênicos foi consensual entre movimentos sociais e organismos internacionais como tentativa de solucionar os problemas da crise alimentar.

- 2 (UCS-RS) As atividades agropecuárias são realizadas pelos seres humanos há mais de 10 mil anos. Essas atividades se desenvolveram por meio do cultivo agrícola, da utilização de ferramentas, da domesticação de animais, do aperfeiçoamento de técnicas e do uso de tecnologias. Analise as afirmativas abaixo, sobre as atividades agropecuárias.

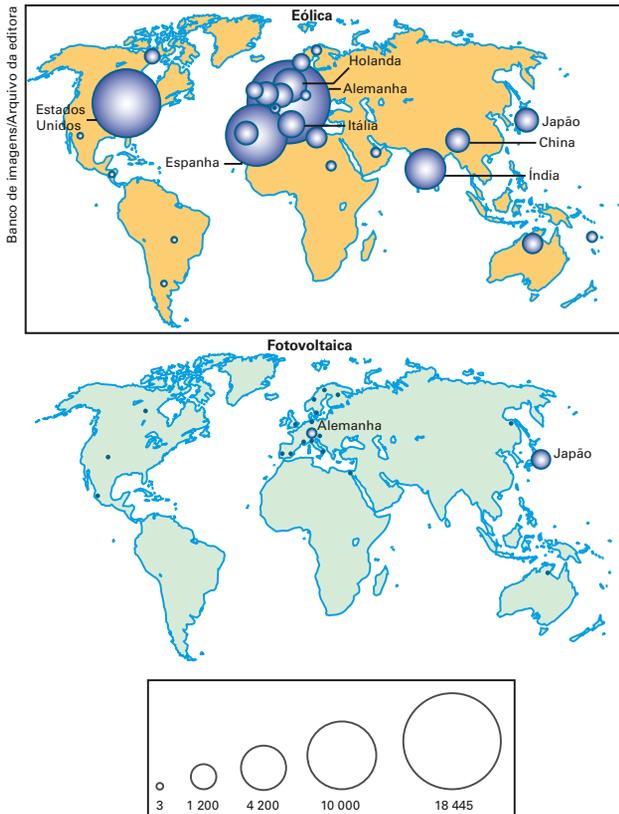
- A agropecuária comercial moderna caracteriza-se pelo uso intensivo de recursos tecnológicos, como máquinas e insumos. É necessário que a produção seja acompanhada por mão de obra especializada.
- Nos últimos anos, surgiu um novo recurso tecnológico, decorrente da pesquisa biotecnológica e voltado para a produção agrícola, que são os transgênicos. Seus defensores argumentam que, com seu cultivo e utilização, aumentará a produção de alimentos no mundo.
- Com a utilização de agrotóxicos, pode-se eliminar os insetos nocivos, acabando com o ápice da cadeia alimentar. Por outro lado, é possível ocorrer contaminação do aquífero confinado e do solo, por meio dos macro-organismos, que podem desaparecer e tornar o solo fértil.

Das afirmativas anteriores,

- a) apenas I está correta.
- b) apenas II está correta.
- c) apenas III está correta.
- d) apenas I e II estão corretas.
- e) I, II e III estão corretas.

**3** (Uerj)

**Produção instalada de energia em 2004 (megawatts)**



A ampliação do uso de fontes de energia renováveis e não poluentes representa uma das principais esperanças para a redução dos impactos ambientais sobre o planeta. Considerando os gráficos, a distribuição espacial da produção instalada das energias eólica e fotovoltaica é explicada sobretudo pela seguinte característica dos países que mais as utilizam:

- a) matriz elétrica limpa.
- b) perfil climático favorável.
- c) densidade demográfica reduzida.
- d) desenvolvimento tecnológico avançado.

**4** (Uece) A energia renovável presente nos ciclos naturais e que também pode ser gerada a partir do metano, como produto da decomposição de resíduos orgânicos, é denominada de

- a) energia geotérmica.
- b) energia eólica.
- c) energia de biomassa.
- d) energia hidráulica.

**5** (UEM-PR) Sobre a agropecuária mundial, some o que for **correto**.

- 01) A agricultura itinerante conta com mão de obra qualificada e com utilização de técnicas avançadas na produção agrícola.
- 02) No mercado mundial, os produtos agropecuários são denominados de *commodities* (do inglês *commodity*, que significa "mercadoria").
- 04) A agropecuária extensiva se caracteriza pelo seu máximo aproveitamento do espaço físico, com atividades concentradas e altos rendimentos por hectare.
- 08) Nos Estados Unidos, a maior parte da produção agrícola provém de áreas especializadas em termos de cultivo, denominadas de cinturões agrícolas (*belts*).
- 16) A Política Agrícola Comum (PAC) é uma política que protege os agricultores da União Europeia das flutuações do mercado mundial e da concorrência dos tradicionais exportadores de alimentos do mundo.

**6** (Ufac) Apesar de serem muitas as formas de praticar a agricultura, todos os sistemas agrícolas têm três fatores comuns:

- a) o capital, a terra e o trabalho.
- b) a produção, o trabalho e a tecnologia.
- c) a tecnologia, o mercado consumidor e o trabalho.
- d) o capital, a tecnologia e o mercado consumidor.
- e) o trabalho, o mercado consumidor e o preço único por produto.

**Questões de vestibular**

 Não escreva no livro

**1** (UFRJ)



Reprodução/Ministério de Minas e Energia/UFRJ, 2014.

A energia eólica tem aumentado sua participação entre as alternativas não poluentes de geração energética. Uma das zonas preferenciais para o aproveitamento da energia eólica são as áreas costeiras.

- Explique a razão do elevado potencial de geração de energia eólica na interface oceano-continente.

**2 (UFJF-MG)** A economia mundial é fortemente dependente de fontes de energia não renováveis.

- a) Cerca de 80% de toda a energia do planeta vem das reservas de: .
- b) A exploração e o uso de fontes não renováveis provocam grandes danos ao meio ambiente. Cite

e explique um impacto provocado pelo uso de fontes não renováveis de energia.

- c) As fontes renováveis de energia também têm limitações na sua exploração. Cite e explique por que uma das fontes alternativas de energia não pode ser utilizada em todos os lugares.

## Outras fontes de reflexão e pesquisa

### Filmes

Apresentamos a seguir algumas sugestões de filmes que abordam o conteúdo tratado nesta Unidade.

**+ Garapa**

Direção: José Padilha. Brasil, 2009, 110 minutos. Documentário brasileiro que tem como tema a fome no mundo.

**+ Quem alimenta o mundo**

Direção: Erwin Wagenhofer. Áustria, 2005, 135 minutos. O diretor rastreia as origens dos alimentos que comemos. A sua viagem leva-o à França, Espanha, Romênia, Suíça, Brasil e Áustria.

**+ Síria — A indústria do petróleo**

Direção: Stephen Gaghan. Estados Unidos, 2005, 126 minutos. Narra os conflitos entre os barões da indústria do petróleo e um agente da Agência Central de Inteligência (CIA, sigla em inglês), que percebe que a política está interferindo nos trabalhos da agência do governo.

### Livros

Estes livros poderão elucidar e ampliar o assunto estudado.

**+ Energia e meio ambiente**

Samuel Murgel Branco. São Paulo: Moderna, 2004. A disponibilidade energética atual e futura, os benefícios e os problemas advindos do progresso, a esperança de que se possa utilizar fontes alternativas menos danosas ao ambiente são questões discutidas nesse livro.

**+ Minerais, minérios, metais — Para onde vão? De onde vêm?**

Eduardo Leite do Canto. São Paulo: Moderna, 2009. A obra explica a diferença entre mineral, minério e metal e as principais características e utilidades desses recursos naturais.

**+ O petróleo: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro**

Daniel Yergin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. O autor descreve a história do petróleo, o combustível mais importante do mundo, colocando-o no centro das principais decisões do século XX.

**+ O que é agricultura sustentável**

Eduardo Ehlers. São Paulo: Brasiliense, 2009. O autor aborda as diversas tendências que se agrupam sob a denominação de agricultura sustentável.

### Sites

Os sites indicados a seguir constituem uma boa fonte de pesquisa.

**+ <[www.agricultura.gov.br](http://www.agricultura.gov.br)>**

Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, com informações e estatísticas sobre as atividades agrárias no Brasil e no mundo.

**+ <[www.cepa.if.usp.br/energia/energia1999/Grupo2B/Hidraulica/energia\\_recurso.htm](http://www.cepa.if.usp.br/energia/energia1999/Grupo2B/Hidraulica/energia_recurso.htm)>**

Site da Universidade de São Paulo, com informações sobre fontes de energia.

**+ <[www.fao.org](http://www.fao.org)>**

Site da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), em inglês e espanhol, com mapas, estatísticas e informações sobre produção agrícola, alimentação e fome no mundo.

**+ <[www.iea.org](http://www.iea.org)>**

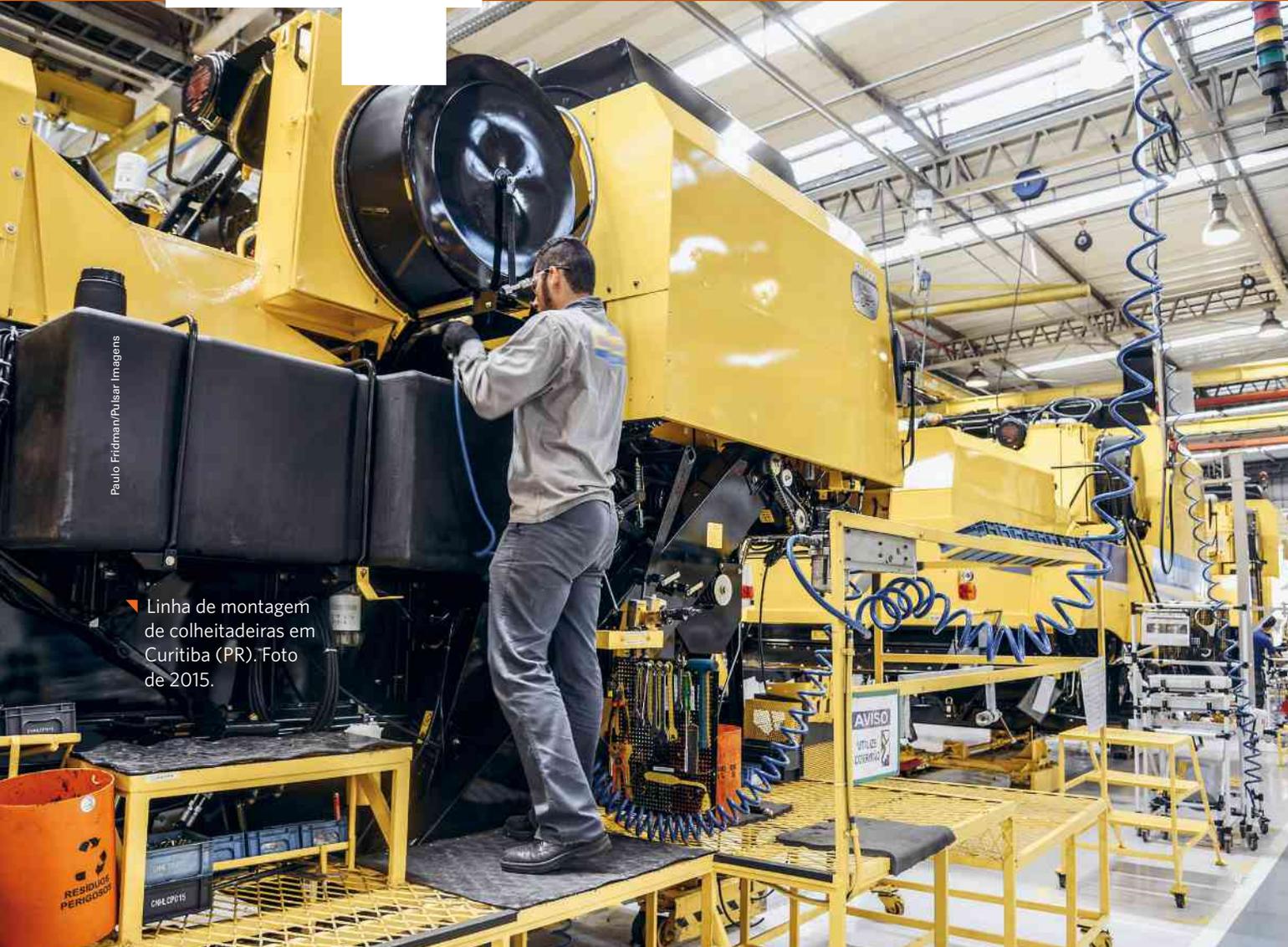
Site, em inglês, da Agência Internacional de Energia, com mapas, gráficos e informações sobre produção e consumo das fontes de energia.

**+ <[www.opec.org/home](http://www.opec.org/home)>**

Site, em inglês, da Opec, com informações sobre as atividades da organização.

# 4

## A indústria no mundo globalizado



Paulo Fridman/Pulsar Imagens

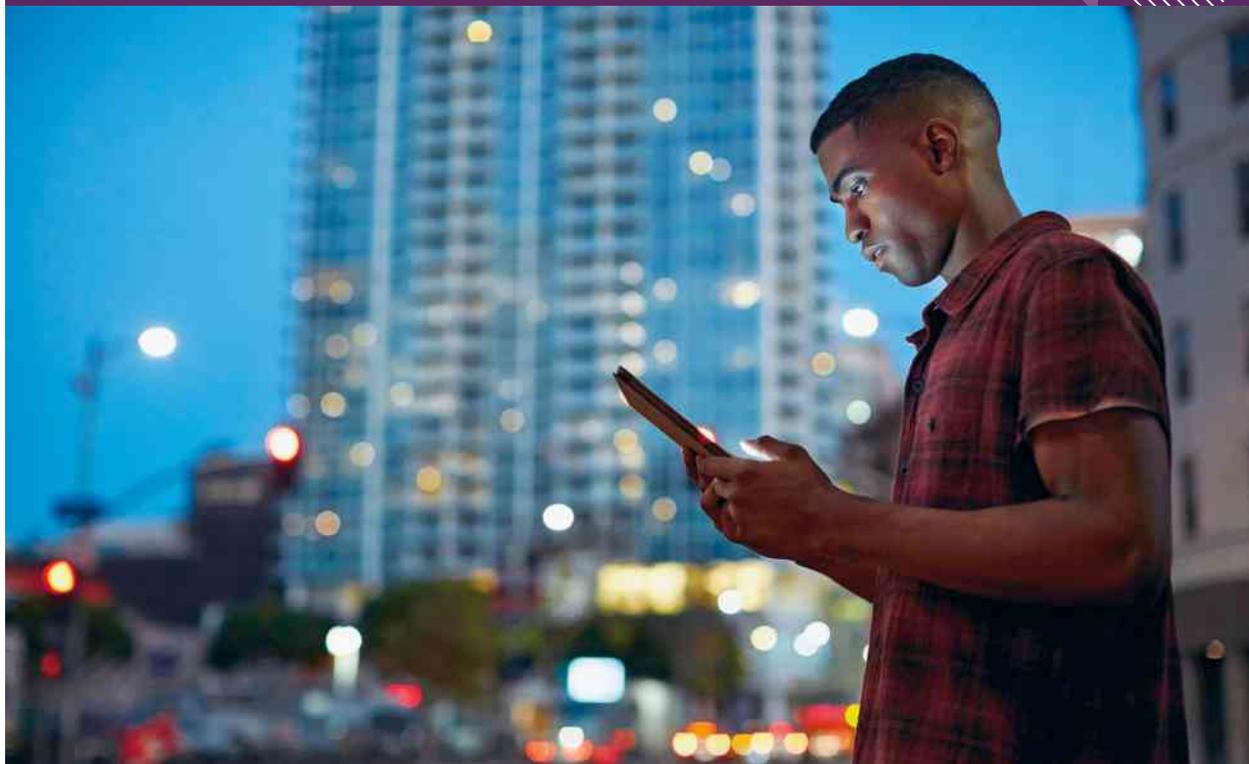
▶ Linha de montagem de colheitadeiras em Curitiba (PR). Foto de 2015.



A Revolução Industrial modificou completamente o panorama da economia mundial, e os países que se industrializaram principalmente nos séculos XVIII e XIX tornaram-se mais ricos e poderosos do que os outros. Nesta Unidade, além de estudar a evolução da atividade industrial, você vai conhecer os processos de industrialização de alguns destes países: Reino Unido, França, Estados Unidos (pioneiros na industrialização), Alemanha, Japão (industrialização clássica tardia), novos países industrializados (industrialização recente ou tardia), China e Rússia (industrialização na economia planificada).

# A atividade industrial: evolução e distribuição

Patrik Giardino/Corbis/Fotorena



▼ Os *tablets* são exemplos de produtos industrializados bastante consumidos atualmente. Mas, se você olhar a sua volta, vai identificar facilmente outros itens: sua cama, seu agasalho preferido e este livro, por exemplo. Todos eles resultam da transformação da matéria-prima em produtos industrializados. Porém, até esse processo se consolidar, a indústria passou por vários estágios de produção. Na foto, jovem usando *tablet* em rua de Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos, em 2015.

## ■ A Revolução Industrial

A Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra a partir do século XVIII disseminou-se, a princípio, por outros países da Europa ocidental, e depois se espalhou por países de outras regiões da Europa e de outros continentes, como Rússia, Japão, Estados Unidos e Canadá.

A nova atividade transformou e agilizou o que antes era chamado de **artesanato** e **manufatura** e pode ser definida como o processo de transformação de matérias-primas em produtos acabados, por meio da utilização intensa de maquinário, da divisão do trabalho e da produção em larga escala.

**Artesanato:** refere-se ao trabalho manual e sem o uso de nenhum tipo de máquina.

**Manufatura:** refere-se ao trabalho manual com a utilização de algum tipo de máquina.

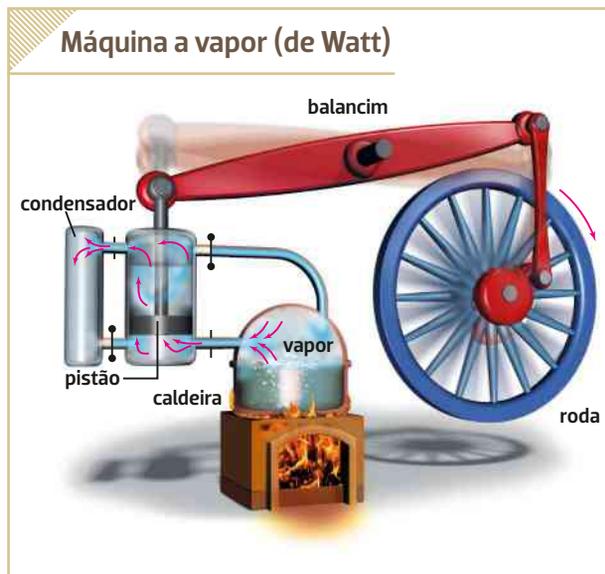
## ● A Primeira Revolução Industrial

A nova indústria diferenciava-se do artesanato e da manufatura pelo intenso uso da máquina no processo de fabricação. Por isso ficou conhecida como *maquinofatura*, que teve como berço a Inglaterra.

Com a invenção da *máquina a vapor*, desenvolvida por Thomas Newcomen, em 1712, e aperfeiçoada por James Watt, em 1765, a atividade industrial ganhou impulso. Em 1787, foi criado o primeiro tear movido a vapor e a nova invenção contribuiu para o desenvolvimento da indústria têxtil, uma das principais atividades desse período, que ficou conhecido como a *Primeira Revolução Industrial*.

A energia produzida pelo vapor criou condições para que a nova atividade se desenvolvesse e também contribuiu para a grande transformação

nos meios de transporte, com o surgimento dos trens e dos navios a vapor, aumentando sua capacidade de carga.



Adaptado de: SÁNCHEZ, J. Aróstegui. *Atalaya: Historia del mundo contemporáneo*. Barcelona: Vicens-Vives, 2005. p. 22.

▼ A máquina a vapor do cientista escocês James Watt (1736-1819) melhorou o modelo de Newcomen ao acionar um dispositivo que, utilizando água fria, condensava o vapor. Essa modificação permitiu reduzir a perda da energia do vapor e os danos no cilindro, que se rompia frequentemente por causa do contraste entre calor e frio.

A fonte de energia das máquinas a vapor era o carvão mineral, que passou a apresentar grande importância e, por isso, as primeiras indústrias em países como Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos foram instaladas nas proximidades das bacias carboníferas.

A Primeira Revolução Industrial foi apenas o início da atividade industrial. Com o passar do tempo, novas técnicas foram criadas, novas formas de produção surgiram, e a economia mundial passou a girar em torno da indústria.

## ● A Segunda Revolução Industrial

Na segunda metade do século XIX (1860), a indústria passou por um processo de aprimoramento. Com as descobertas tecnológicas, surgiram novos setores industriais e novas fontes de geração de energia: o *petróleo* e a *eletricidade*. A metalurgia, a siderurgia e a indústria de automóveis ganharam grande importância nesse período, conhecido como *Segunda Revolução Industrial*.

As principais novidades da Segunda Revolução Industrial foram a transformação do ferro em aço (o processo Bessemer, inventado por Henry Bessemer, em 1856); a invenção do dínamo e do primeiro gerador elétrico (Michael Faraday, em 1837); do motor de combustão interna (aperfeiçoado por Gottlieb Daimler, Karl Benz e Rudolf Diesel, entre 1883 e 1892); e do telefone (inventado em 1867 por Alexander Graham Bell).



▼ Poço jorrando petróleo, em Port Arthur, no Texas, Estados Unidos, 1911.

## ● Novos métodos de trabalho

Para cumprir satisfatoriamente o objetivo do capitalismo, isto é, gerar lucro, a indústria procurou aperfeiçoar as formas de trabalho e de produção.

O engenheiro norte-americano Frederick W. Taylor (1856-1915) inovou com o método conhecido como *taylorismo* ou *organização científica do trabalho*, utilizando pela primeira vez os conceitos de seleção e treinamento de empregados para obter deles a maior produtividade possível nos primeiros anos do século XX. Segundo Taylor, o empregado deveria executar uma única tarefa e com o menor gasto de tempo e energia possível, seguindo o que havia sido determinado por seus superiores. Com isso, o trabalhador ficaria alienado do processo de produção como um todo, trabalharia mais e o lucro das empresas aumentaria.

Na primeira década do século XX, Henry Ford (1863-1947), o magnata da indústria de automóveis nos Estados Unidos, aperfeiçoou as teorias de Taylor

Antônio Robson/Arquivo da editora  
Everett Col/Keystone

ao introduzir o método conhecido como *fordismo*, caracterizado pela especialização do trabalhador, pela linha de montagem e pela produção em série.



▼ Cena do filme *Tempos modernos*, de Charlie Chaplin, de 1936, que satiriza a linha de montagem na produção industrial.

O fordismo aproveitou ao máximo a força de trabalho e só enfraqueceu, no fim do século XX, com a introdução de novas tecnologias, que permitiram a adoção de novos métodos de trabalho. Veja, no esquema a seguir, como os dois sistemas se complementaram.



Adaptado de: SÁNCHEZ, J. Aróstegui. *Atalaya: Historia del mundo contemporáneo*. Barcelona: Vicens-Vives, 2005. p. 98.

## ● A Terceira Revolução Industrial

Na segunda metade do século XX, o processo de informatização e de instalação de indústrias ligadas a esse setor se acelerou. Esse período marcou o início da *Terceira Revolução Industrial*.

Nas últimas décadas do século XX, outras inovações tecnológicas transformaram profundamente a economia industrial. O uso do computador pessoal, a descoberta de fontes de energia alternativas (solar, eólica, biomassa, energia das marés), a mudança na organização do trabalho (pós-fordismo) e a crescente utilização da informática na produção industrial deram uma nova concepção ao termo *indústria*.

As principais indústrias da Segunda Revolução Industrial (automobilística, metalúrgica, siderúrgica) ainda são muito importantes, mas as atividades econômicas que mais crescem são aquelas ligadas às indústrias típicas da Terceira Revolução Industrial (informática, telecomunicações e robótica, por exemplo) e ao setor de serviços relacionado a essas indústrias, as chamadas “indústrias inteligentes”.

**Robótica:** ramo da tecnologia que engloba a mecânica, a eletrônica e a computação.

Na Terceira Revolução Industrial surge também a “indústria da vida”, responsável pelos grandes avanços da medicina e da agropecuária: a biotecnologia.



Igor Akimov/Shutterstock

▼ Laboratório de biotecnologia, em São Petersburgo, na Rússia. Foto de 2015.

Se, por um lado, a descoberta de novos remédios e as pesquisas biotecnológicas aumentam a oferta de alimentos, ajudando milhões de pessoas, por outro, essas novidades têm suscitado polêmicas e discussões sobre a ética de seus procedimentos.

Entre esses assuntos polêmicos, em primeiro lugar, está a discussão sobre os efeitos que os alimentos transgênicos (modificados geneticamente) podem causar no ser humano e, em segundo, a validade da clonagem, processo de multiplicação de células de um indivíduo que dá origem a outro indivíduo geneticamente igual.

A maior descoberta da biotecnologia foi o mapeamento genético do ser humano (*genoma*), de grande valia para a Medicina ao tornar possível a identificação de genes responsáveis por determinadas doenças. Esse setor também tem ajudado muitos casais reconhecidamente estéreis a ter filhos.

### ● **Just-in-time – o pós-fordismo**

Na Terceira Revolução Industrial, as empresas diversificaram sua forma de atuação para reduzir custos e aumentar o lucro. As fábricas globais e a terceirização, vistas na Unidade 1, são algumas das estratégias utilizadas. Além disso, as empresas passaram a adotar um novo método de trabalho.

No século XXI, o fordismo já está ultrapassado. A nova indústria precisa de um trabalhador criativo e que participe de todo o processo de produção, e não há mais espaço para a rígida separação entre a direção (que pensa) e o operário (que executa). Atualmente, a linha de montagem é cada vez mais automatizada, as empresas utilizam mão de obra terceirizada (temporária ou autônoma) e, para evitar o desperdício, os estoques (de matéria-prima e de produtos acabados) são calculados tendo em vista as solicitações do mercado. Cada vez mais aumenta a demanda pelo trabalhador qualificado e polivalente, que opera as máquinas e contribui para a melhoria da produção. Esse novo sistema, que surgiu na década de 1950 no Japão, é denominado *just-in-time* ou *toyotismo*.

## ■ **Tipos de indústria**

As indústrias podem ser classificadas de acordo com o bem produzido (indústrias de bens de produção, de capital e de consumo) ou com a tecnologia empregada (indústrias dinâmicas e tradicionais).

## ● **Segundo o bem produzido**

As *indústrias de bens de produção* ou *indústrias de base* produzem bens para outras indústrias, gastam muita energia e transformam grandes quantidades de matéria-prima. Alguns exemplos são as indústrias petroquímicas, metalúrgicas, siderúrgicas e de cimento. Entre elas destacam-se a siderúrgica alemã Mannesmann, a petroquímica francesa Rhodia, a norte-americana Du Pont e a siderúrgica brasileira privatizada CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), localizada em Volta Redonda, Rio de Janeiro. As indústrias de base geralmente são instaladas perto dos locais que fornecem as matérias-primas e, por essa razão, dependem de uma boa rede de transportes.



▼ Mulher trabalhando em fábrica de automóveis em Stuttgart, na Alemanha. Foto de 2015.

As *indústrias de bens de capital* ou *intermediárias* produzem máquinas, equipamentos, ferramentas ou peças para outras indústrias, como a indústria de componentes eletrônicos e a de motores para carros ou aviões. Geralmente, estão instaladas nos maiores centros urbano-industriais.

As *indústrias de bens de consumo* são divididas em *duráveis* e *não duráveis*. Alguns exemplos de indústrias de bens de consumo duráveis são as empresas de automóveis, eletrodomésticos e móveis; e de bens não duráveis são as empresas de vestuário, alimentos, remédios e calçados. Essas indústrias são as mais numerosas e sua produção está voltada para uma ampla população. A Ford e a General Electric (Estados Unidos), a Nestlé (Suíça) e a Fiat (Itália) são exemplos de indústrias de bens de consumo.

## ● Segundo a tecnologia empregada

As *indústrias dinâmicas* são as da Terceira Revolução Industrial (química, eletrônica, petroquímica, da aviação). Essas indústrias necessitam de muito capital porque usam tecnologia de ponta e mão de obra qualificada. São exemplos de indústria dinâmica a da informática (Microsoft, IBM), a espacial (Nasa), a aeronáutica (Boeing, Airbus), entre outras.

As *indústrias tradicionais* são aquelas que estão mais presas a antigos fatores locacionais, que requerem muita mão de obra (não necessariamente qualificada) e empregam métodos da primeira e da segunda fases da Revolução Industrial, como as indústrias de alimentos e as indústrias têxteis.

## ■ Localização industrial: concentração e dispersão

As indústrias mais tradicionais, como a metalúrgica, a automobilística e as indústrias de bens de consumo, características da Segunda Revolução Industrial, estão mais atreladas a fatores como *capital, fontes de energia, matéria-prima, transportes, comunicações, água, incentivos fiscais e mercados consumidores*. As indústrias da Terceira Revolução Industrial, na maioria das vezes, demandam *mão de obra qualificada, centros de pesquisa e universidades* para a sua instalação.

Essas diferenças originaram dois principais padrões de localização industrial: a *concentração industrial* e a *dispersão industrial*.

A concentração industrial ocorreu logo no início da industrialização, quando apenas alguns países realizaram a Revolução Industrial, muitas vezes ao lado de jazidas minerais e em áreas próximas a cursos de rios, por exemplo. Seguindo a lógica de que “indústria atrai indústria”, áreas já industrializadas eram a escolha para a instalação de várias outras empresas.

Algumas dessas áreas continuam ativas, com menor densidade de fábricas ou substituição por indústrias da Terceira Revolução Industrial, como

em algumas regiões do nordeste dos Estados Unidos. Entretanto, outras entraram em decadência, como a região de Detroit, também nos Estados Unidos.

Após a Terceira Revolução Industrial, é possível observarmos a tendência de dispersão industrial, ou seja, o movimento de saída de empresas de áreas altamente industrializadas. A dispersão industrial tem sido mais rápida em escala regional e local, embora ocorra também em escala global.

As empresas têm saído das áreas mais industrializadas para evitar problemas como o alto preço dos terrenos, os impostos pesados, a mão de obra mais cara, o congestionamento e a poluição. A dispersão industrial tem como consequência a descentralização do capital, do mercado de trabalho e do consumo. Com essa mudança, cidades médias estão crescendo tanto no Brasil como no mundo, pois algumas indústrias optam por sair das metrópoles e cidades maiores em busca de menores custos em cidades menores.

O processo de dispersão industrial, em escala global, está ligado a dois tipos de industrialização: a industrialização clássica (séculos XVIII e XIX) e a tardia, dos Novos Países Industrializados (séculos XX e XXI).

Além dos dois tipos de industrialização citados acima, ainda há um terceiro, que ocorreu nos países socialistas, dentro da política de economia planificada, que estudamos no Capítulo 2. Essa industrialização também foi tardia, já que ocorreu no século XX.



▼ Imóvel industrial abandonado em Detroit (Estados Unidos). Foto de 2015.

## Os tecnopolos

Apesar da tendência de dispersão, os novos fatores locais fizeram surgir um novo tipo de concentração industrial: os *tecnopolos* ou *parques tecnológicos*.

O tecnopolo é um centro industrial e tecnológico que reúne, em um mesmo local, atividades de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), como universidades e empresas de alta tecnologia. Na era dos tecnopolos, um novo “capital” é muito valorizado: o capital intelectual. Por isso a universidade é fundamental nesses locais. Não existe aí uma cadeia industrial baseada na complementação de produtos, mas uma produção em que o principal capital é o conhecimento. Uma infraestrutura de infovias (fibra óptica, internet banda larga) com um bom sistema de comunicação é essencial para a instalação de um tecnopolo.

Os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e o Japão foram, nas décadas de 1960 e 1970, os pioneiros na implantação dos Parques de Ciência e Tecnologia. Os primeiros parques tecnológicos foram o Vale do Silício, na Califórnia, que teve origem na Universidade de Stanford, e a Rota 128, na região de Boston, Massachusetts, no fim da década de 1950 e início da década de 1960. Na Europa, os pioneiros foram Sophia-Antipolis, na França, e Cambridge, no Reino Unido, no início dos anos 1970. No Japão, destaca-se o parque tecnológico de Tsukuba, implantado de 1968 até a década de 1980.



▼ Cientista japonês mostra robôs “humanos” no parque tecnológico de Tsukuba, no Japão, em 2014.

No Brasil, existem tecnopolos criados em torno da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações (CPqD), da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-SP), do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, do Instituto de Pesquisas Renato Archer (CenPRA) e de uma unidade da Embrapa. Em São José dos Campos, o chamado “tecnopolo aeroespacial” formou-se em torno do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), do Centro Tecnológico Aeroespacial (CTA), do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), do Instituto de Aeronáutica e Espaço, da Embraer, da Avibras e da Agência Espacial Brasileira.

Outras instalações importantes são o tecnopolo de São Carlos (SP), o Parque Tecnológico de Belo Horizonte (MG), o Tecnopolo de Londrina (PR), o Tecnopolo Farmacêutico e Biotecnológico do Pernambuco, em Petrolina (PE), o Centro de Biotecnologia da Amazônia, em Manaus (AM), e o Tecnopolo do Petróleo na ilha do Fundão, na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

## Industrialização clássica e industrialização tardia ou recente

Do Reino Unido, pioneiro da Revolução Industrial, a atividade industrial logo se espalhou pelos países que também reuniam condições favoráveis: França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Rússia e Itália, na Europa; Estados Unidos e Canadá, na América; e Japão, na Ásia. São os países de industrialização original ou clássica.

A industrialização garantiu a esses países um lugar de destaque na economia mundial e uma grande influência sobre os países não desenvolvidos, por meio de suas empresas transnacionais. Além disso, esses países possuem um setor industrial completo, com grandes investimentos em tecnologia, e suas grandes corporações atuam no mundo todo. Essa pujança industrial reflete-se no comércio mundial, setor em que essas nações se destacam como grandes exportadores, apesar das crises econômicas que atravessaram no fim da primeira década do século XXI.

Durante a primeira metade do século XX, a produção em série e o surgimento da sociedade de consumo, incentivado pela propaganda, permitiram

a formação e o desenvolvimento de grandes empresas, que não só se uniram para enfrentar a concorrência no mercado (monopólios e oligopólios), mas também expandiram sua atuação além de suas fronteiras originais.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), iniciou-se um novo processo de industrialização, dessa vez em alguns países não desenvolvidos. Esse processo é chamado de industrialização tardia e dependente porque, além de ter ocorrido mais de cem anos após a Revolução Industrial, foi sustentado pelo processo conhecido como “tríplice aliança”, isto é, a união de capital estatal (sustentando as indústrias de base e os transportes), capital privado nacional (grupos empresariais locais) e capital internacional (grupos empresariais estrangeiros, hoje majoritários nessas nações).

Mas a industrialização não ocorreu de forma homogênea em todos os países não desenvolvidos.

Foram implementados dois modelos econômicos: a *industrialização substitutiva de importações* (Brasil, Argentina, México, Índia e África do Sul) e as *plataformas de exportação* (Taiwan, Hong Kong — anexo pela China em 1997 —, Cingapura e Coreia do Sul). Esses dois blocos especiais de países são conhecidos como novos países industrializados (NIC, sigla em inglês para *New Industrializing Countries*).

No século XXI, alguns dos NICs funcionaram como polo de dispersão industrial, como a dispersão da China para as Filipinas e para a Indonésia; e da Índia para o Paquistão, a Indonésia e a Tailândia.

Todos esses processos de industrialização foram responsáveis por uma reorganização do espaço industrial.

Observe, no mapa a seguir, como ocorreu a dispersão industrial em escala global.

Nos próximos capítulos, estudaremos alguns exemplos de industrialização entre todos esses países.



Adaptado de: ATLAS Mondes Émergents. Paris: Monde Diplomatique, 2012. p. 46.

## Índice de Competitividade Industrial

O Fórum Econômico Mundial realiza um trabalho mais completo para avaliar a capacidade industrial de um país. O resultado obtido é o Índice Global de Competitividade Industrial.

Em 2015, foram analisados 144 países nos seguintes itens: infraestrutura, instituições, inovação

tecnológica, desenvolvimento econômico, investimentos em saúde e educação, tamanho do mercado e mercado de trabalho.

Veja na tabela abaixo a relação dos dez países com os maiores índices e a posição do Brasil na lista do Índice Global de Competitividade Industrial no período de 2015-2016.

### Ranking do Índice Global de Competitividade Industrial – 2015–2016

Posição	País	Valor do Índice
1	Suíça	5,76
2	Cingapura	5,68
3	Estados Unidos	5,61
4	Alemanha	5,53
5	Países Baixos	5,50
6	Japão	5,47
7	Hong Kong	5,46
8	Finlândia	5,45
9	Suécia	5,43
10	Reino Unido	5,43
75	Brasil	4,08

Fonte: WORLD ECONOMIC FORUM, *The Global Competitiveness Report 2015–2016*. Disponível em: <[www3.weforum.org/docs/gcr/2015-2016/Global\\_Competitiveness\\_Report\\_2015-2016.pdf](http://www3.weforum.org/docs/gcr/2015-2016/Global_Competitiveness_Report_2015-2016.pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2016.



Philipp Schmidt/Bloomberg/Getty Images

▼ Extração de calcário em pedreira, em Oberdorf, na Suíça. Foto de 2015.

### Ecologia industrial e sustentabilidade

A Lei n. 12 305 de 2 de agosto de 2010 instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), que regulamenta a gestão integrada e o gerenciamento dos resíduos sólidos, tendo como principal objetivo a proteção da saúde pública e da qualidade ambiental.

Por resíduo sólido entende-se qualquer “material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d’água, ou exijam para isso soluções técnica ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível”.

Valendo-se dos princípios da ecologia industrial, a lei coloca entre seus principais objetivos a não geração, redução, reutilização, reciclagem e tratamento dos resíduos sólidos, bem como disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos.

Como atingir esses objetivos? O caminho para a correta implementação da PNRS passa necessariamente pelo desenvolvimento científico e tecnológico, bem como pela implementação de ferramentas tecnológicas já disponíveis para a indústria e o poder público.

Os sistemas industriais são alimentados por energia, matéria-prima e água, que, transformados pelos processos industriais, resultam em produtos e resíduos. O termo “ecologia industrial” engloba diferentes princípios e estratégias para evitar o desperdício de materiais e energia, minimizando a geração de resíduos e encontrando formas de incorporá-los novamente aos ciclos produtivos.

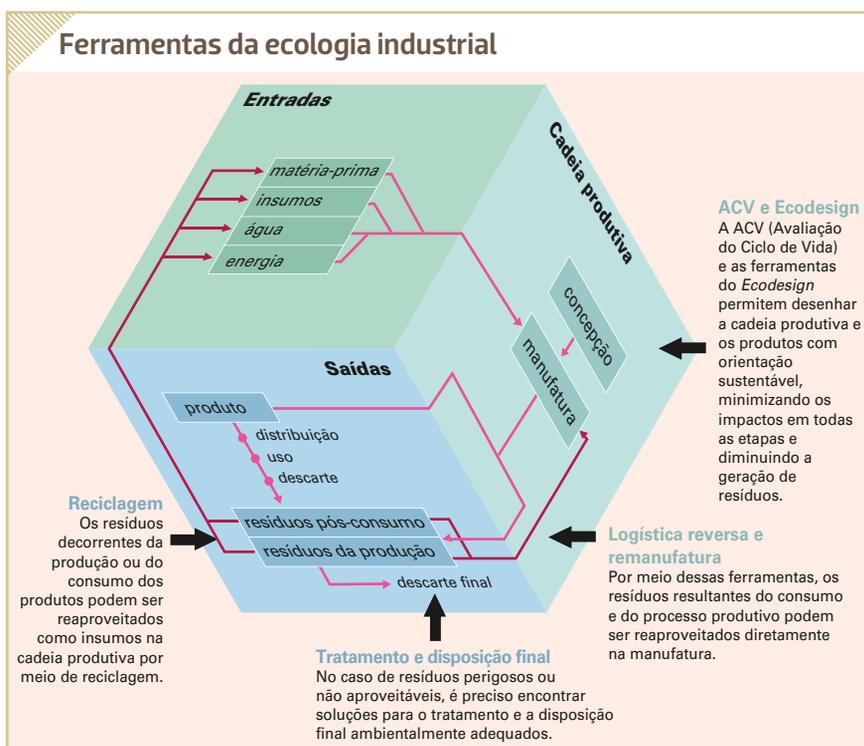
O estudo da ecologia industrial visa propulsionar a circulação desse fluxo de materiais dentro do sistema, aumentando seu aproveitamento e balanceando os fluxos de entrada e saída a fim de não alterar o equilíbrio do ambiente. O princípio de produzir sem desperdício e sem emissões, evitando impactos ambientais, é a base ecológica para o desenvolvimento sustentável.

Identificar e caracterizar as possíveis fontes de impactos ambientais, no caso, é o primeiro passo para a aplicação do conceito de sustentabilidade ao processo industrial, desde a obtenção da matéria-prima, a manufatura, até o consumo e o descarte final. Isso significa acompanhar e gerenciar a produção de resíduos e rejeitos (reaproveitáveis ou não) não só na saída do processo produtivo, mas ao longo de todas as suas etapas — um dos princípios básicos da nova legislação.

Os resíduos e rejeitos não reaproveitáveis, particularmente, demandam o desenvolvimento de técnicas

e métodos de tratamento visando ao descarte ou disposição final ambientalmente adequada. Além disso, necessitam de pesquisas tecnológicas para viabilizar sua reciclagem ou reaproveitamento, tendo como diretriz a meta de resíduo zero.

Além da pesquisa e desenvolvimento tecnológicos, para assegurar a implantação da PNRS, evidencia-se como questão crucial o planejamento das atividades de gerenciamento dos resíduos sólidos, ou seja, sua logística no aspecto econômico e social. Atualmente, ainda não há um mercado capaz de assimilar os custos para a segregação e armazenamento de muitos materiais



Adaptado de: TEIXEIRA, Cláudia Echevengú; YOSHIKAWA, Nestor Kenji. Disponível em: <[www.ambienteenergia.com.br/index.php/2012/12/ecologia-industrial-e-sustentabilidade/21487](http://www.ambienteenergia.com.br/index.php/2012/12/ecologia-industrial-e-sustentabilidade/21487)>. Acesso em: 17 fev. 2016.

descartados, hoje considerados resíduos ou rejeitos. O problema exige uma abordagem global que inclua estudos para a viabilização econômica dos procedimentos, a caracterização dos resíduos, ações que promovam a educação ambiental e o envolvimento do terceiro setor, bem como a elaboração de mecanismos simplificados para operações unitárias de armaze-

namento, organização e transporte. Trata-se de um grande desafio a ser enfrentado pelas indústrias, governos, e sociedade civil, com o apoio tecnológico das instituições de pesquisa. [...]

TEIXEIRA, Cláudia Echevengúá; YOSHIKAWA, Nestor Kenji. Disponível em: <[www.ambienteenergia.com.br/index.php/2012/12/ecologia-industrial-e-sustentabilidade/21487](http://www.ambienteenergia.com.br/index.php/2012/12/ecologia-industrial-e-sustentabilidade/21487)>. Acesso em: 17 fev. 2016.

## Refletindo sobre o conteúdo



1. **Geografia, História e Sociologia** Leia o texto abaixo e responda às questões.

*Nos últimos anos, as sociedades capitalistas passaram por fortes mudanças sociais. A produção industrial foi reestruturada pela microeletrônica e pela robótica, alterando a relação do trabalhador com o tempo de produção, isto é, com a intensidade do trabalho. [...]*

*A velha sociedade capitalista se reinventou, mas continuou reproduzindo suas características mais centrais de divisão em classes sociais, de exploração e dominação do trabalho, de produção do lucro e de sua apropriação privada.*

MACHADO, Igor; AMORIM, Henrique; BARROS, Celso Rocha de. *Sociologia hoje*. São Paulo: Ática, 2013. p. 185.

- a) As características descritas no texto acima pertencem a qual das etapas da Revolução Industrial? Justifique sua resposta.
  - b) Explique o trecho sublinhado do texto.
  - c) Qual é sua opinião sobre a afirmação feita pelos autores, que salientam que a sociedade capitalista se reinventou, mas reproduz suas características desiguais?
2. *A dispersão territorial da atividade econômica, em escala nacional e mundial, ocasionada pela globalização, criou novas formas de concentração. Essa dispersão territorial e a contínua concentração da propriedade podem ser inferidas de algumas das cifras relativas ao crescimento das empresas multinacionais e suas sucursais.*

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 2006. p. 36.

- Caracterize o processo de dispersão da atividade econômica.

3. Releia o capítulo e identifique duas diferenças entre o taylorismo e o fordismo.

4. Acompanhe a notícia veiculada em um site brasileiro:

### Brasil cai 18 posições em ranking de países mais competitivos

País passou do 57º para o 75º lugar em lista do Fórum Econômico Mundial. Brasil atingiu a sua pior posição na série histórica do levantamento.

*O Brasil perdeu mais 18 posições no ranking das economias mais competitivas do mundo, caindo para a 75ª colocação, segundo o Relatório Global de Competitividade, divulgado nesta terça-feira [29/09/2015] pelo Fórum Econômico Mundial (WEF) em parceria com a Fundação Dom Cabral.*

*Trata-se da maior queda já registrada pelo país e pior posição da série histórica da pesquisa, que mantém a mesma metodologia há 10 anos. Em 2014, o Brasil tinha caído da 56ª posição para a 57ª posição.*

*A pior colocação até então tinha sido o 72º lugar, registrado em 2007. O melhor resultado foi alcançado em 2012, quando o Brasil ficou no 48º lugar.*

*Após 3 anos consecutivos de perda de posições, o país está, agora, abaixo de alguns de seus principais concorrentes, como México, Índia, África do Sul e Rússia, e de economias menores, como Uruguai, Peru, Vietnã e Hungria.*

G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/09/brasil-cai-18-posicoes-em-ranking-de-paises-mais-competitivos.html>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

- Caracterize a posição brasileira no ranking da competitividade global e indique uma consequência dessa colocação.

# Reino Unido e França: pioneiros na industrialização

Museu Nacional do País de Gales, UK/Bridgeman Images/Fotoarena



▼ Aproveitando a estabilidade política, o capital obtido com o mercantilismo e as ricas jazidas de carvão mineral de seu território, o Reino Unido foi o primeiro país a se industrializar, no século XVIII. A França logo seguiu o caminho de seu rival histórico. *Dowlais Ironworks*, 1840, aquarela de George Childs (1798-1875), mostrando uma siderúrgica inglesa no século XIX.

## Reino Unido

O Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte é um Estado soberano localizado nas ilhas Britânicas, no noroeste do continente europeu. É uma monarquia parlamentarista, constituída pela união política de quatro países: Inglaterra, Escócia, País de Gales (que formam a Grã-Bretanha) e a Irlanda do Norte, como você pode ver no mapa da página 141.

Essa importante potência colonial e industrial do século XIX e começo do século XX teve papel fundamental no processo de industrialização mundial.

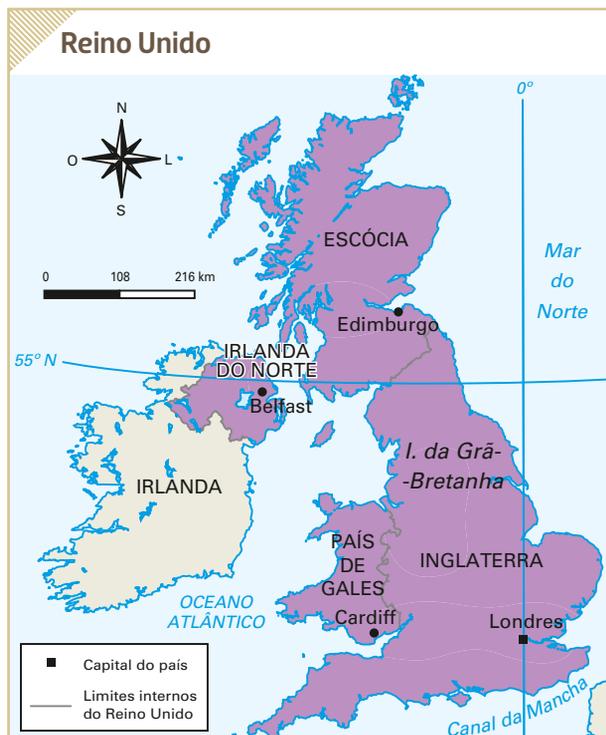
O Reino Unido já foi o centro do maior império colonial do mundo: o Império Britânico. Começou a perder importância após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), mas manteve seu *status* até a Segunda Guerra (1939-1945), quando perdeu o posto de principal líder do mundo capitalista para os

Estados Unidos da América. As perdas sofridas nos dois conflitos e a independência das colônias britânicas, que eram o grande esteio de sua economia, foram determinantes para essa situação de enfraquecimento, e ainda no século XX foi ultrapassado por outros países como Japão e Alemanha, que tiveram recuperação mais positiva.

Na primeira década do século XXI, o Reino Unido foi atingido pela crise econômica mundial (2008-2010) e, como em muitos outros países desenvolvidos, sua economia passou a ser ameaçada por países emergentes pela primeira vez na História. Foi superado pela China a partir de 2006, e também pelo Brasil, apenas uma vez, em 2011.

Neste capítulo, estudaremos a trajetória do país que foi o responsável pelo surgimento da atividade industrial e estabeleceu o sucesso da Primeira e da Segunda Revolução Industrial, mas precisou utilizar alternativas

para se inserir na Terceira Revolução Industrial, manter-se como um país competitivo e assegurar um lugar entre as maiores economias do mundo.



Adaptado de: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 43.

## O pioneiro da Revolução Industrial

O Reino Unido foi o grande artífice da Revolução Industrial, um conjunto de mudanças políticas, econômicas e sociais que contribuíram para que esse país se tornasse uma grande potência mundial a partir do fim do século XVIII.

Essas mudanças, combinadas entre si, criaram uma economia totalmente diferente: a *economia industrial*, cuja organização produtiva, comercial e financeira nós já estudamos no Capítulo 1.

Ao longo de sua história, o país reuniu uma série de condições que permitiram e favoreceram o surgimento dessa economia. Entre esses fatores ou condições iniciais, podemos citar:

- No fim do século XVII, a primeira revolução burguesa da história, denominada Revolução Gloriosa, acabou com o absolutismo e instaurou uma monarquia cujo poder foi transferido ao Parlamento — uma monarquia parlamentar. Dessa forma, a burguesia passou a ter importante representação no Parlamento e pôde influenciar nos rumos políticos e econômicos do

país, o que, mais tarde, contribuiu para o advento da Revolução Industrial.

- Quando o processo de industrialização começou, a burguesia dispunha do capital necessário para instalar as fábricas e fazê-las funcionar. Esses recursos eram provenientes do sistema colonial empreendido pela política mercantilista durante o período do capitalismo comercial ou pré-capitalismo, entre os séculos XVI e XVIII.
- Nessa época, as reservas de carvão mineral, principal fonte de energia das novas máquinas a vapor, e de minério de ferro, utilizado no desenvolvimento da metalurgia, eram abundantes no território inglês.
- O grande crescimento demográfico do país, causado pela diminuição das taxas de mortalidade e pelo aumento da expectativa de vida, graças aos avanços médicos e ao êxodo rural decorrente das novas condições implantadas no campo, como a **Lei dos Cercamentos** de terras, tornaram possível o surgimento de uma considerável força de trabalho.
- O isolamento do território inglês permitiu que o país ficasse afastado das guerras continentais da Europa.

### Lei dos Cercamentos

por essa lei, as terras destinadas ao uso comum dos camponeses foram confiscadas e cercadas para a criação de ovelhas e a produção de lã.

- A localização dos portos favorecia os transportes e o escoamento da produção e a importação de matérias-primas.

Além desses fatores iniciais na consolidação da industrialização, o Reino Unido também promoveu condições que foram fundamentais para o fortalecimento e o sucesso da atividade industrial no país.

- *Os avanços tecnológicos e o uso maciço da mecanização.* Esse foi um período caracterizado por inovações, como a máquina a vapor, o tear mecânico e as máquinas para tirar água das minas de carvão.
- *A Revolução dos Transportes, que se caracterizou pelo uso da máquina a vapor em navios e trens.* A construção de uma rede ferroviária e os estaleiros deram um enorme impulso à siderurgia, com a construção de locomotivas, vagões e navios. Esses novos meios de transporte também facilitavam o recebimento de matérias-primas e o escoamento da produção das fábricas. Veja, na imagem da página 142, uma locomotiva desse período.



▼ Cartão publicitário do século XIX exaltando a inauguração da primeira linha férrea entre Stockton e Darlington, em 1825.

- *A expansão do império colonial.* Com o crescimento do Império Britânico, o Reino Unido conseguiu novos fornecedores de matéria-prima para a indústria e um novo mercado consumidor para os produtos que fabricava. Orgulhosos de seu poderio, os ingleses costumavam dizer, “no Império Britânico, o Sol nunca se põe”, para se referir ao fato de que, quando o Sol desaparecia em algumas colônias, já aparecia em outras, em vista de sua grande extensão.

## ● As “regiões negras” e a Segunda Revolução Industrial

A Primeira Revolução Industrial transformou a Inglaterra na nova “fábrica do mundo”. Os dois setores mais importantes dessa primeira fase da industrialização inglesa foram o *de tecidos de algodão* e a *siderurgia*.

A indústria têxtil de algodão foi o setor mais emblemático, pois substituiu a antiga manufatura de lã e supria a demanda de um tecido resistente e fácil de lavar. Nesse setor também foram utilizadas as inovações que se converteram nas primeiras novidades da industrialização: a máquina a vapor, o tear mecânico e outras invenções que permitiram a diminuição da mão de obra. Além disso, a favor dessa indústria havia a possibilidade de importação de matéria-prima barata proveniente da Índia e das plantações escravocratas do sul dos Estados Unidos. Por volta de 1880, a produção inglesa de tecidos de algodão era maior do que a de toda a Europa continental, e o grande centro têxtil do país era a cidade de Manchester, chamada de Cottonopolis (“cidade do algodão”).

As indústrias siderúrgicas utilizavam a matéria-prima procedente das minas de ferro e de carvão e fabricavam equipamentos para a nova atividade.

Ambos os setores dependiam do carvão mineral como fonte de energia e de portos marítimos e fluviais que, com as ferrovias, trouxessem a matéria-prima e escoassem a produção de suas fábricas. Portanto, a localização dos portos e das minas de ferro e de carvão foi determinante para que as indústrias siderúrgicas e têxteis, os maiores setores da Primeira Revolução Industrial, se concentrassem em certas regiões do país. Essas primeiras regiões industriais ficaram conhecidas

como “regiões negras” em virtude da grande quantidade de pó produzido pelas jazidas, que escurecia a atmosfera e sujava as cidades.

Entre as principais “regiões negras” estavam Yorkshire (Leeds), Lancashire (Bolton) e Midlands (Nottingham). Portos como os de Liverpool (Merseyside), Glasgow (Escócia) e Cardiff (País de Gales) criaram parques industriais ou passaram a se dedicar à atividade de extração de carvão. Nessas áreas encontravam-se indústrias têxteis e siderúrgicas e outras indústrias delas derivadas, como as navais e as de materiais ferroviários.

Na Segunda Revolução Industrial, a atividade industrial já havia se expandido para outros países, entre eles Estados Unidos, Alemanha e Japão. A potência pioneira teve de enfrentar não apenas novos rivais, mas também mudanças, como novas técnicas de trabalho e novas fontes de energia, como vimos no capítulo anterior e veremos nos seguintes.

## ● A potência enfraquecida

O processo de enfraquecimento da economia do Reino Unido e a perda do posto de maior potência mundial foram consequências de um conjunto de fatores que se sucederam ao longo da primeira metade do século XX.

Na verdade, esse processo teve início no desenvolvimento da Segunda Revolução Industrial, quando começou o processo de industrialização dos Estados Unidos, e continuou com o advento da Primeira Guerra Mundial, quando esse país da América do Norte se estabeleceu como grande potência emergente da época.

Mas o declínio do Reino Unido do posto de potência mundial veio principalmente com dois acontecimentos marcantes do século passado:

- a *Segunda Guerra Mundial*, que destruiu a economia e afetou o território do Reino Unido, mesmo tendo sido um dos países vencedores do conflito;
- o *processo de descolonização da África e da Ásia* (1945-1975), pois o Reino Unido perdeu quase a totalidade de seu vasto império colonial, que constituía seus principais fornecedores de matéria-prima barata e um representativo mercado de consumo.

## Novas áreas industriais do Reino Unido

O declínio no uso do carvão, o esgotamento desse recurso, a utilização de fontes de energia como a eletricidade e o petróleo, assim como a necessidade de novas tecnologias da Terceira Revolução Industrial foram fundamentais para as mudanças na distribuição das indústrias no país.

As “regiões negras” entraram em decadência e, para reverter essa situação, tiveram de se reinventar e se adaptar aos novos tempos, pois perderam muitas indústrias e enfrentaram o aumento do desemprego, tornando-se regiões de emigração.

A cidade de Manchester passou a concentrar sua economia no setor de serviços, na biotecnologia e nas indústrias de comunicações; Liverpool e outras cidades começaram a investir principalmente no setor de serviços e de turismo para reerguer suas economias.



▼ Estação ferroviária da rua Lime, em Liverpool, no Reino Unido. Foto de 2016.

A cidade de Londres, que sempre foi o principal centro industrial do Reino Unido desde o início da Revolução Industrial, agora apresenta muita variedade e dinamismo. Na área metropolitana, abriga desde indústrias características da Segunda Revolução Industrial, como as automobilísticas, mecânicas e químicas, até as mais dinâmicas, típicas da chamada Terceira Revolução Industrial, como as indústrias de eletrônicos e de biotecnologia. A principal Bolsa de Valores e os aeroportos mais movimentados do continente estão localizados em Londres. Além disso, a cidade conta com sistemas de trens e metrô interligados, importantes rodovias e um porto bastante ativo. O turismo é um setor que movimenta bastante a economia da região, atraindo milhões de visitantes do mundo todo, que chegam à cidade para conhecer palácios, museus, parques, feiras, galerias de arte e participar de congressos e competições esportivas, entre outras atrações.

A região metropolitana de Birmingham, industrializada desde a Revolução Industrial, integra a conurbação de West Midlands e ultrapassou antigos centros industriais das “regiões negras”, como Liverpool e Glasgow. É a segunda maior região industrial do país, onde há inúmeras indústrias de tecnologia de ponta, como a petroquímica e a de biotecnologia.



▼ Praça do Centenário, no centro de Birmingham, Reino Unido. Foto de 2015.

Existem outras regiões industriais importantes, como Southampton (eletroeletrônica e química), Bristol (siderúrgica, aeronáutica e química), Liverpool-Manchester (química, siderúrgica e têxtil), Leeds-Sheffield (siderúrgica, têxtil e química), Newcastle (naval, química e siderúrgica), Glasgow (naval, têxtil e química), na Grã-Bretanha; e Belfast (naval e siderúrgica), na Irlanda do Norte.

No Reino Unido foram criados importantes parques tecnológicos, entre os quais se destacam o Cambridge Science Park, desenvolvido pela

tradicional universidade do sul da Inglaterra; o Harriot-Watt Park, sustentado pelo centro de pesquisas da Harriot Watt University, localizado em Edimburgo, na Escócia; e o centro tecnológico de Newcastle, inaugurado em 2014.

No mar do Norte descobriu-se petróleo e gás natural na década de 1980. Esses recursos são explorados por transnacionais, como a British Petroleum (BP).

Veja, no mapa abaixo, a localização dos recursos minerais e energéticos e as principais regiões industriais do Reino Unido.

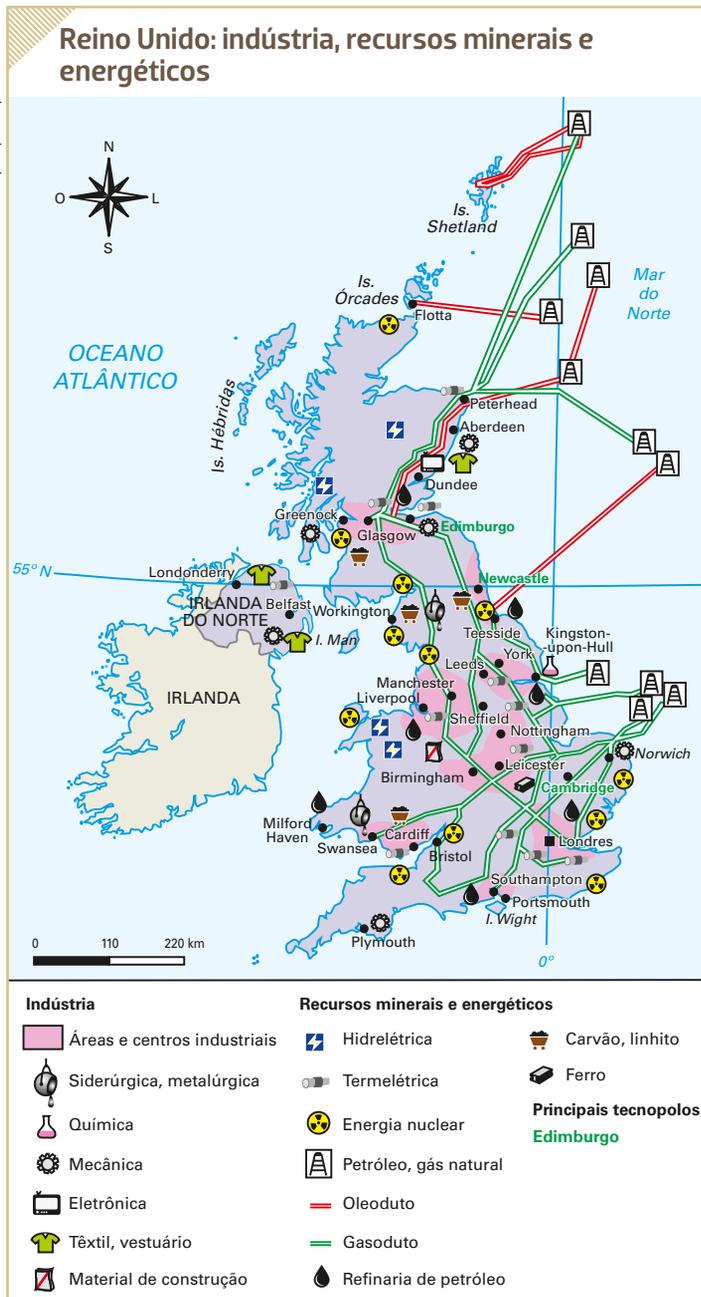
## ■ O Reino Unido no século XXI

Apesar de não ser mais a grande potência que foi até o começo do século XX, o Reino Unido ainda tem grande prestígio em nível mundial. É membro permanente do Conselho de Segurança da ONU e faz parte de importantes associações, como a União Europeia, a Otan, o G-7, o G-20 (financeiro) e a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne países de governo democrático que adotam economias de livre mercado.

No século XXI, enfrentou sérios problemas como grandes gastos militares na luta contra o terrorismo global, a crise mundial de 2008 e a crise europeia de 2010. Esses fatores desfavoráveis levaram o país ao posto de sétima economia do mundo, atrás de Estados Unidos, China, Japão, Alemanha, França e Brasil, em 2011. Nos anos seguintes, seu PIB, mesmo com crescimento modesto, permitiu que o país reagisse positivamente e em 2015 o Reino Unido assumiu o posto de quinta economia mundial.

É um país desenvolvido, grande centro financeiro mundial e com ótimos indicadores socioeconômicos, como podemos constatar na tabela a seguir.

Juliana Medeiros de Albuquerque/Arquivo da editora



Adaptado de: ATLANTE geográfico del mundo — National Geographic. Novara: Istituto geografico De Agostini, 2015. p. 64. Mapa sem data na fonte original.

### Reino Unido: indicadores socioeconômicos – 2015

IDH*	0,907
Expectativa de vida (em anos)	80,5
PIB (em bilhões de US\$)	2 827
PIB per capita (PPC, em US\$)	39 800
População (em milhões de hab.)	63,5
Índice de competitividade**	5,45
Exportações (em bilhões de US\$)	442
Importações	539

\* Dados de 2014.

\*\* O Índice Global de Competitividade é medido de 0 a 7, e o mais alto é o mais competitivo.

Fonte: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/uk.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/uk.html)>; WORLD ECONOMIC FORUM. *Global Competitiveness Report 2015-2016*.

Disponível em: <[www3.weforum.org/docs/gcr/2015-2016/Global\\_Competitiveness\\_Report\\_2015-2016.pdf](http://www3.weforum.org/docs/gcr/2015-2016/Global_Competitiveness_Report_2015-2016.pdf)>; ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <[http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015\\_human\\_development\\_report\\_0.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015_human_development_report_0.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2016.

## ■ França

Do Reino Unido, a atividade industrial se espalhou para outros países europeus, como França, Bélgica, Holanda e Rússia.

Durante muitos séculos a França foi considerada uma potência econômica e militar na Europa e no mundo. Do ponto de vista político, a humanidade herdou da Revolução Francesa os conceitos de nação e democracia modernas, baseados nos fundamentos ideológicos da república, da **laicidade** e na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789.

**Laicidade:** caráter do que não está ligado à religião, ao sagrado.

Principalmente a partir da segunda metade do século XVII e parte do XVIII, o país exerceu um papel de liderança e hegemonia na Europa, tendo colonizado grande parte da América do Norte, da África central e ocidental, do Sudeste Asiático e muitas ilhas do Pacífico, que formaram o segundo maior império colonial, menor apenas que o britânico.

Do ponto de vista cultural, a França legou ao mundo inúmeros escritores, poetas, filósofos, pintores, escultores e outros artistas. Do século XVII a meados do século XX, o francês serviu de língua internacional na diplomacia e nas relações internacionais e só recentemente perdeu sua posição para o inglês, desde que os Estados Unidos se tornaram uma grande potência mundial.

## ● A industrialização

O processo de industrialização da França foi iniciado após a Revolução Francesa (1789), quando a burguesia chegou ao poder. Mas, diferentemente do que ocorreu no Reino Unido, diversos fatores retardaram a industrialização do país, entre eles:

- a falta de mão de obra excedente para a indústria;
- a perda dos principais mercados coloniais para os ingleses;
- o pouco interesse dos capitalistas franceses, que preferiam altos cargos públicos, terras e títulos de nobreza;
- a desorganização dos mercados de capital;
- o conservadorismo dos empresários franceses;
- a deficiência e a precariedade dos transportes;
- a concorrência das invenções tecnológicas e dos produtos do Reino Unido, principalmente nos setores de metalurgia e têxteis, que retirava mercados dos franceses.

O país só conseguiu estabelecer sua produção industrial após 1830, quando se estabilizou politicamente, depois de passar por um período conturbado em decorrência da Revolução Liberal (1830) e das guerras napoleônicas (1803-1815).

As jazidas de carvão mineral também determinaram a localização da indústria francesa nas regiões da Alsácia e da Lorena, na fronteira com a Alemanha. Os principais tipos de indústria dessa fase foram a indústria siderúrgica e a têxtil. O desenvolvimento dos transportes, na segunda metade do século XIX, acelerou a concentração de atividades industriais em outras áreas, principalmente próximas dos grandes centros urbanos, como Paris. De 1870 a 1913, a França consolidou a industrialização, com a expansão das ferrovias e de atividades interligadas e voltadas basicamente para o mercado interno. O período entreguerras (1918-1939) foi marcado por profundas agitações políticas entre comunistas, socialistas e radicais, além da instabilidade econômica e do pouco progresso na industrialização. Veja foto abaixo.



▼ Mulheres se aquecem em ruas do centro de Paris, França, em 1930.

## ● A França depois da Segunda Guerra Mundial

A França, mais do que o Reino Unido, teve seu território e sua economia devastados pela Segunda Guerra Mundial. Entretanto, alguns fatores possibilitaram a reconstrução de sua economia após o conflito: a ajuda financeira dos Estados Unidos com o Plano Marshall; o apoio decisivo do governo e a fusão de pequenos grupos empresariais, o que resultou em maior concentração industrial no país.

Mais tarde, no fim da década de 1950, o fato de a França fazer parte da Comunidade Econômica Europeia (CEE) foi fundamental para o desenvolvimento da economia do país.

## ● Novas regiões industriais e riquezas minerais

Com as mudanças estabelecidas no decorrer do tempo, novos combustíveis e novas tecnologias passaram a ser utilizados no processo de industrialização francês e, hoje, a distribuição espacial da indústria no país ficou bem diferente.

Na região central da França, onde está a **área metropolitana** de Paris, destacam-se os setores automobilístico, aeronáutico, de informática e farmacêutico. As principais montadoras francesas têm instalações industriais nessa região. Encontram-se aí também indústrias mecânicas, de eletroeletrônicos, químicas, alimentícias, farmacêuticas, entre outras.

A indústria francesa também é muito desenvolvida em outras regiões do país, como o Sudeste, o Norte-Nordeste e o Oeste-Sudoeste.

Na região sudeste estão instaladas as indústrias mais modernas e mais dinâmicas, que têm na alta tecnologia sua principal característica. Destacam-se as indústrias químicas, de biotecnologia e de informática, localizadas nas cidades de Lyon, Marselha e Grenoble. Nessa região, também existem tecnopolos, cujos principais setores industriais são o de

**Área metropolitana:** área formada por uma metrópole, com várias cidades adjacentes, que constitui um grande centro populacional.

biotecnologia, farmácia, material de transporte, eletroeletrônico e têxtil de alta tecnologia, petroquímico, químico, siderúrgico e naval. Um dos mais importantes tecnopolos é o Sophia Antipolis, localizado ao sul da cidade de Nice.

O maior destaque na região Oeste-Sudoeste é o setor aeroespacial, no tecnopolo de Toulouse. Aí está localizada a sede do consórcio Airbus (França, Alemanha, Reino Unido e Espanha), a segunda maior construtora de aviões do mundo, que só perde para a norte-americana Boeing. Encontram-se em Toulouse, entre outros setores industriais, o automobilístico e o químico.

Estão localizadas nessa região, além de Toulouse, cidades industriais como Bordeaux (indústrias alimentícia, automobilística e química) e Nantes (indústrias química, naval, alimentícia e mecânica).

Na região Norte-Nordeste estão as indústrias típicas da Segunda Revolução Industrial: siderúrgicas, metalúrgicas e têxteis. Atualmente, seus principais centros — Estrasburgo, Dunquerque, Metz, Lille e Nancy — procuram investir em tecnologia de ponta para se destacar na economia do país.

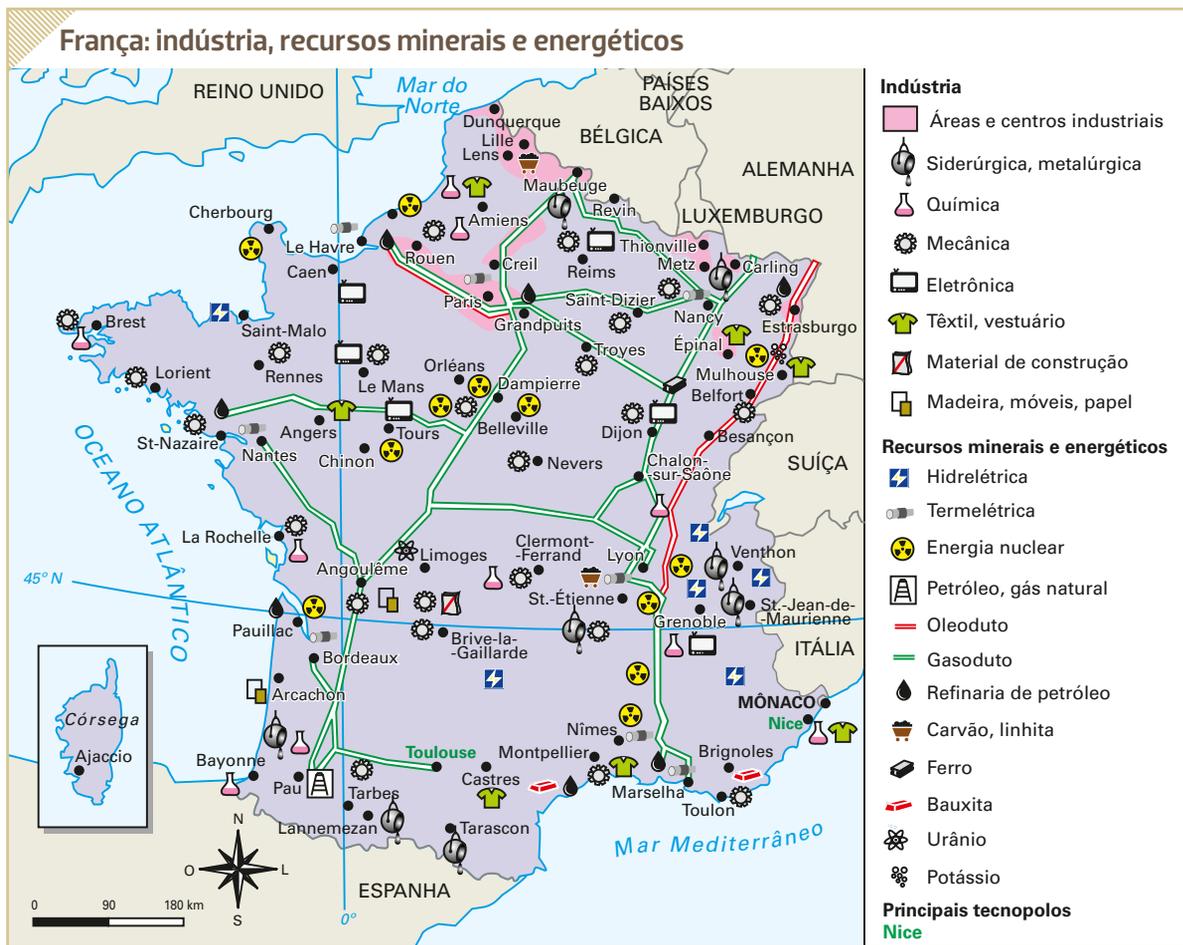
Quanto às fontes de energia, a França importa do Oriente Médio e do norte da África quase todo o petróleo de que necessita. O gás natural é explorado nos Pireneus, e as minas de carvão estão praticamente esgotadas. A França é o país que apresenta o maior índice de utilização de energia nuclear do mundo. As hidrelétricas são construídas em rios que descem dos Alpes, dos Pireneus e do maciço Central Francês. Entre os recursos minerais, destaca-se a bauxita (minério de alumínio), que alimenta importante indústria metalúrgica e é explorada na Provença (Les Baux).

Veja, no mapa da página 147, as regiões industriais e os principais recursos minerais e energéticos da França.

A Guiana Francesa, departamento ultramarino da França na América do Sul, abriga desde 1968 uma base de lançamento de foguetes, o Centro Espacial de Kourou, que pertence à Agência Espacial Europeia.

Cyril Bequart/Only France/Agência France-Presse

▼ Vista aérea do tecnopolo de Sophia Antipolis, próximo a Nice, na França, em 2014.



Adaptado de: ATLANTE geográfico metodico De Agostini 2014. Novara: Istituto geografico De Agostini, 2014. Mapa sem data na fonte original.

## ● A França na globalização

A França, um dos países mais industrializados do mundo, tem o terceiro maior orçamento militar do planeta, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da China. É a terceira maior força militar da Otan e o maior exército da União Europeia. É membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas e possui o terceiro maior número de armas nucleares do mundo. Além disso, é um dos membros fundadores da União Europeia, sendo o maior país em área e a segunda maior economia do bloco. Veja os principais indicadores socioeconômicos da França na tabela ao lado.

É também o país europeu onde o Estado tem maior participação na economia. A intervenção do Estado na França tem sido fundamental para diminuir a taxa de desemprego por meio de planos de criação de postos de trabalho, além de incentivar a fusão de empresas para enfrentar o mundo globalizado.

O país também sentiu os efeitos das crises de 2008 e de 2010, cujas consequências foram a desaceleração

no crescimento do PIB e o aumento das taxas de desemprego. Em 2015, foi ultrapassada pelo Reino Unido e passou a ser a sexta economia do mundo.

### França: indicadores socioeconômicos – 2015

<b>IDH*</b>	0,888
<b>Expectativa de vida (em anos)</b>	81,7
<b>PIB (em bilhões de US\$)</b>	2423
<b>PIB per capita (PPC, em US\$)</b>	40500
<b>População (em milhões de hab.)</b>	66,5
<b>Índice de competitividade**</b>	5,13
<b>Exportações (em bilhões de US\$)</b>	509,1
<b>Importações</b>	539

\* Dados de 2014.

\*\* O Índice Global de Competitividade é medido de 0 a 7, e o mais alto é o mais competitivo.

Fonte: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/uk.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/uk.html)>; WORLD ECONOMIC FORUM. *Global Competitiveness Report 2015-2016*. Disponível em: <[www3.weforum.org/docs/gcr/2015-2016/Global\\_Competitiveness\\_Report\\_2015-2016.pdf](http://www3.weforum.org/docs/gcr/2015-2016/Global_Competitiveness_Report_2015-2016.pdf)>; ONU. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <[http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015\\_human\\_development\\_report\\_0.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015_human_development_report_0.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2016.

## "Questão migratória é o principal problema europeu, mais que a crise grega", diz analista

Para Bruno Cautrès, do Instituto de Estudos Políticos de Paris, incapacidade da UE alimenta populismo

PARIS — O drama dos migrantes que têm se arriscado no Eurotúnel para chegar ao Reino Unido colocou a questão novamente em pauta. Para Bruno Cautrès, analista do Instituto de Estudos Políticos de Paris, a incapacidade da Europa em lidar com a situação alimenta o populismo que rechaça os refugiados e dá voz a radicalismos.

### Qual o significado de mais este incidente em Calais?

Há muito tempo, não somente a França, mas a Europa, não sabe enfrentar esta situação. E temos o sentimento de que é algo cada vez mais grave. Há uma pressão crescente, e esta questão da imigração e dos refugiados se tornou o problema número um da Europa, talvez mais do que a crise grega. Os países europeus se sentem pouco à vontade em aceitar assumir sua parte do problema. É um problema para o qual ninguém parece ter uma solução.

### Como você analisa a reação dos envolvidos hoje?

As respostas se restringiram ao âmbito da manutenção da ordem, do reforço da segurança, com envio de policiais. O Ministro do Interior francês disse que a situação

em Calais reflete o estado dos problemas e das tensões do mundo. Tudo bem, ele tem razão. Mas dizendo isso, ele não diz nada. Fui surpreendido por essa abordagem do governo francês restrita às questões de segurança.

### Há uma impotência europeia para enfrentar o problema?

As soluções são de longo prazo e onerosas, de nível internacional, nas áreas de políticas de cooperação, de desenvolvimento. As soluções de curto prazo são humanitárias. A Itália teve razão em lembrar que os fundos europeus que lhe haviam sido destinados para enfrentar a situação foram reduzidos. Hoje, é ainda mais difícil, pois muitos governos têm o sentimento de que os cidadãos não acreditam mais na Europa.

[...]

EICHENBERG, Fernando. O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/questao-migratoria-o-principal-problema-europeu-mais-que-crise-grega-diz-analista-17013529>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

### ⊕ Depois de ler o texto, faça as questões propostas.

1. Consulte atlas geográficos e sites e localize o Eurotúnel. Identifique os países e o canal que ele atravessa.
2. Segundo o analista entrevistado, qual é o principal problema europeu?
3. Aponte duas questões socioeconômicas provocadas por esse grave problema europeu.

## Refletindo sobre o conteúdo



1. **Geografia e História** Leia o texto abaixo.

A emergência do império marítimo britânico no decorrer do século XIX pode ser compreendida a partir de dois aspectos importantes. O primeiro deles refere-se ao desenvolvimento do comércio britânico e do espírito empresarial liberal que sustentava os riscos financeiros das empreitadas. A Marinha foi um dos resultados bem-sucedidos graças ao desenvolvimento de projetos de navios e da capacidade técnica que propiciou o desenvolvimento dos motores a propulsão favorecida pela disponibilidade de matérias-primas então essenciais como carvão e ferro.

PENHA, Eli Alves. *Relações Brasil-África e geopolítica do Atlântico Sul*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 43.

- a) Relacione o texto acima com as Revoluções Industriais.
- b) Cite uma característica do espírito empresarial liberal. Comente sua resposta.

2. Observe a foto abaixo, depois faça o que se pede.



Balint Pornezci/Bloomberg/Getty Images

▼ Aeronave na linha de montagem em fábrica da Airbus, no tecnopolo de Toulouse, na França. Foto de 2015.

- a) Caracterize um tecnopolo.
- b) Explique a importância do tecnopolo de Toulouse para a economia francesa.

# Estados Unidos: pioneiro industrial das Américas



ullstein bild/Getty Images

▼ A Segunda Revolução Industrial, que priorizou o petróleo como fonte de energia, marcou o início do processo de industrialização do primeiro país que desenvolveu essa atividade fora da Europa: os Estados Unidos da América. Na foto, linha de montagem do Ford T, em Highland Park, Michigan, nos Estados Unidos, em 1913.

## Estados Unidos

Com o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos da América assumiram a posição de principal potência econômica e militar do mundo. Para entender como as Treze Colônias da América do Norte saíram dessa condição para chegar à categoria de

potência mundial, é preciso conhecer o processo de sua expansão territorial no continente americano e, mais tarde, em todo o planeta.

Os primeiros europeus, principalmente holandeses, chegaram ao nordeste da América do Norte no século XVI. No início do século XVII, os ingleses fundaram Virgínia (1606), a primeira

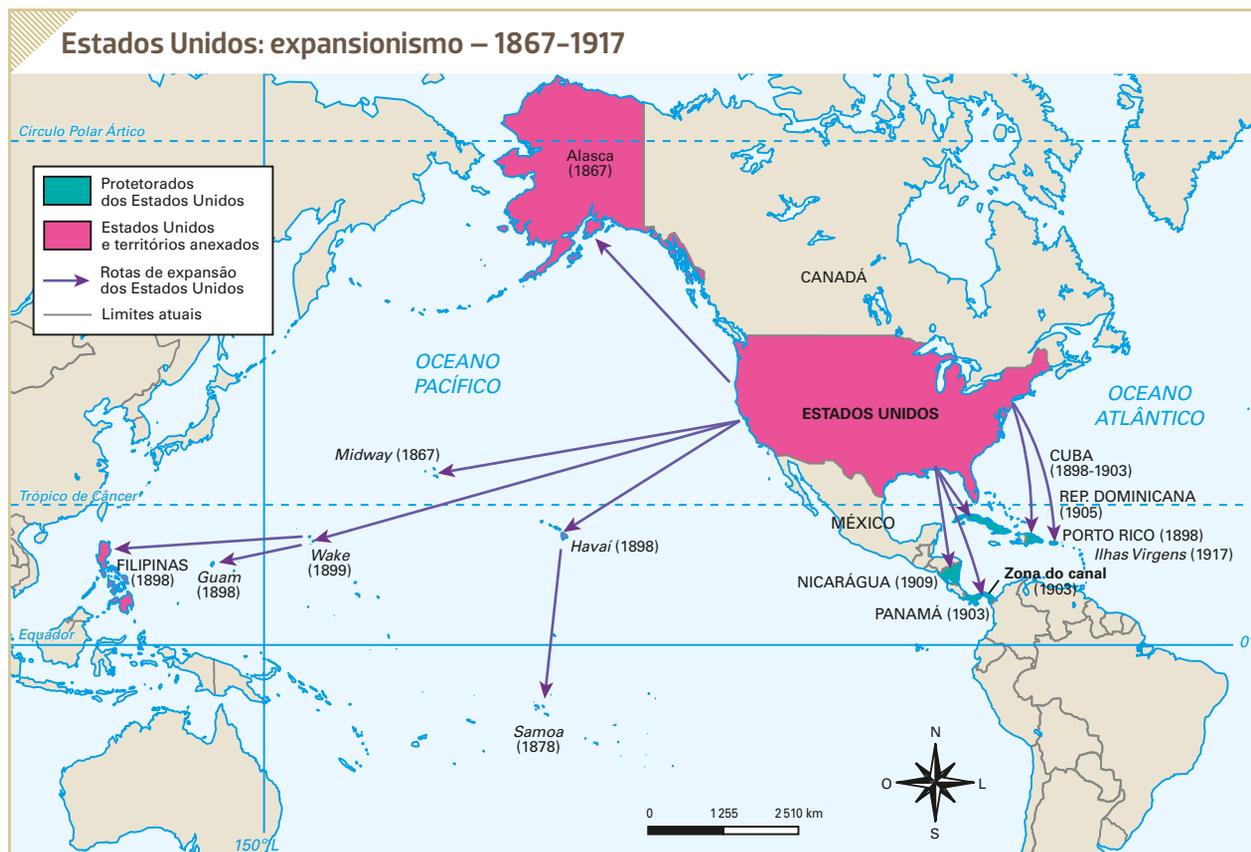
colônia britânica da região, seguida de Massachusetts (1620). Após a expulsão dos holandeses (1624), foram estabelecidos, até 1733, mais onze núcleos de povoamento.

Em 1776, essas treze colônias se tornaram independentes e deram início à constituição do território que conhecemos hoje como os Estados Unidos da América. Desde sua independência até o fim do século XIX, esse país ocupou todas as terras até o oceano Pacífico. Essa expansão, que ficou conhecida como a Marcha para o Oeste, envolveu tanto guerras e extermínio de população nativa como acordos de compra e tratados de paz. Veja o mapa ao lado.

Depois de ampliar suas fronteiras, o país precisava garantir sua hegemonia nas três Américas e no resto do mundo. A América Central e o Pacífico sul foram os alvos preferidos da expansão norte-americana, como você pode ver no mapa abaixo.



Adaptado de: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2006.



Adaptado de: SÁNCHEZ, J. Aróstegui. *Atalaya: Historia del mundo contemporáneo*. Barcelona: Vicens Vives, 2008. p. 109.

## Doutrina Monroe e *Big Stick*

Em 1823, temendo a influência de países europeus na América, o presidente dos Estados Unidos James Monroe propôs a doutrina que leva seu nome, na qual afirmava que qualquer intenção de países europeus de intervir em assuntos do continente americano seria considerada uma ameaça contra a segurança e os interesses do país. Ele assegurava também a cooperação dos Estados Unidos na consolidação da independência dos “bons vizinhos do Sul”. Nesse pronunciamento, Monroe proferiu a frase que resume os princípios de sua doutrina: “A América para os americanos”.

Em 1903, Theodore Roosevelt, outro presidente norte-americano, reafirmou o interesse pela América Latina, na política do *Big Stick* (“Grande Porrete”), que pregava o uso de intervenções armadas para garantir a hegemonia dos Estados Unidos na América Latina.

A partir daí, os Estados Unidos passaram a realizar intervenções, armadas ou não, na América Latina, sob qualquer pretexto e com uma política diferente em cada época: a política da Boa Vizinhança, na década de 1930, e a Doutrina da Segurança Nacional, durante a Guerra Fria.



The Granger Collection/Other Images

▼ Charge de 1904 satirizando a política intervencionista do presidente norte-americano Theodore Roosevelt no mar do Caribe.

⊕ **Pesquise o assunto em livros de história e sites da internet. Depois, faça as questões propostas.**

1. Identifique duas ações dos Estados Unidos dentro da política do “Grande Porrete” e da Doutrina Monroe.
2. Cite algumas intervenções dos Estados Unidos na América Latina durante a Guerra Fria.
3. Mencione uma derrota dos Estados Unidos nesse período.

## ● O processo de industrialização

Após a Guerra Civil Americana (1861-1865) — também conhecida como Guerra de Secessão —, teve início o processo de industrialização dos Estados Unidos. Nesse principal conflito do país, os estados do Norte, marcados pelo predomínio de mão de obra assalariada, pequenas propriedades, atividade manufatureira e uma economia voltada para o mercado interno, venceram o Sul agrário, que se caracterizava pelo predomínio de latifúndios, mão de obra escravizada de origem africana e um mercado voltado para a exportação de gêneros agrícolas.

A burguesia formada por comerciantes capitalistas criou as condições para a industrialização do Nordeste do país, uma área que vai da costa atlântica até os Grandes Lagos. Composta, em sua maioria, por protestantes, a burguesia não via a riqueza como pecado, mas como uma consequência da escolha divina e do trabalho. Essa ética foi fundamental para o acúmulo de capitais empregados no processo de industrialização.

Na época, a região reunia algumas condições favoráveis para que os Estados Unidos se tornassem a primeira nação fora da Europa a empreender uma Revolução Industrial:

- Existência de recursos minerais em abundância, provenientes das jazidas de minério de ferro em escudos cristalinos nos estados de Minnesota e Wisconsin, ao lado do lago Superior, e das jazidas de carvão em bacias sedimentares localizadas nos estados da Pensilvânia e de Ohio.
- Proximidade do oceano Atlântico, propiciando sua ligação com os Grandes Lagos, que se tornaram importantes vias de transporte.
- Integração do espaço territorial por meio de ferrovias.
- Mercado consumidor interno constituído de assalariados que compravam e vendiam mercadorias e, dessa forma, estimulavam as atividades comerciais e industriais.

Formou-se assim a mais importante região de concentração industrial dos Estados Unidos, a do *Manufacturing Belt*, que reunia vários tipos de indústrias, como a siderúrgica e a automobilística.

Com o passar do tempo e com as mudanças econômicas, o país passou por um processo de dispersão industrial. Consequentemente, novas áreas industriais surgiram, e se formou uma nova organização do espaço econômico.

## ● Organização do espaço econômico

Há duas grandes regiões geoeconômicas nos Estados Unidos, caracterizadas por diferentes processos de industrialização: a do *Manufacturing Belt*, ou Cinturão Fabril, e a do *Sun Belt*, ou Cinturão do Sol, que são complementadas por uma moderna agropecuária, cujas atividades são divididas em faixas especializadas de produção agrícola, denominadas *belts*.

### ● *Manufacturing Belt* ou Cinturão Fabril

Essa região que se estende do nordeste dos Estados Unidos até os Grandes Lagos, onde se iniciou a industrialização do país, forma atualmente a maior concentração urbano-industrial do mundo, embora tenha precisado se adaptar a novas tecnologias e a novos fatores locacionais da Terceira Revolução Industrial.

O *Manufacturing Belt* era composto de indústrias típicas da Primeira e da Segunda Revolução Industrial — indústrias de bens de produção, bens

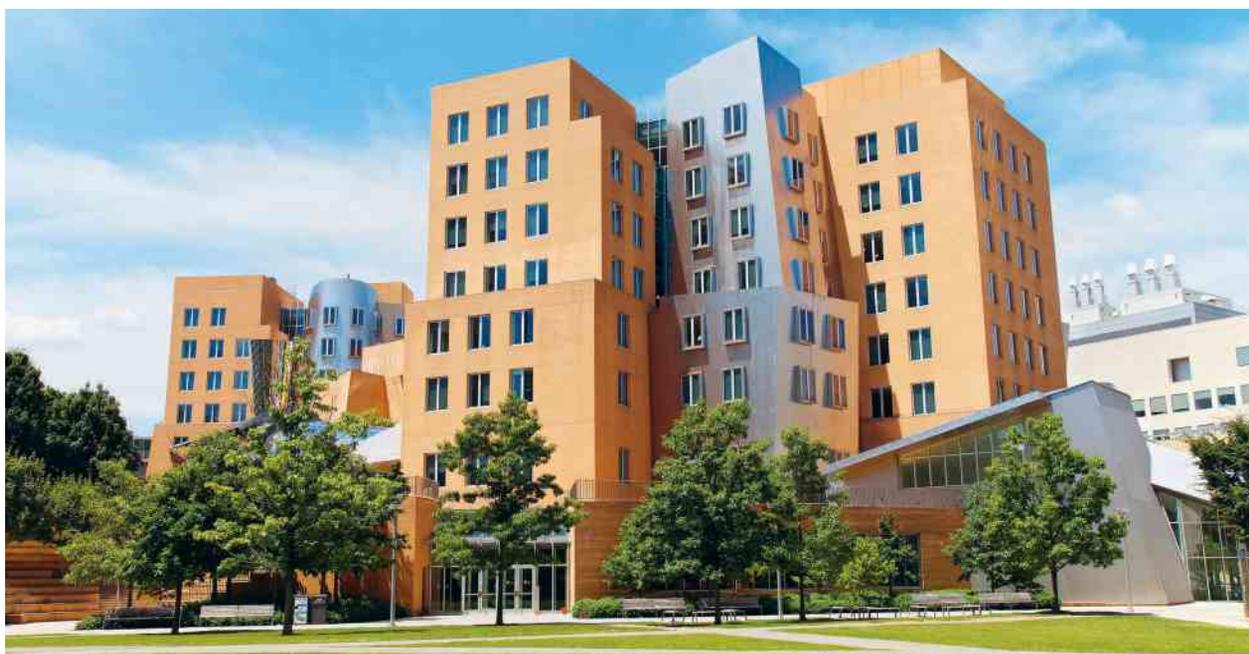
intermediários e bens de consumo duráveis. Em virtude da decadência de muitas delas, passou a ser chamado *Rust Belt* (Cinturão de Ferrugem).

Em Detroit, que já foi considerada a capital do automóvel, estão as sedes das principais montadoras de automóveis dos Estados Unidos, mas, atualmente, a cidade se encontra em franca decadência.

Nos últimos anos, muitas indústrias da Terceira Revolução Industrial, como as de informática, biotecnologia e robótica, têm se instalado no Cinturão Fabril.

Em virtude do grande número de siderúrgicas, Pittsburg ainda é conhecida como “a cidade do aço”, mas muitas delas, extremamente poluidoras, foram substituídas por indústrias de alta tecnologia. Fora do Japão, a cidade de Pittsburg é uma das maiores produtoras de equipamentos robóticos do mundo. Sua produção de aço, atualmente, não se destina à exportação; as siderúrgicas locais trabalham agora com um tipo de aço usado pela indústria automobilística nacional.

Boston, capital de Massachusetts, é uma cidade antiga (1630) e tradicional. Tornou-se o centro de um parque tecnológico denominado Rota 128 (em inglês *Route 128*), que concentra, principalmente, empresas do setor de eletrônica, influenciadas pelas universidades da região, como o Massachusetts Institute of Technology (MIT) e a Harvard University. Esse parque tem ainda indústrias bélicas, de equipamentos médicos e de biotecnologia.



Pieter Greyling/Alamy/Latinstock

▼ Edifício projetado pelo arquiteto Frank Gehry para o *campus* do MIT em Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos. Foto de 2014.

Outro parque tecnológico, localizado na costa leste do país, é o Research Triangle Park (RTP), no estado da Carolina do Norte, criado ao redor de três universidades: Duke University, North Carolina State University e University of North Carolina. Concentra aproximadamente cem empresas, que realizam atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D).

## ● Sun Belt ou Cinturão do Sol

*Sun Belt*, ou Cinturão do Sol, é a região onde se concentram as novas áreas industriais criadas principalmente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que se diferenciaram da tradicional industrialização do Nordeste por utilizar novas tecnologias, como a informática, a biotecnologia, a indústria aeroespacial e a **microeletrônica**, típicas da Terceira Revolução Industrial.

**Microeletrônica:** envolve os processos tecnológicos usados na fabricação de circuitos integrados.

As regiões Sul e Oeste do país beneficiaram-se dessa descentralização industrial, gerada pela busca de novas áreas que oferecessem menor custo de produção e uma mão de obra mais barata e qualificada. Os estímulos do governo e a descentralização da indústria bélica também foram fundamentais para a mudança de localização das indústrias.

Os centros dessas novas áreas industriais estão localizados nos estados do Texas (Sul), Flórida (Sudeste), Washington (Nordeste) e Califórnia (Oeste). Na costa oeste, no estado da Califórnia, destaca-se o Vale do Silício, assim chamado porque a principal matéria-prima utilizada para o funcionamento de suas indústrias é o silício — empregado na construção de *chips* para computadores.

No Vale do Silício, uma grande região ao sul da baía de São Francisco, que abrange as cidades de Palo Alto, Santa Clara, San Jose e Cupertino, a partir da década de 1950, foram instaladas indústrias com o objetivo de gerar novas tecnologias e produtos nas áreas de microeletrônica e informática. Muitas empresas que hoje estão entre as maiores do mundo nasceram nessa região: Apple Inc., Altera, Google, Facebook, NVIDIA Corporation, Electronic Arts, Symantec, Advanced Micro Devices (AMD), eBay, Maxtor, Yahoo!, Intel, Hewlett-Packard (HP) e Microsoft. O pioneiro dos parques tecnológicos do Vale do Silício foi o Stanford Research Park, localizado na cidade de Palo Alto, onde se encontra o *campus* da Universidade de Stanford, próximo às cidades de San Jose e de São Francisco.



▼ Sede de empresa transnacional no Vale do Silício, Califórnia, Estados Unidos. Foto de 2016.

Na Califórnia, destacam-se, ainda, as cidades de São Francisco, pelas indústrias de informática e tecnologia de ponta, e Los Angeles, com indústrias especializadas em peças de avião, sondas espaciais, foguetes, eletrônicos, químicos, entre outros.

Na costa oeste, também há grandes centros industriais, como Seattle, no estado de Washington, sede atual da Microsoft, com indústrias de *software*, biotecnologia e “tecnologia verde”, e Portland, no Oregon, com indústrias de madeira e eletrônicos.

Na cidade de Everett, no estado de Washington, está a maior fábrica de aviões do mundo, a Boeing, cuja sede fica em Chicago, no estado de Illinois.

As indústrias aeroespacial e militar vêm se expandindo para o centro-oeste, principalmente para os estados de Utah e do Arizona.

No Sul, sobressai o estado do Texas, com importantes indústrias petrolíferas, petroquímicas, farmacêuticas, de tecnologia de ponta e aeroespacial, principalmente. Na cidade de Houston está o Centro Espacial Lyndon B. Johnson, que comanda os voos tripulados da Nasa, a agência espacial do país. Austin, a capital do estado, ganhou o apelido de “colinas do silício” por abrigar um parque tecnológico de indústrias de eletrônica e de informática ligado à Universidade do Texas. Aí estão empresas como a Dell e a IBM.

O estado da Flórida, um importante polo turístico, produz computadores, eletrônicos e equipamentos de transportes, além de abrigar o Centro Espacial Kennedy (Nasa), no cabo Canaveral.

Entre outros estados do Sul e Sudeste, destacam-se a Luisiana (polo petroquímico), a Geórgia (indústrias farmacêuticas e de refrigerantes) e o Alabama (indústrias siderúrgicas).

Atualmente, seguindo uma tendência mundial, as empresas procuram instalar-se em áreas que reúnam mão de obra mais barata e qualificada, pouca organização sindical, isenção fiscal e menor custo de produção. Nas últimas décadas, estabele-

ceram-se em áreas com tais características industriais de tecnologia de ponta, com parques científicos, principalmente nos estados de Wisconsin, Ohio, Delaware e Massachusetts. Observe o mapa abaixo.



Allmaps/Arquivo da editora

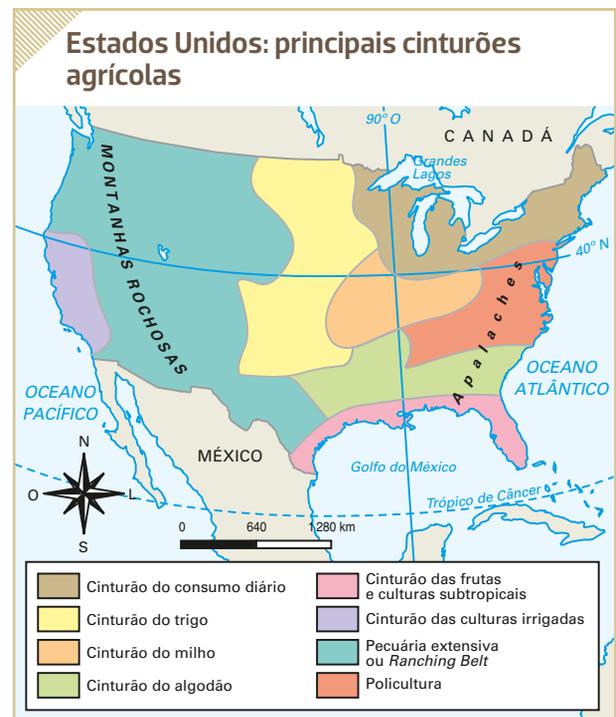
Adaptado de: ALVAREZ, Walter. *Geografia II: Las dinámicas del espacio geográfico mundial*. Montevideo: Santillana, 2010. p. 68. Mapa sem data na fonte original.

### Uma agropecuária integrada à indústria

A agricultura dos Estados Unidos, a mais moderna e produtiva do mundo, organiza sua produção em grandes faixas, ou cinturões agrícolas (*belts*), especializados no cultivo de determinados produtos: trigo, milho, algodão, frutas e produtos tropicais. Além desses produtos, existem faixas especializadas em culturas irrigadas e na criação extensiva de gado (*Ranching Belt*). Veja o mapa ao lado.

Nos últimos anos, a produção dos cinturões foi flexibilizada: em algumas regiões, planta-se milho, soja, beterraba e pratica-se a suinicultura; em outras, além do plantio do algodão, desenvolve-se a pecuária e a avicultura.

Representado pelos complexos agroindustriais, o agronegócio — conjunto de etapas das atividades agrícolas, desde o cultivo até a comercialização de produtos — comanda a agricultura dos Estados Unidos, integrando-a à economia industrial e subordinando-a a essa atividade.



Allmaps/Arquivo da editora

Adaptado de: DORLING Kindersley World Atlas. London: Dorling Kindersley, 2007. Mapa sem data na fonte original.

Destacam-se os complexos da cana-de-açúcar (álcool e açúcar), do suco de laranja concentrado, ambos na Flórida; da soja (farelo, grão, óleo e molho), em Iowa (maior produtor do país), Tennessee, Alabama e outros estados do Sul; e do milho, caracterizado pela produção de rações animais e do etanol, em Iowa, Indiana e Illinois.

A industrialização do campo tem se manifestado com a aquisição de máquinas, tratores, sementes, fertilizantes, ração animal e outros produtos, e com o fornecimento de alimentos e matéria-prima, tanto para o mercado externo como para o interno.

Grandes companhias transnacionais atuam no setor desses insumos agrícolas, como a Cargill, a Monsanto, a Du Pont, a Dow Agro Sciences, a Massey Ferguson (AGCO) e a Mac-Cormick, entre outras.

Chicago, a terceira maior cidade dos Estados Unidos, capital do meio-oeste, está localizada no estado de Illinois e sobressai por suas indústrias alimentícias. Nela está sediada a principal Bolsa de Valores de produtos agropecuários.

Toda essa modernização, que investe em mecanização e em técnicas de biotecnologia, resulta em uma das mais altas produtividades do mundo.

A agricultura norte-americana caracteriza-se também pela produção destinada ao mercado interno e externo; concentração fundiária; propriedade

e trabalho familiar e, em muitos casos, trabalho assalariado temporário. Além disso, recebe altos subsídios do governo, que também pratica políticas protecionistas em relação a produtos de outros países.

## ● Recursos minerais e fontes de energia

Uma grande riqueza em recursos minerais e fontes de energia dão suporte à indústria norte-americana. No vasto território dos Estados Unidos, existem reservas de carvão, petróleo e gás natural, minério de ferro, cobre, ouro, prata, bauxita, enxofre, chumbo, urânio, zinco, fosfato, molibdênio, entre outras. O país conta, ainda, com a disponibilidade e o aproveitamento de energia hidrelétrica e de fontes alternativas, como a energia solar, bastante usada na Califórnia, e a energia eólica, muito utilizada no Texas. Além de serem grandes produtores, os Estados Unidos são igualmente consumidores de muitos recursos, por isso se tornou necessário importar alguns deles, como o petróleo. Veja, no mapa da página 156, onde estão localizados esses recursos tão importantes para a economia do país.



John Schreiber/ZUMA Press/Alamy/Fotarena

▼ Refinaria de petróleo em El Segundo, na Califórnia, Estados Unidos. Foto de 2014.



Adaptado de: ATLANTE Zanichelli 2014. Bologna: Zanichelli, 2014, p. 109. Mapa sem data na fonte original.

## Uma potência mundial com problemas

Os Estados Unidos são, ainda, sem dúvida nenhuma, uma importante potência mundial. Essa liderança está relacionada ao enorme poderio econômico (financeiro, industrial e agrícola) e militar do país e à sua grande influência em organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI), entre muitos outros.

Veja ao lado os principais indicadores sociais dos Estados Unidos e alguns números de sua economia.

### Estados Unidos: indicadores socioeconômicos – 2015

Área (km <sup>2</sup> )	9 833 517
População (em milhões de hab.)	312,3
PIB (em trilhões de US\$)	17,9
Renda <i>per capita</i> (PPC, em US\$)	56 300
Expectativa de vida (em anos)	79,6
Mortalidade infantil (‰)	5,9
IDH*	0,915
Exportações (em trilhões de US\$)	1 598
Importações (em trilhões de US\$)	2 347
Telefones celulares (em milhões)	317,4
Ferrovias (km)	293 564
Rodovias (km)	6 586 610
Despesas militares (% do PIB)**	4,3
Investimentos estrangeiros diretos (em trilhões de US\$)	5,101

Fonte: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/us.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/us.html)>; ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/rethinking-work-for-human-development>>; WORLD ECONOMIC FORUM. *Global Competitiveness Report 2015-2016*. Disponível em: <[www3.weforum.org/docs/gcr/2015/](http://www3.weforum.org/docs/gcr/2015/)>. Acesso em: 15 fev. 2016.

\* Dados de 2014. \*\* Dados de 2012.

O contexto político e socioeconômico expresso por esses números faz com que qualquer recessão no país represente uma recessão mundial. Por outro lado, qualquer retomada econômica ou crescimento industrial que ali ocorra pode significar, igualmente, uma tendência de crescimento mundial.

Outros fatores que contribuem para essa liderança são o forte mercado consumidor de uma população de mais de 300 milhões de habitantes e o fato de o país possuir o maior polo financeiro do mundo e de ser um dos maiores exportadores e importadores mundiais.

A indústria cultural norte-americana, que, por sua vez, incorpora as inovações tecnológicas, se faz presente na maioria das nações, e muitos de seus costumes, hábitos, músicas, filmes, modo de vestir e expressões idiomáticas são disseminados mundialmente.

Entretanto, a maior economia do mundo vem enfrentando alguns problemas, que se agravaram na primeira década do século XXI, principalmente em virtude dos ataques terroristas de 2001 e da grave crise financeira que o país enfrentou entre 2008 e 2012, como você viu no Capítulo 1.

Entre esses problemas, podemos citar o aumento da **dívida pública**, o aumento do desemprego e o empobrecimento da população, além das dificuldades do governo de lidar com esses entraves.

**Dívida pública:** representa tudo o que um país ou divisão administrativa deve. Compreende a dívida interna, que envolve credores do próprio país, e a dívida externa, cujos credores são de outros países.



Leonard Zhukovsky/Shutterstock

▼ Sem-teto na estação Times Square do metrô em Manhattan, Nova York, Estados Unidos. Foto de 2015.

A dívida pública dos Estados Unidos vem crescendo devido ao aumento de despesas militares (missões no Iraque e no Afeganistão), corte de impostos, auxílio do governo ao sistema financeiro e incentivo ao crescimento da economia.

O desemprego e o empobrecimento da população afetam o consumo e, conseqüentemente, a economia e a qualidade de vida. Segundo o *The World Factbook*, o índice de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza chegou a mais de 15% da população em 2010. Muitas pessoas que perderam o emprego e a casa tornaram-se sem-teto (*homeless*) e passaram a viver nas ruas ou em automóveis.

Os Estados Unidos entraram em recessão em 2008 e 2009, recuperando-se em 2010, e desde então vêm crescendo em taxas modestas, mas sem índices negativos até 2015, com projeções de estabilidade até 2017.

Entre 2008 e 2012, o país passou por muitas mudanças, nem sempre para melhor. Se considerarmos a inflação do período, o PIB ficou estagnado. Países emergentes, como a China, a Índia e o Brasil, tiveram crescimento maior. Também, segundo o Banco Mundial, o número de milionários aumentou

mais nesses países do que nos Estados Unidos.

As reformas da saúde e da educação significaram importantes avanços. Também foram fundamentais os investimentos em infraestrutura e a intervenção do governo para salvar a indústria automobilística do país. Mas, sem dúvida, o poder dessa potência mundial ficou abalado com as perdas que o país sofreu durante a crise financeira.

### Estados Unidos: evolução do PIB — 2008-2015

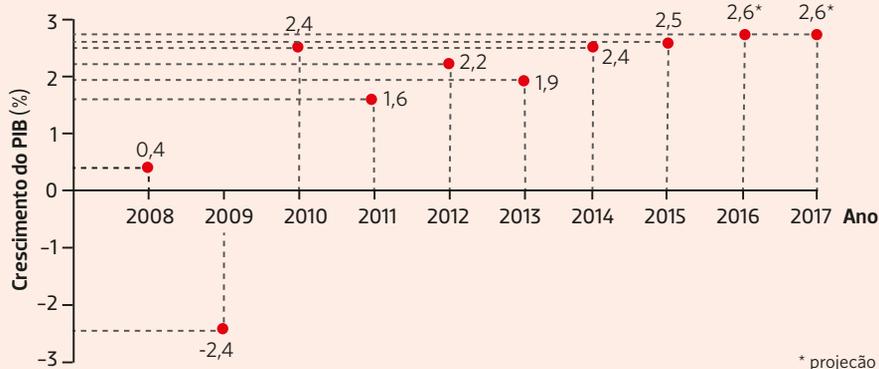


Gráfico elaborado com dados de: FMI. *World Economic Outlook 2012*. Disponível em: <[www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/02/pdf/text.pdf](http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/02/pdf/text.pdf)>. p. 2; FMI. *World Economic Outlook 2016*. Disponível em: <[www.imf.org/external/spanish/pubs/ft/weo/2016/update/01/pdf/0116s.pdf](http://www.imf.org/external/spanish/pubs/ft/weo/2016/update/01/pdf/0116s.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2016.

## Relações Estados Unidos–Cuba (1898–2015)

Após garantirem a expansão territorial do país do Atlântico ao Pacífico, os norte-americanos, no espírito da Doutrina Monroe (página 151), voltaram seus interesses para a região vizinha do Caribe, onde se destacavam duas colônias remanescentes do Império Espanhol: Cuba e Porto Rico.

Cuba, rica em açúcar e tabaco, despertava os interesses dos Estados Unidos, que consideravam a ilha um prolongamento de seu litoral: um “quintal” para suas

atividades. No fim do século XIX, a ilha ainda não havia conseguido sua independência.

A rebelião de 1895, instigada pelo patriota José Martí — que visava libertar o país do domínio espanhol —, teve o apoio da potência da América do Norte, que acabou se envolvendo na guerra hispano-americana, em 1898.

Como consequência da derrota na guerra, a Espanha renunciou a Cuba, Porto Rico, Guam e Filipinas.



US Marine Corps/The LIFE Images/Getty Images

▼ Fuzileiros navais hasteiam bandeira dos Estados Unidos na baía de Guantánamo, durante a Guerra Hispano-Americana, em 1898.

Em 1901, os Estados Unidos adquiriram, pela Emenda Platt, anexada à Constituição cubana, o direito de intervir nos assuntos internos da nova república. Desse modo, na prática, Cuba não se tornou uma nação soberana, funcionando como um protetorado dos Estados Unidos, situação que perdurou praticamente até a Revolução Cubana de 1959, liderada por Fidel Castro.

### Guerra Fria

Foi no período em que o mundo apresentava uma divisão bipolar (ver Capítulo 2), também conhecido como período da Guerra Fria, que as relações entre Cuba e Estados Unidos atingiram seu ponto de maior tensão e os dois países iniciaram um longo período de afastamento e até mesmo de hostilidade, que foi amenizado somente em 2015, com a retomada das relações diplomáticas entre ambos.

Os revoltosos, liderados por Fidel Castro, assumiram o poder e puseram fim à ditadura de Fulgêncio Batista, aliado dos Estados Unidos. Dois anos depois, anunciaram a adesão ao socialismo e o alinhamento à União Soviética.



Lee Lockwood/The LIFE Images/Getty Images

▼ Pessoas comemorando a entrada de Fidel Castro em Havana, durante a Revolução Cubana, em 1959.

## Perder o controle sobre Cuba foi um golpe duro para os norte-americanos

O presidente John F. Kennedy tentou invadir a ilha por duas vezes. A primeira ação aconteceu em 15 de abril de 1961, com dois aviões camuflados com as cores da bandeira cubana bombardeando a força aérea de Fidel. Esse ataque não teve êxito: um avião foi derrubado, e o segundo voltou a Miami depois de ser atingido por vários tiros disparados pelas forças de defesa cubanas.

A segunda ação ocorreu no dia 17 de abril de 1961, com a invasão de duas praias da baía dos Porcos — Playa Larga e Girón — por tropas especiais formadas pelo governo dos Estados Unidos. Cerca de 20 mil cubanos cercaram os invasores, após algumas perdas, infligindo um grande revés ao presidente Kennedy, que havia autorizado o ataque.

Após esses fatos, Cuba, que já se aproximara da União Soviética, tornou-se oficialmente socialista e fiel aos soviéticos até o fim da potência do Leste, em 1991.

Em 1962, dois episódios tornaram ainda piores as relações entre os dois países:

- **O embargo econômico, financeiro e cultural**

Os Estados Unidos impuseram ao novo país socialista um bloqueio econômico que se tornou lei em 1992 e perdurou até a segunda década do século XXI.

- **A crise dos mísseis**

Os Estados Unidos exibiram fotos, tiradas secretamente, que mostravam instalações preparadas para abrigar mísseis nucleares soviéticos em Cuba voltados para o seu território. Os norte-americanos tomaram esse fato como provocação e reagiram com um bloqueio marítimo para impedir a chegada de mais mísseis ao território cubano.

Considera-se que durante este incidente o mundo chegou muito perto de uma guerra nuclear. A crise terminou com um acordo, no qual os soviéticos concordaram em retirar os mísseis, e os Estados Unidos, em não realizar outras tentativas de invadir a ilha.

## Reaproximação Cuba-Estados Unidos

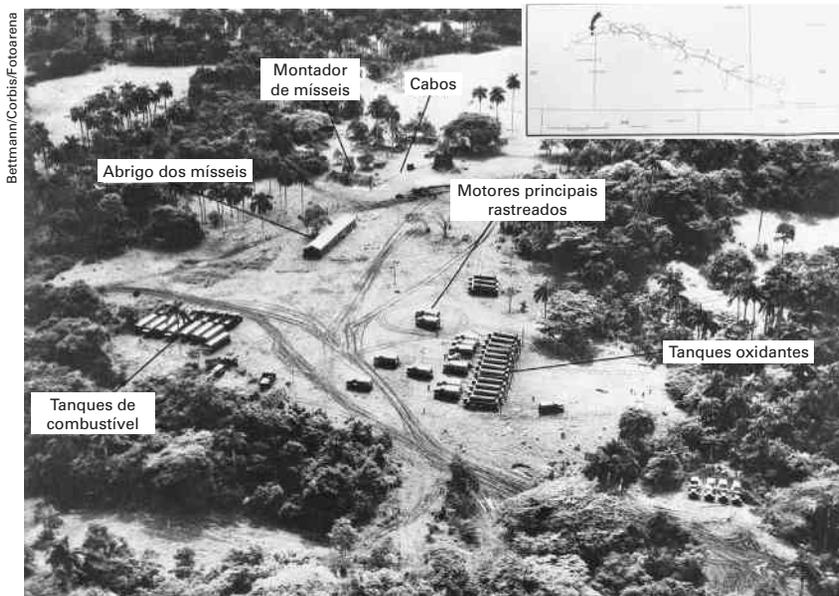
No dia 17 de dezembro de 2014, Estados Unidos e Cuba revelaram o começo de uma reabertura de relações políticas entre os dois países. Essa aproximação veio acompanhada de negociações para a libertação do norte-americano Alan Gross, detido em Cuba, bem como a libertação dos cubanos Antonio Guerrero, Ramón Libañino e Gerardo Hernandez, detidos na Flórida.

Em julho de 2015, houve a retomada das relações diplomáticas entre os dois países e a abertura das respectivas embaixadas, depois de 54 anos. Entretanto, até esse ano, o embargo econômico ainda permanecia, embora o presidente Barack Obama tenha sugerido ao Congresso norte-americano encerrá-lo.

Em 2016, o presidente Barack Obama fez uma visita oficial a Cuba, selando a reaproximação entre os dois países.



White House Photo/Alamy/Latinstock



Bettmann/Corbis/Fotoarena

▼ Vista aérea da instalação de mísseis soviéticos em Cuba, em 1962.

▶ Raul Castro e Barak Obama, no histórico reatamento das relações diplomáticas entre Cuba e Estados Unidos, durante a Cúpula das Américas, no Panamá, em 2015.

📖 Não escreva no livro

### ⊕ Responda às questões.

1. Como os Estados Unidos viam Cuba no século XIX?
2. Por que as relações entre Cuba e Estados Unidos atingiram seu ponto de maior tensão durante o período da Guerra Fria?
3. O que o ano de 2015 significou para as relações diplomáticas entre esses dois países?



1. Leia atentamente o texto a seguir.

*O final da década trouxe, assim, o fim da época de prosperidade do “milagre norte-americano”. Instalou-se, então, uma das maiores crises que o capitalismo liberal conheceu. Isso traria mudanças substanciais na vida econômica e social norte-americana. [...]*

PEREIRA, Wagner Pinheiro. 24 de outubro de 1929: A quebra da Bolsa de Nova York e a grande depressão. São Paulo: Nacional, 2006. p. 14.

- Relacione o texto anterior com o final da década de 2010.
- Explique uma característica do capitalismo liberal.
- Os contextos de 1928 e 2008 provocaram mudanças substanciais na vida econômica e social norte-americana. Identifique duas consequências que estiveram presentes nos dois contextos históricos.

2. Observe a imagem e depois leia o texto.

## Mapa comparando PIB de estados dos Estados Unidos com o de outros países em 2013



Adaptado de: REVISTA Exame. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/economia/noticias/veja-o-mapa-que-igual-a-opib-de-estados-dos-eua-com-paises>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

SÃO PAULO — O Brasil é a Califórnia, a Austrália é o Texas e a Flórida é a Holanda.

Pelo menos no que se refere ao tamanho do Produto Interno Bruto (PIB), a comparação (aproximada) faz sentido.

O mapa foi criado com dados do Fundo Monetário Internacional pelo economista Mark J. Perry, do American Enterprise Institute, criador do blog Carpe Diem.

O PIB total dos Estados Unidos, a maior economia do mundo, foi de US\$ 16,8 trilhões em 2013 — 22,7% do total mundial produzido com 4,4% da população.

A Califórnia tem a maior economia entre os estados. Se fosse um país, já estaria caminhando para superar o Brasil na 7ª posição mundial. Detalhe: o Brasil tem mais

de 200 milhões de habitantes, enquanto a Califórnia tem 38 milhões.

O segundo estado com maior PIB é o Texas, comparável à economia australiana, e o terceiro é Nova York, mais ou menos do tamanho da Espanha. [...]

CALEIRO, João Pedro. Revista Exame. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/economia/noticias/veja-o-mapa-que-igual-a-o-pib-de-estados-dos-eua-com-paises>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

- Qual a principal mensagem transmitida pelo texto e o mapa anteriores?
  - Aponte uma crítica que se pode fazer ao analisar apenas o PIB de um país.
3. Compare as áreas industriais do Manufacturing Belt e do Sun Belt.
4. Geografia, História, Sociologia e Língua Portuguesa  
Leia a tirinha a seguir.



- O que caracteriza o humor nessa tirinha?
- Em grupos, façam uma pesquisa sobre a influência norte-americana que pode ser observada na cultura e na sociedade brasileira. O trabalho de pesquisa pode ser dividido em duas etapas:
  - Primeiro, os grupos fazem uma pesquisa geral sobre todo tipo de influência que a cultura norte-americana exerceu e ainda exerce sobre a nossa cultura, ressaltando aspectos (em forma de redação ou relatório, por exemplo).
  - Depois, cada grupo faz uma pesquisa mais detalhada, destacando um dos aspectos de influência (um grupo escolhe cinema; outro, música; outro, moda; etc.). Essa etapa pode ser apresentada em forma de seminário.

# Japão e Alemanha: países de industrialização clássica tardia



▼ A unificação e a formação da Alemanha, como país, só aconteceram em 1870, quando já se configurava a Segunda Revolução Industrial. Na imagem acima, a coroação de Guilherme I, imperador da Alemanha, após a Guerra Franco-Prussiana, em Versalhes, França, 1871. Pintura de Anton von Werner (1843-1915).

## ■ Alemanha

No século XIX, o atual espaço territorial da Alemanha era constituído de 39 reinos diferentes, ducados e cidades livres, que tinham em comum apenas a mesma raiz linguística (o alemão) e a mesma base cultural. Essas regiões só foram unificadas em 1871.

Como esse território demorou a se constituir como um Estado nacional, o processo de industrialização alemão ocorreu tardiamente em relação ao Reino Unido. Antes da unificação, a Prússia, região mais forte economicamente, já havia iniciado o processo de industrialização, que foi acelerado a partir de 1870.

Mesmo não tendo acompanhado os países pioneiros da Primeira Revolução Industrial, no fim do século XIX a Alemanha já havia superado essas nações, apesar de ter se industrializado um século depois da França e do Reino Unido.

Alguns fatores contribuíram para a rápida industrialização alemã:

- a disponibilidade de riquezas minerais, como o ferro e o carvão mineral;
- as transformações ocorridas no setor agrícola e o expressivo êxodo rural que direcionava esse contingente populacional para a indústria;

- o rápido crescimento da rede ferroviária, que permitiu a circulação de matérias-primas e de produtos industriais;
- a atração de capitais estrangeiros e a importação de tecnologias;
- a união aduaneira entre as antigas divisões administrativas de 1834, o *Zollverein*;
- a adoção de uma moeda única e a formação de um mercado consumidor.

Além disso, a industrialização alemã não foi caracterizada pelo liberalismo econômico, e sim pelo protecionismo estatal.

Ao iniciar seu processo de industrialização durante a Segunda Revolução Industrial, o país pôde competir em igualdade de condições com seus principais concorrentes.

No século XIX, surgiram também novas organizações empresariais e de monopólio. Entre elas os *konzerne*, grupos empresariais semelhantes aos trusts, com concentrações vertical e horizontal. Porém, nos *konzerne*, as empresas agrupadas conservavam sua independência jurídica. Os principais ramos desses conglomerados com integração menor eram o siderúrgico, o metalúrgico e o químico. Um exemplo atual dessa situação é a empresa ThyssenKrupp, produtora de aço, armas e munição, localizada em Essen.



▼ Vista do edifício-sede de um conglomerado alemão, em Essen, Alemanha. Foto de 2014.

## Os efeitos de duas guerras mundiais

A Alemanha sempre foi uma potência bélica com tendência a expandir seus domínios no continente europeu. Além disso, tentou disputar a posse dos

impérios coloniais formados por França e Inglaterra na África. Essa ambição levou o país à Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, e à Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, saindo derrotado de ambos os conflitos. Em consequência dessas derrotas, o país perdeu territórios e seu parque industrial foi destruído. Entretanto, sua maior perda ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, com a divisão do país.

De 1949 até 1990, a Alemanha ficou dividida. De um lado, a Alemanha Oriental, um país de regime socialista e com economia planificada; de outro, a Alemanha Ocidental, um país integrante do mundo capitalista, com economia de mercado. Enquanto a Alemanha Oriental seguia os moldes da economia planificada, a Alemanha Ocidental reerguia sua economia com a ajuda do Plano Marshall e participava da criação da Comunidade Econômica Europeia (CEE), embrião da futura União Europeia (UE).

Com essa divisão, a Alemanha passou a ter dois Estados e dois sistemas econômicos diferentes:

- Na Alemanha Ocidental (República Federal Alemã – RFA), na qual se estabeleceu a economia de mercado, baseada na livre concorrência, existia uma democracia com vários partidos, sob a forma republicana de poder. Em virtude da elevação da produtividade e, conseqüentemente, dos salários, a qualidade de vida e a capacidade de consumo da população melhoraram. Durante esse período, o país apresentou uma economia dinâmica e competitiva e adotou a política do Bem-Estar Social.
- Na Alemanha Oriental (República Democrática Alemã – RDA), com a adoção da economia planificada, os meios de produção eram controlados pelo Estado, que estabeleceu uma ditadura de partido único sob a influência soviética. A produtividade se desenvolvia lentamente, o padrão de vida e de consumo não era o mesmo da Alemanha Ocidental e o regime foi marcado por censura e repressão.

Em consequência da divisão do país, a República Federal Alemã adotou a cidade de Bonn, na Renânia, como capital, embora o governo tenha mantido a posse sobre parte da cidade de Berlim, que tal como o país também foi dividida. A República Democrática Alemã preservou sua capital, que passou a ser denominada Berlim Oriental. Assim, Berlim Ocidental, mesmo sendo capitalista, ficou situada no território da República Democrática Alemã, como você pode ver no mapa a seguir.



Adaptado de: ATLAS Storico 2010. Bologna: Zanichelli, 2011. p. 319.

As duas Alemanhas passaram quarenta anos em “mundos” diferentes. Reconheceram-se mutuamente na Organização das Nações Unidas (ONU) na década de 1970, mas competiram em Olimpíadas e Copas do Mundo com equipes próprias e distintas. Desde 1961, amigos e parentes viviam separados arbitrariamente pelo Muro de Berlim, que só foi derribado em novembro de 1989.

## ● A década de 1990 e a reunificação

A reunificação alemã ocorreu em 3 de outubro de 1990, quase um ano após a queda do Muro de Berlim. O então líder da Alemanha Ocidental, Helmut Kohl, negociou a unificação com Mikhail Gorbachev, líder da União Soviética, e George Bush, presidente dos Estados Unidos.

Mesmo estando entre as economias mais fortes do mundo, a nova Alemanha enfrentou, e ainda enfrenta, grandes problemas de ajustamento e adaptação. Lembrando que as duas Alemanhas, durante quarenta anos, seguiram orientações econômicas opostas, e que a Alemanha Ocidental pagou as contas da unificação, pois teve de investir muito dinheiro para levantar a economia da Alemanha Oriental.

Veja a seguir os principais problemas ocorridos no processo de reunificação das duas Alemanhas:

- o baixo nível tecnológico das indústrias orientais levou à falência inúmeras fábricas que não aguentaram a concorrência com as empresas ocidentais;

- a falência dessas indústrias agravou o problema do desemprego. A competição no mercado de trabalho acabou por opor alemães ocidentais e alemães orientais;
- apesar da alegria do reencontro com amigos e parentes depois de tantos anos, a convivência entre alemães do Oeste e do Leste não parecia ser tão simples. Durante muitos anos, os dois países tiveram ideologias muito diferentes para que houvesse uma imediata identidade de ideias, costumes e modo de vida entre as populações;
- mesmo com os maciços investimentos na reunificação, as diferenças entre o lado oriental e o ocidental ainda são grandes. O índice de desemprego no Oriente é quase três vezes maior que na antiga Alemanha Ocidental.

Contudo, resultados positivos foram obtidos com o crescimento econômico de áreas da antiga Alemanha Oriental, como a Turíngia, e a remodelação da cidade de Berlim, capital da Alemanha reunificada.



▼ Foto do antigo Muro de Berlim visto do lado ocidental. Ao fundo, o portão de Brandemburgo. Foto de 1989.

## ● A indústria na Alemanha unificada

Segundo o *The World Factbook*, em 2015, a indústria representou 30,2% do PIB do país e aproximadamente 24,6% da população economicamente ativa. O diversificado parque industrial alemão é o principal da Europa e o terceiro mais importante do mundo (atrás apenas dos Estados Unidos e do Japão). As empresas desse setor se destacam pela tecnologia avançada e pelo alto valor agregado dos

seus produtos, que são mundialmente conhecidos e têm lugar de destaque na pauta de exportações do país. Empresas alemãs estão presentes em outros países, atuando tanto em unidades de produção como em atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D).

Os mais importantes ramos da indústria alemã, em valor de faturamento, são: automobilístico, de máquinas e equipamentos, eletroeletrônico, químico e alimentar. Desses, o setor automobilístico é o que apresenta maior rendimento, sendo responsável por cerca de 20% do faturamento do setor industrial e empregando quase 800 mil pessoas. O país é o quarto maior produtor mundial de veículos, atrás de Japão, Estados Unidos e China, e exporta cerca de 70% da produção. Grandes grupos controlam o setor, como DaimlerAG (Mercedes-Benz), BMW e Volkswagen.

A Volkswagen é a maior montadora da Europa, com doze diferentes marcas automobilísticas, e atua em sete países do continente europeu. Está presente no Brasil com quatro fábricas de automóveis: em Taubaté, São Carlos e São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo, e em São José dos Pinhais, no Paraná. Outra marca do grupo, a MAN-SE, produz caminhões na fábrica de Resende, no estado do Rio de Janeiro.

Outros conglomerados alemães são referência mundial em diversos setores, como: químico (Hoechst, Bayer, Basf e Aventis), eletroeletrônico (Siemens-AG), energético (E-ON e RWE) e metalúrgico (ThyssenKrupp). Há empresas que se destacam em outras atividades, como o grupo Bosch, fornecedor de sistemas para o setor automotivo, produtor de bens de consumo, desenvolvedor de tecnologia industrial, energética e de construção. A Alemanha possui também indústrias de papel e celulose, couro, beneficiamento de metais, mineração, mecânica de precisão, óptica e cutelaria.

No panorama geral do setor industrial, verifica-se um discreto encolhimento de setores tradicionais, como o têxtil e o siderúrgico, e a expansão de setores

mais dinâmicos, como os de biotecnologia, tecnologia da informação, comunicação, aeronáutico e espacial.

O setor industrial tem investido em estudos e pesquisas de desenvolvimento de novas tecnologias energéticas, apostando em fontes alternativas, especialmente a solar, como os estudos realizados no Instituto de Sistemas de Energia Solar de Freiburg.

## Localização industrial

Desde o início do processo de industrialização, formou-se, no noroeste do país, na bacia dos rios Reno e Ruhr, a mais importante região industrial alemã. O Reno, importante via navegável, tornou-se o principal meio de ligação com os portos do mar do Norte. Na bacia do Ruhr estavam as grandes minas de ferro e de carvão que favoreceram a formação da primeira região de concentração industrial.

Essa região, que possui cidades importantes como Colônia, Essen, Dortmund, Dusseldorf, Bonn e Hagen, ainda mantém o título de maior complexo industrial do país, embora tenha mudado muito. Atualmente, ainda há o predomínio das indústrias pesadas, como a siderurgia, o refino de petróleo e a indústria química, mas são encontrados outros ramos industriais, como o eletroeletrônico, o de cosméticos e o de indústrias ligadas ao setor terciário, de prestação de serviços, como as de telefonia móvel, de apoio à internet, de propaganda e do mercado da moda.

A existência das indústrias e o progresso das cidades atraíram, no fim do século XIX, grande quantidade de imigrantes e propiciaram o surgimento de uma importante e complexa malha de transporte, composta de ferrovias, modernas rodovias e hidrovias, com a presença do maior porto interno do mundo, situado em Duisburg, na confluência dos rios Ruhr e Reno. A extração do carvão, que durante anos foi importante para o desenvolvimento econômico da região, entrou em declínio em meados do século XX. A diminuição da produção nas jazidas foi resultado do início do seu esgotamento, da concorrência do petróleo, da poluição e dos danos causados ao meio ambiente e do corte do apoio financeiro do governo. A partir da década de 1980, minas foram fechadas e empregos, extintos. Os cortes atingiram a indústria do aço e a solução foi tentar criar vagas nas empresas de tecnologia de ponta e no setor terciário.

Além da área de indústrias na bacia dos rios Reno e Ruhr, existem importantes regiões industriais que se concentram em torno de Frankfurt, Hamburgo, Bremen

Luísa Fumi/Shutterstock



▼ Vista da praça Potsdamer, em Berlim. Essa área foi modernizada após a reunificação da Alemanha. Foto de 2015.

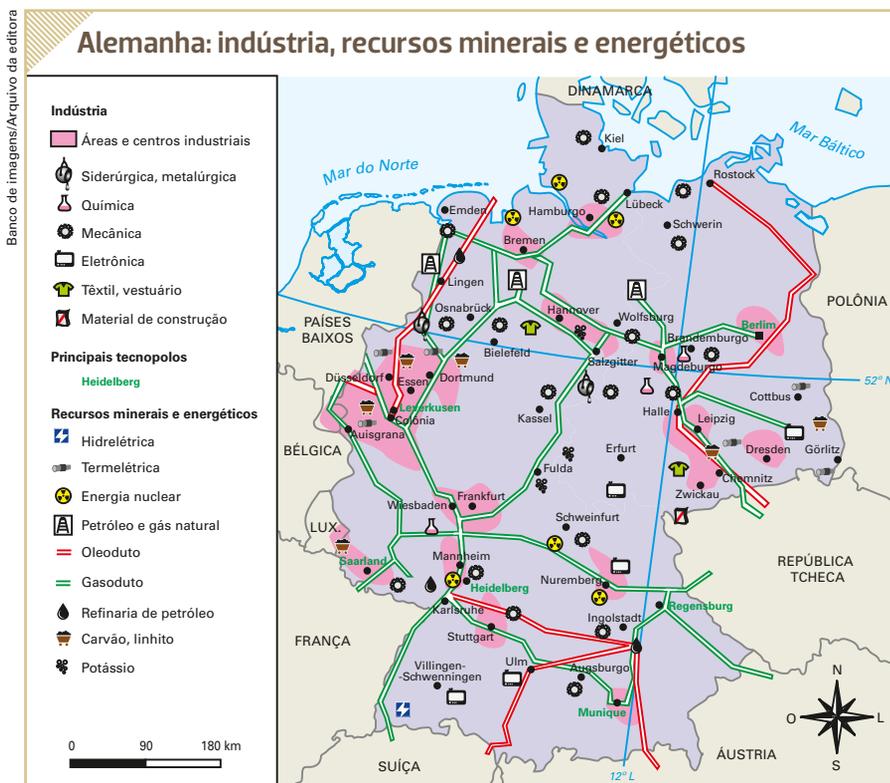
e, também, Leipzig e Dresden, localizadas em territórios da ex-Alemanha Oriental. Alguns centros isolados têm importância por sediarem fábricas de grandes transnacionais: em Stuttgart está o grupo Daimler-AG; e em Wolfsburg, a Volkswagen. Setores industriais novos e dinâmicos estão, geralmente, agrupados em torno de comunidades científicas, ligadas a importantes universidades do país, formando os tecnopolos.

A Alemanha possui mais de 150 parques tecnológicos, dos quais dois se formaram em torno de duas das mais importantes universidades do país. O Parque Tecnológico Heidelberg está ligado à Universidade Ruprecht-Karls, de Heidelberg, uma das mais antigas universidades do mundo, fundada

em 1386. Criado em 1984, é especializado em biotecnologia, dedicando-se principalmente às ciências da vida e aos estudos de tecnologia ambiental. Possui institutos renomados, como o Laboratório Europeu de Biologia Molecular, o Centro Alemão de Pesquisa do Câncer, os Centros de Biologia Molecular e o de Bioquímica da Universidade de Heidelberg e o Instituto Max Planck de Pesquisa Médica.

O outro parque tecnológico é o de Munique, que cresceu com o apoio da Universidade Técnica de Munique e ocupa o quarto lugar entre as maiores instituições do gênero na Europa. Reúne indústrias automobilísticas, de tecnologia da informação, de biotecnologia e aeroespacial.

Outros tecnopolos importantes são: Berlim Adlersh (óptica, microsistemas, TI e comunicação); Chempark, em Leverkusen (setores químico e farmacêutico); Bio Park Regensburg, na Bavária (biotecnologia); Parque de TI Saarland, no estado de mesmo nome.



Adaptado de: NOUVO Atlante Geografico per la scuola. Firenze: Giunti Scuola, 2012. p. 140. Mapa sem data na fonte original.

## A crise na União Europeia

Em 2015, a Alemanha era a quarta economia do mundo, atrás dos Estados Unidos, China e Japão, e a primeira economia da Europa. Veja ao lado alguns de seus principais indicadores socioeconômicos.

Fontes: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/wfbExt/region\\_eur.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/wfbExt/region_eur.html)>; ONU. *Pnud. Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/rethinking-work-for-human-development>>; WORLD ECONOMIC FORUM (WEF). *The Global Competitiveness Report 2015-2016*. Disponível em: <[www3.weforum.org/docs/gcr/2015-2016/GlobalCompetitiveness\\_Report\\_2015-2016.pdf](http://www3.weforum.org/docs/gcr/2015-2016/GlobalCompetitiveness_Report_2015-2016.pdf)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

### Alemanha: indicadores socioeconômicos – 2015

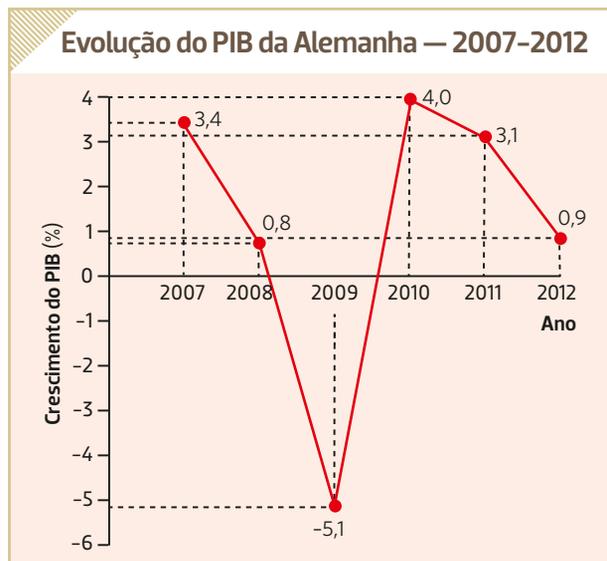
IDH*	0,916
Expectativa de vida (em anos)	80,5
PIB (em bilhões de US\$)	3 371
PIB per capita (PPC, em US\$)	47 400
População (em milhões de hab.)	80,8
Índice de competitividade	5,53
Exportações (em bilhões de US\$)	1292
Importações (em bilhões de US\$)	938,9

\* Dados de 2014.

Entretanto, a principal economia da União Europeia sentiu os efeitos da crise mundial de 2008. Embora tenha dado sinais de recuperação em 2010, voltou a se abater com os problemas do bloco europeu em 2011 e 2012. O gráfico ao lado evidencia essa instabilidade.

No começo da década de 2010, a economia alemã aumentou suas taxas de crescimento, embora ainda modestas. Sobre esse assunto, leia o texto do boxe a seguir.

Adaptado de: FMI. *World Economic Outlook 2008*. Disponível em: <[www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2008/update/03/pdf/1108.pdf](http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2008/update/03/pdf/1108.pdf)>; FMI. *World Economic Outlook 2013*. Disponível em: <[www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2013/02/pdf/text.pdf](http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2013/02/pdf/text.pdf)>. Acesso em: 24 fev. 2016.



Banco de Imagens/Arquivo da editora

## Contexto e aplicação

### Alemanha e Espanha puxam crescimento na Zona do Euro

A Zona do Euro recupera sua força econômica, embora num ritmo muito mais lento que o exibido pelos Estados Unidos. O crescimento do PIB na união monetária europeia ficou em 0,3% no quarto trimestre de 2014, cifra que está 0,1 ponto percentual acima do resultado do período anterior, mas ainda longe de eliminar qualquer dúvida sobre seu futuro.

O dado preliminar divulgado nesta quarta-feira [11/02/2015] pelo órgão estatístico Eurostat mostra que Letônia, Hungria, Espanha e Alemanha foram os países do bloco que mais cresceram. O resultado é especialmente significativo no caso das economias alemã (a maior da Zona do Euro) e espanhola (a quarta maior). Já a França, segunda maior economia da Zona do Euro, reduziu seu crescimento de 0,3% para 0,1% no quarto trimestre. No conjunto do ano, o PIB regional cresceu 0,9%, enquanto o da União Europeia teve alta de 1,4%.

[...]

Segundo os dados da sexta-feira [13/02/2015], o PIB conjunto da União Europeia (UE) registrou uma expansão de 0,4% nos três últimos meses do ano, frente a 0,3% do trimestre precedente. Os resultados da UE e da Zona do Euro não são idênticos porque 9 dos 28 países do bloco mantêm as suas moedas nacionais. O bloco registrou uma expansão de 1,3%, o terceiro trimestre consecutivo de resultados no azul. Nesse leque de países fora da Zona do Euro, cabe destacar o resultado do Reino Unido, terceira maior economia da UE, que viu seu crescimento desacelerar para 0,5%, ou 0,2 ponto a menos do que no trimestre

anterior. Assim, os britânicos deixaram de ser a locomotiva do crescimento europeu atual.

O PIB da Alemanha expandiu-se em 0,7% no quarto trimestre de 2014, acelerando em 0,6 ponto o avanço registrado no terceiro trimestre (0,1%), segundo informações divulgadas na quarta-feira [11/02/2015] pelo órgão oficial de estatísticas do país, chamado Destatis. “A economia alemã ganhou impulso no final de 2014, e a situação se estabilizou”, afirma o departamento em nota. Ele atribui a maior atividade econômica ao crescimento da demanda interna, fundamentalmente impulsionada pelo consumo doméstico, e à recuperação nos investimentos em máquinas e equipamentos. O setor exportador, depois de um terceiro trimestre ruim, também contribuiu para a recuperação alemã.

No conjunto do ano recém-encerrado, a economia alemã cresceu 1,6%, frente ao modesto avanço de 0,2% em 2013. Na taxa interanual, o PIB alemão aumentou 1,6% no quarto trimestre do ano, 0,4 ponto a mais do que no terceiro trimestre e 0,6 acima do segundo.

[...]

EL PAÍS. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/13/economia/1423813753\\_577758.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/13/economia/1423813753_577758.html)>.

Acesso em: 22 fev. 2016.

#### ⊕ Depois de ler o texto, responda ao que se pede.

1. O que é a Zona do Euro?
2. Por que é importante que a economia alemã apresente crescimento econômico?
3. Quais foram os setores econômicos que proporcionaram o crescimento do PIB alemão em 2014?

## ■ Japão

Durante muitos séculos, o Japão, um país agrário, de estrutura feudal e politicamente isolado, esteve fechado para o Ocidente. Por essa razão, seu processo de industrialização começou mais tarde, como na Alemanha e na Itália.

Com a Restauração **Meiji**, o país, finalmente, pôde se inserir na economia mundial. Esse período, que se estendeu de 1868 a 1912 e foi marcado por grandes mudanças, ficou conhecido pelo nome da dinastia que o governou: Era Meiji.

Para acompanhar o desenvolvimento do mundo ocidental, o Estado encarregou-se de adotar algumas medidas, que foram fundamentais para a industrialização e a modernização do país:

- criação de infraestrutura, como ferrovias e portos;
- instalação de indústrias de bens de produção;
- grandes investimentos na educação da população para obter mão de obra qualificada para desenvolver a nova atividade;
- investimentos na indústria por grupos familiares, os *zaibatsus*, que se tornariam posteriormente grandes conglomerados;
- adoção do **xintoísmo**, religião que fazia do imperador o chefe sagrado do Estado, o que ajudou a incentivar os japoneses ao culto à disciplina, uma das principais características desse povo.

**Meiji:** refere-se ao governo do imperador Meiji, do Japão, que se estendeu de 1868 a 1912.

**Xintoísmo:** conjunto de ritos e de crenças que explicam a origem do mundo, do Japão e da família imperial japonesa.

## ● O imperialismo japonês

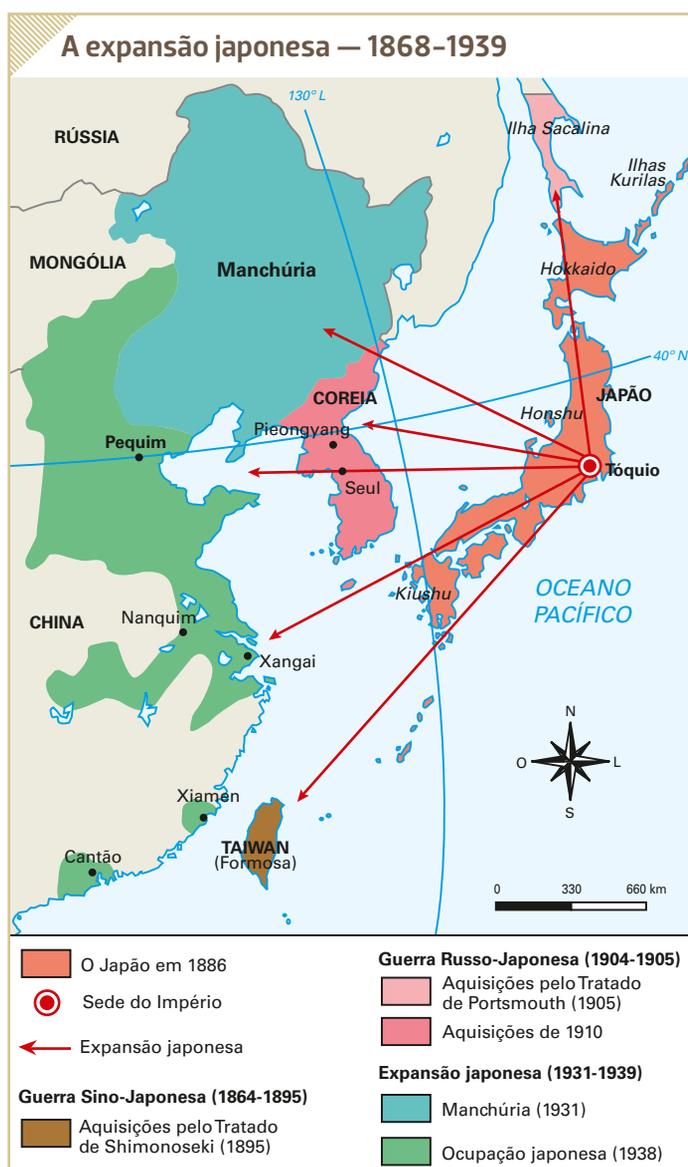
O Japão é um arquipélago vulcânico, com mais de 377 mil quilômetros quadrados, localizado no Extremo Oriente. Com um território pequeno e pouco favorecido do ponto de vista mineral e energético, o país iniciou sua expansão imperialista na Ásia em parte para suprir essa deficiência. Os sucessivos governos procuraram, então, estender sua influência no Pacífico não só para buscar alimentos para sua população crescente e matérias-

-primas para sua indústria têxtil, mas também para conter o poder da Rússia e da China na região.

As principais áreas ocupadas pelo Japão foram:

- Taiwan (1895);
- Coreia (1910);
- Manchúria, no norte da China (1931), e o Nordeste chinês (1938);
- península da Indochina (1941);
- ilhas do Pacífico, como Iwo Jima, Marianas, Carolinas, Palau (na Segunda Guerra Mundial).

Entretanto, a ambição de expandir seu território, a exemplo de outros países, levou o Japão a se envolver na Segunda Guerra Mundial e, ao sair derrotado da Guerra, perder seu poderio e sua capacidade econômica.



Adaptado de: ATLAS Storico 2010. Bologna: Zanichelli, 2011. p. 85.

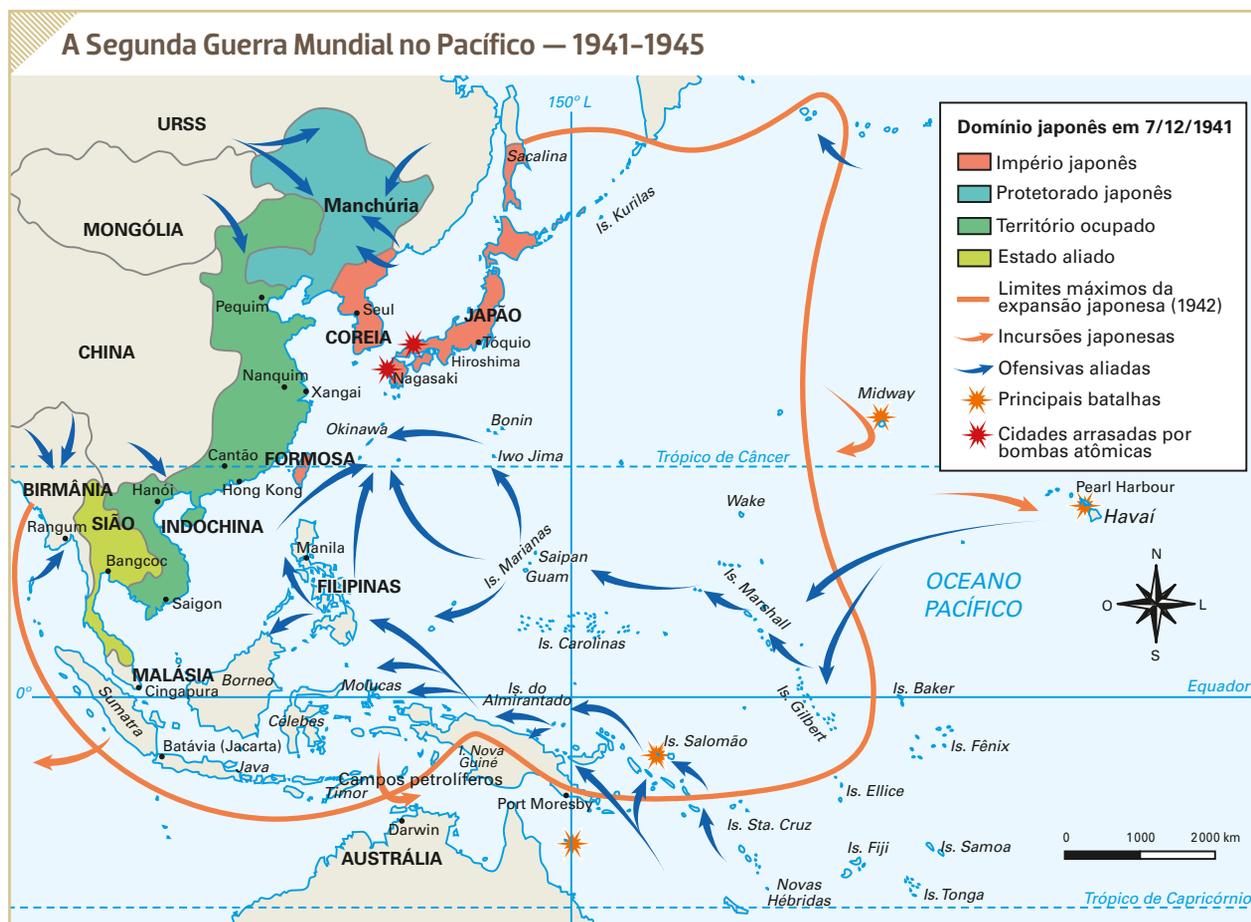
## ● A derrota e a reconstrução pós-guerra

O Japão foi arrasado pelos bombardeios dos Estados Unidos, principalmente pelas bombas atômicas lançadas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, em 6 e 9 de agosto de 1945, respectivamente.

Mesmo assim, após o fim do conflito, em 1945, os japoneses reconstruíram a nação, e o Japão alguns anos depois tornou-se a segunda potência econômica mundial. Essa recuperação, chamada “milagre japonês”, pode ser atribuída a uma série de fatores que permitiu a reestruturação econômica do país.

- Os Estados Unidos investiram na reconstrução japonesa com medo da influência da China, que adotara o regime socialista em 1949. Essa ajuda norte-americana recebeu o nome de Plano Colombo e correspondia ao Plano Marshall, criado com a finalidade de reconstruir os países europeus no pós-guerra.

- O Japão, mais uma vez, investiu maciçamente na educação da população.
- A tecnologia fabril, que já existia desde a Era Meiji, e a presença de mão de obra qualificada, numerosa e mais barata que a europeia e a norte-americana, facilitaram a reestruturação econômica e industrial do país.
- As indústrias bélicas, proibidas pelos Estados Unidos após a Guerra da Coreia, transformaram-se em indústrias de alta tecnologia, como a de instrumentos ópticos e fotográficos. Essa desmilitarização foi benéfica ao país, porque canalizou capital para outros setores.
- O governo privilegiou e incentivou as exportações de produtos industrializados.
- Os fatores culturais, isto é, as fortes tradições, como a obediência, a dedicação ao trabalho coletivo e a disciplina, também contribuíram para essa ascensão.
- No início dessa retomada, os trabalhadores guardavam seus salários, e foi essa poupança interna que permitiu novos investimentos sociais e industriais direcionados pelo Estado.



Adaptado de: ATLAS Storico 2010. Bologna: Zanichelli, 2011, p. 273.

## Os keiretsu e a indústria japonesa

No período anterior à guerra, a economia japonesa era dominada por quatro grandes *zabaito*: Sumitomo, Mitsubishi, Mitsui, Marubeni, que atuavam na área de aço, comércio exterior, bancos e outros setores-chave da economia.

Na reestruturação econômica do pós-guerra, essas estruturas se organizaram de forma diferente. Os novos grupos econômicos, chamados de *keiretsu*, exercem importância fundamental no funcionamento da economia japonesa e de suas companhias. O *keiretsu* costuma ser uma estrutura em que existe uma empresa de grande poder econômico e um conjunto de pequenas organizações autônomas, mas que dividem departamentos e acordos econômicos. Esses grupos mantiveram as mesmas raízes dos xoguns e das famílias que detinham o poder econômico no Japão da Era Meiji. Um *keiretsu* é composto de empresas distintas, como a automotiva, a naval, a de aço, a têxtil,

a de bebidas, a de eletroeletrônicos, entre outras, ou seja, toda uma vasta linha de produtos e serviços integrados e complementares. No centro do grupo estão um banco e uma companhia de comércio (*trade company*). Tudo o que é produzido pelas empresas que compõem o *keiretsu* é comercializado pela respectiva *trading*, tanto no comércio exterior quanto no interno. Os seis principais *keiretsu* japoneses são: Mitsui, Mitsubishi, Itochu, Marubeni, Sumitomo e Sojitsu.

Existem três tipos de *keiretsu*:

- *financeiro*, grupo com relações horizontais composto de empresas variadas, que incluem indústrias e bancos em sua estrutura;
- *de distribuição*, grupo com relações verticais que controla o fluxo de produtos, serviços e preços da fábrica ao consumidor;
- *de produção*, grupo com relações verticais que integra fornecedores e fabricantes de componentes em uma só estrutura.

O país destaca-se no setor naval, siderúrgico, metalúrgico, têxtil e na produção de automóveis, alimentos, máquinas elétricas, máquinas não elétricas. Outros setores importantes são os de eletroeletrônicos, eletrodomésticos e robótica.

Toda essa produção industrial tem participação fundamental nas exportações japonesas. Por outro lado, um dos grandes problemas do território japonês é a escassez de recursos naturais, o que torna o país um grande importador de quase todos os minerais utilizados em sua diversificada indústria, que depois são exportados, já transformados em automóveis, máquinas, navios, eletroeletrônicos, entre outros produtos.

As transnacionais de origem japonesa, que estão entre as maiores do mundo, evidenciam o poderio industrial do país. Destacam-se: Mitsui, Mitsubishi, Itochu, Marubeni, Sumitomo, Toyota, Nissho Iwai, Nippon Telegraph and Telephone, Hitachi, Honda, Yamaha.

## ● A localização industrial

O complexo parque industrial do Japão está concentrado na megalópole de Tokaido, situada na ilha de Honshu, embora existam no país outros importantes centros espalhados pelas ilhas de Hokkaido e Kiushu.

A avançada tecnologia desenvolvida no país propiciou a construção de áreas aterradas sobre os mares ao redor do arquipélago, onde atualmente existem aeroportos internacionais, como o de Kiushu, localizado na cidade de Kitakyushu, além de distritos industriais e até áreas de aproveitamento agrícola. Veja no mapa da página seguinte a localização das principais áreas industriais do Japão.

A Cidade da Ciência de Tsukuba, localizada a cerca de 60 km a nordeste de Tóquio e a 40 km a noroeste do aeroporto internacional de Narita, é um dos principais tecnopolos do mundo. Sua construção, promovida pelo governo, foi iniciada na década de 1960 e se estendeu até 1980.



David Mareuil/Anadolu/Getty Images

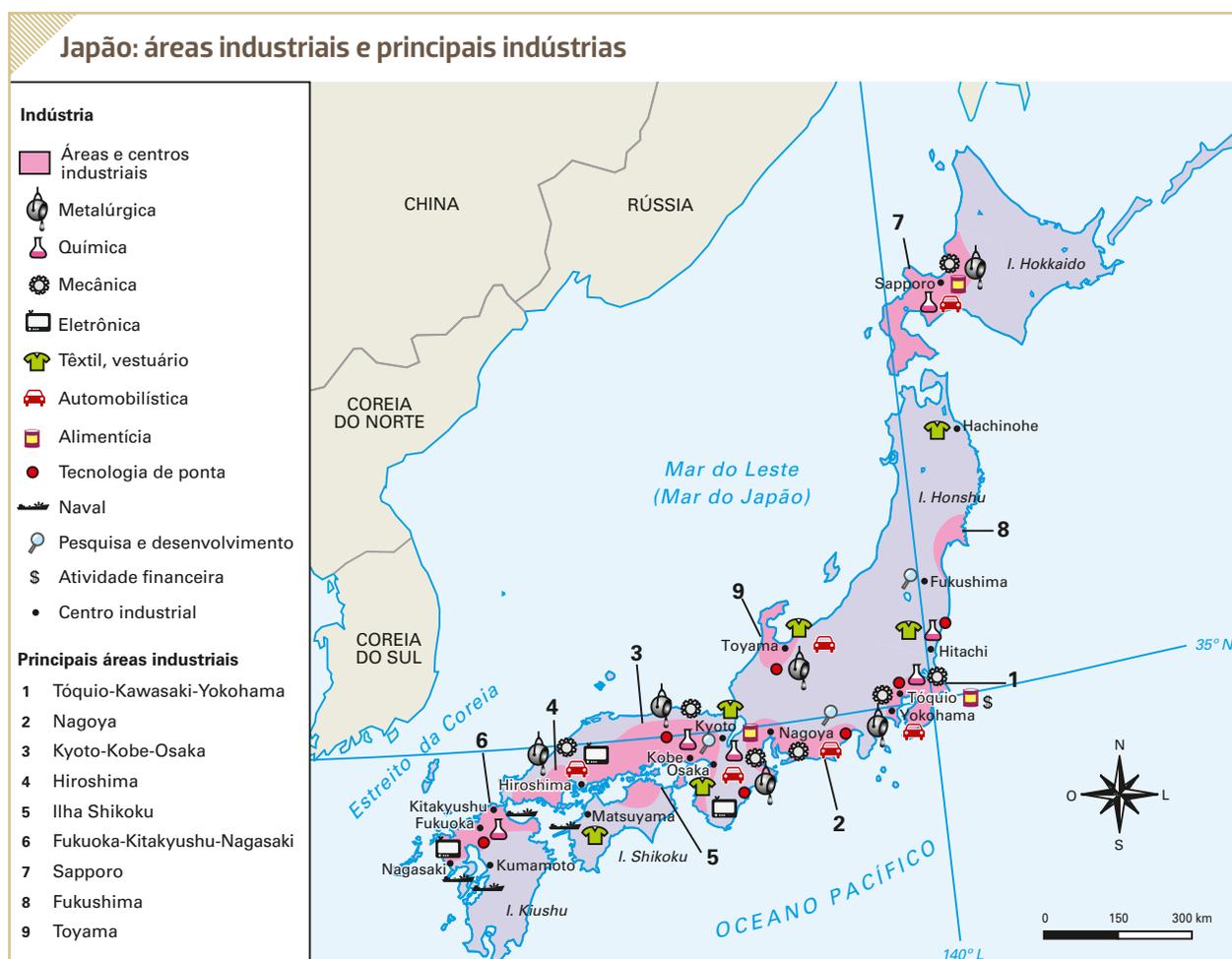
▼ Demonstração de robô em Tóquio, no Japão. Foto de 2015.

O parque tecnológico reúne em um mesmo local a Agência Nacional Espacial do Japão (Nasda), o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Industrial Avançada (AIST), a Universidade de Tsukuba e o Instituto Nacional de Estudos Ambientais. Desde a década de 1980, empresas privadas também se instalaram aí, complementando o polo tecnológico.

A Cidade da Ciência de Kansai, cujo empreendimento foi concebido em 1978, teve sua primeira fase inaugurada em 1994. Diferentemente da Cidade da Ciência de Tsukuba, essa obra não foi uma iniciativa

estatal. Localizada nos municípios de Kyoto, Osaka e Nara, segunda região mais industrializada do país, esse tecnopolo reúne instituições de ensino e pesquisa como o Instituto Internacional de Pesquisas Avançadas em Telecomunicações (Kyoto) e a Universidade de Osaka. Nele predominam muitas empresas privadas, como a Toyota, a Mitsubishi e a Fujitsu.

Além das duas Cidades da Ciência, no Japão há outros tecnopolos, como Utsunomiya e Koufu, na área metropolitana de Tóquio, e Asama, Hamamatsu e Harima Oriental, na região centro-oriental do país.



Adaptado de: ATLANTE Zanichelli 2010. Bologna: Zanichelli, 2011. p. 63. Mapa sem data na fonte original.

## O Japão na globalização

Em 2014, segundo o FMI, o Japão era a terceira economia do mundo. Alguns fatores contribuíram para que o país alcançasse essa posição: a forte ética no trabalho, a aplicação do sistema *just in time*, reforçado pela diminuição do desperdício e do reaproveitamento de mate-

riais, além dos altos investimentos em tecnologia.

O maior banco do mundo, o Mitsubishi UFJ Financial Group, também pertence ao Japão. Em Tóquio está localizada a segunda maior Bolsa de Valores. Veja, na tabela da página a seguir, os principais indicadores socioeconômicos desse país e sua posição em nível mundial.

## Japão: indicadores socioeconômicos – 2015

IDH*	0,891
Expectativa de vida (em anos)	84,7
PIB (em trilhões de US\$)	4,8
PIB per capita (PPC, em US\$)	38 200
População (em milhões de hab.)	127,1
Índice de competitividade	5,47
Exportações (em bilhões de US\$)	624
Importações (em bilhões de US\$)	625,4

\* Dados de 2014.

Fontes: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ja.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ja.html)>; ONU. *Pnud. Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/rethinking-work-for-human-development>>; WORLD ECONOMIC FORUM (WEF). *The Global Competitiveness Report 2015-2016*.

Disponível em: <[www3.weforum.org/docs/gcr/2015-2016/Global\\_Competitiveness\\_Report\\_2015-2016.pdf](http://www3.weforum.org/docs/gcr/2015-2016/Global_Competitiveness_Report_2015-2016.pdf)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

Desde a década de 1950 até o começo dos anos 1990, a economia japonesa cresceu com índices característicos do “milagre japonês”. Veja a tabela.

### Crescimento da economia japonesa 1953-1991 – uma comparação (%)

País	1953-1973	1974-1982	1983-1991
Japão	9,4	4	4,4
Estados Unidos	3,6	1,5	3,0
Reino Unido	3,1	1,0	2,9
Alemanha Ocidental	5,8	1,6	3,1
França	5,3	2,4	1,9

Fonte: FMI. *World Economic Outlook* (vários anos). Disponível em: <[www.imf.org/external/ns/cs.aspx?id=29](http://www.imf.org/external/ns/cs.aspx?id=29)>. Acesso em: 24 fev. 2016.

Essa situação, porém, começou a mudar na última década do século XX, quando o mundo consolidava a globalização econômica. Sucessivas valorizações do iene, a moeda japonesa, o surto especulativo ocorrido na Bolsa de Tóquio e a concorrência de outros países asiáticos no mercado externo interromperam esse crescimento e lançaram o país em uma grande recessão, entre 1998 e 1999. A produção industrial chegou a encolher 12% nesse período.

O aumento do desemprego estrutural causado pelos avanços tecnológicos, a crise no sistema bancário e a redução do crescimento do PIB japonês foram as principais consequências geradas por esses problemas.



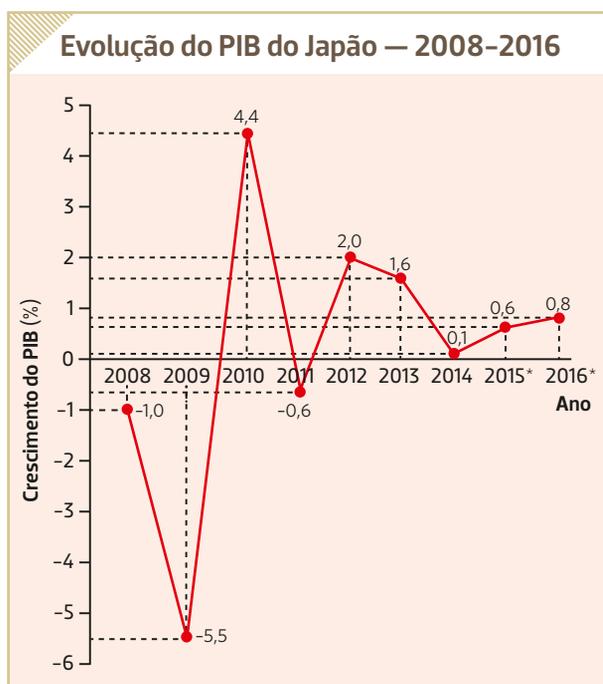
Hitoshi Yamada/NurPhoto/Agência France-Press

▼ Globo com lâmpadas de LED no Museu Nacional de Inovação Miraikan, em Tóquio, Japão. Foto de 2015.

A crise econômica mundial iniciada em 2008 nos Estados Unidos não poupou o Japão e gerou milhares de desempregados, afetando também a comunidade de 300 mil brasileiros que residem e trabalham no país.

Em 2010, apesar da recuperação, o Japão foi ultrapassado pela China, que passou a ocupar a segunda posição entre as maiores economias do mundo.

Em 2011, a economia e o território do país foram devastados por um terremoto e um *tsunami*, que varreram do mapa cidades e instalações econômicas. Outro fator de impacto negativo no crescimento da economia foram os cortes de eletricidade provocados direta e indiretamente pelo derretimento de três reatores na usina nuclear Daiichi, em Fukushima, o que resultou no corte de fornecimento de energia e no vazamento de material radioativo. Esse baque, aliado às repercussões da crise da Europa, jogaram o país outra vez na recessão. Veja, no gráfico abaixo, o desempenho da economia japonesa entre 2008 e 2016.



\* Projeções.

Adaptado de: FMI. *World Economic Outlook 2014*. Disponível em: <[www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/01/pdf/text.pdf](http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/01/pdf/text.pdf)>. Acesso em: 22 fev. 2016.



1. **Geografia, História e Biologia** Leia o trecho abaixo, extraído de uma reportagem, e responda às questões.

*Acidente de Fukushima, em março de 2011, trouxe incertezas sobre o futuro da energia nuclear em todo o mundo. Alemanha, Bélgica e Suíça anunciaram que vão parar de investir na modalidade em um prazo de 15 anos e ampliar a participação de alternativas renováveis.*

REVISTA Análise Energia. Anuário 2013. São Paulo: Plural, dez. 2012. p. 82.

- A Alemanha e o Japão são importantes produtores de energia nuclear. Aponte dois riscos possíveis que a utilização desse tipo de energia pode provocar.
- Por que a maioria das centrais nucleares se localiza em países desenvolvidos, como os que aparecem neste capítulo e no trecho da reportagem acima?
- Por que a notícia acima poderá beneficiar o Brasil?

2. Acompanhe a reportagem a seguir.

### Reator nuclear mais antigo da Alemanha é desligado com sucesso

*O reator nuclear mais antigo em operação da Alemanha foi desligado neste domingo [28/06/2015], dentro de um programa iniciado há quatro anos para desativar todas as usinas nucleares do país até 2022. O reator de Grafenrheinfeld, no estado da Baviera, foi desconectado da rede durante a noite, como previsto, informou o Ministério do Meio Ambiente do Estado à agência de notícias DPA.*

*Grafenrheinfeld entrou em funcionamento em 1981. É o primeiro a fechar desde que a Alemanha desativou os oito mais antigos de seus 17 reatores em 2011, logo após o desastre nuclear de Fukushima, no Japão.*

*O próximo da lista deve ser um dos dois reatores da usina de Gundremingen, também na Baviera, no fim de 2017. Os demais reatores serão gradualmente desligados até o fim de 2022.*

*A Alemanha planeja produzir 80% de sua eletricidade a partir de fontes renováveis, até 2050.*

REVISTA Exame. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/tecnologias-verdes/2015/06/reator-nuclear-mais-antigo-em-funcionamento-deixa-de-operar-na-alemanha.shtml>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

- Relacione essa notícia com a questão 1.

3. Leia o texto sobre o Japão e responda às questões.

*[...] Apesar da desaceleração da economia nos anos 1990, o país se mantém como uma grande potência hoje, a terceira maior do mundo. Mesmo passando por crises, guerras e desastres naturais, 20% dos terremotos do planeta ocorrem no país [...].*

GIANNINI, Deborah. A terra do sol interior. Revista Brasileiros, n. 4. São Paulo: Brasileiros Editora, abr. 2011, p. 64.

- Identifique o desastre natural que ocorreu em 2011 e uma consequência desse episódio.

- Por que é comum a ocorrência de abalos sísmicos nesse país?

- Indique três produtos de origem japonesa que são consumidos no Brasil.

4. Leia e compare os textos a seguir.

### Texto 1: Sobre a população japonesa

*A população do Japão diminuiu pelo terceiro ano seguido [em 2014], embora a proporção de pessoas com idade superior a 65 anos tenha batido novo recorde. O cenário ressalta o desafio da economia mais endividada do mundo para financiar sua sociedade em envelhecimento.*

*A população encolheu 0,17%, e chegou a 127,3 milhões em 1º de outubro [de 2013], ao mesmo tempo em que o país mantém uma das mais baixas taxas de natalidade do mundo. Os japoneses com 65 anos ou mais compõem um quarto do total, a porcentagem mais elevada já registrada, no momento em que a geração de baby boomers do pós-guerra se dirige à aposentadoria, informou o Ministério do Interior em seu site.*

[...]

O GLOBO. 17 abr. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/populacao-do-japao-diminui-pelo-3-ano-seguido-enquanto-numero-de-idosos-bate-recorde-12220257>>.

Acesso em: 22 fev. 2016.

### Texto 2: Sobre a população alemã

*A população da Alemanha vai continuar diminuindo nas próximas décadas, mas, graças à imigração, menos do que se esperava, segundo cálculos divulgados pelo Departamento Federal de Estatísticas (Destatis) nesta terça-feira, 28/04/2015, em Berlim.*

*Pela nova projeção, a população deverá cair dos atuais 80,8 milhões para um número entre 67,6 milhões e 73,1 milhões até 2060, dependendo do tamanho da imigração. Há seis anos, data da projeção anterior, os estatísticos calculavam que haveria entre 65 milhões e 70 milhões de pessoas na Alemanha daqui a 45 anos.*

[...]

*As novas informações comprovam o acelerado envelhecimento da população alemã. Hoje, um em cada cinco alemães tem mais de 65 anos. Em 2060, a proporção será um em cada três. Ao mesmo tempo, a população economicamente ativa (entre 20 e 65 anos) cairá de cerca de 50 milhões para 34 milhões ou 38 milhões.*

[...]

O POVO. 28 abr. 2015. Disponível em: <[www.opovo.com.br/app/maisnoticias/mundo/dw/2015/04/28/noticiasdw,3429389/populacao-alema-cai-apesar-da-imigracao.shtml](http://www.opovo.com.br/app/maisnoticias/mundo/dw/2015/04/28/noticiasdw,3429389/populacao-alema-cai-apesar-da-imigracao.shtml)>.

Acesso em: 22 fev. 2016.

- Identifique duas características comuns sobre as populações dos dois países presentes nos textos.
- Explique um problema causado pelo envelhecimento das populações japonesa e alemã.

# Rússia: de potência a país emergente



Yegor Aleyev/ITAR-TASS/Corbis/Latinstock

▼ Moderna indústria de caminhões, em Naberejnye Chelny, na Rússia. Foto de 2016.

## ■ A herança soviética

A Federação Russa, o mais extenso país do mundo (17 milhões de km<sup>2</sup>), possui uma estrutura político-administrativa complexa, composta de repúblicas, regiões administrativas, distritos autônomos e duas cidades com *status* administrativo especial: São Petersburgo e Moscou. Veja o mapa da próxima página.

Apesar dos problemas econômicos advindos da transição do regime socialista para o capitalista, a Rússia é muito respeitada na comunidade internacional. Grande parte dessa importância se deve ao notável arsenal nuclear do país, uma herança da

época da Guerra Fria. Estima-se que a Rússia tenha mais de 8 200 ogivas nucleares apontadas para os Estados Unidos.

## ● O ressurgimento da Rússia

A Rússia era a maior e a mais importante das quinze repúblicas que formavam a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Constituída em 1922, foi o primeiro país socialista da História. A União Soviética ocupava o leste da Europa e também o centro e o norte da Ásia.



Adaptado de: CHARLIER, Jacques (Dir.). *Atlas du 21<sup>e</sup> siècle* - 2010. Paris: Nathan, 2009. p. 95.

No sistema socialista soviético, o Estado desempenhava um papel fundamental na organização política, econômica, social e cultural do país. A economia era planejada, guiada por Planos Quinquenais, que levaram a União Soviética a se transformar em uma das duas grandes potências mundiais (a outra eram os Estados Unidos), durante a Guerra Fria.

Os setores privilegiados pela economia planejada eram as indústrias de bens de produção (siderúrgicas, metalúrgicas) e de bens intermediários (máquinas e equipamentos), os setores bélico e espacial e de obras de infraestrutura. A organização da produção industrial nesse período estava baseada nos padrões tecnológicos da Segunda Revolução Industrial.

Entretanto, a União Soviética não conseguiu acompanhar os progressos da Terceira Revolução Industrial, que se desenvolveu a partir da década de 1970, e perdeu a competição econômica para os Estados Unidos e outras forças econômicas, como o Japão e a Alemanha. Grande parte do orçamento do país era empregada para alimentar as corridas armamentista e espacial, mas as descobertas tecnológicas desse setor não eram aproveitadas em outros tipos de indústria, como as de bens de consumo, que se tornaram obsoletas e com baixa produtividade.

Os problemas agravaram-se no início da década de 1980, quando o país não pôde mais acompanhar

os Estados Unidos, que haviam aumentado bastante seus gastos com defesa, na corrida armamentista.

Em 1985, crescia a insatisfação popular com a situação de crise que provocava as imensas filas para conseguir alimentos ou mercadorias, mas principalmente com as regalias dos dirigentes do partido. Em meio a esse clima, Mikhail Gorbachev assumiu o cargo de secretário-geral do Partido Comunista e teve pela frente a difícil tarefa de tirar a União Soviética da grave crise econômica e política em que a potência havia mergulhado. Para alcançar seu objetivo, ele decidiu então pôr em prática as reformas econômicas que

defendera em seu livro *Perestroika - novas ideias para meu país e o mundo*.



▼ Mikhail Gorbachev, o artífice da abertura econômica (*perestroika*) e da abertura política (*glasnost*) da ex-União Soviética, no fim da década de 1980. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1990, pela assinatura do acordo de paz com os Estados Unidos.

A palavra *perestroika* (do russo, 'reestruturação') passou a designar o conjunto de medidas com as quais Gorbachev queria dar ânimo à nova economia soviética: previa a entrada de capital estrangeiro, o acesso a novas tecnologias, a instalação de empresas privadas e a implantação de métodos para aumentar a qualidade, a produtividade e a competitividade da indústria. Passou também a reduzir o controle do Estado sobre a produção. Parte do orçamento, que era anteriormente destinado à corrida espacial e armamentista, passou a ser aplicada em outros setores.

O maior empecilho para a implantação dessas mudanças era o próprio regime autoritário do país. Para implantar a reforma econômica, era preciso que

o governo fosse mais transparente, discutindo suas decisões, dando maior liberdade à população e aos meios de comunicação.

A reforma política ficou conhecida como *glasnost* (do russo, 'transparência') e acabou com a ditadura do Partido Único. Com isso, os dirigentes pretendiam acalmar anseios separatistas de algumas regiões do país. Porém, para um país com tantas e intensas diferenças étnicas e religiosas, resultado da anexação forçada de suas repúblicas, a onda de liberdade acendeu a chama dos nacionalismos. Gorbachev teve de lidar com reivindicações de liberdade por todo o país e, por fim, com um golpe de Estado que significou o fim da URSS. Sobre esse assunto leia o boxe a seguir.

Gorbachev, segundo suas próprias palavras, não pretendia o fim da União Soviética, mas a *glasnost* e a *perestroika*, realizadas por ele, acabaram levando a esse desfecho.

O líder renunciou em 26 de dezembro de 1991. Em 31 de dezembro, a URSS estava oficialmente extinta. Com a queda da URSS, a Rússia e mais dez das quinze repúblicas soviéticas formaram a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), assunto do Capítulo 22. Consequentemente, a Rússia abandonou a economia planificada e passou a adotar mecanismos de economia de mercado, principalmente os conceitos de lucro e de livre concorrência, que incentivaram a produtividade e a busca de melhor qualidade.

## ● Transição para o capitalismo – 1992-2000

Em seus primeiros anos como país capitalista, a Rússia enfrentou vários desafios, entre eles superar antigos problemas da ex-URSS ao mesmo tempo que procurava se adaptar aos mecanismos de um novo sistema econômico. Os equívocos da economia planificada e a diminuição da população do país tornaram-se herança da antiga potência.

Essa peculiar dinâmica populacional tinha dois motivos principais: as baixas taxas de natalidade comuns em vários países europeus nas últimas décadas, acentuadas pela crise da transição da economia de mercado dos anos 1990, e as altas taxas de mortalidade, principalmente entre homens em idade economicamente ativa e reprodutiva, sobretudo em função do alcoolismo. O conjunto dessas variáveis, juntamente com a emigração de um grande número de pessoas para suas pátrias de origem — antigas repúblicas soviéticas e agora países soberanos —, resultou em taxas de crescimento populacional negativo.

A população não só parou de crescer como também diminuiu, e o número de adultos homens é consideravelmente inferior ao de mulheres. A população russa passou de 148,6 milhões de habitantes, em 1993, para 142,4 milhões, em 2015. Com crescimento populacional negativo, a tendência é que o número de habitantes diminua nos próximos anos.

### O golpe de 1991

Ao mesmo tempo que as mudanças realizadas desagradavam cada vez mais os burocratas, que temiam perder seus privilégios, cresciam os movimentos nacionalistas. As repúblicas soviéticas e os Estados da Europa Oriental, países-satélites do regime centralizador, passaram a reivindicar autonomia.

Para acalmar os ânimos dos nacionalistas, Gorbachev propôs maior autonomia às repúblicas com o Tratado da União, que deveria ser assinado em agosto de 1991, e que tornaria a União Soviética uma federação de repúblicas independentes. Porém, um golpe de Estado, liderado por burocratas, tentou deter as reformas com a deposição de Gorbachev. O golpe durou apenas três dias. A resistência, liderada por Boris Yeltsin, presidente da República da Rússia, e a vontade do povo de manter a liberdade conquistada trouxeram Gorbachev de volta ao poder.

O separatismo, porém, ganhou força e acelerou o processo de desintegração da União Soviética: em dezembro de 1991, todas as repúblicas soviéticas já haviam se tornado independentes.



▼ Tanques soviéticos nas ruas de Moscou, Rússia, durante o golpe de 1991.

Para amenizar a situação, o governo tem adotado medidas como o auxílio financeiro para quem tiver o segundo filho e políticas de incentivo à imigração.

Também têm sido tomadas várias medidas para sanar as principais causas da mortalidade no país: melhoria nos serviços médicos, campanhas de educação para hábitos de vida mais saudáveis e tentativas de diminuir a violência, causa de muitos óbitos. Infelizmente, esses esforços não têm alcançado muito sucesso.

Essa questão demográfica na Rússia tem trazido sérias consequências na economia do país, uma vez que influencia o crescimento da população ativa, ou seja, a população que produz.

Na busca de soluções para os problemas que restaram da época da economia planificada, foram necessárias diferentes mudanças e iniciativas para superar obstáculos, entre as quais destacamos:

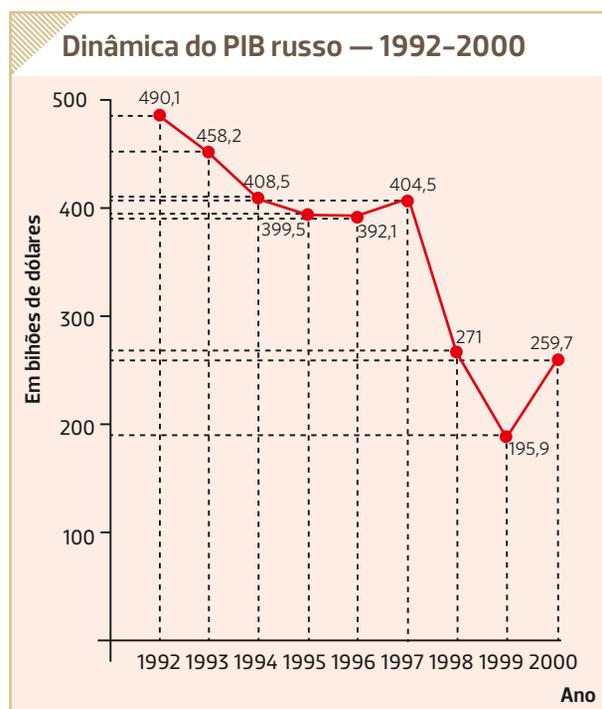
- extinguir a antiga política de metas quantitativas, sem preocupação com a qualidade;
- disponibilizar o acesso a bens de consumo para a população, em quantidade suficiente e com boa qualidade;
- dar a outras atividades econômicas, como a agricultura, por exemplo, o mesmo destaque dispensado ao desenvolvimento industrial;
- promover o incentivo à produtividade com a introdução da avaliação de desempenho;
- investir na modernização dos setores industriais, que se encontravam defasados em razão do longo período de economia planificada;
- formar mão de obra qualificada para o setor de serviços e para as atividades que ascenderam com a Terceira Revolução Industrial e que começavam a ter destaque na economia;
- reduzir os impactos ambientais causados pela poluição do ar, das águas e dos solos.

Com o advento do capitalismo, a economia russa passou a conviver com novos obstáculos, quase desconhecidos em uma economia totalmente controlada pelo Estado: a diminuição das reservas econômicas, as privatizações, a queda nas exportações e a inflação. A população passou a ter contato com empresas transnacionais e também a testemunhar o aumento da pobreza e do desemprego. Essa realidade, aliada a turbulências políticas, má administração dos recursos públicos e necessidade de investimento na modernização do obsoleto parque industrial, foi decisiva para que o país tivesse muitas dificuldades em sua primeira década no novo regime.

Com tantos problemas para resolver, o país tornou-se o centro de uma crise mundial em 1998. Com a **moratória** da dívida externa das empresas privadas e o atraso no pagamento das dívidas do governo, a Rússia abalou os mercados mundiais ao despertar a desconfiança dos investidores internacionais nos países emergentes, entre eles o Brasil. Consequentemente, a moeda russa (o rublo) se desvalorizou, e o país pediu o empréstimo de 22 bilhões de dólares ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Porém, nem mesmo essa grande ajuda fez o país sair da crise econômica em que se encontrava.

**Moratória:** decisão unilateral de um país de suspender o pagamento de sua dívida externa.

Você pode verificar a instável trajetória da economia russa, em sua primeira década como país capitalista, observando a evolução do PIB do país de 1992 a 2000, no gráfico a seguir.



Elaborado com dados de: WORLD Macroeconomic Research. Disponível em: <[www.kushnirs.org/macroeconomics/\\_pt/russia\\_gdp.html](http://www.kushnirs.org/macroeconomics/_pt/russia_gdp.html)>. Acesso em: fev. 2016.

A partir do ano 2000, o país saiu da crise, começou a se reestruturar e expandiu sua economia. Para que essas mudanças ocorressem, dois fatores foram fundamentais: a exploração e a exportação de recursos energéticos, principalmente o petróleo e o gás natural, e a formação de um mercado interno, constituído por uma classe média com poder aquisitivo para ter acesso aos bens de consumo que começavam a ser fabricados.

A Rússia também precisou restaurar e modernizar a rede de transportes que havia se deteriorado, construir gasodutos e oleodutos, introduzir transportes intermodais, ampliar a transmissão de energia elétrica e desenvolver as telecomunicações.

## ■ A Rússia no século XXI

Maior país do mundo em extensão, com mais de 17 milhões de km<sup>2</sup>, a Rússia é a “herdeira” do *status* de potência da ex-União Soviética e ocupa seu lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU, com a China, os Estados Unidos, a França e o Reino Unido.

Migdia Alexander/Shutterstock



▼ Vista da cidade de Novosibirsk, na Rússia. Foto de 2015.

Em 2012, o país ingressou na Organização Mundial de Comércio (OMC). Faz parte do Brics, grupo que também reúne Brasil, Índia, China e África do Sul.

A Rússia é considerada uma economia emergente, mas integra o G-8 com os sete países mais industrializados e mais desenvolvidos economicamente do mundo: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá. Em março de 2014, o país foi suspenso e impedido de participar das reuniões do grupo, por causa de sua intervenção na península da Crimeia, na Ucrânia, considerada pelos países-membros do G-8 uma ameaça à situação mundial (sobre esse assunto leia o box *Ampliando o conhecimento*, na página 178). Até o início de 2016, a suspensão ainda estava em vigor.

Veja abaixo os principais indicadores socioeconômicos do país.

### Rússia: indicadores socioeconômicos – 2015

IDH*	0,798
Expectativa de vida (em anos)	70,4
PIB (em bilhões de US\$)	1236
PIB per capita (PPC, em US\$)	23 700
População (em milhões de hab.)	142,4
Índice de competitividade	4,44
Exportações (em bilhões de US\$)	337,8
Importações (em bilhões de US\$)	197,3

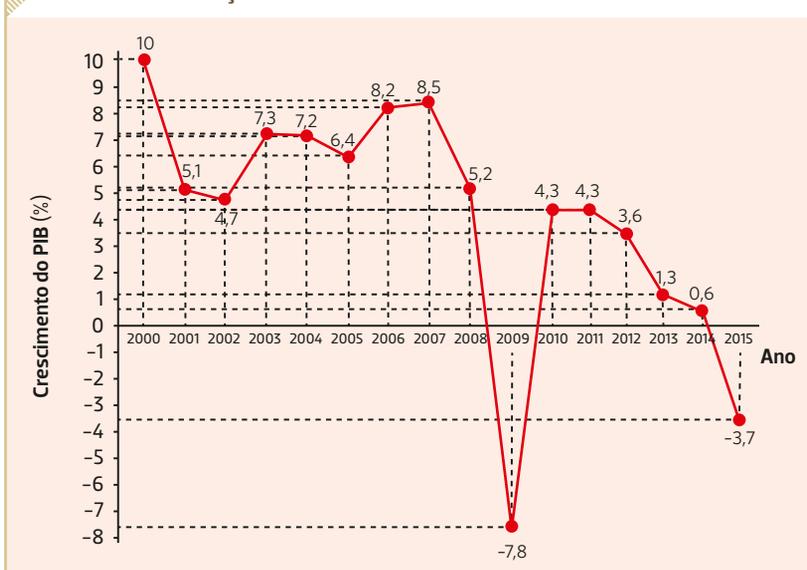
\*Dados de 2014.

Fonte: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/us.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/us.html)>; ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/rethinking-work-for-human-development>>; WORLD ECONOMIC FORUM. *Global Competitiveness Report 2015-2016*. Disponível em: <[www3.weforum.org/docs/gcr/2015](http://www3.weforum.org/docs/gcr/2015)>. Acesso em: 15 fev. 2016.

Em 2015, a Rússia foi a décima economia do mundo e a quarta do Brics, na frente apenas da África do Sul.

Desde o ano 2000, a maior queda do PIB russo aconteceu em 2009, como reflexo da crise mundial de 2008, mas sua economia teve baixas taxas de crescimento entre 2012 e 2015. Veja o gráfico a seguir.

### Rússia: evolução do PIB – 2000-2015



Elaborado com dados de: FMI. *The World Outlook 2016*. Disponível em: <[www.imf.org/external/spanish/pubs/ft/weo/2016/update/01/pdf/0116s.pdf](http://www.imf.org/external/spanish/pubs/ft/weo/2016/update/01/pdf/0116s.pdf)>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Banco de imagens/Arquivo da editora

## Entenda por que Ucrânia e Rússia brigam pelo controle da Crimeia

O território da Crimeia está no centro da atual disputa entre a Ucrânia e a Rússia que ameaça a segurança mundial.

Entenda a crise:

### Os protestos

Os problemas começaram em novembro [2013], quando multidões começaram a ir às ruas da capital ucraniana, Kiev, para pressionar o então presidente ucraniano, Viktor Yanukovich, a fechar um acordo comercial com a União Europeia em detrimento de um com a Rússia.

Yanukovich, que é de etnia russa e só aprendeu a falar ucraniano na vida adulta, porém, acabou dando as costas à UE e fechando com Moscou, que lhe prometeu um pacote de ajuda financeira incluindo um empréstimo bilionário e desconto no preço do gás natural.

O movimento se fortaleceu diante da derrota e ocupou a Prefeitura de Kiev e a Praça da Independência. O governo reagiu com violência e prisões arbitrárias, além de uma lei que proibia o uso de capacetes, a reunião de grupos de mais de cinco pessoas e a ocupação de prédios públicos.

Os manifestantes reagiram com força dobrada.

### Troca

No fim de fevereiro, governo e oposição assinaram um acordo de paz que, no entanto, não durou 24 horas. Yanukovich deixou o país, e um governo interino pró-UE assumiu o poder.

O Ocidente reconheceu a troca, mas o governo russo viu nela um golpe de Estado. Com base nisso, alegou que havia ameaça aos cidadãos de etnia russa que vivem na Crimeia e foi, aos poucos, tomando o controle da área.

### Crimeia

Dos cerca de 2 milhões de pessoas que moram naquela península, mais da metade se considera de origem russa e, inclusive, fala russo no dia a dia.

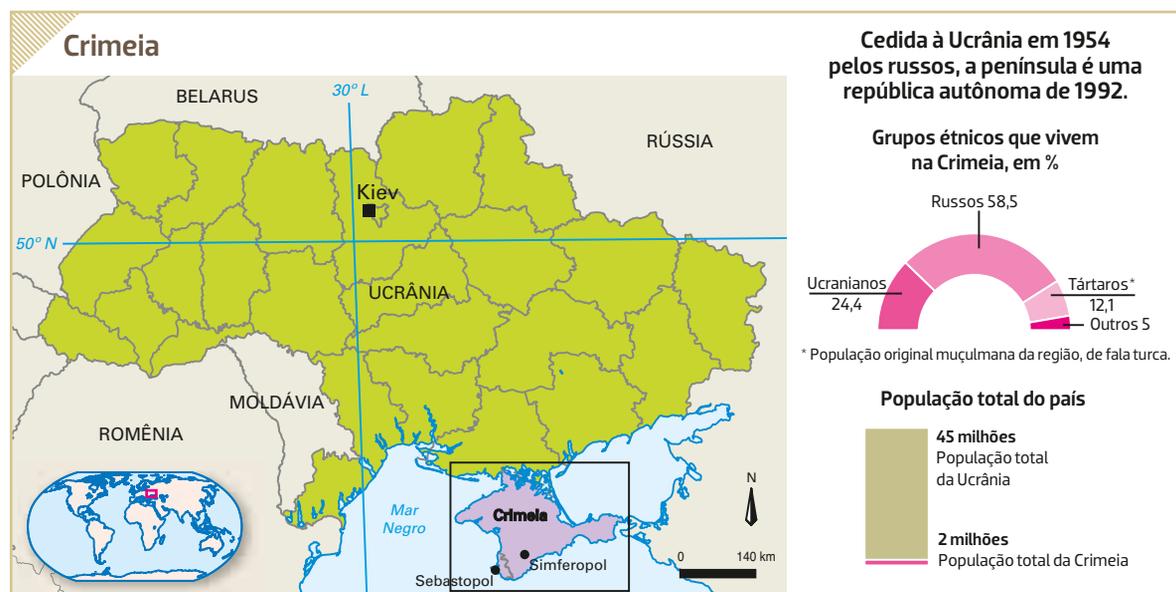
Simferopol é a capital da Crimeia, onde fica o Parlamento, e Sebastopol é a sede da poderosa Frota do Mar Negro, que pertence à Rússia.

Isso não surpreende, já que a Crimeia foi transferida à Ucrânia pela União Soviética só em 1954, e a Ucrânia em si se tornou independente só em 1991.

Na verdade, a Crimeia resume uma divisão política e cultural que acontece em toda a Ucrânia. O leste do país tende a ser pró-Rússia e o oeste, pró-UE. Isso se reflete, por exemplo, nos resultados das eleições. A maioria dos votos de Yanukovich saiu do leste.

[...]

FOLHA de S.Paulo, 7 mar. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/03/1422015-entenda-porque-ucrania-e-russia-brigam-pelo-controle-da-crimea.shtml>. Acesso em: 21 fev. 2016.



Adaptado de: FOLHA de S.Paulo, 7 mar. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/03/1422015-entenda-porque-ucrania-e-russia-brigam-pelo-controle-da-crimea.shtml>. Acesso em: 21 fev. 2016.

Mapa: Banco de imagens/Arquivo da editora. Gráficos: Arte Ação/Arquivo da editora

## A industrialização e os recursos minerais

No fim do século XIX, o czar Alexandre II utilizou capitais estrangeiros, principalmente franceses, para implantar as primeiras indústrias na Rússia e iniciou a construção de uma rede ferroviária que interligaria as várias regiões do país. Mas foi somente após a formação da União Soviética que ocorreram os grandes investimentos na indústria de base característica da economia planificada. Nessa época, a organização industrial do país era baseada na propriedade estatal dos meios de produção e na planificação realizada pela Comissão Estatal de Planejamento Econômico (Gosplan). A direção-geral de indústrias dividia as organizações de produção em:

- *grupos de integração horizontal*, constituídos por indústrias similares agrupadas em determinada região;
- *grupos de integração vertical*, formados por indústrias que dependiam umas das outras, como combinados têxteis, químicos, metalúrgicos, entre outros, localizadas de acordo com a disponibilidade de recursos minerais e energéticos.

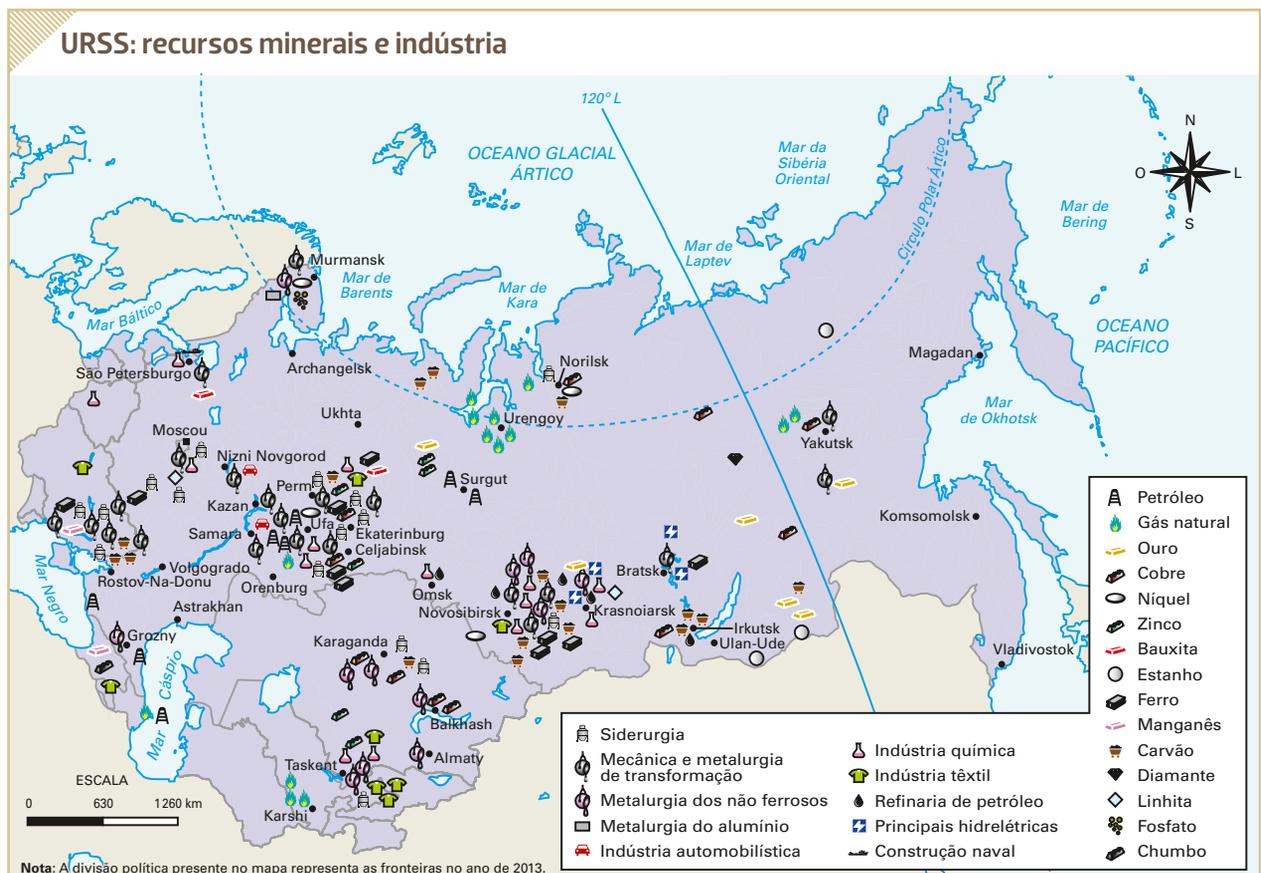
O desenvolvimento industrial soviético caracterizou-se, principalmente, pelo predomínio das indústrias pesadas, de equipamentos e bélicas, que eram privilegiadas nos Planos Quinquenais e favorecidas pela existência de recursos minerais, como o ferro e o carvão. Esses planos procuraram sanar desigualdades regionais com a instalação de indústrias por todo o território. Ainda assim, algumas regiões, como a de Leningrado (atual São Petersburgo), a de Moscou, a dos montes Urais e da Ucrânia, concentravam esse tipo de atividade. Veja o mapa abaixo.

Outro fato indiscutível foi o crescimento acelerado do setor industrial durante esse período, como você pode ver na tabela a seguir.

**Produção industrial comparada dos Estados Unidos e da URSS (%) — 1913-1955**

Período	Estados Unidos	URSS
1913-1928	3,7	0,1
1928-1940	1,8	8,9
1940-1955	5,3	9,6

Fonte: Estatísticas oficiais da antiga URSS. In: CUNHA, Murillo Alves da. *Geografia geral e do Brasil*. São Paulo: Francisco Alves, 1987. p. 285.



Adaptado de: CUNHA, Murillo Alves da. *Geografia geral e do Brasil*. São Paulo: Francisco Alves, 1987. p. 286. Mapa sem data na fonte original.

Entretanto, alguns fatores levaram a estrutura industrial soviética ao colapso, com a crise econômica que atingiu o país no fim da década de 1980: a intensa burocracia dos planejamentos, cujas metas eram apenas quantitativas e não levavam em conta a qualidade dos produtos; a falta de incentivo para o aumento da produtividade, considerando que tudo era determinado pelos planos, sem nenhuma avaliação de desempenho — tudo isso aliado à grande defasagem da tecnologia soviética em relação a outros países, principalmente no setor de bens de consumo.

Com o fim do gigante comunista, a Rússia passou a desenvolver indústrias de tecnologia de ponta, como as do Silicon Taiga, situado às margens do rio Ob, próximo a Novosibirsk, onde se concentram indústrias de informática. O parque tecnológico cresceu em torno do centro de pesquisa e desenvolvimento de Akademgorodok.

As indústrias, embora ainda se concentrem em alguns lugares como os da região de Moscou, mantêm a antiga característica de dispersão pelo território.

Existem onze regiões econômicas na Rússia onde as indústrias se destacam: região Central, região de Moscou (automóveis, vestuário, químicas, madeira, eletrônica, aviões, máquinas, siderurgia, têxtil e outras); Noroeste, região de São Petersburgo e Kaliningrado (metais não ferrosos, eletrônica, elétrica, fertilizantes, construção naval, equipamentos de precisão, etc.); Volga-Vyatka (equipamentos de

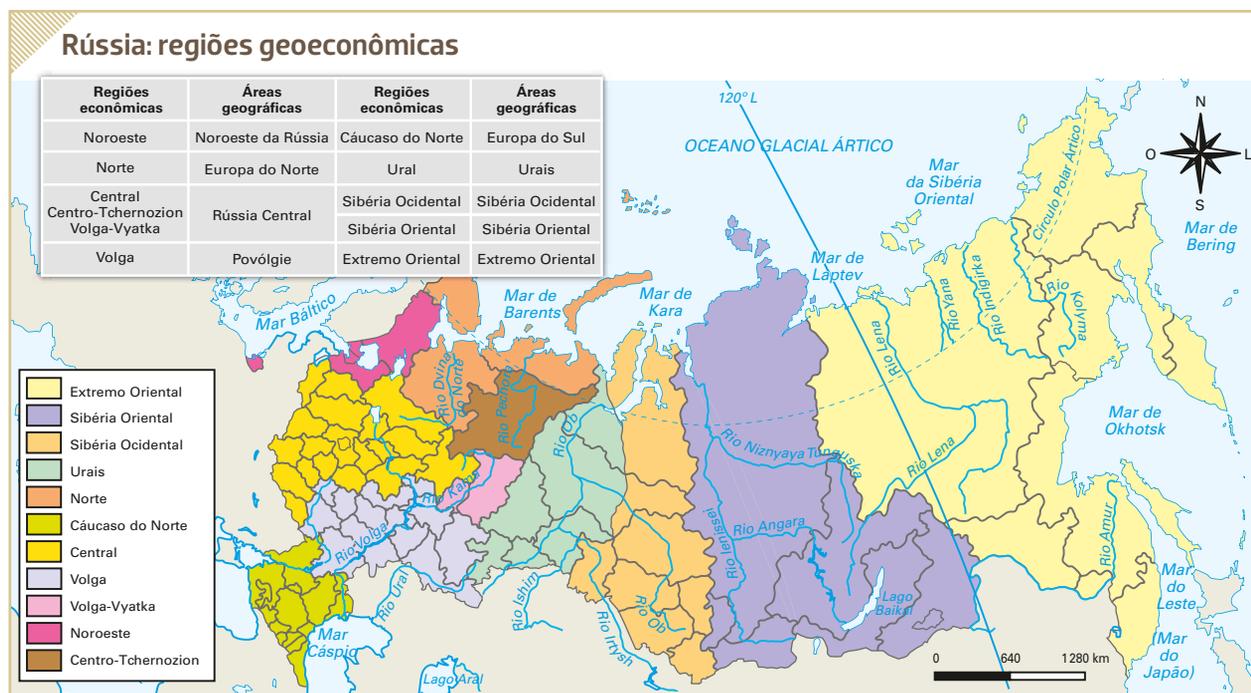


Anatoly Zhdanov/Kommersant Photo/Getty Images

▼ Base de lançamento espacial, em construção, na Rússia. Foto de 2016.

transporte, automóveis, ônibus e caminhões, papel); Volga (petroquímicas, aeronáutica, alimentos); Cáucaso do Norte (petroquímica); Urais (refinarias de petróleo); Centro-**Tchernozion** (siderurgia, máquinas industriais e agrícolas); Norte (madeira, pesca, siderurgia, petroquímica); Sibéria Ocidental (metais preciosos e petroquímica); Sibéria Oriental (metais preciosos, carvão e recursos hídricos); e Extremo Oriental (pesca, máquinas agrícolas). Veja, no mapa abaixo, a localização dessas regiões.

**Tchernozion:** solo de coloração escura, rico em húmus, considerado o mais fértil do mundo.



Portal de Mapas/Arquivo da editora

Adaptado de: RUSSOBRAS. Disponível em: <[www.russobras.com.br/mapas/mapa\\_econr.php](http://www.russobras.com.br/mapas/mapa_econr.php)>. Acesso em: 21 fev. 2016.



Dzhavakhadze Zurab/ITAF-TASS/Corbis/Latinstock

▼ Indústria de vagões para metrô, em Mystishy, na Rússia. Foto de 2015.

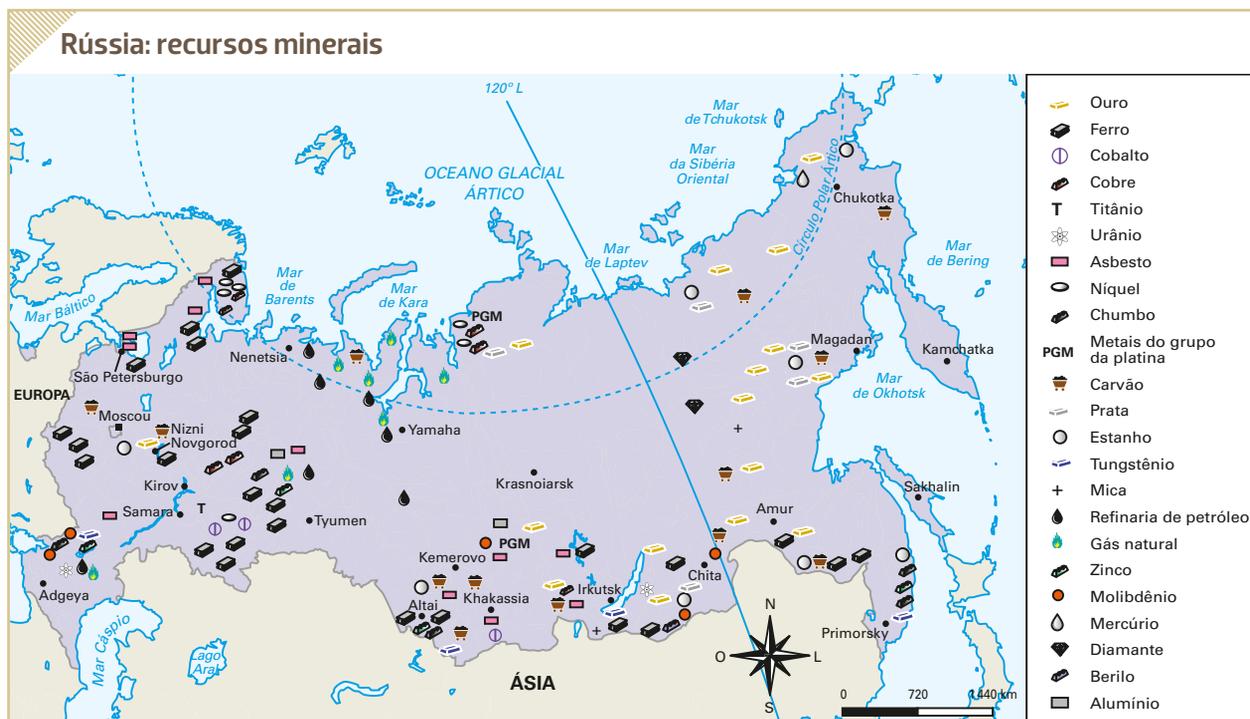
A grande riqueza em recursos minerais e em fontes de energia continua sendo um fator fundamental para a indústria na Rússia, como ocorreu na União Soviética. No território russo são encontrados ouro, diamante, ferro, níquel, cobalto, tungstênio, platina, paládio, bauxita, cromo, chumbo, magnésio, **volfrâmio**, **vanádio** e potássio. Além do petróleo e do gás natural, a Rússia possui fontes de energia como o carvão, o urânio e um grande potencial de energia hidrelétrica. Veja o mapa abaixo.

**Volfrâmio:** outra denominação do tungstênio, metal de grande resistência à corrosão e utilizado em brocas de perfuração na indústria do petróleo e na mineração, filamentos de lâmpadas incandescentes, armamentos e outros usos.

**Vanádio:** elemento químico maleável muito empregado na indústria siderúrgica.

Segundo o relatório do IEA (International Energy Agency), o *Key World Energy Statistics*, em 2015 a Rússia foi o segundo produtor e primeiro exportador de gás natural. Ocupou o segundo lugar entre os produtores e exportadores de petróleo. Foi o sexto produtor e o terceiro exportador de carvão, o quinto na geração de energia hidrelétrica e o terceiro produtor e primeiro exportador de derivados de petróleo.

O país é um grande produtor desses bens e pode vendê-los a preços mais baixos do que os do mercado mundial, pois não faz parte da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), que estabelece a política petrolífera comum a todos os grandes produtores de petróleo. No início do século XXI, para diminuir as importações, a Rússia impôs barreiras alfandegárias e manteve o baixo valor do rublo.



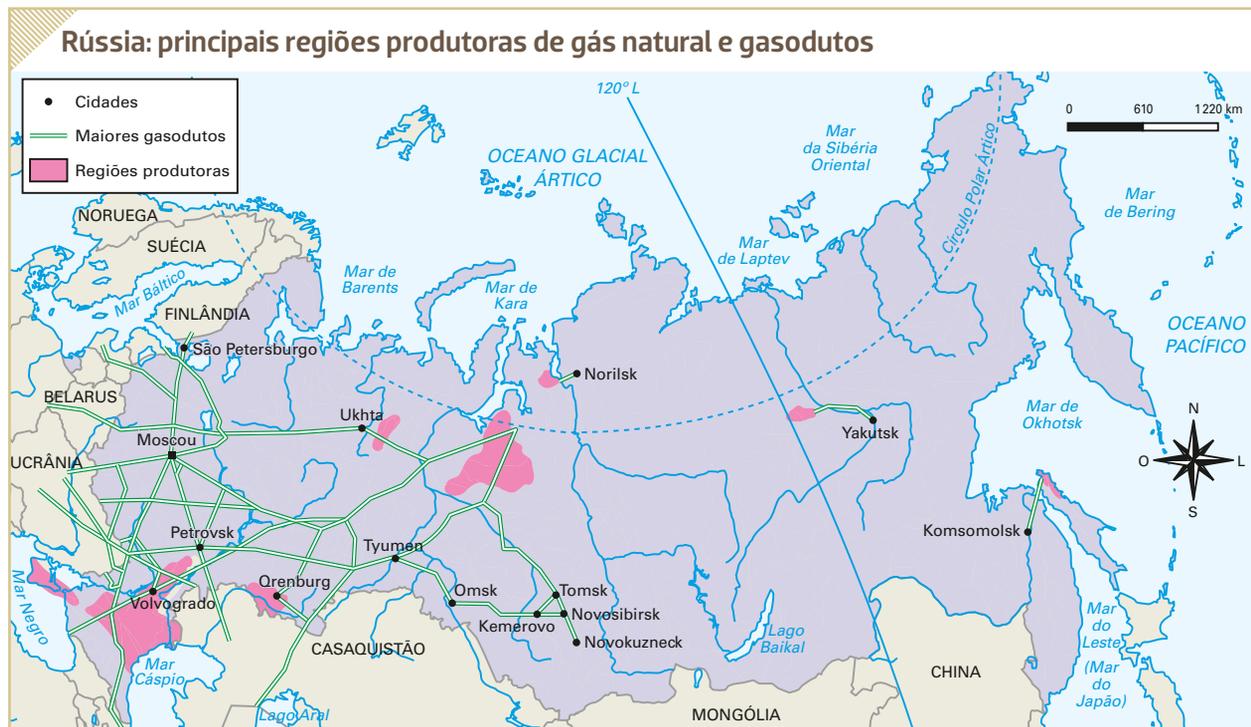
Portal de Mapas/Arquivo da editora

Adaptado de: ATLANTE Zanichelli 2010. Bologna: Zanichelli, 2011. p. 63. Mapa sem data na fonte original.

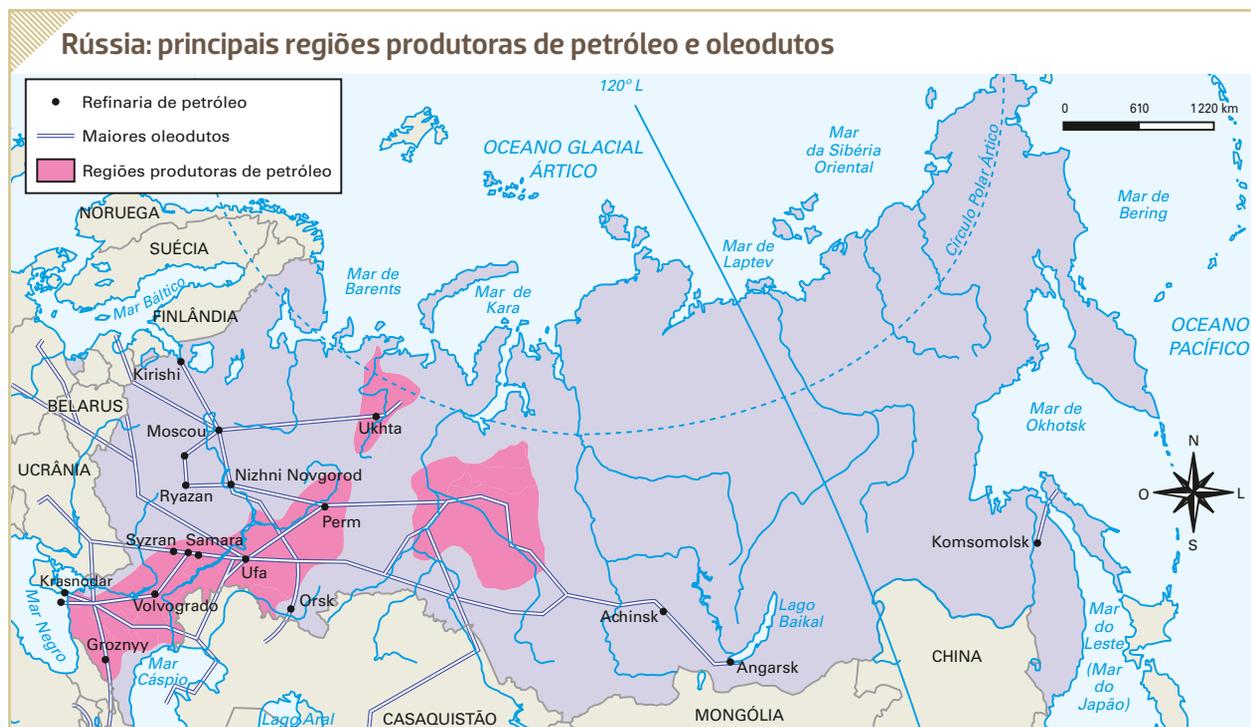
A empresa petrolífera estatal Gazprom é a mais importante do país e tenta obter o monopólio sobre a distribuição de petróleo e gás para os países da antiga União Soviética.

A Rússia tem uma grande rede de oleodutos e gasodutos e planeja ampliar essa rede para levar

mais petróleo e gás natural a países da antiga União Soviética, da Europa e da Ásia, principalmente a China. Veja, nos mapas desta página, a localização das reservas de petróleo e das jazidas de gás natural e a rede de gasodutos e oleodutos da Rússia.



Adaptado de: MAPSOFWORLD. Disponível em: <[www.mapsofworld.com/russia/thematic-maps/natural-gas-pipelines-map.html](http://www.mapsofworld.com/russia/thematic-maps/natural-gas-pipelines-map.html)>. Acesso em: 21 fev. 2016. Mapa sem data na fonte original.



Adaptado de: MAPSOFWORLD. Disponível em: <[www.mapsofworld.com/russia/thematic-maps/oil-producing-regions-map.html#](http://www.mapsofworld.com/russia/thematic-maps/oil-producing-regions-map.html#)>. Acesso em: 21 fev. 2016. Mapa sem data na fonte original.



### 1. Leia o texto abaixo e responda às questões.

A União Soviética adentrou 1990 qualitativamente diferente. Um urso-polar russo de 1984 que, por alguma estranha razão, houvesse hibernado durante o período da perestroika certamente reconhecera a sociedade da União Soviética se tivesse acordado em 1987 ou mesmo em 1988. Mas, se nosso hipotético Misha só acordasse no final de 1989 — início de 1990 —, certamente se perguntaria se não estaria sonhando. Inflação... (“Que é isso?”); ideias de economia de mercado e propriedade privada... (“Como estão deixando esses caras falarem isso?”); lojas particulares (cooperativas) vendendo por preços mais caros e trabalhando nas instalações do governo... (“Não viram estes especuladores aí, não?”); dificuldades no abastecimento e filas... (“... as filas aumentaram”).

SEGRILLO, Ângelo. *O fim da URSS e a nova Rússia: de Gorbachev ao pós-Yeltsin*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 42.

- Qual é a ideia principal do texto?
- O que foi a *perestroika*? Dê duas características desse período.

### 2. Leia o texto a seguir.

Em 1985, Gorbachev foi eleito secretário-geral, tornando-se o indivíduo mais jovem a ocupar esse posto. Sua prioridade era enfrentar o desafio econômico da União Soviética, substituindo o modelo de crescimento stalinista (desenvolvimento extensivo baseado na indústria pesada) por um mais moderno, com tecnologia e alta produtividade [...] a perestroika visava, pois, à regeneração da economia soviética, e não à sua destruição.

MAZOWER, Mark. *Continente sombrio: a Europa no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 371.

- Por que a União Soviética precisava substituir seu modelo de crescimento econômico no período mencionado no texto?
- Relacione Gorbachev à dissolução da União Soviética.

### 3. Leia a notícia publicada no *Correio Braziliense*.

#### **Putin proíbe propaganda gay, persegue opositores e impede manifestações**

Três décadas depois de Mikhail Gorbachev implantar a glasnost, um conjunto de reformas políticas que resultou em maior transparência e liberdade de expressão, a Rússia caminha na contramão dos direitos civis. O pre-

sidente Vladimir Putin intensificou a perseguição a opositores, calou movimentos sociais e sancionou uma polêmica lei cujo alvo são os homossexuais. Enquanto os Estados Unidos, o Uruguai e alguns países da Europa aprovaram o casamento gay, Putin determinou que a “propaganda de relações sexuais não tradicionais” é crime passível de multa de US\$ 31 mil. O renomado jornalista russo Anton Krasovsky foi uma das primeiras vítimas, ao ser demitido neste mês, após assumir a homossexualidade enquanto apresentava um programa pela KontrTV, emissora afiliada ao Kremlin.

A centralização de poder é mantida à custa do sufocamento dos críticos. Há um ano, duas integrantes do grupo feminista punk Pussy Riot foram condenadas a dois anos de prisão por apresentarem uma música com a qual criticavam Putin, durante uma celebração numa igreja de Moscou. O blogueiro russo e opositor Alexey Navalny também foi sentenciado a meia década de cadeia por roubo de madeira — ativistas saíram às ruas para denunciar uma perseguição política e centenas deles foram detidos.

[...]

CRAVEIRO, Rodrigo. *Correio Braziliense*, 19 ago. 2013. Disponível em: <[www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2013/08/19/interna\\_mundo,383163/putin-proibe-propaganda-gay-persegue-opositores-e-impede-manifestacoes.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2013/08/19/interna_mundo,383163/putin-proibe-propaganda-gay-persegue-opositores-e-impede-manifestacoes.shtml)>. Acesso em: 21 fev. 2016.

- Segundo o texto, por que a Rússia caminha na contramão dos direitos civis?
- Na sua opinião, qual das situações arbitrárias citadas anteriormente é a mais grave? Justifique sua resposta.

### 4. **Geografia, História e Sociologia** Leia o texto a seguir para responder às questões propostas.

[...] a queda da União Soviética e do modelo soviético foi traumática não só para os comunistas como também para todos os socialistas, [...] porque, com todos os seus defeitos patentes, fora a única iniciativa que logrou realmente construir uma sociedade socialista. Produzira também uma superpotência que durante quase meio século atuou como um contrapeso global aos velhos países capitalistas.

HOBBSAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo (1840-2011)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 347.

- Identifique duas características que fizeram parte do período socialista da União Soviética.
- Explique o trecho grifado.

# China: a segunda economia do mundo

Zhao Jian kang/Shutterstock



▼ A imagem ilustra um dos aspectos fundamentais da economia chinesa: os altos índices de crescimento — um dos resultados da abertura econômica para o capitalismo, que transformou a fisionomia das metrópoles chinesas e tem destacado o país no mundo globalizado. Na foto, o Galaxi Soho, edifício de escritórios, lojas e casas de entretenimento, projetado pela arquiteta Zaha Hadid (1950-2016). Pequim, China, em 2015.

## China

Localizada no leste da Ásia, com cerca de 9,6 milhões de quilômetros quadrados, a República Popular da China é o terceiro maior país em extensão e o mais populoso do mundo, com mais de 1,3 bilhão de habitantes, em 2015.

Exerce importante papel na comunidade internacional, como segunda economia mundial, por seu expressivo arsenal nuclear, aparato militar (exército e orçamento de defesa) e participação em importantes organizações. É membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, da Organização Mundial

de Comércio (OMC), da Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec) e a maior economia do Brics (Brasil, Índia, Rússia, China e África do Sul).

Ainda que o governo chinês atualmente afirme que sua economia é tipicamente capitalista, algumas características tornam a economia chinesa mais próxima de uma economia socialista de mercado, marcada ainda pela regulação estatal. De fato, o governo ainda participa ativamente da economia como proprietário dos meios de produção, além de ser o planejador econômico e controlador do sistema financeiro, embora a participação da iniciativa privada tenha crescido bastante no país.

Do ponto de vista político, a China é uma república socialista, governada pelo Partido Comunista Chinês, em regime parlamentarista, representado pelo Congresso Nacional do Povo. Trata-se de um regime totalitário, pois a China, ao contrário da União Soviética, não realizou a abertura política, apenas adotou mecanismos de economia de mercado, como veremos mais adiante.



▼ Estudantes protestam contra a interferência política nas universidades, em Hong Kong. Foto de 2015.

## ● Formação da República Popular da China

A China é berço de uma das civilizações mais antigas do mundo, tendo surgido da unificação de Estados independentes que se formaram no vale do rio Huang Ho ou rio Amarelo. Na era anterior a Cristo, foi unificada sob o governo de um único imperador. Por mais de quatro milênios, o país foi administrado por monarquias hereditárias.

Durante sua longa história, sofreu forte influência de potências europeias, como Portugal e Holanda, nos séculos XVI e XVII, Reino Unido e França, nos séculos XIX e XX, além de Rússia e Japão.

A submissão dos dirigentes imperiais chineses a essas potências deu origem ao descontentamento popular que resultou na fundação do Partido Nacionalista Kuomintang, em 1900, em oposição ao imperador e à influência estrangeira no país. Seu fundador, o médico Sun Yat-sen, chegou a ser proclamado presidente em 1911, mas a república não



Henri Meyer/Biblioteca Nacional da França, Paris.

▼ A charge publicada no periódico francês *Le Petit Journal*, de 1898, mostra a divisão da China por potências imperialistas: Inglaterra, Alemanha, Rússia, França e Japão.

foi estabelecida em todo o país. Grande parte de seu território era controlada por verdadeiros senhores feudais que não obedeciam ao poder central.

Em 1921, foi criado o Partido Comunista Chinês, que, a princípio, atuou como aliado dos nacionalistas. Porém, a morte de Sun Yat-sen, em 1925, provocou uma luta pelo poder no Kuomintang. Vitorioso, Chiang Kai-chek assumiu a liderança e se afastou do Partido Comunista. O fim da aliança e da convivência pacífica entre os dois partidos veio em 1927, quando o Kuomintang reprimiu violentamente uma rebelião de operários apoiados pelos comunistas, na cidade de Xangai. Teve início então uma guerra civil que se estendeu até 1949, com uma trégua entre 1935 e 1945, para expulsar os japoneses que haviam ocupado o norte do país.

Os comunistas, liderados por Mao Tsé-tung (1893-1976), venceram a disputa e proclamaram a República Popular da China. Veja o mapa da página 186.

Derrotados, os membros do Partido Nacionalista do Kuomintang, cujo líder era Chiang Kai-chek, refugiaram-se na ilha de Formosa (Taiwan), a alguns

quilômetros do litoral chinês, onde se estabeleceu a China Nacionalista, que adotava o modo de produção capitalista. Desde então, o governo chinês considera Taiwan, que pretende ter o nome oficial de República da China, uma “província rebelde”, o que explica os constantes atritos entre as duas nações.

Dentro da política do cordão sanitário, para impedir a expansão socialista na Ásia, os Estados Unidos patrocinaram o ingresso da China Nacionalista na Organização das Nações Unidas (ONU), na qual o país permaneceu até 1971, quando se retirou em sinal de protesto à admissão da República Popular da China na organização.

Há algum tempo, Taiwan vem recusando a proposta da China para se reintegrar ao país. Essa recusa da ilha aumenta ainda mais a tensão entre as “duas Chinas”.

Por trás da proposta chinesa está a política guiada pela máxima “um país, dois sistemas”, já aplicada para Hong Kong e Macau, cidades que funcionam como dois “oásis capitalistas” em território caracterizado pelo socialismo de mercado. Essa seria a saída encontrada para preservar a economia capitalista de Taiwan.

## ● O Grande Timoneiro e a industrialização planejada

Após a Revolução Chinesa de 1949, Mao Tsé-tung, o “Grande Timoneiro” do país, instaurou um regime totalitário controlado pelo Partido Comunista Chinês, do qual era secretário-geral, e adotou o modelo soviético de economia planejada em que o Estado tinha o controle sobre os meios de produção. Na época, a população chinesa, constituída por 540 milhões de habitantes, era predominantemente rural. A urbanização e a industrialização ocorreram tardiamente no país. A vitória do Partido Comunista Chinês e a instalação do regime comunista estimularam o êxodo rural e o aumento da população urbana. De cerca de 540 milhões de habitantes em 1949, a China passou a ter mais de 650 milhões em 1960. Nas cidades, esse contingente trabalhava em fábricas ou em cooperativas de artesãos.



Adaptado de: ATLANTE storico 2010. Bologna: Zanichelli, 2011. p. 257.

Na primeira etapa do regime controlado pelo Partido Comunista, no período de 1953 a 1958, houve o crescimento da produção agrícola e da economia em geral; essa etapa do regime contava com a parceria da União Soviética, com investimentos na educação e com a reforma agrária.

Em 1957, Mao Tsé-tung lançou um plano denominado “Grande Salto para Frente” (1958-1962), fundamentado na coletivização do campo e na industrialização das cidades. O plano tinha como principal objetivo transformar esse país agrícola em uma nação industrializada, em curto espaço de tempo.

Criou-se toda a infraestrutura necessária para a instalação de um grande parque industrial. Seguindo as ideias soviéticas, as indústrias de base e bélica eram a prioridade do projeto, que tinha como *slogan* “três anos de esforços e privações, mil anos de felicidade”. Isso envolvia sacrifícios como jornada de trabalho de dezesseis horas por dia. Entretanto, o plano acabou por desestruturar a economia e desorganizar a indústria.

A China, na ocasião, apresentou vários problemas nesse setor, como baixa produtividade e pouca competitividade no mercado externo. Além disso, uma conjuntura de fatores, como o período de seca ou enchentes, o baixo emprego de tecnologia, a insuficiência de transportes e o intenso êxodo rural, levou o país ao período da “Grande Fome”, com a morte de milhões de pessoas.

Sentindo-se ameaçado no Partido Comunista Chinês, Mao Tsé-tung implementou a **Revolução Cultural** (1966-1976), aliando o desordenamento político à crise econômica. A Revolução Cultural perseguiu pessoas, impôs os pensamentos de Mao, que estavam expressos no *Livro Vermelho*, e inseriu o país em um isolamento em escala internacional.

**Revolução Cultural:** grande movimento popular ocorrido na China entre 1966 e 1976.

Afastados da União Soviética desde 1960, em virtude da disputa pela hegemonia ideológica no bloco socialista, os chineses romperam definitivamente com os soviéticos em 1965. A China, isolada após esse rompimento, cedeu às tentativas de aproximação dos Estados Unidos. Em 1972, o presidente Richard Nixon visitou o país. Nesse mesmo ano, a República Popular da China ingressou no Conselho de Segurança da ONU.

Xinhua/Agência France-Press



▼ Foto do encontro diplomático entre Mao Tsé-tung e Nixon, em 1972.

Após a morte do Grande Timoneiro, seu substituto, Deng Xiaoping (1905-1997), realizou uma nova “revolução chinesa”, a revolução para a modernidade.

## ● Abertura econômica

O processo de abertura econômica na China começou em 1978, no 11º Congresso do Partido Comunista Chinês. Para contornar os problemas, Deng Xiaoping resolveu adotar alguns mecanismos de economia de mercado, como a participação da iniciativa privada e a entrada de capitais estrangeiros no país. As reformas foram realizadas em quatro setores da economia: indústria, agricultura, defesa e tecnologia.

Iniciando a reforma pela agricultura, o dirigente do país transformou o mercado de produtos agrícolas. As comunas populares, fazendas coletivas e autônomas da época de Mao Tsé-tung foram extintas, o governo criou o trabalho assalariado no campo e permitiu que os agricultores vendessem a produção depois de entregar a parte que cabia ao Estado. Essas duas medidas favoreceram a formação de uma nova classe de consumidores.

Além disso, forneceu **subsídios** para que o povo comprasse produtos agrícolas, o que ativou esse mercado.

Essas medidas trouxeram como consequência o aumento da produtividade e o surgimento de uma abastada classe de agricultores.

A abertura no setor industrial, porém, só começou na década de 1980. Ao permitir a entrada de capital estrangeiro, o governo possibilitou a instalação de empresas de **capital misto**. E as empresas estatais enfrentaram, pela primeira vez, o peso da concorrência.

**Subsídio:** representa o fornecimento de fundo monetário para pessoas ou instituições.

**Capital misto:** refere-se, por exemplo, à composição do capital de uma empresa — parte desse capital é do Estado e parte é do setor privado.

Foram criadas as Zonas Econômicas Especiais (ZEE), verdadeiros “oásis capitalistas”, nas quais capital, experiência e tecnologia estrangeiros eram muito bem-vindos. As exportações tornaram-se uma prioridade do governo. Para os capitais estrangeiros, a principal atração era a mão de obra chinesa, que não só era abundante e barata como também disciplinada. Além disso, o governo ofereceu incentivos fiscais e construiu a infraestrutura necessária para a importação e a exportação.

As cinco primeiras ZEE foram abertas até 1988: Zhuhai, Shenzhen, Shantou, Xiamen e Hainan, nas províncias de Guangdong, Fujian e Hainan. Em 1990, foi aberta a sexta ZEE, Pudong, que reúne, além de Xangai, várias cidades da bacia do Yang Tsé-kiang ou rio Azul.

Em 1984, cidades costeiras foram abertas ao capitalismo, entre elas, Dalian, Nantong, Xangai, Ningbo e Guangzhou. São as Cidades Costeiras Abertas. Entre 1985 e 1990, algumas áreas, chamadas áreas costeiras abertas, também receberam os mecanismos do mercado, entre elas, a península de Liaodong, a província de Hebei (Pequim), a península de Shandong, o delta do rio Yang Tsé-kiang,

o triângulo Xiamen-Zhangzhou-Quanzhou no sul da província de Fujian, o delta do rio das Pérolas e Guangxi.

Para reduzir os desequilíbrios regionais entre o litoral e o interior, a partir de 1992, algumas capitais de províncias e regiões autônomas e cidades fronteiriças foram abertas à economia capitalista.

Em 1997, a China recebeu Hong Kong, que desde 1842 pertencia ao Reino Unido, e assim aumentou ainda mais seu poder econômico, que, a partir da década de 1980, começou a crescer cerca de 10% ao ano. Macau foi devolvida ao país pelos portugueses em 1999. As duas cidades ganharam *status* de regiões administrativas especiais. Como os chineses se comprometeram a preservar o regime capitalista nessas cidades, a incorporação reforçou a política de “um país, dois sistemas” de Deng Xiaoping. Veja, no mapa a seguir, a localização das regiões administrativas especiais e dos “oásis capitalistas” chineses.



Sorbis/Shutterstock

▼ Moderno shopping center em Longgang, distrito de Shenzhen, China. Foto de 2016.



Allmaps/Arquivo da editora

Elaborado com dados de: REVISTA Macau. Disponível em: <[www.revistamacau.com](http://www.revistamacau.com)>. Acesso em: 18 fev. 2016; ATLANTE geográfico metodico De Agostini 2013-2014. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2014. Mapa sem data na fonte original.

## Recursos minerais e localização industrial

Segundo a Agência Internacional de Energia, em sua publicação *Key World Energy Statistics 2015*, a China fornece 46,1% do carvão consumido no mundo, é o sexto produtor de gás natural e o quarto produtor de petróleo. Em seu território é encontrada grande variedade de recursos minerais. Conforme dados do *Mineral Commodities Summary 2015*, o país ocupa posição de destaque como primeiro produtor de ferro, cassiterita, chumbo, mercúrio, antimônio e molibdênio, e como segundo produtor de bauxita e manganês. Apesar de suas reservas estarem em declínio, o país domina o mercado internacional de **terras raras**, exploradas principalmente em Baotou, na Mongólia Interior, como podemos ver no mapa a seguir.

A produção de ferro e de carvão favoreceu a indústria siderúrgica. Os dois recursos são bastante explorados na Manchúria e no norte das Planícies Orientais.

O petróleo é explorado nas regiões norte, nordeste e noroeste do país, e também na plataforma continental do litoral sudeste (veja o mapa abaixo). Sua exploração deu origem a um rápido desenvolvimento da indústria petroquímica.

O país ainda ocupa o primeiro lugar em produção de energia hidrelétrica e em energia termelétrica, gerada por combustíveis fósseis.

Favorecidas pela presença de matérias-primas e fontes de energia, além do grande potencial de energia hidrelétrica, as indústrias chinesas concentram-se principalmente nas regiões litorâneas, abertas ao capitalismo. Entre as principais áreas, destacam-se as províncias litorâneas de Guangdong, Zhanjiang, Jiangsu, Xangai, Shandong e Liaoning e as províncias do centro do país, como Shanxi, Guizhou, Hunan, Hubei e Hebei.

Os gêneros industriais são os mais variados: indústrias químicas, mecânicas, têxteis, siderúrgicas, metalúrgicas, navais, eletrônicas, de cimento, transportes, aparelhos de precisão, sapatos, brinquedos, instrumentos ópticos, automóveis, motocicletas, material de transporte e agroindústrias.

Estão sendo incentivados novos ramos industriais, tanto de bens de consumo quanto de tecnologia de ponta, com a criação de 53 parques tecnológicos estatais.

Um exemplo de destaque desses parques é o bairro de Zhongguancun, na zona oeste de Pequim, lugar escolhido pelo governo para criar, no ano 2000, o Zhongguancun Park, ou Z-Park, um dos mais modernos centros de pesquisa. O acesso à mão de obra especializada é garantido pela proximidade com

universidades, como a Universidade Tsinghua e a Universidade de Pequim, consideradas as melhores do país.



**Terras raras:** segundo a União Internacional de Química Pura e Aplicada, trata-se de um grupo de 17 elementos utilizados na indústria de tecnologia de ponta, como *smartphones*, telefones celulares, *tablets*, *lasers*, superímãs, painéis solares, turbinas eólicas, baterias para automóveis elétricos, mísseis, entre outros. São 15 do grupo dos lantanídeos, mais o escândio e o lutécio.

Adaptado de: ATLANTE Zanichelli 2010. Bologna: Zanichelli, 2011. p. 63. Mapa sem data na fonte original.

### Arrefecimento de economia chinesa traz estabilidade global, diz Lagarde

A diretora-gerente do FMI (Fundo Monetário Internacional), Christine Lagarde, disse neste domingo [22/3/2015] em Pequim que o arrefecimento do crescimento da China contribui para a estabilidade econômica e financeira global e para a sustentabilidade ambiental.

Lagarde, que visita China após passar pela Índia, fez estas declarações durante sua intervenção no Fórum de Desenvolvimento da China, uma reunião em que economistas, líderes políticos e empresários analisam o futuro da segunda economia mundial.

“À medida que a China navega na ‘nova normalidade’ de sua economia, também contribui para o bem comum global: à estabilidade econômica e financeira, à sustentabilidade ambiental e a uma aproximação multilateral igual aos urgentes desafios globais que enfrentamos”, disse a diretora-gerente do FMI.

Ela voltou a pedir, como já fez na última sexta-feira [20/3/2015] em discurso em Xangai, que o governo chinês siga adiante com suas reformas estruturais.

“Estas reformas levarão a um crescimento mais lento, mais seguro e mais sustentável. Isto é bom para a China e bom para o mundo. Seus destinos estão entrelaçados”, insistiu a diretora do FMI.

No entanto, Lagarde também aplaudiu os “impressionantes esforços” que Pequim está efetuando com sua campanha anticorrupção (uma das maiores apostas do presidente da China, Xi Jinping, em seus dois anos no cargo), ao combater a poluição e ao aumentar sua participação nos diálogos multilaterais.

“A China sabe que ninguém pode triunfar sozinho”, ao acrescentar que o país asiático está unido ao resto do mundo pela necessidade de reformas estruturais, que considera necessárias para sustentar a recuperação econômica global.

A economia chinesa cresceu 7,4% ano passado, três décimos a menos que em 2013 e o mais baixo [índice] desde 1990.

Para este ano [2015], o governo chinês rebaixou sua meta de crescimento para 7%, embora instituições como o FMI prevejam uma expansão abaixo desse número.

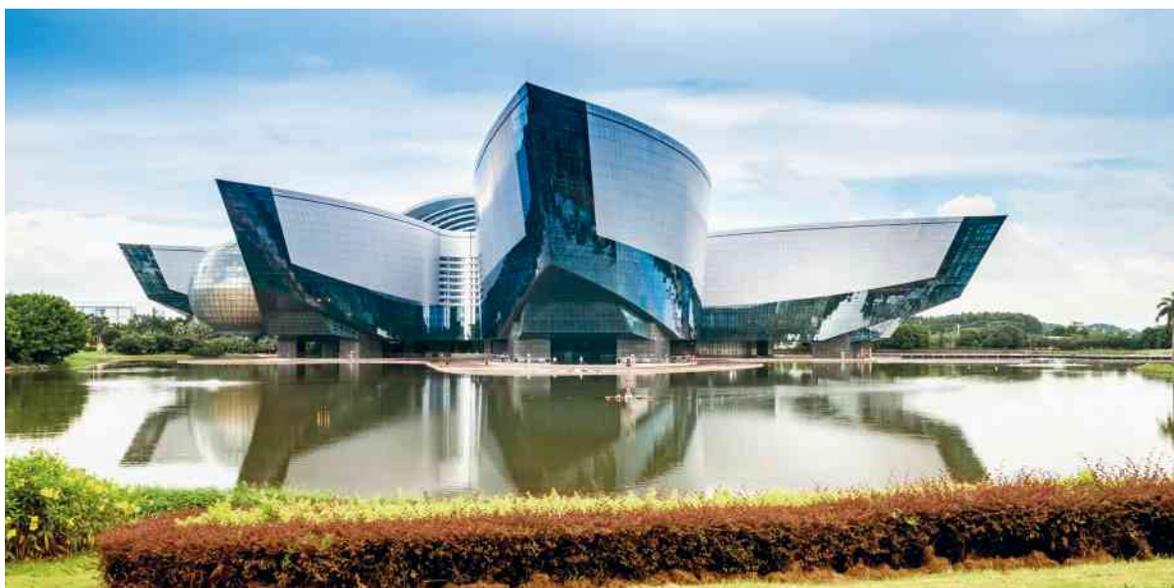
A instituição liderada por Lagarde prevê crescimento chinês de 6,8% em 2015 e 6,3% em 2016.

Em contraste com esta tendência, o FMI recentemente revisou para cima suas previsões de crescimento da Índia até 7,2% para o ano fiscal de 2015 e 7,5% para 2016. Se confirmadas, fariam o país superar a China na liderança dos países emergentes.

Foi exatamente na Índia que Lagarde começou sua viagem às duas potências emergentes asiáticas. Ela se reuniu com o primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi; o ministro das Finanças, Arun Jaitley; e o presidente do Banco de Índia, Raghuram Racha.

Em sua agenda na China estão programados encontros com o governador do banco central chinês, Zhou Xiaochuan, e o ministro das Finanças, Lou Jiwei, antes de voltar na segunda-feira para Washington.

FOLHA de S.Paulo, 22 mar. 2015. Disponível em:  
<[www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/1606558-arrefecimento-de-economia-chinesa-traz-estabilidade-global-diz-lagarde.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/1606558-arrefecimento-de-economia-chinesa-traz-estabilidade-global-diz-lagarde.shtml)>.  
Acesso em: 23 fev. 2016.



▼ Guangdong Science Center, em Guangzhou, na China, referência em tecnologia e ciência na Ásia. Foto de 2015.

GuoZhongHua/Shutterstock

## ■ A China na globalização

Desde que abriu sua economia para o capitalismo, a China tem sido a economia que mais cresce no mundo. Mesmo assim, podemos observar no gráfico a seguir a variação do Produto Interno Bruto que evidenciou alguns períodos menos favoráveis: a crise asiática de 1998-1999, as crises mundiais de 2008 e 2011 e a desaceleração de sua economia a partir de 2012.

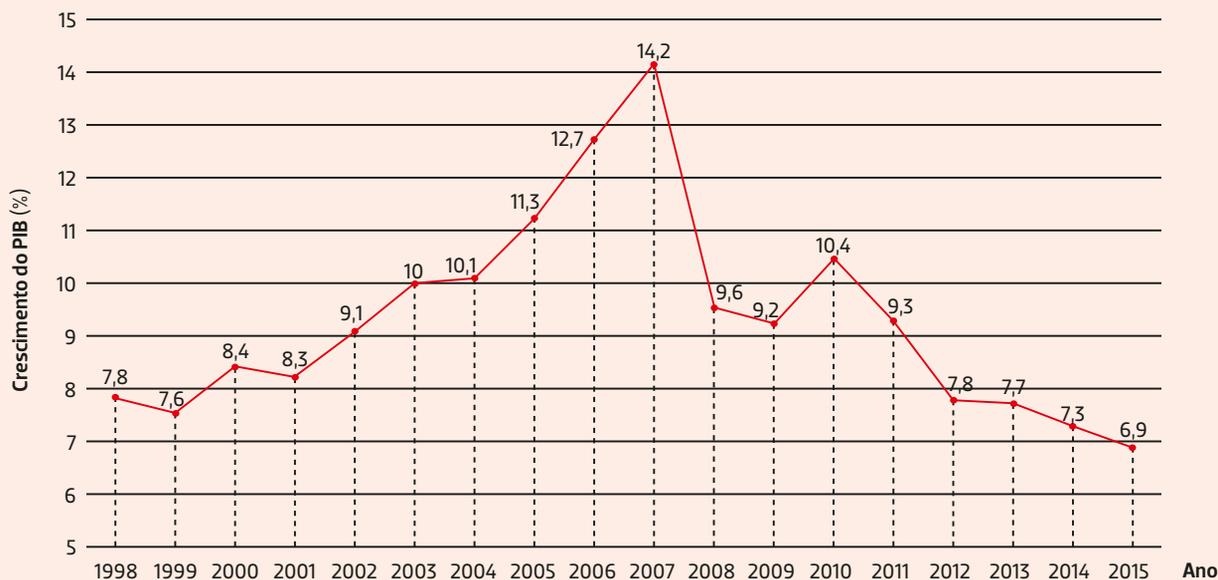
Em 2010, a China ultrapassou o Japão e a Alemanha e se tornou a segunda maior economia do mundo. Veja, na tabela ao lado, os indicadores socioeconômicos do país.

China: indicadores socioeconômicos – 2015

PIB (em trilhões de US\$)	11,3
PIB <i>per capita</i> (PPC, em US\$)	14 300
População ativa (em milhões de hab.)	804
Exportações (em trilhões de US\$)	2 270
Importações (em trilhões de US\$)	1 596

Fonte: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html)>. Acesso em: 25 fev. 2016.

China: evolução do PIB – 1998-2015



Elaborado com dados de: FMI. *World Economic Outlook*, 2015. Disponível em: <[www.imf.org/external/ns/cs.aspx?id=29](http://www.imf.org/external/ns/cs.aspx?id=29)>. Acesso em: 29 fev. 2016.

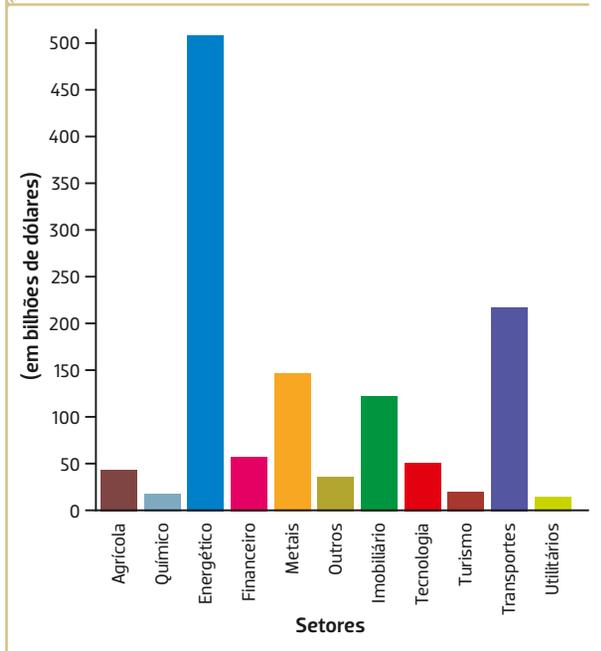
Membro da Organização Mundial de Comércio (OMC) desde 2001, a China era, em 2014, a primeira exportadora e a segunda importadora do mundo na movimentação de mercadorias. Os principais destinos dos produtos chineses, naquele ano, foram Estados Unidos, União Europeia, Japão e Coreia do Sul.

Embora produza matérias-primas minerais e agrícolas e também alimentos, a China é uma grande importadora, principalmente de fontes de energia e minerais, em razão de seu crescimento econômico e de sua enorme população. Em 2014, seus

principais fornecedores foram União Europeia, Coreia do Sul, Japão, Estados Unidos e Taiwan.

Apesar do grande volume de importação desses produtos, a China tem investido em diversos lugares do mundo, como a África, o Sudeste Asiático, a Índia, a Austrália, a América do Norte e a América Latina, incluindo o Brasil. Os investimentos chineses no exterior estão em constante expansão e vêm aumentando nos últimos anos. Veja, no gráfico da página seguinte, os principais setores em que esses investimentos estavam empregados em 2015.

## Investimentos chineses por setores – 2015

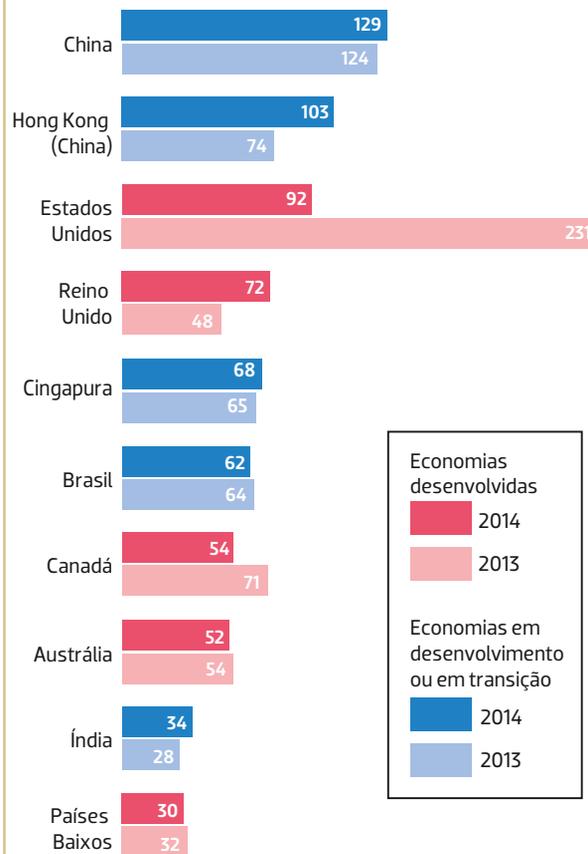


Adaptado de: AMERICAN Enterprise Institute. Disponível em: <[www.aei.org/china-global-investment-tracker/](http://www.aei.org/china-global-investment-tracker/)>. Acesso em: 26 fev. 2016.

Ainda em 2014, os países que mais receberam investimentos chineses foram Estados Unidos, Austrália e Rússia. Mas, quando falamos em continentes, a África é o principal destino de capitais chineses, principalmente nos setores energético e de transportes. Nesse continente, a China tem investido mais que os organismos financeiros internacionais, concedendo empréstimos a taxas de juros muito baixas e sem os rígidos programas de ajustamento de impostos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial. Veja o gráfico abaixo.

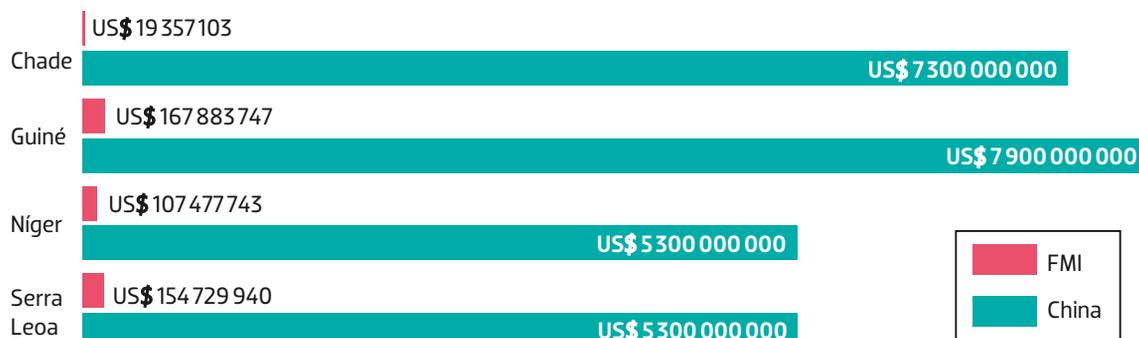
A China tem sido também o principal destino de investimentos estrangeiros diretos (IED). Veja o gráfico abaixo.

## As dez maiores economias receptoras de IED (em bilhões de dólares) – 2013-2014



Adaptado de: CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO (UNCTAD). *The World Investment Report*, p. 3. Disponível em: <[http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/wir2015\\_en.pdf](http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/wir2015_en.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2016.

## África: empréstimos do FMI e investimentos diretos da China, em países selecionados – 2008-2014



Adaptado de: BUSINESS Insider-UK. Disponível em: <<http://uk.businessinsider.com/statistics-on-chinas-investment-abroad-2015-2>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

## ● As transnacionais chinesas

As maiores empresas transnacionais chinesas são estatais, e o investimento chinês em outras economias provém da política que o governo adota desde o ano 2000, tendo como base o financiamento oferecido pelos bancos estatais a empresas que investem no exterior. Mas a expansão das transnacionais chinesas não resulta apenas da política governamental. O forte crescimento da economia chinesa, com uma altíssima taxa de poupança, o grande desempenho exportador e os avanços em ciência, tecnologia e inovação criaram condições para que muitas empresas investissem no mercado externo e aproveitassem suas estratégias de diversificação e desenvolvimento.

A China possuía três companhias entre as dez maiores do mundo no *ranking* da revista *Fortune*, em 2015: a Sinopec Group (2ª) e a China National Petroleum (4ª), ambas do ramo do petróleo, e a State Grid (7ª), do ramo de eletricidade.

A transnacional chinesa Lenovo comprou a divisão de computadores pessoais da IBM, mas as transnacionais chinesas enfrentam o protecionismo em muitos países desenvolvidos. A Huawei, maior fabricante chinesa de equipamentos de telecomunicação, foi ultrapassada pela Nokia-Siemens na aquisição dos ativos da Motorola para redes sem fio.

As transnacionais chinesas atuam em setores que tradicionalmente apresentam problemas com relações trabalhistas e com o meio ambiente, como o da extração de matérias-primas e o da construção de grandes obras, principalmente na África.

Na América Latina já ocupam a terceira posição no número de transnacionais, atrás dos Estados Unidos e dos Países Baixos.

## ● A maior população do mundo

Mesmo com uma rígida política de controle demográfico, a China é o país mais populoso do mundo, com mais de 1,3 bilhão de habitantes, em 2015.

Após um rápido crescimento populacional, a partir da década de 1950 o temor de uma explosão demográfica fez surgir a política do filho único, extinta em 2015, depois da estabilização das taxas de crescimento populacional.

Mais de 90% da população da China pertence à **etnia** han. Entre as principais minorias étnicas, destacam-se as etnias zuang, manchu, uigur e tibetana.

Com IDH alto, o país tem indicadores sociais apenas razoáveis, como podemos analisar na tabela abaixo.

**Etnia:** grupo humano que compartilha características linguísticas e culturais.

### China: indicadores socioeconômicos selecionados – 2015

População (em bilhões de hab.)	1367
Crescimento populacional (%)	0,4
Mortalidade infantil (‰)	12,4
Expectativa de vida (em anos)	75,4
Desemprego (%)	4,2
População abaixo da linha da pobreza (%)	6,1
IDH*	0,727

\*Dados de 2014.

Fonte: ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*.

Disponível em: <[www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/hdr/2015-human-development-report/](http://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/hdr/2015-human-development-report/)>; CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html)>.

Acesso em: 27 fev. 2016.



Li Siboi/Xinhua Press/Corbis/Latinstock

▼ Oleoduto em construção na Tanzânia, um projeto financiado pela China. Foto de 2015.

## Desigualdades chinesas

Apesar do espantoso crescimento de sua economia, a China possui muitas desigualdades, especialmente entre a população urbana e a rural e as regiões oriental (leste) e ocidental (oeste).

Em 2012, segundo dados da ONU, a população urbana, pela primeira vez, ultrapassou a rural e totalizou 51,2% do total.

A população rural vem diminuindo gradativamente com o êxodo rural que levou milhões de pessoas à procura de melhores salários e empregos nas cidades e em povoados.

Conforme dados do Escritório Nacional de Estatística chinês, a população rural da China diminuiu 14,5 milhões somente em 2011. De acordo com essa fonte, cerca de cem milhões de camponeses ainda vivem com menos de um dólar por dia. A renda *per capita* urbana é cerca de três vezes maior do que a rural. Os salários médios chineses já estão subindo, embora partindo de baixos níveis. A renda urbana

*per capita* disponível era de 31,195 iuanes (3,500 dólares) em 2015, enquanto a renda rural *per capita* era de 11,442 iuanes.

É difícil identificar mais desigualdades de renda porque a China não divulga índices de Gini para o país.

A China tem um sistema de registro de residência — *hukou* — que não permite aos migrantes rurais o acesso a uma série de serviços públicos disponíveis para os moradores das cidades.

Mesmo depois de deixar suas vilas, os camponeses continuam a ter o registro de residência rural e sua condição é semelhante à de imigrantes ilegais em outros países. Não podem matricular seus filhos nas escolas nem adquirir propriedade, e pagam mais caro para ter acesso a serviços de saúde. Isso faz com que a maioria vá para as cidades sem os filhos, que são deixados com a mãe ou os avós no campo.

O sistema de registro de residência foi adotado na década de 1950 pelo Partido Comunista para facilitar o controle sobre a movimentação populacional

e impedir a migração descontrolada para as cidades. Apesar disso, nos últimos trinta anos cerca de 400 milhões de chineses trocaram o campo pela cidade no mais rápido processo de urbanização da História.

Também cresce a distância entre os ricos e os pobres e entre a região oriental, mais próspera, e a ocidental, pouco desenvolvida.

Existem grandes diferenças naturais entre a China ocidental e a China oriental.

STR/Agência France-Presse



▼ Camponesa colhendo algodão na região de Xinjiang, na China. Foto de 2015.



▼ Passageiros consultam robô inteligente na Estação Ferroviária do Sul, em Guangzhou, na China. Foto de 2016.

Liang Xu/Xinhua Press/Corbis/Latinstock

Na China ocidental estão as províncias de Xinjiang, a Mongólia Interior e o Tibete. Marcada por climas desérticos, semidesérticos e montanhosos, é a parte menos populosa e menos industrializada do país. É rica em recursos minerais e, embora o clima não seja tão favorável, possui áreas irrigadas para a agricultura, como o cultivo do algodão e do trigo, e também áreas onde se pratica a pecuária extensiva.

A China oriental, do ponto de vista climático e de relevo, é muito mais favorável para o estabelecimento humano, o que contribui para sua ocupação. Compreende a Manchúria e as Planícies orientais. O clima nessa região varia de norte para sul, de temperado continental a temperado oceânico, subtropical e de monções. É o celeiro agrícola do país. Aí são cultivados arroz, trigo, beterraba, cana-de-açúcar, aveia, cevada, sorgo, milho, amendoim, frutas, chá e batata. A pecuária é praticada de forma extensiva e intensiva, com destaque para os rebanhos suíno e bovino.

As Planícies orientais são formadas por terras férteis, compostas de sedimentos amarelos denominados *loess*, e atravessadas pelos principais rios chineses — o Yang Tsé-kiang e o Hoang Ho. Rica em recursos minerais, é a parte mais desenvolvida do país. Lá se concentram as áreas industrializadas e estão localizadas as Zonas Econômicas Especiais (ZEE). Veja, no mapa a seguir, as principais regiões naturais chinesas.



Adaptado de: IBGE. Atlas geográfico escolar. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 46.

As mudanças econômicas que levantaram a economia chinesa também agravaram essas diferenças regionais. As ZEE ocupam uma estreita faixa do

litoral chinês, na parte oriental do território, ao passo que a maior parte da população se concentra em toda a porção oriental. Esse fato fez com que a riqueza se localizasse em alguns pontos, o que aumentou as desigualdades regionais e as migrações internas. O desemprego, que não era motivo de preocupação na economia planejada, passou a ser um problema crescente nessa nova fase, pois as indústrias localizadas nas ZEE não conseguiram absorver toda a mão de obra disponível no país.

## ● Problemas ambientais e geopolíticos

Por ter grande extensão territorial e a maior população do mundo, a China tem a responsabilidade de resolver algumas questões geopolíticas e alguns graves problemas ambientais. Também precisa rever sua política em relação aos direitos humanos, que não são respeitados. São frequentes no país prisões de dissidentes, perseguições a religiosos e execuções sem julgamento adequado de presos políticos e criminosos comuns. Além disso, desde 1950, a China domina politicamente o Tibete e reprime duramente o movimento separatista da província muçulmana de Xinjiang, no oeste do país.

Mas a China tem como principal ponto de tensão as relações com Taiwan, que os chineses pretendem reintegrar como província ao seu território.

Entre os problemas ambientais, destacam-se a poluição do ar e a das águas. É o maior emissor de gases do efeito estufa. As maiores causadoras desses gases são as termelétricas, que queimam carvão, e as indústrias em geral.

As três principais causas da poluição das águas são a emissão de esgoto nas cidades, a emissão de efluentes industriais e a poluição do setor agrícola. A quantidade de água disponível *per capita* na China é menos de um terço da média mundial. E continua caindo. Além da poluição, as secas são um problema comum. Recentemente, altas temperaturas provocaram uma seca no sudeste chinês, que afetou lavouras e deixou 18 milhões de pessoas com abastecimento precário e pouca disponibilidade de água para beber.

A grande preocupação é que o crescimento econômico e populacional ponha o país em uma situação de grave risco de fornecimento de água.



1. **Geografia e História** Compare as fotos de duas paisagens de Pequim, na China. Identifique as transformações que ocorreram na paisagem urbana.

Raimund Frankenstein bild/Getty Images



▼ Torre do Castelo de Zhengyang Gate, em Pequim, China, cerca de 1920.

testing/Shutterstock



▼ Construções modernas em Pequim, China, em 2015.

2. Leia a resposta que o professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Paulo Fagundes Vesentini, proferiu ao ser questionado sobre a China.

### A China está se transformando numa das principais potências mundiais?

É difícil dizer exatamente assim. A China é um país em desenvolvimento ainda, mas tem poder quase igual ao das grandes potências. Ou seja, tem voto de decisão no Conselho de Segurança da ONU, tem bomba atômica, um poderio militar... Portanto ela tem certa capacidade de filtrar o que quer e o que não quer da globalização. É diferente da posição de um outro país, como o Brasil, que às vezes não tem a mesma margem de manobra deles. E eles mantêm o sistema socialista não só no âmbito político. É por causa desse socialismo que se entende por que um salário "x" é um bom salário na China, mesmo sendo baixo nominalmente. O transporte e a moradia, por exemplo, ou são subsidiados, ou têm um preço praticamente simbólico, ainda que isso esteja começando a mudar.

VESENTINI, Paulo Fagundes. Disponível em: <[www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-388-entrevista-a-china-nao-e-o-que-estao-dizendo](http://www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-388-entrevista-a-china-nao-e-o-que-estao-dizendo)>. Acesso em: 22 fev. 2016.

- a) A China tem poder de veto no Conselho de Segurança da ONU. O que isso significa?  
b) Identifique pelo menos duas diferenças entre a China e o Brasil, tendo como base o texto acima.  
c) Releia a pergunta que inicia o texto. Que resposta você daria? Justifique.

3. Faça uma breve comparação entre a China e o Brasil com base nas seguintes características:

- a) Concentração populacional e industrial.  
b) Crescimento econômico.  
c) Recursos naturais.  
d) Crescimento econômico.

4. Leia o texto com atenção.

*A China está presa entre os dois extremos do socialismo equivocado e do capitalismo crônico e sofrendo por causa dos piores elementos dos dois sistemas. Eu sou a favor de orientar o país para reformas de mercado, mas o desenvolvimento da China deve ser mais igual, mais equilibrado. Não devemos dar prioridade ao crescimento do PIB e nos esquecer dos direitos dos trabalhadores e do meio ambiente.*

HUI, Wang. In: LEONARD, Mark. *O que a China pensa?* São Paulo: Larousse, 2008. p. 49.

- a) Explique o que seriam os dois extremos dos dois sistemas coexistentes na China.  
b) Discuta a questão ambiental na China contemporânea.

5. **Geografia, História e Sociologia** Leia o texto e depois responda às questões a seguir.

*[...] há uma crescente dicotomia entre o dinâmico crescimento econômico da China e a fragilização do governo. Mais ainda, as consequências indesejáveis das reformas chinesas — crescentes disparidades geográficas, desigualdade social, aumento de exigências e expectativas por parte da população, descontentamento da massa trabalhadora, protestos em massa e danos ecológicos — têm o potencial para provocar levantes sociais e instabilidade política que poderiam minar o extraordinário sucesso econômico ocorrido na China nas duas últimas décadas do século XX. Que caminho a China tomará no século XXI é ainda uma questão aberta.*

FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. *China: uma nova história*. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 427.

- a) Que ideia os autores querem passar com o texto?  
b) Que consequência indesejável, das citadas pelos autores, você considera ser a mais desafiadora para a sociedade chinesa? Justifique sua resposta.



Brett Gundlock/Corbis/Latinstock

▼ Indústria automobilística em Puebla, no México. Foto de 2015.

## Industrialização tardia

A partir da segunda metade do século XX, teve início o processo de industrialização em países não desenvolvidos, como a Argentina, o México, a África do Sul, a Índia, o Brasil e os Tigres Asiáticos. Como o processo se intensificou quase cem anos após a Primeira Revolução Industrial, esses países ficaram conhecidos como países de industrialização tardia ou *novos países industrializados*.

A Argentina, o México, a África do Sul, a Índia e o Brasil compartilharam do modelo conhecido como *substituição de importações*, pois iniciaram

sua industrialização produzindo internamente o que antes importavam.

Os Tigres Asiáticos, países antes essencialmente agrícolas, de pequena extensão e pobres em recursos minerais, tornaram-se grandes exportadores mundiais, daí serem classificados como *plataformas de exportação*.

## Substituindo importações

Por meio do processo de substituição de importações, as antigas colônias ibéricas, como o Brasil, o México e a Argentina, que haviam se tornado independentes na primeira metade do século XIX,

puderam evoluir de uma economia agrário-exportadora para uma economia industrial-urbana diversificada. Porém, como apresentavam realidades diferentes, em cada um desses países o processo de industrialização foi marcado por particularidades internas.

Com a crise de 1929, o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a consequente escassez de produtos industrializados, os países da América Latina foram forçados a iniciar seu processo de industrialização. Dessa forma, surgiram as primeiras indústrias, geralmente com a aplicação dos capitais da elite agrária e a participação do Estado naquelas que demandavam mais capital, como as siderúrgicas.

Como o capital privado nacional e o estatal não foram suficientes para manter o modelo, após a Segunda Guerra Mundial, a chegada de capitais estrangeiros deu impulso à industrialização desses países.

No modelo de substituição de importações, o Estado teve um papel relevante com a construção de hidrelétricas, indústrias de base, como a siderurgia, e a criação de infraestrutura de transportes para atender às necessidades das novas indústrias. Outro ponto importante foi a adoção de medidas para proteger a indústria nacional, como a desvalorização cambial e as **tarifas aduaneiras**.

**Tarifa aduaneira:** imposto cobrado pelo governo de um país sobre os produtos estrangeiros importados.

A produção das indústrias era dirigida ao mercado interno, no entanto, a maior parte dos lucros das transnacionais que se instalaram nesses países

seguiram para os países de origem. O baixo custo da mão de obra empregada nessas indústrias propiciou alta concentração de renda. Além disso, em determinadas áreas dos países houve grande concentração industrial.

As indústrias instaladas no México, na Argentina e no Brasil, eram, na maioria, filiais de transnacionais que concluíram ser vantajoso fabricar nesses países produtos que seriam destinados aos mercados consumidores locais. Pode-se dizer que, se os novos países industrializados “substituíram importações”, os países desenvolvidos “exportaram fábricas”. Vários tipos de indústrias foram instalados na América Latina: bens de consumo não duráveis (têxteis, calçados, alimentos), bens de consumo duráveis (eletrodomésticos, automóveis), bens intermediários (ferro, aço, cimento, petróleo, químicos) e bens de capital (máquinas, equipamentos).

Houve grande crescimento econômico até a década de 1980, quando esses países foram atingidos por crises econômicas causadas por seu alto endividamento externo.

A África do Sul e a Índia viveram muito tempo sob o domínio britânico e só após a conquista da independência política, que ocorreu na segunda metade do século XX, adotaram o modelo de substituição de importações (estudaremos a Índia com mais detalhes no próximo capítulo).

Esses novos países industrializados têm ainda outros pontos em comum: são extensos, populosos e ricos em recursos minerais e energéticos.

Veja, na tabela abaixo, uma comparação dos principais indicadores socioeconômicos dos países citados.

**Novos países industrializados: indicadores selecionados — 2015**

<b>País</b>	<b>População (em milhões de habitantes)</b>	<b>PIB (em bilhões de US\$)</b>	<b>IDH*</b>	<b>Renda per capita (em US\$-PPC)</b>	<b>Índice de competitividade global</b>
Brasil	204,4	1800	0,755	15800	4,08
Argentina	43,4	578	0,836	22400	3,79
África do Sul	53,7	317	0,666	13400	4,39
Índia	1251	2100	0,609	6300	4,31
México	21,7	1100	0,756	18500	4,29

\*Dados de 2014.

Fontes: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ja.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ja.html)>; WORLD ECONOMIC FORUM (WEF). *The Global Competitiveness Report 2015-2016*. Disponível em: <[www3.weforum.org/docs/gcr/2015/](http://www3.weforum.org/docs/gcr/2015/)>; ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/rethinking-work-for-human-development>>; IBGE. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2015/estimativa\\_dou\\_2015\\_20150915.pdf](http://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2015/estimativa_dou_2015_20150915.pdf)>. Acesso em: 29 fev. 2016.

## Argentina

Na Argentina, o período a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) até o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) caracterizou-se pelo processo progressivo de substituição de importações. Ao financiar as indústrias de bens de produção, o Estado foi um importante agente dessa industrialização. Entretanto, foi após a Segunda Guerra Mundial que filiais de transnacionais se instalaram no país, ampliando e diversificando seu parque industrial.

Depois de 1975, o modelo industrial argentino privilegiou a descentralização industrial e a produção de bens intermediários destinados à exportação e ao mercado externo.

A área compreendida entre Buenos Aires e Rosário, na região geoeconômica dos Pampas, forma o principal eixo industrial do país, apesar da política de descentralização. Veja, no mapa abaixo, a localização das principais áreas industrializadas do país.

Entre as indústrias argentinas, destacam-se a metalurgia, a siderurgia, a automotiva, a têxtil, a agroindústria e a alimentícia. Na cidade de Santa Fé

foi criado o primeiro tecnopolo argentino, ligado à Universidade Nacional do Litoral.

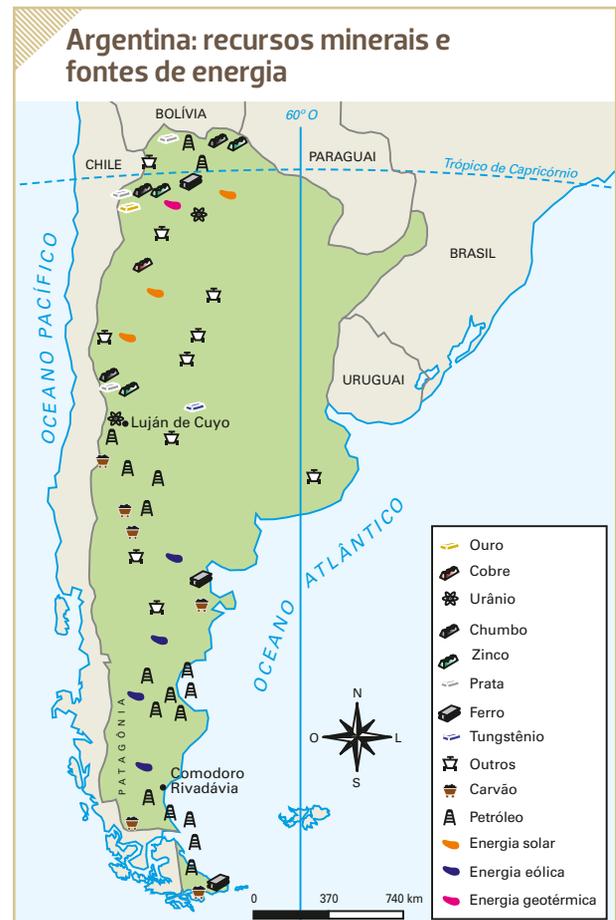
O país produz petróleo e gás natural, principalmente na região da Patagônia (Comodoro Rivadavia) e na região andina de Cuyo, onde existe uma importante refinaria na cidade de Luján de Cuyo. Uma rede de oleodutos e gasodutos conduz a produção da refinaria para o porto de Bahía Blanca e para a região de Buenos Aires.

Entre os recursos minerais destacam-se o chumbo, o urânio, a prata, o zinco, o manganês, o tungstênio, entre outros. Veja, no mapa abaixo, onde são explorados os principais recursos minerais da Argentina.

Nas duas últimas décadas, a Argentina tem enfrentado uma grave crise econômica, que se evidencia pela queda acentuada de sua produção industrial, pelo sucateamento de suas indústrias e pela defasagem tecnológica. Para agravar a situação, várias indústrias estão se transferindo para outros países. A participação no mercado internacional dos principais produtos de sua pauta de exportações,



Adaptado de: ATLANTE Zanichelli 2014. Bologna: Zanichelli, 2014. p. 123. Mapa sem data na fonte original.



Adaptado de: ATLANTE Zanichelli 2014. Bologna: Zanichelli, 2014. p. 123. Mapa sem data na fonte original.

como os cereais e a carne, diminuiu. A carne argentina ficou sob suspeita porque foi constatada a febre aftosa em parte de seu rebanho. O desemprego decorrente desses fatos agrava a crise social. Além disso, durante anos, a inflação corroeu salários, e a dívida externa dificultou investimentos na área social, causando expressiva queda no nível de vida da população.

A Argentina passou por uma dura crise que levou o país ao calote da dívida em dezembro de 2001. Em seguida, houve uma recuperação alavancada pela crescente demanda internacional de *commodities* (área de forte produção argentina). Contudo, após a crise econômica mundial em 2008, as importações mundiais caíram, e, conseqüentemente, as exportações argentinas. Dessa forma, a inflação voltou a aumentar e o crescimento econômico diminuiu. A exportação de *commodities* conseguiu fazer o país apresentar taxas de crescimento anuais elevadas entre 2003 e 2007; quando a crise favoreceu a redução da economia argentina, apresentando, por exemplo, crescimento negativo em 2015.



▼ Modernas construções em Puerto Madero, Buenos Aires, Argentina. Foto de 2016.

## ● México

Como ocorreu com o Brasil e a Argentina, a industrialização mexicana passou do processo de substituição de importações no período entregueras para o processo de instalação de transnacionais após a Segunda Guerra Mundial. As grandes reservas de carvão mineral, ferro, manganês, assim como a produção de ouro, urânio, chumbo, cobre, enxofre, entre outros, e a oferta de mão de obra barata foram fundamentais para que o capital estatal e internacional expandisse a industrialização. Veja, no mapa da página seguinte, de onde são extraídas as principais riquezas minerais do México.

Outro recurso fundamental foram as reservas de petróleo, que colocam o país em 3º lugar na América Latina. Com a fundação da Petróleos Mexicanos (Pemex), o governo estatizou a exploração dessa fonte de energia. Além disso, criou um banco de investimentos, a Nacional Financiera, para apoiar os projetos da indústria privada.

Atualmente, o país tem um parque industrial amplo e diversificado (setores têxtil, alimentício, siderúrgico, químico, petroquímico e mecânico) que se concentra entre a Cidade do México e Guadalajara (na zona central) e, mais recentemente, em Monterrey, Ciudad Juárez, Tijuana e Chihuahua, no Norte.

Veja, no mapa da página 201, as principais regiões industriais mexicanas.

Os novos polos industriais, principalmente após a adesão do México ao Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (Nafta, na sigla em inglês) em 1993, instalaram-se no Norte, na fronteira com os Estados Unidos, região onde empresas estrangeiras, como as japonesas, coreanas, canadenses e, principalmente, norte-americanas, buscam mão de obra barata e qualificada.

Conhecidas como *maquiladoras*, essas indústrias recebem matéria-prima livre de impostos e produzem manufaturados destinados ao mercado externo, principalmente automóveis, eletrônicos e autopeças. Embora ao México caiba a montagem final dos produtos, a tecnologia e os componentes utilizados são estrangeiros. Daí o termo maquiladora, de 'maquilar' ou 'disfarçar'.

Ao reduzir custos, utilizar fontes de energia mexicanas e poluir o meio ambiente desse país, preservando o do seu lugar de origem, essas empresas geram altos lucros.

As *maquiladoras* existem no México desde 1965, e aumentaram muito com a eliminação das alíquotas de importação contidas no Nafta, implantado no começo de 1994. Instaladas, a princípio, na fronteira com os Estados Unidos, as maquiladoras espalharam-se por todo o território mexicano. Em 1998, houve um novo impulso para o crescimento dessas empresas: o Decreto para a Fomentação e Operação da Indústria Maquiladora. Já existem, atualmente, no México, mais de 3 mil empresas do gênero, que atuam, majoritariamente, nos setores eletroeletrônico (Canon, Casio, Kodak, Ericsson, Hewlett-Packard, IBM, Motorola, General Electric, Philips, Samsung, Sanyo, Sony, entre outras) e automotivo (BMW, Ford, General Motors, Honda, entre outras).



▼ Indústria maquiladora, importante geradora de empregos, em Reynosa, no México. Foto de 2015.

Há importantes parques tecnológicos no México, dos quais o mais antigo é o BioHelix, que se dedica ao aproveitamento sustentável de recursos terrestres e aquáticos, com destaque para as indústrias de biotecnologia, e está localizado no sul da Baixa Califórnia. O Centro del Software, no estado de Jalisco, é direcionado à tecnologia da informação. Em 2010, foi inaugurado, no mesmo estado, o Chapala Media Park, orientado para a produção cinematográfica, com setor de animação em 2-D e 3-D, efeitos especiais, projetos multimídia e jogos eletrônicos.

O projeto mais ambicioso é o Parque de Inovação e Investigação Tecnológica, localizado junto ao Instituto Tecnológico de Monterrey, que reúne empresas estatais e privadas, nos setores de biotecnologia, nanotecnologia, TI, comunicações, energias limpas, **mecatrônica**, saúde e alimentos.

**Mecatrônica:** área que utiliza tecnologias de mecânica, eletrônica e de ciências da informação para fazer seus produtos.

Adaptado de: CERVÓN, Julio Sánchez. *Curso de Geografía de México*. Ciudad de México: Trillas, 2011. p. 38.  
Mapa sem data na fonte original.



Adaptado de: AYLLÓN, Teresa; LORENZO, Isabel. *Síntesis de Geografía de México*. Ciudad de México: Trillas, 2012. p. 34.  
Mapa sem data na fonte original.



tanto do governo quanto de organizações humanitárias. Apesar de a situação ainda ser preocupante, a expectativa de vida de a população passou de 54,2 anos, em 2000, para 62,3, em 2015. O desequilíbrio provocado pela doença começa a ser sanado com o aumento da População Economicamente Ativa (PEA), essencial para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) sul-africano.

## ● As plataformas de exportação

Outros países não desenvolvidos também se industrializaram após a Segunda Guerra Mundial. O processo de industrialização adotado nesses países, no entanto, foi diferente do processo de substituição de importações, tratado anteriormente.

A rapidez na expansão industrial e a agressividade na competição no mercado externo de Cingapura, Coreia do Sul, Hong Kong (China) e Taiwan (Formosa) valeram a esses quatro o título de Tigres ou Dragões Asiáticos. Entre 1960 e 1990, eles apresentaram o maior índice de crescimento econômico mundial. As exportações permanecem prioritárias nessas economias; entretanto, com a ampliação do seu mercado interno, a poupança interna diminuiu. Aliados aos problemas da crise asiática e da economia mundial, esses fatores causaram a desaceleração do crescimento dos Tigres Asiáticos, após 1998.

A transformação radical dessas economias teve início com a instalação de filiais de indústrias norte-americanas e, principalmente, japonesas, que contaram com excepcionais vantagens na nova localização.

O Estado se encarregou de promover as condições para essa industrialização, dando subsídios às exportações e dificultando a concorrência de

produtos estrangeiros, através da desvalorização das moedas nacionais, garantindo os preços menores de seus produtos, além de controlar as importações. Os investimentos em educação tornaram-se prioritários, uma vez que eram altos os índices de analfabetismo. Mais tarde, muitos estudantes e trabalhadores puderam se aperfeiçoar no exterior.

Os governos eram autoritários ou ditatoriais: não existia democracia nem eleições gerais, o que garantiu que essas medidas fossem concretizadas. Apenas em 1987 a Coreia do Sul teve eleições diretas para presidente; Cingapura teve durante 25 anos (1965-1990) um único primeiro-ministro; e Taiwan permitiu que partidos opositores disputassem eleições somente a partir de 1992.

O empenho desses Estados para criar uma nova estrutura econômica teve como resultado o excepcional crescimento de seus PIBs a partir da década de 1970, acompanhado de grandes *superavit comerciais*, elevação dos indicadores sociais e ampliação de seus mercados internos.

**Superavit comercial:** resultado positivo que ocorre quando as exportações de um país superam suas importações.

Os Tigres Asiáticos, que se desenvolveram, principalmente, em torno da economia japonesa, tiveram seu período de maior crescimento econômico entre 1960 e 1997. Nesse último ano, iniciou-se a crise das economias asiáticas, que repercutiu em todo o mundo e acabou abalando inclusive a economia do Japão, que na época era o segundo país mais rico do mundo.

Embora o rápido crescimento econômico seja comum aos quatro Tigres Asiáticos, cada um desses países apresenta características particulares. Compare seus principais indicadores na tabela abaixo.

Tigres Asiáticos: indicadores selecionados – 2015

Pais	Localização geográfica	População (em milhões de habitantes)	PIB (em bilhões de US\$)	IDH*	Renda per capita (em US\$-PPC)	Exportações (em bilhões de US\$)	Índice de competitividade global
Cingapura	Sudeste da Ásia	5,6	294	0,912	85 700	385	5,68
Coreia do Sul	Leste da Ásia	49,1	1 393	0,898	36 700	536	4,99
Hong Kong (China)	Litoral da China	7,1	308	0,910	57 000	525	5,56
Taiwan**	Leste da Ásia	23,4	519	n.d.**	47 500	262	5,28

\* Dados de 2014. \*\* Como Taiwan não faz parte da ONU, seus dados não são analisados pelo Pnud e o seu IDH não é oficialmente calculado. Fontes: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ja.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ja.html)>; ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/rethinking-work-for-human-development>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

## Cingapura

Até 1959, Cingapura era uma colônia britânica e, após se livrar do domínio britânico, fez parte da Federação Malaia até 1965, quando se tornou independente. Localizada entre os oceanos Índico e Pacífico, no estreito de Málaca, ocupa uma posição estratégica, como se pode ver no mapa desta página. Situado na rota dos navios petroleiros que abastecem os países do Extremo Oriente, o porto de Cingapura é um dos mais movimentados do mundo. Formado por apenas uma cidade, com pouco mais de 700 km<sup>2</sup>, Cingapura não possui uma área rural, tendo 100% de população urbana.

O economista holandês Albert Winsemius é considerado o grande responsável por retirar Cingapura da pobreza. No período de 1961 a 1984, com os planos elaborados pelo conselheiro economista do país, Cingapura alcançou um elevado desenvolvimento social, transformando-se na nação mais rica, moderna e desenvolvida do Sudeste Asiático.

O país, que era apenas um entreposto comercial, a partir da década de 1960 tornou-se um importante centro industrial. Nesse processo, o capital estrangeiro, aliado à mão de obra qualificada, foi fundamental. Com o plano de urbanização, as habitações públicas foram melhoradas e tornaram-se referência mundial no processo de desfavelização.

A base da economia de Cingapura são os setores financeiro e industrial e, por isso mesmo, o país ficou muito dependente do capital externo. Graças ao seu pequeno território, com menos de 1% destinado à

agricultura, o país importa alimentos, fontes de energia e matérias-primas em geral.

Máquinas, equipamentos de tecnologia de ponta e petroquímica são os principais ramos industriais de Cingapura. Estão instaladas no país sedes de importantes empresas, como Singapore Airlines (aviação), MobileOne (telefonía) e MediaCorp (comunicações). Ao contrário dos outros Tigres, Cingapura não dispõe de mão de obra barata, em razão da alta escolaridade da população e da força dos sindicatos.

Em sua pauta de exportações destacam-se produtos eletrônicos de alta tecnologia, maquinário elétrico e derivados do petróleo.



Adaptado de: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 51.

▼ Centro financeiro de Cingapura.  
Foto de 2016.



## Coreia do Sul

Em consequência da Guerra da Coreia (1950-1953), travada entre o sul capitalista e o norte comunista do país, dentro do contexto da Guerra Fria, a península foi dividida, dando origem à Coreia do Norte (socialista) e à Coreia do Sul (capitalista). Como podemos ver no mapa ao lado, a Coreia do Sul ocupa a parte meridional da península da Coreia. O novo país capitalista foi sempre apoiado pelos Estados Unidos, até mesmo militarmente. E, por isso, nesse processo, a Coreia do Sul passou a depender muito do capital norte-americano.

Entre 1960 e 1970, a economia sul-coreana cresceu, em média, 8% ao ano e, entre 1980 e 1993, atingiu uma das mais altas taxas de crescimento mundiais, cerca de 9% ao ano.

O extraordinário crescimento da Coreia do Sul tem como base a industrialização do país, com a produção voltada para a exportação. Nesse processo foram fundamentais os grandes conglomerados familiares, chamados *chaebol*, que se fortaleceram com a ajuda do Estado. Mais tarde, esses conglomerados tornaram-se empresas transnacionais, como Hyundai, Samsung e LG. Entre as principais indústrias sul-coreanas destacam-se as do setor de sapatos, tecidos, automóveis, eletroeletrônicos,

navios, siderurgia e de alta tecnologia (monitores digitais, celulares e semicondutores).

O país exporta automóveis, produtos têxteis, eletroeletrônicos, brinquedos, tecidos, calçados, entre outros. Dos quatro Tigres Asiáticos, a Coreia do Sul é o que tem a economia mais diversificada. Como todos os outros, foi atingida pela crise de 1997 e pela atual recessão mundial.



Adaptado de: IBGE. Atlas geográfico escolar. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 47.

Banco de imagens/Arquivo da editora

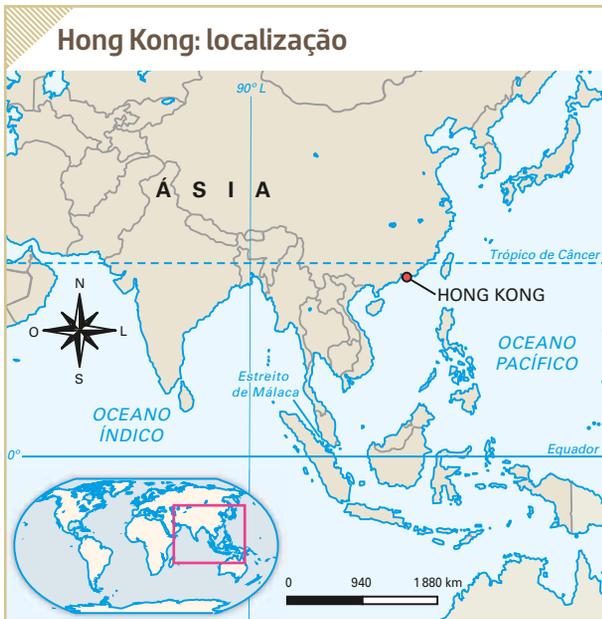


SeongJoon Cho/Bloomberg/Getty Images

▼ Poluição em refinaria de petróleo, em Ulsan, na Coreia do Sul. Foto de 2015.

## Hong Kong

Depois de 150 anos de domínio inglês, Hong Kong voltou a ser administrada pela China em 1997. Veja sua localização no mapa abaixo.



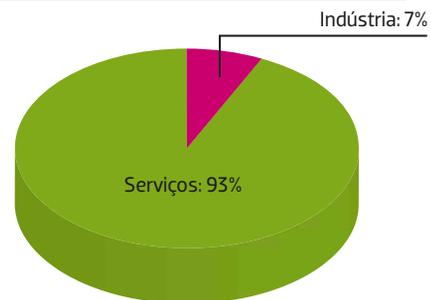
Adaptado de: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 47.

Esse importante centro financeiro mundial, que tem um dos mais movimentados portos do mundo, ganhou o *status* de região administrativa, formando um “oásis” capitalista na China de regime socialista. Com seu próprio sistema legal, força policial, política de imigração, moeda (dólar de Hong Kong) e alfândega, Hong Kong depende da China para as relações diplomáticas com outros países e para a defesa nacional.

A economia de Hong Kong, voltada para o comércio exterior, é extremamente liberal: quase não há taxas e o governo não interfere na economia. É um dos maiores centros financeiros e comerciais do mundo, abrigando sedes de muitas empresas transnacionais, como a Dragon Air, uma importante empresa aérea.

Sua economia está fortemente concentrada no setor terciário. Com um setor primário inexistente, importa comida e recursos minerais. O setor terciário, principalmente de serviços, cresce bastante e já representa mais de 90% do PIB. Enquanto isso, o setor secundário (indústrias) diminuiu acentuadamente. Veja, no gráfico a seguir, a participação das atividades econômicas no PIB de Hong Kong.

### Hong Kong: participação dos setores econômicos no PIB — 2015



Adaptado de: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/hk.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/hk.html)>. Acesso em: 3 mar. 2016.

Desde a reintegração de Hong Kong à China, ficou evidente que esse país foi muito favorecido por essa situação. Já é grande o número de indústrias que migraram para o território da China, em

busca de mão de obra mais barata e qualificada e também de espaço físico. Hong Kong é conhecida como uma cidade altamente verticalizada, pois sua área de apenas 1104 quilômetros quadrados é ocupada por uma população superior a 7 milhões de habitantes; resultando em uma densidade demográfica maior que 6 000 hab./km<sup>2</sup>.



2013 Google Earth/Digital Globe

▶ Panorama de Hong Kong, vista de um satélite, em 2013.

## Taiwan

Com uma situação política indefinida, desde que os comunistas tomaram o poder na China em 1949, Taiwan tornou-se uma plataforma de exportação na década de 1960.

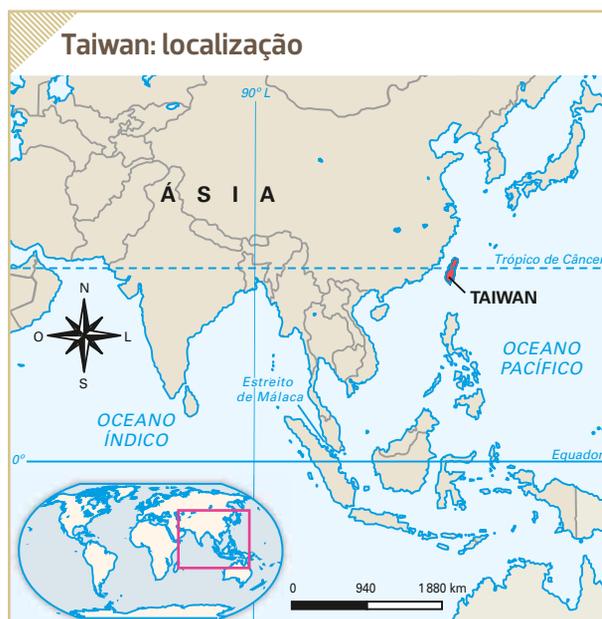
Desde a fundação da China Nacionalista (Taiwan), na ilha de Formosa, a República Popular da China (China continental) considera Taiwan uma “província rebelde”, e as relações entre os dois são extremamente tensas, do ponto de vista político. Diante da ONU, a República Popular da China é a única representante do povo chinês, desde 1971.

No início, governada de forma totalitária pelo Partido Nacionalista, Taiwan passou por um processo de democratização e realizou suas primeiras eleições presidenciais diretas na década de 1990 elegendo representantes de outro partido político.

Após o processo de industrialização, as empresas transnacionais de Taiwan passaram a transferir indústrias tradicionais, que necessitam de muita mão de obra, para países como China, Tailândia, Indonésia, Malásia, Filipinas e Vietnã.

O setor terciário tem se desenvolvido muito no país, principalmente com lojas de atacado e varejo, financeiras e imobiliárias.

Sem nenhuma dúvida, a indústria de tecnologia de ponta é o principal ramo do setor secundário. Destacam-se as indústrias de monitores de tela plana, de *chips* de circuito integrado (CI) e de



Adaptado de: IBGE. Atlas geográfico escolar. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 47.

instrumentos de precisão. As indústrias de tecnologia de ponta concentram-se nos Parques Científicos de Hsinchu, do Sul de Taiwan e de Taiwan Central.

Também são importantes as indústrias siderúrgicas, petroquímicas e de material de transportes. Na agricultura, sobressaem as culturas de hortaliças, frutas (abacaxi, melancia, cítricos, banana) e chá. O país tem, ainda, um importante setor pesqueiro.



▼ Paisagem urbana de Taipé, capital de Taiwan. Foto de 2016.

## Os Novos Tigres Asiáticos

Indonésia, Malásia, Filipinas e Tailândia expandiram suas economias e se industrializaram com a participação de capital japonês e dos Tigres originais, sendo, por isso, chamados de Novos Tigres Asiáticos. Os investidores vão em busca das mesmas vantagens que permitiram a mudança da economia de seus países, como mão de obra barata, e de condições que nunca tiveram, como os recursos minerais. Veja os principais indicadores desses países na tabela abaixo.

Por comparação, o processo de crescimento dos Novos Tigres foi um pouco mais modesto do que o dos primeiros. Os Novos Tigres são menos avançados do ponto de vista tecnológico, a mão de obra é menos qualificada e são menos competitivos no mercado mundial.

Alguns desses países têm um forte e expressivo setor primário, como a Malásia (borracha) e a Tailândia (arroz).

A atividade turística também tem crescido bastante nessas nações, principalmente na Indonésia e

na Tailândia. O setor continuou crescendo mesmo depois que um *tsunami* atingiu a região em 2004, destruindo instalações turísticas e matando centenas de milhares de pessoas.

Os Novos Tigres investem em diversos setores da indústria. As Filipinas produzem alimentos, roupas e equipamentos elétricos. A Indonésia tem indústrias químicas, têxteis, de componentes eletrônicos, de pneus, papel, cimento e bicicletas. Na Tailândia, existem indústrias de computadores, eletroeletrônicos, sapatos e joias, enquanto a Malásia produz cimento, aparelhos eletrônicos e pneus.

A Indonésia é grande produtora de petróleo e gás natural e fez parte da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) no período de 1962 a 2009.

Além desses países, podemos citar o Vietnã, que, embora se autodenomine República Socialista do Vietnã, utiliza mecanismos de economia de mercado, como um provável novo integrante do grupo dos Novos Tigres Asiáticos. Sobre esse país, leia a seção *Ampliando o conhecimento*, a seguir.

Novos Tigres Asiáticos: indicadores selecionados – 2015

País	Localização geográfica	População (em milhões de habitantes)	PIB (em bilhões de US\$)	IDH*	Renda per capita (em US\$-PPC)	Exportações (em bilhões de US\$)	Índice de competitividade global
Indonésia	Sudeste da Ásia	255,9	872	0,684	11 300	153	4,52
Malásia	Sudeste da Ásia	30,5	314	0,779	26 600	204	5,23
Tailândia	Sudeste da Ásia	67,9	374	0,726	16 100	215	4,64
Filipinas	Sudeste da Ásia	100,9	292	0,668	7 500	434	4,39

\* Dados de 2014.

Fontes: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ja.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ja.html)>; ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/rethinking-work-for-human-development>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

## Ampliando o conhecimento

### Bom dia, Vietnã! País pode se tornar Novo Tigre Asiático

*Junto a uma das rotas de navegação mais importantes do mundo, e com uma população jovem e em crescimento, o Vietnã está — mais uma vez — sendo cotado para uma ascensão econômica, após anos de decepção.*

[...]

*A abertura do mercado do país, chamada de “Doi Moi”, nos anos 1980, marcou o início do esforço para um*

*crescimento superior a 7%, que diminuiu nos últimos anos após um aumento da inadimplência em empresas estatais.*

*Segundo a PricewaterhouseCoopers LLP, o país tem o potencial de se tornar uma das economias de mais rápido crescimento do mundo no período até 2050.*

*O país do Sudeste Asiático não apenas está ganhando terreno como uma alternativa industrial mais barata à vizinha China, mas o Vietnã é, também, um destino politicamente agradável para as empresas japonesas*

que estão ampliando os investimentos na região em meio aos recorrentes conflitos sino-japoneses.

[...]

### Investimento estrangeiro

Os investimentos estrangeiros no Vietnã aumentaram nos últimos 14 anos e atingiram US\$ 12,35 bilhões em 2014, 7,4% a mais do que em 2013 e um contraste em relação aos US\$ 2,4 bilhões de 2000, segundo números da Agência de Investimento Estrangeiro do país. As operações da Samsung no Vietnã estão se tornando tão grandes que a empresa recebeu aprovação do governo para operar seu próprio terminal no Aeroporto Internacional Noi Bai, em Hanói.

E as fabricantes estão se mudando da China. A fabricante de impressoras japonesa Kyocera Document Solutions Inc., uma unidade da Kyocera Corp., planeja quadruplicar sua produção anual de impressoras no Vietnã para 2 milhões de unidades até março de 2018, disse a empresa neste mês [março de 2015]. Parte de

sua operação na China será transferida para Hai Phong, transformando o Vietnã na maior base de fabricação de impressoras da empresa, e há outra fábrica planejada para agosto, segundo a companhia.

O crescimento médio do produto interno bruto real anual do Vietnã poderá ser de 5,3% no período 2014-2050, um ritmo superado apenas pela Nigéria, segundo o relatório "O mundo em 2050" da PwC. O crescimento da China poderá cair para menos de 4%.

Os dados demográficos são de grande ajuda. Cerca de 13% da população da China em 2012 já tinha 60 anos ou mais, contra 9% no Vietnã, segundo a Organização das Nações Unidas. Mais de 40% da população do Vietnã, de cerca de 90 milhões em 2013, estava no mercado de trabalho na faixa etária entre 15 a 49 anos, segundo dados do governo.

REVISTA Exame, 23 mar. 2015. Disponível em:

<[http://exame.abril.com.br/economia/noticias/](http://exame.abril.com.br/economia/noticias/bom-dia-vietna-pais-pode-se-tornar-novo-tigre-asiatico)

[bom-dia-vietna-pais-pode-se-tornar-novo-tigre-asiatico](http://exame.abril.com.br/economia/noticias/bom-dia-vietna-pais-pode-se-tornar-novo-tigre-asiatico)>.

Acesso em: 26 fev. 2016.

## Refletindo sobre o conteúdo



1. Identifique três fatores semelhantes que favoreceram o desenvolvimento industrial e econômico da Argentina, do México e da África do Sul.
2. Leia as informações sobre a Argentina.

### Texto 1

É consenso [...] que a combalida economia argentina será ainda mais enfraquecida, uma vez que a fuga de dólares tende a crescer, a moeda a se desvalorizar, a inflação a subir e o Produto Interno Bruto (PIB) a cair.

O país está há anos afastado dos mercados de capital e as necessidades de financiamento do governo são cobertas, em grande parte, por uma política comercial que prioriza o superavit (quando as exportações são maiores que as importações). Neste sentido, um novo calote deve derrubar ainda mais a nota de risco da dívida da Argentina, podendo atrasar ainda mais os planos do país de recompor sua credibilidade para voltar a emitir títulos para captação de recursos no exterior.

G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/07/termina-nesta-quarta-prazo-para-argentina-evitar-novo-calote.html>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

### Texto 2

Turbulências constantes, geralmente atribuídas a uma má administração do governo e preços flutuantes das commodities, trouxeram na esteira a pobreza de

milhões de argentinos e colocaram o país fora do mercado financeiro.

TREVIZAN, Karina. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/05/so-9-paises-terao-pior-resultado-do-pib-que-o-brasil-em-2015-estima-fmi.html>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

- Caracterize a situação econômica da Argentina a partir dos textos apresentados.

3. **Geografia e Sociologia** Leia as informações sobre o México.

### Texto 1

Em cifras oficiais se anuncia um pouco mais de 121 mil mortes relacionadas com o "narcotráfico" e de 26 121 desaparecidos. Uma morte a cada meia hora e doze desaparecidos por dia. Fala-se também de 4 112 feminicídios e de 112 jornalistas assassinados.

Durante o ano de 2015 foram registrados 14 assassinatos de jornalistas além de dois que estão desaparecidos. Nas cifras oficiais o governo reconhece 48 mil assassinatos de dezembro de 2012 a julho de 2015. Durante o governo de Peña Nieto desaparecem 13 pessoas por dia, uma a cada 1h52min. Foram registrados sete feminicídios por dia. Há que ter presente que as "cifras oficiais" quase sempre tratam de minimizar a verdade. Quinze meses de crime de Estado em Ayotzinapa

e não há nenhum indício de que se vai esclarecer o crime, tudo parece como uma nova Tlatelolco.

De acordo com as cifras oficiais, de 2006 a janeiro de 2015 ocorreram 151 857 “homicídios dolosos”, segundo o secretário executivo do Sistema Nacional de Saúde Pública. [...]

CORADO, Ilka Oliva. *Opera Mundi*. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/dialogosdosul/21795-2/11012016/>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

## Texto 2

A barbárie tem desde segunda-feira [06/10/2014] um novo santuário no México. Uma vala clandestina nos arredores de Iguala, no coração do Estado de Guerrero. Ali foram assassinados pelo menos 17 dos 43 estudantes de magistério desaparecidos na noite da sexta-feira, 26 de setembro [2014], depois de serem detidos pela polícia municipal. O massacre foi cometido pelos pistoleiros a quem os policiais locais entregaram os estudantes. A confissão dos dois assassinos, divulgada ontem à noite pela Procuradoria, abalou o país como um relâmpago e trouxe à tona uma verdade tenebrosa: o poder quase ilimitado e maligno que o crime organizado exerce em algumas áreas.

AHRENS, Jan Martínez. *El País*. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/06/internacional/1412573662\\_968993.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/06/internacional/1412573662_968993.html)>. Acesso em: 2 mar. 2016.

- Qual é o assunto abordado nos textos anteriores? Indique um trecho desses textos que mais chamou sua atenção e justifique.

4. **Geografia, História e Sociologia** Em grupo, pesquise o contexto em que ocorreu o processo descrito a seguir.

[...] Mas o vocábulo apartheid (‘separação’ no idioma africânder, falado pelos brancos) só começou a ser usado na década de 1930.

O termo, que a princípio significava a separação pura e simples, aos poucos se tornou uma instituição, no que passou a denominar um dos mais odiosos sistemas de dominação racista em todo o mundo, em todos os tempos, a partir de 1948 [...]

LOPES, Nei. *O racismo explicado aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. p. 132.

5. **Geografia e História** Com base no texto e no que estudamos no capítulo, responda às questões.

Área de maior densidade do meio técnico-científico-informacional, o triângulo Rosário-Buenos Aires-La Plata abriga boa parcela da indústria e sobretudo da produção de tecnologia de ponta. Essa região é responsável por cerca de 70% das exportações industriais argentinas. A circulação interna e por outras regiões do país é intensa em decorrência da profunda divisão territorial do trabalho. Coração do movimento financeiro, sede dos

escritórios das maiores empresas nacionais e das filiais das corporações globais que operam no país, e produtora de informações, a cidade de Buenos Aires exerce seu comando sobre o território nacional.

SILVEIRA, Maria Laura. *Argentina: território e globalização*. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 85.

- a) Que produtos compõem a pauta das exportações argentinas?
- b) Existe alguma cidade no Brasil cuja importância no contexto do país seja semelhante à de Buenos Aires para a realidade argentina? Justifique sua resposta.
6. Leia o texto sobre o comércio entre o México e os Estados Unidos e responda às questões propostas.

Os 3 mil quilômetros de fronteira comum impossibilitam que os dois países se ignorem, mas a história e a desigualdade de condições entre ambos impedem que suas relações sejam tranquilas... Os Estados Unidos absorvem assim 85% das exportações mexicanas, e o México não soma mais do que 10% das exportações norte-americanas.

BONIFACE, Pascal; VÉDRINE, Hubert. *Atlas do mundo global*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 109.

- a) Comente a desigualdade de condições entre os países destacados pelo texto.
- b) O que se pode concluir a partir da análise dos números sobre as exportações entre esses países?
- c) Além da fronteira terrestre, que outras fronteiras existem entre o México e os Estados Unidos?
7. No México, Brasil, Argentina, Colômbia e Chile, a industrialização por substituição de importações ocorreu até meados da década de 1970, sustentada por políticas estatais dirigidas a proteger a produção local frente aos produtos importados. Os bens assim elaborados estavam destinados a abastecer o mercado interno e, geralmente, não eram exportados. Durante esse período, estruturaram-se e consolidaram-se as principais metrópoles latino-americanas, que passaram a ser o centro das maiores áreas industriais da América Latina. A produção industrial latino-americana está concentrada em poucos países. Brasil, México e Argentina reúnem 80% do valor da produção industrial.

BLANCO, Jorge et al. *Ciencias sociales 8*. Buenos Aires: Aique, 2008. p. 240.

- a) Ainda é válido afirmar que essas nações, de forma geral, exportam pouco, como salientou o texto?
- b) Três países concentram praticamente toda a produção industrial latino-americana. Como você caracterizaria economicamente os demais países dessa região? Identifique dois problemas originados dessa caracterização.

# Índia, o novo “escritório” do mundo globalizado?

Kuni Takahashi/Bloomberg/Getty Images



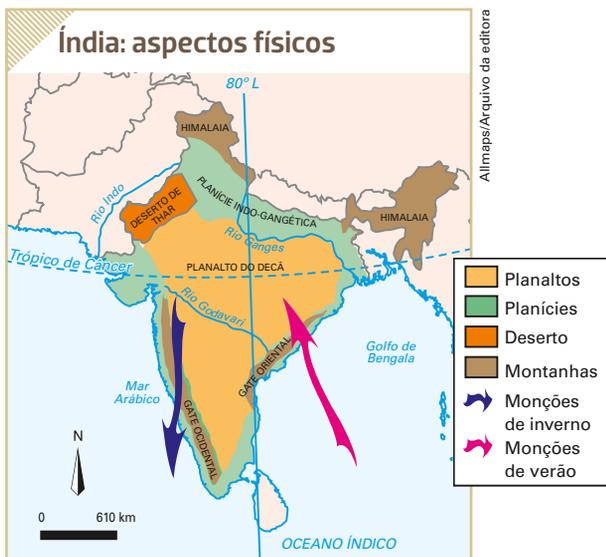
▼ Narendra Modi, primeiro-ministro da Índia (ao centro), reunido com Christine Lagarde, diretora-gerente do FMI (à direita), e Arun Jaitley, ministro das Finanças da Índia (à esquerda), no palco da Conferência da Ásia, em Nova Délhi, na Índia, em 2016. Eles discutem a estabilidade macroeconômica, o crescimento e o desenvolvimento da Índia.

## ■ Evolução da economia

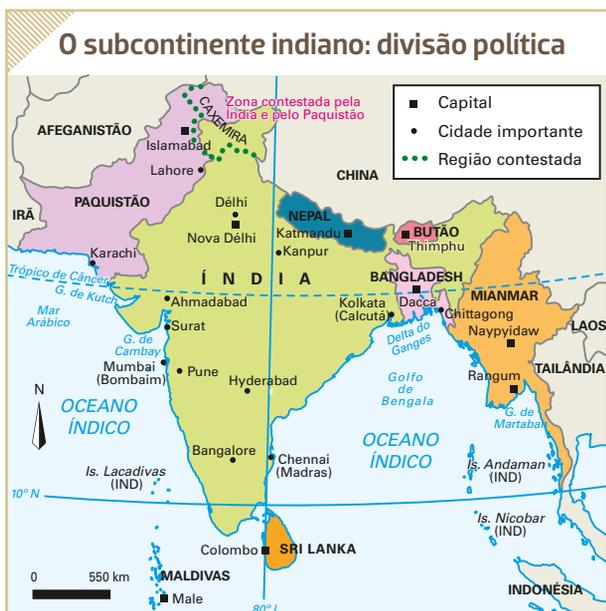
Antiga colônia inglesa, localizada ao sul do Himalaia, na península do Decã, a Índia é o mais extenso país do subcontinente indiano. Veja os mapas da página seguinte. Também é um país de contrastes extremos, que se industrializou por substituição de importações. Apesar de se destacar na produção industrial de tecnologia de ponta, 67% de sua população vive em áreas rurais. Em 2015, segundo dados do *The World Factbook*, 16,1% do PIB foi gerado pelo setor agrícola, que empregava cerca de 49% da força de trabalho do país, contra 16,1% na indústria e 54,4% no setor de serviços.

Depois de conquistar a independência política, em 1947, a Índia recebeu capitais do Reino Unido, sua antiga metrópole, e dos Estados Unidos, além de ajuda técnica e capitais da antiga União Soviética. Isso foi possível porque a Índia não se alinhava a nenhum lado da Guerra Fria. Na ocasião, o país pertencia ao “movimento dos não alinhados”, que estudamos no Capítulo 7.

A economia indiana caracterizou-se pela adoção de um planejamento econômico. Em 1950, foi criada a Comissão de Planejamento (Planning Commission), encarregada da formulação, da execução e do acompanhamento dos planos quinquenais.



Adaptado de: ATLANTE geografico metodico De Agostini 2014. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2014. p. 108.



Adaptado de: ATLANTE geografico metodico De Agostini 2014. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2014. p. 108.

Essas estratégias de desenvolvimento tiveram um papel fundamental entre as décadas de 1950 e 1970. E, mesmo após as reformas liberais, iniciadas em 1991, o modelo foi mantido.

A participação do Estado foi fundamental para o processo de industrialização do país, principalmente em relação às indústrias de base e aos setores elétrico, químico, metalúrgico e petroquímico. Porém, as taxas de crescimento da economia do país, até a década de 1980, eram muito pequenas, pois não acompanhavam o grande crescimento populacional. Isso porque o Estado, ao criar mecanismos rígidos de regulação em sua substituição

de importações, acabou impedindo o maior desenvolvimento industrial.

Um desses mecanismos era o “domínio das licenças” (*license raj*), que vigorava desde o Império Britânico e exigia uma licença para abrir qualquer negócio. O Estado dominava a economia, e a burocracia afastava os investidores, principalmente os estrangeiros. Entre meados dos anos 1950 e 1960, o governo até incentivou algumas *joint ventures* para ampliar o acesso à tecnologia e diminuir a escassez de divisas. Mas, após 1960, o **marco regulatório** estabelecido para os investimentos estrangeiros na Índia se constituiu em um dos mais restritivos do mundo capitalista. O rígido controle imposto pelo governo à importação de tecnologia acabou reduzindo a participação de transnacionais na economia indiana. E o país tornou-se uma das economias capitalistas mais fechadas do mundo.

O predomínio de empresas públicas na economia foi uma opção estratégica do Estado indiano, que controlava também o setor financeiro.

Na década de 1990, o país realizou várias reformas para agilizar o processo de instalação de indústrias. Sintetizada no documento Statement of Industrial Policy, de julho de 1991, a nova política industrial tinha dois pontos principais:

- o regime de licenciamento industrial foi extinto para quase todos os setores, com exceção das indústrias eletrônica, aeroespacial, de bebidas alcoólicas, cigarros, explosivos industriais, equipamentos de defesa e alguns produtos químicos perigosos.
- apesar de não ter ocorrido um amplo programa de privatização, a participação da iniciativa privada em áreas até então de monopólio do Estado foi ampliada, seja pela venda de ações de empresas públicas, com a manutenção do controle estatal, seja pela flexibilização desse monopólio em diversas áreas consideradas essenciais, como a de telecomunicações. O Estado manteve-se como sócio majoritário de indústrias estratégicas, como as de siderurgia, geração de energia, refino de petróleo e até mesmo de automobilismo.

**Joint venture:** associação de empresas, com fins lucrativos, em caráter definitivo, ou não, para realizar negócios, sem perder a autonomia jurídica.

**Marco regulatório:** conjunto de leis e diretrizes que regulam o funcionamento de setores nos quais empresas privadas prestam serviços de utilidade pública.

Permaneceram estatais a produção de insumos para geração de energia nuclear, as usinas nucleares e o transporte ferroviário.

A economia, que crescia a passos lentos, a taxas de 3,6% ao ano em média, passou a crescer vigorosamente, principalmente depois de 2004, com quedas no período de duas crises mundiais, como podemos ver no gráfico a seguir.



Adaptado de: FMI. *World Economic Outlook*. Disponível em: <[www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2016/update/01/](http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2016/update/01/)>. Acesso em: 6 mar. 2016.

## Principais setores industriais

A produção de *softwares*, *hardwares* e serviços para informática tem sido de grande relevância para a economia do país.

Na década de 1990, o governo elaborou um projeto para impulsionar e incentivar a exportação de produtos de Tecnologia da Informação (TI): foram criados os Parques Tecnológicos de *Software* da Índia (PTSI), onde foi oferecida a infraestrutura específica para TI, inclusive uma avançada tecnologia de satélites (VSAT) e de fibras ópticas de alta *performance* (ATM).

Entre os principais PTSI, podemos citar os de Bangalore, Pune e Chennai (Madras).

As empresas de TI indianas, inicialmente, desenvolviam *softwares* para grandes transnacionais do ramo. Em seguida, empresas estrangeiras levaram para lá seu setor de atendimento ao cliente e de assistência técnica. Mais recentemente, transferiram também seus centros de pesquisa. As empresas indianas investem em criação de produtos, em consultoria e estão se expandindo para outros países, inclusive o Brasil. Existem empresas de TI indianas em Brasília (DF), Campinas (SP), Barueri (SP) e Curitiba (PR).

Destaca-se como motor do crescimento da Índia a indústria da Tecnologia da Informação,

ao propiciar a criação de um vigoroso setor de serviços que mantém o PIB indiano cada vez mais alto.

O setor têxtil, que representa cerca de 6% do PIB, 30% das exportações e emprega cerca de 35 milhões de pessoas, é o mais antigo do país. O algodão, a seda, a juta e a lã são as principais fibras utilizadas nas indústrias de tecidos.

A indústria de automóveis e de autopeças tem crescido bastante. No país, existem empresas nacionais, como a Tata Motors, a Bajaj Autos, a Mahindra. Entre as estrangeiras estão a GM, a Ford, a Daimler-Chrysler, a Toyota, a Suzuki-Maruti, a Honda e a Volvo.



▼ Linha de montagem de motocicletas em fábrica em Vithalapur, Gujarat, na Índia. Foto de 2016.

Outros setores industriais de destaque são os de fertilizantes; cimento; eletroeletrônica (televisores, ar-condicionado, fornos de micro-ondas e refrigeradores); aço; alimentos (mercado interno); biotecnologia e farmacêutica (genéricos). A indústria petroquímica indiana tem muitas refinarias e a indústria cinematográfica — Bollywood — é uma das maiores produtoras de filmes do mundo.



▼ Produção de medicamentos em Pune, Maharashtra, na Índia. Foto de 2015.

## ● Zonas Econômicas Especiais

Seguindo o modelo chinês, foram criadas as Zonas Econômicas Especiais (ZEE), em 2005, para incentivar a produção industrial e as exportações do país. As ZEE são áreas onde, por um período de quinze anos, haverá isenção fiscal para capital nacional, estrangeiro e parcerias público-privadas. Elas terão seus próprios aeroportos, portos, ferrovias e rodovias para que o projeto não seja prejudicado por falta de infraestrutura. Entre as ZEE já instaladas estão Kolkata (Calcutá), Indore, Manikanchan-Salt Lake, Jaipur, Chennai, Cochin, Noida, Surat, Vishakhapatnam e Kandla. Veja o mapa ao lado.

Além do projeto das ZEE, a Índia desenvolveu as Zonas de Processamento de Exportação (ZPE). Nessas áreas, o processo de exportação deve ser facilitado por diminuição de tarifas e agilização da documentação; como você pode verificar no mapa ao lado, algumas ZPE são também ZEE.



Adaptado de: ATLANTE geografico metodico De Agostini 2014.  
Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2014.  
Mapa sem data na fonte original.

## ● A terceirização de serviços: *Business Process Outsourcing (BPO)*

O crescimento da indústria de TI acabou por incentivar a terceirização de serviços, um setor que passou a ser fundamental na economia indiana.

Atualmente, muitas empresas seguem a tendência mundial de contratar empresas situadas em outros países para realizar parte de suas atividades. Esse processo é denominado “business process outsourcing” (BPO). Quando a empresa contratada para essa terceirização está situada em outro país, o processo é chamado de “offshore outsourcing”. A Índia é o país líder nesse setor. Muitas empresas, principalmente norte-americanas, mantêm aí seus centros de atendimento ao cliente ou consumidor (*call centers*).

Esse tipo de terceirização no país vai além dos *call centers*. Existe ainda o *offshore* de desenvolvimento de *software*. Uma combinação de fatores favorece essa atividade na Índia: pessoas capacitadas, infraestrutura de telecomunicações, transporte, energia e sistema financeiro, além de incentivos fiscais, estabilidade econômica e política.

Na Índia existem mais formandos em Tecnologia da Informação do que em qualquer outro país no mundo. Entretanto, segundo estudos, apenas uma pequena parte deles está qualificada para trabalhar em empresas produtoras de *software*. A grande maioria é aproveitada em *call centers* e serviços similares.



▼ Science City, em Kolkata (Calcutá), é o maior centro de ciência na Índia. Foto de 2015.

### Com governo reformista Índia vive euforia econômica

*“Existe alguém em algum lugar da Índia que não admire a China?” Essa pergunta foi feita por Yi Jing, estudioso chinês que viveu alguns anos na Índia no século XVII. Mas ela poderia muito bem ser feita hoje. Nos últimos anos, os indianos mal disfarçaram a inveja do enriquecimento dos vizinhos.*

*Na briga particular dos dois gigantes asiáticos, que juntos somam quase 40% da população mundial, os chineses vêm dando um banho nas três últimas décadas. A Índia, é verdade, teve um bom momento em meados dos anos 2000, mas faltou fôlego. Desde 1980, apenas em quatro anos a Índia apresentou uma evolução do PIB superior à da China. Neste ano [2015], isso voltará a acontecer.*

*Segundo as últimas previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI), a Índia será, entre as maiores economias do mundo, a de melhor desempenho em 2015, com uma taxa de 7,5% — a previsão para a China é de uma elevação do PIB de 6,8%. (A economia brasileira, como sabemos, sofre de “estaginflação” — estagnação com inflação — e deverá encolher. A da belicosa Rússia também.)*

*A matemática do crescimento ajuda a explicar a euforia dos investidores em relação à Índia: mantida por uma década, a taxa atual de crescimento é suficiente para dobrar o PIB. “Para o investidor, o que interessa é o ritmo de crescimento, pois isso determina a taxa de retorno”, diz Tirthankar Roy, professor de economia indiana na London School of Economics.*

*O otimismo em relação à Índia deriva de vários fatores. Um dos motivos é a demografia. Quase metade de sua população, de 1,2 bilhão de pessoas, tem menos de 25 anos. A China conta com 1,3 bilhão de habitantes, mas lá a proporção da população em idade de trabalhar em relação à dos dependentes já é declinante.*

*Em menos de duas décadas, a Índia será o país mais populoso e terá a maior força de trabalho do mundo. A cada ano, cerca de 10 milhões entram no mercado de trabalho. Para os empresários, isso é uma garantia de que não faltará mão de obra e não haverá grandes pressões por aumentos salariais. “Uma questão pouco falada é que os indianos têm boa educação se comparados aos trabalhadores de países no mesmo grau de desenvolvimento”, diz Sukumar Rajah, diretor de investimentos para a Ásia da gestora Franklin Templeton.*

*Também conta a favor o fato de a economia indiana estar numa clara rota de correção. Depois de vários anos de inflação alta, o índice de preços está em queda e*

*deverá fechar neste ano [2015] em 5,8%, bem abaixo dos 8% previstos para o Brasil. A taxa de juros e o endividamento público também estão caindo. As contas externas melhoraram com a recente redução do preço do petróleo no mercado internacional.*

*Mas o que mais entusiasma os investidores é a agenda de reformas do primeiro-ministro Narendra Modi, eleito em maio de 2014. E é nesse ponto que a perspectiva indiana e a brasileira parecem mais distantes. “Diante de um governo que parece guiar o país na direção certa, estamos otimistas”, diz Tushar Poddar, economista para a Índia do banco americano Goldman Sachs.*

*Na Índia, o sistema tributário consegue ser mais arcaico do que no Brasil. Uma mercadoria é taxada cada vez que cruza as divisas entre quaisquer dos 29 estados. Isso significa que, se determinado produto passar por quatro estados até seu destino final, terá de pagar imposto quatro vezes.*

*Para mudar isso, o governo Modi enviou ao Parlamento uma reforma tributária que unifica o recolhimento de todas as taxas sobre o consumo, como fazem vários países europeus e os Estados Unidos. “É uma simplificação que o Brasil, com seus impostos federais, estaduais e municipais e com a guerra fiscal entre estados, faria bem em copiar”, diz Anwar Shah, consultor do Banco Mundial para economias emergentes.*

*Ainda há muita incerteza sobre se o governo conseguirá aprovar a reforma tributária da mesma forma que a enviou ao Parlamento. Mas o simples fato de ter tomado a iniciativa já rendeu frutos. “A Índia está se beneficiando da percepção de que Modi é um líder disposto a fazer as mudanças de que o país precisa”, diz Paul Christopher, diretor de estratégia global do banco americano Wells Fargo.*

*Desde que assumiu, Modi já conseguiu algumas vitórias. Em janeiro, vendeu uma fatia de 10% da Coal India, estatal que domina o setor de carvão. Antes, aumentou o teto para a participação de capital estrangeiro em setores como o de seguros, construção e ferrovias.*

*Ciente de que vai precisar criar empregos se quiser continuar no mesmo posto, Modi lançou o Make in India (Produza na Índia), uma iniciativa para atrair investimentos estrangeiros na área industrial. A meta é ousada. O governo pretende criar 100 milhões de empregos até 2022 e elevar a participação da indústria na economia de 16% para 25% até 2020. Para promover seu projeto, Modi não tem economizado empenho. Em abril, esteve na Alemanha, onde abriu a feira de Hannover ao lado da chanceler Angela Merkel.*

*Ainda que o vento esteja a favor, o FMI ressalta que há muito por fazer. O estado do Rajastão modernizou*

recentemente suas leis trabalhistas, permitindo que empresas com menos de 300 funcionários possam demitir sem pedir a permissão das autoridades. O governo central apoiou a medida, mas o FMI diz que é preciso avançar mais.

A expectativa é que outros estados sigam o mesmo caminho. Mudanças também são esperadas na abertura do mercado para estrangeiros — vários setores, como o varejo, sofrem limitações. Na área financeira, o maior perigo é um aumento da volatilidade no mercado internacional, o que pode afetar o financiamento das empresas locais.

Mesmo com todos esses riscos, para os indianos o clima hoje é de exaltação. Sim, os chineses ainda estão

muito à frente. Mas, neste ano [2015], fica o gostinho de ver o país vizinho crescendo menos.

MAIA, Lucas de Abreu. Revista *Exame*, 15 maio 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1089/noticias/com-governo-reformista-india-vive-euforia-economica>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

#### ⊕ Depois de ler o texto, faça o que se pede.

1. Aponte dois fatores que justifiquem o otimismo da Índia sobre a China.
2. Em alguns aspectos a Índia se apresenta mais arcaica que o Brasil. Em outros, ela está mais moderna. Destaque no texto características que comprovem essas afirmações.

## ● A importância e os problemas do setor agrícola

Entre os países industrializados por substituição de importações, a Índia é o país em que a agricultura tem maior peso no PIB (cerca de 17%).

Como já vimos, cerca de 30% da população da Índia vive nas cidades. A maior parte dos habitantes depende da agricultura para sobreviver. No país, há o predomínio do uso do trabalho braçal, mas que busca tirar o máximo proveito da terra escassa. O chá, o arroz, o trigo, o linho, a cana-de-açúcar, o algodão, a juta, o amendoim e o fumo são os principais produtos agrícolas indianos. E os mais importantes produtores são os estados de Uttar Pradesh, Punjab, Haryana, Madhya Pradesh, Andhra Pradesh, Bengala Ocidental e Maharashtra.



Dhiraj Singh/Bloomberg/Getty Images

▼ Rebanho de cabras em zona rural de Andhra Pradesh, na Índia. Foto de 2015.

A Índia tem o maior rebanho bovino do mundo. E muitas raças originárias do país são encontradas em outras partes do mundo. No Brasil, por exemplo, são criadas as raças indianas gir, zebu e guzerá.



João Prudente/Pulsar Imagens

▼ Criação de gado da raça guzerá, em São José da Barra (MG). Foto de 2014.

Desse rebanho, a população indiana aproveita apenas o leite e o couro, mas não a carne, pois, segundo o hinduísmo, religião predominante na Índia, a vaca é um animal sagrado. A Índia tem ainda um importante rebanho ovino.

O setor agrícola não é uma prioridade na política de modernização do governo indiano, como ocorre com as privatizações e a abertura comercial. As mudanças e os investimentos nesse setor não são expressivos. Os preços dos alimentos têm subido de forma assustadora e prejudicam a população mais pobre.

A Índia, embora tenha ultrapassado outros países no desenvolvimento econômico, descuidou-se do setor agrícola. A infraestrutura desse mercado se tornou precária devido à manutenção das políticas restritivas do governo, que concentram a produção desse setor em poucos produtos. Conseqüentemente, a demanda no país aponta para a necessidade de importar certos alimentos que não podem ser fornecidos pela agricultura nacional.

A indústria do agronegócio não prosperou na Índia. As empresas preferem não investir em um setor que, além de apresentar problemas, é regido por políticas estaduais e federais que restringem a produção e a venda de produtos agrícolas. Algumas transnacionais começaram a investir na infraestrutura, tanto da fazenda quanto do porto e da indústria de alimentos. Assim, conseguem garantir uma logística mais confiável para a produção agrícola chegar aos centros de processamento de alimentos, ou para o fornecimento de alimentos importados para lojas e supermercados.

Muitas mudanças legislativas e estruturais precisam ser feitas até o setor do agronegócio chegar ao nível de integração entre fazenda, indústria de processamento de alimentos e uma rede de varejo equipada para vender produtos diferenciados.

## ■ População e urbanização: diversidade, pobreza e desigualdade

O segundo país mais populoso é também a maior democracia do mundo. Há previsões de que, se a Índia e a China continuarem com as atuais taxas de crescimento populacional, os indianos ultrapassarão os chineses dentro de alguns anos. Veja, no quadro a seguir, a previsão da Divisão de População das Nações Unidas para os dois países.

### Indicadores populacionais – 2015

	China	Índia
<b>População* total em 2015 (em bilhões de habitantes)</b>	1367	1251
<b>Taxa média de crescimento 2010-2015</b>	0,5	1,3
<b>Taxa de fecundidade</b>	1,6 filho por mulher	2,4 filhos por mulher
<b>Ano em que provavelmente a população se estabilizará</b>	2025	2050

Fonte: ONU. Divisão de População das Nações Unidas. *Situação da População Mundial 2015*. Disponível em: <[www.unfpa.org.br/Arquivos/swop2015.pdf](http://www.unfpa.org.br/Arquivos/swop2015.pdf)>; \* CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html)>. Acesso em: 8 mar. 2016.

Apesar do crescimento acelerado da economia indiana, o país tem ainda sérios problemas a resolver, como os milhões de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza. Os indicadores sociais do país precisam melhorar, como indica a tabela abaixo.

### Índia: indicadores sociais selecionados – 2015

<b>População que vive com menos de US\$ 1,25 por dia (%)</b>	32,6
<b>Expectativa de vida (em anos)</b>	68,1
<b>Mortalidade infantil (‰)</b>	41,8
<b>Analfabetismo (%)</b>	29
<b>Crescimento populacional (%)</b>	1,2

Fonte: CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/in.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/in.html)>. Acesso em: 8 mar. 2016.

A diversidade de línguas (inglês, hindi, sânscrito, tâmil e outras) e de religiões (hinduísmo, islamismo, siquismo, jainismo, budismo, cristianismo, entre outras) são outras características da Índia.

A Constituição indiana rejeita a discriminação com base na casta, isto é, o sistema de hierarquia social que define a condição do indivíduo, transmitida de pai para filho. Entretanto, o regime de castas ainda persiste na zona rural indiana.

No geral, aproximadamente um terço da população é urbana, mas existe uma grande disparidade entre os estados: Goa, Pondicherry, Délhi e Chandigarh são predominantemente urbanos. Em outros, como Tamil Nadu, Maharashtra, Gujarat, Karnataka e Punjab, a população urbana está acima da média nacional. Outros ainda, como Himachal Pradesh, Bihar e Sikkim, são basicamente rurais.

Essa divisão reflete o aumento da industrialização no período pós-Independência, que se concentrou principalmente nas três maiores metrópoles, Kolkata, Mumbai e Chennai, originando padrões distintos de desenvolvimento entre os diversos estados.

Na década de 1990, a população urbana da Índia cresceu em mais de 65 milhões, segundo o UN-Habitat, órgão da ONU para o estudo dos assentamentos urbanos. Uma das consequências desse aumento desordenado foi o aparecimento de favelas.

O censo de 2011 indica que a população urbana na Índia aumentou cerca de 400 milhões em relação ao ano de 2001. O número das cidades com mais de 1 milhão de habitantes subiu para 50, em comparação com as 35 de dez anos antes.

Segundo o Instituto Indiano para Assentamentos Urbanos, a população urbana deverá superar os 600 milhões nas próximas duas décadas, porque cada vez mais jovens desistem de viver nas zonas rurais.

Os serviços básicos, porém, como o fornecimento de energia e água, o transporte público e os serviços sociais, não acompanham o crescimento da população urbana. Os preços de imóveis e terrenos, muito altos, obrigam muitas famílias, mesmo de classe média — cerca de 50% em Mumbai — a viver em favelas.

A infraestrutura urbana de todas as seis megacidades da Índia (Mumbai, Délhi, Kolkata, Bangalore, Chennai e Ahmadabad) já se encontra sob grande pressão. Os lençóis de água estão se esgotando

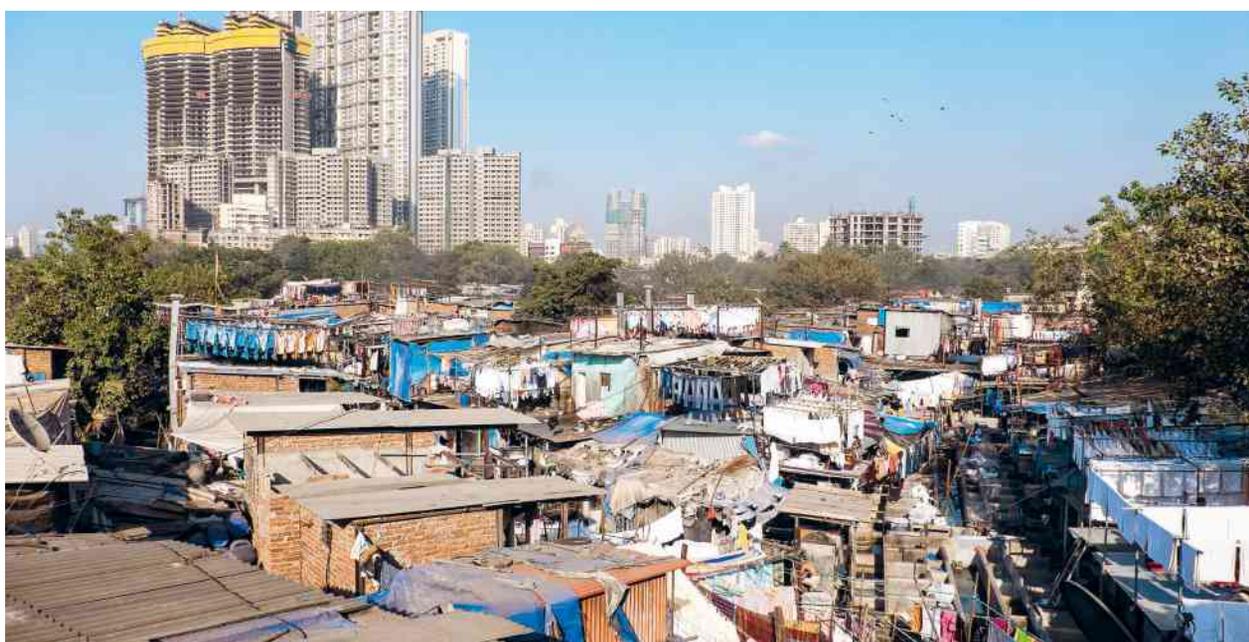
rapidamente, a poluição vem alcançando níveis críticos, o sistema de transporte e os sistemas de esgoto e saneamento são caóticos. E tudo isso está afetando a saúde e a higiene pública.

Apesar dos elevados índices de pobreza, o padrão de vida dos trabalhadores nos setores tecnológicos é bastante superior ao da população em geral. Existe também um desnível nas condições de vida e de renda entre parte da população urbana e a população rural, embora a pobreza tenha sido reduzida nos últimos quinze anos, tanto nas áreas urbanas como nas rurais, e essa diferença tenha se tornado menor.

## ■ A Índia no contexto global

Como país emergente de expressivo crescimento econômico e potência nuclear, a Índia ganhou importância no contexto internacional. Compõe com o Brasil, a Rússia, a China e a África do Sul o celebrado grupo Brics. Dentro das relações Sul-Sul, uniu-se, em um acordo trilateral de cooperação em diversas áreas, com o Brasil e a África do Sul — o Fórum IBAS (Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul).

Desde 1972, a Índia faz estudos e experiências com armas nucleares, tendo detonado a primeira bomba em 1974. A primeira-ministra Indira Gandhi (1917-1984) permitiu a realização de um teste no deserto de Thar, e o país acabou se tornando uma potência nuclear.



▼ Favela em Mumbai, na Índia. Foto de 2016.

A maior demonstração de força nesse setor foram os testes realizados em 1998, no Sítio de Testes Militares de Pokhran, no mesmo deserto. Esses testes provocaram algumas severas sanções econômicas e tecnológicas. Estas, porém, tiveram efeitos “superficiais” na economia e na tecnologia indiana. E a maioria das sanções foi retirada após um período de cinco anos.

A autointitulada potência nuclear se nega a assinar tratados de não proliferação desse tipo de armamento. Mas adotou a política de “não usar primeiro” ou “No First Use (NFU)”, em inglês. A NFU determina que uma nação detentora de armas nucleares se compromete a não utilizá-las na eventualidade de

um conflito se não for atacada primeiro com armas nucleares. Assim, fará uso somente de armas convencionais. A Rússia, a Índia, a Coreia do Norte e a China aderiram à NFU, mas países como Estados Unidos, Grã-Bretanha, Israel, França e Paquistão não se comprometeram com essa política. Essa situação dá à Índia certo poder dentro do subcontinente indiano, principalmente diante dos vizinhos com quem tem problemas, como a China e o Paquistão.

O país alega, na comunidade internacional, que um desarmamento nuclear só tem sentido se considerar todos os países sem distinção, inclusive os gigantes, como os Estados Unidos, a Rússia e a China.

## Refletindo sobre o conteúdo



1. Leia a notícia publicada sobre a população mundial.

### Índia vai superar a China e se tornará o país mais populoso em 2022

A tendência demográfica que a ONU apresenta em um relatório publicado esta quarta-feira [29/7/2015] confirma o crescimento desigual, entre países e continentes, da população global. O documento, elaborado pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas, mostra que a África terá índices de crescimento demográficos superiores aos da Ásia, e que a Índia ultrapassará a China como o país mais populoso do mundo em 2022, com cerca de 1,4 bilhão de habitantes.

A superação da China vai significar que a população da Índia representará 19% da população mundial em 2050, enquanto que a China terá 18%. Atualmente, cerca de 1,31 bilhão de pessoas vivem na Índia, em comparação com os 1,38 bilhão da China; uma diferença que vai desaparecer nos próximos sete anos.

[...]

COSTANTINI, Luca. *El País*, Madri, 29 jul. 2015. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/29/internacional/1438196192\\_156373.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/29/internacional/1438196192_156373.html)>. Acesso em: 8 mar. 2016.

- a) Compare o crescimento demográfico do Japão e da Alemanha, países estudados no Capítulo 14, com o crescimento da Índia e do continente africano, conforme salienta o texto anterior.
- b) Aponte um aspecto positivo e um negativo ocasionado pelo fato de um país ter uma população numerosa, como a China e a Índia.

2. Leia o texto a seguir, sobre a informática na Índia:

*Hoje, a informática é um dos maiores triunfos da Índia. O que chamamos de escola de Bangalore fornece técnicos de primeira linha para o resto do mundo — inclusive para a França — a ponto de a indústria e o comércio indianos temerem uma nova ‘fuga de cérebros’.*

CARRIÈRE, Jean-Claude. *Índia*. São Paulo: Ediouro, 2009. p. 174.

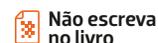
- a) Qual setor da informática transformou a Índia em uma referência mundial?
- b) De que forma a informática pode contribuir para aumentar a inclusão social da população indiana?
- c) Por que pode ocorrer uma “fuga de cérebros” da Índia?

3. **Geografia, História e Sociologia** Pesquise em sites, livros, revistas e consulte seus professores.

*Na Índia, há inúmeras religiões: o budismo, o islamismo, o siquismo, o jainismo, o zoroastrismo, o cristianismo, o judaísmo. Mas o hinduísmo é praticado por 80% da população. Essa religião não procura novos adeptos: filhos de hindus são hindus, e pertencem a uma casta da qual não podem sair. Os dalits, que representam 10% da população indiana, são divididos em grupos.*

QUENTIN, Laurence; REISSER, Catherine. *Pelas cores da Índia*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011. p. 49.

- a) Explique o que são castas.
- b) Descreva os *dalits*.
- c) Identifique uma diferença entre *castas* e *classes sociais*.



Não escreva no livro

# Concluindo a Unidade 4

Leia o texto, reflita e depois responda às questões propostas.

## China anuncia metas inéditas para reduzir emissões de carbono

A China anunciou pela primeira vez nesta terça-feira [30/6/2015] a sua meta para a redução das emissões de carbono, contribuindo para um acordo global sobre mudanças climáticas a ser traçado em uma conferência em Paris no final de 2015.

Em visita à capital francesa, o primeiro-ministro chinês, Li Keqiang, afirmou [...] em um comunicado que seu país se compromete a reduzir até 2030 suas emissões de carbono por unidade de PIB (Produto Interno Bruto) entre 60% e 65% em relação aos níveis de 2005.

Li afirmou que as metas demonstram "que a China está fazendo o seu melhor no que se refere às mudanças climáticas e que a China está integralmente comprometida em exercer um papel ainda maior na governança global e no desenvolvimento coletivo da humanidade".

As metas anunciadas por Pequim incluem, ainda, compromissos assumidos anteriormente em um acordo bilateral com os Estados Unidos, como atingir o ápice de suas emissões de carbono no máximo até 2030, quando então elas deverão começar a cair. Além disso, o país havia prometido investir recursos para que 20% de sua matriz energética tenha origem em fontes não poluentes.

Após reunir-se com Li, o presidente francês, François Hollande, disse que a contribuição da China "reafirma o seu compromisso na construção de uma civilização ecológica".

O anúncio das metas ambientais da China, país mais populoso e com a maior emissão de carbono no mundo, representa um avanço para que se alcance um acordo global sobre as mudanças climáticas. Os EUA e a União Europeia, principais poluidores além da China, já haviam anunciado suas metas anteriormente.



Tao Zhang/Corbis/Latinstock

Poluição intensa em Harbin, província de Heilongjiang, na China. Foto de 2015.

Em dezembro, governos de todo o mundo se reunirão em Paris para a Convenção do Clima da ONU — a COP 21 — a fim de chegar a um acordo global que impeça o aumento da temperatura acima dos 2 °C em relação a níveis pré-industriais.

O posicionamento chinês foi bem recebido por grupos de ativismo ambiental, embora muitos esperassem metas mais ambiciosas.

"A China sempre se manteve na defensiva no que diz respeito às mudanças climáticas, mas o anúncio de hoje é o primeiro passo para [que assuma] um papel mais ativo", disse à agência Associated Press Li Shuo, do Greenpeace.

"Para o sucesso em Paris, entretanto, todos os atores — incluindo a China e a União Europeia — deverão incrementar seus compromissos. O posicionamento de hoje deve ser visto como a estaca zero para ações muito mais ambiciosas".

FOLHA de S.Paulo. Associated Press, 30 jun. 2015. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/06/1649669-china-estabelece-metas-ineditas-para-reduzir-emissoes-de-carbono.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/06/1649669-china-estabelece-metas-ineditas-para-reduzir-emissoes-de-carbono.shtml)>. Acesso em: 8 mar. 2016.

## Testes e questões

⊞ Não escreva no livro

### Enem

**1** A introdução de novas tecnologias desencadeou uma série de efeitos sociais que afetaram os trabalhadores e sua organização. O uso de novas tecnologias trouxe a diminuição do trabalho necessário que se traduz na economia líquida do tempo de trabalho, uma vez que, com a presença da automação microeletrônica, começou a

ocorrer a diminuição dos coletivos operários e uma mudança na organização dos processos de trabalho.

Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. N.º 170(9). 1º ago. 2004.

A utilização de novas tecnologias tem causado inúmeras alterações no mundo do trabalho. Essas mudanças são observadas em um modelo de produção caracterizado

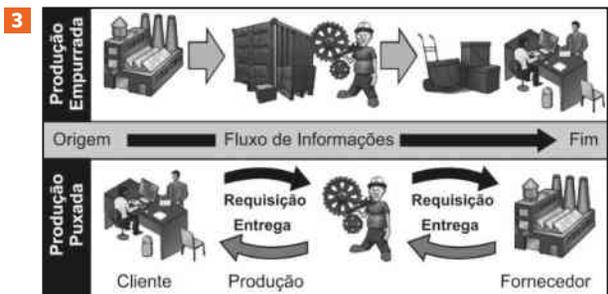
- a) pelo uso intensivo do trabalho manual para desenvolver produtos autênticos e personalizados.
- b) pelo ingresso tardio das mulheres no mercado de trabalho no setor industrial.
- c) pela participação ativa das empresas e dos próprios trabalhadores no processo de qualificação laboral.
- d) pelo aumento na oferta de vagas para trabalhadores especializados em funções repetitivas.
- e) pela manutenção de estoques de larga escala em função da alta produtividade.

**2** Um trabalhador em tempo flexível controla o local do trabalho, mas não adquire maior controle sobre o processo em si. A essa altura, vários estudos sugerem que a supervisão do trabalho é muitas vezes maior para os ausentes do escritório do que para os presentes. O trabalho é fisicamente descentralizado e o poder sobre o trabalhador, mais direto.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999. (Adaptado.)

Comparada à organização do trabalho característica do taylorismo e do fordismo, a concepção de tempo analisada no texto pressupõe que

- a) as tecnologias de informação sejam usadas para democratizar as relações laborais.
- b) as estruturas burocráticas sejam transferidas da empresa para o espaço doméstico.
- c) os procedimentos de terceirização sejam aprimorados pela qualificação profissional.
- d) as organizações sindicais sejam fortalecidas com a valorização da especialização funcional.
- e) os mecanismos de controle sejam deslocados dos processos para os resultados do trabalho.



Na imagem, estão representados dois modelos de produção. A possibilidade de uma crise de superprodução é distinta entre eles em função do seguinte fator:

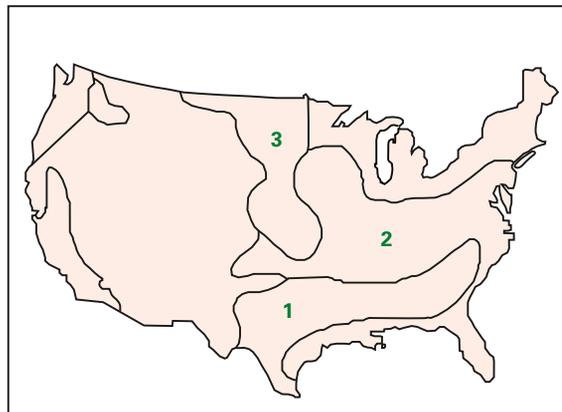
- a) Origem de matéria-prima.
- b) Qualificação de mão de obra.
- c) Velocidade de processamento.
- d) Necessidade de armazenamento.
- e) Amplitude do mercado consumidor.

## Testes de vestibular

Não escreva no livro

**1** (Mack-SP) Observe o mapa a seguir.

### Cinturões agrícolas nos Estados Unidos



Banco de imagens/Arquivo da editora

Assinale a alternativa que indica, respectivamente, as atividades agrícolas tradicionalmente praticadas nos espaços assinalados no mapa com os números 1, 2 e 3.

- a) 1 - Cotton Belt (algodão), 2 - Corn Belt (milho), 3 - Wheat Belt (trigo).
- b) 1 - Wheat Belt (trigo), 2 - Cotton Belt (algodão), 3 - Sun Belt (frutas).
- c) 1 - Corn Belt (milho), 2 - Dairy Belt (sorgo), 3 - Wheat Belt (trigo).
- d) 1 - Dairy Belt (sorgo), 2 - Corn Belt (milho), 3 - Cotton Belt (algodão).
- e) 1 - Rice Belt (arroz), 2 - Dairy Belt (sorgo), 3 - Corn Belt (milho).

**2** (Unir-RO) Sobre a China, assinale a afirmativa **incorreta**.

- a) É atualmente o maior país comunista do mundo e sua economia vem sendo denominada de socialismo de mercado.
- b) O modelo de desenvolvimento econômico adotado se baseia na abundância de mão de obra mal remunerada, na distribuição de subsídios estatais e na atração de investimentos estrangeiros.
- c) Os rios mais importantes são o Yang-tse (azul) e o Huang-ho (amarelo), pois interferem na fertilidade do solo chinês, tornando as terras agricultáveis.
- d) O Tibete é uma região autônoma do território chinês e Taiwan ou Formosa é uma região administrativa especial adepta do sistema político e econômico capitalista.
- e) Com o crescimento econômico, a China tornou-se um modelo de desenvolvimento sustentável com a preservação do meio ambiente pela utilização de energias renováveis.

- 3** (PUC-RJ) As últimas décadas do século XX assistiram a uma revolução nos sistemas de produção e de trabalho.

As opções abaixo apresentam algumas das consequências dessas mudanças, **à exceção**:

- a) da substituição do trabalho humano por robôs flexíveis e programados.
- b) da substituição, na ocupação da mão de obra, do setor de serviços pelo setor industrial.
- c) do comando de sistemas de produção por computadores e programas sofisticados.
- d) da produção altamente concentrada combinada com uma flexível integração de empresas subcontratadas.
- e) do redimensionamento da escala de produção em função de megamercados ou mercados mundiais.

- 4** (PUC-MG) Refere-se à distribuição espacial das indústrias:

- I. Alguns setores industriais, como a petroquímica, a indústria automobilística e as metalurgias, vêm sendo transferidos para áreas menos desenvolvidas.
- II. As indústrias avançadas ou de ponta, a exemplo da biotecnologia e da química fina, preferencialmente, vêm sendo implantadas nos países centrais.
- III. As indústrias que operam com grande tonelagem de matéria-prima, como a extrativa mineral, os estaleiros navais e as siderurgias, têm sido implantadas muito mais nos países centrais que nos periféricos.

Assinale:

- a) Se apenas a afirmação I estiver correta.
- b) Se apenas as afirmações I e II estiverem corretas.
- c) Se apenas as afirmações I e III estiverem corretas.
- d) Se apenas as afirmações II e III estiverem corretas.
- e) Se todas as afirmações estiverem corretas.

- 5** (Fatec-SP) Assinale a alternativa que descreve corretamente um importante espaço industrial europeu:

- a) Chamada de “Vale do Silício” europeu, a bacia do rio Sena, na França, abriga um grande parque industrial de alta tecnologia, aproveitando as vantagens do transporte fluvial e ferroviário disponíveis, bem como a existência de mão de obra especializada.
- b) A região do Donbass, na Ucrânia, é uma das novas concentrações industriais da Europa oriental. Aproveitando os solos férteis do país e a existência

de mão de obra qualificada e barata, desenvolveu-se um importante complexo agroindustrial baseado na produção de soja.

- c) Até a década de 1990, o Norte da Itália era uma das regiões menos industrializadas da Europa. A formação da União Europeia mudou este quadro, tornando a região atrativa para investimentos da indústria do turismo, em setores como a construção civil e a exploração de parques temáticos.
- d) A bacia do Reno-Rhur, na Alemanha, já foi uma das maiores concentrações industriais do mundo, baseada na siderurgia e no aproveitamento das jazidas de carvão mineral. Atualmente, a região passa pelo processo de reconversão, com a instalação de empresas de alta tecnologia.
- e) O vale do rio Danúbio abriga as principais concentrações industriais da Europa. Servindo como via de integração entre o leste e o oeste, o vale apresenta variados tipos de indústrias, desde as tradicionais, como a têxtil, até as avançadas indústrias de informática.

- 6** (UFMG) A China, desde meados dos anos setenta, tem passado por grandes transformações sociais e econômicas.

Todas as alternativas apresentam características da China atual, **exceto**:

- a) A China permanece oficialmente socialista, e o Partido Comunista continua a exercer o controle do poder no país.
- b) A propriedade do Estado continua marcante apesar da expansão dos setores cooperativista e privado.
- c) Os ramos vitais da indústria, os bancos, as ferrovias, as telecomunicações e o setor energético continuam sendo controlados pelo Estado.
- d) O setor agrícola permanece intocável e não foi afetado pelas medidas de modernização da economia de mercado.
- e) O sistema econômico continua planejado e centralizado, embora este último aspecto tenda a ser descaracterizado.

- 7** (FEI-SP) A economia da Índia vem crescendo a taxas elevadas. O fenômeno se intensificou após 1991, quando foram realizadas diversas reformas econômicas, como a modernização no setor financeiro, a redução de tarifas de comércio e o incentivo ao capital estrangeiro. Entre as principais características da economia indiana, pode-se considerar como a alternativa **incorreta**:

- a) As empresas públicas (Public Enterprises, PSEs) ainda têm um papel relevante no desempenho industrial indiano.

- b) A agricultura tem tido uma participação decrescente no PIB, mas ainda ocupa por volta de 65% da população economicamente ativa.
- c) A solidez da economia indiana evidencia-se na presença de ótima infraestrutura, ausência de entraves burocráticos e baixo nível de corrupção.
- d) Entre os setores mais dinâmicos da economia indiana estão os de *softwares*, os de tecnologias de informação e de comércio eletrônico.
- e) Tem havido um interesse crescente de investidores estrangeiros pela Índia, uma vez que existe um grande potencial de crescimento do mercado interno devido à crescente urbanização do país.

**8** (Unifesp) A industrialização do Sudeste Asiático ocorreu em duas etapas. Na primeira, surgiram os chamados Tigres de primeira geração, que receberam capital do Japão. Na segunda, eles investiram nos Tigres de segunda geração.

Assinale a alternativa que lista corretamente os Tigres Asiáticos de primeira e de segunda geração.

	Primeira geração	Segunda geração
a)	Coreia do Sul, Taiwan e Cingapura	Indonésia, Malásia e Tailândia
b)	Coreia do Sul, Malásia e Taiwan	Cingapura, Indonésia e Tailândia
c)	Taiwan, Tailândia e Malásia	Coreia do Sul, Cingapura e Indonésia
d)	Coreia do Sul, Cingapura e Indonésia	Malásia, Tailândia e Taiwan
e)	Cingapura, Indonésia e Tailândia	Coreia do Sul, Malásia e Taiwan

**9** (UFSM-RS) Com relação aos fatores locacionais da indústria, pode-se afirmar:

- a) Independentemente do tipo de indústria, os fatores locacionais, em ordem crescente de importância, são a mão de obra, as fontes de energia e as matérias-primas.
- b) A qualificação da força de trabalho foi mais importante nos setores típicos da Primeira Revolução Industrial, o que caracterizou as zonas industriais até meados do século XIX.
- c) Na Segunda Revolução Industrial, as jazidas de carvão mineral condicionavam a localização das fábricas, surgindo grandes regiões industriais em torno das bacias carboníferas de Londres e do Reno-Ruhr.

- d) O mercado consumidor é um dos fatores determinantes da localização da indústria, o que explica a ligação histórica entre o fenômeno industrial e as concentrações urbanas.
- e) Em virtude dos avanços tecnológicos, a indústria contemporânea já pode prescindir das redes de transporte e comunicação, o que explica o atual processo de desconcentração espacial.

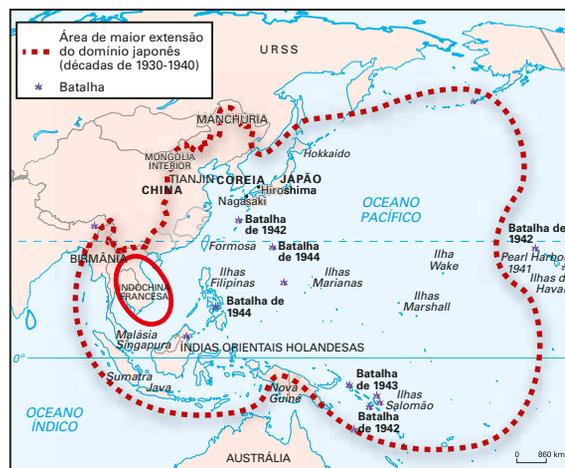
**10** (FGV-SP) Os países conhecidos como Tigres Asiáticos, que se destacam por uma grande pujança econômica, caracterizam-se, basicamente, por:

- a) serem altamente industrializados, porém muito dependentes de matérias-primas;
- b) apresentarem economia baseada no setor primário com emprego de numerosa mão de obra;
- c) exibirem elevados índices de produção de petróleo e aço;
- d) apresentarem agricultura basicamente extensiva e de alta tecnologia;
- e) apresentarem elevada produção industrial destinada essencialmente ao mercado interno.

## Questões de vestibular

 Não escreva no livro

**1** (Fuvest-SP) Observe o mapa.



C. Vicentino, *Atlas Histórico Geral e do Brasil*, 2011.

- a) Explique uma razão do expansionismo japonês nas décadas de 1930 e 1940.
- b) Aponte um país atual da região da antiga Indochina Francesa, destacada no mapa, e caracterize sua posição no contexto industrial mundial do século XXI.

**2** (UFRRJ) Nestes tempos de globalização econômica, a China chama a atenção do mundo em função do seu imenso mercado consumidor e de um sistema político-econômico peculiar, denominado por alguns estudiosos "socialismo de mercado".

- Apresente duas razões que justifiquem a utilização do termo "socialismo de mercado" para definir a situação chinesa.

- 3 (Unicamp-SP) Considerando o território norte-americano após a 2ª Guerra Mundial, o chamado *Sunbelt*, que abrange os Estados da Califórnia, Arizona, Texas, Novo México, Luisiana e Flórida, se destacou pelo dinamismo de sua economia.

- a) Aponte as principais características econômicas do *Sunbelt* americano.
- b) Indique duas características da agricultura norte-americana moderna.

## Outras fontes de reflexão e pesquisa

### Filmes

Apresentamos a seguir algumas sugestões de filmes que abordam o conteúdo tratado nesta Unidade.

- + **A Dama de Ferro**  
Direção: Phyllida Lloyd. Reino Unido e França, 2011, 105 minutos.  
Conta a história da carreira política e do governo da primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher.
- + **Os miseráveis**  
Existem duas versões desse filme:  
Direção: Glenn Jordan. Estados Unidos, 1978, 150 minutos.  
Direção: Tom Hooper. Reino Unido, 2012, 157 minutos.  
Ambientado no século XIX, é uma adaptação do romance homônimo do escritor francês Victor Hugo.
- + **Os selvagens**  
Direção: Oliver Stone. Estados Unidos, 2012, 151 minutos.  
Essa ficção retrata o cotidiano de um cartel mexicano nos Estados Unidos.
- + **Tempos modernos**  
Direção: Charles Chaplin. Estados Unidos, 1936, 85 minutos.  
Crítica mordaz à exploração do trabalhador em fábrica dos Estados Unidos nas décadas de 1920 e 1930.

### Livros

Estes livros poderão ampliar o assunto estudado.

- + **A Europa alemã: a crise do euro e as novas perspectivas de poder**  
Ulrich Beck. São Paulo: Paz e Terra, 2015.  
Escrito por um sociólogo alemão que analisa as relações entre a Alemanha e a União Europeia. Texto didático e atual.
- + **A história da China popular no século XX**  
Shu Seng. São Paulo: Editora FGV, 2012.  
Narrativa dos principais acontecimentos da história chinesa do século XX: Movimento das Cem Flores; O Grande Salto para Frente; A Revolução Cultural; os protestos de Tiananmen e a consolidação da China como potência.

- + **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**  
Thomas Gounet. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.  
O autor, que é editor de uma renomada revista belga, escreve de forma acessível que permite compreender a passagem do fordismo ao toyotismo.
- + **Os mexicanos**  
Sergio Florencio. São Paulo: Contexto, 2014.  
O autor, que já foi embaixador no México, reconstrói as principais características históricas desse povo.
- + **Reze pelas mulheres roubadas**  
Jennifer Clement. São Paulo: Rocco, 2014.  
Ficção e realidade se juntam para retratar a vida de mulheres mexicanas que viveram sob o domínio do narcotráfico.
- + **Trabalho ou emprego?**  
Noêmia Lazzareschi. São Paulo: Paulus, 2007.  
O livro faz uma análise da nova realidade dos mercados de trabalho e das atuais possibilidades de obter emprego e renda na economia globalizada.

### Sites

Os sites indicados a seguir constituem uma boa fonte de pesquisa.

- + <<http://indianembassy.org.br>>  
Site da Embaixada da Índia no Brasil, com informações sobre cultura, geografia e demografia do país.
- + <<http://ambafrance-br.org>>  
Site da Embaixada da França no Brasil, com informações sobre instituições, cultura, modo de vida, economia e política externa do país.
- + <[www.br.emb-japan.go.jp](http://www.br.emb-japan.go.jp)>  
Site da Embaixada do Japão no Brasil, com informações e fotos sobre cultura, ciência e tecnologia.
- + <[www.brasilia.diplo.de](http://www.brasilia.diplo.de)>  
Site da Embaixada da Alemanha no Brasil, com informações sobre política externa, economia, cultura, ciência, pesquisa e comércio exterior do país.
- + <[www.census.gov](http://www.census.gov)>  
Site do U.S. Census Bureau, com estatísticas sobre a população e a economia dos Estados Unidos. Contém mapas e fotos. Em português de Portugal.

# 5

## As atividades terciárias e as fronteiras supranacionais



▼ Montagem do globo terrestre mostrando diferentes modalidades de transportes e diferentes estilos de vida da sociedade moderna ao redor do mundo.

Pablo Scapinachi/Shutterstock/Glow Images



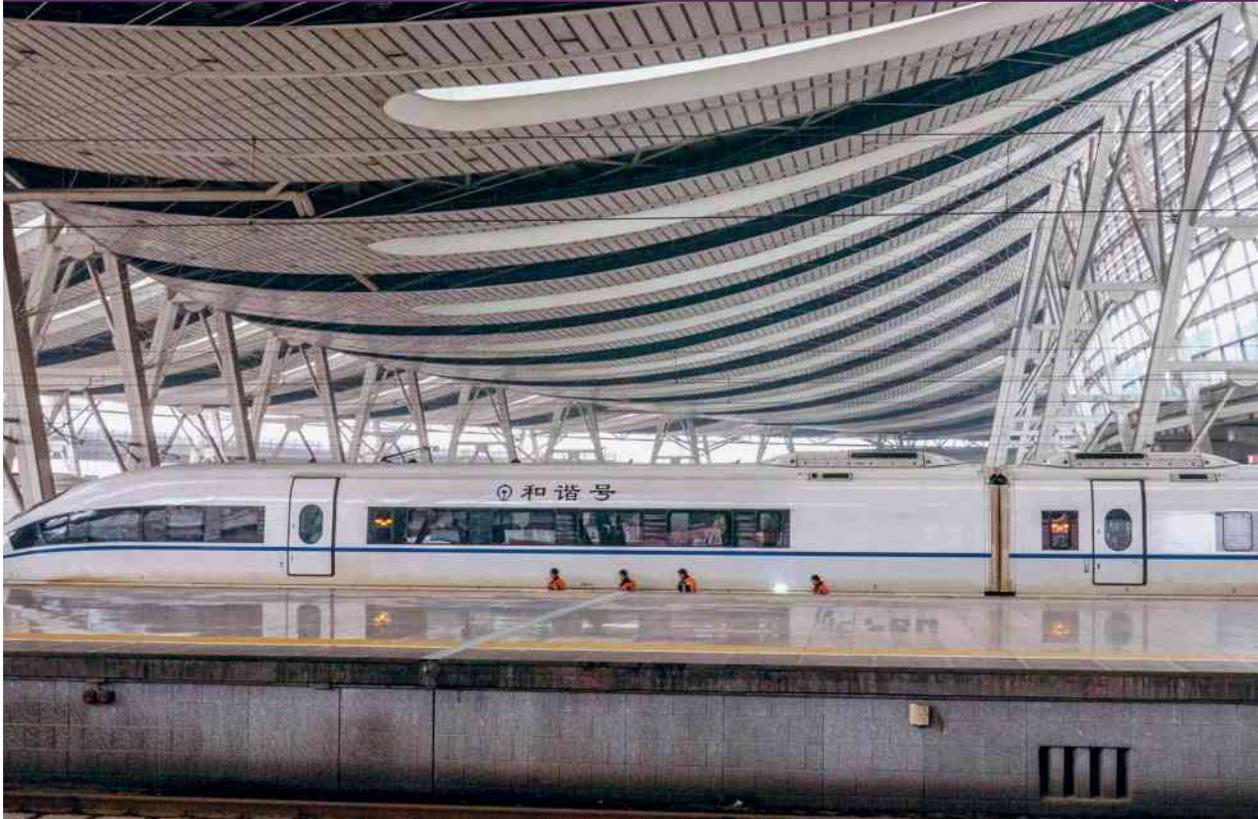
Na atual fase da história do capitalismo, o setor terciário assume uma importância cada vez maior e suas atividades adotam características do setor secundário, como a produção em massa e a substituição do ser humano pela máquina.

Entre as atividades terciárias em grande expansão na economia globalizada estão os meios de transporte, as empresas de telecomunicação, o turismo e o comércio mundial.

Favorecidos pelas novas tecnologias dos transportes e das comunicações, blocos econômicos regionais, organismos internacionais de financiamento (FMI e Banco Mundial) e empresas transnacionais agem no território do Estado-Nação, ultrapassando suas fronteiras e pondo em xeque a própria soberania do Estado.

# Os transportes, as telecomunicações e o turismo

Zhang Peng/LightRocket/Getty Images



Os meios de transporte e de comunicação evoluíram muito entre meados do século XX e a primeira década do século XXI. Toda essa evolução provoca a sensação de que as distâncias diminuíram, porque os lugares ficaram mais acessíveis e o tempo de deslocamento de pessoas e mercadorias passou a ser cada vez menor. Na realidade, os meios de transporte, como os trens de alta velocidade e, sobretudo, o transporte aéreo, facilitaram a integração de lugares distantes. Na foto, trem de alta velocidade em Pequim, China. Foto de 2016.

## Os sistemas de transporte

Aeroportos, aviões, ferrovias, trens, rodovias, automóveis, hidrovias e navios são alguns dos componentes dos sistemas de transporte que permitem o rápido deslocamento de pessoas e de mercadorias. A legislação que rege esses sistemas é geralmente elaborada pelo Estado, mas sua organização e sua gestão podem ser entregues tanto a empresas públicas quanto a empresas privadas.

O planejamento e a construção de instalações que possibilitem contar com meios de transporte eficientes são medidas essenciais para atrair investimentos, uma vez que esses meios contribuem, e muito, para a redução dos custos de produção.

Com o desenvolvimento dos sistemas de transporte, o setor incorporou novos métodos e passou a empregar uma nova terminologia. Hoje, distinguimos os transportes de acordo com o modo e a forma como são utilizados.

## Principais modais de transporte

**Aquaviários.** Reúnem sistemas que usam como vias de transporte mares e oceanos (transportes marítimos), rios e lagos (transportes hidroviários). Apesar do custo elevado, têm a vantagem de transportar grandes volumes de carga. Para realizar esse tipo de transporte, além de construir instalações

portuárias, muitas vezes é preciso modificar o meio físico com grandes obras de engenharia, como canais e hidrovias, retificação do leito de rios e dragagens periódicas para manter a profundidade necessária à navegação.

**Terrestres.** Abrangem os transportes rodoviário, ferroviário e dutoviário (cargas líquidas, sólidas e gasosas). O investimento para montar a infraestrutura desse tipo de transporte é alto, principalmente no caso das ferrovias.

**Aéreos.** Incluem os deslocamentos por avião. Sua principal vantagem é a redução do tempo de deslocamento. Entretanto, além de ser o modal de transporte mais caro, seu funcionamento requer um investimento muito alto em infraestrutura.

### Componentes dos sistemas de transporte

Alguns dos principais componentes dos sistemas de transporte são:

- *os veículos:* automóveis, caminhões, trens, barcos, helicópteros e aviões, que se deslocam por terra, mar e ar.
- *a infraestrutura,* que compreende: vias de transporte — ruas, rodovias, ferrovias, hidrovias, dutos, pontes, túneis, etc. e pontos de chegada e de partida —, rodoviárias, estações ferroviárias, portos, aeroportos, etc.

Os modais de transporte têm importância fundamental em todas as atividades econômicas, mas se destacam no comércio internacional e na movimentação de turistas.

## Principais formas de transporte

**Unimodal.** O transporte é feito por meio de um único veículo e com o mesmo contrato de serviço até o destino final.

**Sucessivo.** Utiliza veículos diferentes de um mesmo modal, com mais de um contrato.

**Segmentado.** A carga é transportada por vários veículos de diferentes modais e com contratos diversos.

**Multimodal.** Utiliza diferentes veículos de diversos modais, porém com um único contrato de serviço.

Essas formas de deslocamento fazem parte de um conceito mais amplo, que reflete o papel dos transportes na globalização: o conceito de *logística*, como é utilizado atualmente em gestão de empresas. Criado a princípio por causa da necessidade de organizar o abastecimento de ração, armamentos e munições dos militares, em economia tem hoje um sentido muito mais amplo.

Podemos considerar logística um conjunto de atividades que permite o planejamento de armazenagem, circulação (transportes) e distribuição de produtos. Tem como principal objetivo criar meios para entregar os produtos de forma segura e adequada ao destino final no tempo mais curto possível, reduzindo os custos.

O transporte é o principal componente desse tipo de logística, que também inclui as telecomunicações, a informática e o armazenamento. A logística deve seguir alguns parâmetros. Os principais são: *custo, tempo e qualidade*.

A escolha do modal de transporte também obedece a outros parâmetros, como o preço do frete, a disponibilidade de horários, a extensão do trecho a ser percorrido e a duração do percurso. Para um melhor resultado, utiliza-se atualmente o geoprocessamento Geographic Information System (GIS) com base no cruzamento de informações e na Cartografia.

▼ O modal de transporte mais utilizado no Brasil é o rodoviário. Na foto, trecho da rodovia Presidente Dutra, no município de São Paulo (SP). Foto de 2016.

Alexandre Tokitaka/Pulsar Imagens



## ● A matriz dos transportes nos continentes

As redes de transporte estão desigualmente distribuídas pelo mundo. Mais uma vez, as diferenças econômicas que caracterizam países desenvolvidos e países não desenvolvidos podem explicar essas desigualdades, muito embora em alguns casos fatores naturais justifiquem a opção por um ou outro modal de transporte.

### ● A matriz dos transportes na Europa

O continente europeu conta com uma complexa e bem estruturada rede de transportes. O litoral extremamente recortado, com **mares costeiros** e **fechados**, penínsulas, ilhas, golfos e cabos, sempre possibilitou uma intensa e importante navegação ao longo da costa europeia. O mar Mediterrâneo, por exemplo, foi fundamental na história do continente e continua sendo importante rota de navegação.

Os principais portos marítimos da Europa são: Roterdã (Países Baixos), ligado por um canal ao mar do Norte; Marselha (França) e Gênova (Itália), no mar Mediterrâneo; Le Havre (França), no canal da Mancha e Odessa (Ucrânia), no mar Negro.

Com uma ótima rede de ferrovias e rodovias, o continente europeu também aproveita muito bem seus recursos fluviais, apesar de não dispor de rios muito extensos. Merece destaque o sistema formado pelos rios Schelde, Mosa, Weser e Elba, onde está o porto de Hamburgo (Alemanha), integrado com a navegação costeira do mar Báltico e do mar do Norte.

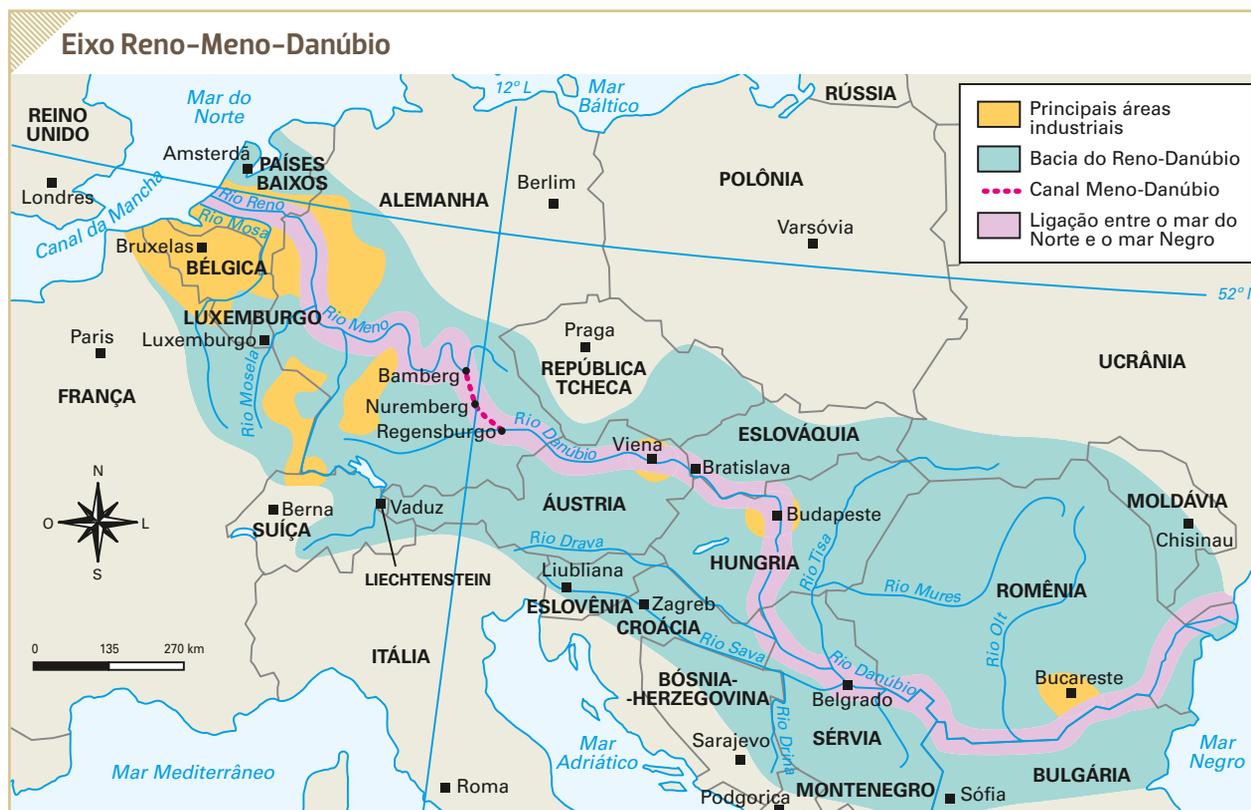
Outras hidrovias fundamentais para as regiões que percorrem são os rios Reno e Danúbio. Desde o final de 1992, as duas principais hidrovias da Europa estão interligadas pelo canal Reno-Meno-Danúbio, que conecta o mar Negro ao mar do Norte. Veja o mapa a seguir.

Os portos fluviais de maior destaque encontram-se em Londres (rio Tâmesa), Paris (rio Sena) e Liège (rio Mosa), entre outras cidades.

**Matriz:** no contexto do que estamos estudando, é um termo empregado para indicar os principais modais de transporte em determinada região. Também indica o tipo de energia usada em um país ou região (matriz energética).

**Mar costeiro:** também chamado mar aberto, comunica-se diretamente com o oceano, como o mar do Norte (Europa) e o mar da China meridional (Ásia).

**Mar fechado:** também chamado mar interior, comunica-se por meio de estreitos com o oceano ou com outros mares. O mar Mediterrâneo (Europa) e o mar Vermelho (África e Ásia) são exemplos de mares fechados.



Adaptado de: LE MONDE Diplomatique. Disponível em: <[www.monde-diplomatique.fr/cartes/liaisonrhindanube](http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/liaisonrhindanube)>. Acesso em: 1ª mar. 2016. Mapa sem data na fonte original.



▼ Contêineres em navio no porto de Roterdã, nos Países Baixos. Foto de 2016.

No transporte ferroviário merecem destaque os trens de alta velocidade TGV (França), AVE (Espanha), Intercit (Bélgica-Holanda-Alemanha), Direttissima (Itália, no trecho entre Florença e Roma), Cisalpino (norte da Itália-Suíça) e Thalys (Paris-Bruxelas-Amsterdã-Colônia). Moderna obra de engenharia, inaugurada em 1994, o Eurotúnel, com 50 km de extensão (37 km sob as águas do canal da Mancha), liga Calais (França) a Dover (Reino Unido). Por ele circula o Eurostar, trem de alta velocidade que percorre os trajetos Paris-Londres e Bruxelas-Londres.

### ● A matriz dos transportes na América

A América do Norte conta com um sistema de transportes bem estruturado, no qual todos os modais estão representados. Vale ressaltar o papel do transporte ferroviário e da navegação fluvial na conquista de grande parte dessa porção do continente americano, principalmente do território hoje ocupado pelos Estados Unidos e pelo Canadá, países desenvolvidos e de dimensões continentais.

As ferrovias levaram o povoamento de origem europeia ao oeste desses dois países, promovendo a formação de cidades ao longo de seus trilhos. A construção de ferrovias transcontinentais possibilitou a integração das regiões litorâneas leste e oeste da América do Norte.

Hidrovias, como a da bacia dos rios Mississípi-Missouri e a ligação dos Grandes Lagos (fronteira Estados

Unidos-Canadá) com o oceano Atlântico, por meio do rio São Lourenço, também foram essenciais para a ocupação e o posterior desenvolvimento econômico das áreas ribeirinhas.

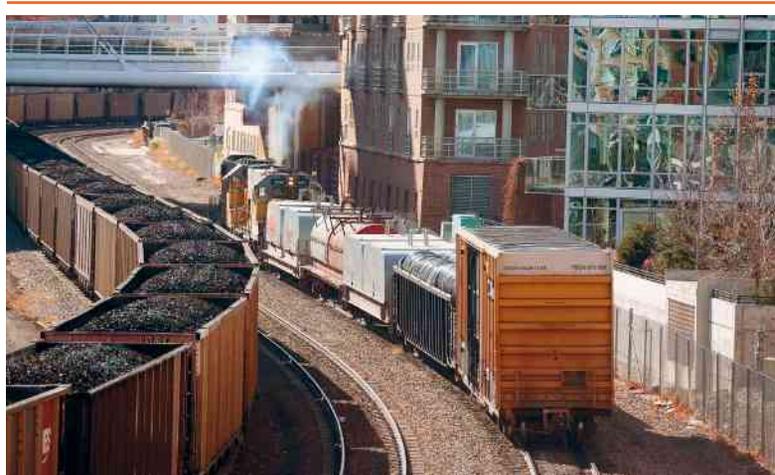
Apesar de contar com rodovias extensas e bem pavimentadas, essa parte da América do Norte não tem o transporte rodoviário como padrão de transporte de cargas, predominantemente realizado pelo modal ferroviário.

Quanto ao modal de transporte aéreo, apesar da crise no setor após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos ainda são os maiores usuários do mundo, tanto em

voos nacionais como internacionais. Nesse país encontram-se os aeroportos mais movimentados do planeta em número de passageiros transportados. Além disso, as companhias aéreas estadunidenses contam com as maiores frotas entre as suas congêneres do mundo.

Apesar de não ser desenvolvido como seus vizinhos, o México conta com uma rede rodoviária bem aparelhada, com rodovias modernas, como a Autopista del Sol, que liga Cuernavaca a Acapulco, e as ligações Puebla-Oaxaca, Cidade do México-Toluca, Campeche-Mérida, entre outras.

Os transportes marítimos têm importante participação no comércio exterior nesse subcontinente banhado pelos oceanos Atlântico e Pacífico. Entre seus principais portos marítimos podemos citar: Halifax e Vancouver (Canadá); Houston, Los Angeles, Nova Orleans, Nova York e São Francisco (Estados Unidos); Tampico e Vera Cruz (México).



▼ Trem de carga em Denver, no Colorado, Estados Unidos. Foto de 2015.

A América do Sul ressentia-se da falta de integração de seus sistemas de transporte. Além disso, não há uma efetiva ligação de suas áreas litorâneas, que em geral são as mais desenvolvidas economicamente, com o interior do subcontinente.

As ferrovias tiveram pequena participação como fator de povoamento e progresso, se comparadas às da América do Norte. As poucas e pequenas estradas de ferro existentes eram usadas para o transporte de produtos destinados às metrópoles. Há relativamente pouco tempo, as bacias hidrográficas come-

çaram a ser aproveitadas para o transporte de mercadorias, porém de forma ainda insuficiente.

O Brasil, país mais extenso dessa parte do continente americano, tem como matriz de transportes o modal rodoviário.

Entre os portos marítimos, destacam-se: Santos, Rio de Janeiro, Paranaguá, Tubarão e Suape (Brasil); Buenos Aires e Bahía Blanca (Argentina); Valparaíso e Antofagasta (Chile); Cartagena (Colômbia); Maracaibo (Venezuela); Guayaquil (Equador); Montevidéu (Uruguai).

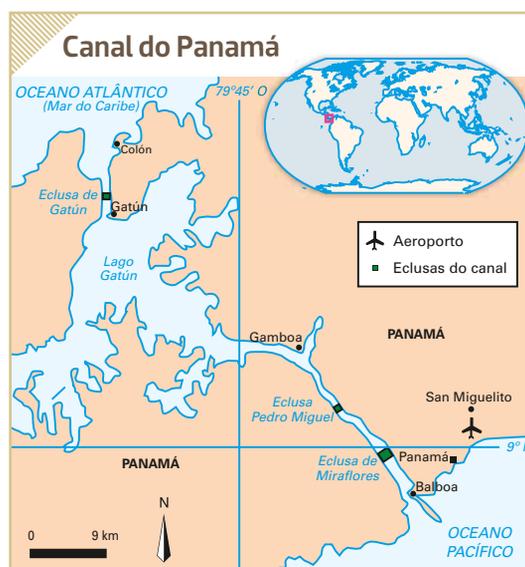
## Canal do Panamá: uma importante via de circulação da América Central

Inaugurado em 1914, o canal do Panamá corta a América Central, ligando Colón (no oceano Atlântico) a Balboa (no oceano Pacífico). Sua construção, que envolveu franceses e estadunidenses, foi uma das maiores obras de engenharia entre os séculos XIX e XX.

O canal facilitou a ligação da Europa ocidental e da costa leste da América com o oceano Pacífico. Para vencer os obstáculos do relevo montanhoso da região, foram construídas três **eclusas**: Gatún, Pedro Miguel e Miraflores, que elevam e fazem descer os navios nos desníveis existentes em seus 82 km de extensão. Antes de sua inauguração, era preciso contornar o extremo sul da América do Sul.

Desde sua abertura até 31 de dezembro de 1999, o canal foi administrado pelos Estados Unidos. A partir de então, passou para o controle do governo panamenho.

Com o desenvolvimento da indústria naval, o canal correu o risco de se tornar obsoleto. Para adequá-lo aos modernos transatlânticos, foi concebido um projeto de ampliação que abrange a construção de mais três eclusas, o alargamento e o aprofundamento dos canais de navegação. Sua conclusão está prevista para 2025.



Adaptado de: GUIA Geográfico Américas. Disponível em: <<http://guiageo-americas.com/mapas/canalpanama.htm>>. Acesso em: 1ª mar. 2016. Mapa sem data na fonte original.

**Eclusa:** compartimento construído em rio ou canal, com duas comportas, uma em cada extremidade, separando dois níveis de água. É usada para elevar e fazer descer embarcações, facilitando a navegação em locais onde há desníveis (barragens, quedas de água ou corredeiras).

## ● A matriz dos transportes na Ásia

O maior continente do mundo não conta com boas vias de transporte rodoviário e ferroviário. A única ferrovia transcontinental é a Transiberiana, cujo eixo principal, com mais de 9 mil quilômetros de extensão, liga Moscou a Vladivostok (Rússia). Do eixo principal saem ramificações, como a Transmanchuriana, que chega até Pequim (China), e a Trans-

mongoliana, que segue até Ulan Bator, capital da Mongólia, e daí para Pequim.

Em 1991, outra rota que passa pela margem norte do lago Baikal (Rússia) e se dirige para o nordeste foi finalmente concluída, depois de mais de cinquenta anos de trabalhos esporádicos. É a **linha Baikal-Amur**, que começa na Transiberiana e chega ao litoral do Pacífico, bem ao norte de Vladivostok. Observe o mapa da página 231.



Almaps/Arquivo da editora

Adaptado de: WAY to Russia. Disponível em: <[www.waytorussia.net/Transport/Timetables/TransSiberian.html](http://www.waytorussia.net/Transport/Timetables/TransSiberian.html)>. Acesso em: 1ª mar. 2016. Mapa sem data na fonte original.

Os países asiáticos que contam com redes de transporte mais estruturadas são: Japão, China e Coreia do Sul. Na Índia e no Paquistão, destaca-se o eixo ferroviário Calcutá-Mumbai-Nova Délhi-Lahore.

A Ásia destaca-se por contar com nove entre os dez principais portos do mundo em movimentação de cargas. Veja a tabela abaixo. As vias fluviais são razoavelmente aproveitadas na China, na Índia e nos países do Sudeste Asiático, com destaque para o rio Mekong, na Tailândia.

#### Principais portos do mundo em movimentação de cargas — 2015

Rank	Porto	País
1	Xangai	China
2	Cingapura	Cingapura
3	Shenzhen	China
4	Hong Kong	China
5	Busan	Coreia do Sul
6	Ningbo-Zhoushan	China
7	Qingdao	China
8	Guangzhou	China
9	Jebel Ali Port (Dubai)	Emirados Árabes Unidos
10	Tianjin	China

Fonte: COSTA, Carolina. *Jornal Canal 16* (canal de informações da Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante. Disponível em: <<http://jornalcanal16.com.br/site/pt/pt/10-maiores-portos-do-mundo>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

As rotas de transporte mais importantes para os países asiáticos são:

- *A bacia do Pacífico*: ponto de ligação do Japão com os “Tigres Asiáticos” e da Ásia com a Oceania e a América. Essa rota é tão importante que constitui um bloco econômico informal.
- *A rota do petróleo*: via de escoamento da produção petrolífera do Oriente Médio, através do golfo Pérsico, do mar Vermelho e do canal de Suez, para o mar Mediterrâneo e para os mercados mundiais.



Ding Ting/Xinhua Press/Corbis/Fotorena

Porto de Xangai, na China, um dos maiores do mundo. Foto de 2015.

## Rota da Seda: infinita *highway*

Único meio de intercâmbio entre o Oriente e o Ocidente por mais de mil anos, a Rota da Seda [ver mapa abaixo] viu passar comerciantes persas, chineses, árabes e europeus, além de soldados e aventureiros como Marco Polo.

[...] “As primeiras referências aos caminhos que posteriormente seriam chamados de Rota da Seda surgiram na Pérsia, no século 8 a.C.”, diz o historiador e arqueólogo Frantz Grenet, da École Normale Supérieure de Paris, França. Diferentemente dos gregos e babilônios, cuja força era representada nas cidades-Estados, os persas se mantiveram nômades ou seminômades. Suas caravanas cruzavam os acidentados terrenos da região entre as montanhas do atual Afeganistão e os desertos do Irã. “A maior parte desses caminhos era conhecida há séculos pelos povos de origem persa: os sogdianos, que habitavam o atual Usbequistão, os partas, arianos e bactrianos, do atual Afeganistão, e os aracosianos, que viviam onde hoje é o Paquistão”, afirma Grenet. Muito antes de o Império Persa existir, esses povos migratórios já comercializavam seda com chineses e vendiam seus tecidos a romanos

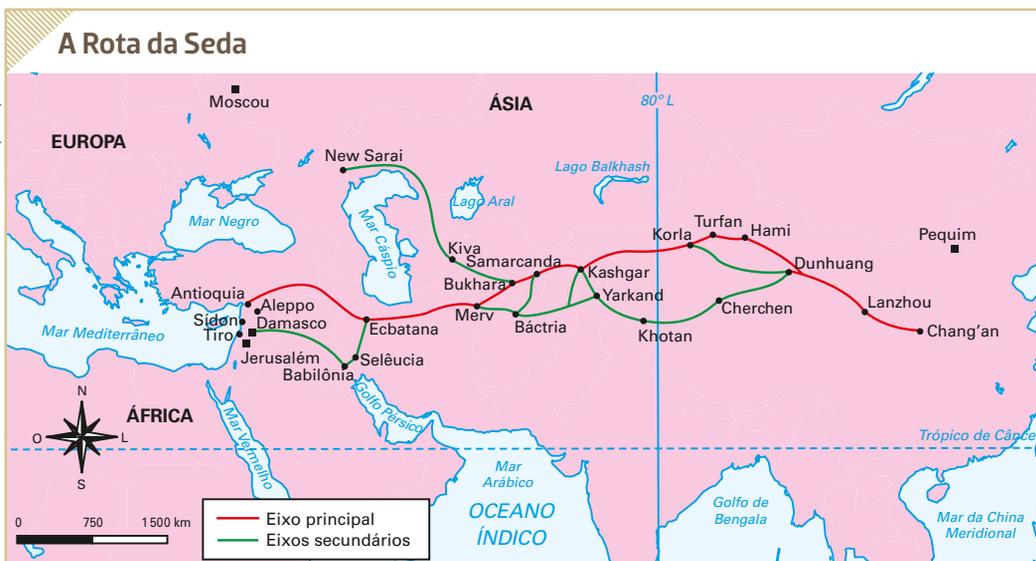
e cartagineses em Damasco e Antioquia, na Síria. “Os caminhos abertos por essas caravanas deram origem à Rota da Seda”, diz o arqueólogo francês.

A unificação e a expansão do Império Persa, primeiro sob o poder de Ciro, depois com Dario, no século 6 a.C., deram aos persas o controle sobre um território que ia das montanhas da Grécia ao vale do rio Indo, na Índia, passando pela Turquia e Mesopotâmia. As caravanas vindas do Oeste traziam ouro, marfim e peles de animais da costa africana, cavalos e camelos da Babilônia, vinhos e ferro da Turquia. Da China vinham seda, perfumes e ervas aromáticas, além do almíscar tibetano. Nem a conquista do Império por Alexandre, o Grande, em 330 a.C., interromperia o que havia se tornado a avenida central do mundo. Quando Alexandre morreu, era possível trafegar do Egito ao Afeganistão, da Índia à Grécia, falando uma só língua: a do comércio.

SOMMA, Isabelle. *Aventuras na História*. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/rota-seda-infinita-highway-434345.shtml>. Acesso em: 1º mar. 2016.

**+** **Faça uma pesquisa sobre a Rota da Seda. Procure obter informações atuais sobre esse percurso.**

Alimaps/Arquivo da editora



**Não escreva no livro**

Adaptado de: SITE DO ORIENTE. Disponível em: <www.sitedooriente.com/2011/11/rota-da-seda.html>. Acesso em: 1º mar. 2016. Mapa sem data na fonte original.

## ● A matriz dos transportes na África e na Oceania

Na África, os transportes são muito precários. As ferrovias que ligam o interior aos portos do continente são uma herança do domínio colonial. Entre elas estão as conexões da República Democrática do Congo, Zâmbia e Angola com o porto de Lobito

(Angola); e de Uganda e Quênia com o porto de Mombasa (Quênia).

No que se refere à navegação, destaca-se a importância do Canal de Suez, localizado no Egito, norte da África, que permite aos navios viajar entre a Europa e a Ásia meridional sem ter de contornar o continente africano (veja o boxe da página 233).

A África do Sul tem a melhor estrutura de transportes da África. Conta com cerca de 2400 km de autoestradas em bom estado de conservação. Cerca de 80% das vias férreas do continente encontram-se em seu território.

Aproximadamente 96% das exportações do país são transportadas por via marítima. Os principais portos são: Durban, Porto Elizabeth e Richard's Bay. Durban é o porto com maior movimentação de contêineres em toda a África meridional. Em 2009, começou a funcionar o terminal marítimo de Ngqura (próximo a Porto Elizabeth), porto de águas mais

profundas do continente africano que serve a Zona de Desenvolvimento Industrial de Coega.

Mais de cinquenta companhias aéreas, que transportam cerca de 33 milhões de passageiros por ano, movimentam-se entre os dez principais aeroportos da África do Sul: Johannesburg, Cidade do Cabo e Durban (internacionais); Porto Elizabeth, East London, George, Kimberley, Upington, Bloemfontein e Pilansberg (nacionais). O Aeroporto Internacional de Oliver Tambo, de Johannesburg, é o de maior tráfego na África, com cerca de 8,9 milhões de partidas de passageiros por ano.

## Canal de Suez

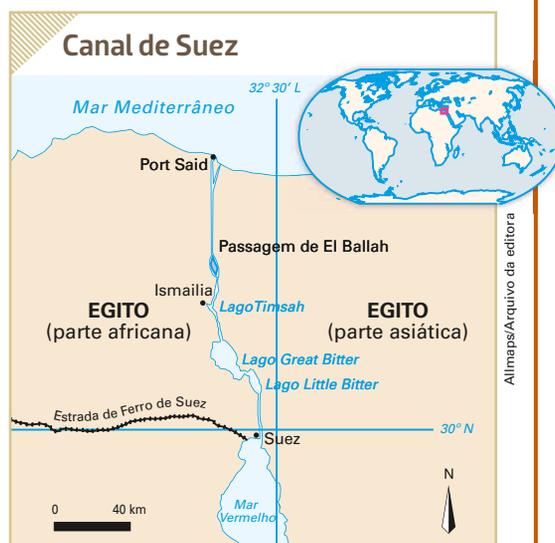
Construído por uma empresa francesa com a participação de milhares de trabalhadores egípcios, o canal de Suez, que liga o mar Mediterrâneo ao mar Vermelho, foi inaugurado em 17 de novembro de 1869. Seus primeiros proprietários foram franceses e egípcios.

No começo dos anos 1880, contudo, o Egito encontrava-se às voltas com uma enorme dívida externa. Para tentar sair da crise, em 1882 vendeu aos ingleses a parte que lhe cabia no canal.

Em 1956, o então presidente egípcio, Gamal Abdel Nasser, decretou a nacionalização do canal de Suez. A medida deu início a uma crise que terminou com a ONU legitimando a posse do canal pelos egípcios.

Suez é fundamental para a rota que liga o oceano Índico ao mar Mediterrâneo e para os navios petroleiros que se dirigem à Europa, provenientes do golfo Pérsico.

Diferentemente do canal do Panamá, Suez não opera com eclusas, pois não atravessa um terreno acidentado. Seus 163 km de extensão são geralmente percorridos entre onze e dezesseis horas. Por ele circulam cerca de 14% do comércio mundial de mercadorias.



Adaptado de: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 48; WORLD Atlas. Disponível em: <[www.worldatlas.com/aatlas/infopage/suezcanal.htm](http://www.worldatlas.com/aatlas/infopage/suezcanal.htm)>. Acesso em: 5 mar. 2016. Mapa sem data na fonte original.



➤ O canal de Suez, projetado pelo francês Ferdinand de Lesseps, foi inaugurado oficialmente em 1869, ligando Port Said, no mar Mediterrâneo, a Suez, no mar Vermelho. Na foto, trecho do canal em 2015.



Neil Farrin/AlCorbis/Contrasto

▼ Trem chegando na estação de Rabat, no Marrocos, norte da África. Foto de 2015.

Os países do Magreb (Argélia, Tunísia e Marrocos, no norte da África) são interligados por vias férreas.

As rodovias são importantes no norte da África (Egito, Tunísia, Argélia, Marrocos), na África do Sul e também no Quênia e no Congo. O rio Nilo é a grande hidrovia do continente.

Na Oceania, o país que se destaca é a Austrália. Com um território de quase 7,7 milhões de quilômetros quadrados e uma costa litorânea que se estende por aproximadamente 26 mil quilômetros, a Austrália dispõe de uma rede de rodovias bem estruturada, concentrada no sudeste do país, e uma moderna, ampla e eficiente malha aérea.

## ■ As redes de comunicação e de informação

Os meios de comunicação também evoluíram muito desde o final do século XIX, com a invenção do telefone fixo, do rádio, da televisão, do telefone celular e, principalmente, da rede mundial de computadores, a internet. As telecomunicações por meio de satélites, assim como os modernos meios de transporte, estão entre os grandes responsáveis pela formação do que chamamos *economia-mundo* e pelo desenvolvimento do turismo no mundo globalizado.

Se quiser saber a importância das tecnologias da telecomunicação e da informação, experimente “viver sem elas”. A afirmação não é exagerada. Basta ver, por exemplo, que hoje em dia celulares e computadores pessoais tornaram-se quase indispensáveis em nossa vida.

Chamamos telecomunicação ou tecnologia de informação e comunicação (TIC) a comunicação que utiliza transmissão eletrônica de sinais de um emissor para um receptor.

Os meios de comunicação diferem quanto à capacidade e à velocidade de transmissão, quanto ao custo e à segurança. Podem atuar através do meio físico (**par trançado**, **cabo coaxial** e fibra óptica) e através do espaço (micro-ondas, satélites, rádio, celulares, infravermelho).

**Par trançado e cabo coaxial:** tipos de cabeamento (cabo transmissor) utilizados em sistema de transmissão de dados. O par trançado é um par de fios entrelaçados para cancelar as interferências eletromagnéticas de fontes externas e as interferências mútuas (linha cruzada) entre cabos vizinhos. O cabo coaxial permite que os dados sejam transmitidos em uma distância maior que a permitida pelos cabos de par trançado, porém não são tão flexíveis e são mais caros que estes. A matéria-prima fundamental utilizada na fabricação desses cabos é o cobre, por oferecer ótima condutividade e baixo custo.

Também denominados transportes invisíveis, permitem a comunicação imediata entre sedes de empresas transnacionais e suas filiais espalhadas pelo mundo. Essa velocidade de transmissão de informações só foi possível graças ao aperfeiçoamento das ligações telefônicas, à invenção do fax (transmissão de imagem por telefone), e à utilização de satélites nas telecomunicações.

Essas novas formas de comunicação a distância deram caráter quase instantâneo às conexões em qualquer lugar da Terra.

Nas últimas décadas, a união entre a informação digitalizada e as telecomunicações deu origem à telemática, com a qual toda informação armazenada em computadores pode ser transmitida por redes de comunicação. Essas redes podem ligar alguns computadores ou milhares deles, como na internet, que utiliza cabos terrestres, cabos submarinos e conexões via satélite.

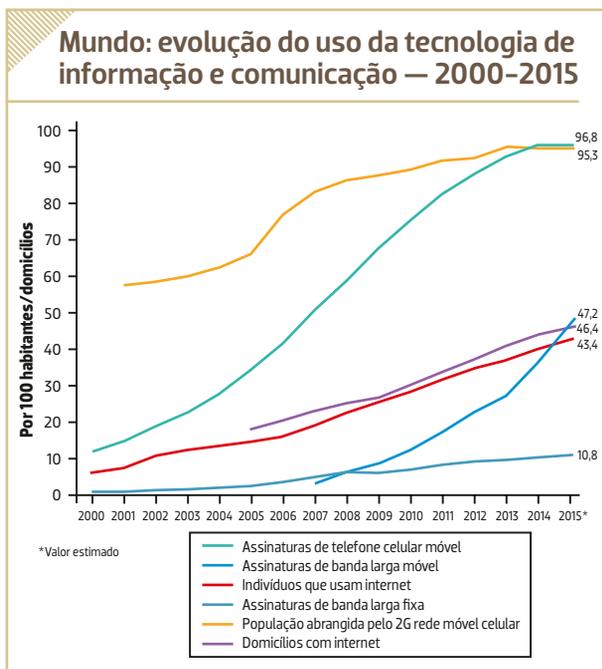
A internet revolucionou as formas de comunicação e o acesso à informação. Organismos internacionais, jornais, revistas, governos locais mantêm *sites* que permitem o acesso a notícias, artigos e estatísticas. Pelo correio eletrônico (*e-mail*), é possível comunicar-se ou realizar negócios com pessoas ou empresas em qualquer lugar do mundo. Por exemplo, graças à internet, o capital especulativo pode ser aplicado de manhã em um mercado e transferido na tarde do mesmo dia para outra praça.



Antônio Robson/Arquivo da editora

## ● Uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC)

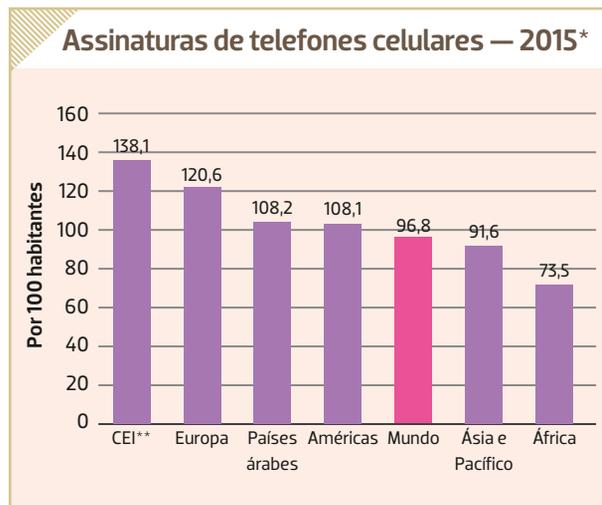
Pessoas e empresas vêm adotando cada vez mais a tecnologia de informação e comunicação. Observe a evolução no uso dessa moderna tecnologia no gráfico a seguir.



Arte Ação/Arquivo da editora

Adaptado de: ICT. Fact and Figures: The World in 2015. Disponível em: <[www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/ICTFactsFigures2015.pdf](http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/ICTFactsFigures2015.pdf)>. Acesso em: 5 mar. 2016.

A tecnologia que mais aumentou foi a dos telefones celulares. Ao mesmo tempo, o número de telefones fixos diminuiu. Em 2003, a rede de celulares cobria 61% do globo. Em 2010, havia se expandido para 90%. Em 2000, eram 719 milhões de aparelhos. Em 2015, esse número saltou para 7 bilhões, concentrados nos países em desenvolvimento. Observe o gráfico a seguir.



Banco de imagens/Arquivo da editora

\* Estimativa. \*\* Comunidade dos Estados Independentes.

Adaptado de: UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (ITU). Disponível em: <[www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/publications/wtid.aspx](http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/publications/wtid.aspx)>. Acesso em: 29 fev. 2016.

O desenvolvimento das telecomunicações permite ampliar os serviços, mas gera, a curto ou a longo prazo, um desnível tecnológico entre os países e, dentro destes, entre setores da população com níveis socioeconômicos diferentes.

Os países ricos dominam o mercado das telecomunicações, vendendo seus produtos e implantando sua tecnologia no mundo. Mas essa tecnologia tem crescido bastante em países emergentes e em desenvolvimento. Como são, geralmente, países muito populosos, é neles que tem aumentado mais o número de usuários. As regiões em que esse aumento mais acontece são o sul e o leste da Ásia, a Oceania, a África e a Comunidade dos Estados Independentes (CEI).

A União Internacional de Telecomunicações (em inglês, ITU) elabora o Índice de Desenvolvimento de Tecnologias de Informação e Comunicação (IDI). Esse índice leva em consideração a infraestrutura de acesso à internet, a telefones celulares e fixos, domicílios com computadores e o número de usuários dessas tecnologias. Veja na tabela da página 236 os países mais bem colocados em 2015 e sua situação em 2012.

## Índice de desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação: principais países

País	Rank – 2012	Rank – 2015
Coreia do Sul	1	1
Dinamarca	2	2
Islândia	4	3
Reino Unido	7	4
Suécia	3	5
Luxemburgo	9	6
Suíça	11	7
Países Baixos	5	8
Hong Kong	11	9
Noruega	6	10

Fonte: UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (ITU). *Measuring the Information Society 2015*. Disponível em: <[www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/misr2015/MISR2015-w5.pdf](http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/misr2015/MISR2015-w5.pdf)>. Acesso em: 5 mar. 2016.

## A atividade turística

O turismo, que compreende cerca de um terço do total global da renda gerada no setor de serviços, vem crescendo nas últimas décadas. De 1950 a 1990, o fluxo mundial de turistas aumentou de 25 milhões para 438 milhões de pessoas. De 1990 até 2014, passou para 1 133 milhões. A renda do setor em 2014 chegou a 1 245 bilhão de dólares.

O turismo tem se tornado muito importante na economia mundial. Veja a figura a seguir.

### Turismo mundial – 2014

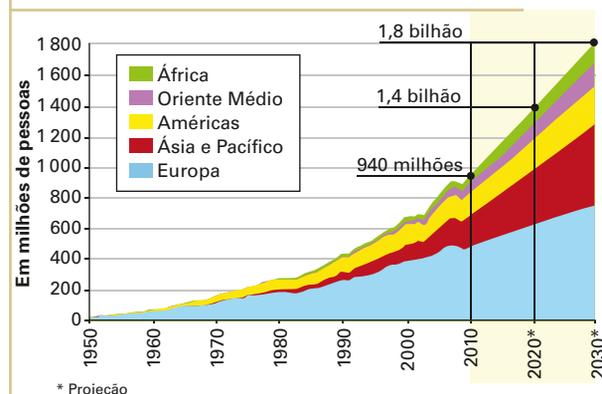
**9%** PIB mundial  
**1 em 11** empregos  
**1,5** trilhão de dólares em exportações  
**6%** das exportações mundiais  
 de **25** milhões de turistas internacionais em 1950...  
 ... para **1 133** milhões em 2014  
**5 a 6** bilhões de turistas domésticos  
**1,8** bilhão de turistas internacionais até 2030

Adaptado de: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. *Tourism Highlights – 2015 Edition*. p. 3. Disponível em: <[www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899](http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899)>. Acesso em: 5 mar. 2016.

A Organização Mundial de Turismo estima que, em 2030, a movimentação de turistas internacionais deve chegar a 1,8 bilhão de pessoas, como indica o gráfico a seguir. Esse número terá importantes efeitos

econômicos, mas seu impacto ambiental ainda não foi dimensionado. O deslocamento de mais de 1,5 bilhão de pessoas pelo mundo, com amplo consumo de bens e serviços, particularmente de energia, pode ter graves consequências para o meio ambiente.

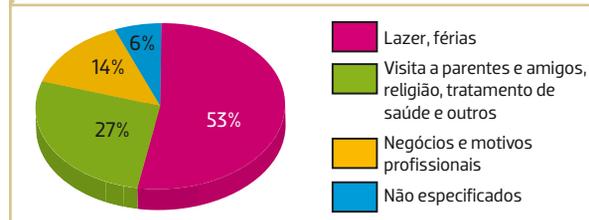
### Entrada de turistas internacionais – 1950-2030



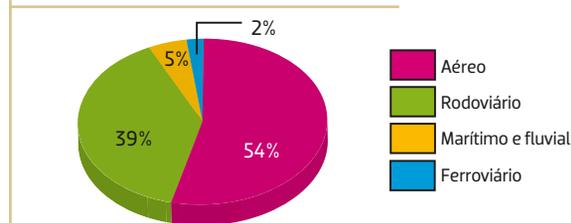
Adaptado de: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. *Tourism 2020 Vision*. Disponível em: <[www.unwto.org/facts/eng/vision.htm](http://www.unwto.org/facts/eng/vision.htm)>. Acesso em: 5 mar. 2016.

Mais da metade das viagens do turismo internacional é realizada para lazer e diversão. O modal de transporte mais utilizado é o aéreo. Veja os gráficos.

### Turismo: segundo o motivo da visita – 2014



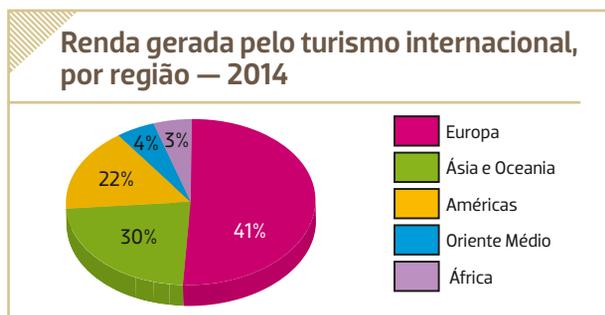
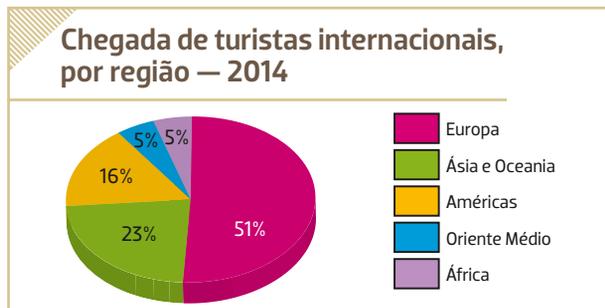
### Turismo: segundo o modal de transporte – 2014



Gráficos adaptados de: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. *Tourism Highlights – 2015 Edition*. Disponível em: <[www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899](http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899)>. Acesso em: 5 mar. 2016.

O continente que mais recebeu turistas em 2014 foi a Europa (veja os gráficos da página 237), e a França foi o país mais visitado por estrangeiros (83,7 milhões de visitantes, segundo a Organização Mundial de

Turismo), seguida pelos Estados Unidos (com 74,8 milhões), Espanha (com 65 milhões), China (com 55,6 milhões) e Itália (48,6 milhões). A Europa foi o continente mais visitado, mas os Estados Unidos obtiveram maior renda gerada pelo turismo, no mesmo ano, seguidos por Espanha, China, França e Itália.



Gráficos adaptados de: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. *Tourism Highlights - 2015 Edition*. Disponível em: <[www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899](http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899)>. Acesso em: 5 mar. 2016.

Na Europa, depois da França, os países mais visitados por turistas foram Espanha, Itália, Reino Unido, Turquia e Alemanha. Quase 40% dos turistas que se dirigiram ao continente americano em 2014 procuraram os Estados Unidos. Os demais visitaram, principalmente, o México (20 milhões), o Canadá (16 milhões) e o Brasil (8 milhões).

Novos destinos, principalmente em países em desenvolvimento do Sudeste Asiático, da África e da América do Sul e Central, têm se somado aos tradicionais pontos turísticos da Europa e da América do Norte.

Na Ásia (sem considerar o Oriente Médio), o primeiro país em número de visitantes foi a China, seguido de Malásia, Tailândia, Japão, Cingapura, Coreia do Sul e Índia. Na Oceania, Austrália, Nova Zelândia, Guam e Fiji são os países que mais receberam turistas.

No Oriente Médio os lugares mais visitados foram Arábia Saudita, Bahrein, Egito, Emirados Árabes Unidos, Israel e Jordânia. No continente africano, África do Sul, Marrocos e Tunísia são os países que mais se destacam na atividade turística.

## Atividades ligadas ao turismo

Várias atividades do setor de serviços estão ligadas ao turismo, entre as quais as que envolvem hotéis, restaurantes, museus, galerias, monumentos históricos, templos religiosos, etc. Agências de viagens, operadoras e empresas de transporte completam esse mundo, que compreende, ainda, a edição de guias turísticos de diferentes lugares do mundo (mercado editorial) e a produção de suvenires.

O turismo cria empregos que nem sempre são bem remunerados. Em regiões que recebem muitos visitantes, é inevitável a presença de vendedores oferecendo lembranças e objetos típicos do lugar.

Nos países não desenvolvidos, a população local, muitas vezes sem formação específica para desempenhar as funções oferecidas, procura se beneficiar dessas atividades mesmo recebendo baixos salários.

Com a internacionalização da economia, o turismo de negócios tem crescido bastante em todo o mundo e envolve a promoção de eventos, feiras e congressos, favorecendo vários outros setores e tornando atraentes cidades que, até então, não despertavam interesse turístico. É o caso de São Paulo, que realiza variados eventos por ano. O turismo de negócios tem atraído para a cidade investimentos no setor hoteleiro, e hoje conta com várias redes internacionais. Além disso, contribui para o faturamento de restaurantes, casas noturnas, serviços de táxi, etc.

A procura por belas paisagens, ambientes naturais preservados e animais exóticos aquece outro ramo do turismo que está cada vez mais em alta: o *ecoturismo*. No Brasil, a Amazônia, o Pantanal, a chapada Diamantina e a mata Atlântica são locais onde se desenvolve esse tipo de atividade turística.



▼ Turistas no Parque Ecológico Iracema Falls, em Presidente Figueiredo (AM). Foto de 2015.

## Turismo: olhar além da paisagem

As razões que motivam as pessoas a viajar, ou seja, a praticar o turismo, variam muito: podem ser pessoais ou profissionais; de lazer ou para tratamentos de saúde; relacionadas à religião ou ao estudo. Para cada um desses motivos, é possível determinar certas características necessárias no território que se pretende visitar.

Sendo assim, podemos identificar, segundo o Ministério do Turismo, os seguintes tipos de turismo: ecoturismo; turismo cultural; turismo de estudos e intercâmbio; turismo de esportes; turismo de pesca; turismo náutico; turismo de aventura; turismo de sol e praia; turismo de negócios e eventos; turismo rural e turismo de saúde.

Toda a prática do turismo se relaciona com a Geografia, uma vez que é realizada e desenvolvida no

espaço geográfico, além de se apropriar de elementos naturais (praias, rios, montanhas, etc.) para acontecer. Contudo, o turismo também pode ser relacionado a outras ciências. O ecoturismo, o turismo de pesca, o turismo rural, por exemplo, podem ser relacionados à Biologia; o turismo cultural e o turismo de estudos e intercâmbio são atrelados a todas as ciências, dependendo do objetivo do estudo e do elemento da cultura buscado.

Assim como acontece em relação à Geografia, a História e a Sociologia são ciências que podem ser atreladas com a prática turística, já que essa atividade proporciona o contato, o conhecimento e a vivência da história das culturas e das sociedades que ocupam o espaço geográfico visitado.

### México

O México possui inúmeras atrações turísticas e tem uma rica história, que começa mesmo antes de os europeus chegarem à América. Astecas, olmecas e maias são alguns dos povos que ocupavam as terras que viriam a formar o território mexicano. Esses povos apresentaram um grande desenvolvimento científico em Medicina, Astronomia, Matemática e Arquitetura.

O Império pré-hispânico (período anterior à chegada e à ocupação espanhola) Asteca se estendia por uma grande área e apresentava uma enorme riqueza política, científica, cultural e religiosa. O centro político e econômico desse império era a cidade de Tenochtitlán, que no seu auge possuía mais de 300 mil habitantes.

Os astecas eram politeístas e cultuavam deuses que se relacionavam aos elementos da natureza (Sol, Lua, chuva) e aos elementos culturais (guerra, dança, caça). Para homenageá-los, os astecas realizavam sacrifícios e construía templos, como o Templo Maior, em Tenochtitlán, que era dedicado a Huitzilopochtli, deus da guerra, e Tláloc, deus da chuva. A sociedade asteca era organizada política e economicamente, com o imperador no topo e os agricultores na sua base; entre eles, havia os nobres: sacerdotes, líderes militares e funcionários públicos.

Após a chegada dos espanhóis e a subjugação do Império Asteca (pelas mãos do conquistador espanhol Hernán Cortéz), a cidade de Tenochtitlán, símbolo do poder e da grandeza asteca, foi destruída e, sobre ela,



▼ Ruínas do Templo Maior, na Cidade do México, capital do México. Ao fundo, podemos ver a Catedral Metropolitana. Foto de 2014.

construída a atual Cidade do México. O Templo Maior também foi destruído e suas ruínas foram utilizadas para a construção da Catedral Metropolitana.

Como a Cidade do México sobrepôs Tenochtitlán, dentro da ocupação urbana atual da cidade — com ruas, empresas, fábricas, comércio e relações sociais, econômicas, políticas e culturais — é possível encontrar ruínas e zonas arqueológicas, como a do Templo Maior: onde passado e presente coexistem.

Estar presente nessa cidade vai além de conhecer suas relações socioeconômicas dentro do contexto atual da globalização. Inclui, também, conhecer e ter a possibilidade de vivenciar a cultura asteca e seus registros dentro da cultura atual da sociedade mexicana, por meio de visitas aos museus e aos monumentos históricos.

Além do turismo cultural, o México apresenta um grande potencial turístico dos tipos de aventura e de sol e praia. Um grande polo turístico desse setor é Cancún, na península de Yucatán, que apresenta belas paisagens naturais.

▼ Vista aérea de *resort* em Cancún, no México, destino turístico muito procurado por pessoas do mundo todo. Foto de 2014.



Svetaleo/Stockphoto/Getty Images

## Brasil

Assim como o México, o Brasil possui cidades onde o presente e o passado coexistem e que apresentam belas paisagens naturais.

Salvador é uma das mais antigas cidades do Brasil e reúne uma coleção de elementos históricos (de diferentes períodos) e a presença de elementos mais modernos, relacionados à atual fase de desenvolvimento da sociedade globalizada.

No coração do centro histórico, na Cidade Alta, estão o Pelourinho e o Largo do Terreiro de Jesus, que abrigam inúmeras construções históricas, com diferentes utilizações atuais: o prédio da Faculdade de Medicina da Bahia, fundada em 1808 por dom João VI; a Fundação Casa de Jorge Amado, instalada em um sobrado histórico, atua na área cultural e literária; a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, construída por negros escravizados e negros livres, no século XVIII; o Museu Afro-Brasileiro, com acervo sobre a população afrodescendente no Brasil, sua cultura e a incorporação dela na formação do povo brasileiro; a Fundação Mestre Bimba, estabelecimento

destinado ao ensino de capoeira e ao desenvolvimento da identidade cultural de raízes africanas; museus e fundações que contam a história do município, do Brasil e do seu povo.



Hans von Manteuffel/Pulsar Images

▼ O Pelourinho é um lugar famoso por sua história, registrada nos casarões ali localizados. Muitos deles hoje abrigam fundações, museus, associações, etc. Na foto, ateliês e lojas na rua Ordem Terceira, no Pelourinho, em Salvador (BA), 2014.



jeilison/Stockphoto/Getty Images

▼ A lagoa do Abaeté está situada na área de proteção ambiental Parque Metropolitano Lagoas e Dunas do Abaeté, no bairro de Itapuã, em Salvador (BA). É um destino muito procurado por turistas que visitam a capital. Foto de 2015.

Como vimos, o turismo vai além de passear e descansar: é uma excelente oportunidade de aprender mais sobre a cultura e a história do lugar visitado. Assim, a partir de agora, sempre que você visitar um lugar, procure conhecer a sua história, a sua geografia e as suas relações sociais para, dessa forma, conhecer melhor sua cultura e o modo de vida da população que ali habita.

### ⊕ Agora, faça uma pesquisa sobre o seu município.

- Você deve conhecer um pouco da história do município em que vive e dos pontos turísticos importantes, não é mesmo? Realize uma pesquisa sobre como essa história pode ser narrada com base nesses pontos. Depois, elabore um roteiro turístico contando-a para possíveis visitantes. Pode ser em forma de quadrinhos, mapa ilustrado, literatura de cordel, enfim, use sua criatividade.



### 1. Leia os textos a seguir.

#### Texto 1

*A Europa precisa de boas ligações de transportes para impulsionar o comércio e o crescimento econômico e para criar emprego e prosperidade. As redes de transporte são essenciais para a cadeia de abastecimento e constituem a base da economia de qualquer país. Possibilitam a distribuição eficiente dos bens e a circulação dos cidadãos. Tornam os locais acessíveis, aproximam e unem as pessoas e contribuem para uma elevada qualidade de vida.*

COMISSÃO EUROPEIA. *Compreender as políticas da União Europeia: transportes*. Disponível em: <[http://europa.eu/pol/pdf/flipbook/pt/transport\\_pt.pdf](http://europa.eu/pol/pdf/flipbook/pt/transport_pt.pdf)>. Acesso em: 1º mar. 2016.

#### Texto 2

*No Brasil, uma das principais barreiras para o desenvolvimento da logística está relacionada com as enormes deficiências encontradas na infraestrutura de transportes e comunicação [...]*

#### No modal ferroviário

*Além dos ganhos financeiros, a natureza também lucra com o uso das ferrovias para o transporte de cargas. Para se ter uma ideia, um trem de carga com 100 vagões tira das estradas cerca de 357 caminhões. O que significa menos poluição e menos acidentes.*

*Apesar de todas as vantagens e benefícios, o setor ferroviário enfrenta alguns entraves que dificultam suas operações e, conseqüentemente, seu desempenho: a existência de moradias irregulares no caminho das ferrovias; 12 500 pontos de cruzamento entre trens, veículos ou pedestres — chamados de passagens em nível; e o adensamento populacional próximo das ferrovias, que requer a construção de contornos ferroviários. Esses “obstáculos” obrigam os trens a circularem com velocidades muito baixas, variando entre 28 km/h e 5 km/h.*

*O que o Brasil precisa hoje é expandir sua malha ferroviária, hoje limitada a 30 mil quilômetros de extensão e concentrada nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste e atendendo ao Centro-Oeste e Norte. Só com a expansão do transporte ferroviário de cargas será possível evitar um colapso logístico na movimentação do porto de Santos.*

TRANSPORTE logístico. *Desafios do transporte logístico*. Disponível em: <[http://transportelogistico1.blogspot.com.br/2012/05/desafios-do-transporte\\_21.html](http://transportelogistico1.blogspot.com.br/2012/05/desafios-do-transporte_21.html)>. Acesso em: 1º mar. 2016.

- Compare os textos anteriores e, com base nessa comparação, elabore duas conclusões sobre os meios de transporte na Europa e no Brasil.

### 2. Leia o texto sobre a importância do turismo nos Estados Unidos em 2015.

*Os Estados Unidos vão receber neste ano 77,6 milhões de turistas, quantidade 3,6% superior à registrada em 2014, segundo projeção feita pela secretária do Comércio Americano, Penny Pritzker.*

*Segundo as projeções do governo americano apresentadas no evento, o turismo nos Estados Unidos vai crescer a uma taxa anual entre 3,8% e 4,6% até 2020. Nesse último ano, o país projeta receber 96,4 milhões de turistas, aponta o departamento de Comércio Americano.*

*“O presidente [americano, Barack] Obama entendeu desde o começo a relevância do turismo para a economia dos Estados Unidos. Os visitantes gastaram um recorde de US\$ 221 bilhões em viagens e consumo de produtos e serviços em 2014”, disse a secretária americana durante o IPW 2015, evento sobre turismo realizado em Washington.*

[...]

OLIVEIRA, João José. *Valor Econômico*. 12 jun. 2015. Disponível em: <[www.valor.com.br/empresas/4091910/turismo-dos-eua-vai-atrair-776-milhoes-de-viajantes-neste-ano#](http://www.valor.com.br/empresas/4091910/turismo-dos-eua-vai-atrair-776-milhoes-de-viajantes-neste-ano#)>. Acesso em: 1º mar. 2016.

- Explique duas conseqüências positivas do fato de os Estados Unidos receberem milhões de turistas em 2015.

### 3. Trabalho em grupo

O professor vai separar os alunos em grupos para organizar um trabalho sobre turismo.

- Cada grupo vai elaborar uma campanha publicitária para destacar o potencial turístico do município onde vive.
- Podem ser utilizados vários recursos: cartazes, fotos, artigos, depoimentos de moradores e visitantes.
- Também pode ser produzido um vídeo, se o grupo achar interessante.
- Cada grupo fará a exposição de seu trabalho para a classe.

# O comércio multilateral e os blocos regionais



Tony Karumba/Agência France-Press

▼ O brasileiro Roberto Azevêdo, presidente da OMC, abre conferência da organização em Nairóbi, no Quênia, em 2015.

## ■ A Organização Mundial do Comércio

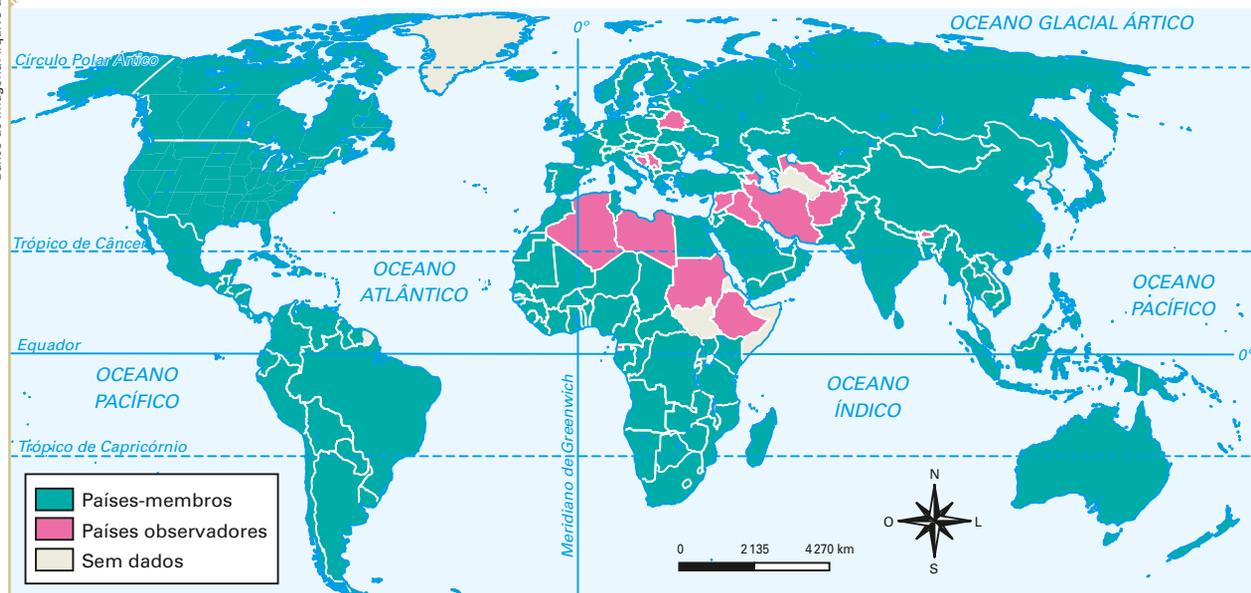
A Organização Mundial do Comércio (OMC) é o órgão que regulamenta o comércio internacional de bens e serviços. Para entender como acontecem essas relações, é importante saber que as trocas comerciais são realizadas de duas maneiras no mercado mundial: sob a forma de relações multilaterais ou bilaterais e por meio da regionalização criada pelos blocos econômicos. As duas formas podem ocorrer simultaneamente.

As relações multilaterais no comércio mundial são regidas pela OMC, entidade criada em 1995.

Com sede em Genebra, na Suíça, em dezembro de 2015 a OMC era composta de 163 países.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), representantes de diversos países começaram a negociar a criação de uma entidade que regulamentasse o comércio multilateral em escala mundial e, desse modo, evitasse favorecimentos e protecionismos. A reunião de Bretton Woods, que em 1944 fundou o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (que estudaremos no Capítulo 23), também havia previsto a criação de uma organização com essa finalidade: a Organização Internacional do Comércio (OIC).

## OMC: países-membros e observadores — 2015



Adaptado de: OMC. Disponível em: <[www.wto.org/english/thewto\\_e/countries\\_e/org6\\_map\\_e.htm](http://www.wto.org/english/thewto_e/countries_e/org6_map_e.htm)>. Acesso em: 4 mar. 2016.

## Do GATT à OMC

Após a criação da ONU (1945), tiveram início os trabalhos para a redação da Carta da OIC. Foram dois anos de encontros e negociações (1946-1947), que resultaram na Carta de Havana, documento que instituiria a Organização Internacional do Comércio. Entretanto, o documento não obteve unanimidade entre os 56 países reunidos em Cuba para ratificá-lo, em novembro de 1947.

A saída para o impasse foi a aprovação de um acordo provisório, assinado por 23 países, entre eles o

Brasil, e que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1948. Era o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT, sigla do inglês General Agreement on Tariffs and Trade), a princípio um “arranjo provisório”, mas que perdurou até 1995, quando se transformou na OMC, após anos de reuniões denominadas “rodadas”, das quais a mais longa foi a Rodada Uruguai (1986-1994).

O GATT estabeleceu a principal regra para o comércio mundial: o princípio de não discriminação entre as nações, que proíbe o protecionismo e as diferenças de tratamento entre os países-membros. Esse continua a ser o princípio básico da OMC.

### GATT e OMC — Acordos e organização

Entre o GATT e a OMC existem algumas diferenças básicas. Como era um acordo provisório, as regras de conduta para o comércio mundial estabelecidas pelo GATT não tinham bases muito sólidas. Qualquer país podia vetar suas decisões em qualquer disputa comercial. Hoje, o país que viola as regras da OMC deve retroceder, sob pena de sofrer sanções comerciais. A OMC tem países-membros (é uma organização); o GATT tinha “partes contratadas” (era um acordo).

Quando o GATT foi criado, o comércio mundial era dominado por bens e produtos (agrícolas, minerais, industriais). Porém, com o passar do tempo, a economia mundial ficou muito mais complexa. O comércio mundial de serviços (transportes, turismo, bancos, seguros, telecomunicações) e de ideias — classificadas como

propriedade intelectual (consultoria, livros, patentes) — tornou-se extremamente importante.

Foi exatamente nesses setores que a OMC ampliou o GATT para todo o comércio multilateral. Embora extinto como órgão, o GATT teve preservados seus acordos para o comércio de bens e produtos, que foram incorporados aos tratados da OMC.

Com *status* permanente, a OMC é uma organização internacional (como o FMI e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento — Bird) e suas resoluções têm base legal porque seus membros concordaram em seguir as regras estabelecidas. Não é apenas uma extensão do GATT, mas uma instituição com forte poder mundial.

**Patente:** título ou concessão pela qual o autor de uma invenção detém sua propriedade e uso exclusivo.

## Princípios da OMC

Podemos resumir as principais regras da organização em alguns pontos básicos.

- *Não discriminação dos países-membros*: não deve haver uma nação mais favorecida do que outras.
- *Reciprocidade*: as mercadorias importadas e nacionais devem ter condições igualitárias, pelo menos quando as importadas já estiverem dentro do país.
- *Acesso aos mercados em igualdade de condições*: redução de obstáculos ao comércio internacional.
- *Concorrência leal*: a OMC não é uma instituição de livre-comércio, mas “um sistema de normas consagradas, fundamentadas em uma concorrência livre, leal e sem distorções”.

## GATS, TRIPs e TRIMs

Apoiada em seu princípio básico, a OMC regulamentou o comércio de serviços em uma série de acordos denominados GATS (do inglês General Agreement on Trade in Services). Os direitos à propriedade intelectual foram disciplinados nos TRIPs (do inglês Agreement on Trade Related Aspects of Intellectual Property Rights). Dessa forma, a OMC reuniu três acordos em uma organização com um só sistema de regras e de resolução de disputas comerciais entre os países.

A OMC se preocupa com o capital especulativo e a ação das transnacionais no mundo. Por isso, foram estabelecidos acordos para as medidas relacionadas com investimentos e ligadas ao comércio (TRIMs, sigla do inglês Agreement on Trade Related Investment Measures), assunto importante por causa da crescente internacionalização do capital e dos investimentos estrangeiros diretos em outros países no processo de globalização. A OMC também procura reduzir a intervenção dos governos nacionais no fluxo do capital estrangeiro e no controle das atividades das transnacionais em suas economias.

## Mercadorias e serviços

Há dois grandes grupos de produtos comercializados no mercado mundial: as mercadorias ou bens e os serviços.

As mercadorias movimentam grande parte do capital envolvido no comércio mundial.

O comércio de serviços tem crescido muito nos últimos anos e integra atividades como turismo, transportes, seguros, serviços de informática, de comunicação e financeiros.

Os setores que mais cresceram foram o de transportes, viagens e serviços financeiros.

Veja, nas tabelas a seguir, os principais exportadores e importadores mundiais de mercadorias e de serviços.

Principais exportadores e importadores no comércio mundial de mercadorias – 2014

Posição	Países exportadores	Valor (em bilhões de US\$)	Percentual	Posição	Países importadores	Valor (em bilhões de US\$)	Percentual
1	China	2342	12,3	1	Estados Unidos	2 413	12,6
2	Estados Unidos	1621	8,5	2	China	1959	10,3
3	Alemanha	1508	7,9	3	Alemanha	1216	6,4
4	Japão	684	3,6	4	Japão	822	4,3
5	Países Baixos	672	3,5	5	Reino Unido	684	3,6
6	França	583	3,1	6	França	672	3,5
7	Coreia do Sul	573	3,0	7	Hong Kong (China)	601	3,1
8	Itália	529	2,8	8	Países Baixos	588	3,1
9	Hong Kong (China)	524	2,8	9	Coreia do Sul	526	2,8
10	Reino Unido	506	2,7	10	Canadá	475	2,5

Fonte: OMC. *Estadísticas del Comercio Internacional 2015*. Disponível em: <[www.wto.org/spanish/res\\_s/statis\\_s/its2015\\_s/its15\\_world\\_trade\\_dev\\_s.pdf](http://www.wto.org/spanish/res_s/statis_s/its2015_s/its15_world_trade_dev_s.pdf)>. Acesso em: 6 mar. 2016.

## Principais exportadores e importadores no comércio mundial de serviços – 2014

Posição	Países exportadores	Valor (em bilhões de US\$)	Percentual	Posição	Países importadores	Valor (em bilhões de US\$)	Percentual
1	Estados Unidos	688	13,9	1	Estados Unidos	452	9,4
2	Reino Unido	337	6,8	2	China	382	8,0
3	França	267	5,4	3	Alemanha	326	6,8
4	Alemanha	266	5,4	4	França	248	5,2
5	China	232	4,7	5	Reino Unido	197	4,1
6	Países Baixos	187	3,8	6	Japão	190	4,0
7	Japão	158	3,2	7	Países Baixos	156	3,3
8	Índia	156	3,2	8	Índia	147	3,1
9	Cingapura	140	2,8	9	Irlanda	142	3,0
10	Espanha	134	2,7	10	Cingapura	141	3,0

Fonte: OMC. *Estadísticas del Comercio Internacional 2015*. Disponível em: <[www.wto.org/spanish/res\\_s/statistics/its2015\\_s/its15\\_trade\\_category\\_s.pdf](http://www.wto.org/spanish/res_s/statistics/its2015_s/its15_trade_category_s.pdf)>. Acesso em: 6 mar. 2016.

### ● A especialização dos países no comércio mundial

Até a Segunda Guerra Mundial, havia uma rígida divisão no comércio internacional. Os países desenvolvidos exportavam produtos industrializados para os países não desenvolvidos, enquanto estes exportavam produtos agrícolas e matérias-primas em geral. Essa situação, apesar de continuar valendo para alguns países, começou a mudar depois que algumas nações não desenvolvidas se industrializaram.

Com essas mudanças, a situação do comércio internacional ficou muito mais complexa:

- aumentaram as trocas comerciais entre os países desenvolvidos, tanto em produtos manufa-

turados de alta tecnologia como em produtos agrícolas;

- intensificaram-se as operações comerciais entre países não desenvolvidos, uma vez que países industrializados do Sul, como China, Taiwan, Coreia do Sul e Índia, exportam produtos de tecnologia de ponta;
- os países emergentes têm tido presença mais marcante no mercado mundial. Entre os trinta maiores exportadores de 2014 estão países como China (1º), Coreia do Sul (7º), Cingapura (14º), México (15º), Índia (19º), Malásia (23º) e Brasil (25º).

### ● Divergências na OMC

Também na OMC ficam evidentes as divergências entre países desenvolvidos, emergentes e não desenvolvidos, que caracterizam o mundo globalizado. Um dos fatores que têm acentuado as diferenças entre esses grupos de países é o comércio de produtos agrícolas, principal riqueza de muitas nações emergentes e não desenvolvidas, mas que, na prática, é controlado pelos países desenvolvidos.

Nas negociações da Rodada de Doha, que teve início em 2001, a maior divergência entre esses países tem sido a política de subsídios praticada por países ricos em relação a seus produtores agrícolas. O grupo protecionista tem como principais



- ▼ Porto de Cingapura, cidade-Estado do Sudeste Asiático em 2016. É um dos mais movimentados do mundo. Cerca de 25% dos contêineres transportados no planeta passam por lá.

representantes os Estados Unidos e os países da União Europeia, além do Japão e da Coreia do Sul. A foto ao lado mostra a Rodada Doha de 2013, em Bali, na Indonésia.

Nessa disputa comercial, o Brasil, importante exportador de produtos agropecuários, faz parte de dois grupos que combatem o protecionismo agrícola na OMC: o Grupo de CAIRNS e o Grupo dos Vinte (G-20 comercial).

Em 1986, o Brasil foi um dos fundadores do Grupo de CAIRNS, juntamente com Austrália, Argentina e Canadá, entre outros exportadores mundiais de produtos agrícolas. Esse grupo, hoje com dezenove integrantes, tem como principal objetivo a busca de um sistema baseado em regras justas para o comércio mundial agrícola.

O Brasil, ao lado de Índia, China, Argentina, entre outros, também é um dos fundadores do G-20 comercial, órgão defensor dos interesses dos países não desenvolvidos e que pleiteia a revisão das medidas protecionistas do setor agrícola por parte dos países desenvolvidos. Desde a sua criação, em 2003, o grupo tem recebido várias denominações: G-20, G-21, G-22, G-20 Plus, G-20 Mais,



▼ Conferência da OMC em Nairóbi, no Quênia. Nessa conferência, realizada em dezembro de 2015, estavam em pauta assuntos da Rodada Doha que ainda geram discussões e indefinições por parte de alguns países-membros da organização e precisam evoluir para que seja concluída a rodada, que se prolonga desde 2001.

pois, dependendo do tema a ser discutido, alguns países pedem para fazer parte do grupo ou sair dele, o que altera sua denominação. Entretanto, após o Fórum Social de Mumbai (Índia), em 2004, o nome foi padronizado para G-20 e conta com 23 países-membros.

## Contexto e aplicação

Ícone de livro não escrito. Não escreva no livro

### Japão leva Brasil à OMC sobre impostos que favorecem empresas locais

GENEBRA (Reuters) — O Japão iniciou uma disputa comercial contra o Brasil na Organização Mundial de Comércio (OMC) [...] contra impostos e encargos que diz favorecerem ilegalmente produtos brasileiros em relação à competição externa, informou a entidade em comunicado.

O Japão diz que o Brasil adota uma taxa mais alta sobre importadores e fornece subsídios, afetando as vendas de carros, semicondutores, smartphones, software e outros produtos de automação e alta tecnologia japoneses, disse a OMC.

Sob as regras da OMC, o Brasil tem 60 dias para chegar a um acordo. Depois disso, o Japão pode pedir para a organização deliberar sobre o caso.

O Japão afirmou que algumas dessas iniciativas do Brasil existem há anos, mas “cresceram marcadamente nos anos mais recentes”, de acordo com a OMC.

Poucos detalhes da reclamação japonesa estavam imediatamente disponíveis, mas esta pareceu seme-

lhante a uma disputa lançada pela União Europeia em dezembro de 2013, que está atualmente em litígio.

Uma autoridade brasileira disse à Reuters [...] que as políticas do país eram justificadas porque o Brasil precisava “defender os direitos de todos os países emergentes de implementar suas próprias políticas industriais”.

O Japão pediu para ser observador do caso, uma vez que tem interesses econômicos significativos, com o Brasil importando 7,7 bilhões de dólares em produtos japoneses em 2012. Esse número caiu para 5,9 bilhões de dólares em 2014.

No início dos anos 2000, o Japão respondeu por mais de 5% das importações brasileiras. Esse percentual caiu para 2,6% em 2014.

REUTERS. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2015/07/02/japao-leva-brasil-a-omc-sobre-impostos-que-favorecem-empresas-locais.htm>>. Acesso em: 4 mar. 2016.

#### ⊕ Agora, faça o que se pede.

1. Comente uma característica da OMC.
2. Com base no texto que você leu, caracterize a posição japonesa em relação ao Brasil.

## ■ O mundo em blocos

Desde que os países europeus ocidentais optaram pela integração econômica para enfrentar a concorrência dos Estados Unidos no mundo pós-guerra, a fórmula tem sido seguida em outros continentes com o mesmo objetivo: fortalecer-se no cenário internacional.

A atual União Europeia tem um alto grau de integração (não só econômica, mas também política). Entretanto, nem todos os blocos adotaram as mesmas medidas. Assim, podemos considerar diferentes graus de integração entre as diversas associações:

**Zona de livre-comércio.** Nesse tipo de bloco, a intenção é apenas criar uma área de livre circulação de mercadorias e capitais, como estabeleceu o Acordo de Livre-Comércio da América do Norte (Nafta).

**União aduaneira.** Além da zona de livre circulação de mercadorias e capitais, na união aduaneira é usada uma Tarifa Externa Comum (TEC) em relação a países que não pertencem ao bloco, como aconteceu no Mercado Comum do Sul (Mercosul).

**Mercado comum.** Com as mesmas características das associações anteriores, o mercado comum compreende também a livre circulação de pessoas e a padronização das legislações econômica, trabalhista, fiscal e ambiental, como ocorreu na União Europeia até dezembro de 1998.

**União econômica e monetária.** Atual estágio da União Europeia, após a adoção da moeda única: o euro.

União Europeia, Nafta, Mercosul, Comunidade dos Estados Independentes (CEI), Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec) são os maiores blocos econômicos do mundo globalizado.

## ● Blocos econômicos na globalização

Estudaremos a seguir alguns dos blocos econômicos que se destacam no mundo globalizado (a União Europeia e a CEI serão estudadas nos Capítulos 21 e 22, respectivamente).

### ● Nafta

Em 1988, Estados Unidos e Canadá assinaram um acordo de livre-comércio que recebeu a adesão do México, em 1992. Estava criado o Nafta, que entrou em vigor em 1ª de janeiro de 1994. Por volta de 2003, as tarifas e certas barreiras ao comércio de produtos, serviços e recursos financeiros entre os três países haviam sido gradualmente eliminadas. Ainda em 1994, o Chile manifestou a intenção de aderir ao acordo, mas não foi integrado a ele.

Os países que compõem o Nafta não manifestaram a intenção de ampliar o grau de integração entre eles, como fez a União Europeia. Seus principais pontos podem ser resumidos nos seguintes princípios:

- eliminar tarifas aduaneiras e obstáculos para circulação de bens e serviços;
- garantir condições de competição leal, no interior do bloco, para mão de obra especializada.

A criação do Nafta favoreceu as economias canadense e mexicana, aumentando a produtividade e fortalecendo o comércio da região. Mas é preciso lembrar que o acordo também aumentou a dependência econômica do Canadá e do México em relação aos Estados Unidos, maior parceiro comercial dos dois países.

### A linguagem dos blocos

Para compreender melhor como funcionam os blocos econômicos, veja o significado de algumas expressões muito usadas nas relações internacionais de comércio:

**Tarifa.** Imposto cobrado para a entrada de mercadorias em um país.

**TEC.** É uma tarifa comum, estabelecida por um grupo de países que, na qualidade de sócios, cobram o mesmo imposto sobre a importação de mercadorias provenientes de países que não fazem parte do bloco.

**Dumping.** É a venda em um mercado estrangeiro de um produto a preço "abaixo de seu valor justo", geralmente menor do que o preço cobrado pelo produto dentro

do país exportador, ou quando é vendido para outros países. De modo geral, o dumping é reconhecido como uma prática injusta de comércio, passível de prejudicar os fabricantes de produtos similares no país importador.

**Subsídios.** São benefícios econômicos que um governo concede aos produtores de bens, muitas vezes para fortalecer sua posição competitiva. O subsídio pode ser direto (subvenção em dinheiro) ou indireto (crédito à exportação com juros baixos, por exemplo).

SECRETARIA DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E ASSUNTOS DO MERCOSUL. Disponível em:

<[www.seim.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20](http://www.seim.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20)>. Acesso em: maio 2013. (Adaptado.)



Adaptado de: ATLANTE Zanichelli 2010. Bologna: Zanichelli, 2011. p. 106-107.

Uma questão que preocupa a população dos três países é a do desemprego. No México, teme-se que empresas norte-americanas com tecnologia de ponta abram filiais no país e reduzam a demanda de mão de obra das indústrias mexicanas. Em contrapartida, canadenses e norte-americanos temem que muitas de suas indústrias se transfiram para o México em busca de mão de obra mais barata.

### ● O fracasso da Alca e a alternativa bolivariana

A pretensão dos Estados Unidos de exercer sua **hegemonia** na América não é nova. Desde o século XIX, quando o presidente James Monroe (1758-1831) deixou claro que “a América era para os americanos”, no famoso discurso conhecido como Doutrina Monroe, essa pretensão vem se acentuando.

Em 1991, com o fim da União Soviética, o presidente norte-americano George Bush (no período de 1989-1992) substituiu a Doutrina da Segurança Nacional, que visava conter o socialismo no continente, pelo projeto Iniciativa para as Américas. Para seus idealizadores, esse deveria ser o primeiro passo

**Hegemonia:** supremacia ou preponderância de um povo sobre outro; domínio econômico, político ou cultural que um país exerce sobre outros.

para a formação de uma zona de livre-comércio unindo as economias dos países das três Américas: a Área de Livre-Comércio das Américas (Alca). Seriam 34 países americanos, com exceção de Cuba, excluída por razões ideológicas.

Na Cúpula das Américas realizada em Miami, em 1994, representantes desses países firmaram o compromisso de criar a Alca até 2005. Entretanto, em nova reunião da Cúpula das Américas, realizada em novembro de 2005, o projeto da Alca sofreu forte resistência do governo do Brasil e de outros países da América Latina. Para alguns desses líderes, o projeto da Alca encobria a intenção dos Estados Unidos de expandir suas empresas transnacionais pelo continente.

Nos Estados Unidos também havia resistências ao projeto. Seus opositores argumentavam que, com a criação do novo bloco econômico, muitas empresas norte-americanas migrariam para outros países do continente em busca de mão de obra barata. Todas essas pressões acabaram por sepultar o sonho dos Estados Unidos de criar uma área de livre-comércio das Américas.

O então presidente da Venezuela, Hugo Chávez (no período de 1998-2013), chegou a propor outro bloco, como alternativa à Alca. Seria a Alternativa Bolivariana para a América Latina e o Caribe (Alba), que visava à integração econômica e social dessa região.

Diante do fracasso da Alca, os Estados Unidos adotaram como estratégia assinar tratados de comércio bilaterais com países sul-americanos.

### ● Mercosul

Em 1991, os líderes da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai, reunidos no Paraguai, assinaram o Tratado de Assunção, que constituiu o Mercosul. Nos termos desse tratado, em 1995 instalou-se na região uma zona de livre-comércio. A partir de então, grande parte das mercadorias produzidas nos quatro países passou a ser comercializada internamente sem a cobrança de tarifas de importação.

Outro importante ponto foi a união aduaneira entre os países-membros, que significou a padronização das tarifas externas para muitas mercadorias (TECs). Isso significa que os integrantes do Mercosul importam produtos e serviços de terceiros pagando tarifas iguais. Essas medidas visaram integrar a economia e fortalecer a negociação em bloco com os outros países.

Almapa/Arquivo da editora

Mais tarde, o bloco ganhou dois novos membros plenos: a Venezuela, em 2012, e a Bolívia em 2015. Alguns países sul-americanos, como o Chile, o Peru, o Equador, a Colômbia, a Guiana e o Suriname, aderiram apenas como associados. Os países associados fazem acordos separados com o Mercosul, os chamados Acordos de Complementação Econômica.

Veja o mapa a seguir.



Adaptado de: ATLANTE Zanichelli 2010. Bologna: Zanichelli, 2011. p. 120-121; MERCOSUL. Disponível em: <[www.mercosul.gov.br/index.php/saiba-mais-sobre-o-mercocul](http://www.mercosul.gov.br/index.php/saiba-mais-sobre-o-mercocul)>. Acesso em: 6 mar. 2016.

O Mercosul pretende ir além desses acordos de taxas e impostos. A intenção é que várias políticas dos países-membros sejam integradas. Entre essas políticas, destacam-se aquelas dirigidas à educação, ao emprego, à saúde e aos transportes. Por exemplo, se um país exige uma vacina, os outros também deverão fazê-lo, o que vale, por exemplo, para pragas da pecuária, como a febre aftosa, que ataca bovinos. Os setores agropecuário, industrial e de serviços dos países-membros deverão funcionar de forma complementar e em harmonia uns com os outros.

Em junho de 2012, o presidente paraguaio, Fernando Lugo, foi afastado do poder pelo Parlamento. Em represália, o Paraguai foi suspenso momentaneamente do Mercosul (até as eleições de abril de 2013),

por decisão dos presidentes do Brasil, da Argentina e do Uruguai.

O Mercosul não conta com nenhum dos países mais ricos do mundo. Integram-no somente dois países industrializados e produtores de matérias-primas (Brasil e Argentina), além de países exportadores de produtos agropecuários e minerais (Venezuela, Paraguai e os países associados). Dessa forma, as nações que integram esse bloco dependem dos preços de suas *commodities* no mercado mundial.

**Commodity:** mercadoria de origem agrícola e mineral, produzida em larga escala, e comercializada mundialmente.

Com algumas diferenças, os países do Mercosul enfrentam os mesmos problemas do restante da América Latina, ou seja, grandes desigualdades na distribuição de renda, tráfico de drogas, violência urbana e pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza.

Em 2002, o Mercosul assinou um acordo de cooperação econômica com a Comunidade Andina, bloco formado por Colômbia, Peru, Bolívia e Equador.

A aproximação entre os dois blocos não parou por aí. Em 2004, foram lançadas as bases da Comunidade Sul-Americana das Nações, área de livre-comércio concebida para reunir os países da Comunidade Andina e os do Mercosul, mais Chile, Suriname e Guiana. Panamá e México entrariam como países observadores. Trata-se de um projeto ambicioso, em cujos termos o pleno funcionamento dessa área de livre-comércio deve ser alcançado em 2019.

Em 2007, o projeto passou a se chamar União das Nações Sul-Americanas (Unasul). A Unasul terá também um Conselho Sul-Americano de Defesa, que deverá elaborar projetos comuns na área da defesa, e o Banco do Sul, encarregado de estabelecer a política monetária e financiar projetos de desenvolvimento econômico.

## Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec)

A Apec (do inglês Asia Pacific Economic Cooperation) teve início em 1989 como um fórum econômico. Até 2020 estão previstas a instalação gradual e a efetivação de uma área de livre-comércio abrangendo países da Ásia, da América e da Oceania banhados pelo Pacífico. A intenção é aproveitar o crescimento econômico da bacia do Pacífico e da costa oeste do continente americano, uma vez que Estados Unidos e Canadá são banhados pelo Atlântico e pelo Pacífico. Fazem parte do bloco vinte países — Austrália,

Brunei, Canadá, Chile, China, Cingapura, Coreia do Sul, Estados Unidos, Filipinas, Indonésia, Japão, Malásia, México, Nova Zelândia, Papua-Nova Guiné, Peru, Rússia, Tailândia, Taiwan e Vietnã —, mais Hong Kong, região administrativa especial da China.

Como é possível perceber, a Apec é formada por países com grandes diferenças econômicas, culturais, de população e de território. Nesse bloco estão duas das maiores economias do mundo (Japão e Estados Unidos), países desenvolvidos (Austrália, Nova Zelândia e Canadá), países não desenvolvidos (Indonésia, Chile, Peru e outros) e a China, segunda economia do planeta no início do século XXI.

A Apec impressiona pela extensão de sua área, pela grande população (mais de 2 bilhões de pessoas), pelo volume de seu movimento comercial e por reunir alguns dos maiores PIBs do mundo, como indicam os números da tabela.

**Apec: indicadores selecionados — 2014**

População	PIB	Exportações	Importações
2,8 bilhões de hab.	43,5 trilhões de dólares	8,7 trilhões de dólares	9,2 trilhões de dólares

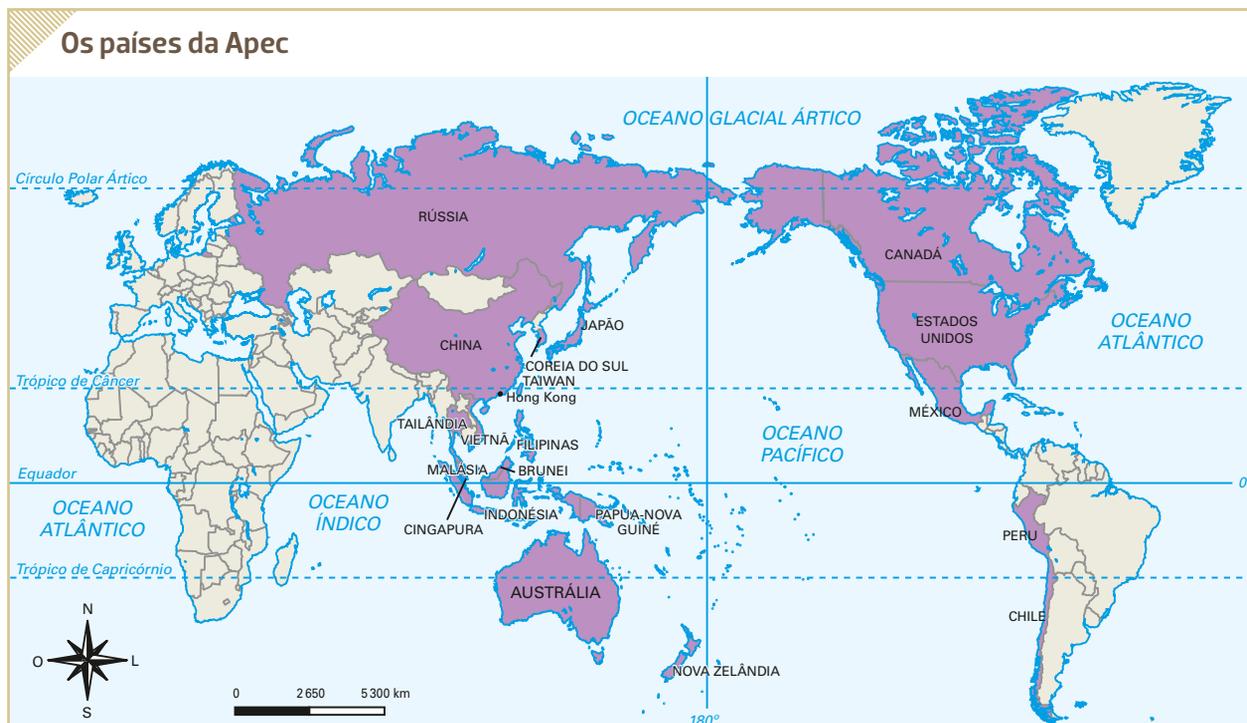
Fonte: THE Business Times — Infographics. *Apec at a Glance*. Disponível em: <[www.apec.org/News/Infographics/20140709\\_APEC25.aspx](http://www.apec.org/News/Infographics/20140709_APEC25.aspx)>; ONU. Divisão de População. *2015 Revision of World Population Prospects*. Disponível em: <<http://esa.un.org/unpd/wpp/>>; BANCO MUNDIAL. *World Development Indicators 2015*. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/products/wdi>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

Para os países mais industrializados do bloco, a Apec é vantajosa, pois eles importam matérias-primas e exportam produtos industrializados. Porém, os países mais pobres, exportadores de produtos primários, continuam dependentes dos países ricos.

Fundamentado no crescimento econômico da bacia do Pacífico, o bloco sofreu grande abalo econômico nos últimos anos do século XX. Entre 1997 e 1999, vários países, como Indonésia e Tailândia, entraram em crise, afetando a economia japonesa e de grande parte da região. O mesmo aconteceu em 2008, quando uma crise econômica mundial prejudicou o desempenho das maiores economias do bloco.

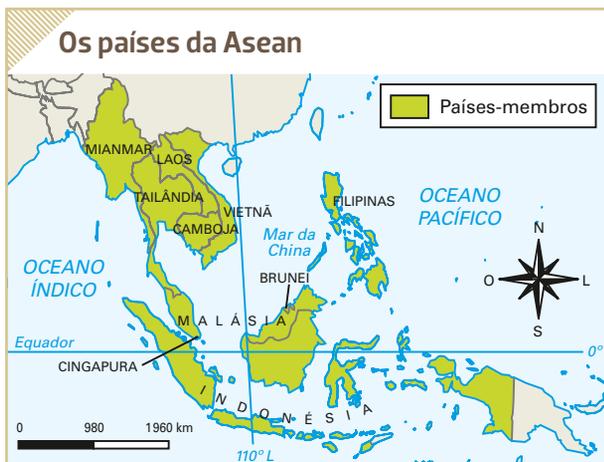
### ● Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean)

Criada em 1967, a Asean (do inglês Association of South East Asian Nations) tem como objetivo acelerar o crescimento econômico e contribuir para a paz e a estabilidade regional. Funcionando como uma zona de livre-comércio desde 2008, tem pretensões de atingir no futuro uma integração maior. Tem como países-membros: Brunei (1984), Camboja (1999), Cingapura (1967), Filipinas (1967), Indonésia (1967), Laos (1997), Malásia (1967), Mianmar (1997), Tailândia (1967) e Vietnã (1995). Os países observadores, esperando o processo de adesão, são Timor Leste e Papua-Nova Guiné.



Adaptado de: ATLANTE Zanichelli 2013. Bologna: Zanichelli, 2013. p. 132-133; CALENDARIO Atlante De Agostini 2015. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2015. p. 123.

Allmaps/Arquivo da editora



Adaptado de: ATLANTE Zanichelli 2010. Bologna: Zanichelli, 2011. p. 60-61.

## Outros blocos

Além dos já estudados, há outros blocos de menor importância no cenário mundial. Vamos conhecer alguns deles.

**Comesa.** Mercado Comum dos Países do Leste e Sul da África, reúne vinte participantes que concordam “em promover a integração regional através do incremento das relações comerciais e do aproveitamento de seus recursos humanos e naturais em benefício de suas populações”. O Comesa substituiu, em 1994, a antiga Área de Livre-Comércio do Leste e Sul da África, que existia desde 1985.

**CAN.** Comunidade Andina das Nações, criada em 1969 pelo Acordo de Cartagena (cidade colombiana), reúne atualmente Bolívia, Peru, Colômbia e Equador. O Chile deixou o bloco em 1976 e a Venezuela, em 2006. Desde 2006, o bloco adotou a TEC, tornando-se uma união aduaneira.

**Liga Árabe.** É formada por países árabes da Ásia e da África: Arábia Saudita, Bahrein, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Marrocos, Omã, Catar, Síria, Sudão, Tunísia, Iêmen e outros.

## Refletindo sobre o conteúdo

### 1. Analise o texto a seguir.

*É difícil saber qual idioma usar nos corredores do prédio da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Genebra, na Suíça. Desde que o brasileiro Roberto Azevêdo assumiu o posto mais alto da instituição, em 2013, no entanto, ficou mais corriqueiro ouvir o português entre as línguas oficiais (inglês, francês e espanhol) usadas no local. Nascido em Salvador e formado em Engenharia, o diplomata foi o primeiro brasileiro a assumir a direção-geral da entidade. No cargo, Azevêdo é [em 2016] o responsável por lidar com 161 nações e carrega a dura missão de destravar as negociações da Rodada Doha, que desde 2001 pretende reduzir barreiras comerciais no mundo, com ênfase nas demandas dos países em desenvolvimento.*

BEZERRA, Paula. *IstoÉ Dinheiro*. Disponível em: <[www.istoedinheiro.com.br/noticias/entrevistas/20150729/oportunidades-comerciais-precisam-chegar-aos-mais-pobres/283266.shtml](http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/entrevistas/20150729/oportunidades-comerciais-precisam-chegar-aos-mais-pobres/283266.shtml)>. Acesso em: 4 mar. 2016.

a) O que significa “destravar as negociações da Rodada Doha”?

b) Relacione medidas protecionistas com a Rodada Doha.

2. Relacione alguns dos princípios da OMC e procure analisar que vantagens essas regras trazem para o mercado mundial e para os países que integram essa organização.

3. Por que a União Europeia é considerada o bloco de integração regional mais completo?

4. *Senão vejamos o que ocorre com o Nafta, onde se promove o livre-comércio, a livre circulação de mercadorias, mas ao mesmo tempo se reforçam de forma implacável todos os dispositivos tendentes a impedir a livre circulação da força de trabalho.*

BORÓN, Atilio. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Org.). *Pós-liberalismo: as políticas e o Estado democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 164.

a) Interprete o texto acima.

b) Explique duas diferenças entre o Nafta e o Mercosul.

# Europa: o continente dos blocos econômicos



Steinmeije/Agência France-Pressse

União Europeia/Reprodução/  
Arquivo da editora

▼ A imagem mostra a assinatura do Tratado de Maastricht, nos Países Baixos, em 1992, que deu origem à União Europeia. O detalhe na parte inferior, à direita, mostra a bandeira da União Europeia, símbolo da tão almejada integração desse continente. Segundo o *site* oficial da UE: “Esta bandeira simboliza não só a União Europeia, mas também a unidade e a identidade da Europa em sentido mais amplo. O círculo de doze estrelas representa a solidariedade e a harmonia entre os povos do continente. O número de estrelas não corresponde ao número de Estados-membros. As estrelas são doze porque tradicionalmente esse número constitui um símbolo de perfeição, plenitude e unidade. Assim a bandeira manter-se-á inalterada, independentemente dos futuros alargamentos da União Europeia”.

## União Europeia

Com sua expansão e o fortalecimento de suas instituições, a União Europeia tornou-se uma potência mundial, em termos econômicos, comerciais e tecnológicos. Em 2015, se comparado aos países não europeus, o bloco era o 13º em área, o 3º em população, o 2º em PIB e ocupava o 2º lugar em número de usuários da internet e de telefones

celulares, conforme dados da CIA — *The World Factbook 2015*. Além disso, a União Europeia se apresentava em 3º lugar no que se refere ao volume mundial tanto de exportações quanto de importações, perdendo apenas para a China e os Estados Unidos, segundo dados da OMC.

Veja, na tabela da página 252, uma comparação entre a União Europeia e alguns países desenvolvidos e emergentes.

## União Europeia: indicadores comparados – 2015

<b>País</b>	<b>Área (km<sup>2</sup>)</b>	<b>População (em milhões de hab.)</b>	<b>Mortalidade infantil (%)</b>	<b>Expectativa de vida (em anos)</b>	<b>PIB (em trilhões de US\$)</b>	<b>PIB per capita (PPC, em US\$)</b>
União Europeia	4 324 782	513,9	4	80,2	19,1	37 800
Estados Unidos	9 833 517	321,3	5,9	79,6	17,9	56 300
Japão	377 915	127,1	2	84,7	4,8	38 200
China	9 596 961	1 367	12,4	75,4	11,3	14 300
<b>Brasil</b>	<b>8 514 976</b>	<b>204,4</b>	<b>14,4</b>	<b>75,1</b>	<b>1,8</b>	<b>15 800</b>

Fonte: CIA. *The World Factbook* 2015. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ee.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ee.html)>; IBGE. *Estimativas da população brasileira*. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2015/estimativa\\_dou\\_2015\\_20150915.pdf](http://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2015/estimativa_dou_2015_20150915.pdf)>; IBGE. *Síntese dos indicadores sociais* 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2016.

## ● O caminho da integração europeia

A União Europeia (UE), união econômica e política que em 2015 reunia 28 países do continente, é a representante de seus associados em conferências internacionais destinadas a discutir problemas de âmbito mundial, como, por exemplo, aquecimento global e racismo. Dezenove desses países adotam o euro como moeda única. Nenhum bloco econômico atingiu o grau de integração dos países da União Europeia. Para isso, porém, foi preciso percorrer um longo caminho.

Castigados duramente por conflitos e disputas durante toda a sua história, os países da Europa ocidental viram na cooperação econômica uma forma de preservar a paz no período que sucedeu à Segunda Guerra Mundial. Além de arrasar o continente, o conflito contribuiu para o declínio das potências europeias e a ascensão dos Estados Unidos como líder do mundo capitalista e da União Soviética como líder do mundo socialista.

A Europa tornou-se, então, o continente pioneiro na ideia de cooperação econômica, que resultou na formação dos blocos econômicos. Além da manutenção da paz, os principais motivos da unificação europeia foram a resistência à expansão da antiga União Soviética, que já atingia a Europa oriental, e a tentativa de enfrentar a competição com os Estados Unidos no mercado capitalista.

A criação de um organismo de integração dos países da Europa foi lenta e enfrentou vários obstáculos, desde o Tratado de Roma (1957), que criou a Comunidade Econômica Europeia (CEE) ou Mercado Comum Europeu (MCE), até chegar, em 1992, ao Tratado de Maastricht (cidade holandesa),

que instituiu a União Europeia. Alguns desses obstáculos foram:

- a noção de soberania e territorialidade, que envolve sentimentos muito profundos no espírito da população de alguns países europeus, como Alemanha, Reino Unido e França;
- a rivalidade histórica entre alguns dos países-membros, como, por exemplo, o Reino Unido e a França;
- as desigualdades econômicas entre os países que desejavam uma integração mais ampla;
- questões políticas internas dos países do bloco, como os governos ditatoriais de Grécia, Portugal e Espanha, que passaram por um processo de redemocratização antes de serem aceitos na Comunidade Econômica Europeia.

## ● Benelux e OECE

A criação do Mercado Comum Europeu em 1957 teve como precedente a formação de duas associações econômicas europeias em 1948: Benelux e OECE.

O Benelux, união aduaneira composta de três países da Europa ocidental — Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo —, passou a vigorar em janeiro de 1948.

Em abril do mesmo ano, era criada a Organização Europeia de Cooperação Econômica (OECE) para administrar os recursos do Plano Marshall, programa de ajuda estadunidense para a reconstrução dos países da Europa ocidental. Em 1961, a OECE foi substituída pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que tem objetivos mais amplos e reúne países de várias partes do mundo.

## OCDE

A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico tem sede em Paris e conta também com a participação de países de outros continentes, como Canadá, Japão, Austrália, Nova Zelândia, México, Coreia do Sul e Chile.

Seu objetivo é promover o bem-estar econômico e social dos países-membros, além de estimular investimentos em países não desenvolvidos. Os participantes dessa organização produzem, juntos, dois terços de todos os bens e serviços do mundo.

## ● A Ceca e a Comunidade Econômica Europeia

O passo seguinte para a unificação europeia seria dado em 1951, com a formação de um mercado comum de carvão e aço, importantes fontes de energia e matérias-primas usadas na reestruturação do parque industrial europeu, arrasado pela guerra. Esse mercado comum, denominado Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (Ceca), reunia França, Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo. Em 1957, representantes desses países assinaram o Tratado de Roma, que criava a CEE (Comunidade Econômica Europeia), ou Mercado Comum Europeu, que passou a vigorar em janeiro de 1958.

Os principais pontos do Tratado de Roma foram:

- a criação de um mercado comum, estabelecendo um prazo para que se permitisse a livre circulação de bens e produtos entre os Estados-membros, com a eliminação das **barreiras alfandegárias** entre eles;
- a PAC (Política Agrícola Comum), que previa a livre circulação de produtos agrícolas dentro do bloco e a adoção de incentivos (subsídios) para que os agricultores europeus pudessem ter competitividade no mercado mundial;
- a formação da CEEA (Comunidade Europeia de Energia Atômica) ou Euratom. A Europa dos Seis, como ficou conhecida essa comunidade, deu início ao processo de unificação europeia, que se concretizaria na década de 1990 com a União Europeia.

**Barreira alfandegária:** barreira comercial criada pelo governo dos países com o objetivo de controlar o intercâmbio internacional de mercadorias.

## ● Dissidências iniciais: a Aelc (1959–1960)

Em 1959, foi criado um segundo bloco econômico na Europa, reunindo sete países da OECE — Áustria, Dinamarca, Noruega, Portugal, Suécia, Suíça e Reino Unido. Era a Associação Europeia de Livre-Comércio (Aelc), que começou a vigorar efetivamente em maio de 1960.

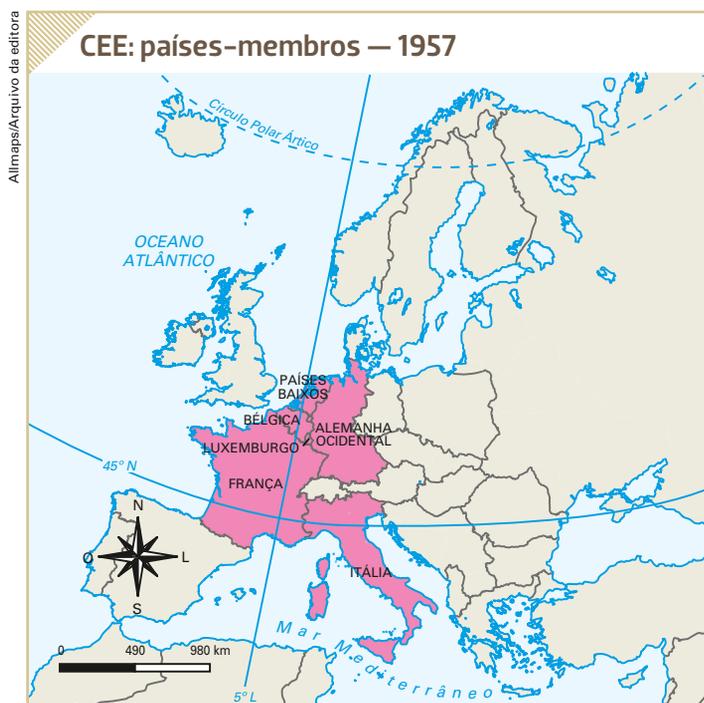
Liderado pelo Reino Unido, esse bloco pretendia apenas criar um espaço para a livre circulação de mercadorias, sem a intenção de ser tão integrado como a CEE, que previa a livre circulação de pessoas e a moeda única.

Só depois de resolver as pendências com a França, o Reino Unido ingressaria na CEE, em 1973, iniciando o esvaziamento da Aelc.

Atualmente, essa associação reúne apenas quatro países: Islândia, Noruega, Suíça e Liechtenstein.

## ● Europa dos Nove e Europa dos Doze

Com o progressivo esvaziamento da Aelc na década de 1970, Reino Unido, Irlanda e Dinamarca ingressaram na CEE, transformando a Europa dos Seis na Europa dos Nove. Na década de 1980, Grécia (1981), Portugal e Espanha (1986) também foram admitidos na CEE. Agora o bloco contava com doze integrantes.



Elaborado com base em: <[http://europa.eu/abc/12lessons/lesson\\_2/index\\_pt.htm](http://europa.eu/abc/12lessons/lesson_2/index_pt.htm)>. Acesso em: 8 mar. 2016.

Com a Europa dos Doze consolidada, foi assinado em 1986 o Ato Único Europeu, que fortaleceu definitivamente o mercado comum e aprofundou as relações da comunidade com a Política do Meio Ambiente, a Política Social e a Pesquisa e Desenvolvimento (P&D).

## ● O Tratado de Maastricht e a União Europeia

Em fevereiro de 1992, chefes de Estado e de governo da Europa dos Doze firmaram na cidade holandesa de Maastricht o tratado que criou a União Europeia.

O Tratado de Maastricht previa a integração monetária e econômica na CEE e a cooperação política entre os países-membros, e entrou em vigor em janeiro de 1993.

A CEE passou então a ser denominada União Europeia, ampliando sua esfera de atuação, que passou a abranger áreas como política monetária, assuntos externos, segurança, comércio, agricultura, pesca, transporte, meio ambiente, indústria, pesquisa e desenvolvimento, saúde, justiça, educação, proteção ao consumidor, energia e turismo.

O Tratado de Maastricht criou ainda a figura do *cidadão europeu*, segundo a qual as pessoas naturais dos países signatários podem morar e trabalhar em qualquer um desses países, além de estarem habilitadas a votar e a candidatar-se ao Parlamento Europeu.

O processo de consolidação da União Europeia prosseguiu nos anos seguintes ao Tratado de Maastricht. Em 1993, caíram todas as barreiras à livre circulação de mercadorias, serviços e capitais no interior do bloco. A livre circulação de pessoas ocorreria dois anos depois, após o Acordo de Schengen (pequena localidade na fronteira entre Luxemburgo, França e Alemanha), assinado por sete países: Portugal, Espanha, França, Alemanha, Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo.

Ainda em 1995, a União Europeia recebeu mais três países (Áustria, Suécia e Finlândia),

totalizando quinze associados. Estava formada a Europa dos Quinze.

Dois anos mais tarde, era assinado um novo acordo — o Tratado de Amsterdã, do qual não participaram Reino Unido, Irlanda e Dinamarca (veja foto na página 255) —, que complementava o Tratado de Maastricht e continha as seguintes liberações:

- Eliminação dos controles nas fronteiras dos países-membros.
- Fim do poder de veto de cada nação, a não ser em assuntos constitucionais e impostos.
- Busca de soluções conjuntas para o desemprego.
- Ratificação do Pacto de Estabilidade Econômica, que deveria preparar os países para a adoção da moeda única.

Em 2004 e 2007, o bloco admitiu novos integrantes: países do Leste Europeu e do Mediterrâneo. Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Eslováquia, República Tcheca, Hungria, Eslovênia, Malta e Chipre ingressaram em 2004. Romênia e Bulgária, em 2007. A Croácia passou a fazer parte do bloco em 1º de julho de 2013. Veja o mapa abaixo.



Adaptado de: UNIÃO EUROPEIA. *União Europeia em slides*. Disponível em: <[http://europa.eu/publications/slide-presentations/slides/pdf/eu\\_in\\_slides\\_pt.pdf](http://europa.eu/publications/slide-presentations/slides/pdf/eu_in_slides_pt.pdf)>. Acesso em: 7 mar. 2016.



▼ Representantes de países da União Europeia apresentam a edição especial do Tratado de Amsterdã, em 1997, em Amsterdã, nos Países Baixos.

## Uma moeda única

Em março de 1998, a Comissão Europeia estabeleceu as condições para a adoção da moeda única e anunciou o nome dos países que aderiram e dos que reuniam as condições exigidas para a adesão (domínio da **inflação**, do **deficit** público, das taxas de câmbio e dos juros).

**Inflação:** aumento generalizado dos preços, provocando a queda do poder de compra do dinheiro.

A criação de um Banco Central Único e de uma moeda única estava prevista na nova fase da União Europeia. O Instituto Monetário Europeu, administrado pelos presidentes dos bancos centrais dos países integrantes, foi criado em janeiro de 1994 para coordenar as políticas monetárias e preparar a moeda única.

Confira o cronograma estabelecido para orientar a adoção do euro na União Europeia.

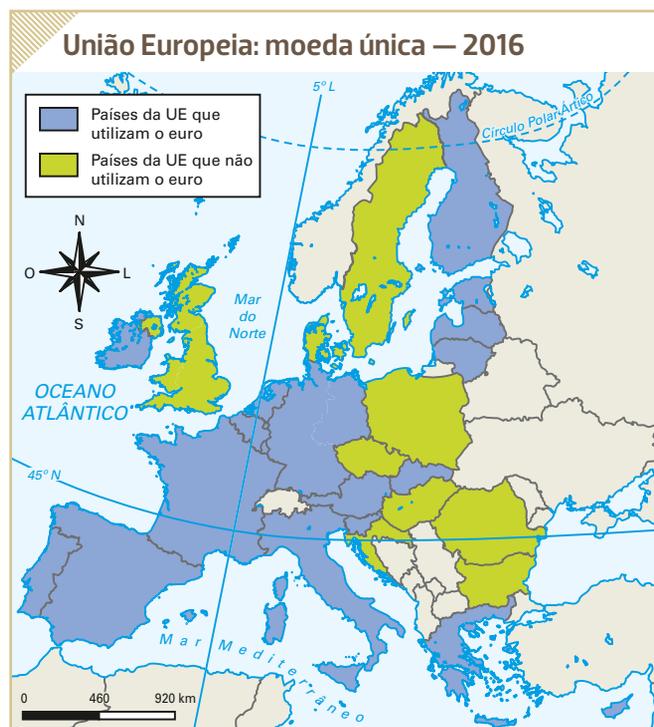
- **Dezembro de 1995:** a moeda única recebe o nome de euro no Conselho Europeu de Madri.
- **Mai de 1998:** confirmados os países que adotariam o euro.
- **Julho de 1998:** o Banco Central Europeu começa a operar.
- **Julho de 1999:** entra em vigor a União Monetária (só em bancos).
- **Janeiro de 2002:** o euro começa a circular.
- **Julho de 2002:** fim das moedas nacionais nos países que adotaram o euro.

No primeiro momento, aderiram ao euro onze países que reuniam as condições exigidas para a adoção da moeda única: Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Países Baixos, Irlanda, Itália, Luxemburgo e Portugal, que constituíram a *Zona do Euro*.

Na época, Reino Unido e Dinamarca optaram por não adotar a moeda única, sob o argumento de que não queriam perder a soberania nacional. A Grécia não pôde aderir, por não poder cumprir as condições exigidas pela União Europeia. A Suécia também não pôde, por ter um Banco Central cuja legislação era incompatível com o Tratado de Maastricht e pelo fato de sua moeda, a coroa, não a estabilidade exigida.

A Grécia adotaria o euro em janeiro de 2001; a Eslovênia, em 2007; Chipre e Malta, em 2008; a Eslováquia, em 2009; a Estônia, em 2011; a Letônia, em 2014; e a Lituânia, em 2015.

Há alguns países europeus que utilizam o euro como moeda, embora não façam parte da União Europeia. É o caso de Mônaco, Vaticano, São Marino e Andorra (com acordo formal), Montenegro e Kosovo (sem acordo formal). Veja o mapa abaixo.



Adaptado de: UNIÃO EUROPEIA. *União Europeia em slides*. Disponível em: <[http://europa.eu/publications/slide-presentations/slides/pdf/eu\\_in\\_slides\\_pt.pdf](http://europa.eu/publications/slide-presentations/slides/pdf/eu_in_slides_pt.pdf)>. Acesso em: 7 mar. 2016.

## PIB da Zona do Euro vai crescer a taxa moderada em 2016 e 2017, diz UE

Aumento de riscos globais reduz ritmo de crescimento neste ano. Previsão é crescimento de 1,7% este ano e de 1,9% em 2017.

*O crescimento econômico da Zona do Euro vai acelerar ligeiramente neste ano e no próximo, estimou a Comissão Europeia [...], mas o ritmo será menor em 2016 do que as estimativas anteriores devido ao aumento dos riscos globais.*

*É esperado que o Produto Interno Bruto (PIB) dos 19 países-membros da Zona do Euro cresça 1,7% este ano, de 1,9% em 2015. A recuperação vai ganhar velocidade em 2017 com expansão econômica de 1,9%, disse a Comissão em suas projeções econômicas de inverno (no hemisfério norte).*

*A estimativa de crescimento para este ano foi ligeiramente revisada para baixo, de 1,8% da previsão de novembro [de 2015]. O número de 2017 ficou inalterado.*

*Fatores externos são vistos como os principais riscos para a economia da Zona do Euro, que vai continuar a crescer em maior parte por causa do consumo doméstico.*

*“O crescimento moderado da Europa está enfrentando fatores desfavoráveis, do crescimento mais lento dos mercados emergentes como a China, do comércio global mais fraco e das tensões geopolíticas vizinhas à Europa”, disse o vice-presidente da Comissão, Valdis Dombrovskis, em um comunicado.*

*Os preços baixos do petróleo, o crédito barato e o euro fraco vão continuar a impulsionar o crescimento da*

*Zona do Euro, mas isso será compensado pelo “ajuste desordenado” na China e a possibilidade de taxa de juros maiores nos Estados Unidos.*

*Todas as nações da Zona do Euro devem crescer este ano, exceto a Grécia, cujo PIB deve recuar 0,7%, embora seja um declínio menor do que o de 1,3% previsto pela Comissão em novembro.*

### Inflação

*A Comissão Europeia rebaixou [...] a 0,5% para 2016 suas projeções de evolução de preços na Zona do Euro, contra um prognóstico de 1% em suas estimativas de novembro.*

*Depois de registrar uma inflação nula em 2015, a comissão afirma em suas previsões econômicas de inverno que “para o ano de 2016 em seu conjunto, a taxa de inflação anual da Zona do Euro será de apenas 0,5%, em parte porque o crescimento dos salários será moderado”.*

REUTERS. G1 Economia, 4 fev. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/02/pib-da-zona-do-euro-vai-crescer-taxa-moderada-em-2016-e-2017-diz-ue.html>>. Acesso em: 7 mar. 2016.

### ⊕ Agora, faça as atividades propostas.

1. Quais são os fatores desfavoráveis em relação ao crescimento econômico moderado europeu?
2. A inflação oficial brasileira, em 2015, foi de 10,67%. Compare-a com a inflação da Zona do Euro no mesmo período.
3. Explique um fator que permita compreender por que a China tem tanta importância nos mercados internacionais, chegando, inclusive, a impactar o crescimento econômico da Zona do Euro.

## ● As instituições da União Europeia

A União Europeia conta com um sistema institucional único no mundo, com três organismos principais (Parlamento Europeu, Conselho da União Europeia e Comissão Europeia), além de um Tribunal de Justiça e um Tribunal de Contas.

O Conselho é a principal instância da União Europeia. Partilha com o Parlamento decisões legislativas, econômicas, orçamentárias e de política de segurança.

- ▼ Reunião do Parlamento Europeu em outubro de 2015, em Estrasburgo, na França.



A Comissão Europeia representa a instituição em escala mundial. O Tribunal de Justiça resolve os litígios entre os países integrantes. Cabe ao Tribunal de Contas fiscalizar a legalidade das despesas da União e garantir a correta gestão financeira do orçamento.

## ● Crise na União Europeia

Em 2008, uma crise financeira de grandes proporções teve início nos Estados Unidos e rapidamente provocou efeitos na Europa. Surpreendidos pelo abalo financeiro, os bancos europeus acusaram queda nos investimentos e descapitalização, enfrentando processos de falência e venda de títulos.

Para conter a crise, os governos de alguns países tentaram realizar uma operação para salvar os bancos, comprometendo, dessa forma, somas enormes de fundos públicos. Ao contrário do que esperavam, porém, a crise não foi revertida.

Na sequência, um grupo de países, que ficou conhecido pela sigla PIIGS (Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha – em inglês, Spain), foi visto como candidato ao calote de suas dívidas e perdeu a confiança dos investidores. Todos eles tinham altos *deficits* públicos, o que ocorre quando um país gasta mais do que arrecada. A crise da dívida pública ficou evidente em 2010 e ameaçou a estabilidade da moeda única do bloco.

O país mais atingido foi a Grécia, cuja dívida pública havia atingido, em 2009-2010, 120% do PIB do país. Diante da situação, o bloco adotou um plano de ajuda à Grécia, incluindo empréstimos sob supervisão do Banco Central Europeu.

Todos os membros do bloco sentiram o baque, notadamente os outros integrantes do PIIGS, que tiveram de reajustar suas contas.



▼ Manifestação contra o Parlamento Grego, em Atenas, na Grécia. Foto de 2016.

Depois de muitas discussões, em maio de 2010 a União Europeia e o FMI anunciaram um plano de resgate de 750 bilhões de euros e a criação de um fundo de estabilização coletivo para a Zona do Euro. Enquanto isso, os maiores países europeus tiveram de adotar seus próprios planos de ajuste de finanças e de contenção de gastos públicos.

## ■ O Espaço Econômico Europeu

Criado em 1992, o Espaço Econômico Europeu (EEE) é resultado da progressiva integração da antiga CEE com a Aelc e da participação de países que não desejam uma integração mais completa, uma vez que o EEE é apenas uma zona de livre-comércio. A organização conta com 29 integrantes, os 27 da União Europeia mais a Islândia e o Liechtenstein, que participa apenas como observador. O EEE entrou em vigor em 1994 e funcionou como um estágio intermediário para o ingresso de países da Aelc na União Europeia.



Elaborado com base em: <[www.efta.int/about-efta/history.aspx](http://www.efta.int/about-efta/history.aspx)>. Acesso em: 7 mar. 2016.

## O desafio da imigração na Europa: problema enorme para soluções pequenas

A complexidade e a gravidade do problema com a imigração exigem múltiplas ações, coordenação política afinada entre os 28 países do bloco europeu e, claro, muito dinheiro

Há uma semana, mais de 800 imigrantes ilegais que tentavam alcançar a Europa morreram na costa da Líbia após o barco que os levava naufragar. Os pouco mais de vinte sobreviventes informaram às autoridades italianas que os resgataram que muitos dos mortos eram mulheres e crianças, que viajavam trancadas no porão da embarcação. A tragédia motivou reuniões de emergência e voltou a acender a luz vermelha nos gabinetes da União Europeia (UE) em Bruxelas. A Europa enfrenta um sério problema com a afluência de imigrantes ilegais que se arriscam na travessia do mar Mediterrâneo em barcos precários e ainda está longe de resolver a questão.

A complexidade e a gravidade do problema com a imigração exigem múltiplas ações, coordenação política afinada entre os 28 países do bloco europeu e, claro, muito dinheiro. Yves Pascouau, diretor de políticas de imigração do Centro Europeu de Políticas Públicas, em Bruxelas, acredita que do ponto de vista econômico, a Europa é capaz de absorver os imigrantes econômicos (que buscam emprego e melhoria de vida) e os refugiados (que fogem de áreas de conflito). O grande problema é o custo político que os governos nacionais teriam de enfrentar. “Nem todas as pessoas contrárias à imigração são xenófobas e racistas, mas elas apenas não confiam mais nos partidos convencionais e por isso votam

em plataformas de extrema-direita, mais nacionalistas. Os partidos de extrema-direita estão capitalizando essa frustração e hoje fazem parte do jogo político em muitos países. Isso tem um efeito forte na agenda política e está ficando cada vez mais difícil discutir o problema em alguns países e mesmo em nível continental. Em outras palavras, o problema se tornou tóxico para o discurso e as ações políticas”.

Há ainda questões políticas que contrapõem países do sul do bloco (Espanha, Itália, Grécia, Malta e Chipre) às nações do norte. “Não é inteligente para a UE opor os países do sul aos do norte. Mas é verdade que a Itália e a Grécia estão enfrentando uma situação extrema e estão tendo um trabalho muito árduo. Já alguns Estados do norte estão tendo de lidar com o oferecimento de asilo, enquanto outros não estão muito comprometidos da forma como deveriam estar”, diz Roderick Parkes, consultor do Instituto Alemão de Relações Internacionais. “Há países europeus do Norte que não aceitam discutir a imigração e querem que a Itália, Espanha, Grécia e Malta sofram sozinhos. Este é um fracasso político da Europa”, acrescenta Pascouau.

Outra crítica dos especialistas diz respeito ao tempo de resposta da UE, que teria demorado muito em agir. Martin Baldwin-Edwards, do Centro Internacional para Políticas Migratórias, em Viena, afirma que “não existe e nunca existiu uma política europeia de imigração”. Para ele, “há muitas peças de legislação em diferentes países, mas não há um acordo político sobre muitos pontos, exceto o desejo de manter os imigrantes fora da Europa”. Para Baldwin-Edwards, a Europa deve aceitar cotas de refugiados de zonas de guerra ou de países em crise e deve distribuir essas pessoas em toda a UE. Apesar das altas taxas de desemprego, há na Europa muitos postos de trabalho que estão vagos. “Isso é um fato. Há trabalhos que os cidadãos da UE simplesmente não querem mais. Basicamente falando, são os ‘DDD jobs’ [empregos sujos, perigosos ou pesados, tradução de dirty, dangerous and demanding jobs], e os refugiados poderiam preencher essas vagas”, explica Pascouau.

Elisa De Pieri, especialista em imigração da Anistia Internacional, afirma que os países da UE têm feito pouco para os refugiados. “Os países vizinhos da Síria — Líbano e Egito — estão acolhendo 3,9 milhões de refugiados. Entre 2012 e 2014 os 28 países da UE receberam 186 000 novos pedidos de asilo, mas só concederam 40 000. É evidente que é vergonhosamente pouco”, lamentou Elisa, ressaltando ainda que países como Alemanha e Suécia, que recebem mais de um terço de todos os refugiados, “têm feito muito mais do que a maioria dos outros juntos”.

Guillaume Pinon/NurPhoto/Corbis/Fotoarena



▼ Refugiados sírios chegam à ilha de Lesbos, na Grécia. Foto de 2016.

Somente em 2014, segundo dados da agência da ONU para refugiados, mais de 200 000 imigrantes entraram ilegalmente na Europa vindos da África e outros mais de 3 200 morreram no mar. Neste ano [2015], até o momento, cerca de 35 000 pessoas já conseguiram alcançar o continente europeu e mais de 1 700 morreram tentando. As consequências do maior fluxo migratório que o continente europeu já enfrentou são sentidas em diversas esferas: no âmbito político, partidos nacionalistas extremistas (alguns abertamente xenófobos) ganharam espaço em muitas nações; na economia, países como Grécia, Malta e Itália gastam milhões por ano para manter funcionando abrigos e operações de resgate no mar; na área social, Alemanha, Holanda e Suécia, mesmo enfrentando resistência de suas próprias sociedades, tentam integrar os imigrantes com custosos programas de inserção que envolvem aulas de línguas e cursos de formação profissional.

Há ainda outros exemplos significativos do impacto dessa nova onda migratória: a Itália gasta mais de 1 milhão de euros (3,2 milhões de reais) em subsídios por dia para manter os abrigos que acolhem os imigrantes; o medo do terrorismo motivou a Bulgária a erguer um muro de mais de 30 quilômetros na fronteira com a Turquia; o governo sueco precisou abrir novos empregos públicos para trabalhar com o aumento dos pedidos de asilo; na minúscula cidade alemã de Vorra, neonazistas incendiaram um centro de acolhimento recém-construído e pintaram suásticas no local.

**Novas ações** — [...] após a reunião de chefes de Estado da UE, o bloco anunciou que irá triplicar o tamanho da missão de buscas navais no Mediterrâneo. A UE deu garantias de que haverá capacidade, recursos e alcance comparáveis à operação italiana Mare Nostrum, que acabou há seis meses e foi substituída por ações menores: a Triton, liderada pela Itália, e a Poseidon, comandada pela Grécia. Outra medida anunciada é uma possível operação militar contra o tráfico de pessoas a partir da Líbia — principal área de onde partem os imigrantes ilegais. Mas, para realizar ações militares que podem envolver incursões

em águas e territórios líbios, a União Europeia precisa da autorização legal das Nações Unidas.

O primeiro-ministro italiano Matteo Renzi disse que França e Grã-Bretanha apresentarão uma resolução ao Conselho de Segurança da ONU com o objetivo de obter o aval para a operação militar. A empreitada está a cargo da chefe da diplomacia europeia, a também italiana Federica Mogherini. E o objetivo da ação é “capturar e destruir” os barcos utilizados pelos traficantes de pessoas. Ainda não estão definidos os países que integrariam essa força naval conjunta europeia e tampouco outros fatores, como tamanho da esquadra e a quantidade de soldados que seriam utilizados.

BRAGA NORTE, Diego; GHIROTTI, Edoardo. *Veja*, 26 abr. 2015.

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/o-desafio-da-imigracao-na-europa-problema-enorme-para-solucoes-pequenas>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

### ⊕ Pesquisa

Elabore uma pesquisa com o tema **refugiados**.

Converse com o professor, consulte sites, livros e revistas sobre o tema proposto. Você pode pesquisar informações como:

- qual é a diferença entre *refugiado* e *asilado*;
- de quais países sai a maior parte dos refugiados que tentam entrar na Europa, atualmente;
- o que esses refugiados buscam e o que eles efetivamente encontram;
- números, estatísticas e estimativas dessa grande fuga rumo à Europa;
- qual é o país mais procurado pelos refugiados;
- por que esse grande deslocamento é considerado um grave problema socioeconômico para os países europeus, principalmente pela rota que os refugiados fazem até conseguir chegar ao seu pretensão destino.



Alexander Koerner/Getty Images

▼ Refugiados principalmente do Irã, do Iraque e da Síria, no acampamento de Moria, em Lesbos, na Grécia. Foto de 2016. O acampamento pertence à ACNUR, agência da ONU para refugiados.



1. Consulte um atlas geográfico e responda às questões.
  - a) Em qual hemisfério se localizam as terras do continente europeu?
  - b) Que nação é banhada simultaneamente pelos mares Tirreno, Jônico e Adriático?

2. A Europa foi o continente pioneiro na ideia de cooperação econômica entre seus países e atualmente vive uma grande crise econômica em seu principal bloco econômico, a União Europeia. Explique resumidamente esse processo.

3. Leia e reflita sobre o pensamento de um sociólogo alemão.

*Hoje, a Alemanha decide sobre o “ser ou não ser” da Europa — é essa a frase que resume a situação espiritual e política do nosso tempo.*

BECK, Ulrich. *A Europa alemã: a crise do euro e as novas perspectivas de poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p. 21.

- a) A partir da leitura, o que se pode afirmar sobre as ideias desse autor?
4.  **Geografia, História e Sociologia** Reflita sobre os pontos a seguir e depois faça o que se pede.
    - Angela Merkel, a primeira-ministra alemã, considerada a mulher mais influente do mundo, provoca choro na filha de refugiados libaneses ao sugerir que ela poderia ser deportada porque o Líbano não está em guerra.
    - Enquanto os habitantes nascidos na União Europeia usufruem de elevados padrões de vida, os

refugiados africanos e asiáticos estão sujeitos às mais diversas formas de exclusão social.

- O melhor IDH do mundo é europeu, enquanto a Grécia quase foi expulsa desse bloco por razões econômicas.
  - Ter o passaporte da União Europeia representa livre acesso a todos os países integrantes do bloco, e a Hungria ergue seu muro contra os invasores indesejados.
  - Desempregados europeus se unem aos desempregados estrangeiros das áreas pobres no mesmo espaço.
  - Turistas ricos andam de gôndola em Veneza, Itália, e milhares de imigrantes africanos não são autorizados a desembarcar nas costas do sul europeu. Isso sem considerar os milhares de mortos que nem sequer chegam ao continente rico, desenvolvido e xenófobo.
- a) O que significa afirmar que o passaporte da União Europeia representa livre acesso aos países integrantes?
  - b) Identifique dois problemas socioeconômicos europeus, sendo um interno e outro externo, a partir da leitura do texto.
  - c) Por que a primeira-ministra alemã é considerada a mulher mais influente do mundo? Pesquise em sites, livros e também converse com os professores de Geografia, História e Sociologia.
  - d) O que mais chamou sua atenção no texto? Justifique sua resposta.

Reprodução/ReutersTV



 **Não escreva no livro**

▼ A chanceler Angela Merkel conversa com refugiada libanesa durante um debate sobre a política de asilo, que aconteceu em uma escola em Rostock, na Alemanha. Foto de 2015.

# CEI: Comunidade dos Estados Independentes

Grisha Bruev/Shutterstock



▼ Edifícios em Minsk, capital de Belarus, onde fica a sede da CEI. Foto de 2015. Acima, à direita, o símbolo da CEI.

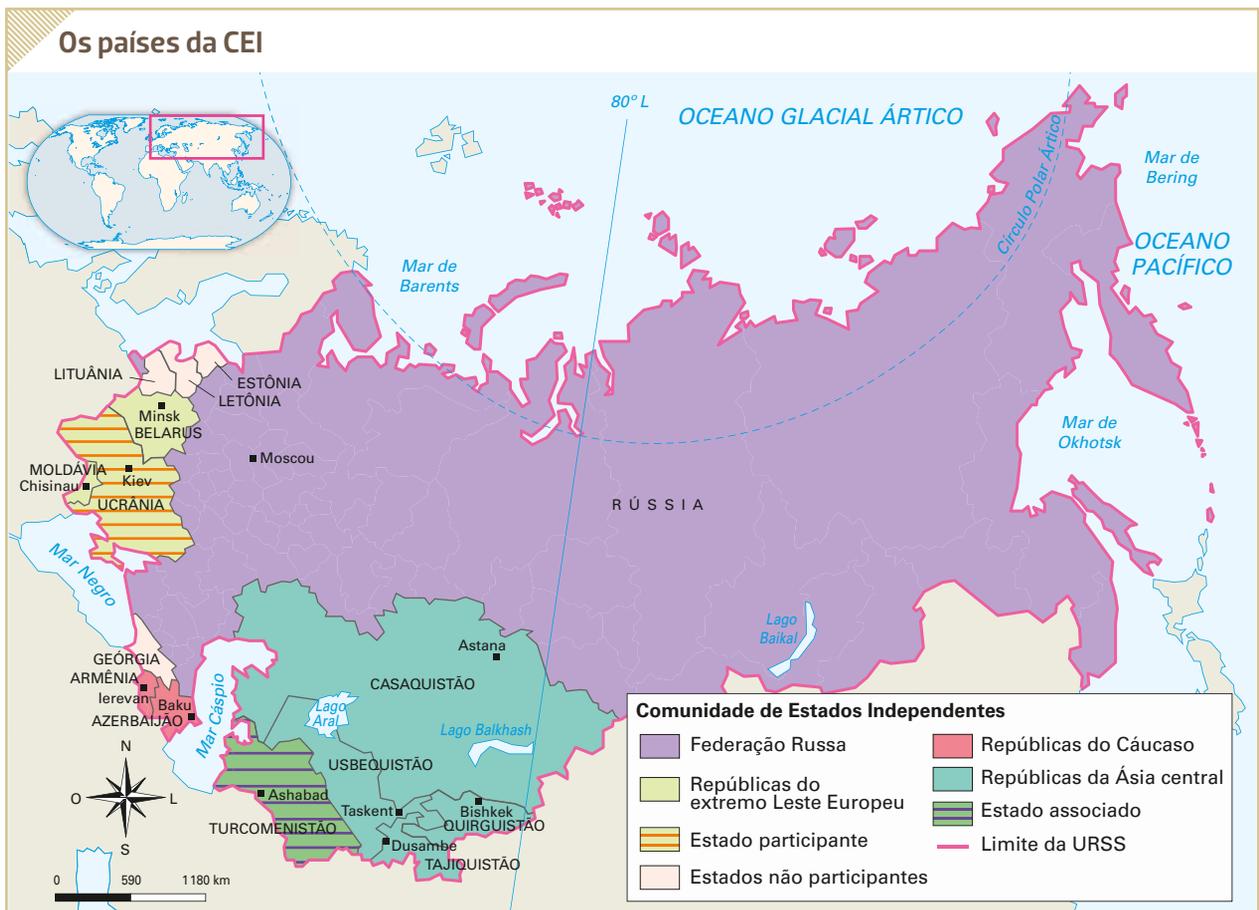
## ■ O que é a CEI

A Comunidade dos Estados Independentes (CEI) é uma organização criada em 8 de dezembro de 1991, quando foi firmado o acordo de Minsk, e instituída pelo Tratado de Alma-Ata em 21 de dezembro do mesmo ano. Sua sede está localizada em Minsk, capital de Belarus.

A origem da CEI está na desintegração da URSS, no final de 1991, como estudamos no Capítulo 15. Entre os motivos que determinaram essa desintegração destaca-se a grande diversidade étnica, religiosa e econômica das repúblicas que

a constituíam. Essas diferenças geraram tensões que durante muito tempo foram sufocadas com mão de ferro pelo Partido Comunista que governava os soviéticos. Com a *glasnost* e a progressiva perda de poder do governo, essas mesmas tensões impulsionaram os movimentos de independência das repúblicas. E com o fim da URSS essa independência se concretizou.

A maior parte desses países optou por constituir uma organização, a CEI, a fim de manter os laços econômicos que tinham entre si, principalmente em relação à economia russa. Veja o mapa da próxima página.



Adaptado de: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 43-47; WORLD ATLAS. Disponível em: <[www.worldatlas.com/aatlas/infopage/cis.htm](http://www.worldatlas.com/aatlas/infopage/cis.htm)>. Acesso em: 14 mar. 2016.

Observe no mapa acima que nem todas as ex-repúblicas soviéticas integram a CEI. Três delas, Lituânia, Estônia e Letônia — os **países bálticos** — estão fora da Comunidade (pertencem à União Europeia, como visto no Capítulo 21). A Ucrânia, apesar de ter sido um dos três países fundadores (com Rússia e Belarus), é um membro não oficial porque não ratificou o estatuto de criação da comunidade e teve problemas com a Rússia após a invasão de uma porção de seu território, a península da Crimeia, em 2014, como veremos a seguir. Desde agosto de 2005, o Turcomenistão, situado na Ásia central, deixou de ser membro permanente da organização, passando à condição de Estado associado. A Geórgia fez parte do bloco de 1994 a 2008, mas se retirou oficialmente em 2009, em protesto contra o apoio da Rússia ao movimento separatista na Ossétia do Sul e Abkházia. A CEI, portanto, abrange países da Europa e da Ásia.

**País báltico:** país localizado na Europa oriental, banhado pelo mar Báltico.

O principal objetivo da fundação da CEI foi manter ligadas à Rússia antigas repúblicas soviéticas essenciais para a manutenção de sua economia e que, a partir de então, tornavam-se países independentes. Era necessário manter essa ligação porque, durante a existência da antiga URSS, a economia planificada determinou a localização de regiões industriais e agrícolas dispersas por seu imenso território, associadas às áreas que dispunham de recursos naturais abundantes, com solos férteis e a existência de minérios e fontes de energia. Como resultado dessa política de localização econômica, desenvolveu-se uma grande dependência entre suas repúblicas, fundamentada na complementaridade de fornecimento de matérias-primas, produção e consumo que tinha na Rússia a maior beneficiada. Essa complementaridade desmoronou com a dissolução da antiga potência e o surgimento de países independentes no lugar do conjunto de repúblicas. A solução encontrada para esse problema tão sério foi a formação de uma organização que permitisse manter os laços econômicos que esses países tinham entre si.

## ● A CEI e a União Econômica Eurasiática

A CEI não é um país, como era a União Soviética, nem foi criada para substituir a potência desaparecida. Essa organização não constitui um bloco econômico, pois não há uma política comercial comum entre os países-membros nem isenção e redução de tarifas, sendo previstos somente tratados bilaterais de livre-comércio. Além dessa fragilidade de integração, várias questões dificultaram o funcionamento amplo da CEI. As principais foram a diversidade étnica, os constantes conflitos internos e as disputas de fronteira entre seus países. Também pesaram as disparidades econômicas entre os membros e os regimes políticos distintos com posições diferentes em relação ao governo russo.

Em 2016, a CEI havia perdido alguns participantes, e os países remanescentes estavam divididos: alguns governos eram pró-Rússia e outros, anti-Rússia.

Sem dúvida, a Rússia exerce papel de grande importância na organização, e apesar de ter problemas com muitos dos países, tenta manter a hegemonia na região por meio de alianças, que fazem parte da política externa do governo de Vladimir Putin para a região. Sua mais ambiciosa realização é a criação de um espaço pós-soviético que possa competir com a União Europeia: a União Econômica Eurasiática (UEEA), em funcionamento desde 2015. O embrião dessa nova organização foi a Comunidade Econômica Eurasiática (EurAsEC), criada em 2000. A integração foi sendo gradualmente aprofundada com a criação de uma união aduaneira composta por Belarus, Casaquistão e Rússia, em 2010.

Uma nova etapa se iniciou em 2012, com a criação de um Espaço Econômico Comum entre os Estados-membros da união aduaneira, que permite a livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais, entre outros pontos.

Todas essas entidades foram unificadas e deixaram de existir, dando lugar à UEEA, composta por Rússia, Belarus, Casaquistão e Armênia. Por tratar-se de um bloco organizado, com objetivos bem definidos, a criação da UEEA pode acabar enfraquecendo o papel da CEI na geopolítica regional. Suas principais vantagens são a eliminação de barreiras tarifárias e da burocracia, aumento do mercado de consumo, fortalecimento das indústrias dos países-membros e maiores atrativos para investimentos

estrangeiros (IED). Mas é necessário avaliar bem as estratégias extrarregionais, pois os países do bloco não são autossuficientes e dependem de importações, bem como são produtores de *commodities* que vão para fora do bloco.

A UEEA é composta por instituições como o Banco de Desenvolvimento Eurasiático (BDE), sediado em Altamaty, no Casaquistão. Esse banco conta com a participação de países que ainda não fazem parte da UEEA, como o Tadjiquistão. A instituição apoia os países em eventuais crises financeiras e financia projetos de modernização e infraestrutura para adequá-los aos padrões da organização.



Sasha Mordovets/Getty Images

▼ Reunião da UEEA, em Moscou, na Rússia. Foto de 2015.

## ■ Os países da CEI

Com o fim da União Soviética, a barreira que separava o mundo capitalista do mundo socialista na Europa também deixava de existir: a chamada “Cortina de Ferro”, termo designado pelo então primeiro-ministro da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill.

A partir da década de 1990, a Rússia e suas ex-repúblicas passaram a atrair a atenção de diversos países desenvolvidos. Embora apresentem um desenvolvimento econômico e situações políticas desiguais, as ex-repúblicas soviéticas ainda não conseguiram adotar plenamente uma economia de mercado e formas de governo que se aproximem da democracia representativa. As nações mais democráticas e independentes economicamente, entre as ex-repúblicas soviéticas, são os três Estados bálticos, que não aderiram à CEI.

A indústria, principalmente a de base, está assentada em dois fatores atrativos para as empresas

transnacionais: forte presença de recursos naturais e ampla mão de obra de certa forma qualificada e de baixo custo. Além disso, são países que apresentam consideráveis reservas de petróleo e gás natural.

Podemos reunir os países da CEI conforme a sua localização geográfica no continente eurasiático: países do extremo Leste Europeu, países do Cáucaso e países da Ásia central.

## Os países do extremo Leste Europeu

As repúblicas europeias da CEI estão mais próximas do mundo ocidental, do ponto de vista geográfico. Os recursos naturais de algumas delas foram fundamentais para o desenvolvimento econômico soviético. Veja os principais indicadores na tabela abaixo.

CEI: indicadores selecionados das repúblicas do extremo Leste Europeu — 2015

País	Belarus	Ucrânia*	Moldávia
Capital	Minsk	Kiev	Chisinau
Área (km <sup>2</sup> )	207 600	603 500	34 483
População (em milhões de hab.)	9,5	44,4	3,5
Analfabetismo (%)	0,3	0,2	1,0
Mortalidade infantil (‰)	3,6	8,1	12,5
Expectativa de vida (em anos)	72,4	71,5	70,4
PIB (em bilhões de US\$)	62	90,1	6,1
Renda per capita (PPC em US\$)	17 800	8 000	5 000
Exportações (em bilhões de US\$)	28,6	37,6	2,0
Importações (em bilhões de US\$)	24,7	37,1	4,1
IDH**	0,798	0,747	0,693

\* A Ucrânia não é membro pleno da CEI, é participante extraoficial.

\*\* Dados de 2014.

Fontes: ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en>>; CIA. *The World Factbook 2015*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/up.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/up.html)>. Acesso em: 15 mar. 2016.

**Ucrânia.** Tem grande parte de seu território formada pelos extremamente férteis solos negros (*tchernoziom*), o que explica a importância de sua

produção agrícola, com destaque para o trigo, a beterraba e o girassol. Mas vale destacar que a utilização inadequada desse solo tem reduzido sua capacidade produtiva. Aliás, são herança do período de domínio soviético áreas com solos altamente degradados em função de seu uso inadequado, quando dominava no país a ideia de crescer a qualquer custo, num esforço para aumentar as unidades de produção em vez de aumentar a sua eficiência.

Além disso, conta com um importante parque industrial e é rica em carvão, petróleo e ferro. A Crimeia, localizada ao sul, foi anexada à força pela Rússia, em 2014, causando tensões entre os dois países.

Um grande problema da Ucrânia é a dependência do gás natural da Rússia, que, por vezes, corta o fornecimento do produto, criando tensões entre os dois países. Outro agravante dessas tensões é o fato de a Ucrânia ser o “corredor de passagem” de importantes oleodutos e gasodutos que vão da Rússia para os países da União Europeia. Na tentativa de buscar alternativas a essa situação, a Rússia e a Alemanha projetaram um duto submerso no mar Báltico de mais de 1 200 km (o maior do mundo) que possibilitou a troca comercial direta entre esses países. Em 2011 foi inaugurada a primeira fase desse projeto, que já envia por ano 27 bilhões de metros cúbicos de gás à Europa, via Alemanha. Veja no mapa da página 265 alguns dos principais gasodutos dessa região (e a posição estratégica da Ucrânia) e o traçado deste novo gasoduto.

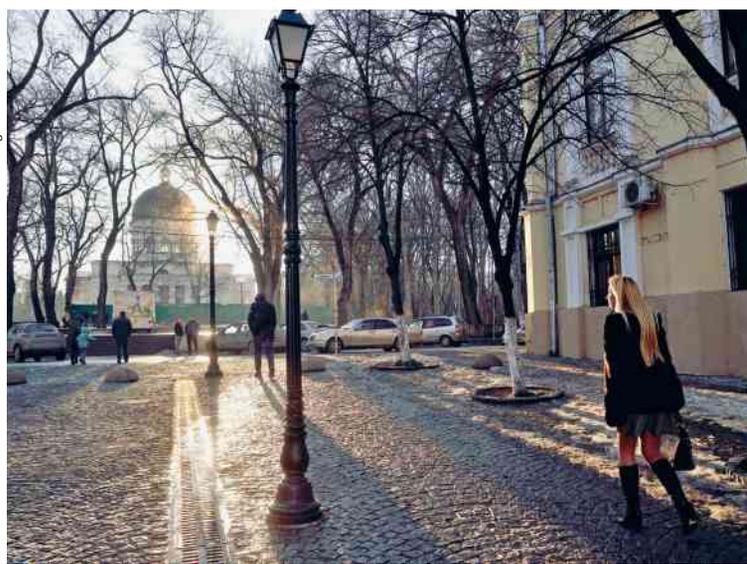
**Belarus.** Antiga Rússia Branca ou Bielo-Rússia, Belarus é relativamente industrializada e seu povo tem padrão de vida relativamente elevado. Ao lado da Rússia, é o país que apresenta o maior IDH da Comunidade (veja a tabela ao lado). Na indústria, o setor automotivo, de máquinas e implementos para a indústria e a agricultura é importante para sua economia. Esse país conta com uma agricultura moderna e mecanizada, cujos principais produtos são cevada, batata e beterraba açucareira. O principal mercado para os seus produtos é a Rússia. Belarus não é rica em recursos minerais e depende da Rússia para o fornecimento de carvão mineral, petróleo e gás.

**Moldávia.** É uma república latina dentro da CEI: a maioria de sua população é de etnia romena e a língua oficial é o romeno, idioma derivado do latim. Fez parte da antiga União Soviética desde 1944, mas sempre se diferenciou dos russos

pela língua e por suas tradições. Na Moldávia, o setor agrícola tem grande peso na economia, principalmente em virtude das condições naturais do país, com terras baixas de solos férteis. Destacam-se as culturas de frutas, de uva para a fabricação de vinho e de tabaco.

Nacionalistas de origem latina querem se unir à Romênia, o que causa conflito com a minoria de origem russa.

Daniel Mihaliescu/Agência France-Press



▼ Rua na cidade de Chisinau, capital da Moldávia. Foto de 2016.



Portal de mapas/Arquivo da editora

Adaptado de: CHARLIER, Jacques (Dir.). *Atlas Du 21<sup>e</sup> siècle édition 2010*. Groningen: Wolters-Noordhoff; Paris: Éditions Nathan, 2009. p. 56, 93. Mapa sem data na fonte original.

## Moldávia e Transnístria, entre dois mundos

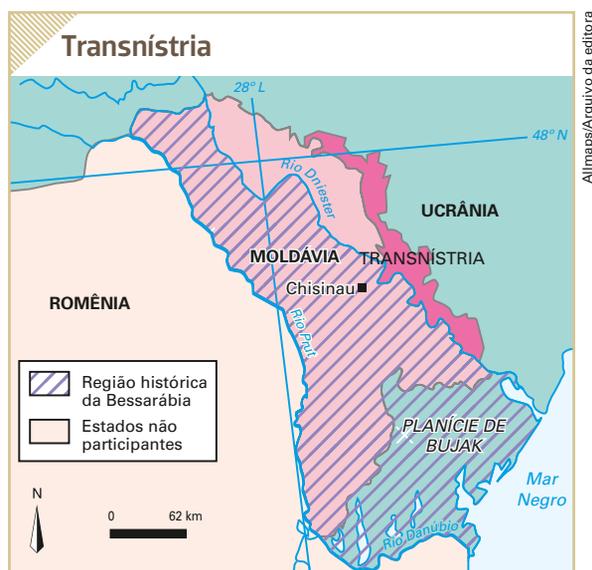
Encravada entre a Romênia e a Ucrânia, a Moldávia se situa na linha de divisão histórica que separa o Império Russo **ortodoxo** do Império Otomano e o mundo centro-europeu do mundo russo.

**Religião ortodoxa:** refere-se ao grupo de igrejas católicas que rompeu com o papado romano desde 1054.

Entre 1939 e 1941, Joseph Stalin tirou o litoral do mar Negro da Moldávia e incorporou a planície de Bujak à Ucrânia, proporcionando a esta um acesso terrestre ao delta do Danúbio. Ao mesmo tempo, incluiu a Transnístria na nova República Moldávia. Desse modo, se asseguraram, até a Segunda Guerra, as pretensões russas de controlar a Bessarábia, que, entre 1918 e 1945, estava sob domínio romeno. Essa região, com população majoritariamente russa e ucraniana, abrigou as centrais elétricas e indústrias pesadas do país, além de uma importante base militar da URSS.

Desde então, o conflito permanece sem uma solução. Para neutralizar o apoio russo, a Moldávia, com o apoio dos Estados Unidos, criou em 1997 o GUAM, grupo formado por Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia para garantir a unificação do país.

EL ATLAS de Le Monde Diplomatique. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2008. p. 102. (Adaptado.)



Adaptado de: ATLANTE Storico De Agostini. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2013. p. 107.

### + Reflita, pesquise e faça as atividades propostas.

1. Explique por que a Moldávia pode ser incluída na "divisão histórica que separa o Império Russo do Império Otomano".
2. Qual era o status político da Moldávia entre 1945 e 1990?

## As repúblicas do Cáucaso

Mais ao sul, no continente europeu, uma cadeia de montanhas, o Cáucaso, marca a geografia de dois países da CEI: Azerbaijão e Armênia.

A tabela ao lado mostra algumas características e indicadores socioeconômicos dos países do Cáucaso que fazem parte da CEI.

**Armênia.** Mantém comércio com outros países da CEI, exportando produtos como máquinas e tecidos e importando matérias-primas e fontes de energia. Nos últimos anos, o país tem desenvolvido outras atividades, como a produção de pedras preciosas, a indústria joalheira e a fabricação de pneus e sapatos. A Armênia também está crescendo no setor de desenvolvimento de *software* e nas indústrias de tecnologia de informação e comunicação. Em sua agricultura, destaca-se a produção de hortaliças e de frutas, principalmente uvas.

A partir de 1994, a Armênia passou a receber capitais estrangeiros. A privatização de empresas

CEI: indicadores selecionados das repúblicas do Cáucaso — 2015

País	Armênia	Azerbaijão
<b>Capital</b>	Ierevan	Baku
<b>Área (km<sup>2</sup>)</b>	29 743	86 600
<b>População (em milhões de hab.)</b>	3,0	9,7
<b>Analfabetismo (%)</b>	0,3	0,2
<b>Mortalidade infantil (‰)</b>	13,5	25,6
<b>Expectativa de vida (em anos)</b>	74,3	72,2
<b>PIB (em bilhões de US\$)</b>	10,6	63,9
<b>Renda per capita (PPC em US\$)</b>	8 400	18 700
<b>Exportações (em bilhões de US\$)</b>	1,4	16,3
<b>Importações (em bilhões de US\$)</b>	3,1	8,4
<b>IDH*</b>	0,733	0,751

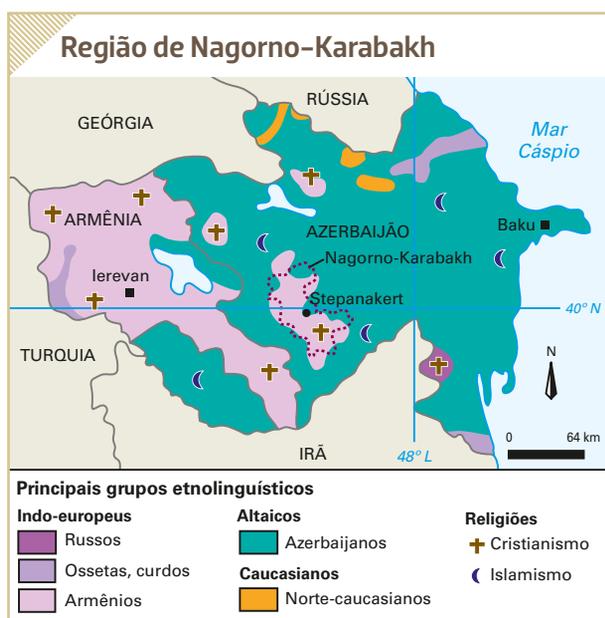
\* Dados de 2014.

Fontes: ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en>>; CIA. *The World Factbook 2015*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/up.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/up.html)>. Acesso em: 15 mar. 2016.

estatais teve início em 1997. O país tem afinidades com a Rússia, pois sua população é majoritariamente cristã ortodoxa.

**Azerbaijão.** O Estado continua a exercer importante papel na economia (veja tabela na página 266). O país detém grandes reservas de petróleo e um setor agrícola importante, que tem o algodão como principal produto. Outras culturas expressivas são as de trigo, arroz, uva, chá e tabaco. Também são consideráveis os rebanhos de gado caprino e ovino. Entre as indústrias, as mais desenvolvidas são a petroquímica, a têxtil e a química. Entre seus principais parceiros comerciais está a Rússia.

Armênia e Azerbaijão há anos lutam pela região de Nagorno-Karabakh, região habitada sobretudo por pessoas de etnia armênia (e religião cristã), que foi colocada sob controle do Azerbaijão durante o período da União Soviética. Esse conflito gerou milhões de refugiados. Veja o mapa.



Adaptado de: CHARLIER, Jacques (Dir.). *Atlas Du 21<sup>e</sup> siècle édition 2010*. Groningen: Wolters-Noordhoff; Paris: Éditions Nathan, 2009. p. 95. Mapa sem data na fonte original.

## Os países da Ásia central

No passado, essa região foi uma passagem estratégica para o Extremo Oriente, principalmente para a China. Hoje, os povos que a habitam procuram recuperar seu lugar na História. A abertura política desses países tem trazido de volta a importância de uma área que fez parte da lendária Rota da Seda (veja mapa no Capítulo 19), que ligava a China, através da Ásia central, aos mercados europeus,

e era assim chamada porque o principal produto transportado era o valorizado tecido chinês. Ainda hoje, a região é uma encruzilhada por onde passam as rotas que partem da Arábia, do Mediterrâneo, da China e da Índia.

Desde a década de 1990, porém, com o fim da União Soviética e a independência das repúblicas da Ásia central, essa região vem se reabrindo para o mundo e tem atraído a atenção de diversos países desenvolvidos. Ela tem se mostrado estrategicamente importante no cenário econômico e político internacional por abrigar importantes reservas de petróleo e gás natural ainda a serem exploradas, circunstância que contribuiria para diminuir a dependência que as principais economias do planeta têm em relação ao Oriente Médio, região instável politicamente e com reservas que supostamente estariam esgotadas em algumas décadas. Esses recursos naturais não renováveis continuam sendo demasiadamente importantes para a economia mundial, e são motivo de preocupação no cenário global.

Uma de suas áreas mais importantes é a depressão existente entre o lago Aral e o mar Cáspio, rica em reservas de petróleo e gás natural, que está no centro do novo jogo comercial. Mas como os países em questão produzem mais do que consomem, são exportadores dessas fontes de energia.

O gasoduto Turcomenistão-Afeganistão-Paquistão-Índia, financiado pelo Banco Asiático de Desenvolvimento, que vai transportar gás do mar Cáspio até a Índia, deverá estar pronto até 2017.

A Ásia central também tem assumido importância estratégica em áreas de tensão localizadas em regiões limítrofes e semilimítrofes, como Irã, Afeganistão e Paquistão, onde ocorrem confrontos principalmente entre os Estados Unidos e grupos terroristas.



▼ Vista de edifícios em Astana, capital do Casaquistão. Foto de 2015.

Na Ásia central estão quatro membros oficiais da CEI (Tajiquistão, Casaquistão, Quirguistão, Usbequistão) e um país associado (Turcomenistão).

Como a região não dispõe de um litoral banhado por mar aberto, o transporte dessas fontes de energia até o mar Negro e o mar Mediterrâneo, em direção à Rússia e à Europa, é feito por meio de uma grande rede de gasodutos e oleodutos. Para levar esses produtos ao seu destino, eles precisam passar por países do Cáucaso (Azerbaijão, Armênia e Geórgia), Rússia e Turquia (veja mapa da página 265).

O controle das jazidas, do transporte e do comércio desses produtos é disputado por vários países europeus, mas principalmente por Rússia, Estados Unidos e China, grandes consumidores. Nesse novo panorama da geopolítica dos recursos naturais (petróleo e gás natural), os países da Ásia central têm estado em posição de destaque no cenário mundial. Outros setores econômicos dos países da CEI na Ásia central que devem ser considerados são a agricultura e a indústria. A atividade agrícola é bastante prejudicada pela aridez do solo, mas são muito praticados o cultivo irrigado e a pecuária extensiva. Os principais produtos agrícolas são algodão, trigo, frutas e hortaliças.

**Usbequistão.** É grande produtor mundial de algodão e o segundo maior exportador, sendo importante fonte de receita para o país. Mas essa produção tem gerado graves problemas ambientais, como o quase desaparecimento do lago Aral. Desde a década de 1960, sob domínio soviético, as águas de dois de seus principais rios que abastecem esse lago foram desviadas para possibilitar que o algodão fosse cultivado. Apenas após a dissolução da União Soviética (e a independência do Usbequistão) a comunidade internacional passou a pressionar os “novos” Estados para conjuntamente resolverem a situação. Desde 2005 um projeto com financiamento do Banco Mundial tenta recuperar o volume de água do lago. O desaparecimento da água gerou outro problema: tempestades de areia transportam pesticidas e outras substâncias tóxicas (indiscriminadamente usadas na agricultura) que prejudicam a saúde da população da região.

O país conta com grandes reservas de petróleo, gás natural e urânio. Em seu território está também uma das maiores minas de ouro do mundo, situada em Murantau.

**Casaquistão.** Esse país tem assumido importante papel no comércio de petróleo, pois vem se tornando grande produtor e exportador desse recurso. Suas principais áreas de produção estão nos campos de Tengiz, Kashagan e Karachaganak (veja o mapa na página 269). Um de seus novos parceiros comerciais é a China, com sua economia voraz por recursos energéticos (a rota tradicional de transporte deste país é feita pela península de Málaca, no sudeste da Ásia). Tendo em vista o estreitamento dessas relações comerciais, foi construído um oleoduto, Casaquistão-China (inaugurado em 2006), que passou a ligar diretamente as reservas ao mercado, diminuindo a influência russa (antes da construção desse oleoduto, a maioria das exportações do Casaquistão passava pela Rússia). Veja novamente o mapa na página 269.

Reprodução/Nasa



Rebecca Lindsey/Nasa

▼ Imagens de satélite do lago Aral em 1989 e em 2015. É possível observar a grande área recoberta por água na primeira imagem e, mais recentemente, a mesma área recoberta por areia e sal. É considerado pela comunidade internacional um dos grandes desastres ecológicos da história.



Também destacam-se as indústrias petroquímica, metalúrgica, têxtil e alimentar, de implementos agrícolas, de material de construção e de joias.

No norte do país, 40% da população é formada pela etnia russa. Essa característica demográfica é um foco de tensão, uma vez que a Rússia tem antigas pretensões sobre a região.

**Tajiquistão e Quirguistão.** De território montanhoso, são os países mais pobres da Ásia central. Essencialmente agrícolas, produzem algodão, frutas, trigo e soja. São países que possuem vastos recursos minerais, entre os quais petróleo, gás natural, carvão, mas a exploração é incipiente. O Tajiquistão registra o crescimento populacional mais alto entre os países da CEI, associado a um baixo nível de vida. Observe alguns dos indicadores desses países na tabela da página 270.

**Turcomenistão.** Grande extensão de seu território é constituída de desertos, e a agricultura, cujo principal produto é o algodão, só é praticada graças a sistemas de irrigação. Possui importantes reservas de petróleo e gás natu-

ral, sendo o 8º produtor. Seus principais compradores são a China e a Rússia. Na indústria se destacam os ramos petroquímico, químico, metalúrgico e mecânico, abastecidos pelos recursos energéticos disponíveis. A fabricação de tecidos, especialmente de tapetes, também é importante.

Veja, na tabela da página 270, algumas características e alguns indicadores socioeconômicos dos países da Ásia central.



▼ Refinaria de petróleo em Atyrau, no Casaquistão. Foto de 2015.

## CEI: indicadores selecionados das repúblicas da Ásia central — 2015

País	Casaquistão	Tajiquistão	Quirguistão	Usbequistão	Turcomenistão
Capital	Astana	Dusambe	Bishkek	Taskent	Ashabad
Área (km <sup>2</sup> )	2 724 900	143 100	199 945	447 400	488 100
População (em milhões de hab.)	18,1	8,1	5,6	29,1	5,2
Analfabetismo (%)	0,2	0,3	0,5	29,1	5,2
Mortalidade infantil (‰)	12	33,9	27,7	19,2	36,8
Expectativa de vida (em anos)	70,5	67,3	70,3	73,5	69,7
PIB (em bilhões de US\$)	195	8,0	7,1	65,9	44,3
Renda per capita (PPC em US\$)	24 700	2 800	3 400	6 100	15 600
Exportações (em bilhões de US\$)	45,3	0,6	1,9	13,5	21,0
Importações (em bilhões de US\$)	31,6	3,1	4,2	13,5	14,8
IDH*	0,788	0,624	0,655	0,675	0,688

\* Dados de 2014.

Fontes: ONU. Pnud. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en>>; CIA. *The World Factbook 2015*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/up.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/up.html)>. Acesso em: 15 mar. 2016.

## Ampliando o conhecimento

### TEXTO 1

#### Ucrânia decide deixar a CEI e passa a exigir vistos para russos

CEI reúne onze ex-repúblicas e é liderada pela Rússia. Ucrânia exige introduzir um regime de vistos para os russos.

*A Ucrânia decidiu deixar a CEI, Comunidade de Estados Independentes, conforme declarou, nesta quarta-feira [19/3/2014], o secretário do Conselho de Segurança Nacional e de Defesa, Andrei Parubi.*

*A Comunidade dos Estados Independentes foi fundada no final de 1991, depois do fim da União Soviética, e reúne onze ex-repúblicas. O grupo é liderado pela Rússia.*

*De acordo com Andrei Parubi, a Ucrânia decidiu estabelecer a obrigação de vistos para os cidadãos russos. "Nós encarregamos o Ministério das Relações Exteriores de introduzir um regime de vistos com a Rússia", declarou Parubi após uma reunião do conselho.*

*Parubi também anunciou que a Ucrânia está elaborando um plano para evacuar os militares ucranianos e suas famílias da Crimeia. "Estamos elaborando um plano que nos permita evacuar os soldados e suas famílias da*

*Crimeia, para que sejam levados rápida e eficientemente para a Ucrânia continental", declarou.*

FRANCE Presse. G1 Mundo, 19 mar. 2014.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/ucrania-decide-deixar-cei-e-passa-exigir-vistos-para-russos.html>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

### TEXTO 2

#### Rússia construirá ponte para ligar território à Crimeia, anuncia Putin

Travessia do estreito de Kertch, de 4,5 km, é única forma de ligação. Governo russo avaliou o projeto em US\$ 3 bilhões.

*A Rússia construirá uma ponte entre seu território e a península da Crimeia, anunciou nesta quarta-feira [19/3/2014] o presidente Vladimir Putin, e seu governo avaliou o projeto em US\$ 3 bilhões.*

*"Precisamos de uma ponte para os automóveis e para o trem", ressaltou Putin diante do Conselho de Ministros, segundo a agência Interfax.*

*A travessia do estreito de Kertch, que tem 4,5 km de distância em sua parte mais estreita, entre o mar de Azov e o mar Negro, a leste da Crimeia, é a única forma, além*

do avião, de chegar à península a partir do território russo sem passar pela Ucrânia.

Uma balsa une atualmente as duas margens. Os trens circulam pelo território ucraniano, indicou o ministro dos Transportes, Maxime Sokolov. Ele afirmou que também estava sendo estudada a possibilidade de cavar um túnel.

Segundo o ministro, citado pela Interfax, o projeto conta com um orçamento total de 3 bilhões de dólares (2,16 bilhões de euros). Não foi informado quais estruturas estavam incluídas neste orçamento.

Uma autoridade local declarou no início do mês que o projeto de ponte terá 7,5 km de comprimento. O primeiro-ministro russo, Dimitri Medvedev, assinou

um decreto ao confiar a gestão a um grupo público de BTP. O preço evocado na época era de 24 bilhões de rublos (470 milhões de euros).

A Crimeia, um território do sul da Ucrânia com maioria de língua russa, proclamou sua independência após a mudança de poder em Kiev, e aprovou com 97% dos votos em um referendo no domingo sua incorporação à Rússia, denunciada pelas potências ocidentais.

O presidente Vladimir Putin assinou na terça-feira [18/3/2014] o tratado através do qual este território integra a Federação da Rússia.

AFP. G1 Mundo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/russia-construira-ponte-para-ligar-territorio-crimea-anuncia-putin.html>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

## Refletindo sobre o conteúdo



1. Quais fatores favoreceram a formação da CEI?

2. Observe um trecho do comentário do cientista político russo Arkádi Dubinov, especialista na Comunidade dos Estados Independentes (CEI).

[...]

No entanto, graças à CEI, que é tradicionalmente chamada de uma forma de divórcio civilizado das ex-repúblicas soviéticas, conseguiu-se, com poucas exceções, manter a circulação de pessoas sem visto e proporcionar migração de vários milhões de trabalhadores para a Rússia e o Casaquistão, que sustentam as economias dos países vizinhos.

Esses fatores dão razão para afirmar que a maioria dos membros da CEI terá interesse em manter a Comunidade ainda por muito tempo. A prova disso é a recusa da Ucrânia de confirmar sua decisão de retirar-se da CEI. Descobriu-se que se Kiev perdesse as preferências relacionadas à sua participação na zona de comércio livre da CEI, a economia ucraniana seria prejudicada.

[...]

DUBNOV, Arkádi. *Gazeta Russa*, 3 nov. 2014. Disponível em: <[http://br.rbth.com/opiniao/2014/11/03/a\\_sei\\_apos\\_o\\_colapso\\_da\\_uniao\\_sovietica\\_28023.html](http://br.rbth.com/opiniao/2014/11/03/a_sei_apos_o_colapso_da_uniao_sovietica_28023.html)>.

Acesso em: 14 mar. 2016.

a) Identifique:

- as nações que formam a CEI;
- os continentes onde estão localizadas.

b) Justifique o domínio da Federação Russa sobre os países da CEI.

3.  **Geografia e História** Leia o texto a seguir.

Mas a hegemonia da Rússia sobre o antigo espaço soviético não se evaporou. Essa hegemonia é um traço geopolítico estrutural da região, cujas raízes encontram-se na formação do Império Russo. As elites políticas das antigas repúblicas surgiram e se cristalizaram na moldura do Estado-Partido. As economias das antigas repúblicas soviéticas têm a sua dinâmica organizada em torno das estruturas produtivas, do mercado e das infraestruturas da Rússia. Nas antigas repúblicas soviéticas, vivem minorias significativas constituídas por russos étnicos. Mesmo durante a turbulenta transição que marcou a desagregação da União Soviética, Moscou conservou uma influência decisiva sobre os destinos das unidades políticas que configuram a sua periferia imediata.

A hegemonia russa institucionalizou-se através da criação da CEI, da qual fazem parte todas as antigas repúblicas soviéticas, com exceção dos Estados bálticos. A CEI é uma entidade geopolítica precariamente organizada. Apresenta-se como uma confederação, mas não possui instituições políticas supranacionais e, apesar de algumas tentativas nessa direção, nem sequer estabeleceu um bloco econômico ou comercial.

MAGNOLI, Demétrio. *O mundo contemporâneo*. São Paulo: Atual, 2004. p. 161-162.

a) Relacione a Rússia e a CEI.

b) É possível fazer um paralelo entre o que se afirma no texto e o papel dos Estados Unidos no Nafta?

c) Que países fazem parte dos Estados bálticos?

# Organismos internacionais, transnacionais e organizações não governamentais



International Monetary Fund/Agência France-Press

▼ Conferência das Nações Unidas realizada em 1ª de julho de 1944, em Bretton Woods, estado de New Hampshire, Estados Unidos. Nesse encontro, que contou com a presença de representantes de 44 países Aliados (contra os países do Eixo — Alemanha, Itália e Japão), discutiram-se programas de cooperação e desenvolvimento econômico para o período que se seguiria após o término da Segunda Guerra Mundial (1945). Na foto, o representante britânico *lord John Maynard Keynes* toma a palavra, em meio a representantes da Austrália, da URSS, dos Estados Unidos e da França.

## Os organismos financeiros internacionais

Duas importantes instituições financeiras internacionais foram criadas na Conferência de Bretton Woods, realizada em 1944, para reorganizar a economia capitalista após a Segunda Guerra Mundial: o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (Bird), uma instituição do Banco Mundial. Essas instituições tinham a missão de financiar e orientar a reconstrução dos países da Europa ocidental, cuja economia havia sido destruída pelo longo conflito, visando garantir uma certa estabilidade econômica mundial. Elas foram criadas para cumprir tarefas complementares, que se mantêm até hoje, apesar da

adequação de cada organismo às mudanças do capitalismo no mundo nas últimas décadas. Enquanto o FMI se encarrega do setor financeiro mundial, o Banco Mundial é responsável por projetos de longo prazo que visam ao desenvolvimento dos países-membros e à redução da pobreza no mundo.

Com a normalização e o crescimento dos países europeus, essas instituições voltaram-se para os países menos desenvolvidos, especialmente para aqueles que haviam se industrializado nas décadas de 1950 e 1960.

Com a globalização da economia, essas instituições deveriam contribuir para a diminuição das diferenças entre ricos e pobres, de tal forma que a expansão econômica beneficiasse igualmente ambas as partes. Entretanto, ocorreu o contrário.

Como a maior parte do capital dessas instituições pertence a países desenvolvidos, estes acabaram sendo favorecidos em detrimento das necessidades dos mais pobres. Nas últimas reuniões, a crise financeira na Europa e a desaceleração da economia mundial como um todo têm sido o tema das discussões e vistas como importantes desafios a serem vencidos.

## ● Fundo Monetário Internacional (FMI)

Quarenta e quatro países participaram da criação do FMI, em 1944. Desses, 29 assinaram o Conselho Constitutivo do organismo em dezembro de 1945.

Em 2016 conta com 188 países-membros, representados pelo Diretório Executivo, constituído por um diretor-gerente, que supervisiona um grupo de funcionários contratados internacionalmente, e 24 diretores executivos.

Escolhido para um período de cinco anos, o diretor-gerente tem a colaboração de três subdiretores-gerentes. Estados Unidos, Japão, Alemanha, França e Reino Unido — maiores acionistas do Fundo —, além de China, Arábia Saudita, Canadá e Rússia, têm assento garantido no Diretório Executivo. Os demais quinze integrantes são eleitos para um período de dois anos, denominado *jurisdição*.

A autoridade máxima da instituição é a Junta dos Governadores — composta de representantes de todos os países-membros —, na qual destaca-se o Comitê Monetário e de Finanças (CMF).

O Comitê para o Desenvolvimento é constituído pela Junta de Governadores do FMI e do Banco Mundial. A sede do Fundo Monetário Internacional fica em Washington, capital dos Estados Unidos.

### ● Os recursos do FMI

Quando ingressam no FMI, os países compram cotas de participação. Os recursos provenientes dessas cotas e posteriores revisões formam o capital do FMI. O número de cotas de um país dá a dimensão da sua força na economia mundial. Os Estados Unidos, maior acionista, têm 17,7% das cotas; Tuvalu, arquipélago situado a noroeste da Oceania, possui apenas 0,001%. O número de cotas determina a influência do país no FMI, pois as votações são definidas pelo valor das cotas, não havendo votação por país.

### Maiores cotas do FMI — 2014

Estados Unidos	17,39
Japão	6,46
Alemanha	5,58
França	4,22
Reino Unido	4,22
China	3,39
Itália	3,15
Índia	2,74
Rússia	2,70
Brasil	1,32

Fonte: FMI. Disponível em: <[www.imf.org/external/np/pp/eng/2014/070214b.pdf](http://www.imf.org/external/np/pp/eng/2014/070214b.pdf)>. Acesso em: 16 mar. 2016.

### ● A dependência dos países devedores do FMI

Os países podem recorrer ao FMI, mas têm de obedecer às diretrizes do Fundo, que assumem a forma de “serviços prestados”. Um país que deve ao FMI precisa sempre prestar contas de como está administrando sua economia, para assim contar com novos recursos do organismo. O FMI oferece assessoria aos governos de países em crise, mas exige deles o compromisso de cumprir uma série de medidas de austeridade: cortes nos gastos públicos, redução da inflação, estabilidade monetária e financeira, etc. Os detalhes desse acordo firmado entre o FMI e os países que a ele recorrem são expressos em um documento chamado *Carta de Intenções*.

O FMI ocupa-se também da **macroeconomia** dos países que a ele recorrem para empréstimos. Ou seja, seus técnicos avaliam as condições gerais da economia, os gastos com realizações sociais, o consumo, a dívida pública, os investimentos empresariais, o Produto Interno Bruto (PIB), o emprego, a inflação, o **balanço de pagamentos** — que remete à posição externa do país, às suas relações econômicas com o restante do mundo, etc. Feita essa avaliação, o Fundo estabelece “metas” a seus devedores. Essas metas, que devem ser cumpridas rigorosamente, incluem: salários, mercado de trabalho, câmbio, política de juros e até mesmo crescimento econômico compatível com as “metas” estabelecidas.

**Macroeconomia:** é a parte da economia especializada na análise de variáveis como PIB, renda, desemprego, balanço de pagamentos, comércio exterior, taxa de inflação.

**Balanço de pagamento:** abrange a balança comercial, a balança de serviços e a de movimentações e transferências financeiras de um país.

Como na maioria das vezes essas exigências são incompatíveis com um verdadeiro crescimento do país, as economias dependentes do FMI atravessam duras fases de recessão, desemprego e queda do poder aquisitivo da população.

## ● O Brasil e o FMI

O Brasil é membro do FMI desde janeiro de 1946. De outubro de 1973 a janeiro de 1974, o mundo passou pela “crise do petróleo”, em razão dos altos preços do produto no mercado internacional. Os mais penalizados foram os países não produtores de petróleo — países em desenvolvimento, que passavam por um processo de industrialização, como era o caso do Brasil. Também os juros internacionais ficaram mais altos, pela incerteza da situação. O Brasil havia contraído grandes empréstimos para montar a infraestrutura necessária à industrialização. As cidades cresciam e era preciso

investir em transportes modernos, como o metrô de São Paulo, o primeiro do país. A busca de energias alternativas ao petróleo levou à construção de usinas nucleares, em Angra dos Reis (RJ), da hidrelétrica de Itaipu, e ao Pró-Álcool. Os recursos para essas melhorias vinham de fora do país, sobrecarregando assim a dívida externa.

A década de 1980 trouxe mais incertezas ao cenário internacional: a instabilidade política no Oriente Médio, a crise econômica da Polônia (1980), a moratória do México (1982) e a Guerra das Malvinas (1982) foram algumas delas. Muitos países viram-se obrigados a renegociar a dívida externa, entre eles o Brasil, que pediu ajuda ao FMI em novembro de 1982, recebendo na época cerca de 3 bilhões de dólares.

Em dezembro de 2005, o Brasil saldou sua dívida com o Fundo. Em 2009, o país se converteu em credor do FMI para ajudar a economia mundial em crise, oferecendo 10 bilhões de dólares em troca de mais direitos de voto na instituição.

### Contexto e aplicação

 Não escreva no livro

#### Brasil entra na lista dos dez maiores cotistas do FMI pela primeira vez

Mudança na distribuição das cotas começou a ser discutida em 2008 e foi aprovada em 2010, mas vinha sendo barrada pelo Congresso americano

O Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciou que as condições para a implementação da esperada reforma de cotas foram satisfeitas e os países emergentes vão ganhar poder na instituição. O Brasil passa a ficar, pela primeira vez na história, entre os dez maiores cotistas do FMI, criado em 1944 e formado por 188 países-membros.

Outro fato inédito na história do Fundo é que quatro emergentes estarão entre os dez maiores cotistas. Além de promover a cooperação monetária global, ganharam força na instituição. Os Estados Unidos seguem como os maiores cotistas do FMI, seguidos por Japão, Alemanha, França, Reino Unido e Itália. “A histórica reforma de cotas e de governança se torna efetiva”, afirma o comunicado do FMI.

Com a reforma, no ranking projetado de maiores cotistas, a China fica em terceiro lugar e o Brasil, em décimo. O Brasil tem atualmente 1,39% das cotas do FMI e 1,72% do poder de voto. Com a reforma, a projeção é de que o país tenha 2,32% das cotas e 2,22% do poder de voto. Os Estados Unidos devem ter ligeira redução na participação nas cotas, de 17,6% para 17,4%.

*A reforma de cotas, um desejo do governo brasileiro e de outros emergentes, começou a ser discutida em 2008 e foi aprovada pelo FMI em 2010. Desde então, vinha sendo seguidamente barrada no Congresso dos EUA, mesmo com apoio declarado do presidente Barack Obama. A razão é que os republicanos, que dominam a casa, não queriam gastar mais recursos e comprometer o orçamento do país, e por isso vetavam a reforma. Além de aumentar o poder de voto dos emergentes, os países-membros terão que fazer um aporte no Fundo, que vai dobrar sua capacidade de empréstimo, para cerca de 660 bilhões de dólares.*

VEJA.com. Economia, 28 jan. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/pela-primeira-vez-brasil-entra-na-lista-dos-dez-maiores-cotistas-do-fmi>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

#### ⊕ Depois de ler o texto, faça as atividades propostas.

1. Aponte uma característica do FMI.
2. Pesquise quais são os quatro países emergentes que passarão a integrar os dez maiores cotistas do FMI e qual é o nome da organização composta por essas nações.
3. O que podemos concluir sobre o fato de os países emergentes agora passarem a fazer parte dos maiores cotistas do FMI?



▼ Presidente do FMI, Cristine Lagarde, discursando em fórum em Pequim, na China. Foto de 2016.

## ● O Banco Mundial

O Banco Mundial foi criado pelos 44 países participantes da Conferência de Bretton Woods, entre eles o Brasil. Esse organismo financeiro teve papel importante na reconstrução dos países europeus após a Segunda Guerra. Sua sede fica em Washington, Estados Unidos.

Atualmente, o Banco Mundial assumiu outras atribuições, relacionadas às necessidades de países não desenvolvidos e de economias em transição, e a reconstrução de países depois de catástrofes naturais. Sua prioridade, porém, é a redução da pobreza no mundo. A mesma pobreza que os países que o controlam têm contribuído para aumentar.

O Banco Mundial começou efetivamente seus trabalhos em março de 1946, por meio do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (Bird). Atualmente, é um organismo bem mais complexo. Além do Bird, o Grupo Banco Mundial é constituído pelas seguintes instituições: Associação Internacional de Desenvolvimento (com a sigla em inglês IDA), Corporação Financeira Internacional (IFC), Agência Multilateral de Garantia de Investimentos (Miga) e Centro Internacional para Arbitragem de Disputas sobre Investimentos (ICSID). Conta com 188 países-membros e escritórios em mais de cem países.

O Banco Mundial difere do FMI, pois não age para preservar o Sistema Financeiro Internacional, mas para estabelecer projetos que visam ao desenvolvimento e a melhores condições de vida da população, por meio de cooperação técnica e financeira. Apesar disso, sua ação sobrecarrega a dívida

externa de países pobres e aumenta a dependência desses países em relação aos organismos financeiros internacionais.

Em maio de 1946, o presidente brasileiro Eurico Gaspar Dutra assinou a Convenção sobre o Bird, oficializando a participação do Brasil no Banco Mundial. Até o ano 2000, o Banco Mundial realizou no Brasil cerca de 345 projetos, com um investimento de aproximadamente 30 bilhões de dólares.

Muitos desses projetos foram realizados nas décadas de 1960 e 1970, principalmente nos setores de energia, transportes e industrial, o que resultou no aumento da dívida externa brasileira.

O Banco Mundial tem atualmente diversos projetos nas áreas de gestão pública, infraestrutura, desenvolvimento urbano, educação, saúde, agricultura e meio ambiente, em várias partes do país.



▼ Presidente do Banco Mundial, Jim Yong Kim, discursando em encontro anual do Grupo Banco Mundial e FMI, em Lima, no Peru. Os governos dos países-membros participam desses encontros, geralmente representados pelos seus ministros de Finanças ou da Fazenda. Foto de 2015.



▼ Obras de construção do veículo leve sobre trilhos, o VLT, no Rio de Janeiro (RJ), em 2015. Esse projeto de mobilidade urbana é financiado pelo Banco Mundial.

## As empresas transnacionais

Empresas transnacionais são aquelas que estão registradas em um país, mas desenvolvem atividades em vários outros. As primeiras entre elas, constituídas há bastante tempo, ocuparam-se principalmente da exploração de recursos minerais. Mais tarde, depois da Segunda Guerra Mundial, passaram a agir também nos setores secundário (fábricas) e terciário (bancos, lojas, seguradoras, etc.). Segundo dados da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), elas são responsáveis por cerca de 25% da produção mundial. As cem maiores transnacionais movimentam um quarto do comércio mundial de mercadorias e serviços.

Dessa forma, as empresas transnacionais têm ultrapassado as fronteiras nacionais, expandindo seus limites para fora do país de origem e exercendo influência nas regiões onde passam a atuar. Com a globalização, elas assumiram a forma de empresas globais, pois mantêm unidades de produção separadas em diversos países.

As empresas transnacionais têm na mão de obra barata o principal atrativo para se instalarem em países não desenvolvidos. Outros fatores são infraestrutura de transportes e exportação, incentivos fiscais e mercado consumidor. A presença dessas empresas nem sempre beneficia os países não desenvolvidos, apesar de gerar empregos e renda, pois a maior parte de seus lucros é remetida ao país de origem.

Como elas se expandem além de suas fronteiras, procuram reduzir ao máximo as barreiras comerciais e, por isso, às vezes, seus interesses entram em conflito com os do Estado nacional, muitas vezes não respeitando leis trabalhistas e ambientais, por exemplo. Por seu poder econômico, elas podem interferir em decisões do governo ou de organismos internacionais.

Em sua maioria, essas empresas têm sua sede em países desenvolvidos. Entretanto, na primeira década do século XXI, transnacionais de países emergentes como China, Coreia do Sul e Brasil começaram a se expandir pelo mundo. Veja na tabela abaixo as maiores transnacionais do mundo em 2015.

Maiores transnacionais do mundo, de acordo com a receita – 2015

Posição	Empresa	País-sede	Renda (em milhões de US\$)
1	Wall Mart	Estados Unidos	485 651
2	Sinopec Group	China	446 811
3	Royal Dutch Shell	Países Baixos	431 344
4	China National Petroleum	China	428 620
5	Exxon Mobil	Estados Unidos	382 597
6	BP	Reino Unido	358 678
7	State Grid	China	339 426
8	Volkswagen	Alemanha	268 566
9	Toyota Motors	Japão	247 702
10	Glencore	Suíça	221 073
11	Total	França	212 018
12	Chevron	Estados Unidos	203 784
13	Samsung Electronics	Coreia do Sul	195 845
14	Berkshire Hathaway	Estados Unidos	194 673
15	Apple	Estados Unidos	182 795
16	McKensson	Estados Unidos	181 241
17	Daimler	Alemanha	172 279
18	Industrial & Commer. Bank of China	China	163 174
19	EXOR Group	Itália	162 163
20	AXA	França	161 173
21	General Motors	Estados Unidos	155 929
22	E.ON	Alemanha	151 460
23	Phillips 66	Estados Unidos	149 434

Fonte: FORTUNE. Global 500. Disponível em: <<http://fortune.com/global500/>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

## As transnacionais brasileiras

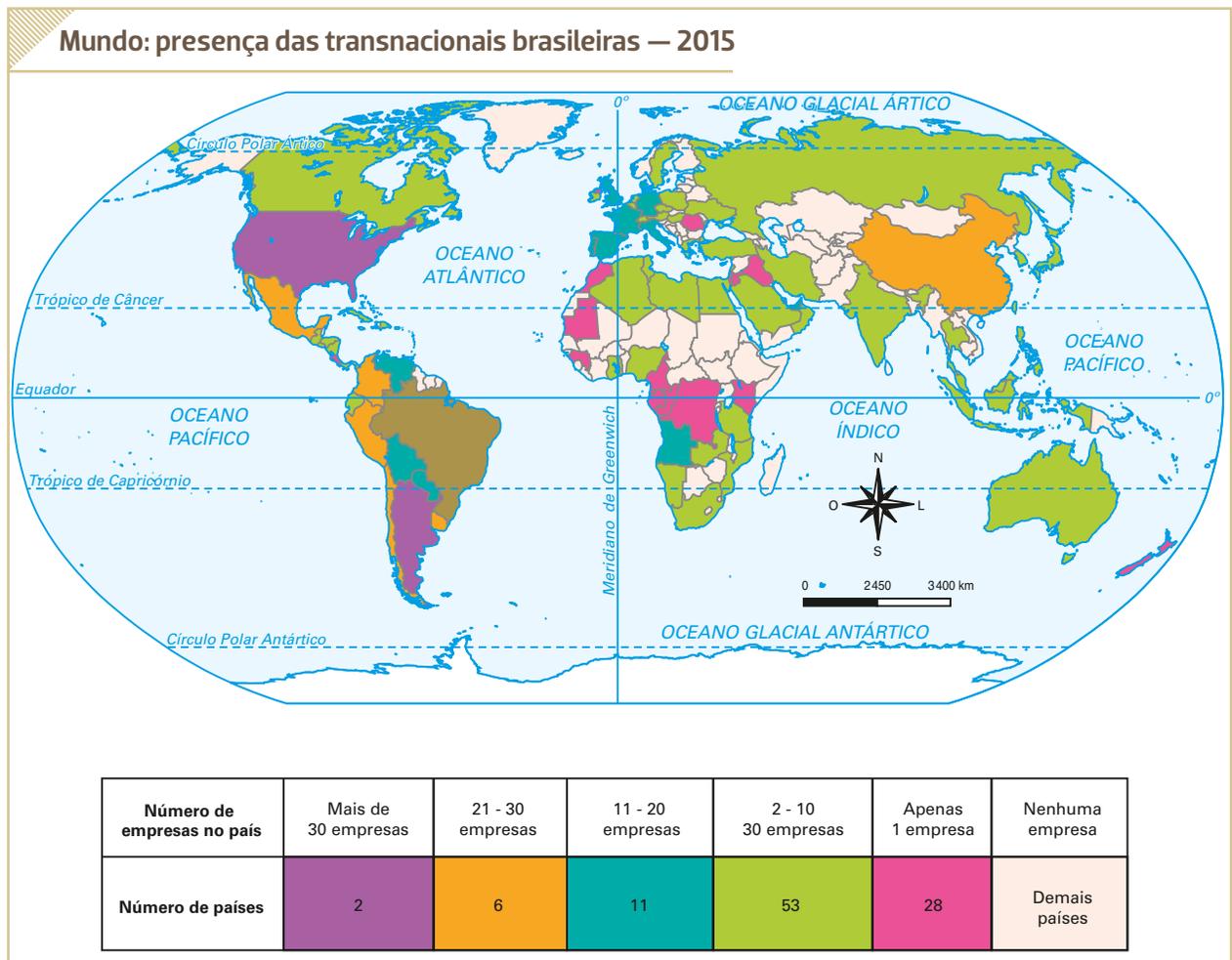
A Fundação Dom Cabral, uma escola de negócios brasileira, por meio de seu Núcleo de Estratégia e Negócios Internacionais, realiza anualmente pesquisas para avaliar o desempenho de empresas brasileiras em outros países. Nessa avaliação, a fundação utiliza o índice de transnacionalidade elaborado pela Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD). Esse índice vai de zero a 1,0 e é resultado de três indicadores: patrimônio no exterior em relação ao patrimônio local, receita gerada no exterior sobre a receita local e quantidade de empregados no exterior em relação ao número de empregados no total.

Veja na tabela ao lado as dez maiores transnacionais brasileiras, de acordo com o índice de transnacionalidade em 2015.

Posição	Empresa	Índice de transnacionalidade
1	Fitesa	0,720
2	Construtora Norberto Odebrecht	0,644
3	InterCement	0,573
4	Gerdau	0,560
5	Stefanini	0,559
6	Marfrig	0,536
7	ArteCola	0,521
8	Metalfrio	0,500
9	CZM	0,492
10	JBS	0,488

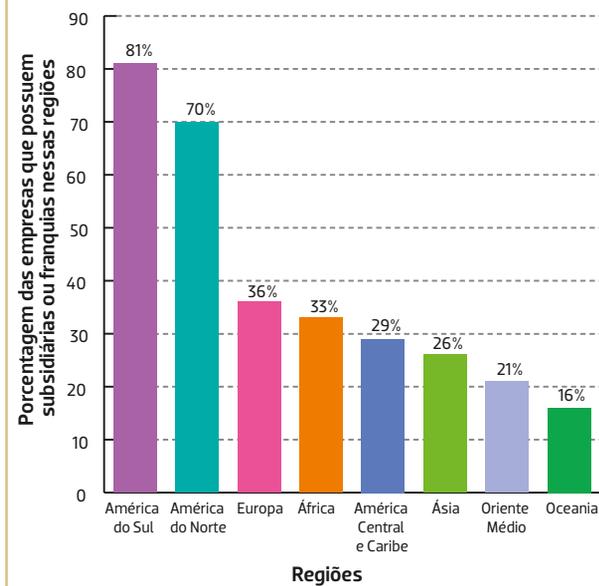
Fonte: FUNDAÇÃO DOM CABRAL. Ranking FDC das Transnacionais Brasileiras 2015. p. 34. Disponível em: <[www.fdc.org.br/blogspacodialogo/Documents/2015/ranking\\_fdc\\_multinacionais\\_brasileiras2015.pdf](http://www.fdc.org.br/blogspacodialogo/Documents/2015/ranking_fdc_multinacionais_brasileiras2015.pdf)>. Acesso em: 16 mar. 2016.

As empresas transnacionais brasileiras estão presentes em 89 países. Veja o mapa abaixo e o gráfico na página seguinte.



Adaptado de: FUNDAÇÃO DOM CABRAL. Ranking FDC das Transnacionais Brasileiras 2015. p. 50. Disponível em: <[www.fdc.org.br/blogspacodialogo/Documents/2015/ranking\\_fdc\\_multinacionais\\_brasileiras2015.pdf](http://www.fdc.org.br/blogspacodialogo/Documents/2015/ranking_fdc_multinacionais_brasileiras2015.pdf)>. Acesso em: 16 mar. 2016.

## Mundo: presença de empresas transnacionais brasileiras, por região – 2015



Adaptado de: FUNDAÇÃO DOM CABRAL. *Ranking FDC das Transnacionais Brasileiras 2015*. p. 55. Disponível em: <[www.fdc.org.br/blogspacodiologo/Documents/2015/ranking\\_fdc\\_multinacionais\\_brasileiras2015.pdf](http://www.fdc.org.br/blogspacodiologo/Documents/2015/ranking_fdc_multinacionais_brasileiras2015.pdf)>. Acesso em: 16 mar. 2016.

## Organizações não governamentais (ONGs)

As ONGs são organizações formadas pela sociedade civil e não estão ligadas a governos, partidos políticos ou empresas, agindo de maneira autônoma (realizam sua própria gestão). Desenvolvem atividades de interesse público (embora não pertençam ao Estado), fazendo parte do **Terceiro Setor**.



Karal Prinsno/MSF/Agência France Presse



Jorge Sanz/CorbisFotoarena

Ativistas da Anistia Internacional expõem uma bandeira de protesto contra a pena de morte durante um evento em Madri, na Espanha, em 2015. A Anistia Internacional é uma organização não governamental que averigua denúncias de prisões políticas, casos de tortura, perseguições políticas e execuções. De posse das informações, a organização envia missões com o objetivo de recolher, investigar e observar os casos de denúncia. Atualmente, ela tem acompanhado muitos dos conflitos ocorridos nos países do norte da África e do Oriente Médio.

**Terceiro Setor:** conjunto de entidades sem vínculo direto com o Primeiro Setor (Público, o Estado) e o Segundo Setor (Privado, o Mercado), formadas pela sociedade civil, com fins públicos e não lucrativos.

Essas organizações criam mecanismos de ação que pressionam o Estado e grupos econômicos em defesa de interesses sociais, como ajuda humanitária, defesa dos direitos humanos e do meio ambiente, campanhas pela paz, etc.; promovem ações de combate à corrupção e às desigualdades sociais; ou prestam assessoria a movimentos sociais. Atuam de diferentes formas, organizando movimentos locais como passeatas, utilizando as redes sociais para mobilizar a sociedade civil, promovendo intervenções políticas, etc. Podem complementar o trabalho do Estado recebendo doações deste, ou recebem recursos de empresas privadas, de entidades internacionais ou até mesmo dos cidadãos.

Algumas dessas organizações ultrapassam fronteiras, desenvolvendo atividades em vários países. As mais conhecidas entre elas são: Anistia Internacional, Médicos do Mundo, Médicos sem Fronteiras, Caritas, Cruz Vermelha, Greenpeace, World Wildlife Fund (WWF) e Oxford Committee for Famine Relief (Oxfam).

Médicos sem Fronteiras é uma organização médico-humanitária internacional que oferece cuidados de saúde em situações de crise como conflitos, epidemias, catástrofes naturais e desnutrição. Ela atua também em casos de exclusão do acesso à saúde, fazendo-se presente em locais onde o sistema de saúde não funciona ou não existe. Sua base está em Genebra, na Suíça, e mantém escritórios espalhados por 22 países, entre eles o Brasil. Na foto, médica atende criança doente em Lankien, Jonglei, no Sudão do Sul, em 2015.



1. **Geografia e História** Leia a seguir o texto de um economista estadunidense, vencedor do Prêmio Nobel de Economia em 2001, que chefiou o Banco Mundial na década de 1990, do qual se desligou e se tornou um crítico.

### FMI: a Etiópia como prova

*A diferença não é meramente simbólica: não se pode aprender a conhecer e a gostar de um país sem o conhecer. Não se deve ver o desemprego como uma simples estatística, como uma 'enumeração de cadáveres' — vítimas não intencionais da guerra contra a inflação ou pelo pagamento aos bancos ocidentais. Os desempregados são pessoas de carne e osso, têm famílias, e todas essas vidas são dolorosamente afetadas, às vezes destruídas, pelas medidas econômicas que os especialistas estrangeiros recomendam, ou impõem — no caso do FMI. A guerra tecnológica moderna é concebida para suprimir todo contato físico: as bombas são lançadas de uma altitude de 15 mil metros para que o piloto não 'ressinta' o que faz. Com a moderna gestão da economia, é a mesma coisa. Do alto de um hotel de luxo, impõem-se, sem piedade, políticas sobre as quais se pensaria duas vezes caso se conhecessem os seres humanos cujas vidas vão ser arrasadas.*

*Quem vem das capitais vê com seus próprios olhos o que dizem as estatísticas nas aldeias da África, do Nepal, de Mindanao, da Etiópia: o abismo entre os pobres e os ricos aprofundou-se; o número de pessoas vivendo em pobreza absoluta — menos de um dólar por dia — aumentou. [...]*

STIGLITZ, Joseph E. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <[www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=598](http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=598)>. Acesso em: 16 mar. 2016.

- a) O que o economista pensa sobre o FMI, segundo o texto?
- b) Nesse texto, escrito no início do século XXI, o autor afirma que o abismo entre pobres e ricos aprofundou-se. Pesquise em sites, jornais e revistas e responda: Essa afirmação permanece válida? Comente.
2. Leia a reportagem a seguir.

### ONU, seduzida pelo setor privado

*Criado em 2010, o site [Business.un.org](http://Business.un.org) estimula a constituição de parcerias entre as Nações Unidas e companhias privadas. Se a meta fixada é o financiamento dos objetivos da ONU, a mistura de gêneros se revela às vezes duvidosa.*

LE MONDE Diplomatique Brasil. Ano 6. n. 69. São Paulo, abr. 2013. p. 23.

- O que você pensa sobre essa parceria? Justifique sua resposta.

3. Leia a reflexão de um historiador britânico reconhecido mundialmente.

*[...] desde a década de 1970, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, politicamente apoiados pelos EUA, vinham seguindo uma política sistematicamente favorecedora da economia de livre mercado, empresa privada e livre-comércio global, que serviria à economia americana de fins do século XX tão bem quanto serviria à britânica de meados do século XIX, mas não necessariamente ao mundo.*

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 556.

- a) Caracterize o Banco Mundial e o FMI.
- b) Interprete a frase:

“politicamente apoiados pelos EUA”.

4. Leia o texto, depois faça o que se pede.

*Os ideais de liberdade individual, que já impulsionaram tantos movimentos econômicos e políticos, revelam-se, cada vez mais, simples figuras de retórica.*

*Nas condições atuais de existência do ser humano, até seus mínimos comportamentos são determinados pelo relacionamento com organizações sobre as quais o indivíduo não tem o menor poder.*

*Assim, para nascer, estudar, trabalhar, cuidar da saúde, alimentar-se, fazer negócios e, ao mesmo tempo, para morrer, dependemos de múltiplos tipos de organizações. Entre estas ressaltam as de natureza econômica conhecidas como multinacionais.*

MARTINEZ, Paulo. *Multinacionais: desenvolvimento ou exploração*. São Paulo: Moderna, 2002. p. 5. (Col. Polêmica).

- a) Cite exemplos de transnacionais que atuam no Brasil.
- b) Caracterize as transnacionais.
- c) A classe vai se dividir em grupos.
- Cada grupo pesquisará a atuação de uma transnacional no Brasil. Os ramos sugeridos são: automobilístico, alimentar, farmacêutico, esportivo, de roupas, de cosméticos, tecnológico e de telefonia.
  - Nessa pesquisa devem ser levantados os seguintes itens: sede da empresa, capital que possui, o que ela produz, onde atua no Brasil e no mundo, como se destaca perante a concorrência. Os alunos podem consultar os sites das empresas e publicações (jornais e revistas) especializadas em finanças.
  - No final, todos os grupos devem expor suas conclusões à classe.

# Concluindo a Unidade 5

Leia o texto, reflita e depois responda às questões propostas.

## Uma ONG do Vale do Silício está transformando a filantropia

São Paulo — O Vale do Silício é a região do mundo que mais produz bilionários. Embalados pela revolução digital, 23 novos super-ricos entraram para a lista da revista americana Forbes somente no ano passado [2014]. Essa mistura de riqueza com tecnologia começa agora a transformar também a filantropia.



David Pu, u/Corbis/Fotoarena

▼ Vista de Palo Alto, no Vale do Silício, Califórnia, Estados Unidos. Foto de 2015.

É na Califórnia que a organização não governamental GiveDirectly (que, numa tradução livre, seria algo como Doação Direta) está mais prosperando. Criada em 2011 por economistas das universidades Harvard e MIT, a organização propõe a doação de 1000 dólares a famílias pobres do Quênia e de Uganda, com duas inovações.

Primeiro, o dinheiro é enviado diretamente ao público-alvo, sem perder parte do valor num caminho cheio de intermediários. E, segundo, quem recebe a doação é que decide como, onde e quando vai utilizá-la, sem precisar fazer nada em contrapartida.

“Não acho que daqui dos Estados Unidos eu seja a pessoa mais indicada para dizer o que alguém no interior do Quênia deve fazer para sair da pobreza. Tenho certeza de que essas pessoas podem fazer as melhores escolhas por elas mesmas”, diz Michael Faye, presidente da GiveDirectly.

É essa nova abordagem que está atraindo um número crescente de doações de ricos do Vale do Silício. Chris Hughes, um dos fundadores do Facebook, é um dos mais empolgados com a ideia e hoje faz parte da direção da ONG, que já recebeu doações do Google e do fundo Good Ventures, criado por outro cofundador do Facebook, Dustin Moskovitz.

A operação da GiveDirectly somente é possível porque os celulares também estão invadindo as partes pobres da África. No Quênia, por exemplo, a penetração dos aparelhos já chega a 78% da população. Como o sistema bancário tradicional é precário, as operadoras de telecomunicações passaram a fornecer contas correntes a seus clientes, o que, de forma involuntária, preparou o terreno para a chegada da ONG americana.

Por meio de censos dos governos do Quênia e de Uganda, a GiveDirectly localiza as regiões mais pobres e envia equipes de reconhecimento, que ajudam a selecionar os beneficiários. O critério de escolha é bem objetivo: casas com teto de palha são um indício forte de que a família é miserável.

Uma vez cadastradas, essas pessoas são informadas por meio de mensagens de texto e podem retirar o dinheiro em postos autorizados pelas operadoras, como pequenos mercados, armazéns e postos de combustíveis. Em geral, a primeira iniciativa das 16 000 famílias atendidas até agora foi comprar um teto de metal para a própria casa.

A GiveDirectly se vangloria de repassar ao público-alvo cerca de 90% de todo o valor arrecadado, um modelo que parece mais atraente num momento em que a atuação de algumas ONGs vem sendo posta em dúvida. Países e grandes doadores privados questionam a multiplicação de organizações cujo único propósito é garantir a própria sobrevivência.

Apenas no Quênia estima-se que haja 350 000 ONGs. Na Índia, a indústria da filantropia envolve 3,3 milhões de organizações — uma para cada grupo de 380 habitantes. Desde o ano passado, o Reino Unido está fazendo uma varredura nos programas de ajuda humanitária financiados pelo país e descobriu que tem gente recebendo mais de 3 000 reais por dia para trabalhar em projetos na África e na Ásia. Com dados como esses, dá para entender por que a GiveDirectly tem feito tanto sucesso entre os grandes doadores americanos.

Desde 2012, a ONG é apontada como uma das mais confiáveis pela organização americana Give Well, que avalia instituições filantrópicas no mundo todo e destaca as melhores em termos de custo-benefício. Quando se examinam os efeitos da filantropia no combate à pobreza no curto prazo, a GiveDirectly parece ter um grande efeito.

Um estudo feito pelos pesquisadores Johannes Haushofer, do MIT, e Jeremy Shapiro, da Universidade Princeton, avaliou a situação das famílias beneficiadas entre 2011 e 2012. Foram levados em conta 11 quesitos, como renda, atividade empresarial, fome, educação e bem-estar, e em quase todos eles foram encontrados resultados positivos.

O número de dias que as crianças passaram sem comer, por exemplo, caiu cerca de 40%. A violência doméstica diminuiu e os investimentos em microempreendedorismo aumentaram.

Não há registro de que nas comunidades com pessoas que receberam dinheiro da ONG houve aumento do consumo de bebidas e tabaco — sempre um temor nesses casos. Mas os índices de educação e saúde não mostraram grandes mudanças.

### Todas as armas contra a miséria

A partir dos anos [19]60, quando os países ricos voltaram sua atenção para a pobreza na África, a ajuda humanitária na região começou a focar a redução da fome e o desenvolvimento por meio de educação e infraestrutura essencial. Essa foi a tônica até o final da década de [19]90, quando surgiu outra vertente, inspirada no sucesso de programas de transferência condicionada de renda no México (Progresá) e no Brasil (Bolsa Escola, hoje rebatizado de Bolsa Família).

Nesse modelo, a doação obriga os beneficiários a manter os filhos na escola e a levá-los ao médico. Em comum, as duas estratégias de combate à pobreza exigem alguma estrutura para sua operação. No caso do mexicano Progresá, hoje rebatizado Prospera, apenas 40% do dinheiro do programa chega às famílias. De acordo com o governo brasileiro, o custo operacional do Bolsa Família é de 5% do total.



Rick D'Ella/Corbis/Latinstock

▶ População assistida por uma pequena ONG coleta água para uso doméstico, em Kamule, Uganda. Foto de 2015.

Esse modelo foi depois copiado por ONGs, que seguem a mesma lógica: o dinheiro só é liberado se o beneficiário fizer sua parte. No caso da Heifer International, por exemplo, que atua em vários países da África, os participantes recebem insumos e animais, mas precisam participar de um treinamento técnico em pecuária fornecido pela ONG.

Os programas de transferência condicionada de renda, portanto, quando bem implementados, ajudam os pobres a caminhar com as próprias pernas mais à frente. “Os programas que colocam condicionantes têm um efeito maior no número de anos de estudo”, diz o brasileiro Francisco Ferreira, economista-chefe do Banco Mundial para a região da África.

O que o exemplo da GiveDirectly sugere, porém, é que não existe uma única estratégia eficaz. Se a meta é resolver os problemas imediatos das pessoas, melhor deixar que elas decidam o que fazer com o dinheiro.

KOJIKOVSKI, Gian. Exame online. 12 jun. 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1091/noticias/uma-ong-do-vale-do-silicio-esta-transformando-a-filantropia>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

- 1 Descreva a proposta feita pela ONG GiveDirectly (Doação Direta).
- 2 Identifique o continente onde estão localizados os países citados. Por que esse continente é alvo de tantas ONGs?
- 3 Por que essa proposta foi considerada uma “nova abordagem”?
- 4 Relacione a tecnologia ao sucesso dessa iniciativa.
- 5 Cite dois benefícios concretos dessa iniciativa.
- 6 Desde o início do século XXI, existem no Brasil programas sociais que procuram atender e melhorar as condições de vida da população mais pobre. Pesquise esses programas e converse com os colegas sobre a importância deles.

## Testes e questões

✎ Não escreva no livro

### Enem

- 1 De todas as transformações impostas pelo meio técnico-científico-informacional à logística de transportes, interessa-nos mais de perto a intermodalidade. E por uma razão muito simples: o potencial que tal “ferramenta logística” ostenta permite que haja, de fato, um sistema de transportes condizente com a escala geográfica do Brasil.

HUERTAS, D. M. O papel dos transportes na expansão recente da fronteira agrícola brasileira. Revista *Transporte y Territorio*. Universidade de Buenos Aires, n. 3, 2010 (adaptado).

A necessidade de modais de transporte interligados, no território brasileiro, justifica-se pela(s)

- a) variações climáticas no território, associadas à interiorização da produção.
- b) grandes distâncias e a busca da redução dos custos de transporte.
- c) formação geológica do país, que impede o uso de um único modal.
- d) proximidade entre a área de produção agrícola intensiva e os portos.
- e) diminuição dos fluxos materiais em detrimento de fluxos imateriais.

## Disneylândia

*Multinacionais japonesas instalam empresas em Hong*

*[Kong*

*E produzem com matéria-prima brasileira*

*Para competir no mercado americano [...]*

*Pilhas americanas alimentam eletrodomésticos ingleses*

*[na Nova Guiné*

*Gasolina árabe alimenta automóveis americanos na*

*[África do Sul [...]*

*Crianças iraquianas fugidas da guerra*

*Não obtêm visto no consulado americano do Egito*

*Para entrarem na Disneylândia*

ANTUNES, A. Disponível em: <www.radio.uol.com.br>.

Acesso em: fev. 2013 (fragmento).

Na canção, ressalta-se a coexistência, no contexto internacional atual, das seguintes situações:

- Acirramento do controle alfandegário e estímulo ao capital especulativo.
- Ampliação das trocas econômicas e seletividade dos fluxos populacionais.
- Intensificação do controle informacional e adoção de barreiras fitossanitárias.
- Aumento da circulação mercantil e desregulamentação do sistema financeiro.
- Expansão do protecionismo comercial e descaracterização de identidades nacionais.

- 3** Em dezembro de 1998, um dos assuntos mais veiculados nos jornais era o que tratava da moeda única europeia. Leia a notícia a seguir.

*O nascimento do euro, a moeda única a ser adotada por onze países europeus a partir de 1º de janeiro, é possivelmente a mais importante realização deste continente, nos últimos dez anos, que assistiu à derrubada do Muro de Berlim, à reunificação das Alemanhas, à libertação dos países da Cortina de Ferro e ao fim da União Soviética. Enquanto todos esses eventos têm a ver com a desmontagem de estruturas do passado, o euro é uma ousada aposta no futuro e uma prova da vitalidade da sociedade europeia. A 'Euroland', região abrangida por Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo e Portugal, tem um PIB (Produto Interno Bruto) equivalente a quase 80% do PIB americano, 289 milhões de consumidores e responde por cerca de 20% do comércio internacional. Com este cacife, o euro vai disputar com o dólar a condição de moeda hegemônica.*

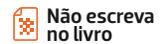
*Gazeta Mercantil, 30 dez. 1998.*

A matéria refere-se à "desmontagem de estruturas do passado", que pode ser entendida como:

- o fim da Guerra Fria, período de inquietação mundial que dividiu o mundo em dois blocos ideológicos opostos.

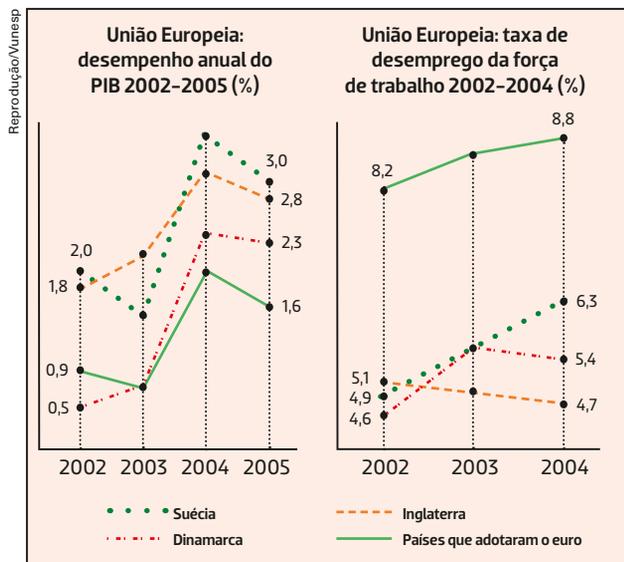
- a inserção de alguns países do Leste Europeu em organismos supranacionais, com o intuito de exercer o controle ideológico no mundo.
- a crise do capitalismo, do liberalismo e da democracia, o que levou à polarização ideológica da antiga URSS.
- a confrontação dos modelos socialista e capitalista para deter o processo de unificação das duas Alemanhas.
- a prosperidade das economias capitalista e socialista, com o conseqüente fim da Guerra Fria entre EUA e URSS.

## Testes de vestibular



- (Mack-SP) A formação de blocos econômicos, com a finalidade de fornecer e ampliar mercados nacionais, já era uma realidade na Europa, desde meados do século XX, com a criação do Benelux. Atualmente, com o alargamento da UE — União Europeia —, o bloco abrange a maior parte dos países europeus. Na Europa ocidental, só não fazem parte do bloco
  - a Grécia, a Albânia e a Turquia.
  - a Noruega, a Islândia e a Suíça.
  - a Irlanda, a Inglaterra e a Dinamarca.
  - a Finlândia, a Suécia e a Rússia.
  - a Estônia, a Letônia e a Lituânia.
- (UEM-PR) Sobre as comunicações e sobre o fluxo de informações no espaço geográfico mundial, assinale a alternativa incorreta.
  - Na atualidade, os fluxos de comunicação e de informação se dão em rede e atingem, independentemente da infraestrutura existente, todos os lugares do mundo.
  - Quando se assiste a um programa "via satélite", o sinal é emitido da estação geradora, por meio de uma antena parabólica, em direção ao satélite, de onde é retransmitido de volta à Terra, sendo recebido por outra antena.
  - Embora o lançamento de satélites artificiais utilizados nas comunicações seja uma conquista da tecnologia moderna, as ideias básicas da Física referentes a esse problema já tinham sido analisadas por Newton (1642-1727).
  - Os satélites geoestacionários, uma das muitas tecnologias da informação, são hoje amplamente utilizados na transmissão de sinais de TV e em telefonia a grandes distâncias.
  - As tecnologias da informação e da comunicação possibilitam a implantação de um capitalismo global, em que é possível produzir e distribuir informações e produtos para diferentes pontos do planeta em tempo real.

- 3** (Vunesp-SP) O bloco de países pertencentes à União Europeia foi ampliado em 2004 com a entrada de países do Leste e do Centro Europeu, os quais adotaram o euro como moeda comum. Inglaterra, Suécia e Dinamarca, entretanto, não participam da unificação da moeda. Analise os gráficos.



(Eurostat, 2005.)

Assinale, a seguir, a alternativa que exprime o comportamento desses três países no período considerado.

- Desempenho econômico e taxas de desemprego superiores às dos países que adotaram o euro.
- Melhor desempenho econômico e maiores taxas de desemprego em todo o período.
- Pior desempenho econômico e elevadas taxas de desemprego em todo o período.
- Melhor desempenho econômico principalmente a partir de 2003 e menores taxas de desemprego em todo o período.
- Melhor desempenho econômico apenas a partir de 2003 e, historicamente, maiores taxas de desemprego.

- 4** (Ibmec-RJ) Uma malha digital que cresce em velocidade vertiginosa está cobrindo nosso planeta: é a internet, a rede mundial de computadores. Considerando essa importante inovação tecnológica contemporânea, analise a informação: A integração econômica global é facilitada pelo uso das mesmas técnicas, contudo, integrar não significa incluir a todos.

Com base nas informações e em seus conhecimentos, escolha a alternativa que melhor explica a afirmativa apresentada.

- A era da informação e da revolução científica prioriza a qualificação da mão de obra e a incorporação de novas habilidades, reconhecendo a diferença existente entre ricos e pobres.

- A velocidade da informação é o benefício apresentado pela internet para a globalização, pois reduz o espaço mundial a um espaço virtual, sem a necessidade de integrar todos os internautas.
- A internacionalização da rede e a incorporação de centenas de milhões de usuários por todo o planeta excluem as diferenças culturais e econômicas devido à mundialização dos padrões de consumo.
- A internet dinamizou e tornou imediatas transações e negociações em escala mundial, evitando a exclusão digital pelas parcerias com empresas e investimentos em inovações tecnológicas.
- Ao mesmo tempo que a internet facilita o processo de integração econômica global, é também responsável pela chamada exclusão digital, pois acentua a distância entre os usuários e aqueles que já viviam em situação de marginalidade econômica e social.

- 5** (Unifesp) A União Europeia adotou leis que têm dificultado a imigração nos últimos anos. Porém, no passado, a Europa:

- recepcionou comunistas e anarquistas perseguidos pelos bolcheviques, após a Revolução Russa.
- abrigou milhares de refugiados políticos japoneses, que fugiram após a Segunda Guerra.
- extradiou judeus do continente para Israel, durante a supremacia do período nazifascista.
- expulsou nórdicos para as franjas do continente europeu, apesar do calor na faixa mediterrânea.
- enviou milhares de europeus pobres a outras partes do mundo, em especial para a América.

- 6** (UFPI) A organização dos países em blocos econômicos visa facilitar a economia dos países, estimulando as trocas e a produção. Sobre os principais blocos, suas características e finalidades, assinale a alternativa correta.

- Alca — constituída por países africanos, promove a valorização de seus produtos, possibilitando a concorrência com a economia asiática.
- Mercosul — reúne todos os países da América Latina e visa ampliar as trocas comerciais e o fluxo de pessoas entre os seus membros.
- CEI — reúne os países da Europa Ocidental que são liderados pela Inglaterra, que, por sua vez, detém a hegemonia econômica desta parte do continente.
- União Europeia — formada por todos os países da Europa, permite a livre circulação, no continente, de pessoas e mercadorias.
- Nafta — formado pelos países da América do Norte, eliminou as barreiras tarifárias entre os seus membros.

**7** (Fatec-SP) A União Europeia expandiu-se recentemente, incorporando países do antigo bloco comunista, liderado pela ex-URSS. Entre os novos membros deste grande espaço de livre-comércio podem-se destacar:

- a) Alemanha Oriental, Suíça e Noruega.
- b) Rússia, Ucrânia e Geórgia.
- c) Sérvia, Croácia e Bósnia-Herzegovina.
- d) Polônia, Eslováquia e Lituânia.
- e) Romênia, Bulgária e Turquia.

**8** (PUC-RJ) Na Europa, após 1989, com a derrubada do muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, ocorreu uma reformulação das fronteiras fazendo surgir um novo mapa político.

Podemos considerar como parte desta reformulação:

- a) os movimentos de aglutinação política no Leste Europeu.
- b) o fortalecimento da unidade étnica na Iugoslávia.
- c) a definição do projeto unitário da Europa Ocidental.
- d) a desintegração da Comunidade de Estados Independentes (CEI).
- e) a reunificação da Irlanda do Norte e da Irlanda do Sul.

## Questões de vestibular

 Não escreva no livro

**1** (Unicamp-SP)

Reprodução/Vestibular Unicamp



Reprodução/Vestibular Unicamp



As figuras anteriores ilustram a importância do sistema internacional de circulação. As longas distâncias a serem vencidas representam altos custos, calculados em função do tempo de deslocamento. Por isso foram construídos dois importantes canais de comunicação interoceânicos, hoje já centenários. São eles o Canal de Suez e o Canal do Panamá, que completou cem anos em agosto [de 2014].

- a) Associe corretamente cada figura ao respectivo Canal mencionado no texto, e apresente, com base nas figuras, características da paisagem que permitem identificar a localização correta de cada Canal.
- b) Até 1999, quando a administração do Canal do Panamá foi entregue ao Governo do Panamá, o Canal esteve sob controle de outro país. Qual é esse país e qual foi seu interesse no controle do Canal?

**2** (UERJ) Denomina-se intermodalidade a estratégia de integração entre diferentes meios de transporte, como nos exemplos abaixo:



**1. "Rodoviária rolante" ou "autoestrada ferroviária":** transporte de caminhões e seus motoristas em um vagão-leito.

**2. Transporte combinado:** apenas as caçambas, encaixadas em vagões, seguem viagem.

**3. Transporte de contêineres:** a operação é feita com um guindaste, os contêineres são içados sobre um caminhão com caçamba.

**4. Técnica do semitrem:** as caçambas repousam sobre vagões descobertos.

Reprodução/Vestibular UERJ, 2012.

Adaptado de: ATLAS do Meio Ambiente. *Le Monde Diplomatique*. São Paulo: Instituto Pólis, 2009.

- Cite quatro consequências da intermodalidade para a organização da produção industrial em escala global.

### Filmes

Sempre que você for assistir a um filme na sala de aula ou em casa, por recomendação do professor, lembre-se de alguns passos importantes:

- Leia o texto do capítulo ou suas anotações sobre o assunto em questão antes de assistir ao filme.
- Concentre-se e preste muita atenção. Se possível, anote os principais acontecimentos.
- Caso o professor tenha sugerido um roteiro para você acompanhar a projeção do filme, procure segui-lo e identificar os pontos principais.
- Anote os trechos que você não entendeu para esclarecer com o professor.
- Tire suas próprias conclusões e forme sua opinião sobre o que assistiu.

Apresentamos a seguir sugestões de filmes que abordam o conteúdo tratado nesta Unidade.

#### + Documentário *Dividocracia*

Direção: Aris Chatzistefanou e Katerina Kitidi. Grécia, 2011, 74 minutos.

Esse documentário mostra que a crise vivida pela Grécia na atualidade é, na verdade, uma crise bancária internacional.

#### + Documentário *Mar de Aral (série Avisos da natureza: lições não aprendidas)*

Direção: Jakob Gottschau. Dinamarca, 2006, 30 minutos.

Esse episódio mostra como um desastre ambiental ocorrido na Ásia central, resultado do plantio desordenado de algodão, transformou o mar de Aral em um imenso deserto.

#### + *Encontro com Milton Santos ou O mundo global visto do lado de cá*

Direção: Sílvio Tandler. Brasil, 2007, 89 minutos. A partir de uma entrevista feita com o geógrafo Milton Santos em 2001, é discutido o tema da globalização e seus efeitos.

#### + *Um amor além do muro*

Direção: Dominik Graf. Alemanha, 2005, 129 minutos.

Essa comédia dramática aborda o contexto da Alemanha Oriental e a construção do Muro de Berlim, na década de 1960.

### Livros

Estes livros poderão elucidar e ampliar o assunto estudado.

#### + *Cabeça de turco*

Günter Wallraff. São Paulo: Globo, 2004.

Narra a história de um alemão que se passa por um turco, que, por sua vez, sofre o preconceito sofrido pelos imigrantes indesejados.

#### + *Integração regional: os blocos regionais nas relações internacionais*

Pio Penna Filho e Alfredo da Mota Menezes. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2010.

Os autores discutem as tentativas de integração econômica verificadas atualmente e abordam a teoria da integração econômica.

#### + *FMI: O Fundo Monetário Internacional*

Patrick Lenain. Barueri: Manole, 2003.

Apresenta o que é e como funciona esse organismo financeiro criado após a Segunda Guerra Mundial.

#### + *O quinto poder: consciência social de uma nação*

Lilian Dreier e Maria Elena Pereira Johannpeter. Porto Alegre: L&PM, 2008.

As autoras analisam as organizações que atuam no Terceiro Setor e abordam a atuação de determinada ONG de forma bem aprofundada.

#### + *O século XX explicado aos meus filhos*

Marc Ferro. São Paulo: Agir, 2008.

O historiador reconstrói as principais características históricas e políticas do século XX.

### Sites

Os sites indicados a seguir constituem uma boa fonte de pesquisa.

#### + <[http://europa.eu/index\\_pt.htm](http://europa.eu/index_pt.htm)>

Portal da União Europeia, em português, com informações, fotos, gráficos, mapas, estatísticas e a história do bloco.

#### + <[www.imf.org/external/index.htm](http://www.imf.org/external/index.htm)>

Site do Fundo Monetário Internacional, em inglês e espanhol, com informações e estatísticas sobre a economia mundial.

#### + <[www.worldbank.org/pt/country/brazil](http://www.worldbank.org/pt/country/brazil)>

Site do Banco Mundial no Brasil, com informações sobre os projetos do banco no país. Em português.

# Significado das siglas

**Acafe-SC:** Associação Catarinense das Fundações Educacionais

**Enem:** Exame Nacional do Ensino Médio

**ESPM-SP:** Escola Superior de Propaganda e Marketing

**Fatec-SP:** Faculdade de Tecnologia

**FEI-SP:** Centro Universitário da Faculdade de Engenharia Industrial

**FGV-SP:** Fundação Getúlio Vargas

**Fuvest-SP:** Fundação Universitária para o Vestibular

**Ibmec-RJ:** Faculdades do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais

**IFC-SC:** Instituto Federal Catarinense

**Mack-SP:** Universidade Presbiteriana Mackenzie

**PUC-MG:** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

**PUC-PR:** Pontifícia Universidade Católica do Paraná

**PUC-RJ:** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**PUC-RS:** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**PUCCamp-SP:** Pontifícia Universidade Católica de Campinas

**UCS-RS:** Universidade de Caxias do Sul

**Uece:** Universidade Estadual do Ceará

**UEG-GO:** Universidade Estadual de Goiás

**UEL-PR:** Universidade Estadual de Londrina

**UEM-PR:** Universidade Estadual de Maringá

**UEMG:** Universidade Estadual de Minas Gerais

**Uepa:** Universidade do Estado do Pará

**UEPB:** Universidade Estadual da Paraíba

**Uerj:** Universidade Estadual do Rio de Janeiro

**Uespi:** Universidade Estadual do Piauí

**Ufac:** Universidade Federal do Acre

**Ufal:** Universidade Federal de Alagoas

**Ufam:** Universidade Federal do Amazonas

**UFBA:** Universidade Federal da Bahia

**UFC-CE:** Universidade Federal do Ceará

**UFF-RJ:** Universidade Federal Fluminense

**UFG-GO:** Universidade Federal de Goiás

**UFJF-MG:** Universidade Federal de Juiz de Fora

**UFMA:** Universidade Federal do Maranhão

**UFMG:** Universidade Federal de Minas Gerais

**UFMS:** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**UFMT:** Universidade Federal de Mato Grosso

**UFPA:** Universidade Federal do Pará

**UFPB:** Universidade Federal da Paraíba

**UFPE:** Universidade Federal de Pernambuco

**UFPI:** Universidade Federal do Piauí

**UFPR:** Universidade Federal do Paraná

**UFRGS-RS:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**UFRN:** Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**UFRJ:** Universidade Federal do Rio de Janeiro

**UFRR:** Universidade Federal de Roraima

**UFRRJ:** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Ufscar-SP:** Universidade Federal de São Carlos

**UFT-TO:** Universidade Federal do Tocantins

**UFU-MG:** Universidade Federal de Uberlândia

**UFV-MG:** Universidade Federal de Viçosa

**Unama-PA:** Universidade da Amazônia

**Unesp-SP:** Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

**Unicamp-SP:** Universidade Estadual de Campinas

**Unicentro-PR:** Universidade Estadual do Centro-Oeste

**Unifap:** Universidade Federal do Amapá

**Unifesp:** Universidade Federal de São Paulo

**Unioeste-PR:** Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**Unir-RO:** Fundação Universidade Federal de Rondônia

**Unirio-RJ:** Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Vunesp-SP:** Fundação para o Vestibular da Unesp

# Bibliografia

- ANDRIOLI, Antônio Inácio; FUCHS, Richard (Org.). *Transgênicos: as sementes do mal. A silenciosa contaminação de solos e alimentos*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de (Org.). *Sociedade Brasileira: Uma história através dos movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ARONSON, Perla. *Notas para el estudio de la globalización*. Buenos Aires: Biblos, 2007.
- ATLANTE geografico De Agostini 2015. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2015.
- ATLANTE geografico metodico De Agostini 2013-2014. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2014.
- ATLANTE historico del mondo De Agostini. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2013.
- ATLANTE storico 2010. Bologna: Zanichelli, 2011.
- ATLANTE Zanichelli 2011. Bologna: Zanichelli, 2012.
- ATLANTE Zanichelli 2013. Bologna: Zanichelli, 2013.
- ATLAS de la Tierra: el ser humano. Barcelona: Edebé, 2007.
- AYERBE, Luís Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.
- BALOGUN, Habib Ademola. *Apartheid na África do Sul*. São Paulo: Edicon, 2011.
- BEAH, Ishmael. *Muito longe de casa: Memórias de um menino soldado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- BEAUD, Michel. *História do capitalismo: de 1500 até nossos dias*. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *Cidadania em preto e branco: discutindo as relações sociais*. São Paulo: Ática, 2006.
- BESSEL, Richard. *Alemanha, 1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do século XX*. Curitiba: Fundamento Educacional, 2008.
- CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. *Índia: um olhar amoroso*. São Paulo: Ediouro, 2009.
- CASTRO, Haroldo. *Luzes da África: pai e filho em busca da alma de um continente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CHOSSUDOVSKY, Michel. *A globalização da pobreza*. São Paulo: Moderna, 2003.
- DANTAS, Gilson. *Breve introdução à economia mundial contemporânea: acumulação do capital e suas crises*. Brasília: Editora do Autor, 2012.
- DEFARGES, Philippe Moreau. *Introdução à geopolítica*. Lisboa: Gradiva, 2003.
- DOW, Kirtin; DOWNING, Thomas. *O atlas da mudança climática*. São Paulo: Publifolha, 2007.
- DURAND, Marie-Françoise et alii. *Atlas de la mondialisation*. Paris: Presses de Science Po, 2013.
- FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. *China: uma nova história*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Org.). *Desafios do livre mercado para o feminismo*. São Paulo: SOF/Cadernos Sempre Viva, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Economia feminista*. São Paulo: SOF/Cadernos Sempre Viva, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O trabalho das mulheres*. São Paulo: SOF/Cadernos Sempre Viva, 1999.
- FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FILHO, Daniel Aarão Reis. *A aventura socialista no século XX*. São Paulo: Atual, 1999. (Série Discutindo a História).
- FURTADO, Celso. *O capitalismo global*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- FUSER, Igor. *Geopolítica: o mundo em conflito*. São Paulo: Salesianas, 2006.
- GARCIA JR., Armando Álvares. *Alca: a Área de Livre-Comércio das Américas e seu marco jurídico*. São Paulo: LTR, 2007.
- GONIN, Jean Marc; GUEZ, Olivier. *A queda do muro*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

- HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital: 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012.
- KARNAL, Leandro (Org.). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2011.
- KUCZYNSKI, Pedro-Paulo; WILLIAMSON, John (Org.). *Depois do consenso de Washington: retomando o crescimento e a reforma na América Latina*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- LIMA, Marcos Costa. *Dinâmica do capitalismo pós-guerra fria*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2008.
- LIMA, Maria Regina de; HIRST, Monica (Org.). *Brasil, Índia e África do Sul*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- LUKACS, John. *Nova república: história dos Estados Unidos no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MARQUES, Eliana. *O milagre econômico da China: paralelo entre o crescimento brasileiro e o chinês*. São Paulo: Saint Paul, 2009.
- MELLO, Patrícia Campos. *Índia: da miséria à potência*. São Paulo: Planeta Brasil, 2008.
- MENDONÇA, Sônia; MOTTA, Márcia. *Nação e poder: as dimensões da História*. Niterói: Ed. da Universidade Federal Fluminense, 1998.
- MERCADANTE, Araminta A. et alii. *Blocos econômicos e integração na América Latina, África e Ásia*. Curitiba: Juruá, 2006.
- MÉSZAROS, István. *Para além do capital*. São Paulo/Campinas: Boitempo/Unicamp, 2002.
- MEYER, Michael. *1989: o ano que mudou o mundo. A verdadeira história da queda do Muro de Berlim*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- NAKADA, Minoru. *A OMC e o regionalismo*. São Paulo: Aduaneiras, 2002.
- OLIC, Nelson Bacic; CANEPA, Beatriz. *Conflitos mundiais: um panorama das guerras atuais*. São Paulo: Moderna, 2009.
- OLIVEIRA, Carlos Tavares de. *O despertar da China*. São Paulo: Aduaneiras, 2003.
- PENHA, Eli Alves. *Relações Brasil-África e geopolítica do Atlântico Sul*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- PINSKY, Ilana; BESSA, Marco Antonio (Org.). *Adolescência e drogas*. São Paulo: Contexto, 2009.
- PRAZERES, Tatiana Lacerda. *A OMC e os blocos regionais*. São Paulo: Aduaneiras, 2008.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Economia espacial*. São Paulo: Edusp, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Espaço e método*. São Paulo: Edusp, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. São Paulo: Edusp, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Milton et alii. *Fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Globalização e espaço latino-americano*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- SCHWARTZ, Stuart B.; LUCKHART, James. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SEBESTYEN, Victor. *A Revolução de 1989: a queda do Império Soviético*. São Paulo: Globo, 2009.
- SILVEIRA, Maria Laura. *Continente em chamas: globalização e território na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. São Paulo: Ática, 2013.
- ZANINI, Fábio. *Pé na África: uma aventura do sul ao norte do continente*. São Paulo: Publifolha, 2009.

# Geografia

MANUAL  
DO PROFESSOR

**Volume 2**

# Sumário

## PRIMEIRA PARTE

### A GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO:

#### CONSIDERAÇÕES GERAIS .....291

1. O currículo do Ensino Médio: as áreas de conhecimento ..... 291
2. Matriz do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) — 2015.....291
3. Objetos de conhecimento associados às Matrizes de Referência..... 293
4. Competências específicas da Geografia ..... 294
5. Geografia: interdisciplinaridade e contextualização .....295

## SEGUNDA PARTE

### SOBRE ESTA COLEÇÃO .....296

1. A escolha e a organização dos conteúdos ..... 296
2. Trabalhando os conteúdos: reflexão, perspectiva interdisciplinar e contextualização ..... 297
3. Outros instrumentos e técnicas pedagógicas .....298
4. Avaliando os objetivos ..... 300
5. Bibliografia consultada ..... 300

## TERCEIRA PARTE

### SOBRE ESTE VOLUME .....302

1. Conteúdos conceituais, habilidades específicas e visão interdisciplinar por unidade .....302

2. Para o professor se atualizar e refletir: textos de leitura ..... 306

3. Sugestões de temas complementares e atividades para trabalhar em sala de aula ..... 312

4. Sugestões de filmes para complementar os conteúdos e elaborar atividades ..... 315

5. Sugestões de leitura e fontes de consulta para o professor ..... 316

### PROJETOS INTERDISCIPLINARES .....318

1. Projeto coletivo de trabalho: Industrialização no Brasil e no mundo — Construindo uma linha do tempo ..... 318

2. Projeto coletivo de trabalho: perspectivas para o turismo no Brasil — Um mapeamento ..... 320

### RESPOSTAS DAS ATIVIDADES ..... 323

- Unidade 1** — O capitalismo e a organização do espaço globalizado ..... 323

- Unidade 2** — Desenvolvimento humano e econômico: desigualdades no mundo globalizado ..... 324

- Unidade 3** — Atividades primárias na globalização ..... 328

- Unidade 4** — A indústria no mundo globalizado ..... 329

- Unidade 5** — As atividades terciárias e as fronteiras supranacionais ..... 333

▼ Centro financeiro de Cingapura.  
Foto de 2016.

# A Geografia no Ensino Médio: considerações gerais

## 1. O currículo do Ensino Médio: as áreas de conhecimento

O Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica e é regido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que passou por três alterações, a última realizada em 1996.

A elaboração dos currículos do Ensino Médio, por sua vez, deve obedecer às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012. Segundo esse documento, “a organização curricular do Ensino Médio tem uma base nacional comum e uma parte diversificada que não devem constituir blocos distintos, mas um todo integrado, de modo a garantir tanto conhecimentos e saberes comuns necessários a todos os estudantes, quanto uma formação que considere a diversidade e as características locais e especificidades regionais”.

Assim sendo, o currículo deverá ser constituído por quatro áreas de conhecimento, compostas por componentes curriculares:

### I – Linguagens

- a) Língua Portuguesa;
- b) Língua Materna, para populações indígenas;
- c) Língua Estrangeira Moderna;
- d) Arte, em suas diferentes linguagens: cênicas, plásticas e, obrigatoriamente, a linguagem musical;
- e) Educação Física.

### II – Matemática

### III – Ciências da Natureza

- a) Biologia;
- b) Física;
- c) Química.

### IV – Ciências Humanas

- a) História;
- b) Geografia;
- c) Filosofia;
- d) Sociologia.

## 2. Matriz do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) – 2015

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é uma importante ferramenta de avaliação do Ensino Básico, além de ser uma forma de seleção unificada para o ingresso em universidades federais.

A prova do Enem, estruturada em competências e habilidades, tem como característica estimular o raciocínio, com a utilização de questões contextualizadas e interdisciplinares, evitando, assim, a memorização de informações. A intenção é avaliar se o aluno está construindo o conhecimento, unindo os conceitos aprendidos à vivência dos fenômenos e à aplicação daqueles conceitos no dia a dia.

Pode-se entender, então, que o objetivo da avaliação é incentivar o aluno a tomar decisões diante de problemas práticos, exercendo sua autonomia, e não simplesmente memorizando conceitos. Essa proposta é favorável ao novo modo de ensinar Geografia, destacando seu caráter interdisciplinar e aproximando o aluno do seu cotidiano. No Enem, as disciplinas são avaliadas de forma integrada e organizadas em quatro áreas:

- Linguagem, Código e suas Tecnologias;
- Matemática e suas Tecnologias;
- Ciências da Natureza e suas Tecnologias;
- Ciências Humanas e suas Tecnologias.

O documento *Matriz de Referência para o Enem 2015*, elaborado pelo Ministério da Educação, inclui os conteúdos curriculares próprios do Ensino Médio e um conjunto de trinta habilidades para cada uma das áreas que fazem parte da prova. De acordo com esse documento, temos cinco eixos cognitivos comuns a todas as áreas de conhecimento:

**I. Dominar linguagens (DL).** Dominar a norma culta [variedade-padrão] da língua portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.

**II. Compreender fenômenos (CF).** Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

**III. Enfrentar situações-problema (SP).** Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.

**IV. Construir argumentação (CA).** Relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.

**V. Elaborar propostas (EP).** Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para a elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Transcrevemos a seguir as competências e habilidades relativas à Matriz de Referência de Ciências Humanas e suas Tecnologias, divulgadas no mesmo documento.

## ■ Competências e habilidades

### Competência de área 1

Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

#### ● Habilidades necessárias

**H1** Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

**H2** Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.

**H3** Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos.

**H4** Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

**H5** Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

### Competência de área 2

Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

#### ● Habilidades necessárias

**H6** Interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas dos espaços geográficos.

**H7** Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

**H8** Analisar a ação dos Estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.

**H9** Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.

**H10** Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica.

### Competência de área 3

Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

#### ● Habilidades necessárias

**H11** Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

**H12** Analisar o papel da Justiça como instituição na organização das sociedades.

**H13** Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

**H14** Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situações ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

**H15** Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

### Competência de área 4

Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

### ● Habilidades necessárias

**H16** Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

**H17** Analisar fatores que explicam o impacto das novas tecnologias no processo de territorialização da produção.

**H18** Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.

**H19** Reconhecer as transformações técnicas e tecnológicas que determinam as várias formas de uso e apropriação dos espaços rural e urbano.

**H20** Selecionar argumentos favoráveis ou contrários às modificações impostas pelas novas tecnologias à vida social e ao mundo do trabalho.

### Competência de área 5

Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

### ● Habilidades necessárias

**H21** Identificar o papel dos meios de comunicação na construção da vida social.

**H22** Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

**H23** Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.

**H24** Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

**H25** Identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

### Competência de área 6

Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos.

### ● Habilidades necessárias

**H26** Identificar em fontes diversas o processo de ocupação dos meios físicos e as relações da vida humana com a paisagem.

**H27** Analisar de maneira crítica as interações da sociedade com o meio físico, levando em consideração aspectos históricos e/ou geográficos.

**H28** Relacionar o uso das tecnologias com os impactos socioambientais em diferentes contextos histórico-geográficos.

**H29** Reconhecer a função dos recursos naturais na produção do espaço geográfico, relacionando-os com as mudanças provocadas pelas ações humanas.

**H30** Avaliar as relações entre preservação e degradação da vida no planeta nas diferentes escalas.

## 3. Objetos de conhecimento associados às Matrizes de Referência

### ■ Ciências Humanas e suas Tecnologias

- **Diversidade cultural, conflitos e vida em sociedade** – Cultura material e imaterial; patrimônio e diversidade cultural no Brasil. A conquista da América. Conflitos entre europeus e indígenas na América colonial. A escravidão e formas de resistência indígena e africana na América. História cultural dos povos africanos. A luta dos negros no Brasil e o negro na formação da sociedade brasileira. História dos povos indígenas e a formação sociocultural brasileira. Movimentos culturais no mundo ocidental e seus impactos na vida política e social.
- **Formas de organização social, movimentos sociais, pensamento político e ação do Estado** – Cidadania e democracia na Antiguidade; Estado e direitos do cidadão a partir da Idade Moderna; democracia direta, indireta e representativa. Revoluções sociais e políticas na Europa moderna. Formação territorial brasileira; as regiões brasileiras; políticas de reordenamento territorial. As lutas pela conquista da independência política das colônias da América. Grupos sociais em conflito no Brasil imperial e a construção da nação. O desenvolvimento do pensamento liberal na sociedade capitalista e seus críticos nos séculos XIX e XX. Políticas de colonização, migração, imigração e emigração no Brasil nos séculos XIX e XX. A atuação dos grupos sociais e os grandes processos revolu-

cionários do século XX: Revolução Bolchevique, Revolução Chinesa, Revolução Cubana. Geopolítica e conflitos entre os séculos XIX e XX: Imperialismo, a ocupação da Ásia e da África, as Guerras Mundiais e a Guerra Fria. Os sistemas totalitários na Europa do século XX: nazifascismo, franquismo, salazarismo e stalinismo. Ditaduras políticas na América Latina: Estado Novo no Brasil e ditaduras na América. Conflitos político-culturais pós-Guerra Fria, reorganização política internacional e os organismos multilaterais nos séculos XX e XXI. A luta pela conquista de direitos pelos cidadãos: direitos civis, humanos, políticos e sociais. Direitos sociais nas constituições brasileiras. Políticas afirmativas. Vida urbana: redes e hierarquia nas cidades, pobreza e segregação espacial.

- **Características e transformações das estruturas produtivas** – Diferentes formas de organização da produção: escravismo antigo, feudalismo, capitalismo, socialismo e suas diferentes experiências. Economia agroexportadora brasileira: o complexo açucareiro; a mineração no período colonial; a economia cafeeira; a borracha na Amazônia. Revolução Industrial: criação do sistema de fábrica na Europa e transformações no processo de produção. Formação do espaço urbano-industrial. Transformações na estrutura produtiva no século XX: o fordismo, o toyotismo, as novas técnicas de produção e seus impactos. A industrialização brasileira, a urbanização e as transformações sociais e trabalhistas. A globalização e as novas tecnologias de telecomunicação e suas consequências econômicas, políticas e sociais. Produção e transformação dos espaços agrários. Modernização da agricultura e estruturas agrárias tradicionais. O agronegócio, a agricultura familiar, os assalariados do campo e as lutas sociais no campo. A relação campo-cidade.
- **Os domínios naturais e a relação do ser humano com o ambiente** – Relação homem-natureza, a apropriação dos recursos naturais pelas sociedades ao longo do tempo. Impacto ambiental das atividades econômicas no Brasil. Recursos minerais e energéticos: exploração e impactos. Recursos hídricos; bacias hidrográficas e seus aproveitamentos. As questões ambientais contemporâneas: mudança climática,

ilhas de calor, efeito estufa, chuva ácida, destruição da camada de ozônio. A nova ordem ambiental internacional; políticas territoriais ambientais; uso e conservação dos recursos naturais, unidades de conservação, corredores ecológicos, zoneamento ecológico e econômico. Origem e evolução do conceito de sustentabilidade. Estrutura interna da Terra. Estruturas do solo e do relevo; agentes internos e externos modeladores do relevo. Situação geral da atmosfera e classificação climática. As características climáticas do território brasileiro. Os grandes domínios da vegetação no Brasil e no mundo.

- **Representação espacial** – Projeções cartográficas; leitura de mapas temáticos, físicos e políticos; tecnologias modernas aplicadas à Cartografia.

## 4. Competências específicas da Geografia

A principal preocupação na escolha e aplicação dos conteúdos programáticos é desenvolver competências que se apliquem aos eixos cognitivos comuns às áreas gerais do conhecimento que compõem o currículo do novo Ensino Médio.

Segundo a Secretaria de Educação Média e Tecnológica do MEC, competências “são operações mentais estruturadas em rede, que, mobilizadas, permitem a incorporação de novos conhecimentos e sua integração significada a essa rede. As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano do saber fazer”.

Para trabalhar com competência questões que envolvem os eixos cognitivos, é preciso que o aluno utilize alguns recursos, como o domínio da linguagem, os conteúdos conceituais de cada disciplina e habilidades específicas.

Além das competências e habilidades gerais, a Geografia tem outras que são específicas do seu ramo de conhecimento. Daí a extrema importância dos conteúdos escolhidos para desenvolver essas competências e habilidades e da maneira como serão trabalhados em sala de aula. Veja alguns cuidados que podem ser adotados nessa escolha:

- Delimitar precisamente o objeto da Geografia, que deve funcionar como “ponte” com outras áreas.
- Formar alunos capazes de construir conhecimentos críticos sobre o mundo em que vivem.

- Não selecionar conteúdos muito específicos, pois não é objetivo do Ensino Médio formar geógrafos.
- Escolher conteúdos atualizados e que valorizem a vivência do aluno.
- Deixar claro que é impossível compreender a nova problemática do mundo sem estudar Geografia.

Se a meta do nosso trabalho é formar um cidadão crítico, com uma visão de mundo que lhe permita participar ativamente da sociedade em que vive, o primeiro passo é definir com clareza o que entendemos por cidadão crítico e participante. Podemos dizer que é o indivíduo capaz de entender os fatos que acontecem no mundo, de interpretá-los e de estabelecer relações não só entre esses fatos, mas também entre eles e a realidade do local onde vive.

Estamos falando exatamente do principal conceito da Geografia — o *espaço geográfico*. Ao trabalhar esse conceito, o professor inicia sua tarefa, que é ajudar o aluno a entender as diversidades e as mudanças que acontecem no espaço geográfico, tornando-o capaz de “pensar” esse espaço e perceber-se como parte integrante dele.

Para o aluno ter essa percepção, algumas habilidades e competências específicas são essenciais:

- Adquirir o pleno domínio da linguagem cartográfica, como mapas, gráficos, imagens de satélites, que constituem a maneira de representar os fatos e os fenômenos no espaço geográfico.
- Dominar as noções de escala no conhecimento geográfico, que vão ajudá-lo a reconhecer os fenômenos geográficos:
  - a *escala cartográfica*, que permite organizar a localização e a distribuição espacial dos fenômenos;
  - a *escala geográfica*, que permite organizar e classificar os fenômenos em escala local, regional, nacional e global.
- Comparar os fenômenos geográficos e reconhecer as semelhanças e diferenças existentes entre eles, explicando suas reações.
- Identificar as particularidades de uma paisagem, um lugar ou território no espaço geográfico, reconhecendo os fenômenos aí encontrados, determinando o processo de sua formação e o papel da tecnologia dos grupos humanos que habitam ou já habitaram esse lugar, paisagem ou território.

## 5. Geografia: interdisciplinaridade e contextualização

São condições fundamentais para a formação do cidadão crítico, na busca da construção do conhecimento, aprender como aplicar e reconhecer em sua vida os conceitos da Geografia integrados a outras disciplinas, e garantir uma visão interdisciplinar dos fatos e fenômenos do espaço geográfico.

A interdisciplinaridade e a contextualização dos conteúdos, porém, não devem ser vistas separadamente. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), torna-se fundamental a integração e a aproximação das disciplinas, pois o conhecimento é único e deve ser aplicado no cotidiano das pessoas. Quando ensinamos Geografia, podemos trabalhar, com conhecimentos geográficos, conteúdos de História, Física, Biologia, Literatura e tantos outros que fazem parte do espaço geográfico, objeto de estudo da nossa disciplina.

A interdisciplinaridade integra as diferentes disciplinas, demonstrando como determinado assunto pode ser abordado por vários campos do saber, mantendo, porém, sua individualidade. Nessa integração, há um diálogo que procura conciliar os conceitos pertencentes às diversas áreas, buscando um conhecimento único.

Dessa forma, o trabalho interdisciplinar deve ser visto como uma preciosa contribuição das várias áreas do estudo na construção dos conhecimentos e ser aplicado ao ensino da Geografia. Esse tipo de abordagem facilita o trabalho do professor e ajuda a melhorar o desempenho do aluno.

Os conteúdos geográficos, em uma visão interdisciplinar, devem ser apresentados como fatos próximos da realidade do aluno. A sucessão dos dias e das noites, as mudanças do tempo, os problemas das cidades são apenas alguns dos muitos exemplos da interferência dos fenômenos geográficos no cotidiano das pessoas.

Além de criar uma relação entre o conhecimento e o cotidiano, valorizando experiências, vivência e a realidade do aluno, a contextualização pode avançar ainda mais e ampliar esse conhecimento inicial, desenvolvendo competências para que o aluno possa se integrar na sociedade, interferindo, com sua participação, no funcionamento dessa sociedade.

## 1. A escolha e a organização dos conteúdos

Elaborada em três volumes, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de 1996, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012, e a *Matriz de Referência para o Enem 2015*, esta coleção procura ampliar os conhecimentos geográficos do aluno, cuja aprendizagem se iniciou no Ensino Fundamental.

Dentro de uma visão socioconstrutivista, entendemos que o aluno é uma pessoa criativa, capaz de relacionar fatos e ideias e, com o professor, ser responsável pela aquisição de conhecimentos. Dessa forma, o processo de aprendizagem é uma consequência da interação professor-aluno.

Os conteúdos selecionados visam facilitar a tarefa do professor em seu papel de condutor para a aquisição de conhecimentos, incentivando o aluno a questionar e a estabelecer correlações entre os assuntos estudados. Nesse trabalho, assumem importância as atividades em grupo, os debates e as pesquisas.

Competências, habilidades e conteúdo completam a formação do cidadão crítico e “pensante”. Por isso, a seleção dos temas geográficos deve ser criteriosa. Não é possível desenvolver competências e habilidades sem trabalhar conteúdos atualizados e que valorizem a vivência do aluno.

A escolha dos conteúdos nesta coleção obedece a uma abordagem da Geografia que considera o espaço geográfico como o resultado da interferência humana no espaço natural, através do tempo histórico. Essa interferência acontece por meio das atividades econômicas (rurais e urbanas), favorecidas pelas inovações tecnológicas. Procuramos mostrar também que, muitas vezes, a interferência humana na natureza apresenta como resultado impactos ambientais que são cada vez mais motivo de preocupação para a humanidade.

Cada volume desta coleção foi estruturado segundo a nossa experiência de muitos anos de sala de aula. O critério utilizado foram as grandes

contradições do capitalismo globalizado que fazem surgir contrastes naturais, humanos, políticos, econômicos, tecnológicos e organizações supranacionais. Dentro de cada uma delas, analisamos as desigualdades dos fenômenos geográficos no estudo do espaço.

No **volume 1** estudamos os contrastes naturais, políticos e humanos.

**Contrastes naturais.** Conhecer as características do espaço natural, sua formação e as intervenções humanas que resultaram em graves impactos ambientais ao longo dos séculos torna-se essencial em uma época em que os problemas referentes ao meio ambiente e à sua preservação estão entre as principais preocupações da humanidade.

Como é no espaço geográfico que as manifestações da natureza e as atividades humanas acontecem, iniciamos nosso estudo com a caracterização de conceitos fundamentais para a Geografia, como lugar, paisagem e espaço geográfico, sua representação por meio da Cartografia e a localização dos fenômenos geográficos com o uso das coordenadas geográficas e dos pontos cardeais.

As fronteiras naturais do espaço estão definidas pelos grandes biomas do mundo, embora existam outros elementos, como os continentes e oceanos, as formas de relevo e as bacias hidrográficas, que poderiam ser considerados como tal. Nossa escolha é justificada pelo fato de o aspecto visual dos biomas, ou seja, a sua vegetação característica, ser resultado da estreita correlação existente entre os elementos naturais (clima, relevo, hidrografia) que o compõem.

Temas polêmicos como poluição do ar e suas consequências, escassez e poluição dos recursos hídricos, desmatamentos, mau uso das terras agrícolas e poluição urbana foram amplamente abordados, dada a sua relevância na formação do cidadão consciente e atuante em sua comunidade.

**Contrastes políticos.** Nessa abordagem foram destacados os conceitos de *Estado-Nação*, *fronteira*, *território* e *territorialidade*.

A territorialidade, considerada como “limitação da força imperativa das leis” ao território

onde o Estado-Nação exerce a sua soberania, tem sido ameaçada por dois fatores: um de ordem econômica e outro de ordem política. O primeiro, que se refere aos organismos financeiros internacionais e aos blocos econômicos que ganharam força no processo de globalização, será analisado no **volume 2**. O outro fator, de natureza política, objeto de estudo deste volume, pode ser expresso pelos inúmeros conflitos que eclodiram em várias regiões do mundo, com o ressurgimento dos nacionalismos e o crescimento de ações de grupos terroristas (laicos e étnico-religiosos) no mundo pós-Guerra Fria e nos acontecimentos que marcaram a primeira década do século XXI. Entre eles, destacam-se os conflitos da chamada Primavera Árabe, que atingiu vários regimes no norte da África, e os do Oriente Médio, região mais instável do mundo, do ponto de vista da territorialidade.

**Contrastes humanos.** O estudo das populações e suas condições de vida e da inter-relação entre população, meio ambiente e crescimento econômico é fundamental para o futuro da humanidade, pois o desenvolvimento sustentável vai depender da forma como essas relações forem conduzidas.

No primeiro volume ainda são evidenciadas as características da população mundial - crescimento, estrutura, distribuição e mobilidade, comprovadas por estatísticas recentes que são analisadas e expressas por tabelas e gráficos de fácil interpretação.

No **volume 2**, são analisados os contrastes econômicos, tecnológicos e as organizações supranacionais.

**Contrastes econômicos.** Procuramos mostrar como o modo de produção capitalista produziu, ao longo da História, as grandes desigualdades socioeconômicas existentes entre as nações no mundo. Também abordamos o socialismo e o período da Guerra Fria, período muito peculiar da história da humanidade e que é essencial para se entender o mundo da globalização.

A divisão internacional do trabalho, que estabelece as relações entre os países, foi sempre profundamente marcada pelas mudanças ocorridas no mecanismo do sistema capitalista.

Dentro de um mundo em transição, analisamos a crise que atingiu os países desenvolvidos e o surgimento de novos polos econômicos, como China, Brasil, Índia e Rússia.

**Contrastes tecnológicos.** A tecnologia é um dos fatores mais significativos para a transformação do espaço geográfico. Entretanto, sua distribuição por esse espaço é extremamente desigual. Vivemos em uma sociedade na qual o progresso é privilégio de poucos, e a exclusão mantém-se como marca registrada da maioria das nações e seus habitantes, graças à interferência dos países mais ricos e desenvolvidos sobre os países mais pobres, sob a forma de pagamento do direito de uso das inovações tecnológicas.

A expansão da atividade industrial, ao lado do sistema capitalista, determinou as diferenças tecnológicas existentes na globalização. Como resultado dessa expansão temos, hoje, países industrializados centrais e países industrializados periféricos.

A atividade agrária, hoje subordinada à indústria, e o uso de fontes de energia e de recursos minerais apresentam-se de forma diferente entre esses grupos de países.

**Organizações supranacionais.** A presença e a intervenção do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional e das empresas transnacionais que atuam em países periféricos indicam a redução do grau de independência política, econômica e financeira dessas nações. Isso significa que a soberania dos Estados está cada vez mais perdendo espaço para a “ditadura do mercado mundial”.

Os blocos econômicos, também denominados blocos internacionais de poder, tendem a reforçar a perda de autonomia dos países periféricos, porque reproduzem os mecanismos de dominação e defesa dos interesses de empresas transnacionais.

O **volume 3** analisa o papel do Brasil como país emergente dentro do mundo globalizado e inserido em cada uma dessas contradições.

## 2. Trabalhando os conteúdos: reflexão, perspectiva interdisciplinar e contextualização

Se a escolha dos conteúdos considera o aluno capaz de relacionar fatos e ideias, procuramos elaborar atividades que privilegiam essa condição, dando ênfase à análise de textos e a questões reflexivas, interdisciplinares e devidamente contextualizadas. São também atividades que possibilitam ao aluno atingir as metas determinadas pelas DCNEM e as habilidades previstas pelo Enem.

Na elaboração dessas atividades, o conteúdo geográfico tem muitas contribuições a oferecer para, em sintonia com outros componentes curriculares, criar oportunidades a fim de que o aluno não só examine diferentes temas e problemas da realidade social, como também formule proposições para resolvê-los.

Entre eles, as aceleradas mudanças econômicas, tecnológicas e da comunicação que autorizam a falar em uma escala global de relações humanas, as diferenças e desigualdades entre paisagens, sociedades e territórios, as complexidades da vida urbana ou as alterações nas bases naturais do espaço geográfico em função de usos predatórios.

É imprescindível garantir que o estudante tenha um papel ativo e protagonista, tanto na escolha e no delineamento dos objetos de estudo como nas etapas de execução. E crescem as demandas para uso das ferramentas da informática e de internet, aproximando as realidades dos estudantes e da escola das novas tecnologias de comunicação e informação. Deve-se propiciar também as condições para que os resultados de projetos, estudos e pesquisas alcancem públicos cada vez mais amplos, seja na escola, seja na comunidade.

O desenvolvimento de projetos interdisciplinares e contextualizados coloca também perspectivas para que as equipes docentes ampliem instrumentos e critérios de avaliação, verificando as progressões de alunos e turmas segundo diferentes competências e habilidades.

De acordo com os princípios e práticas enunciados, a coleção oferece, ao longo das unidades e dos capítulos, diversas seções de estudo:

- › **LEITURA E REFLEXÃO**  
Textos mais elaborados, que exigem do aluno uma reflexão mais profunda.
- › **CONTEXTO E APLICAÇÃO**  
Textos que estabelecem uma relação entre o assunto estudado e o cotidiano do aluno, seguidos de atividades.
- › **RELACIONANDO OS ASSUNTOS**  
Textos que aparecem no 2º e no 3º volume e trazem temas já estudados, que podem ser relacionados com o capítulo.
- › **OUTRA VISÃO**  
Textos que trazem outra opinião ou enfoque sobre o tema estudado.

#### › **AMPLIANDO O CONHECIMENTO**

Textos que contêm informações mais aprofundadas sobre o assunto tratado no capítulo e que podem ser utilizados pelo professor como ponto de partida para a realização de atividades.

#### › **PESQUISE E REFLITA**

Esta seção aparece no 1º e no 2º volume e apresenta sugestões de temas para pesquisa e questões para reflexão sobre o assunto estudado.

#### › **DIÁLOGOS**

Seção específica para explorar a interdisciplinaridade dentro da área de Ciências Humanas.

#### › **REGIONAL**

Seção que aparece apenas no 3º volume e dedica-se a tratar de aspectos característicos de cada uma das regiões oficiais brasileiras, segundo a divisão do IBGE.

#### › **REFLETINDO SOBRE O CONTEÚDO**

Conjunto de questões propostas no fim de cada capítulo, que exigem do aluno reflexão, análise e interpretação dos assuntos estudados.

#### › **QUESTÕES DO ENEM E DE VESTIBULARES**

Uma série de testes e questões do Enem, de vestibulares e de processos seletivos seriados que desafiam o aluno a usar as competências e habilidades adquiridas.

### **3. Outros instrumentos e técnicas pedagógicas**

Gostaríamos de deixar claro que o livro didático é apenas um ponto de referência; cabe ao professor adaptá-lo às condições da escola em que trabalha. Para o aluno, a utilização do livro didático é uma maneira de fazê-lo aproveitar melhor as aulas e aprofundar os assuntos explicados pelo professor em sala de aula. Existem outros instrumentos e outras técnicas pedagógicas, além do livro didático ou das aulas expositivas. Sugerimos, a seguir, alguns desses instrumentos, que deverão ser utilizados como meio de avaliação do conhecimento e das habilidades. Os professores devem se colocar à vontade para adaptar esses instrumentos às realidades de suas escolas e localidades e aos interesses e necessidades de aprendizagem de seus alunos.

## ■ Trabalhos dirigidos em grupo

Devem ser realizados sempre sob a supervisão do professor, a quem caberá determinar o tema da atividade, que poderá ser extraído de jornais, revistas ou do próprio livro didático. Esse tipo de trabalho é fundamental porque privilegia a leitura, uma vez que na atualidade os jovens muitas vezes são atraídos por outros recursos visuais.

É extremamente importante que, ao propor o trabalho, o professor considere quais serão as competências e habilidades a ser avaliadas. Essa atitude é válida para qualquer trabalho a ser realizado. Veja, na terceira parte deste Manual, a proposta de dois projetos interdisciplinares e coletivos que requerem pesquisa, debates e muito envolvimento de alunos e professores.

## ■ Debates dirigidos

Discussões sobre temas atuais, propostos pelo professor ou sugeridos pelos alunos, são outro tipo de atividade que produz ótimos resultados: despertam a solidariedade, cultivam a ética e o respeito, que, uma vez assimilados em sala de aula, acabam naturalmente adotados na vida em sociedade.

## ■ Estudo do meio

Trata-se de uma atividade um pouco mais complexa, pois requer o deslocamento dos alunos, o que nem sempre é possível. Entretanto, é importante promovê-la, pois, além de colocá-los em contato direto com a natureza, o estudo do meio permite a realização de trabalhos interdisciplinares. Outras atividades extraclasse muito interessantes são: visitas a museus, a exposições de arte, a indústrias ou a estabelecimentos agrícolas.

## ■ Laboratório de informática

Esse recurso oferece a oportunidade de desenvolver atividades interdisciplinares ou apenas de Geografia. Como os adolescentes se interessam muito por computador, se a escola contar com esse recurso, eles poderão se sentir bastante motivados.

Existem programas que permitem a elaboração de gráficos diversos (clima, população, economia). A construção de climogramas, por exemplo, possibilita que o aluno faça, posteriormente, a análise do tipo de clima representado no gráfico.

O uso da internet também é importante em trabalhos de pesquisa sobre muitos assuntos vistos em sala de aula. Sugerimos alguns *sites* no fim de cada unidade e faremos mais algumas sugestões neste Manual.

## ■ Movimentando a sala de aula

A aula expositiva pode se tornar mais movimentada e interessante com o uso de recursos como projeção de filmes, figuras, mapas, gráficos e maquetes. Nesse tipo de aula é fundamental a participação dos alunos, seja por meio de perguntas, seja por meio da interpretação dos recursos audiovisuais. A aula em que só o professor fala não consta das DCNEM nem é produtiva para alcançar os objetivos do novo Enem.

Entre os recursos audiovisuais que podem ser utilizados, existem desde os mais simples (como globos, mapas e maquetes), passando por aqueles que necessitam de aparelhos especiais (como transparências, *slides* e vídeos profissionais ou gravados pelo professor e pelos alunos), até os mais sofisticados, como o *datashow*, que requer o uso do computador.

No fim de cada unidade dos três volumes desta coleção, bem como neste Manual, há sugestões de filmes que podem ser utilizados em sala de aula, dependendo da realidade da escola em que o professor trabalha e dos recursos de que ela dispõe (retroprojetor, aparelho de DVD, etc.). Ao utilizar um filme como recurso audiovisual, é importante ter alguns cuidados:

- Assista ao filme antes de passá-lo para os alunos.
- Selecione os trechos mais importantes e, se for o caso, mostre a eles só esses trechos.
- Elabore um roteiro no qual estejam indicados quais são os objetivos que você, professor, pretende atingir com esse trabalho.
- Elabore questões que levem à reflexão sobre o que foi visto.
- Vídeos, filmes, artigos de jornais e revistas podem fornecer excelentes temas para trabalho interdisciplinar, quando abordarem questões referentes aos chamados temas transversais: cidadania, ética, tolerância, direitos humanos, saúde, orientação sexual, entre outros. Entretanto, esses temas devem ser abordados com todo o cuidado e a seriedade que merecem.

## 4. Avaliando os objetivos

*O momento de aferição do aproveitamento escolar não é o ponto definitivo de chegada, mas um momento de parar para observar se a caminhada está ocorrendo com a qualidade que deveria ter.*

Cipriano Carlos Luckesi

No ensino tradicional, as avaliações são feitas por meio de provas escritas ou orais e têm por objetivo aferir a quantidade de conhecimentos adquiridos em sala de aula. Esse tipo de avaliação visa apenas à aprovação, ou não, do aluno no fim do ano. Mais importante do que isso é avaliar o desenvolvimento das habilidades e atitudes adquiridas por ele no fim do período letivo.

O ideal seria que o professor tivesse condições de fazer uma avaliação individual, mas isso é praticamente impossível em razão das turmas numerosas e de os professores, em geral, serem sobrecarregados por uma grande carga horária semanal. No entanto, achamos que atitudes como pontualidade na entrega dos trabalhos, participação em trabalhos de grupo e debates e interesse pelos assuntos abordados em sala de aula não são itens difíceis de ser observados pelo professor.

Precisa ficar claro que, sem estabelecer seus objetivos ou quais habilidades e atitudes o professor espera que seus alunos desenvolvam, torna-se difícil fazer uma avaliação completa. Dependendo da forma como for elaborada, a prova pode ser um bom instrumento de avaliação de habilidades. Textos para leitura e reflexão e questões que demandem raciocínio, capacidade de relacionar e comparar fatos e fenômenos são bons instrumentos para atender a essa finalidade.

É importante que a avaliação seja considerada um processo contínuo, que pode muito bem envolver a prova, entre as atividades realizadas, mas que não se resume à chamada “semana de provas”.

### ■ Terminologia para ajudar a identificar habilidades específicas

**ANALISAR.** Nesse processo, parte-se do complexo para o mais simples, por exemplo, decompor os elementos de um sistema.

**COMPARAR.** Exige o estudo de dois ou mais fenômenos, procurando pontos de semelhan-

ças e diferenças, com o objetivo de encontrar relações mútuas.

**CONCEITUAR.** Explicar um fenômeno de modo lógico e claro.

**CRITICAR.** Emitir julgamentos e opiniões fundamentadas nos conhecimentos sobre o fenômeno analisado. Exige reflexão e análise.

**LOCALIZAR NO ESPAÇO.** Observar a posição dos fenômenos, situar-se em relação a eles e ter a visão do “antes”, do “depois” e do “simultâneo”.

**LOCALIZAR NO TEMPO.** Hierarquizar temporalmente os fenômenos e acontecimentos, organizando-os em sequência lógica. Exige capacidade de perceber o todo e selecionar dados.

**RELACIONAR.** Estabelecer relação de causa e efeito, entre semelhanças e diferenças, e de complementação.

**TRANSFERIR.** Aplicar os conceitos adquiridos em uma atividade ou etapa de estudo a uma nova situação; utilizar determinados conhecimentos para explicar novos fenômenos.

## 5. Bibliografia consultada

ALMEIDA, Rosângela Doin de. *Cartografia escolar*. São Paulo: Contexto, 2007.

ATLANTE geográfico De Agostini. Novara: Instituto Geográfico De Agostini, 2015.

BINSZTOK, Jacob. *Geografia e geopolítica do petróleo*. São Paulo: Maud, 2012.

BOTH, Ivo J. *Avaliação planejada, aprendizagem consentida*. Curitiba: IBPEX, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Matriz de Referência para o Enem 2015*. Brasília, 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: Geografia*. Brasília, 1998.

- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006. (Repensando o Ensino.)
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999.
- \_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Ariovaldo de (Org.). *Reformas no mundo da educação: Parâmetros Curriculares e Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999.
- CARVALHO, Maria Inez. *Fim de século: a escola e a Geografia*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2004.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- \_\_\_\_\_; COSTELA, Roselane Zordan. *Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial*. Porto Alegre: Ed. da PUC-RS, 2006.
- COLL, César; TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo História e Geografia*. São Paulo: Ática, 2000.
- COSTA, Jailton de Jesus; SANTOS, Cleane Oliveira dos; SANTOS, Marcelo Alves dos (Org.). *Questões geográficas em debate*. Aracaju: Ed. da UFS, 2013.
- DEL GAUDIO, Rogata Soares; PEREIRA, Doralice Barros (Org.). *Geografias e ideologias: submeter e qualificar*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014.
- ESTÁGIO Supervisionado: contribuições na formação do professor de Geografia. Maceió: UFAL, 2015.
- FAZENDA, Ivani (Org.). *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus, 2011.
- FONTENELE, Ana Consuelo Ferreira et al. (Org.). *Reflexões sobre a relação sociedade-natureza na Geografia*. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2013.
- HOFFMANN, Jussara. *Avaliar: respeitar primeiro, educar depois*. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012.
- MARTINELLI, Marcello. *Atlas geográfico: natureza e espaço da sociedade*. São Paulo: Ed. do Brasil, 2003.
- MIRANDOLA JÚNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. *Geografia e Literatura*. Londrina: EDUEL, 2010.
- MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em Geografia*. São Paulo: Contexto, 2010.
- PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). *Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PEREIRA, Kátia Helena. *Como usar artes visuais na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PETERSEN, James F.; SACK, Dorothy; GABLER, Robert E. *Fundamentos de Geografia Física*. São Paulo: Cengage Learning, 2015.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Edusp, 2008.
- SCHAFFER, Neiva Otero; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). *Um globo em suas mãos: práticas para a sala de aula*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.
- SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan Rodrigues Ferreira da (Org.). *Geografia, Literatura e Artes: reflexões*. Salvador: Ed. da UFBA, 2010.
- SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. 34. ed. São Paulo: Ática, 2013.
- STRAFORINI, Rafael. *Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. São Paulo: Annablume, 2004.
- TEIXEIRA, Josele; NUNES, Viviane. *Avaliação escolar, da teoria à prática*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.
- TONINI, Ivaine Maria. *Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2003.

## 1. Conteúdos conceituais, habilidades específicas e visão interdisciplinar por unidade

Este volume faz uma análise da organização econômica do espaço geográfico globalizado. Nele estudamos o principal sistema econômico, suas origens, as desigualdades encontradas no espaço geográfico globalizado e as principais atividades econômicas responsáveis pelas alterações do espaço natural. Como no volume 1, a situação do Brasil é utilizada como exemplo dentro desse contexto econômico.

### Unidade 1 – O capitalismo e a organização do espaço globalizado

#### Conteúdo conceitual

- Capítulo 1 – Do capitalismo comercial à revolução do conhecimento
- Capítulo 2 – A Guerra Fria e o mundo bipolar
- Capítulo 3 – A globalização e a economia-mundo
- Capítulo 4 – O mundo no século XXI: economia e geopolítica

#### Habilidades específicas

- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional e mundial.
- Identificar o papel dos meios de comunicação na construção da vida social.
- Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.
- Compreender as mudanças ocorridas no espaço geográfico, identificando-as em seu contexto histórico e estabelecendo uma relação temporal entre elas.
- Comparar e estabelecer as semelhanças e diferenças entre o Brasil e os vários grupos de países.
- Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.

- Identificar em fontes diversas o processo de ocupação dos meios físicos e as relações da vida humana com a paisagem.
- Selecionar argumentos favoráveis ou contrários às modificações impostas pelas novas tecnologias à vida social e ao mundo do trabalho.
- Identificar as desigualdades no acesso à tecnologia entre as diversas nações do mundo e relacionar com a situação brasileira no setor.
- Entender a classificação do Brasil em país emergente ou periférico e o processo histórico responsável por essa situação.

#### Visão interdisciplinar

**História** – conhecimento da evolução do sistema capitalista através da História; compreensão do significado da divisão do mundo entre dois sistemas econômicos opostos. Identificação dos países dentro da geopolítica da Guerra Fria.

**Sociologia** – análise das características da globalização e suas implicações sociais, econômicas e políticas. Relação da globalização com a indústria cultural.

**Língua Portuguesa e Literatura** – leitura e elaboração de textos sobre o assunto e análise da leitura de livros sugeridos para esta Unidade.

**Língua estrangeira** – consulta de texto sobre o assunto estudado e apoio em pesquisas de *site* em língua estrangeira.

**Arte e informática** – construção de mapas e gráficos.

**Matemática** – relação dos conceitos básicos da matemática financeira com os vários modelos econômicos adotados pelos diversos países.

### Unidade 2 – Desenvolvimento humano e econômico: desigualdades no mundo globalizado

#### Conteúdo conceitual

- Capítulo 5 – Pobreza e fome no mundo globalizado
- Capítulo 6 – Desigualdades entre os gêneros e entre as etnias

- Capítulo 7 — Desigualdades no mundo não desenvolvido
- Capítulo 8 — África subsaariana e América Latina

### Habilidades específicas

- Identificar os processos econômicos da história da humanidade nas atuais desigualdades entre países ricos e pobres.
- Aplicar os conhecimentos específicos das linguagens cartográfica e geográfica na interpretação de gráficos, tabelas e mapas que permitam a compreensão de fatos econômicos e geopolíticos.
- Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.
- Compreender as mudanças ocorridas no espaço geográfico, identificando-as em seu contexto histórico e estabelecendo uma relação temporal entre elas.
- Entender a classificação do Brasil como país emergente ou periférico e o processo histórico responsável por essa situação.
- Identificar os países ricos e as regiões menos favorecidas no mundo, estabelecendo comparações entre eles.
- Comparar e estabelecer as semelhanças e diferenças entre o Brasil e os vários grupos de países.
- Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.
- Identificar em fontes diversas o processo de ocupação dos meios físicos e as relações da vida humana com a paisagem.
- Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.
- Selecionar argumentos favoráveis ou contrários às modificações impostas pelas novas tecnologias à vida social e ao mundo do trabalho.
- Identificar as desigualdades no acesso à tecnologia entre as diversas nações do mundo e relacionar com a situação brasileira no setor.

### Visão interdisciplinar

História — contextualização da fome como produto das relações sociais desiguais. Identificação das áreas mais suscetíveis ao drama da fome.

Sociologia — situação da África e da América Latina no contexto das desigualdades socioeconômicas mundiais.

Compreensão do sistema capitalista como gerador e acumulador de riqueza e de miséria (fome, pobreza, etc.) no mundo globalizado.

Língua Portuguesa e Literatura — leitura e elaboração de textos sobre o assunto e análise da leitura de livros sugeridos para esta Unidade.

Língua estrangeira — utilização de texto sobre o assunto estudado e apoio em pesquisas de *site* em língua estrangeira.

Arte e informática — construção de mapas e gráficos.

Matemática — estimativa mental de quantidades que correspondam às informações colhidas ao realizar a leitura de um texto. Identificação e entendimento da importância do conhecimento matemático existente na linguagem computacional das novas tecnologias.

## Unidade 3 — Atividades primárias na globalização

### Conteúdo conceitual

- Capítulo 9 — A agropecuária: agrossistemas, produção e comércio internacional
- Capítulo 10 — Os recursos minerais e as fontes de energia

### Habilidades específicas

- Identificar as desigualdades no acesso à tecnologia entre as diversas nações do mundo e relacioná-las com a situação brasileira no setor.
- Analisar de maneira crítica as interações da sociedade com o meio físico, levando em consideração aspectos históricos e/ou geográficos.
- Compreender as mudanças ocorridas no espaço geográfico, identificando-as em seu contexto histórico e estabelecendo uma relação temporal entre elas.
- Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.
- Identificar em fontes diversas o processo de ocupação dos meios físicos e as relações da vida humana com a paisagem.
- Aplicar os conhecimentos específicos das linguagens cartográfica e geográfica na interpretação de gráficos, tabelas e mapas que permitam a compreensão de fatos econômicos e geopolíticos.
- Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Reconhecer a função dos recursos naturais na produção do espaço geográfico, relacionando-os com as mudanças provocadas pelas ações humanas.
- Reconhecer as transformações técnicas e tecnológicas que determinam as várias formas de uso e apropriação dos espaços rural e urbano.
- Selecionar argumentos favoráveis ou contrários às modificações impostas pelas novas tecnologias à vida social e ao mundo do trabalho.

### Visão interdisciplinar

História — análise das principais características do setor primário da economia. Relação das atividades primárias com a produção de mercadorias. Compreensão de que a mecanização do setor primário gera graves implicações sociais.

Sociologia — identificação da superexploração sofrida por trabalhadores rurais no mundo.

Língua Portuguesa e Literatura — leitura e elaboração de textos sobre o assunto e análise da leitura de livros sugeridos para esta Unidade.

Língua estrangeira — utilização de texto sobre o assunto estudado e apoio em pesquisas de *site* em língua estrangeira.

Arte e informática — construção de mapas e gráficos.

Matemática — cálculo e estabelecimento das porcentagens adequadas a cada uma das partes envolvidas em um estudo. Emprego correto do conceito de proporção ao comparar os processos de produção.

## Unidade 4 – A indústria no mundo globalizado

### Conteúdo conceitual

- Capítulo 11 – A atividade industrial: evolução e distribuição
- Capítulo 12 – Reino Unido e França: pioneiros na industrialização
- Capítulo 13 – Estados Unidos: pioneiro industrial das Américas
- Capítulo 14 – Japão e Alemanha: países de industrialização clássica tardia
- Capítulo 15 – Rússia: de potência a país emergente
- Capítulo 16 – China: a segunda economia do mundo
- Capítulo 17 – Novos países industrializados

- Capítulo 18 – Índia, o novo “escritório” do mundo globalizado?

### Habilidades específicas

- Analisar de maneira crítica as interações da sociedade com o meio físico, levando em consideração aspectos históricos e/ou geográficos.
- Compreender as mudanças ocorridas no espaço geográfico, identificando-as em seu contexto histórico e estabelecendo uma relação temporal entre elas.
- Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.
- Identificar em fontes diversas o processo de ocupação dos meios físicos e as relações da vida humana com a paisagem.
- Aplicar os conhecimentos específicos das linguagens cartográfica e geográfica na interpretação de gráficos, tabelas e mapas que permitam a compreensão de fatos econômicos e geopolíticos.
- Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.
- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Selecionar argumentos favoráveis ou contrários às modificações impostas pelas novas tecnologias à vida social e ao mundo do trabalho.
- Reconhecer a função dos recursos naturais na produção do espaço geográfico, relacionando-os com as mudanças provocadas pelas ações humanas.
- Reconhecer as transformações técnicas e tecnológicas que determinam as várias formas de uso e apropriação dos espaços rural e urbano.
- Analisar fatores que explicam o impacto de novas tecnologias no processo de territorialização da produção.
- Identificar as desigualdades no acesso à tecnologia entre as diversas nações do mundo e relacionar com a situação brasileira no setor.

### Visão interdisciplinar

História — comparação da evolução do setor industrial em países de industrialização clássica com a evolução em países de industrialização recente. Relação da acumulação primitiva de capitais com a industrialização clássica.

Sociologia — análise dos impactos provocados pela atividade industrial nas populações dos países

por ela atingidos. Análise dos indicadores sociais das nações industrializadas e de países que estão marginalizados desse processo.

Língua Portuguesa e Literatura — leitura e elaboração de textos sobre o assunto e análise da leitura de livros sugeridos para esta Unidade.

Língua estrangeira — utilização de texto sobre o assunto estudado e apoio em pesquisas de *site* em língua estrangeira.

Arte e informática — construção de mapas e gráficos.

Matemática — análise e interpretação crítica de dados provenientes de tabelas com suas respectivas representações gráficas.

## Unidade 5 – As atividades terciárias e as fronteiras supranacionais

### Conteúdo conceitual

- Capítulo 19 – Os transportes, as telecomunicações e o turismo
- Capítulo 20 – O comércio multilateral e os blocos regionais
- Capítulo 21 – Europa: o continente dos blocos econômicos
- Capítulo 22 – CEI: Comunidade dos Estados Independentes
- Capítulo 23 – Organismos internacionais, transnacionais e organizações não governamentais

### Habilidades específicas

- Analisar de maneira crítica as interações da sociedade com o meio físico, levando em consideração aspectos históricos e/ou geográficos.
- Compreender as mudanças ocorridas no espaço geográfico, identificando-as em seu contexto histórico e estabelecendo uma relação temporal entre elas.
- Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.
- Identificar em fontes diversas o processo de ocupação dos meios físicos e as relações da vida humana com a paisagem.
- Aplicar os conhecimentos específicos das linguagens cartográfica e geográfica na interpretação de gráficos, tabelas e mapas que permitam a compreensão de fatos econômicos e geopolíticos.
- Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Selecionar argumentos favoráveis ou contrários às modificações impostas pelas novas tecnologias à vida social e ao mundo do trabalho.
- Reconhecer a função dos recursos naturais na produção do espaço geográfico, relacionando-os com as mudanças provocadas pelas ações humanas.
- Reconhecer as transformações técnicas e tecnológicas que determinam as várias formas de uso e apropriação dos espaços rural e urbano.
- Analisar fatores que explicam o impacto de novas tecnologias no processo de territorialização da produção.
- Identificar as desigualdades no acesso à tecnologia entre as diversas nações do mundo e relacionar com a situação brasileira no setor.
- Compreender o funcionamento do comércio mundial, tanto multilateral quanto nos blocos econômicos.
- Identificar os principais blocos do comércio mundial e sua importância na economia global.

### Visão interdisciplinar

História — caracterização do funcionamento do comércio multilateral entre as nações através dos tempos. Identificação, no planisfério político, dos principais fluxos de comércio mundial e dos principais países que realizam essas trocas. Relação da atividade comercial com as atividades industriais. Caracterização do continente europeu a partir das etapas de sua integração econômica. Identificação das nações pertencentes à Zona do Euro e seu contexto histórico. Análise do papel desempenhado pelos principais organismos internacionais e pelas organizações não governamentais na história das nações. Relação da atuação das ONGs nas questões ambientais.

Sociologia — análise do papel da tecnologia no mundo atual e suas implicações na geração e na manutenção de empregos e interpretação das modificações econômicas ocorridas com a Europa sob a influência do euro. Análise dos principais fatores sociais causadores das crises econômicas na Zona do Euro.

Língua Portuguesa e Literatura — leitura e elaboração de textos sobre o assunto e análise da leitura de livros sugeridos para esta Unidade.

Língua estrangeira — consulta de texto sobre o assunto estudado e apoio em pesquisas de *site* em língua estrangeira.

Arte e informática — construção de mapas e gráficos.

Matemática — avaliação dos resultados colhidos das atividades comerciais e das atividades industriais. Utilização dos procedimentos da estatística ao comparar o desenvolvimento econômico dos países estudados.

## 2. Para o professor se atualizar e refletir: textos de leitura

### TEXTO 1

#### *Por que quase ninguém quer ser professor?*

Estudo da UFG revela que baixa procura por cursos de licenciatura ameaça o futuro da docência

*Há algum tempo que a carreira de docência é desprestigiada por grande parte da sociedade. Esse posicionamento tem refletido no interesse e na procura pelos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Goiás (UFG), que, preocupada com a baixa demanda, tem acompanhado os números de matrícula e o perfil dos estudantes das 57 licenciaturas oferecidas nas quatro Regionais da instituição — Catalão, Goiânia, Goiás e Jataí. O estudo, organizado pela Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), revela que o futuro da docência pode estar ameaçado.*

*De acordo com os dados levantados, a média de candidatos para cada uma das 2 484 vagas oferecidas oscilou de 1,24 a 6,20 nos últimos oito anos. No Processo Seletivo 2013/1, oito cursos de licenciatura não atraíram mais de um candidato por vaga e, em 2014/1, 11 deles não alcançaram essa concorrência. No Vestibular 2014/2, os números se repetiram e, dos 18 cursos de licenciatura ofertados, 11 não receberam mais de uma inscrição por vaga, todos na modalidade de Educação a Distância (EaD).*

*O estudo da Prograd também avaliou o grau de preparo e informação dos estudantes dos cursos de licenciatura que chegam à universidade, tendo como base as menores pontuações obtidas pelos classificados em cada etapa dos Processos Seletivos. No Vestibular 2012/1, na prova de 90 questões, cada uma valendo 1,0 ponto, a menor pontuação entre todos os concorrentes classificados nos cursos de licenciatura foi 14. Número muito inferior se comparado aos cursos mais concorridos, como Medicina, que foi 65, e Engenharia Civil, que foi 58. No Processo Seletivo 2014/2, a menor pontuação entre os classificados nos cursos de licenciatura foi cinco.*

*O problema com a qualificação não para por aqui. Dados da pesquisa apontam que cerca de 50% dos alunos dos cursos de licenciatura não têm o hábito de leitura contínua, lendo, no máximo, três livros por ano, 80% revelaram não ter conhecimento básico de Inglês e apenas 42% disseram ter escolhido o curso por acreditar em aptidão própria.*

*Ainda assim, mesmo com as vagas ociosas, no período de 2008 a 2012, foram criadas 438 novas oportunidades para cursar licenciatura na universidade. De acordo com o pró-reitor de Graduação da UFG, Luiz Mello, a instituição não pretende acabar com qualquer das graduações de licenciatura: “Pelo contrário, existe um grande esforço para diminuir a evasão nesses cursos e, com isso, garantir a formação de professores”.*

**Incentivos** — Bolsas de incentivo, como Programa Bolsas de Licenciatura (Prolicen), Programa de Monitorias e Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), ligado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), tentam diminuir a evasão nos cursos de licenciatura. No entanto, mesmo com as iniciativas, a carência de profissionais só tem aumentado, principalmente em cursos como os de Física, Matemática e Química.

*A estudante do 6º período do curso de Matemática, Hebyony Carla Santana, conta que se interessou pela carreira docente depois de participar de uma palestra no Espaço das Profissões (evento organizado pela UFG que promove o encontro de alunos de Ensino Médio com a universidade, ajudando-os a conhecer os cursos oferecidos pela instituição).*

*Entusiasmada com as disciplinas a serem cursadas e com as possibilidades para a carreira, em 2012, Hebyony Carla Santana ingressou no curso de Licenciatura em Matemática. Ela explica que a graduação exige muita dedicação e que, para conseguir dar continuidade aos estudos, teve que abandonar seu emprego: “O apoio financeiro dos meus pais foi fundamental, mas as bolsas oferecidas na universidade são imprescindíveis para que alunos em condições semelhantes a minha consigam estudar”.*

*Apesar disso, para a coordenadora do curso de Licenciatura em Matemática, Elisabeth Cristina de Faria, o valor das bolsas oferecidas ainda é baixo e, conseqüentemente, não atrai muitos alunos. Ela afirma que a maioria dos estudantes de licenciatura são alunos que precisam trabalhar para se sustentarem, por isso, durante o curso, optam por empregos em outras áreas ou por estágios não obrigatórios. “Existem estudantes que logo no início do curso passam a dar aulas em plantões e reforços de escolas privadas, substituem professores na rede pública de ensino ou dão aulas particulares”, contou.*

*Elisabeth Cristina de Faria explica que muitos de seus alunos não conseguem conciliar seus empregos com a dedicação exigida pelo curso: “Para muitos estudantes, formar em quatro ou sete anos não importa, afinal, eles já estão trabalhando. Assim, infelizmente, eles não conseguem desfrutar a formação exigida pela licenciatura”.*

[...]

**Desafios para a docência** — Segundo Mirian Fábria Alves, chefe de Assessoria de Licenciatura da Prograd, o atual desprestígio da profissão de professor e a baixa procura pela carreira revelam uma crise nas escolas, na organização social, nos valores, na cultura e na ética social. “Há uma discrepância entre o discurso centenário de que o Brasil só vai melhorar por meio da educação e nossa construção histórica de desvalorização do professor”, argumentou.

*Além da baixa remuneração, Mirian Fábria Alves lembra que a precariedade na infraestrutura de muitas escolas e o número elevado de alunos por sala de aula também têm contribuído para a crise na docência. “Os professores deparam com turmas, por oito ou dez horas diárias, com 40, 50 alunos. Enfim, um trabalho extremamente estressante e pouco valorizado”, relatou a chefe de Assessoria.*

*O assessor de Assuntos Institucionais da Reitoria da UFG, Nelson Amaral, defende que a realidade de desvalorização dos professores só poderá ser transformada com o estabelecimento*

de planos de cargo e salários para a carreira, com a definição de remunerações compatíveis com outras profissões que exigem a mesma formação, e de infraestrutura adequada nas escolas: “Só dessa forma a profissão deixará de ser vista como última opção de carreira para os alunos”.

[...]

GODOY, Camila. *Jornal UFG* — Publicação da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Goiás, ano VII, n. 67, set. 2014. Disponível em: <<https://jornalufgonline.ufg.br/n/73926-por-que-quase-ninguem-quer-ser-professor>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

## TEXTO 2

### “The Guardian”: O fim do capitalismo já começou

“Sem nos darmos conta, estamos entrando na era pós-capitalista”, diz Paul Mason

Para Paul Mason, “No coração da nova mudança o que se vê é a tecnologia da informação, novas formas de trabalho e da partilha da economia. Os antigos caminhos vão levar um longo tempo para desaparecer, mas é hora de ser utópico”.

O jornalista britânico, editor de economia do Channel 4, da BBC, e colunista do jornal *The Guardian*, Paul Mason lançou no final de julho um livro no qual reflete sobre o fim do capitalismo como o conhecemos. O Pós-Capitalismo, termo que também dá título ao livro, seria uma sociedade sem mercado, onde as pessoas trabalhariam menos, e em que matérias-primas, energia e alimentos não seriam abundantes.

De acordo com o autor, a marcha das bandeiras vermelhas com canções do Syriza durante a crise grega, mais a expectativa de que os bancos seriam nacionalizados, reavivou brevemente um sonho do século 20: a destruição forçada do mercado a partir de cima. Durante grande parte do século 20 foi assim que a esquerda concebeu a primeira fase de uma economia para além do capitalismo. A força será aplicada pela classe trabalhadora, seja nas urnas, seja nas barricadas. A alavanca seria o Estado. A oportunidade viria através de frequentes episódios de colapso econômico.

Em vez disso, nos últimos 25 anos tem sido o projeto da esquerda que entrou em colapso. O mercado destruiu o plano; [o] individualismo foi substituído [pelo] coletivismo e pela solidariedade; a força de trabalho extremamente expandida do mundo se parece com um “proletariado”, mas já não pensa ou se comporta como antes.

“Se você passou por tudo isso, e não gostou do capitalismo, foi traumático. Mas o processo de tecnologia criou uma nova rota para além que os remanescentes da velha esquerda — e todas as outras forças influenciadas por ela — terão de abraçar ou morrer. O capitalismo, ao que parece, não será abolido por técnicas de marcha forçada. Ele vai ser abolido através da criação de algo mais dinâmico que existe, em primeiro lugar, quase invisível dentro do velho sistema, mas que irá rompê-lo, remodelando a economia em torno de novos valores e comportamentos. Eu chamo isso de pós-capitalismo”, diz o autor.

Para Mason, tal como aconteceu com o fim do feudalismo há 500 anos, a substituição do capitalismo pelo pós-capitalismo será acelerado por choques externos e moldado pelo surgimento de um novo tipo de ser humano. E ele já começou.

Segundo o economista, o pós-capitalismo é possível por causa de três grandes mudanças que a tecnologia da informação trouxe nos últimos 25 anos. Primeiro, reduziu a necessidade de trabalho, aparou as arestas entre trabalho e tempo livre e afrouxou a relação entre trabalho e salários. A próxima onda de automação, atualmente num impasse, porque a nossa infraestrutura social não pode arcar com as consequências, vai diminuir a enorme quantidade de trabalho necessário — não apenas para subsistir, mas para proporcionar uma vida digna para todos.

Em segundo lugar, a informação está corroendo a capacidade do mercado para formar preços corretamente. Isso é porque os mercados são baseados em escassez, enquanto a informação é abundante. O mecanismo de defesa do sistema é formar monopólios — as empresas gigantes de tecnologia — em uma escala não vista nos últimos 200 anos, mas eles não podem durar. Através da construção de modelos de negócios e partes das avaliações baseadas na captura e privatização de todas as informações socialmente produzidas, essas empresas estão construindo um edifício corporativo frágil em desacordo com a necessidade mais básica da humanidade, que é a utilização de ideias livremente.

Em terceiro lugar, estamos vendo o surgimento espontâneo da produção colaborativa: bens, serviços e organizações estão parecendo que já não respondem aos ditames do mercado e da hierarquia gerencial. O maior produto de informação no mundo — Wikipedia — é feito por voluntários gratuitamente, abolindo o negócio enciclopédia e privando a indústria da publicidade de cerca de US\$ 3 bilhões por ano em receitas.

Na opinião de Mason, quase despercebida, nos nichos e reentrâncias do sistema de mercado, trechos inteiros da vida econômica estão começando a mover-se para um ritmo diferente. Moedas paralelas, bancos, cooperativas de tempo e espaços autogeridos têm proliferado, mal notados pelos economistas, e muitas vezes como um resultado direto da quebra das estruturas antigas na crise pós-2008.

Para o economista, você só encontra esta nova economia se você olhar duro para isso. Na Grécia, quando uma ONG de base mapeava cooperativas do país — de alimentos, produtores alternativos, moedas paralelas e sistemas de câmbio locais — encontraram mais de 70 projetos substanciais e centenas de iniciativas menores que variavam de suporte de boleias a jardins de infância gratuitos. Para a economia principal tais coisas parecem ruins para se qualificar como atividade econômica — mas esse é o ponto. Eles existem no comércio, hesitante e de forma ineficiente, na moeda do pós-capitalismo: tempo livre, a atividade de rede e material livre. Parece uma coisa escassa e não oficial e até mesmo perigosa a partir da qual se constitui uma alternativa inteira para um sistema global, mas assim como o dinheiro e o crédito na idade de Edward III.

Novas formas de propriedade, novas formas de concessão de empréstimos, novos contratos legais: um negócio de subcultura inteira emergiu nos últimos 10 anos, o que a mídia apelidou de “economia compartilhada”. Chavões tais como os “commons” e “peer-produção” são jogados ao redor, mas poucos se preocuparam em perguntar o que isso significa para o desenvolvimento e para o próprio capitalismo.

Em seu livro, ele acredita que há uma rota de fuga — mas somente se estes projetos em nível micro são nutridos, promovidos e protegidos por uma mudança fundamental feita pelos governos. E esta deve ser conduzida por uma mudança em nosso pensamento — sobre tecnologia, propriedade e trabalho. De modo que, quando criamos os elementos do novo sistema, podemos dizer a nós mesmos e para os outros: "Este não é mais simplesmente o meu mecanismo de sobrevivência, meu buraco do parafuso do mundo neoliberal; esta é uma nova forma de viver no processo de formação".

Segundo a análise de Mason, a crise de 2008 reduziu 13% da produção global e 20% do comércio global. O crescimento mundial tornou-se negativo — em uma escala em que qualquer coisa abaixo de mais de 3% é contado como uma recessão. Produziu, no oeste, uma fase de depressão mais do que em 1929-33, e mesmo agora, em meio a uma recuperação pálida, deixou economistas aterrorizados com a perspectiva de estagnação de longo prazo. Os tremores secundários na Europa estão rasgando o continente distante.

As soluções têm sido austeridade monetária excessiva. Mas isso não está funcionando. Nos países mais atingidos, o sistema de pensões foi destruído, a idade de aposentadoria [...] subiu para 70, e a educação está sendo privatizada de modo que os formandos enfrentam agora uma vida de alto custo. Os serviços estão sendo desmantelados e projetos de infraestrutura colocados em espera.

Segundo Mason, mesmo agora, muitas pessoas não conseguem compreender o verdadeiro significado da palavra "austeridade". Austeridade não é de oito anos de cortes de gastos, como no Reino Unido, ou mesmo a catástrofe social infligida à Grécia. Isso significa dirigir os salários, salários sociais e padrões de vida na Europa para baixo ao longo de décadas até depararem com os da classe média na China e na Índia no caminho para cima.

Enquanto isso, na ausência de qualquer modelo alternativo, as condições para uma nova crise estão sendo montadas. Os salários reais caíram ou permaneceram estagnados no Japão, a sul da zona euro, nos EUA e no Reino Unido. A sombra do sistema bancário foi remontada, e é agora maior do que era em 2008. As novas regras exigem que os bancos segurem mais reservas que foram diluídas ou atrasadas. Enquanto isso, a lavagem de dinheiro é livre, e o dinheiro se concentra em 1% dos mais ricos.

O neoliberalismo, então, se transformou em um sistema programado para provocar falhas catastróficas recorrentes. Pior do que isso, ele quebrou o padrão do capitalismo industrial em que uma crise econômica estimula novas formas de inovação tecnológica que beneficiam todo mundo.

Isso é porque o neoliberalismo foi o primeiro modelo econômico em 200 anos a retomar as bases da supressão dos salários e quebrando o poder social e resistência da classe trabalhadora. Se formos analisar os períodos de descolagem estudados pelos teóricos de ciclo longo — a década de 1850 na Europa, os anos 1900 e 1950 em todo o mundo — foi a força de trabalho organizado que forçou os empresários e as empresas a parar de tentar reviver modelos de negócios ultrapassados através do corte de salários e inovar seu caminho para uma nova forma de capitalismo.

O resultado é que, em cada subida, encontramos uma síntese de automação, salários mais altos e consumo de maior valor. Hoje não há nenhuma pressão da força de trabalho e da tecnologia no centro dessa onda de inovação que não exige a criação de gastos de maior consumo, ou o reemprego da força de trabalho na idade de novos empregos. A informação é uma máquina para moer o preço das coisas mais baixas e reduzindo o tempo de trabalho necessário para manter a vida no planeta.

Para ele, como resultado, grande parte da classe empresarial torna-se neoludistas (membro de organizações trabalhadoras na Inglaterra do século 19 que se opunham a Revolução Industrial e destruíam máquinas que na opinião deles estavam acabando com o seu meio de sustento). [...] o sistema bancário, o sistema de planejamento tardio neoliberal recompensa cultura acima de tudo, e não o criador de baixo valor, de empregos de longas horas.

A inovação está acontecendo, mas não tem, até agora, acionado a quinta longa ascensão do capitalismo de que a teoria de ciclo longo deveria esperar. As razões encontram-se na natureza específica da tecnologia da informação.

[...]

"THE GUARDIAN": O fim do capitalismo já começou. *Jornal do Brasil*, 4 ago. 2015. Economia. Disponível em: <[www.jb.com.br/economia/noticias/2015/08/04/the-guardian-o-fim-do-capitalismo-ja-comecou/](http://www.jb.com.br/economia/noticias/2015/08/04/the-guardian-o-fim-do-capitalismo-ja-comecou/)>. Acesso em: 23 abr. 2016.

### TEXTO 3

#### China inicia construção de seu centro logístico militar

A China iniciou a construção de seu centro logístico militar em Djibuti, o primeiro desse tipo que a potência asiática terá fora de suas fronteiras, confirmou nesta quinta-feira Wu Qian, porta-voz do Ministério Nacional de Defesa.

Em uma entrevista coletiva em Pequim, Wu explicou que as instalações servirão de apoio às tropas chinesas que participam de missões antipirataria no golfo de Áden e também às que participam de operações de paz e resgates humanitários.

A China participa desde o final de 2008 de missões antipirataria na zona, para onde enviou mais de 60 navios em 21 missões das Nações Unidas ao Golfo de Áden e à costa da Somália.

Pequim confirmou no final de novembro que estava negociando para abrir um "centro logístico" militar em Djibuti, meses depois que o presidente desse país, Ismail Omar Guelleh, antecipou em maio que as conversas estavam em curso, sugerindo que se tratava de uma base militar.

Além de ponto de provisionamento e abastecimento de combustível, as instalações se transformariam em epicentro para a organização dos soldados que a China tem desdobrados em diferentes lugares da África, como Mali e Sudão do Sul, países aos quais a China enviou tropas para participar de missões da ONU.

A base da China, que o país prefere definir como "centro" ou "instalações", se somará às de vários países ocidentais, entre eles EUA, em Djibuti, um ponto estratégico ao se situar

entre o golfo de Áden e o Mar Vermelho, em um dos principais circuitos comerciais e de abastecimento energético do mundo.

Sua construção é uma nova amostra da presença cada vez mais firme da China no continente africano, com a qual quer aumentar a cooperação antiterrorista, e uma prova da virada de Pequim rumo a um maior intervencionismo militar após décadas de prudência.

CHINA inicia construção de seu centro logístico militar. Exame.com, 25 fev. 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/china-inicia-construcao-de-seu-centro-logistico-militar>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

#### TEXTO 4

### O trabalho interdisciplinar no Ensino Médio: A aproximação das “Duas Culturas”

A popularização das tecnologias de informação, desde o final do século XX, tem facilitado a busca pelo conhecimento e a integração de culturas e campos científicos. Contudo, se, por um lado, a quantidade e a velocidade com que os fatos são noticiados fazem o planeta parecer cada dia menor, por outro, é importante que as pessoas sejam capazes de pensar criticamente sobre a realidade, compreendendo as relações que as informações a que têm acesso mantêm entre si. Nesse contexto, cresce a responsabilidade dos educadores em promover um ensino organicamente integrado, para que os estudantes adquiram as habilidades de investigar, compreender, comunicar e, principalmente, relacionar o que aprendem a partir do seu contexto social e cultural. Nessa perspectiva, a interdisciplinaridade é inserida como um dos princípios norteadores das atividades pedagógicas na Educação Básica. [...]

Na realização desta pesquisa, examinamos em uma escola pública de Ensino Médio do Distrito Federal como os docentes das áreas das ciências naturais e das ciências humanas realizam o trabalho interdisciplinar, destacando os fatores que se mostram fundamentais para sua efetivação. [...]

Para conseguir estabelecer a aproximação entre as duas áreas, os professores não partem do conteúdo das suas disciplinas, mas procuram identificar em uma situação real o que pode ser abordado a partir delas. Essa forma de conduzir a interdisciplinaridade tem levado os professores a identificar em situações cotidianas os elos entre a sua disciplina e as demais. À medida que esses elos vão sendo encontrados, desencadeia-se um processo dinâmico em que se torna cada vez mais fácil estabelecer conexões entre as diversas disciplinas. O trabalho conjunto entre professores de duas áreas com tradições epistemológicas e metodológicas diferentes em um projeto interdisciplinar é um desafio que enriquece a compreensão dos docentes sobre o conteúdo das diversas disciplinas, amplia seu repertório de práticas pedagógicas e propicia a eles uma nova perspectiva do trabalho realizado pelos colegas.

No contexto da escola, essa forma de conduzir a interdisciplinaridade tem levado a uma aproximação entre as disciplinas das áreas científica e humanista. Constata-se que os professores das duas áreas conseguem visualizar melhor como a ciência e as tecnologias podem contribuir

para a solução de problemas sociais e ambientais. Especialmente no ensino da área de ciências naturais, os docentes têm focado de forma mais contundente as consequências para a sociedade do avanço da ciência e da tecnologia.

[...]

Esta experiência interdisciplinar demonstra que, apesar das dificuldades, a interdisciplinaridade pode ser uma prática pedagógica exitosa no Ensino Médio e aponta para a existência de dez fatores essenciais para sua eficácia:

**(a) Tempo para planejamento** — As reuniões entre professores, que acontecem durante o horário de coordenação pedagógica no turno contrário às aulas, constituem um dos fatores que favorece a interação entre os docentes. De acordo com Fazenda (2003):

**O pressuposto básico para o desenvolvimento da interdisciplinaridade é a comunicação, e a comunicação envolve, sobretudo, participação. A participação individual (do professor) só será garantida na medida em que a instituição (escola) compreender que o espaço para a ‘troca’ é fundamental.** [...]

Entendendo o espaço a que a autora se refere como a discussão e o planejamento, verifica-se que essa oportunidade de diálogo conduz a uma comunicação mais eficiente entre eles. Percebendo a importância desse fator, a direção da escola tem priorizado, durante as reuniões pedagógicas semanais, as discussões sobre o trabalho interdisciplinar.

**(b) Coragem de inovar** — A interdisciplinaridade constitui uma inovação pedagógica, mas para que ela tenha êxito é necessário abandonar velhas práticas consolidadas, o que não é fácil. Experimentar o novo significa coragem para enfrentar o desconhecido, pois, embora os exemplos de ações interdisciplinares se multipliquem ano a ano, em muitos casos o professor ainda se sente inseguro com os resultados.

[...]

**(c) Entusiasmo** — O trabalho interdisciplinar é complexo e desafiador e, portanto, sujeito a fracassos e desânimos. Como as experiências pedagógicas desse tipo ainda são raras, para alguns professores o trabalho interdisciplinar é uma inovação. Por isso, é importante não se deixar abater pelos desafios materiais e interpessoais que ele representa. Para sustentar o entusiasmo é preciso que aconteça a troca de experiências, a valorização e o estímulo por parte daqueles que acreditam no processo. O professor precisa acreditar que o seu trabalho é importante para os seus colegas e não apenas para o aprendizado do seu aluno.

**(d) Espírito de equipe** — Cultivar o espírito de equipe, a cooperação profissional e o diálogo, de modo a permitir a troca construtiva de pontos de vista, e o estabelecimento de um clima de confiança no trabalho dos outros é essencial para a harmonia no processo coletivo exigido pela interdisciplinaridade. A realização de atividades interdisciplinares exige dos professores o desapego em relação a posições individualistas e o respeito ao tempo e à capacidade de cada um contribuir para o trabalho coletivo. Gerar dentro da escola uma cultura de cooperação, de entrosamento de conteúdos e de pessoas, é fundamental para que todos se sintam à vontade e dispostos a participar do trabalho interdisciplinar.

**(e) Flexibilidade** — O grupo de professores, no início do ano letivo, reúne-se para decidir sobre o que ensinar. O objetivo dessa decisão é existir uma unidade na escolha dos objetos de conhecimento e no tempo em que eles serão trabalhados durante o ano letivo dentro da mesma disciplina. O problema nessa decisão está em que ela engessa o professor dentro de um conteúdo programático que ele se sente “obrigado” a cumprir para não fugir do acertado com os colegas da disciplina. O hábito de trabalhar um determinado conteúdo em cada série não ajuda na flexibilização necessária para chegar a um tema ou situação comum às várias disciplinas. Contribui também para isso o fato de muitos professores ainda se encontrarem amarrados à sequência de conteúdos apresentados nos livros didáticos e às suas listas de exercícios.

O professor sente-se exprimido entre abandonar a forma tradicional como aborda o conteúdo da sua disciplina e a demanda imposta pelo vestibular, que muitos alunos realizam no final do Ensino Médio. Integrar esses dois aspectos exige flexibilidade do professor. Primeiro, eliminando o hábito de trabalhar os conteúdos de forma linear e estanque, distribuindo-os por bimestre. Segundo, aprendendo a trabalhar com projetos temáticos que sejam capazes de dar conta da dimensão sistêmica com que o conhecimento é construído.

**(f) Liderança** — Quando dois professores decidem trabalhar interdisciplinarmente, o trabalho pode acontecer sem a presença de um coordenador que motive, oriente e promova a resolução de conflitos, porque a relação é mais imediata e a comunicação mais simples. No entanto, à medida que o número de professores envolvidos aumenta, é preciso que alguém seja o elo entre todos. O compromisso do coordenador não é levar e trazer informações de um para outro professor, mas criar oportunidades para que os envolvidos dialoguem entre si em encontros para planejamento e avaliação do trabalho interdisciplinar. Entre as várias responsabilidades do coordenador estão: a) organizar encontros coletivos produtivos dos quais as pessoas não saiam com a impressão de que não se chegou a nada; b) buscar informações ou conseguir material necessário para o trabalho do grupo; c) conversar com os professores quando estes se mostrem desmotivados ou incapazes, mostrando-lhes a possibilidade de conexões e as oportunidades que a interdisciplinaridade representa para uma melhor aprendizagem; d) ajudar o grupo a resolver situações de impasse e até mesmo propor soluções. Ele deve ser um líder capaz de motivar e envolver outros no trabalho.

**(g) Formação inicial interdisciplinar** — Uma das dificuldades apontadas pelos professores participantes deste estudo de caso foi a falta de uma formação inicial interdisciplinar, essencial para promover o gosto pela pesquisa e pelo aprender a conhecer de forma interdisciplinar.

[...]

A interdisciplinaridade nos cursos de licenciatura deve propiciar a interação entre licenciandos das disciplinas das áreas de ciências naturais e ciências humanas para que eles desenvolvam um saber ser interdisciplinar [...]. Para capacitá-los para uma prática interdisciplinar, é importante permitir o contato do licenciando estagiário com o planejamento e a organização do trabalho interdisciplinar nas escolas, assim

como o desenvolvimento de trabalhos conjuntos com colegas de outras licenciaturas durante o curso de formação. Dessa forma, os licenciandos têm oportunidade de interagir com professores e colegas de outros cursos, adquirindo, já na licenciatura, experiência em organizar projetos interdisciplinares entre as duas áreas do conhecimento.

**(h) Formação continuada** — Para realizar um trabalho interdisciplinar, o professor precisa conhecer profundamente: a) os aspectos teóricos e metodológicos da disciplina na qual é docente; b) conhecer como a sua disciplina está presente em outras áreas do conhecimento; c) estudar constantemente para manter-se atualizado em relação a novas descobertas e desenvolvimentos tecnológicos; d) entender como as questões científicas, tecnológicas, sociais, ambientais, econômicas e até mesmo religiosas afetam o cotidiano das pessoas, pois essa é a realidade que ele e seus alunos necessitam compreender e sobre a qual precisam refletir para atuar como cidadãos íntegros. Ao atuar interdisciplinarmente, o professor percebe concretamente quais são as contribuições das outras áreas do conhecimento na construção do conhecimento e na melhoria da vida em sociedade. A permanente atualização profissional o ajuda a não repetir práticas que se mostram ultrapassadas e/ou ineficazes e a implementar novas ações, nas quais ele próprio pode ser um pesquisador. O trabalho interdisciplinar, quando realizado coletivamente, permite que as ações pedagógicas sejam discutidas e avaliadas em um contexto mais amplo, criando oportunidades de aprendizagem para o professor. [...]

**(i) Projeto Pedagógico Interdisciplinar** — Uma orientação oficial do sistema de ensino pode nortear e legitimar o trabalho em uma escola, mas a interdisciplinaridade não acontece só por causa dessa disposição. O ponto de partida para ela acontecer dentro de uma escola é um a decisão do grupo de professores. Para isso, é importante que o projeto pedagógico, como resultado das discussões da comunidade escolar sobre como a escola deve organizar-se, contemple a interdisciplinaridade como um eixo norteador de suas atividades. Sendo resultado de uma construção coletiva, o projeto pedagógico tem efeito mobilizador sobre a comunidade [...].

Esta pesquisa mostra que a decisão de trabalhar interdisciplinarmente é resultado de uma deliberação coletiva dos professores e o projeto pedagógico da escola reflete essa decisão. O compromisso inicial, no entanto, era planejar em conjunto o projeto Sociedade Sustentável e desenvolver as atividades relativas a ele na disciplina-piloto Integrando as Ciências. Aos poucos, porém, o trabalho foi sendo ampliado, e os professores passaram a planejar outras atividades interdisciplinares entre si e a desenvolvê-las em suas aulas.

**(j) Material didático interdisciplinar** — A prática interdisciplinar exige dinamicidade, que se mostra na exploração de novos conteúdos, aprofundando naquele que é importante e necessário para responder e compreender questões levantadas pelo objeto em estudo, mas que nem sempre são abordadas nos livros didáticos disponíveis no mercado. Para realizar atividades interdisciplinares, os professores têm usado como fonte de pesquisa, filmes, revistas, jornais e a internet. Esses meios, em geral, apresentam informações atualizadas,

contextualizadas, abrangentes e de fácil acesso. Contudo, novas fontes de consulta e pesquisa representam desafios metodológicos para o professor. Ao mesmo tempo em que o computador e a internet apresentam amplas possibilidades de trabalho, é preciso observar que essas ferramentas sejam utilizadas efetivamente para o aluno construir o conhecimento. Para isso, é preciso que os alunos desenvolvam pesquisas investigativas e não apenas cópias do conteúdo acessível na rede internacional.

Há grande riqueza e complexidade no trabalho interdisciplinar, que representa uma alternativa capaz de reunir em um mesmo projeto educacional as disciplinas das áreas de ciências naturais e ciências humanas, constituindo para aqueles que a vivenciam uma transformação da experiência pedagógica. À medida que mais experiências são exitosas, a interdisciplinaridade abre caminhos e possibilidades para uma prática pedagógica solidária e em permanente renovação.

HARTMANN, Ângela Maria; ZIMMERMANN, Erika. O trabalho interdisciplinar no Ensino Médio: A reaproximação das “Duas Culturas”. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*. v. 7, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppge/files/2010/11/A.M.-Hartmann.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

## TEXTO 5

### Como o banco dos Brics altera a geopolítica financeira

Três fatores fazem do Novo Banco de Desenvolvimento um mecanismo capaz de diversificar as possibilidades de cobrir o déficit de infraestrutura dos países emergentes, fora do eixo EUA-Europa

A sétima cúpula dos Brics, que começou nesta quarta-feira 8, na cidade russa de Ufa, simboliza um impulso para a consolidação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD). A instituição criada em julho de 2014 pelas nações que integram o grupo de emergentes — Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul — pretende financiar os primeiros projetos de desenvolvimento sustentável em países pobres já a partir do ano que vem.

Para especialistas ouvidos pela DW Brasil, o banco dos Brics marca um fenômeno amplo: a diversificação das fontes de financiamento para cobrir o grande déficit de infraestrutura nos países emergentes.

“É a primeira instituição financeira de caráter global que não é liderada pela Europa ou pelos Estados Unidos”, diz Oliver Stuenkel, professor de Relações Internacionais da FGV-SP. “Esse banco simboliza o fim do domínio de algumas instituições, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.”

O acordo para a criação do banco de fomento a investimentos públicos entrou em vigor no dia 3 de julho. O banco terá sede em Xangai, na China, e será presidido durante um primeiro mandato de cinco anos pelo indiano K. V. Kamath. O capital inicial é de 50 bilhões de dólares, somado a um fundo de resgate financeiro — Arranjo Contingente de Reservas — no valor de 100 bilhões de dólares. Os líderes dos Brics definem os detalhes do funcionamento da instituição nesta quarta e quinta-feira, durante a cúpula.

Para Adriana Abdenur, pesquisadora do Brics Policy Center, centro de pesquisas ligado à PUC-RJ, a importância do banco para a economia brasileira vai depender do nível de envolvimento das empresas do país nos projetos financiados pela instituição.

“Embora nossas construtoras tenham bastante experiência em projetos de infraestrutura pesada, elas se encontram num momento conturbado, com a Operação Lava-Jato atingindo as chamadas ‘campeãs nacionais’”, explica.

Segundo a pesquisadora, a participação brasileira terá mais valor político do que econômico no início, mas poderá abrir portas para oportunidades importantes no plano econômico.

O professor da FGV destaca que é importante para o Brasil participar da criação do banco, mesmo num momento de crise econômica. “Fazer parte da implementação desse banco apesar da crise interna e dar sua contribuição pode aumentar a legitimidade do Brasil nos debates globais”, opina.

No cenário mundial, o banco dos Brics é visto como um instrumento capaz de alterar a geopolítica financeira. Listamos três fatores:

O PIB da China é maior que o dos demais países do Brics somados. O controle que o capital chinês pode exercer sobre os outros emergentes do grupo divide os especialistas. Stuenkel vê o banco como uma oportunidade de “legitimizar” e “despolitizar” o dinheiro chinês, já que os recursos da instituição provêm de todos os países.

“Isso possibilita a aplicação de capital nos outros Brics sem ser oficialmente ‘dinheiro chinês’. É muito melhor ter a China dentro de instituições como essa do que lidar com o país de forma bilateral”, diz. Ele também considera positivo o fato de a China concordar em seguir normas e regras de transparência para se integrar à instituição bancária.

Segundo Abdenur, o novo banco serve como instrumento de pressão para que mudanças concretas ocorram nas grandes instituições financeiras mundiais. O FMI e o Banco Mundial, criados em 1944 pelo Acordo de Bretton Woods, não cedem quando o assunto é dar mais voz e maior poder de decisão a países em desenvolvimento.

“Para os emergentes, é extremamente saudável poder contar com várias fontes de financiamento, o que talvez também ajude a aumentar a eficácia das próprias instituições de Bretton Woods”, avalia Abdenur.

“Os membros dos Brics, assim como outros países emergentes, reivindicam reformas há anos”, assinala Stuenkel. “O Banco Mundial, por exemplo, não consegue suprir a falta de infraestrutura na África e na Ásia.”

Georgy Toloraya, diretor do Comitê Nacional de Pesquisa dos Brics, com sede em Moscou, avalia que a nova instituição não pode, por exemplo, substituir o Banco Mundial, mas pode complementar o financiamento aos emergentes. Segundo ele, o NBD não terá o mesmo arranjo de reserva que o FMI, mas poderá ser usado em situações de emergência.

Para Stuenkel, o desafio do Brasil é evitar que a Rússia converta o Brics numa “plataforma antiocidental”. “Moscou pode tentar incluir uma linguagem de confronto na declaração final da cúpula, mas os outros países não vão deixar”, aposta. “O objetivo brasileiro é conseguir ter boas relações com todas as partes e evitar que o Brics se torne algo radicalizado.”

A criação do banco assumiu uma importância especial para a Rússia, em função das tensões vividas entre o país e o Ocidente no último ano, na opinião de Andrey Vinogradov, diretor do Centro para Pesquisa Política da Academia Russa de Ciências.

“Num primeiro momento, o banco do Brics será um complemento a essas instituições. E, na minha opinião, a concorrência geralmente faz a eficiência aumentar”, diz Vinogradov.

COMO o banco dos Brics altera a geopolítica financeira. *CartaCapital*, 9 jul. 2015. Disponível em: <[www.cartacapital.com.br/internacional/como-o-banco-dos-brics-altera-a-geopolitica-financeira-3322.html](http://www.cartacapital.com.br/internacional/como-o-banco-dos-brics-altera-a-geopolitica-financeira-3322.html)>. Acesso em: 23 abr. 2016.

### 3. Sugestões de temas complementares e atividades para trabalhar em sala de aula

#### Tema 1 · Desigualdade de gênero no mundo

##### Guia interativo mostra mapa da desigualdade de gênero no mundo

Pelo quinto ano consecutivo, a Islândia foi considerado o país com a menor desigualdade de gênero, segundo o relatório anual do Fórum Econômico Mundial.

O país é visto como uma nação em que as mulheres têm o mesmo acesso que os homens à educação e saúde e têm mais chances de participar plenamente na economia e política do país.

No topo da lista de igualdade entre os gêneros estão vizinhos da Islândia: Finlândia, Noruega e Suécia.

O Brasil não avançou nem regrediu no ranking, mantendo-se na 62ª posição.

De forma geral, a desigualdade entre os sexos diminuiu no mundo, com avanços registrados em 86 dos 136 países analisados, que representam mais de 93% da população mundial.

No entanto, as mudanças são lentas, afirma a principal autora do relatório, Saadia Zahidi.

Para descobrir o desempenho dos países em áreas-chave como saúde, educação e participação das mulheres na política, explore as regiões abaixo.

##### **América Latina e Caribe**

Os três países com melhor desempenho na região são Nicarágua, Cuba e Equador, que figuram entre os 25 primeiros países do ranking geral. A posição do Brasil, 62ª, não mudou em relação ao ano passado.

“O abismo entre os sexos em áreas como saúde e educação na região reduziu consideravelmente. Agora, esses países estão prontos para decolar em termos de igualdade no trabalho e participação na política”, diz Saadia Zahidi.

##### **Europa**

Os países do norte da Europa geralmente têm bons índices de igualdade entre os sexos em comparação com outros países. Segundo o Fórum Econômico Mundial, isso se deve em parte a políticas destinadas a ajudar as mulheres a

encontrar um equilíbrio entre as demandas do trabalho e a vida familiar.

No sul da Europa, a diferença entre os sexos no acesso à educação foi reduzida há alguns anos. No entanto, há baixos níveis de participação feminina na força de trabalho.

##### **Ásia**

As Filipinas se destacam como o país mais igualitário na Ásia, estando próximo de fechar a brecha entre homens e mulheres no acesso à saúde e educação. O país também tem alto nível de participação feminina na economia, diz o estudo.

A China ocupa a 69ª posição no ranking geral, à frente da Índia, em 101ª. A baixa posição da Índia no ranking se deve a baixas pontuações nos quesitos saúde, educação e economia.

##### **América do Norte**

O Canadá e os Estados Unidos vêm nas 20ª e 23ª posições, respectivamente. O Canadá obteve boa pontuação em educação, mas teve desempenho pior na política.

Os Estados Unidos vêm atrás do Canadá em política, mas chega à frente do vizinho em saúde e economia. Os dois países empatam em educação.

##### **África subsaariana**

Alguns dos países com maior desigualdade de gênero no mundo estão situados aqui. O Chade e a Costa do Marfim ocupam algumas das últimas posições no ranking geral.

No entanto, alguns países do sul da África registraram altos índices de participação feminina na força de trabalho e empoderamento político que ajudaram a posicioná-los entre os 30 primeiros países no ranking. Lesoto vem em 16ª, com a África do Sul logo atrás. Moçambique aparece na 26ª posição.

##### **Oriente Médio e Norte de África**

Esta é a região com as maiores desigualdades de gênero em todo mundo. Mas o quadro é bem heterogêneo. Por exemplo, os países do Golfo Pérsico investiram pesado em educação feminina. Os Emirados Árabes Unidos conseguiram reduzir bastante a brecha que existia na educação entre meninos e meninas. Mais mulheres do que homens completam o ensino superior no país.

Esta realidade contrasta com a de países como o Iêmen, onde os níveis de educação feminina são baixíssimos.

##### **Como os rankings são estabelecidos?**

Para comparar os níveis de desigualdade entre os gêneros nos países, o Fórum Econômico Mundial cria um index a partir de mais de mais doze tabelas de dados com a pontuação dos países. As notas variam entre 1 (ou 100%), que representa total igualdade e zero (ou 0%) para desigualdade.

GUIA interativo mostra mapa da desigualdade de gênero no mundo. *UOL Notícias*, 21 out. 2015. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2015/10/21/guia-interativo-mostra-mapa-da-desigualdade-de-genero-no-mundo.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

## ● Atividades

1. Explique o que é desigualdade de gênero.  
*Resposta: Corresponde à desigualdade de direitos, de condições e de oportunidades entre homens e mulheres.*
2. Segundo o texto, indique o país, e o seu respectivo continente, que possui o menor índice de desigualdade de gênero e por que ele ocupa tal colocação.  
*Resposta: É a Islândia, na Europa. É a nação em que as mulheres têm o mesmo acesso à educação e à saúde que os homens e têm mais chances de participar plenamente da economia e da política do país.*
3. Aponte as áreas que são pesquisadas para se determinar a elaboração do índice de desigualdade.  
*Resposta: As áreas são saúde, educação e participação das mulheres na política.*
4. Quais áreas apresentam as piores indicações nesse índice? Indique dois países citados no texto que ocupam as piores colocações.  
*Resposta: O norte africano e o Oriente Médio. Os países citados são o Chade e a Costa do Marfim, ambos na África.*
5. Destaque a posição brasileira em relação ao índice de desigualdade de gênero.  
*Resposta: O Brasil ocupou a posição 62ª entre 136 nações destacadas.*
6. Qual é sua opinião sobre a desigualdade de gênero no Brasil e no mundo?  
*Resposta: Resposta pessoal, no entanto o professor poderá pedir a alguns alunos que leiam suas respostas e discutir alguns temas abordados por eles.*

## Tema 2 · Desigualdade no desenvolvimento humano no Brasil

### Brasil 'avança em desenvolvimento humano' ou cai em ranking do IDH? Como interpretar relatório da ONU

O relatório deste ano traz informações sobre o Brasil que parecem, numa primeira leitura, contraditórias: o país melhorou sua nota no IDH em 2014, mas perdeu uma posição no ranking — da 74ª para a 75ª — ao ser ultrapassado pelo Sri Lanka, um país insular ao sul da Índia.

[...] O IDH brasileiro passou de 0,752 em 2013 para 0,755 no ano passado. O avanço não foi maior por conta da queda na renda.

[...]

O Brasil está na categoria de “alto desenvolvimento humano” e tenta chegar à mais elevada no ranking, o grupo com “muito alto desenvolvimento humano”.

Isso não significa, claro, que toda a população brasileira viva com padrões de alto nível de desenvolvimento. A ONU ressalta que a desigualdade social ainda elevada implica que, na prática, os níveis de desenvolvimento variem muito dentro do país.

SCHREIBER, Mariana. *BBC Brasil*. Disponível em: <[www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151214\\_idh\\_brasil\\_onu\\_avanca\\_cai\\_ms](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151214_idh_brasil_onu_avanca_cai_ms)>. Acesso em: 25 jan. 2016.

## ● Atividades

1. Segundo o texto, que fator impediu um maior avanço no IDH do Brasil?  
*Resposta: Ocorreu uma queda na renda dos brasileiros, e isso impediu um IDH melhor.*
2. Aponte três características socioeconômicas presentes no Brasil que confirmem o comentário feito pela ONU sobre a desigualdade social muito elevada no país.  
*Resposta: O aluno poderá apontar a questão das moradias, pois pode-se constatar que poucos vivem muito bem e muitos vivem em habitações subumanas; também as desigualdades de rendas e oportunidades, posto que as mulheres ainda recebem remuneração menor que a dos homens; e ainda a população afrodescendente que, mesmo vivendo em um país com tanta diversidade, muitas vezes é vítima de atitudes preconceituosas por parte da população em razão da cor de sua pele. Se achar conveniente, converse com os alunos sobre atitudes de respeito e o pensamento crítico a essas condições, incentivando o combate ao preconceito e à discriminação.*

## Tema 3 · A saúde na África

### África ganha em saúde e educação, mas o número de pobres continua a crescer

Antecipando o Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza, um novo relatório do Grupo Banco Mundial põe em destaque os progressos e os desafios e apela a um esforço empenhado para a recolha de dados

O forte crescimento econômico de África tem contribuído para melhorar a saúde e a educação dos seus povos ao longo dos últimos 20 anos, bem como obter importantes reduções na pobreza de diversos países, mas um aumento rápido da população resultou, também, num aumento global dos números da pobreza extrema, revelou o Grupo Banco Mundial na sexta-feira, num abrangente relatório sobre a pobreza na região.

O relatório calcula que 388 milhões de pessoas — ou seja, 3% de todos os habitantes da África Subsariana — viviam em extrema pobreza em 2012, o último ano para o qual havia dados disponíveis, o que representa uma redução de 5 milhões em relação a 2011. Num outro relatório, o Relatório de Global de Monitorização, publicado no princípio do presente mês, o Banco Mundial avançava uma projeção de que 347 milhões vivem, no presente ano, e na África Subsariana, em extrema pobreza. Ainda que a percentagem de africanos que vivem em pobreza tenha sido reduzida ao longo do tempo, os números, em si, têm subido. Um número calculado em 284 milhões de africanos vivia em pobreza, em 1990.

O relatório, “Pobreza numa África Emergente,” foi divulgado no Gana no decorrer de um evento de alto nível, comemorando o Dia “Acabemos com a Pobreza”, no qual estiveram presentes o Presidente do Grupo Banco Mundial, Dr. Jim Yong Kim, líderes do governo e parceiros da sociedade civil.

O relatório apelou a que se fizesse uma avaliação muito mais exata da pobreza, afirmando que certas falhas de dados tornam muito difícil para os decisores políticos direcionarem programas para os pobres. Na última quinta-feira, o Grupo

Banco Mundial assumiu o compromisso de trabalhar com os países em desenvolvimento e com parceiros internacionais, para realizarem inquéritos às famílias de três em três anos, em todos os 78 países onde a pobreza é maior. A iniciativa, que estará plenamente operacional até 2020, deverá [ter] custos [de] USD [dólares americanos] 300 milhões em cada ano da sua realização.

"A economia de África está em crescimento, mas para evitar passar em branco pessoas vulneráveis — tanto nas áreas rurais como em estados frágeis — temos de melhorar a forma como medimos o progresso humano. Uma melhor informação dir-nos-á se estamos a levar-lhes programas eficazes, que ajudem a acabar com a pobreza extrema até 2030 e a promover uma prosperidade partilhada entre os mais pobres", afirmou Jim Yong Kim, Presidente do Grupo Banco Mundial. [...]

ÁFRICA ganha em saúde e educação, mas o número de pobres continua a crescer. *The World Bank*, 16 out. 2015. Disponível em: <[www.worldbank.org/pt/news/press-release/2015/10/16/africa-gains-in-health-education-but-numbers-of-poor-grow](http://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2015/10/16/africa-gains-in-health-education-but-numbers-of-poor-grow)>. Acesso em: 23 abr. 2016.

## Atividades

1. O Banco Mundial apontou uma característica positiva e outra preocupante no relatório referido no texto. Explique essas características.

Resposta: Segundo esse relatório, a África apresentou crescimento econômico que contribuiu para melhorar a saúde e a educação dos seus povos ao longo dos últimos 20 anos. Entretanto, também apresentou um aumento rápido da população, que, por sua vez, resultou num aumento global dos números da pobreza extrema.

2. Que números foram apresentados sobre a população vivendo na extrema pobreza na África em 2012?

Resposta: Segundo o relatório, 388 milhões de pessoas viviam em extrema pobreza na África em 2012, número que corresponde a 3% de todos os habitantes da África subsaariana.

3. Compare o ano de 2012 com o de 2011 em relação ao número de habitantes da África subsaariana vivendo na miséria extrema.

Resposta: O relatório apresentou uma redução de 5 milhões de habitantes em relação a 2011.

4. Estabeleça uma relação entre os textos 1 e 2.

Resposta: O aluno poderá relacionar a África aos elevados índices de pobreza e à elevada desigualdade de gênero.

## Tema 4 · Uso de armas de fogo nos Estados Unidos

### Em 10 anos, EUA têm mais mortos em massacres do que em ataques terroristas

O número de pessoas mortas em incidentes com armas de fogo nos Estados Unidos entre 2001 e 2011 é mais de 40 vezes maior do que o de mortos em ataques terroristas, segundo dados do Departamento de Justiça e do Conselho de Relações Exteriores americano

Na quarta-feira, nove pessoas foram mortas e sete ficaram feridas em um massacre em uma faculdade do Estado de Oregon e, em seguida, o próprio atirador foi morto pela polícia.

Enfrentando uma dura oposição a suas iniciativas para criar leis mais duras de porte de armas, o presidente Barack Obama pediu à imprensa nesta quinta-feira que comparasse o número de cidadãos americanos mortos por terrorismo com os mortos pela violência com armas de fogo para dar à população a dimensão do problema.

Ao fazer um pronunciamento sobre a chacina em Oregon, nesta quinta-feira, o presidente demonstrou estar alternadamente irritado, desgastado e aparentemente resignado a lidar com a difícil oposição que enfrenta sobre o tema no Congresso.

"De alguma maneira, isso se tornou rotina. Estas notícias viraram rotina. Minha resposta aqui nesse pódio acaba se tornando rotineira", disse.

Obama voltou a comparar a resposta dos EUA à de países como Reino Unido e Austrália, [que] endureceram suas leis de porte de armas em resposta a massacres.

"Sabemos que outros países conseguiram elaborar leis que praticamente eliminaram esses massacres", disse o presidente. "Então sabemos que há formas de prevenir isso."

Em 2011, 11101 americanos morreram em incidentes com armas e 17 em incidentes ligados ao terrorismo.

Essa foi a 15ª vez que Obama se pronunciou ou divulgou comunicado sobre um massacre desde início de seu governo, em 2009. Mas as mortes no Oregon foram o 994º massacre ocorrido apenas em seu segundo mandato, iniciado em novembro de 2012.

As estatísticas da violência com armas de fogo nos Estados Unidos revelam quão rotineiros são os massacres e outros incidentes com armas de fogo em um país com quase tantas armas quanto pessoas.

Segundo dados do Departamento de Justiça dos Estados Unidos e do Conselho de Relações Exteriores, o país teve 130 347 pessoas mortas em incidentes envolvendo armas de fogo entre 2001 e 2011. No mesmo período, houve 3 mil mortes relacionadas a atos de terrorismo (sendo 2 689 delas nos atentados de 11 de setembro). O primeiro número é mais de 40 vezes maior que o segundo.

Até o dia 1º de outubro de 2015, ocorreram neste ano 294 massacres com armas de fogo no país — episódios em que quatro ou mais pessoas são mortas ou feridas por armas —, mais que um por dia.

No mesmo período, houve 45 massacres em escolas e 142 incidentes do tipo desde o massacre na escola primária de Sandy Hook, no dia 14 de dezembro de 2012 — apesar de estes dados também incluírem ocasiões em que uma arma foi disparada, mas não houve feridos.

Mas se os massacres em escolas e outros capturam a atenção do mundo, a maioria das mortes por armas nos Estados Unidos são incidentes menores e, muitas vezes, pouco reportados.

De acordo com o levantamento da ONG Gun Violence Archive, 9 956 pessoas foram mortas por armas de fogo até agora neste ano e mais de 20 mil ficaram feridas.

Na verdade, tantas pessoas morrem a cada ano no país em incidentes com armas de fogo que a contagem de mortes entre 1968 e 2011 é maior do que a de mortes em todas as guerras das quais o país já participou.

De acordo com uma pesquisa do Politifact, projeto de checagem de dados do jornal Tampa Bay Times, houve cerca de 1,4 milhão de mortes por armas de fogo nesse período, em comparação com 1,2 milhão de mortes em todos os conflitos de sua história, desde a guerra da Independência até a guerra do Iraque.

Não há dados oficiais sobre o número de armas nos Estados Unidos, mas acredita-se que sejam cerca de 300 milhões, concentradas nas mãos de aproximadamente um terço da população. Isso é quase um número suficiente para que cada homem, mulher e criança do país possua uma.

O direito de cidadãos a possuírem armas é protegido pela Segunda Emenda da Constituição americana e defendida ferozmente por grupos de lobby como Associação Nacional de Rifles (NRA, na sigla em inglês), que se gabou de ter cerca de 5 milhões de membros logo após o massacre em Sandy Hook.

BBC Brasil, Em 10 anos, EUA têm mais mortos em massacres do que em ataques terroristas, 2 out. 2015. Disponível em: <[www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151002\\_eua\\_massacres\\_mortes\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151002_eua_massacres_mortes_cc)>. Acesso em: 23 abr. 2016.

## ● Atividades

### 1. Comente o tema da reportagem anterior.

Resposta: A reportagem quer demonstrar que ocorreram mais mortes por armas de fogo em massacres do que por atentados terroristas nos Estados Unidos nos últimos anos.

### 2. Ao comparar os números 11101 e 17 (com relação às mortes em 2011), a que conclusão você chegaria?

Resposta: Que as mortes causadas por incidentes com armas de fogo são 653 vezes a quantidade de mortes causadas por terrorismo. Ou, ainda, que as mortes causadas por terrorismo parecem ser insignificantes quando comparadas a tantas mortes por incidentes com armas de fogo.

### 3. O que pensa o presidente Barack Obama (2009-2016) sobre as leis de controle de armas nos Estados Unidos?

Resposta: Ele é a favor de um controle maior de armas no território estadunidense.

### 4. O que garante aos cidadãos norte-americanos o direito de possuírem armas e qual é o número aproximado delas em seu território?

Resposta: É a Segunda Emenda da Constituição americana. Calcula-se em torno de 300 milhões de armas.

### 5. Compare o número de armas de fogo disponíveis nos Estados Unidos com o número total de seus habitantes. Consulte sites e livros e converse com seus professores para obter o número de habitantes dos Estados Unidos. A que conclusão pode-se chegar?

Resposta: Enquanto os Estados Unidos possuíam aproximadamente 323 milhões de habitantes em 2015, segundo o site Country Meters (<[countrymeters.info/pt/United\\_States\\_of\\_America\\_USA](http://countrymeters.info/pt/United_States_of_America_USA)>; acesso em: 23 abr. 2016), o número de armas era de cerca de 300 milhões. A conclusão é de que há em torno de uma arma por habitante.

## 4. Sugestões de filmes para complementar os conteúdos e elaborar atividades

### 1. A Batalha dos 3 Reinos

Direção: John Woo. China, 2009.

A China é governada pela dinastia Han, em 280 d.C. O filme retrata conflitos internos e reconstrói o passado do país.

### 2. A boa mentira

Direção: Philippe Falardeau. Estados Unidos, Quênia, Índia, 2014.

Este drama aborda a vida de três homens sudaneses, Mamere, Jeremiah e Paul, que têm a oportunidade de sair do país e conseguir uma vida melhor nos Estados Unidos. Eles são acolhidos por uma assistente social, Carrie Davis, que pouco conhece sobre o duro passado de cada um deles.

### 3. A grande aposta

Direção: Adam McKay. Estados Unidos, 2015.

O filme retrata os bastidores da Bolsa de Valores de Wall Street (Nova York) e o mercado imobiliário nos Estados Unidos.

### 4. A menina que roubava livros

Direção: Brian Percival. Estados Unidos, 2013.

Este filme conta a história de uma corajosa garota que transforma a vida de todos ao seu redor quando é levada para viver com sua nova família na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial. Ela aprende a ler com o incentivo de sua nova família e de Max, um judeu refugiado que eles escondem embaixo da escada.

### 5. A ponte dos espíões

Direção: Steven Spielberg. Estados Unidos, 2015.

Este filme narra o contexto da Guerra Fria, em que um advogado especializado em seguros, chamado James Donovan, aceita uma tarefa muito diferente do seu trabalho habitual: defender Rudolf Abel, um espião soviético capturado pelos norte-americanos.

### 6. Chennai Express

Direção: Rohit Shetty. Índia, 2013.

Após a morte de seu avô, Rahul decide cumprir seu último desejo e viajar até as águas sagradas de Ramshwaram para lá jogar suas cinzas. O filme mostra paisagens muito particulares do país.

### 7. Clube de Compras Dallas

Direção: Jean-Marc Vallée. Estados Unidos, 2013.

Este drama biográfico retrata um eletricitista texano que é diagnosticado com Aids e logo

começa uma batalha contra a indústria farmacêutica. Procurando tratamentos alternativos, ele passa a contrabandear drogas ilegais do México. Filme vencedor de vários prêmios.

#### 8. Numa escola de Havana

*Direção: Ernesto Daranas Serrano. Cuba, 2014.*

Este filme conta a história de um menino indisciplinado, prestes a ser transferido da escola onde estuda para um centro de conduta, e de uma professora experiente que enfrenta tudo e todos para não perder o garoto. Obra que merece ser vista e debatida.

#### 9. O que traz boas novas

*Direção: Philippe Falardeau. Canadá, 2013.*

Drama sobre um imigrante argelino que substitui a professora de uma escola primária após a morte dela. Enquanto as crianças passam por um longo processo de luto, ninguém suspeita do passado doloroso do professor ou do grande risco de ele ser deportado a qualquer momento.

#### 10. Selma: uma luta pela igualdade

*Direção: Ava DuVernay. Reino Unido, Estados Unidos, 2015.*

Cinebiografia do pastor protestante e ativista social Martin Luther King Jr., que acompanha as históricas marchas realizadas por ele e por manifestantes pacifistas em 1965, entre a cidade de Selma, no interior do Alabama, e a capital do estado, Montgomery, em busca de direitos eleitorais iguais para a comunidade afro-americana.

#### 11. Vietnã: batendo em retirada

*Direção: Rory Kennedy. Estados Unidos, 2014.*

Filme histórico que retrata o fim da Guerra do Vietnã, em que o Exército do Vietnã do Norte ataca Saigon, no Vietnã do Sul. Civis, em pânico, tentam sobreviver fugindo da cidade. Soldados e diplomatas norte-americanos vivem um dilema: obedecer às ordens da Casa Branca e deixar o local ou ajudar a salvar a vida dos cidadãos vietnamitas.

## 5. Sugestões de leitura e fontes de consulta para o professor

### ■ Livros

#### 1. A Europa Alemã: a crise do euro e as novas perspectivas de poder

*Ulrich Beck. São Paulo: Paz e Terra, 2015.*

#### 2. A evolução do capitalismo

*Maurice Dobb. São Paulo: LTC Editora, 2012.*

#### 3. Apartheid na África do Sul

*Habib Ademola Balogun. São Paulo: Edicon, 2011.*

#### 4. Breve introdução à economia mundial contemporânea: acumulação do capital e suas crises

*Gilson Dantas. Brasília: Editora do Autor, 2012.*

#### 5. China, o gigante do século XXI

*Charles Pennaforte e Ricardo Luigi (Org.). Rio de Janeiro: Cenegri, 2009.*

#### 6. Como curar um fanático

*Amós Oz. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.*

#### 7. Como mudar o mundo: Marx e o marxismo (1840-2011)

*Eric J. Hobsbawm. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.*

#### 8. Desenvolvimento sustentável 2012-2050: visão, rumos e contradições

*Fernando Almeida. São Paulo: Elsevier – Campus, 2012.*

#### 9. Estado Islâmico: desvendando o exército do terror

*Michael Weiss e Hassan Hassan. São Paulo: Seoman, 2015.*

#### 10. Geografia em perspectiva

*Nídia N. Pontuschka e Ariovaldo U. de Oliveira (Org.). São Paulo: Contexto, 2004.*

#### 11. Geografias: terra e cultura na América Latina

*Maria Sirley dos Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2009.*

#### 12. Interdisciplinaridade: um projeto em parceria

*Ivani Fazenda. São Paulo: Loyola, 2007.*

#### 13. Luzes da África: pai e filho em busca da alma de um continente

*Haroldo Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.*

#### 14. Mercosul: quinze anos

*Rubens Barbosa. São Paulo: Imesp, 2007.*

#### 15. Novas geopolíticas

*José William Vesentini. São Paulo: Contexto, 2012.*

#### 16. O desafio da China e da Índia

*João Paulo dos Reis Velloso. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.*

#### 17. O ensino da Geografia

*Orlando Ribeiro. Porto: Porto Editora, 2012.*

#### 18. O mundo pós-americano

*Fareed Zakaria. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.*

#### 19. O novo imperialismo

*David Harvey. São Paulo: Loyola, 2010.*

20. **O que a China quer?**  
Dani Nedal e Matias Spektor (Org.). São Paulo: FGV Editora, 2010.
21. **Os americanos**  
Antônio Pedro Tota. São Paulo: Contexto, 2009.
22. **Os países subdesenvolvidos**  
Yves Lacoste. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
23. **Pablo Escobar: a ascensão e queda do grande traficante de drogas**  
Alonso Salazar J. São Paulo: Planeta, 2014.
24. **Relações Brasil-África e geopolítica do Atlântico sul**  
Eli Alves Penha. Salvador: EDUFBA, 2011.
25. **Terrorismo de Estado**  
Guilherme Castelo Branco (Org.). São Paulo: Autêntica, 2013.
26. **Vidal, Vidais – Textos de geografia humana, regional e política**  
Rogério Haesbaert, Sérgio Nunes Pereira e Guilherme Ribeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
27. **Vislumbres da Índia**  
Octavio Paz. São Paulo: Mandarim, 1996.
- **Sites**
1. <<http://cmais.com.br/aloescola/>>  
Site da TV Cultura de São Paulo dedicado a atividades educacionais.
  2. <[http://europa.eu/index\\_pt.htm](http://europa.eu/index_pt.htm)>  
Site da União Europeia, com informações sobre a história e as instituições do bloco, estatísticas gerais e dos países-membros, além de mapas e gráficos.
  3. <<http://memoria-africa.ua.pt>>  
Site da Fundação Portugal-África sobre os países de língua portuguesa no continente africano.
  4. <<http://unctad.org/en/Pages/Home.aspx>>  
Site da Conferência das Nações Unidas sobre comércio e desenvolvimento, com estatísticas e informações sobre economia de vários países. Em inglês, francês e espanhol.
  5. <<https://nacoesunidas.org/>>  
Site da Organização das Nações Unidas no Brasil. Contém artigos de interesse geral. Em português.
  6. <[www.bancomundial.org.br](http://www.bancomundial.org.br)>  
Site do Banco Mundial com informações sobre o Brasil.
  7. <[www.cisstat.com/eng](http://www.cisstat.com/eng)>  
Site com estatísticas, informações e mapas dos países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Em inglês e russo.
  8. <[www.crmariocovas.sp.gov.br](http://www.crmariocovas.sp.gov.br)>  
Site do Centro de Referência em Educação Mário Covas, com informações sobre educação.
  9. <[www.discoverynaescola.com](http://www.discoverynaescola.com)>  
Site do Discovery na Escola com informações aos professores sobre como utilizar vídeos em sala de aula, bem como outros recursos disponíveis.
  10. <[www.eclac.org](http://www.eclac.org)>  
Site da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), com informações e estatísticas dos países latino-americanos. Em português, espanhol e inglês.
  11. <[www.futura.org.br/main.asp](http://www.futura.org.br/main.asp)>  
Site do canal de televisão Futura, que tem programação dirigida à educação.
  12. <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>  
Site do IBGE, com os principais indicadores sociais, econômicos e ambientais dos países reconhecidos pela ONU.
  13. <[www.imf.org/external/index.htm](http://www.imf.org/external/index.htm)>  
Site do Fundo Monetário Internacional (FMI), com informações sobre seu funcionamento e estatísticas dos países-membros. Em inglês, francês, espanhol e outras línguas.
  14. <[www.mercosul.gov.br](http://www.mercosul.gov.br)>  
Página em português com informações sobre a história e as instituições do Mercosul.
  15. <[www.pbs.org/wnet/africa](http://www.pbs.org/wnet/africa)>  
Site em inglês, com fotos, vídeos e outras informações sobre o continente africano.
  16. <[www.wto.org](http://www.wto.org)>  
Site da Organização Mundial do Comércio, com informações sobre seu funcionamento, estatísticas, mapas e gráficos sobre o comércio mundial. Em inglês, francês e espanhol.
- **Revistas**
1. <<http://cienciahoje.uol.com.br>>  
Ciência Hoje
  2. <<http://revistaeducacao.uol.com.br>>  
Revista Educação
  3. <<http://revistaescola.abril.com.br>>  
Nova Escola
  4. <<http://super.abril.com.br>>  
Superinteressante
  5. <<http://viajaequi.abril.com.br/national-geographic>>  
Revista National Geographic Brasil
  6. <[www2.uol.com.br/historiaviva](http://www2.uol.com.br/historiaviva)>  
História Viva
  7. <[www2.uol.com.br/sciam](http://www2.uol.com.br/sciam)>  
Scientific American Brasil
  8. <[www.cartaeducacao.com.br](http://www.cartaeducacao.com.br)>  
Site da CartaCapital voltada para a educação, com sugestões de como trabalhar diversos temas da atualidade utilizando reportagens da revista.
  9. <[www.horizontegeografico.com.br](http://www.horizontegeografico.com.br)>  
Revista Horizonte Geográfico

## 1. Projeto coletivo de trabalho: Industrialização no Brasil e no mundo – Construindo uma linha do tempo

### INTRODUÇÃO

Neste volume, os estudantes tiveram a oportunidade de aprofundar estudos sobre as diferentes fases de desenvolvimento do capitalismo, da expansão marítimo-comercial e o mercantilismo entre o final do século XV e o século XVIII, o capitalismo industrial, o capitalismo financeiro ou monopolista e, desde as últimas décadas do século XX, o capitalismo informacional, contemporâneo da Terceira Revolução Industrial e da globalização.

Nesse longo percurso, a humanidade conheceu uma extraordinária evolução técnico-tecnológica nos meios de produção e na vida social como um todo, e atravessou períodos de crise entre Estados nacionais, com as duas grandes guerras mundiais do século XX, o colonialismo e diversos momentos de expansão e acumulação de capital pelos agentes privados. Em especial após o final do século XVIII, nos processos pioneiros da Primeira Revolução Industrial, as sociedades passam também a experimentar forte processo de urbanização e criação de mercados de consumo.

Para aprofundar os graus de compreensão pelos estudantes de amplos e complexos processos e buscar uma sistematização dos conhecimentos, proponha, com os colegas professores, a elaboração de linhas do tempo ou infográficos ilustrados sobre as fases do capitalismo, sem deixar de lado contextos e questões de ordem geopolítica e social. Nesta proposta, a ideia é que os alunos organizem-se em grupos, pesquisem e coletem representações diversas (obras de arte, esquemas, fotografias e outras) sobre os períodos citados e construam textos explicativos sintéticos para retratar as relações e transformações sociais em uma perspectiva espacotemporal.

### OBJETIVOS E EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- Reconhecer as principais estruturas e fundamentos do desenvolvimento do capitalismo, da fase comercial ao capitalismo informacional.

- Estabelecer relações entre o desenvolvimento do capitalismo e respectivos contextos econômicos, tecnológicos e geopolíticos.
- Identificar e analisar o papel dos diferentes Estados nacionais e as relações de poder entre eles nos quadros do desenvolvimento capitalista.
- Saber utilizar a leitura e produção de textos e a oralidade para expor e debater fatos e fenômenos geográficos.
- Por meio de pesquisas e levantamentos, coletar, selecionar e organizar iconografias diversas para retratar processos relativos ao desenvolvimento histórico do capitalismo.
- Ler e interpretar mapas em diferentes escalas para compreender e avaliar fatos e fenômenos geográficos e históricos.
- Ler e interpretar esquemas, gráficos e tabelas para compreender e avaliar fatos e fenômenos geográficos e históricos.
- Saber utilizar linguagens, ferramentas e programas de computadores e internet para gerar produtos em meio digital sobre temas e problemas contemporâneos do espaço geográfico e das relações espaço-temporais.

### CONTEÚDOS

Capitalismo comercial – Mercantilismo – Capitalismo industrial – Liberalismo econômico – Manufatura – Urbanização – Capitalismo financeiro e monopolista – Imperialismo – Neocolonialismo – Revoluções socialistas – Socialismo real – Guerras Mundiais – Guerra Fria – Mundo bipolar – Revolução científico-tecnológica – Globalização – Países emergentes.

**TEMPO ESTIMADO:** 5 aulas

### ÁREAS

Geografia, História, Sociologia, Arte, Língua Portuguesa. Laboratório de informática.

### DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Com seus colegas professores, promova uma discussão sobre o tema, retomando, ampliando e aprofundando o debate sobre fundamentos do desenvolvimento do capitalismo. Organize com

a turma um quadro-síntese sobre esses fundamentos e ofereça explicações adicionais a respeito do tema.

Leve em conta os objetivos e expectativas de aprendizagem propostos e, se necessário, sugira outros pontos que a equipe docente e os estudantes julgarem relevantes.

Apresente a proposta de construção de linhas do tempo ou infográficos ilustrados para retratar aspectos centrais de cada uma dessas fases e suas principais repercussões na vida social.

Proponha à turma que se divida em pequenos grupos. Cada grupo deverá elaborar um projeto para a realização da proposta, indicando recortes espaciais e temporais, fontes de pesquisa, cronograma de trabalho e produto final.

Com os colegas professores, considere a possibilidade de os grupos indicarem recortes temáticos e temporais em seus projetos. Um grupo poderá se debruçar, por exemplo, sobre o mundo pós-Segunda Guerra (período da Guerra Fria). Outro, por sua vez, poderá retratar o quadro da evolução técnica que tornou possível a Primeira Revolução Industrial. Outros ainda poderão enfatizar o advento da globalização e seu significado nas relações tempo-espço.

Para enriquecer as abordagens, os estudantes poderão assistir a filmes que abordam os diferentes períodos, com o acompanhamento dos professores (ver indicações ao final deste plano). Desse modo, cada professor poderá se encarregar do apoio a um ou mais grupos, de acordo com o projeto estabelecido. O mesmo poderá se dar com a pesquisa em galerias de imagens e de museus do mundo.

De acordo com o cronograma, reserve horários e espaços para uso do laboratório de informática e equipamentos audiovisuais da escola.

Feita a pesquisa, coleta e organização inicial dos materiais, promova uma roda de conversa para a troca de informações e os devidos ajustes nos projetos. Encaminhe com a turma a preparação dos produtos finais e combine as formas e dinâmicas de apresentação dos resultados.

Organize a apresentação dos resultados e a participação dos estudantes nos debates e considerações. Ao final, juntamente com a equipe docente, organize com a turma uma síntese das principais conclusões estabelecidas pela turma.

Converse com os estudantes sobre a possibilidade de exibir os resultados para outras turmas da escola e para a comunidade. Considere também a perspectiva de publicar os resultados na internet, em *blogs*, *sites* e ambientes virtuais ou em redes sociais.

## AVALIAÇÃO

Os professores deverão levar em conta a participação de cada estudante nas tarefas individuais e coletivas, para verificar a contribuição e a cooperação nas atividades. Avalie com seus colegas a correção de conceitos, processos e informações, bem como a produção de textos, expressão oral e o uso dos recursos iconográficos. A equipe docente deverá avaliar também os resultados visuais de cada um dos projetos, propondo ajustes e reelaboração, se necessário. Ao final, proponha que os estudantes avaliem a experiência e destaquem o que puderam aprender com ela.

## Bibliografia para o professor

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2012.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *A era das revoluções – Europa: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

IBGE. *Atlas nacional do Brasil Milton Santos*. Rio de Janeiro, 2010.

SANDRONI, Paulo. *Dicionário de economia do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SINGER, Paul. *O capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica*. São Paulo: Moderna, 2000.

## Indicações de fontes de pesquisa e consulta para o estudante

### ● Livros e atlas geográficos

EL ATLAS de Le Monde Diplomatique: nuevas potencias emergentes. Madrid: Fundación Mondiplo/Uned, 2012.

IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa industrial 2013*. Rio Janeiro, 2013. v. 32.

MAGNOLI, Demétrio. *O mundo contemporâneo*. São Paulo: Atual, 2004.

### ● Filmes

*Capitalismo: uma história de amor* (Estados Unidos, 2010). Direção de Michael Moore, 127 min.

*Daens: um grito de justiça* (Bélgica/França, 1993). Direção de Stijn Coninx, 137 min.

*Tempos modernos* (Estados Unidos, 1936). Direção de Charles Chaplin, 87 min.

*Trabalho interno* (Estados Unidos, 2010). Direção de Charles Ferguson, 120 min.

*Wall Street – poder e cobiça* (Estados Unidos, 1987). Direção de Oliver Stone, 126 min.

*Wall Street 2 – O dinheiro nunca dorme* (Estados Unidos, 2010). Direção de Oliver Stone, 127 min.

### ● Sites

Acessos em: 23 abr. 2016.

#### Cartografia geográfica

**Le monde diplomatique**. Disponível em: <[www.monde-diplomatique.fr/cartes/](http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/)>.

**Maps of World**. Disponível em: <[www.mapsofworld.com/](http://www.mapsofworld.com/)>.

**Sciences Po**. Disponível em: <<http://cartographie.sciences-po.fr/en/cartotheque>>.

#### Cartografia histórica

**Atlas Historique**. Disponível em: <[www.atlas-historique.net/](http://www.atlas-historique.net/)>.

**Geacron**. Disponível em: <<http://geacron.com/home-fr/?lang=fr>>.

**Histoire à la carte**. Disponível em: <[www.histoirealacarte.com/](http://www.histoirealacarte.com/)>.

## 2. Projeto coletivo de trabalho: perspectivas para o turismo no Brasil – Um mapeamento

### INTRODUÇÃO

As viagens para conhecer novas culturas e lugares remontam a períodos da Antiguidade clássica. Mas o turismo como sistema estruturado e regular de viagens para entrar em contato com novas paisagens, culturas e pessoas é uma criação da moderna sociedade urbano-industrial. Já no século XIX, jovens da aristocracia europeia empreendiam viagens para aprender mais sobre a cultura ocidental e greco-romana. Hoje, muitos jovens europeus ainda mantêm essa prática desde que, evidentemente, tenham condições para realizá-la.

O turismo se constitui, conforme definição da Organização Mundial do Turismo, como viagens e deslocamentos para localidades distintas dos espaços habituais da vida cotidiana por período inferior a um ano, onde os visitantes permanecem por distintas motivações.

Como foi visto no Capítulo 19, o turismo é uma atividade econômica capaz de movimentar bilhões de dólares ao ano, representando algo em torno de 9% do PIB mundial, apesar dos efeitos da crise mundial de 2008. A Europa segue como o destino mais procurado, em especial a França, seguida de Estados Unidos, Espanha e China. Enquanto a França recebe cerca de 83 milhões de visitantes ao ano, o Brasil, em 2014, recebeu em torno de 6,4 milhões de turistas, segundo dados do Ministério do Turismo.

A partir dos estudos desenvolvidos, convide a turma para uma reflexão sobre a visitação turística ao Brasil, suas características, modalidades, impactos e potencial econômico. Isso inclui identificar lugares onde é essencial o fazer turístico e avaliar a recepção aos visitantes no país, sede de eventos de grande porte, como a Copa do Mundo de Futebol (2014) e os Jogos Olímpicos (2016). Entra na pauta também o exame das viagens domésticas, de cerca de 197 milhões de viagens de brasileiros pelo território nacional em 2012.

### OBJETIVOS E EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- Compreender o turismo como sistema regular e organizado de viagens para conhecer diferentes paisagens, culturas e lugares.

- Pesquisar e avaliar dados sobre a recepção de turistas no Brasil.
- Identificar e avaliar as condições, características e estruturas de lugares turísticos e setores de atividade conexos.
- Saber utilizar a leitura e produção de textos e a oralidade para expor e debater fatos e fenômenos geográficos.
- Coletar, selecionar e organizar iconografias diversas, por meio de pesquisas e levantamentos, para retratar processos relativos ao desenvolvimento histórico do capitalismo.
- Ler e interpretar mapas em diferentes escalas para compreender e avaliar fatos e fenômenos geográficos e históricos.
- Ler e interpretar esquemas, gráficos e tabelas para compreender e avaliar fatos e fenômenos geográficos e históricos.
- Saber utilizar linguagens, ferramentas e programas de computadores e internet para gerar produtos em meio digital sobre temas e problemas do espaço geográfico e das relações espaço-temporais contemporâneas.

## CONTEÚDOS

Turismo — Emissão e recepção de turistas — Lugar turístico — Turismo no Brasil — Modalidades do turismo — Atividades características do turismo — Turismo e impactos ambientais e socioculturais.

**TEMPO ESTIMADO:** 5 aulas

## ÁREAS

Geografia, História, Sociologia, Arte, Língua Portuguesa. Laboratório de informática.

## DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Com seus colegas, retome os conteúdos e dados sobre turismo no mundo. Proponha à turma uma reflexão sobre o turismo no Brasil com base em dados comparativos entre nosso país e o movimento registrado em países com grande visitação.

Proponha em seguida que a turma se divida em grupos e se organize para coletar dados sobre visitação turística no Brasil. Consultando as fontes, eles encontrarão os principais destinos,

desembarque segundo os principais meios de transporte, países emissores de turistas ao Brasil, resultados das atividades características do turismo (hospedagem, transporte aéreo, locação de imóveis, recepção, espaços para eventos e outros), impactos ambientais e socioculturais da visitação turística, etc.

Organize um debate coletivo sobre os resultados. Com base neles, cada grupo poderá escolher um tema de seu interesse, seja a análise de características de destinos turísticos, turismo de negócios, turismo de sol e praia, patrimônio histórico e visitação, rendas do turismo ou a evolução do movimento do turismo doméstico.

A proposta é que os resultados sejam organizados em meio digital, tanto em infográficos ou mapas ilustrados como em esquemas elaborados em *slides*, vídeos e textos ilustrados com iconografias e representações gráficas (obras de arte, fotografias, gravuras, mapas, gráficos, etc.).

É fundamental que os grupos apresentem um olhar crítico sobre as vantagens e os benefícios da atividade para as localidades e sua população. Os alunos devem ser convidados a examinar impactos ambientais e sociais da visitação e o significado dos contatos entre visitantes estrangeiros ou nacionais com a população local, já que diferentes bagagens culturais e visões de mundo entram em contato com a visitação. Infraestruturas e suportes para as viagens também devem ser avaliados, o que inclui setor aéreo, hotéis e a mobilidade espacial urbana.

Com seus colegas, leve em conta que as modalidades turísticas são, basicamente, as definidas pelo mercado do setor, e envolvem tanto categorias espaciais (balneário, rural, ecoturismo, urbano/patrimônio histórico e cultural, de aventura, de montanha e outros) como práticas sociais (esportes, cultura, sol e praia, saúde, compras e negócios, eventos, etc.). Veja as indicações ao final deste plano.

Para organizar os dados, considere também que entre os destinos mais visitados do país estão Rio de Janeiro, São Paulo, Foz do Iguaçu e capitais nordestinas. Os grandes eventos realizados no país (Copa do Mundo de Futebol, Jogos Olímpicos) integram os novos fluxos de visitação. Há também diversos circuitos e roteiros turísticos para a Amazônia e para o Centro-Oeste, com visitação a

Brasília e ao Pantanal. Entre os estrangeiros com maior número de visitantes a cada ano, em dados de 2014, estão argentinos, estadunidenses, chilenos, paraguaios e os oriundos de países europeus, como Alemanha, França, Itália e Portugal.

Os professores de História e Sociologia podem apoiar a compreensão da constituição histórica do turismo moderno e a avaliação de impactos socioculturais. O professor de Arte pode auxiliar os alunos no exame de iconografias diversas que retratem paisagens, viagens, lugares turísticos e locais de passagem. A equipe docente deve estimular os estudantes a coletar e a organizar depoimentos sobre práticas turísticas e de que modo visitantes utilizam e disseminam informações colhidas em suas viagens.

Com a equipe de professores, promova a apresentação e discussão dos resultados. Com a turma, organize uma avaliação geral do setor turístico no Brasil e as considerações finais dos estudantes. Combine com a turma formas de exposição ou divulgação dos resultados, seja na escola, na comunidade ou em ambientes virtuais (*blogs*, *sites*, redes sociais).

## AVALIAÇÃO

Os professores deverão avaliar a participação de cada estudante nas tarefas individuais e coletivas, estimando a contribuição e cooperação nas atividades. Da mesma forma, a correção de conceitos e informações, processos, organização de textos e imagens, expressão oral e o uso dos recursos iconográficos. Cabe à equipe avaliar também os resultados visuais dos objetos digitais que constituíram o produto final de cada grupo. Deverão ser reservados tempo e espaço para que os estudantes avaliem a experiência.

## Indicações de fontes para estudantes e professores

### ● Livros e atlas geográficos

ATLAS geográfico De Agostini. Novara: Instituto De Agostini, 2015.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de C. Araújo. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PELIZZER, Hilário Ângelo. *Turismo de negócios: qualidade na gestão de viagens empresariais*. Rio de Janeiro: Senac-Rio, 2014.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio histórico do Ocidente*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

THE WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). Panorama OMT del turismo internacional – Edición 2015. Disponível em: <[www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284416875](http://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284416875)>. Acesso em: 23 abr. 2016. (em espanhol)

### ● Sites

Acessos em: 23 abr. 2016.

### Cartografia

**Sciences Po**. Disponível em: <<http://cartographie.sciences-po.fr/en/cartotheque/>>.

**Le monde diplomatique**. Disponível em: <[www.monde-diplomatique.fr/cartes/](http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/)>.

**Maps of World**. Disponível em: <[www.mapsworld.com/](http://www.mapsworld.com/)>.

### ● Órgãos diversos

**Organização Mundial do Turismo (OMT)**. Disponível em: <[www2.unwto.org/](http://www2.unwto.org/)>.

**Ministério do Turismo**. Disponível em: <[www.turismo.gov.br/](http://www.turismo.gov.br/)>.

**Observatório de Turismo e Eventos da cidade de São Paulo**. Disponível em: <[www.observatoriodoturismo.com.br/](http://www.observatoriodoturismo.com.br/)>.

### ● Revistas

**Viagem e turismo**. Disponível em: <<http://viajequi.abril.com.br/vt/>>.

**Viajar pelo mundo**. Disponível em: <[www.revista.viajar.com.br/](http://www.revista.viajar.com.br/)>.

**Viaje mais**. Disponível em: <[www.revistaviajemais.com.br/](http://www.revistaviajemais.com.br/)>.

**Volta ao mundo**. Disponível em: <[www.voltaao.mundo.pt/](http://www.voltaao.mundo.pt/)>.

## Unidade 1 – O capitalismo e a organização do espaço globalizado (p. 9)

### ■ Capítulo 1 – Do capitalismo comercial à revolução do conhecimento (p. 10)

#### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 21)

1. a) *Marx criou o conceito de mais-valia na sociedade capitalista, na qual o empregado produz mais lucro para seu patrão do que o salário que lhe é pago.*  
b) *O aluno poderá explicar o aumento do desemprego mundial, fato que implica a queda do consumo e da qualidade de vida de milhões de habitantes. Outra característica é a falência de bancos no mundo todo por fatores que vão desde a má gestão até balanços fraudulentos.*
2. a) *O aluno poderá explicar que essas empresas buscam se instalar em países onde possam encontrar mão de obra mais barata do que em seu país de origem e que apresentem menores custos para a produção de suas mercadorias.*  
b) *O aluno poderá identificar a Ford, indústria automobilística sediada nos Estados Unidos; a Volkswagen, indústria automobilística alemã; a Samsung, sul-coreana, que atua no ramo da tecnologia da informação; a Apple, também do ramo tecnológico, com sede nos Estados Unidos; e o Carrefour, do ramo de hipermercados, com sede na França.*

### ■ Capítulo 2 – A Guerra Fria e o mundo bipolar (p. 22)

#### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 30)

1. a) *Os protagonistas da Guerra Fria foram os Estados Unidos e a União Soviética, que delimitaram o mundo em áreas de influência capitalista e socialista, respectivamente.*  
b) *As duas potências vinham investindo intensamente em pesquisa e desenvolvimento de arsenais bélicos e nucleares, principalmente a partir da corrida espacial.*  
c) *A queda do Muro de Berlim em 1989 e a desintegração da União Soviética em 1991 marcaram o fim desse conflito.*
2. a) *Os dois sistemas político-econômicos em questão representam visões antagônicas, por isso não podiam coexistir no mesmo território.*

b) *Os países do bloco socialista eram caracterizados por economias planificadas, nas quais o Estado tinha um papel controlador da economia, não havia propriedade privada e a produção não visava o lucro.*

3. *Esse período ficou conhecido como Guerra Fria porque não houve um confronto armado direto. Os países disputavam áreas de influência, sustentados pelo poderio gerado pela corrida armamentista.*

### ■ Capítulo 3 – A globalização e a economia-mundo (p. 31)

#### ● Outra visão (p. 32)

#### A MISTURA DE COMUNISMO E CAPITALISMO NO VIETNÃ

1. *Essa cidade tornou-se símbolo das mudanças ocorridas a partir da entrada do capitalismo no país, que até então era de economia planificada. Carros luxuosos, hotéis, lojas de grife e edifícios de alto padrão passaram a conviver com as características comuns das nações pobres.*
2. *A partir das mudanças ocorridas com a implantação do capitalismo, a corrupção disparou. Essa seria a distorção apontada na reportagem.*

#### ● Relacionando os assuntos (p. 36)

#### A CRISE DE 1929

1. *O governo dos Estados Unidos assumiu a política estatal conhecida como New Deal.*
2. *A crise de 1929 abalou os fundamentos do capitalismo porque foi necessário que o Estado interviesse na economia, ação contrária à autorregulação do mercado proposta pelo capitalismo.*
3. *As crises econômicas de 1929 e de 2008 foram resultado de especulação e excesso de utilização de créditos, sem uma fiscalização do mercado financeiro por parte dos governos, característica da política neoliberal. Tiveram início nos Estados Unidos e rapidamente se espalharam pelo mundo, atingindo, com mais ou menos intensidade, a economia dos países, principalmente os da Europa.*

#### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 39)

1. *Uso de computadores pessoais, conexão com internet e informatização dos serviços de transporte.*
2. *Na ordem bipolar o mundo estava dividido entre as duas potências hegemônicas: Estados Unidos e União Soviética.*

Na ordem multipolar, países como Japão e Alemanha passaram a ser importantes no cenário político-econômico e a exercer influência sobre os territórios do planeta.

3. a) A resposta é pessoal, mas deve ser embasada em argumentos consistentes. Lembrar que a atividade requer conhecimentos de história.  
b) A globalização não acontece de forma igual em todos os lugares, pois aumenta as possibilidades de enriquecimento de alguns países, mas exclui outros, e agrava assim as desigualdades sociais.
4. Aproveite o tema para abordar a participação de diferentes grupos sociais nas manifestações de rua no Brasil. Durante a exposição dos trabalhos, atente para as opiniões diferentes, garantindo o respeito à opinião alheia, e também esclarecendo e discutindo comentários preconceituosos que possam surgir.

## ■ Capítulo 4 – O mundo no século XXI: economia e geopolítica (p. 40)

### ● Contexto e aplicação (p. 46)

#### COMEÇA CÚPULA DOS LÍDERES DO G-20 NA AUSTRÁLIA

1. O G-20 é constituído de nações ricas e desenvolvidas, como os países do G-7 e da União Europeia; ao mesmo tempo, participam desse bloco países emergentes como Brasil, Turquia e Indonésia.
2. Resposta pessoal.

### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 47)

1. a) Referem-se ao ataque terrorista às Torres Gêmeas em Nova York, em 2001.  
b) O aluno pode lembrar impactos geopolíticos, como o fato de o terrorismo islâmico ter se tornado o principal inimigo dos Estados Unidos, e impactos econômicos, que afetaram o mercado interno e o mercado mundial.
2. a) Porque entre todas as nações a China é, hoje, a que mais cresce economicamente. A variação em seu crescimento econômico refletirá na economia mundial, por isso ela aparece tão destacada na reportagem.  
b) Enquanto a China, a Índia e a África do Sul tiveram crescimento positivo, o Brasil e a Rússia apresentaram retração de seus PIBs, isto é, crescimento negativo.

## Concluindo a Unidade 1 (p. 48)

#### PAÍSES DESENVOLVIDOS INJETAM OTIMISMO À ECONOMIA MUNDIAL EM 2015, PROJETA FMI

- A perspectiva é de crescimento positivo para as nações desenvolvidas; as nações emergentes, por outro lado,

apresentaram desaceleração de suas economias. Com exceção da China e da Índia, principalmente, a maior parte desse conjunto de países terá baixo crescimento ou crescimento negativo de suas economias.

### ● Testes e questões (p. 48)

Atenção, professor: reforce para os alunos que as questões devem ser respondidas no caderno, alertando-os de que não escrevam no livro.

#### ENEM

- |      |      |      |       |
|------|------|------|-------|
| 1. a | 4. e | 7. e | 10. e |
| 2. c | 5. a | 8. c | 11. c |
| 3. a | 6. b | 9. c |       |

#### TESTES DE VESTIBULAR

- |      |      |      |       |
|------|------|------|-------|
| 1. d | 4. d | 7. b | 10. e |
| 2. a | 5. d | 8. b | 11. c |
| 3. d | 6. b | 9. b | 12. a |

#### QUESTÃO DE VESTIBULAR

- O aluno poderá citar dois aspectos do lado negativo da globalização, como: a) o desemprego, que aumenta e se torna quase crônico; b) a fome e o desabrigo que se generalizam pelos continentes; c) as novas enfermidades, como a Aids, que se instalam, e as velhas doenças, como a cólera, a febre amarela e a malária, que retornam com intensidade; d) a mortalidade infantil, que permanece a despeito dos avanços médicos e sanitários; e) a educação de qualidade, que se torna cada vez mais inacessível. E poder-se-ia acrescentar: f) a dívida externa de países periféricos e semiperiféricos, que se agrava; g) o crime e a contravenção que se expandem, como o tráfico de drogas, de órgãos humanos, de armamentos, de material radioativo, de bebês, etc.; h) os limites de sustentabilidade da biosfera, que começam a ser tocados e instabilizados.

## Unidade 2 – Desenvolvimento humano e econômico: desigualdades no mundo globalizado (p. 57)

### ■ Capítulo 5 – Pobreza e fome no mundo globalizado (p. 58)

#### ● Ampliando o conhecimento (p. 63)

#### ÍNDICE GLOBAL DA FOME

1. Esses países, assim como outros países africanos, principalmente os da África subsaariana, historicamente tiveram sua economia voltada para o exterior, isto é,

suas riquezas abasteciam nações europeias que cada vez mais se enriqueciam à custa da pobreza africana.

2. Porque seus habitantes têm melhores condições de vida, que foram conquistadas ao longo de sua história. A riqueza acumulada por essas nações, durante o processo de exploração, permitiu que seus governos montassem uma infraestrutura social para garantir a satisfação das necessidades básicas de seus habitantes.

### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 64)

1. a) Compõem os oito objetivos: a erradicação da fome e da pobreza extrema; o estabelecimento da educação universal; a promoção da igualdade entre os gêneros; a melhora da saúde materna; a redução da mortalidade infantil; o combate a Aids e outras doenças; garantia da sustentabilidade do meio ambiente; e o incentivo a um sistema comercial e financeiro não discriminatório e o atendimento às necessidades dos países menos desenvolvidos. Esses objetivos representam as medidas imprescindíveis para o progresso da humanidade por meio da adoção de prioridades coletivas.  
b) Resposta pessoal. Esta é uma boa oportunidade para trabalhar a cidadania, uma vez que os alunos vão refletir e opinar sobre questões sociais que afetam a todos.
2. a) O Produto Interno Bruto (PIB) é a soma de bens e serviços produzidos por um país durante um ano, sem considerar as rendas enviadas ao exterior ou recebidas do estrangeiro.  
O Produto Nacional Bruto (PNB) é a soma de bens e serviços produzidos por um país durante um ano, acrescentando capitais nacionais que estejam fora do país ou descontando capitais nacionais estrangeiros que se encontram na nação.  
b) É o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), porque considera aspectos que permitem uma análise mais completa da verdadeira situação socioeconômica do país, abrangendo dados sobre saúde, educação e renda.
3. a) A Aids (sigla em inglês para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (também conhecido por HIV). A falta de alimentação compromete o sistema de defesa do organismo contra as infecções; num indivíduo soropositivo a subnutrição pode levá-lo ainda mais rapidamente à morte.  
b) O contágio ocorre principalmente por meio das relações sexuais e do contato direto com o sangue infectado (transfusão, uso de agulha ou seringa não descartável, acidentes durante o atendimento

médico-sanitário e transmissão de mãe para filho). As condições de vida precárias, como a ausência de saneamento básico e a falta de orientação sobre medidas de prevenção a doenças, fazem com que as pessoas fiquem mais expostas aos riscos de contaminação.

- c) É importante procurar informações constantemente sobre o assunto e passar a informação recebida a outras pessoas; agir sempre com segurança; usar preservativo; usar agulhas e seringas descartáveis para qualquer finalidade; ter o próprio material de manicure ou barbeiro ou verificar se ele foi esterilizado; exigir sangue comprovadamente testado; usar luvas, aventais, óculos e máscaras no contato de profissionais da área médica (dentistas, por exemplo) com pacientes.
- d) No modelo de civilização ocidental, uma pessoa que nunca frequentou a escola (ou que frequentou de forma insuficiente) pode não ter condições de obter informação por meios próprios. Na comparação com indivíduos que tiveram acesso à educação, o analfabeto reduz suas chances de obter boa qualificação profissional e, conseqüentemente, salário digno e acesso à informação. A falta de informação pode ser um agravante na incidência da Aids e de doenças sexualmente transmissíveis (DST).
- e) O HIV, agente causador da Aids, tem grande capacidade de modificação ou de adaptação, o que torna difícil o desenvolvimento de um remédio ou vacina que realmente possa levar à cura.
- f) Ser soropositivo significa que o indivíduo apresenta HIV em seu sangue. Quando se afirma que uma pessoa tem Aids significa dizer que ela sofre os efeitos desse vírus no organismo.  
Professor, esta atividade trabalha com conteúdos de Biologia e História. Aproveite para estimular o caráter interdisciplinar dessa pesquisa.

## ■ Capítulo 6 – Desigualdades entre os gêneros e entre as etnias (p. 65)

### ● Diálogos (p. 70)

#### RACISMO – ÁFRICA DO SUL E BRASIL

1. Foi na África do Sul que ocorreu o regime segregacionista mais violento e desumano já visto até a atualidade. Lá, houve a separação da minoria composta da elite branca e a maioria negra. Nelson Mandela foi o maior opositor ao apartheid e liderou um movimento pelo fim desse regime. Ele foi eleito o primeiro presidente negro dessa importante nação africana.

2. Resposta pessoal. O professor poderá pedir aos alunos que leiam suas respostas e, a partir daí, discutir temas relacionados à discriminação.

3. Resposta pessoal. O professor poderá pedir aos alunos que leiam seus comentários e trazer essa discussão para a realidade brasileira.

### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 72)

1. A notícia é o exemplo de uma situação que se opõe à Declaração dos Princípios da Tolerância. Demonstra preconceito, ignorância e homofobia.

2. a) Para a sociedade brasileira, a criação da Secretaria Especial da Promoção da Igualdade Racial (Sepir) é um avanço no combate ao racismo.

b) O aluno poderá se lembrar da situação vivida pelos negros norte-americanos: durante décadas, eles não podiam sentar no mesmo banco de um ônibus onde estivesse um branco. Poderá citar também o regime do apartheid na África do Sul.

Poderá citar, ainda, no caso brasileiro, a grande diferença de salário entre brancos e negros, e a pequena quantidade de negros matriculados nas universidades públicas do país.

3. a) O trabalho que elas realizam é considerado um trabalho de menor importância porque está ligado à agricultura e ao extrativismo vegetal e animal, além de ser mão de obra barata na indústria. Outro aspecto desse tipo de trabalho é o de não precisar de qualquer tipo de técnica ou especialização, não sendo necessário capacitar essas mulheres para realizá-lo.

b) Porque são assassinatos de mulheres para os quais não há punição ou prisão dos culpados.

4. De maneira geral, a posição da mulher muçulmana é inferior à do homem. A foto e o texto são exceções porque apontam na direção da mudança de uma sociedade patriarcal na qual as mulheres são submissas.

## ■ Capítulo 7 – Desigualdades no mundo não desenvolvido (p. 73)

### ● Leitura e reflexão (p. 76)

#### MODI CONSEGUIRÁ ALTERAR A TRAJETÓRIA ECONÔMICA DA ÍNDIA?

1. O atual preço baixo do petróleo no mundo representa um fator positivo para o crescimento econômico da Índia porque ela gastará menos capital para importá-lo.

2. O texto salienta quatro aspectos a serem modernizados: a expansão de ferrovias, estradas, sistema de energia e redes digitais.

3. São os painéis solares, os sistemas domésticos e a produção de pequenos carros.

### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 80)

1. O aluno poderá explicar que o subdesenvolvimento está associado às relações históricas entre as antigas metrópoles, que exploravam suas antigas colônias. Dessas relações surgiram as nações atuais, que não se desenvolveram plenamente.

2. a) O aluno poderá responder que o apartheid foi o regime segregacionista que vigorou na África do Sul entre 1948 e 1990. Durante esse longo período, a minoria branca oprimiu a maioria negra da população desse país.

O autor pretendeu reforçar que o apartheid foi um regime muito violento e extremamente desigual, principalmente em nível socioeconômico, que separou a minoria branca da maioria negra da população sul-africana.

b) As desigualdades não estão restritas ao mundo menos desenvolvido. O texto salienta que a desigualdade tem aumentado em todos os países do mundo e que 7 em cada 10 habitantes do mundo vivem em países onde a desigualdade econômica hoje é maior do que há 30 anos.

3. a) O aluno poderá responder que, na maior parte desses países, a corrupção retira grandes somas de dinheiro de projetos específicos que poderiam melhorar o meio ambiente. Muitas dessas nações pagam juros relativos às suas dívidas externas, sobrando pouco capital para investir no desenvolvimento socioeconômico interno.

b) Resposta pessoal. O professor poderá utilizar esse momento para chamar a atenção dos alunos para as condutas necessárias ao bem-estar de todos os seres vivos.

## ■ Capítulo 8 – África subsaariana e América Latina (p. 81)

### ● Contexto e aplicação (p. 85)

#### AIDS É PRINCIPAL CAUSA DE MORTE DE ADOLESCENTES NA ÁFRICA

1. O objetivo é conter a propagação da Aids entre os adolescentes.

2. O texto aponta que a Aids na África é a principal causa da morte de adolescentes.

3. a) É extremamente preocupante por ser a principal responsável pela morte de jovens.

b) As principais formas de contágio são: a relação sexual, a transfusão de sangue e o uso de instrumentos que perfuram a pele, como seringas compartilhadas por usuários de drogas.

- c) Erradicar a pobreza seria um primeiro passo importante para a resolução desse grave problema. Outras medidas importantes são: intensificar as campanhas de informação e investir mais na prevenção à doença e nos tratamentos disponíveis para os infectados.
- d) Resposta pessoal. Espera-se que o aluno reconheça que na escola os jovens têm mais acesso à informação e ao debate, podendo expor suas dúvidas e, conseqüentemente, ter maiores esclarecimentos sobre as doenças, sua evolução, prevenção e tratamento.
- e) Resposta pessoal. O professor deverá reunir os grupos e solicitar que respondam à pesquisa. Aqui, abre-se uma oportunidade importante de discutir temas referentes aos jovens e os cuidados com a saúde. Se houver possibilidade, o professor poderá ampliar a conversa, com questões sobre esse tema que os alunos manifestarem interesse em discutir.

### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 94)

- a) A desigualdade. Existem grandes diferenças de renda e de oportunidades na América Latina, e isso a torna um dos locais onde se pode observar as maiores disparidades socioeconômicas em todo o mundo.
- b) Quanto maior o nível de escolaridade de uma população, maiores serão as chances de seus integrantes conseguirem empregos mais qualificados e mais bem remunerados. Os trabalhadores de menor qualificação são os mais expostos durante uma estagnação econômica, porque não contam com muitas oportunidades.
- a) A emigração de latinos de seus países de origem.
- b) É a porção da América que foi ocupada e colonizada por povos da península Ibérica, isto é, por espanhóis e portugueses. Engloba áreas da América do Norte (México), da América Central Continental e Insular e da América do Sul.
- c) Os imigrantes enviam uma parte de seus ganhos ao seu país de origem.
3. A Conferência de Berlim, realizada entre 1884 e 1885, foi responsável por demarcar fronteiras que dividiram povos amigos e juntaram povos inimigos. Nela, os países europeus mais importantes partilharam o território africano conforme seus interesses.

## Concluindo a Unidade 2 (p. 95)

### RUMO À EUROPA, IMIGRANTES ENFRENTAM RACISMO, TORTURA E AFOGAMENTO

1. O texto salienta a miséria crônica dos países subsaarianos, os conflitos que se espalham por muitas nações do Oriente Médio e as perseguições raciais e religiosas no norte africano e no Oriente Médio.

2. É a Líbia, no norte do continente africano, e a causa dessa saída se deve a uma guerra civil desde o fim da revolta que liquidou o ditador Muamar Kadafi, em 2011. Milícias fundamentalistas ganharam terreno [em 2014] e conquistaram o controle de importantes cidades, incluindo a capital Trípoli e Bengasi. O governo, que conta com o respaldo da comunidade internacional, encontra-se acuado no leste do país e, sem poder, chegou a buscar refúgio em uma embarcação ancorada em Tobruk. Como o Exército nacional foi dizimado e os postos de controle das fronteiras encontram-se abandonados, o fluxo de imigrantes é intenso no país.
3. O texto salienta que os refugiados de pele mais escura, vindos da África subsaariana, são trancados nos porões das embarcações, assim como mulheres e crianças, consideradas “barulhentas demais”.

### ● Testes e questões (p. 96)

Atenção, professor: reforce para os alunos que as questões devem ser respondidas no caderno, alertando-os de que não escrevam no livro.

#### ENEM

1. a                      2. a                      3. e                      4. e

#### TESTES DE VESTIBULAR

1. c                      4. b                      7. d                      10. d  
 2. c                      5. b                      8. V, V, V, V        11. d  
 3. d                      6. c                      9. a

#### QUESTÕES DE VESTIBULAR

1. O aluno pode escolher dois indicadores entre estes: PIB per capita; índice de analfabetismo; expectativa de vida ao nascer; taxa de matrícula em todos os níveis de ensino.
2. a) Outras doenças, como tuberculose, difteria, malária, e fatores como fome, conflitos e guerras civis também podem explicar a devastação da população africana. A maioria dos países do continente apresenta péssimos Índices de Desenvolvimento Humano. Sofrem com o grande atraso da infraestrutura médico-hospitalar e sanitária. Essa população, além disso, está sujeita a elevado grau de subnutrição, causada pela fome e agravada pela degradação dos solos e pelos desastres naturais, que diminuem a oferta de alimentos.
- b) A rápida diminuição da faixa adulta da população, que impede a geração de renda oriunda do trabalho dessa parcela populacional. A necessidade de elevados investimentos sociais para suprir as necessidades dos “órfãos da Aids”.

## Unidade 3 – Atividades primárias na globalização (p. 102)

### ■ Capítulo 9 – A agropecuária: agrossistemas, produção e comércio internacional (p. 103)

#### ● Relacionando os assuntos (p. 112)

#### O G-20 COMERCIAL E A RODADA DOHA

- Os países ricos determinam, na maioria das vezes, o valor das cotações dos adubos e dos insumos utilizados no processo agrícola. As máquinas utilizadas pertencem a grandes transnacionais. O transporte marítimo das cargas também é controlado por empresas de nações ricas. Esses fatores representam uma forte dependência das nações menos industrializadas, que passam a ter menor peso nas negociações.

#### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 112)

- a) Segundo os autores, significa a estrutura agrária predominante na América Latina, onde grandes propriedades agrícolas monopolizam o espaço e produzem pouco, enquanto as pequenas propriedades agrícolas não conseguem produzir nem o mínimo de alimentos para a subsistência de seus moradores.  
b) Porque essa estrutura agrária desigual produz graves problemas socioeconômicos, como êxodo rural, aumento da população vivendo nas periferias das cidades, especulação imobiliária, violência no campo, entre outras graves situações.
- a) O aluno poderá indicar a soja, o arroz ou o açúcar porque compõem a dieta básica de bilhões de pessoas. Várias empresas transnacionais atuam no setor agrícola. Uma das mais influentes no mundo é a Monsanto, com sede nos Estados Unidos, destaque na pesquisa e produção de sementes transgênicas de soja e milho.  
b) O capitalismo, cujo objetivo central é o lucro, intensifica a luta pelo domínio e controle do mercado mundial por parte de grandes grupos transnacionais que passam a atuar em vários segmentos do setor agrícola. O que está em jogo, além de conquistas nesse setor, é o controle que determinará o acesso a um grande capital.

### ■ Capítulo 10 – Os recursos minerais e as fontes de energia (p. 113)

#### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 123)

- a) A economia venezuelana depende da produção e da exportação dessa commodity. Mais de 90% das exportações do país estão ligadas ao petróleo.

- b) Significa afirmar que é um produto primário, bruto, que ainda não foi industrializado.  
c) A Venezuela é dependente das exportações de petróleo, e a queda do preço desse produto representa uma grave crise econômica no país.
- a) Argélia, Nigéria e Angola pertencem à Opep. Angola e Nigéria são banhadas pelo Atlântico Sul.  
b) Não. Muitos países com grandes reservas de petróleo, como a Venezuela, grande parte dos países árabes e os que pertencem ao continente africano não têm um IDH alto porque essa riqueza não é distribuída.

## Concluindo a Unidade 3 (p. 124)

### O SOL É PARA TODOS

- São as placas OPV (sigla em inglês para painéis fotovoltaicos orgânicos), que têm a espessura de uma folha de cartolina e a flexibilidade do plástico. Essas placas podem ser coladas no teto de um carro, nas janelas de prédios ou mesmo em mochilas. Representam uma inovação que pode ser o empurrão que faltava para a adesão maciça à energia solar. As placas delgadas de OPV funcionam de modo ligeiramente diferente das de silício, que são as mais populares. No caso das OPV, o revestimento de tinta orgânica reage quimicamente ao contato com a radiação, liberando os elétrons que formam a corrente elétrica.
- A localização geográfica do Brasil é altamente favorável, porque mais de 90% do território do país está na faixa tropical do planeta. Portanto, recebe os raios solares mais intensamente durante o ano todo.
- A desvantagem é o alto preço desse investimento: é preciso dispor de cerca de 12 mil reais para adquiri-lo, um valor ainda muito alto para as famílias brasileiras.

#### ● Testes e questões (p. 125)

Atenção, professor: reforce para os alunos que as questões devem ser respondidas no caderno, alertando-os de que não escrevam no livro.

#### ENEM

- |      |      |      |
|------|------|------|
| 1. a | 3. e | 5. c |
| 2. d | 4. b |      |

#### TESTES DE VESTIBULAR

- |      |                          |
|------|--------------------------|
| 1. c | 4. c                     |
| 2. d | 5. Soma: 26 (2 + 8 + 16) |
| 3. d | 6. a                     |

#### QUESTÕES DE VESTIBULAR

- O elevado potencial de energia eólica na interface oceano-continente se deve aos ventos regulares e constantes

resultantes das diferenças térmicas e barométricas entre terra e mar.

2. a) Combustíveis fósseis ou petróleo e carvão.
- b) Poluição atmosférica, contaminação dos recursos hídricos, intensificação do efeito estufa, doenças, etc.
- c) Solar, eólica, marés, geotérmica, hidráulica, biomassa, etc.  
*Alguns fatores podem explicar por que essas fontes não devem ser utilizadas em todos os lugares. Fatores naturais: regime de ventos, existência de fenômenos vulcânicos, amplitude das marés. Fatores econômicos: condições de exploração, tecnologias disponíveis, transmissão, investimentos necessários, altos custos da manutenção, proximidade de áreas muito povoadas.*

## Unidade 4 – A indústria no mundo globalizado (p. 129)

### Capítulo 11 – A atividade industrial: evolução e distribuição (p. 130)

#### Refletindo sobre o conteúdo (p. 139)

1. a) O texto faz menção à Terceira Revolução Industrial. É possível justificar com o trecho “A produção industrial foi reestruturada pela microeletrônica e pela robótica”, que são setores industriais característicos do desenvolvimento tecnológico alcançado na Terceira Revolução Industrial.
- b) O aluno poderá explicar que nesse novo processo ocorre a produção de novas mercadorias de forma intensa e cada vez mais especializada.
- c) Resposta pessoal.
2. A dispersão industrial é uma das características da dispersão da atividade econômica. Muitos estabelecimentos industriais deslocaram-se para novas áreas que ofereciam boas condições de transporte, mão de obra especializada, aluguéis mais baixos, mais segurança e melhor qualidade de vida para os trabalhadores, entre outros fatores. Outro fator é a guerra fiscal praticada pelos países, que concedem benefícios para as empresas se instalarem em seus territórios, como isenção de impostos e incentivo por meio de legislações ambientais fracas.
3. No taylorismo, cada trabalhador executa uma única tarefa com o menor gasto de tempo. Já no fordismo existe uma especialização do funcionário, e a produção é realizada em série.
4. O Brasil vem perdendo posições dentro do ranking global de competitividade. Isso significa que seus produtos não conseguem se destacar no mercado mundial, o que representa menores vendas e lucros.

### Capítulo 12 – Reino Unido e França: pioneiros na industrialização (p. 140)

#### Relacionando os assuntos (p. 148)

#### 'QUESTÃO MIGRATÓRIA É O PRINCIPAL PROBLEMA EUROPEU, MAIS QUE A CRISE GREGA', DIZ ANALISTA

1. O Eurotúnel é um túnel submarino que liga a Inglaterra (Dover) e a França (Calais) através do Canal da Mancha.
2. É a questão da migração rumo à Europa, que atualmente conta com milhares de refugiados.
3. O aluno poderá apontar a questão do racismo que volta a ocorrer a partir da chegada desses imigrantes, que não conseguem obter um emprego digno e vivem à margem da sociedade. Poderá apontar também a questão da xenofobia — a aversão aos estrangeiros tem se tornado cada vez maior em muitos países europeus.

#### Refletindo sobre o conteúdo (p. 148)

1. a) O aluno poderá salientar que a combinação de alguns fatores, como a abundância de ferro e carvão no território inglês e as invenções (motores) e inovações tecnológicas, propiciou a emergência do Império Britânico.
- b) O aluno poderá apontar o livre-mercado, uma teoria segundo a qual o Estado não pode controlar as relações econômicas.
2. a) O aluno poderá responder que se trata de um espaço que reúne faculdades, universidades, centros de pesquisa, empresas e indústrias, no qual se estabelece um intenso intercâmbio entre eles.
- b) Trata-se de uma importante região industrial francesa, onde são desenvolvidos projetos aeronáuticos e automobilísticos.

### Capítulo 13 – Estados Unidos: pioneiro industrial das Américas (p. 149)

#### Pesquise e reflita (p. 151)

#### DOUTRINA MONROE E BIG STICK

1. O aluno poderá mencionar que os Estados Unidos ajudaram o Panamá a tornar-se independente da Colômbia, o que resultou na construção do canal do Panamá. Poderá citar também a Guerra Hispano-Americana pela independência de Cuba e de Porto Rico.
2. A instalação das ditaduras militares no Brasil, na Argentina e no Chile.
3. A instalação do comunismo em Cuba.

## ● Diálogos (p. 158)

### RELAÇÕES ESTADOS UNIDOS-CUBA (1898 -2015)

1. Os Estados Unidos consideravam a ilha de Cuba um prolongamento de seu litoral: um “quintal” para suas atividades. Isso significa afirmar que eles a enxergavam como inferior e dependente.
2. Porque foi o período no qual a possibilidade de uma guerra esteve muito próxima, quando houve o episódio da crise dos mísseis. Os Estados Unidos exibiram fotos tiradas secretamente que mostravam instalações preparadas para abrigar mísseis nucleares soviéticos em Cuba e que estavam voltados para o território dos Estados Unidos. Caso esses mísseis fossem disparados em direção ao seu território, os Estados Unidos revidariam e teria início uma guerra nuclear.
3. Em julho de 2015, Cuba e Estados Unidos retomaram as relações diplomáticas e promoveram a abertura das respectivas embaixadas, depois de 54 anos fechadas.

## ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 160)

1. a) Ambos os períodos foram de graves crises econômicas que abalaram os Estados Unidos e o mundo.  
b) O aluno poderá explicar que no capitalismo liberal o Estado interfere pouco na vida econômica das pessoas.  
c) O aluno poderá identificar o desemprego e a crise nas Bolsas de Valores.
2. a) O aluno poderá responder que a partir da imagem é possível verificar que o PIB norte-americano é superior à soma de um grande número de nações, e isso representa sua grande importância econômica. Outra mensagem é a de que o PIB dos países africanos e latino-americanos somados representaria uma pequena parte do PIB dos Estados Unidos.  
b) O PIB analisado de forma isolada é apenas um indicador e não permite que se conheçam as desigualdades socioeconômicas presentes em uma nação.
3. O Manufacturing Belt, localizado na região nordeste, é uma área de industrialização tradicional do período da Segunda Revolução Industrial (indústria de base, mecânica, automobilística), e o Sun Belt é uma área de industrialização recente que apresenta indústrias da chamada Terceira Revolução Industrial, isto é, avançada tecnologia (informática, biotecnologia, aeroespacial).
4. a) O aluno pode indicar que palavras e expressões do inglês já estão incorporadas na vida de muitos brasileiros, e que, muitas vezes, as pessoas nem percebem que se trata de termos estrangeiros.

- b) O aluno poderá citar a música, o cinema, a literatura, o modo de vestir, as redes de fast-food, e até palavras incorporadas ao nosso vocabulário. Na segunda etapa o trabalho requer pesquisa mais ampla e maior mobilização dos grupos. Se um grupo escolher como tema de influência a moda, por exemplo, poderá se valer de recursos visuais (fotos, cartazes, projeções, etc.), propondo desde uma apresentação expositiva até um desfile de modas (se a escola conceder tempo e espaço para tal). Esta é uma atividade que pode ser desenvolvida com o apoio de professores de outras disciplinas.

## ■ Capítulo 14 – Japão e Alemanha: países de industrialização clássica tardia (p. 161)

### ● Contexto e aplicação (p. 166)

#### ALEMANHA E ESPANHA PUXAM CRESCIMENTO NA ZONA DO EURO

1. A Zona do Euro é uma referência ao conjunto de países que adotam a moeda única da União Europeia, o euro.
2. Porque ela é a principal economia europeia, e seu crescimento econômico reflete em toda a União Europeia.
3. O consumo doméstico e a recuperação nos investimentos em máquinas e equipamentos.

### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 172)

1. a) Os alunos podem indicar os seguintes riscos possíveis: um vazamento de material nuclear pode contaminar a atmosfera e causar mortes; a área afetada por um vazamento permanecerá desabitada por determinado período, o que poderá causar uma série de transtornos a seus habitantes.  
b) A construção das usinas nucleares demanda grandes investimentos, tanto financeiros como humanos. Um empreendimento desse tipo requer técnicos, engenheiros e especialistas não apenas durante a sua instalação, mas também posteriormente, para manutenção das centrais nucleares. Isso explica por que essas usinas estão concentradas em nações ricas.  
c) O Brasil é detentor de tecnologia para produzir energia a partir de fontes alternativas. Um exemplo é o etanol, que poderá ser exportado para nações que estejam repensando seus projetos nucleares.
2. O texto da questão 1 salienta que muitos países deixariam de investir em energia nuclear a partir do acidente na usina japonesa de Fukushima. A notícia anterior aponta que a Alemanha desligou o reator nuclear mais antigo em funcionamento e pretende desligar os demais reatores até 2022.

3. a) O Japão sofreu um grande terremoto acompanhado de um tsunami, que, somados, causaram milhares de mortes e prejuízos econômicos ao país.
- b) Porque o Japão está situado em uma área de encontro de placas tectônicas.
- c) O aluno poderá indicar aparelhos celulares, carros e equipamentos fotográficos.
4. a) Uma das características de que os textos tratam é a diminuição da população dos países citados, Japão e Alemanha, respectivamente. Outra característica é o envelhecimento da população desses países.
- b) O envelhecimento da população resulta na diminuição da População Economicamente Ativa (PEA), além do aumento dos gastos governamentais com o pagamento de aposentadorias, sobrecarregando a PEA com impostos sociais.

### ■ Capítulo 15 – Rússia: de potência a país emergente (p. 173)

#### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 183)

1. a) O texto trata da desintegração da União Soviética e a implantação de uma economia de mercado.
- b) A perestroika foi uma reestruturação econômica que previa a entrada de capital estrangeiro na Rússia, instalação de empresas privadas e novos métodos para aumentar a produtividade e qualidade dos produtos nacionais.
2. a) Porque o modelo soviético estava defasado em relação ao modelo adotado pelos Estados Unidos, país com o qual dividia o poder militar mundial, e também em relação a um grande número de nações europeias.
- b) O aluno poderá responder que as tentativas de reformas promovidas por Gorbachev, secretário-geral do Partido Comunista entre 1985 e 1991, culminaram no fim da União Soviética. As consequências das reformas políticas e econômicas acabaram por desestruturar ainda mais a frágil economia desse gigante, que em 1991 deixou de ser um Estado socialista unificado.
3. a) Porque o presidente russo, Vladimir Putin, intensificou a perseguição a opositores, calou os movimentos sociais e sancionou uma polêmica lei cujo alvo são os homossexuais. Os críticos ao poder do presidente também são perseguidos e presos. Esses atos ocorrem no sentido oposto ao de muitas nações desenvolvidas, que convivem com as diferenças e trabalham para aprovar e garantir direitos às minorias.
- b) Resposta pessoal.
4. a) O aluno poderá identificar que o Estado controlava a economia e a política. Não existia uma sociedade de consumo comum aos países capitalistas. Esta é uma

atividade que requer conhecimentos das áreas de História e Sociologia.

- b) A União Soviética, durante décadas, tornou-se uma superpotência que se destacou em várias áreas, como nas pesquisas aeroespaciais, militares, esportivas e na produção de petróleo. Atuou no mundo todo tendo sempre uma postura ideológica e econômica contrária ao capitalismo, daí o fato de ser considerada um contrapeso global aos velhos países capitalistas.

### ■ Capítulo 16 – China: a segunda economia do mundo (p. 184)

#### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 196)

1. Resposta pessoal. Espera-se que o aluno identifique nas fotos a reurbanização da cidade, com a construção de vários edifícios modernos.
2. a) Cinco nações que integram o Conselho de Segurança da ONU podem emitir um voto negativo sobre diversos assuntos que impliquem um veto sobre determinada questão. A China é um desses países. Os outros quatro são: Estados Unidos, Rússia, França e Reino Unido.
- b) O aluno poderá identificar que a China mantém o sistema socialista e tem o poder de veto na ONU.
- c) Resposta pessoal.
3. a) Em ambos os países ocorre maior concentração populacional e industrial em sua porção oriental (leste), na faixa litorânea ou muito próximo a ela, em consequência do processo de ocupação e exploração de seus territórios.
- b) A China apresentou o maior crescimento entre todas as nações, enquanto o Brasil apresentou baixo ou mesmo crescimento negativo.
- c) Ambos os países são ricos em recursos naturais, desde importantes jazidas de ferro e manganês até a exploração de fontes de energia, como o petróleo.
- d) A China apresentou maior crescimento que o Brasil.
4. a) O aluno poderá responder que a ditadura do partido único e a falta de liberdade fariam parte dos extremos do socialismo e que a superexploração, quase escravidão, a que muitos trabalhadores chineses estão submetidos seria o extremo do capitalismo.
- b) Apesar de não ser fácil obter informações sobre a questão ambiental chinesa, sabe-se que as grandes cidades estão constantemente cobertas por poluição, alguns de seus rios são desviados para a construção de usinas hidrelétricas e suas águas são poluídas por detritos industriais. Portanto, a questão ambiental merece grande atenção por parte das autoridades chinesas e da comunidade internacional.

5. a) *Que a China convive, atualmente, com um grande desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, com as consequências indesejáveis das reformas ocorridas internamente.*
- b) *Resposta pessoal. Espera-se que essa reflexão leve o aluno a perceber que o crescimento econômico chinês trouxe também uma série de transformações sociais, econômicas e ambientais que, por sua vez, afetam a todos.*

## ■ Capítulo 17 – Novos países industrializados (p. 197)

### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 209)

- Todos os países passaram pelo processo de substituição de importações após a crise de 1929 e o período da Segunda Guerra Mundial, são ricos em recursos naturais e possuem grande extensão territorial.*
- A Argentina vive uma grave crise econômica na qual ocorre aumento da inflação e desvalorização de sua moeda. Essa crise provocou o empobrecimento de sua população.*
- Os textos tratam da presença e do poder do narcotráfico no México. A resposta é pessoal, mas o professor poderá pedir aos alunos que leiam suas respostas e, a partir dessas leituras, realizar um debate sobre esse tema.*
- O professor de Geografia pode sortear três grupos para fazer a exposição de suas pesquisas. O objetivo da pesquisa é alertar os alunos para o grave problema do preconceito racial. Esta é uma boa oportunidade para discutir o apartheid latente que podemos perceber na sociedade brasileira. Professor, discuta os aspectos sociais e históricos envolvidos nesse tema. Se for possível, convide os alunos a debaterem esse tema com os professores de História e Sociologia, para que o assunto possa ser ampliado e aprofundado.*
- a) *Cereais e carne, principalmente.*

b) *São Paulo é o principal centro econômico, bancário e industrial do Brasil, porém de forma menos concentrada que Buenos Aires.*

*Professor, discuta os aspectos sociais e históricos envolvidos nesse tema. Se for possível, convide os alunos a debaterem esse tema com o professor de História para que o assunto possa ser ampliado e aprofundado.*
- a) *No norte, os Estados Unidos representam a maior economia mundial; no sul, o México, uma nação industrializada e repleta de problemas socioeconômicos.*

b) *A total dependência da economia mexicana em relação aos Estados Unidos.*

- c) *O aluno poderá destacar: fronteira econômica: de um lado, temos um país rico, os Estados Unidos, de outro, uma nação emergente e com problemas sociais, o México; fronteira tecnológica: maior desenvolvimento tecnológico dos Estados Unidos; fronteira social: maior IDH dos Estados Unidos; entre outras.*
7. a) *Não. Atualmente essas nações buscam exportar cada vez mais.*
- b) *O aluno poderá responder que são nações pobres, nas quais o setor primário tem maior relevância econômica. A dependência financeira e tecnológica é consequência dessa baixa industrialização, mais acentuada nessas nações.*

## ■ Capítulo 18 – Índia: o novo "escritório" do mundo globalizado? (p. 211)

### ● Contexto e aplicação (p. 215)

#### COM GOVERNO REFORMISTA ÍNDIA VIVE EUFORIA ECONÔMICA

- O aluno poderá apontar a presença de muitos jovens em sua população, situação que fornecerá mão de obra suficiente para o trabalho; além do crescimento econômico, superior até mesmo ao chinês.*
- O aluno poderá citar que a taxa feita sobre os produtos que atravessam os limites de seus estados é uma característica arcaica em relação ao Brasil. Já o fato de ocorrer uma modernização de leis trabalhistas pode ser interpretado como um avanço.*

### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 219)

- a) *Enquanto o crescimento demográfico do Japão e da Alemanha, nações ricas, será negativo, a Índia e o continente africano apresentarão crescimento positivo de suas populações.*

b) *O aluno poderá comentar que uma população numerosa representa um grande mercado consumidor, movimentando a economia de um país. Já o fato de países como Índia e China serem muitos populosos acarreta grande produção e consumo de alimentos, mas, em contrapartida, os recursos naturais dessas nações podem esgotar.*
- a) *O setor de TI, isto é, de Tecnologia da Informação, que é bastante desenvolvido na Índia. No país existe vasta mão de obra especializada na criação de softwares.*

b) *Quanto maior o acesso à informação e quanto mais estudo uma população tiver, maiores serão as possibilidades de obter empregos mais dignos e assim romper com um ciclo de miséria e falta de acesso à educação e à informação.*

- c) Porque os profissionais capacitados na área da informática poderão buscar melhores salários fora da Índia e provocar uma saída em massa do país.
3. a) Representa um sistema social e hereditário de estratificação presente na sociedade indiana. Apesar de proibido pela constituição, na prática ainda vigora no país.
- b) Os dalits constituem a camada social mais baixa na religião hinduísta na Índia. Eram chamados de “os intocáveis”.
- c) O aluno poderá comentar que as classes sociais originam da dinâmica social capitalista que está baseada na propriedade privada, em que de um lado estão os proprietários dos bens de produção e, de outro, aqueles que vendem sua força de trabalho. Já as castas são relativas à religião hinduísta, na qual as pessoas estão separadas socioeconomicamente com base em algumas características, como profissão e nascimento.

## Concluindo a Unidade 4 (p. 220)

### CHINA ANUNCIA METAS INÉDITAS PARA REDUZIR EMISSÕES DE CARBONO

- Para explorar esse texto você pode lançar questões que fomentem uma discussão sobre o assunto, como, por exemplo:
  - Cite um motivo que justifique a presença da China na COP-21. — A China é o maior emissor de carbono no mundo, e esse fato justifica sua presença na Conferência do Clima. Outra sugestão:
    - O que vocês entendem por “civilização ecológica”? — O aluno deve apresentar temas que remetam ao desenvolvimento coletivo da humanidade e ao desenvolvimento preservando o meio ambiente.

### ● Testes e questões (p. 220)

Atenção, professor: reforce para os alunos que as questões devem ser respondidas no caderno, alertando-os de que não escrevam no livro.

#### ENEM

1. c                      2. e                      3. d

#### TESTES DE VESTIBULAR

1. a                      5. b                      9. d  
 2. e                      6. d                      10. a  
 3. b                      7. c  
 4. b                      8. a

#### QUESTÕES DE VESTIBULAR

1. a) Dentre as razões do expansionismo japonês nas décadas de 1930 e 1940, podemos apontar o fracasso das negociações de paz no fim da Primeira Guerra Mundial, bem como da diplomacia exercida pelas potências

européias nos anos 1920. Ademais, o Japão passava por um período de forte nacionalismo, característica também dos anos 1920 e 1930. Podemos apontar, também, o caráter tardio da industrialização japonesa. Tendo sido forçado a inserir-se no comércio internacional na metade do século XIX, o Japão iniciou um processo de industrialização e desenvolvimento tecnológico gerador do movimento contínuo de expansão até a Segunda Guerra Mundial.

- b) Esse país é o Vietnã. Hoje, é considerado um novo Tigre Asiático, tendo se industrializado como plataforma de exportação com investimentos vindos principalmente dos Estados Unidos, que exploram sua mão de obra muito barata em setores industriais menos qualificados, como o têxtil, principalmente.

2. Politicamente, a China adota o sistema chinês de ditadura de partido único, mas, do ponto de vista econômico, adota práticas de economia de mercado, permitindo a entrada de capitais estrangeiros.

3. a) É uma área com atividade industrial de alta tecnologia, como as indústrias aeroespacial, petroquímica, de informática e de nanotecnologia. Além disso, a agricultura é caracterizada pela fruticultura, como a vinicultura na Califórnia, e a laranja, na Flórida, que também se destaca pelos cultivos de clima tropical, como a cana-de-açúcar.

- b) Trata-se de uma agricultura moderna, de precisão, que emprega a biotecnologia, a mecanização, os insumos e defensivos agrícolas, financiada pelos altos investimentos do governo, que fornece subsídios aos agricultores. Além disso, é subordinada à indústria, dirigida pelo agronegócio e com faixas de cultivos especializadas, denominadas cinturões (belts).

## Unidade 5 – As atividades terciárias e as fronteiras supranacionais (p. 225)

### ■ Capítulo 19 – Os transportes, as telecomunicações e o turismo (p. 226)

#### ● Leitura e reflexão (p. 232)

#### ROTA DA SEDA: INFINITA HIGHWAY

- O objetivo da pesquisa é ressaltar a importância da Rota da Seda no passado, nos contatos entre as civilizações ocidental e oriental, e o papel que passou a desempenhar após o fim da União Soviética e do surgimento de novos países no cenário mundial. Professor, discuta os aspectos históricos e culturais envolvidos nesse tema. Se for possível, convide os alunos a debater esse assunto com os professores das áreas envolvidas.

## ● Diálogos (p. 238)

### TURISMO: OLHAR ALÉM DA PAISAGEM

- Oriente os alunos a buscar informações sobre o lugar onde vivem, pesquisando em museus, escolas, cartórios, hospitais e outros locais. Nesses lugares eles poderão obter informações sobre o passado histórico: quem foram os fundadores do lugar, como eram as primeiras ruas, qual é a história dos principais pontos turísticos, e poderão ainda conseguir fotos. Essa pesquisa é fundamental para montar o roteiro turístico dos pontos principais do local onde vivem: o que poderia ser destacado nesse ponto turístico e por quê; qual a importância dele para o lugar; quais lembranças e memórias do lugar foram preservadas; quais costumes ainda estão presentes no modo de vida da população; e outras curiosidades. Lembre aos alunos que os aspectos geográficos e históricos têm papel muito importante na realização desse tipo de trabalho, mas a eles se somarão os aspectos culturais, pois a cultura é um elemento imaterial de um povo que se manifesta sob diversas formas e tradições.

## ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 240)

1. O aluno poderá concluir que, enquanto a Europa vê o sistema de transportes como um serviço de grande importância para o seu crescimento econômico, no Brasil a infraestrutura de transportes é bastante limitada e insuficiente em muitos lugares. Na Europa, o sistema de transporte une as pessoas e facilita seu deslocamento. Já no Brasil, o investimento em transporte, principalmente de cargas, é insuficiente e não recebe prioridade. Outros problemas contribuem para uma rede falha e ineficiente. Por exemplo, o excesso de moradias irregulares no caminho das ferrovias dificulta o deslocamento por vias ferroviárias, além de colocar em risco a vida das pessoas. Também podemos citar as estradas mal sinalizadas e sem manutenção que provocam graves acidentes nas rodovias.
2. O turismo gera empregos e movimenta muitos setores econômicos ligados ao deslocamento de pessoas, como hotéis, restaurantes, museus, aeroportos, portos, entre outros.
3. O objetivo deste trabalho é desenvolver a criatividade e a capacidade de síntese do aluno, sugerindo uma situação da vida prática, tão solicitada no Enem.

## ■ Capítulo 20 – O comércio multilateral e os blocos regionais (p. 241)

### ● Contexto e aplicação (p. 245)

#### JAPÃO LEVA BRASIL À OMC SOBRE IMPOSTOS QUE FAVORECEM EMPRESAS LOCAIS

1. O aluno pode comentar que a OMC é uma instituição que regulamenta as relações comerciais internacionais,

impedindo, por exemplo, que alguns países sejam favorecidos em detrimento de outros.

2. Japão iniciou uma disputa comercial contra o Brasil, alegando que a cobrança de impostos e encargos favorecem ilegalmente os produtos brasileiros em relação à competição internacional.

## ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 250)

1. a) Permanece uma grande divergência entre países ricos e pobres quanto aos produtos agrícolas. Os países em desenvolvimento acusam os países desenvolvidos de adotarem uma política de subsidiar a agricultura, o que torna seus produtos agrícolas mais competitivos internacionalmente.  
b) Essas medidas estão entre as principais discussões travadas na OMC. As nações em desenvolvimento responsabilizam os países ricos por ajudarem seus agricultores com subsídios, e isso torna seus produtos mais baratos que os das nações em desenvolvimento. Esses subsídios são interpretados como medidas protecionistas pelas nações menos desenvolvidas.
2. Um dos princípios da OMC é o da concorrência leal, que busca, entre outras coisas, desarticular medidas protecionistas que favoreçam algumas nações em detrimento de outras. Outro é o da não discriminação dos países-membros, para que não haja favoritismo.
3. Porque a UE implantou uma moeda única (países da Zona do Euro) e permite a livre circulação de pessoas dos países-membros, além de contar com instituições políticas de integração, como o Parlamento Europeu.
4. a) O autor salienta que o Nafta promove o livre-comércio de mercadorias. Entretanto, impede a livre circulação de pessoas que compõem esse bloco, principalmente a migração de mexicanos para os Estados Unidos.  
b) O Mercosul é composto de nações menos industrializadas do que as que integram o Nafta. O grau de integração do Mercosul é mais avançado do que o do Nafta, que prevê apenas a livre circulação de mercadorias.

## ■ Capítulo 21 – Europa: o continente dos blocos econômicos (p. 251)

### ● Pesquise e reflita (p. 256)

#### PIB DA ZONA DO EURO VAI CRESCER A TAXA MODERADA EM 2016 E 2017, DIZ UE

1. O crescimento mais lento dos mercados emergentes (como a China), o comércio global mais fraco e as tensões geopolíticas vizinhas à Europa são os fatores destacados no texto.
2. A inflação brasileira foi muito superior à da Zona do Euro, que foi nula.

3. O aluno poderá responder que o mercado consumidor chinês, o maior do mundo, é cobiçado por todas as economias do planeta. Quem vende mercadorias para esse grande mercado interno tem garantia de um comércio vultoso.

### ● Diálogos (p. 258)

#### O DESAFIO DA IMIGRAÇÃO NA EUROPA: PROBLEMA ENORME PARA SOLUÇÕES PEQUENAS

- O professor poderá pedir aos alunos que apresentem as pesquisas e, em seguida, abordar as respostas que achar favoráveis a um debate. É fundamental trabalhar temas como intolerância, política externa europeia e xenofobia.

### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 260)

1. a) No hemisfério norte e no hemisfério ocidental e oriental.  
b) Itália.
2. O aluno pode explicar que a primeira união aduaneira, o Benelux, entrou em vigor em 1948 e envolveu três nações europeias: a Bélgica, os Países Baixos e Luxemburgo. Em 1992, foi assinado o Tratado de Maastricht, que criou a União Europeia, associação que abrange atualmente 28 países. Os bancos europeus passam por grandes dificuldades desde 2008, quando teve início a crise financeira nos Estados Unidos, que rapidamente colocou em risco a estabilidade desse importante bloco econômico.
3. Segundo ele, em virtude de a Alemanha ser a nação mais importante da Europa, o que ela decidir será seguido pelos demais países.
4. a) Essa organização socioeconômica garante livre deslocamento de seus cidadãos entre todos os países integrantes.  
b) O desemprego de muitos europeus e a chegada de imigrantes podem ser identificados pelos alunos.  
c) Porque ela governa a nação que possui a maior economia da Europa e o terceiro maior PIB mundial. Também por sua forte atuação diante dos problemas europeus e seu papel junto à crise dos refugiados que pretendem viver na Alemanha.  
d) Resposta pessoal. Aqui o professor pode pedir aos alunos que leiam suas respostas e incentivar um debate dos pontos destacados.

### ■ Capítulo 22 – CEI: Comunidade dos Estados Independentes (p. 261)

#### ● Ampliando o conhecimento (p. 266)

#### MOLDÁVIA E TRANSNÍSTRIA, ENTRE DOIS MUNDOS

1. Porque a região da Bessarábia, onde atualmente se localiza grande parte do país, pertenceu ao império otomano do século XVI ao XIX, e ao império russo de 1878 a 1917.

2. Era a República Socialista da Moldávia, integrante da União Soviética.

### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 271)

1. A formação da CEI foi favorecida pela dependência das onze repúblicas que formavam a antiga União Soviética, que desenvolveram parques industriais dispersos pelo território e economias complementares.
2. a) Até 2015, a CEI era formada por onze países, sendo nove considerados membros oficiais: Armênia (Europa), Azerbaijão (Ásia), Belarus (Europa), Cazaquistão (Ásia), Quirguistão (Ásia), Moldávia (Europa), Federação Russa (Eurásia), Tajiquistão (Ásia) e Uzbequistão (Ásia). Além deles, há um país considerado membro associado não oficial, o Turcomenistão (Ásia), e uma nação considerada participante de fato, porém não membro, a Ucrânia (Europa).  
b) A Federação Russa é a nação mais rica, industrializada e importante entre todas elas e por isso domina as demais nações da CEI.
3. a) A Rússia exerce um papel hegemônico sobre a CEI, que funciona como um satélite dos interesses russos.  
b) Sim e não. Caso seja considerado o papel hegemônico dos Estados Unidos sobre esse bloco, a resposta é sim. Caso sejam considerados outros aspectos, como democracia e liberdade política, que são muito maiores nos países do Nafta, a resposta é não.  
c) Estônia, Letônia e Lituânia.

### ■ Capítulo 23 – Organismos internacionais, transnacionais e organizações não governamentais (p. 272)

#### ● Contexto e aplicação (p. 274)

#### BRASIL ENTRA NA LISTA DOS DEZ MAIORES COTISTAS DO FMI PELA PRIMEIRA VEZ

1. O aluno poderá apontar que essa organização trabalha pela promoção da cooperação monetária global.
2. Brasil, China, Índia e Rússia, que são os quatro países-membros fundadores do Brics.
3. O aluno poderá comentar que agora os países emergentes terão um peso maior nas decisões dessa importante instituição.

### ● Refletindo sobre o conteúdo (p. 279)

1. a) Ele salienta que o FMI recomenda ou impõe medidas econômicas aos países que passam por dificuldades. Ainda salienta que, do alto de um hotel de luxo, o





